(60s – Ed) Sidney Hook – NIMH – AMH.

Napoleão – Educação é a arte mais importante de governação.

«*Of all political questions that [of education] is perhaps the most important art. There cannot be a firmly established political state unless there is a teaching body with definitely recognized principles*»

Lenin – Educação é um instrumento político para construir socialismo.

«*We publicly declare that education divorced from life and politics is a lie and hypocrisy*». A educação tem de ser política, tem de servir o «*work of socialist construction*» Vladimir Lenin, Speech at the First All-Russia Congress on Education, August 28, 1918.

Gentile – Estado fascista é um professor.

Giovanni Gentile, o teórico do Fascismo italiano.

"Estado é um professor, para transmitir consciência dinâmica e activa".

«*…the state is, as it ought to be, a teacher*», para propagar «*active and dynamic consciousness… a system of thought, of ideas, of interests to be satisfied and of morality to be realized*»

Sidney Hook – "Education for Modern Man".

Livro cita Napoleão, Gentile e Lenine.

Sidney Hook, um dos mais importantes filósofos educacionais do século XX.

E depois vem advogar a mesma fórmula para o mundo democrático.

Sidney Hook (1963). "Education for Modern Man: A New Perspective". New York: Alfred A. Knopf.

NIMH (1962) – O benchmark educacional do NIMH é John Ruskin.

“The Role of Schools in Mental Health”. 80 anos mais tarde, as ideias educacionais de Ruskin são citadas como inspiração para um esforço de reforma educacional do NIMH, com “The Role of Schools in Mental Health”.

“Educação significa transmitir comportamento, não conhecimento”.

«*Education does not mean teaching people to know… It means teaching them to behave as they do not behave*» – National Institute of Mental Health (NIMH), “The Role of Schools in Mental Health”, 1962

AMH (1961) – Currículo para conformidade e alteração cultural.

Action for Mental Health (1961).

“Bend the student to the realities of society” – ou seja, ajustamento forçado.

“…the onus is on the individual to adjust under pressure of conformity”.

“…mental social as instrument for social progress and to alter culture”.

«*The [school] curriculum should "…be designed to bend the student to the realities of society, especially by way of vocational education…the onus is on the individual to adjust under pressure of conformity… the curriculum should be designed to promote mental health as an instrument for social progress and a means of altering culture…*»

“Action for Mental Health” (1961) Final Report of the Joint Commission on Mental Illness and Health. New York: Basic Books Inc.

(60s) Rugg & Brameld – Doutrinação para tecnocracia e planeamento central.

Harold Rugg – Doutrinação para tecnocracia, planeamento central.

[Rugg era um discípulo de John Dewey.]

Usar escolas para disseminar conceito de governo totalitário. Através das escolas do mundo vamos disseminar novo conceito de governo, para nova ordem social. Um que postula necessidade de controlo científico das actividades económicas.

«For the new social order… *through the schools of the world, we shall disseminate a new conception of government – one that will embrace all of the collective activities of men; one that will postulate the need for scientific control and operation of economic activities in the interests of all people*»

Harold Rugg, "*Social Construction Through Education*," *In* Readings in the Philosophy of Education, ed. John M. Rich (Belmont, Calif.: Wadsworth Publishing Co., 1966), p.112.

Thomas Brameld – Doutrinação para governo mundial.

Face a objectivo de governo mundial...

...há que introduzir questões políticas, económicas, religiosas, educacionais, no currículo.

«*…there is the goal… of a world government with authority to enforce its mandates… the crucial problems of political, economic, religious, esthetic and educational life should be brought into the center of the curriculum…*»

Theodore Brameld, "A Reconstructionist View of Education," In Philosophies of Education, Ed. Philip H. Phenix (New York: John Wiley & Sons, 1961), p. 106.

(60s-70s) Casa Branca – Psicologizar educação – Alienar crianças dos pais.

Conferência da Casa Branca (60s) – Escola tem funções de saúde mental.

Detectar problemas mentais.

Iniciar serviços de saúde.

Providenciar aconselhamento psicológico.

A escola tem a «*responsibility to detect mental disabilities which have escaped parental or pre-school observation… initiate all necessary health services through various agencies…*», e providenciar «*counseling services for all individuals at all age levels*».

"Proceedings of the Mid-Century White House Conference on Children and Youth", *In* John Taylor Gatto, The Underground History of American Education.

White House Conference on Children (1970) – Quebrar autoridade parental.

"Children's Bill of Rights". É um dos resultados desta conferência, redigida por Mary Conway Kohler, Directora da National Commission on Resources for Youth e chefe do painel, Forum 22, que delineia as linhas seguintes.

Oposição às figuras parentais. A White House Conference on Children and Youth, 1970, assume uma postura geral de oposição aos pais.

Virar crianças contra os pais. E quem é que fica a ganhar? Bom, esta é uma conferência organizada pela Casa Branca.

"Children are considered objects to be protected, almost possessions".

"They have no voice in political processes".

"Entitled to seek medical and psychiatric assistance, birth control information, and even abortion without parental consent or over parental opposition".

Ter organizações "sociais", governamentais, para asseverar "direitos da criança". Logo, uma das exigências que é feita é a de que haja organizações para asseverar os "direitos das crianças", face a este intolerável despotismo parental.

A grande preocupação foi, portanto, a de «*…who protects the child from his protectors, who guards against the guardians, and what mechanisms and which persons provide the best means to gain and protect the rights of children… society has the ultimate responsibility for the well-being and optimum development of all children… Although*

adult rights have been specifically delineated in the law and Bills of Rights, children are still considered objects to be protected – indeed, almost possessions. We must recognize their inherent rights which, although not exclusively those established by law and enforced by courts, are nonetheless closely related to the law… Although children are one of our largest and most vulnerable minority groups, they have no voice in political processes and do not directly participate in lobbies on their own behalf. Their rights can be, and frequently are, infringed upon – often by those who claim they are acting in the child's interests. The time has come to re-examine such fundamental issues as the extent to which a child is entitled to seek medical and psychiatric assistance, birth control information, and even abortion without parental consent or over parental opposition»

Cit. in Philip E. Veerman (1992). "The Rights of the Child and the Changing Image of Childhood", Martinus Nijhoff Publishers.

A infiltração totalitária do Ocidente e a deriva para pós-modernismo

Infiltração totalitária de movimentos cívicos durante mais de um século.

Totalitários infiltram movimentos liberal democráticos ao longo de todo o século 20. A partir da segunda metade do século 19, inícios do século 20, começa a acontecer um fenómeno lento de infiltração da sociedade civil dos países ocidentais (*cuja força residia numa adesão essencial, mesmo que subconsciente, a valores constitucionais e liberal-democráticos*) por elementos totalitários, geralmente nas linhas fabiana e comunista.

Colectivistas: do barão de alta finança a comunistas, fascistas, etc. Estes grupos são antitéticos a toda e qualquer proposição liberal-democrática. Encaram a vida humana como algo de inerentemente negativo e perigoso, a ser encarcerado e regimentado numa forma de prisão social, para regimentação e previsibilidade total. O ideal é a ordem fechada e restritiva da comuna medieval; a prisão social perfeita, gerida por barões feudais e por comissários. No topo destes movimentos, encontramos geralmente descendentes das velhas aristocracias europeias, muitos deles transformados em barões da alta finança hiper-capitalista. Aí, existe o mais total desprezo por valores democráticos e por capitalismo de mercado livre (conduzido por classes médias livres). O mantra habitual é o de que o homem comum é demasiado "irresponsável" e deve, por conseguinte, ser reduzido ao estatuto de escravo, com o mundo a ser ordenado por grandes forças multinacionais de monopólio. Ao longo da história, estas pessoas encontram parceiros naturais com a mesma mentalidade, em todo o género de movimentos radicais obcecados com tomadas de poder para proveito próprio: comunistas, nazis, fascistas, socialistas tecnocráticos. Quando organizam sistemas em parceria (Alemanha Nazi, URSS, ou a China actual são bons exemplos) organizam sempre o mesmo tipo elementar de regime: regimes de casta, onde a larga maioria da população é reduzida a estatuto servil (ou simplesmente escravo) e o controlo efectivo da economia pertence a grandes consórcios multinacionais. *Este princípio era inteiramente válido para a URSS* (contra a distorção de eventos que acontecia) – ***ver notas sobre URSS***. O formato que dá o mote a todos estes grupos é a sociedade Social, a *Sociocracia*, como definida por Saint-Simon e Comte no início do século 19 [ver notas sobre ***Socialismo***].

Cooptar, usar, sabotar oposição. A usurpação lenta de movimentos serve duas ordens de propósitos. Por um lado, estamos no domínio do puro e simples instrumentalismo, pelo qual um movimento é cooptado e distorcido para utilização em proveito próprio. Porém, igualmente importante (se não bastante mais importante), no ideário totalitário, é o propósito de sabotagem, pelo qual vias realmente produtivas são silenciadas a partir de dentro e substituídas por demagogia improdutiva e destrutiva.

O sequestro de movimentos e de expressões, como "democracia liberal". Foi assim que a expressão "democracia liberal" veio a ser pervertida na praça pública ao ponto de ser equacionada com totalitarismo. Este tipo de infiltração foi conduzido ao longo de todo o século 20 em todo o género de organizações da sociedade civil, o que inclui sindicatos, grupos cartistas de várias naturezas, associações de acção cívica, etc.

"A frente comum". Depois, todos estes grupos podiam (podem) ser usados em concertação, na dinâmica de "frente comum", em tempos o grande orgulho do Politburo, em Moscovo e, ainda hoje, o "*ring that binds them all [and gets'em to work for us]*", de Chatham House, em Londres [o centro coordenador de policy making para os grandes consórcios bancários da City].

Tours de "líderes cívicos" a Moscovo, para doses de kool aid. É dos anos 50 em diante que inúmeros "líderes cívicos" ocidentais são levados a dar *tours* pelo paraíso socialista (uma espécie de ritual de iniciação, nesta fase), onde o KGB os levaria a dar voltas por bairros luxuosos ficcionais em Moscovo, e os manteria ensopados em *vodka* e experiências simpáticas durante toda a estadia [*A Rússia era a showcase da altura para o conceito colectivista; como Berlim tinha sido antes, ou Cuba viria a ser depois*]. Como os antigos *hashishin*, que eram persuadidos a fazer missões suicidas em nome de Hassan i-Sabbah, para ganharem o direito a voltar ao "Paraíso" (eram colocados no bordel do palácio durante uns dias, mantidos o tempo inteiro sob haxixe e persuadidos que estavam no paraíso das 70 virgens), estes "líderes cívicos" voltavam ao ocidente rotineiro, chato, *seen it all*, injusto sem dúvida, com a noção muito perigosa de que tinham acabado de sair do real paraíso terreno. O "inferno capitalista" não teria de ser melhorado e tornado realmente liberal-democrático; mas sim de ser resolvido com paradisíacas injecções de kool-aid colectivista.

Infiltração resulta em confusão totalitária.

Infiltração totalitária de grupos já visível nos anos 50. A partir dos 1950s, já existe uma forte infiltração de movimentos, em ambos os lados do Atlântico e essa condição só veio a intensificar-se e a agravar-se com a passagem do tempo. Isso foi determinante para a subversão do ideário e do discurso.

Cooptação anula discurso liberal-democrático por retórica totalitária. Até aí, a ideia fulcral, pendular, em acção cívica, era a de promover o avanço sócio-económico da sociedade; concretizar a ideia de igualdade de oportunidades para *todos* os indivíduos e centrar a economia na família média. A própria propaganda colectivista, para as massas, só conseguia obter adesão popular na medida em que alegava defender estes propósitos. Isto, claro, era uma mentira descarada, independentemente de ser originada de comunistas, socialistas, fascistas ou hiper-capitalistas (as várias faces da besta colectiva). A infiltração totalitária teve os efeitos que sempre tem: injectou obscurantismo colectivista, com a explosão de retórica relativa a "guerra social", "frentes comuns" e o recurso às "repúblicas socialistas" (URSS, o regime de escravos

da altura) como *benchmark* para equalização perfeita de relações sociais. Os valores da *reforma democrática* são gradualmente substituídos por retórica inflamada e radicalizada exigindo coisas como *desestabilização*, *tomada de poder*, *revolução*. Ou seja, muitos movimentos que eram até aí liberal-democráticos e reformistas são transformados em falanges e em quintas colunas, para mudança social radical. Isso era o pretendido pelos colectivistas, que concebem a sociedade como *tendo que estar* organizada por blocos de natureza sócio-estatística (sexo, profissão, etnia, etc.). É claro que esses blocos são regimentados, após o que podem ser utilizados e manietados pela *intelligentsia* no topo, pelas criaturas que gerem a "Animal Farm".

Alienação abre portas a alta finança, desmantelamento sócio-económico.

Transição institui a "frente comum" circense. A subversão ideológica de movimentos abre as portas à mentalidade circense pós-moderna (ver secção seguinte). Aqui, temos a profusão de movimentos cívicos que não são algo que se apresente em público, coisas decrépitas, subsidiárias, parasíticas, que só têm força e poder de operação enquanto secções da dinâmica de "frente comum", apenas mais um conjunto de ONGs radicais, desnaturadas e subvertidas pela mesma ideologia destrutiva pós-moderna *standard*, na grande panóplia global de grupos radicais a soldo das grandes fundações e do sistema ONU.

OSCs e sindicatos alienados da ***real*** batalha – evitar desmantelamento do ocidente. O mesmo é válido para sindicatos e para inúmeras outras organizações da sociedade civil. Toda esta gente foi efectivamente alienada da real batalha dos últimos 40 anos: evitar o desmantelamento produtivo do mundo ocidental, o fim da empregabilidade democratizada e bem remunerada e, claro, o fim da própria democracia liberal. Os próprios sindicatos, na sua larga maioria, não perceberam (ou não quiseram perceber, sob subversão ideológica) que protestar a favor de melhores condições laborais de *nada* serve se não existir trabalho. Demasiados sindicatos estavam demasiado ocupados em delírios sobre harmonia laboral global, construção de socialismo global utópico e, não perceberam que estavam a abdicar dos seus próprios empregos, enquanto pagavam impostos para assegurar que a geração dos seus filhos nem sequer teria emprego.

Sem economia produtiva, só resta alta finança, nihilismo ONGista e crime policial.

A fórmula do Fascismo: banqueiros, radicais e militares. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. Terroristas económicos e terroristas culturais são acompanhados por terroristas de estado: aparatos policiais e militares devotados a crime organizado. A conjunção entre estes três blocos

gerais terroristas (banqueiros, militares e radicais) constitui a fórmula essencial do aparato de poder sob Fascismo corporativo.

O uso e descarte de idiotas úteis.

"Idiotas úteis" não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de "idiota útil", sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O'Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que "*eis que as nações trabalharam para o fogo*". Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O'Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de "*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado*".

AL GORE (1992) – Doutrinação sustentável – “Pan-religious perspective”.

AL GORE (1992) – Doutrinação sustentável.

O Global Marshal Plan tem de incluir programa educacional global.

Nova forma de pensar sobre a relação entre vida humana e a Terra.

«*The fifth major goal of the Global Marshall Plan should be… to organize a worldwide education program to promote a more complete understanding of the crisis. In the process, we should actively search for ways to promote a new way of thinking about the current relationship between human civilization and the earth*» Al Gore (1992), “Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit”. Boston: Houghton Mifflin Company.

AL GORE (1992) – A “panreligious perspective”.

“Civilização perdeu contacto com natureza”. «*The edifice of civilization has become astonishingly complex, but as it grows ever more elaborate, we feel increasingly distant from our roots in the earth… At some point during this journey we lost our feeling of connectedness to the rest of nature*»

Al Gore exige que seja implementada uma “panreligious perspective”.

Uma boa definição – Pan era o deus dos mercadores e dos salteadores de estrada.

«*The richness and diversity of our religious tradition throughout history is a spiritual resource long ignored by people of faith, who are often afraid to open their minds to teachings first offered outside their own system of belief. But the emergence of a civilization in which knowledge moves freely and almost instantaneously throughout the world has led to an intense new interest in the different perspectives on life in other cultures and has spurred a renewed investigation of the wisdom distilled by all faiths. This panreligious perspective may prove especially important where our global civilization's responsibility for the earth is concerned*» Al Gore (1992), “Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit”. Boston: Houghton Mifflin Company.

<u>ALINSKY – Subversão comunitária – Consenso, um valor totalitário</u>.

Saul Alinsky – De Al Capone a organizador comunitário.

<u>Começa carreira com Al Capone</u>.

<u>Organizador comunitário: de gangs mafiosos a gangs comunitários</u>. Organizador comunitário marxista de Chicago, que começou a sua carreira como assistente contabilístico no gang de Al Capone. Trabalho de gangs envolve muita organização comunitária, com formação de gangs, extorsão, ameaças, espionagem de bairro, e todo esse género de coisas, e é isso que Alinsky foi depois fazer, desta vez como Marxista, a trabalhar para fundações privadas e ONGs.

Formação de gangs, extorsão, chantagem, fechar negócios, espionagem, etc.

Com fundações e ONGs.

<u>Depois vai organizar gangs como organizador comunitário</u>.

<u>Cloward-Piven</u>. Muita da estratégia Cloward-Piven é desenvolvida, na verdade, por Saul Alinsky.

Alinsky – Consenso é um valor totalitário.

<u>“You'll find consensus only in a totalitarian state, Communist or fascist”</u>.

«*...this general fear of conflict and emphasis on consensus and accommodation is typical academic drivel. How do you ever arrive at consensus before you have conflict? In fact, of course, conflict is the vital core of an open society; if you were going to express democracy in a musical score, your major theme would be the harmony of dissonance. All change means movement, movement means friction and friction means heat. You'll find consensus only in a totalitarian state, Communist or fascist*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Grande Depressão erode sistema de valores nos EUA.

«*...it wasn't only people's money that went down the drain in 1929; it was also their whole traditional system of values. Americans had learned to celebrate their society as an earthly way station to paradise, with all the cherished virtues of hard work and thrift as their tickets to security, success and happiness. Then suddenly, in just a few days, those tickets were canceled and apparently unredeemable, and the bottom fell out of everything. The American dream became a nightmare overnight for the overwhelming*

majority of citizens, and the pleasant, open-ended world they knew suddenly began to close in on them as their savings disappeared behind the locked doors of insolvent banks, their jobs vanished in closed factories and their homes and farms were lost to foreclosed mortgages and forcible eviction. Suddenly the smokestacks were cold and lifeless, the machinery ground to a halt and a chill seemed to hang over the whole country» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Corrupção industrial nos EUA, anos 30.

«*Not one American corporation -- oil, steel, auto, rubber, meat packing -- would allow its workers to organize; labor unions were branded subversive and communistic and any worker who didn't toe the line was summarily fired and then blacklisted throughout the industry. When they defied their bosses, they were beaten up or murdered by company strikebreakers or gunned down by the police of corrupt big-city bosses allied with the corporations, like in the infamous Memorial Day Massacre in Chicago when dozens of peaceful pickets were shot in the back. Those who kept their jobs were hired and fired with complete indifference, and they worked as dehumanized servomechanisms of the assembly line. There were no pensions, no unemployment insurance, no Social Security, no Medicare, nothing to provide even minimal security for the worker*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Processo de subversão, organização comunitária.

Ser convidado a entrar.

"O paciente tem de querer ser mudado".

«*...the community we're dealing with must first want us to come in, and once we're in we insist they choose their own objectives and leaders. It's the organizer's job to provide the technical know-how, not to impose his wishes or his attitudes on the community; we're not there to lead, but to help and to teach. We want the local people to use us, drain our experience and expertise, and then throw us away and continue doing the job themselves. Otherwise they'd grow overly dependent on us and the moment we moved out the situation would start to revert to the status quo ante. This is why I've set a three-year limit on the time one of our organizers remains within any particular area. This has been our operating procedure in all our efforts; we're outside agitators, all right, but by invitation only. And we never overstay our welcome*»

Observar, estudar a comunidade.

Estabelecer frente unida.

Descobrir potenciais aliados e seduzi-los – apelar a auto-interesse.

Abordagem gradual – encontrar pontos comuns, avançar para "people power".

Dar sentido existencial – "we'll make life goddamn exciting for them again".

Estabelecer frente unida de vários grupos.

«*…the first thing I always do, is to move into the community as an observer, to talk with people and listen and learn their grievances and their attitudes. Then I look around at what I've got to work with, what levers I can use to pry closed doors open, what institutions or organizations already exist that can be useful… I just [appeal] to their self-interest… To fuck your enemies, you've first got to seduce your allies… [establish] a community-wide coalition of workers, local businessmen, labor leaders and housewives – our power base…*»

«*The despair… apathy… is there; now it's up to us to go in and rub raw the sores of discontent, galvanize them for radical social change… We'll start with specific issues – taxes, jobs, consumer problems, pollution – and from there move on to the larger issues… Once you organize people, they'll keep advancing from issue to issue toward the ultimate objective: people power. We'll not only give them a cause, we'll make life goddamn exciting for them again – life instead of existence. We'll turn them on*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Teatro do absurdo.

Usar técnicas similares, ou mesmo provindas, do teatro do absurdo. «*But isn't much of life kind of a theater of the absurd?*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Ghandi reverte a sua palavra.

«*It's important to look at this issue in a historical perspective. Every major revolutionary movement in history has gone through the same process of corruption, proceeding from virginal purity to seduction to decadence. Take Gandhi, even; within ten months of India's independence, he acquiesced in the law making passive resistance a felony, and he abandoned his nonviolent principles to support the military occupation of Kashmir. Subsequently, we've seen the same thing happen in Goa and Pakistan. Over and over again, the firebrand revolutionary freedom fighter is the first to destroy the rights and even the lives of the next generation of rebels*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Mascote de Al Capone e Frank Nitti.

«*I was awarded the graduate Social Science Fellowship in criminology, the top one in that field, which took care of my tuition and room and board – I still don't know why they gave it to me -- maybe because I hadn't taken a criminology course in my life and didn't know one goddamn thing about the subject -- But this was the Depression and I felt like someone had tossed me a life preserver -- Hell, if it had been in shirt cleaning, I would have taken it. Anyway, I found out that criminology was just as removed from actual crime and criminals as sociology was from society, so I decided to make my doctoral dissertation a study of the Al Capone mob -- an inside study… Big Ed Stash had an attentive audience and we became buddies. He introduced me to Frank Nitti, known as the Enforcer, Capone's number-two man, and actually in* ***de facto*** *control of the mob because of Al's income-tax rap. Nitti took me under his wing. I called him the Professor and I became his student. Nitti's boys took me everywhere, showed me all the mob's operations, from gin mills and whorehouses and bookie joints to the legitimate businesses they were beginning to take over. Within a few months, I got to know the workings of the Capone mob inside out… They had Chicago tied up tight as a drum; they owned the city, from the cop on the beat right up to the mayor. Forget all that Eliot Ness shit; the only real opposition to the mob came from other gangsters, like Bugs Moran or Roger Touhy. The Federal Government could try to nail 'em on an occasional income tax rap, but inside Chicago they couldn't touch their power. Capone was the establishment. When one of his boys got knocked off, there wasn't any city court in session, because most of the judges were at the funeral and some of them were pallbearers. So they sure as hell weren't afraid of some college kid they'd adopted as a mascot causing them any trouble. They never bothered to hide anything from me; I was their one-man student body and they were anxious to teach me. It probably appealed to their egos… Once, when I was looking over their records, I noticed an item listing a $7500 payment for an out-of-town killer. I called Nitti over and I said, "Look, Mr. Nitti, I don't understand this. You've got at least 20 killers on your payroll. Why waste that much money to bring somebody in from St. Louis?" Frank was really shocked at my ignorance. "Look, kid," he said patiently, "sometimes our guys might know the guy they're hitting, they may have been to his house for dinner, taken his kids to the ball game, been the best man at his wedding, gotten drunk together. But you call in a guy from out of town, all you've got to do is tell him, 'Look, there's this guy in a dark coat on State and Randolph; our boy in the car will point him out; just go up and give him three in the belly and fade into the crowd.' So that's a job and he's a professional, he does it. But one of our boys goes up, the guy turns to face him and it's a friend, right away he knows that when he pulls that trigger there's gonna be a widow, kids without a father, funerals, weeping -- Christ, it'd be murder." I think Frank was a little disappointed by my even questioning the practice; he must have thought I was a bit callous… I was a nonparticipating observer in their professional activities, although I joined their social life of food, drink and women: Boy, I sure participated in that side of things -- it was heaven. And let me tell you something, I learned a hell of a lot about the uses and abuses of power from the mob, lessons that stood me in good stead later on, when I was organizing… Another thing you've got to remember about Capone is that he didn't spring out of a vacuum. The Capone gang was actually a public utility; it supplied what*

the people wanted and demanded. The man in the street wanted girls: Capone gave him girls. He wanted booze during Prohibition: Capone gave him booze. He wanted to bet on a horse: Capone let him bet. It all operated according to the old laws of supply and demand, and if there weren't people who wanted the services provided by the gangsters, the gangsters wouldn't be in business… Everybody owned stock in the Capone mob; in a way, he was a public benefactor. I remember one time when he arrived at his box seat in Dyche Stadium for a Northwestern football game on Boy Scout Day and 8000 scouts got up in the stands and screamed in cadence, "Yea, yea, Big Al. Yea, yea, Big Al." Capone didn't create the corruption, he just grew fat on it, as did the political parties, the police and the overall municipal economy.

PLAYBOY: How long were you an honorary member of the mob?

ALINSKY: About two years. After I got to know about the outfit, I grew bored and decided to move on -- which is a recurring pattern in my life, by the way. I was just as bored with graduate school, so I dropped out and took a job with the Illinois State Division of Criminology, working with juvenile delinquents. This led me into another field project, investigating a gang of Italian kids who called themselves the 42 Mob. They were held responsible by the D.A. for about 80 percent of the auto thefts in Chicago at the time and they were just graduating into the outer fringes of the big-time rackets. It was even tougher to get in with them than with the Capone mob, believe me»
– Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

As três leis hegelianas-marxistas.

A lei da unidade das contradições.

A lei da negação da negação.

A lei da transformação de qualidade em quantidade, e vice-versa.

A transformação de uma na outra é a unidade dos opostos qualidade e quantidade.

«*The law of the unity of contradictions; the law of the transformation of quality into quantity and vice versa; the law of the negation of the negation (...) The transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity*»

As três leis hegelianas-marxistas – "De quantidade para qualidade".

Slogan omnipresente. «*From quantity to quality*».

Citação directa de Lenin, Stalin e Mao. É uma reedição óbvia do velho slogan marxista, sobre "transformação de quantidade em qualidade".

ASCH – Conformidade, recompensa, punição

Asch.

Teste a conformidade perante situações de grupo. Solomon Asch, nos anos 50, Swarthmore College.

Conformismo, para obter recompensas, evitar punição. O poder da conformidade e influência social normativa perante a opinião maioritária. Ou seja, o voluntarismo para conformismo público, por forma a obter recompensas sociais, evitar punição social.

Participante colocado num grupo composto de confederados. «*Experiments asked groups of students to participate in a "vision test." In reality, all but one of the participants were confederates of the experimenter, and the study was really about how the remaining student would react to the confederates' behavior. Each participant was put into a group with 5 to 7 "confederates" (people who knew the true aims of the experiment, but were introduced as participants to the naive "real" participant)*»

18 ensaios com cartões – linhas A, B e C – 12 ensaios "críticos". «*The participants were shown a card with a line on it, followed by another card with 3 lines on it labeled A, B, and C. The participants were then asked to say which line matched the line on the first card in length. Each line question was called a "trial". The "real" participant answered last or next to last. For the first two trials, the participant would feel at ease in the experiment, as he and the confederates gave the obvious, correct answer. On the third trial, the confederates would all give the same wrong answer. There were 18 trials in total and the confederates answered incorrectly for 12 of them. These 12 were known as the "critical trials"*»

Testar conformidade ao grupo – 32% respostas, 75% participantes. «*The aim was to see whether the real participant would change his answer and respond in the same way as the confederates, despite it being the wrong answer. In a control group, with no pressure to conform to an erroneous view, only one participant out of 35 ever gave an incorrect answer. Solomon Asch hypothesized that the majority of participants would not conform to something obviously wrong; however, when surrounded by individuals all voicing an incorrect answer, participants provided incorrect responses on a high proportion of the questions (32%). Seventy-five percent of the participants gave an incorrect answer to at least one question*»

Conformidade máxima com 4 comparsas. «*Variations of the basic paradigm tested how many cohorts were necessary to induce conformity, examining the influence of just one cohort and as many as fifteen. Results indicate that one cohort has virtually no influence and two cohorts have only a small influence. When three or more cohorts are*

present, the tendency to conform increases only modestly. The maximum effect occurs with four cohorts. Adding additional cohorts does not produce a stronger effect»

Perante divergência entre confederados, conformidade diminui. «*The unanimity of the confederates has also been varied. When the confederates are not unanimous in their judgment, even if only one confederate voices a different opinion, participants are much more likely to resist the urge to conform (only 5–10% conform) than when the confederates all agree. This finding illuminates the power that even a small dissenting minority can have. Interestingly, this finding holds whether or not the dissenting confederate gives the correct answer. As long as the dissenting confederate gives an answer that is different from the majority, participants are more likely to give the correct answer*»

Conformidade mais acentuada entre mulheres e dentro de ingroups. «*Men show around half the effect of women (tested in Asch conformity experiments 2 same-sex groups); and conformity is higher among members of an ingroup*»

ATOMIZAÇÃO SOCIAL – Grupo é a nova Mãe, autoridades o novo Pai.

[Carl Jung in the background].

Pais tornam-se obsoletos, irrelevantes. Existe todo um mundo brilhante, reluzente e colorido lá fora, repleto de prendas e coisas boas, fantasia, satisfação, felicidade. [Existe um mundo novo lá fora, e algures nesse mundo estão pessoas mais avançadas, mais sofisticadas, mais cultivadas que os pais – e é preciso encontrar essas pessoas e pertencer a esse mundo, para evoluir e avançar]. Um mundo sofisticado, comandado por pessoas muito mais informadas, avançadas, e sofisticadas que os pais. Pertencer a esse mundo implica rejeitar e abandonar o universo limitado, constrangido, tradicional da família.

Nova família: grupo social, do micro ao macro. A criança já não precisa dos pais, e começa a encontrar uma nova família lá fora – o grupo de pares e as autoridades institucionais, a sociedade em geral.

O grupo de pares como novo espaço maternal. O grupo de pares, a fraternidade, tende a assumir a função tradicional da mãe. Torna-se o espaço de aceitação, de compreensão, de afecto, onde o problemas podem ser partilhados e as decisões podem ser tomadas. A única regra: conformidade e obediência.

Autoridades institucionais são a nova gestalt paternal. As autoridades institucionais assumem uma função paternal: a imagem que foi vendida à criança é a de que a sociedade organizada é um espaço onde existe tolerância, sensatez, rigor. É o espaço que pode abrir as portas a uma vida realizada. É o espaço que oferece justas recompensas. A função tradicional do pai está em definir as regras, dar verdades objectivas, impor disciplina, distribuir recompensas e punições. Essa função é assumida, claro, pelas autoridades institucionais – a instituição, o estado, a empresa, e por aí fora.

A maior mãe é a sociedade em geral. A criança dissocia-se dos pais e da família, e sonha pertencer a estes novos domínios, a esta nova família que imagina, no mundo imaginário lá fora.

ATTALI – A pobreza cultural da nova era.

Vida urbana, justaposição de vidas solitárias.

Medo da ligação afectiva – culto do ego – em vez de amor, masturbação conjunta.

O próximo como meio de obter prazer ou dinheiro – um concorrente.

Acção colectiva impensável – mudança política inconcebível.

«*A nona forma continuará também a criar condições para que a vida urbana seja cada vez mais solitária, em apartamentos cada vez mais exíguos, com parceiros sexuais e afectivos cada vez mais efémeros. O medo da ligação afectiva, a fuga ao compromisso, a indiferença aparente tornar-se-ão (como já se verifica) formas de sedução. A apologia do indivíduo, do corpo, da autonomia, do individualismo farão do ego, do eu, o valor absoluto. O erotismo tornar-se-á um saber reivindicado explicitamente. Serão toleradas as formas de sexualidade mais diversas, à excepção do incesto, da pedofilia e da zoofilia. A ubiquidade nómada e as comunidades virtuais criarão novas ocasiões para os encontros, de natureza comercial ou não*» (p. 126)

«*Cada um verá o próximo como um instrumento da sua própria felicidade, um meio de obter prazer ou dinheiro, senão ambos. Já ninguém pensará em preocupar-se com o outro: porquê partilhar quando é preciso lutar? Porquê agir em conjunto quando o outro é um concorrente? Já ninguém considerará que a felicidade do outro lhe poderá ser útil, e certamente ninguém procurará a sua felicidade na do outro. Toda a acção colectiva parecerá impensável, pelo que qualquer mudança política será inconcebível... O mundo não passará, então, de uma justaposição de vidas solitárias, e o amor não será mais do que uma justaposição de masturbações*» (Pág. 182)

Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

B-STEP Report, DHEW, 1970.

O B-STEP Report, DHEW, 1970.

Ministério da Saúde, Educação e Segurança Social. 1970, EUA, o Ministério da Saúde, Educação e Segurança Social publica o B-STEP.

Manual de referência através do sistema UNESCO. O BSTEP Report torna-se o manual de referência para moldar a educação nos EUA e para o mundo inteiro, através do sistema UNESCO. Traça o futuro da sociedade e ajusta as reformas da educação a este futuro.

BSTEP (1970) – Governância público-privada.

Governância [liderança, coordenação] por organizações quase-legais ou extra-legais.

Agências, fundações, empresas público-privadas.

"Although expensive to maintain, the nation will add layers of institutions, agencies, organizations, and enterprises".

«*Governance and Services by Varied Agencies, Organizations, and Enterprises… quasi-legal or extra-legal organizations and associations will provide stimulation, leadership, and coordinating functions. Foundations and quasi-public private enterprises will supplement publicly operated services. Although expensive to maintain, the nation will add layers of institutions, agencies, organizations, and enterprises rather than scrap existing arrangements and rebuild the society. More creative utilization of existing fiscal, leadership, and data resources will be developed in a compromise position…*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – O futuro é planeado por elite pós-democrática.

O futuro é planeado e regulado por uma elite científica-tecnológica.

"A small elite will carry society's burdens…".

Poder e riqueza vão ser monopolizados pela elite.

«*The complexity of the society and rapidity of change will require that comprehensive long-range planning become the rule, in order that carefully developed plans will be ready before changes occur… Long-range planning and implementation of plans will be made by a technological-scientific elite… A small elite will carry society's burdens… Wealth and power will be monopolized by the elite…*»

"Participatory democracy… will mainly disappear".

"Political democracy will be limited to broad social policy… even there the elite will be influential".

"This will strain the democratic fabric to a ripping point".

«*Participatory democracy in the American-ideal mold will mainly disappear… Political democracy, in the American ideological sense, will be limited to broad social policy; even there, issues, alternatives, and means will be so complex that the elite will be influential to a degree which will arouse the fear and animosity of others. This will strain the democratic fabric to a ripping point*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – O mundo pós-industrial, com megacidades, tensões sociais.

Isto é um mundo onde o desemprego abunda. Um «*non-work world*».

Grandes áreas metropolitanas com populações ultra-concentradas.

"Concentrated populations will create tensions and strain public services".

«*…over-population… concentrated in… large metropolitan areas… Concentrated populations will create tensions and strain public services*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – A sociedade hedonista, a pão e circo.

"The resulting impersonal manipulation will be softened by provisions for pleasure seeking and guaranteed physical necessities".

«*The resulting impersonal manipulation of most people's life styles will be softened by provisions for pleasure seeking and guaranteed physical necessities… The worth and*

dignity of individuals will be endangered on every hand. Only exceptional individuals will be able to maintain a sense of worth and dignity»

“Protestant Ethic will atrophy… most people will be hedonistic”.

“…bread and circuses to keep dissension at a minimum”.

Maior parte da população vai devotar-se à procura de prazer.

As pessoas vão estudar, brincar, viajar, consumir drogas.

Culto da juventude. Uma sociedade onde ser considerado «*youthful… in terms of attitudes, objectives, and practices*» é uma precondição.

«*Protestant Ethic will atrophy as more and more enjoy varied leisure and guaranteed sustenance. Work as the means and end of living will diminish in importance except for a few with exceptional motivation, drive, or aspiration. No major source of a sense of worth and dignity will replace the Protestant Ethic. Most people will tend to be hedonistic, and a dominant elite will provide "bread and circuses" to keep social dissension and disruption at a minimum*»

«*Most of the population will seek meaning through other means or devote themselves to pleasure seeking… The society will be a leisurely one. People will study, play, and travel; some will be in various stages of the drug-induced experiences*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – Relativismo moral mantém sociedade à beira do colapso.

“Shifting Social Values…”.

Pessoas com valores morais certos e fixos tornam-se raras, pragmatismo domina.

“Society will be divided and in conflict… mass media will be used systematically to prevent societal disintegration”.

Valores e processos operacionais para os implementar vão mudar muito rapidamente.

«*Shifting Social Values… Rapidity and magnitude of change, individual susceptibility to attitudes influencing actions, intensity of interaction in highly concentrated population centers, and other factors will increase the rate of value change and their extent… Cohesive, stable value which lead to predictable selection of courses of action, from among many alternatives, will become rare. Pragmatic values—those that help to make decisions which "work"—will prevail. Pragmatism is, in turn, a key function of values;*

therefore, society will be divided and in conflict. Mass media will be used systematically to prevent societal disintegration»

«*The society will shift, with great rapidity, its values and operational processes for implementing them*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – Controlo social, por ciências sociais, cibernética.

Controlo social, através de ciências sociais.

…com "social-humanistic projects".

…"utilizing systems approaches and cybernetics in solving human problems".

…"the building of structures with total environmental controls".

«*…toward adequate funding in social-humanistic projects…*»

«*Systems Approach and Cybernetics… utilizing systems approaches in solving major human problems*»

«*…the building of structures with total environmental controls»*

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – Controlo social, por controlo de opinião.

"Communications capabilities and potentialities for opinion control".

Os mass media vão ser pervasivos e ter influência inaudita.

"Each will be able to receive instant updating of ideas and information".

"…and thus exposed to direct and subliminal influence".

"Each individual will be saturated with ideas and information".

Alguma desta informação é "…imposed covertly by various agencies, organizations, and enterprises".

"Relatively few individuals will be able to maintain control over their opinions".

«*Communications Capabilities and Potentialities for Opinion Control… Each will be able to receive instant updating of ideas and information on topics previously identified… and thus exposed to direct and subliminal influence. Mass media transmission will be instantaneous to wherever people are and in forms suited to their particular needs and roles*»

«*Each individual will be saturated with ideas and information. Some will be self-selected; other kinds will be imposed overtly by those who assume responsibility for others' actions (for example, employers); still other kinds will be imposed covertly by various agencies, organizations, and enterprises. Relatively few individuals will be able to maintain control over their opinions. Most will be pawns of competing opinion molders*».

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – O "surveillance state".

"Multi-purpose ID number" para permitir rastreamento por "employers, or other controllers".

«*Each individual will receive at birth a multi-purpose identification number which… will be in constant communication with their employers, or other controllers*»

A expansão nas capacidades de comunição é acompanhada de vigilância, sorting.

"None will be out of communication with those authorized to reach him".

Isto é acompanhado de "vast data banks"…

…e "increased capabilities for managing information".

«*…extensive communications… None will be out of communication with those authorized to reach him*»

«*There will be increased capabilities for managing information and making it available in processed, personally relevant form and substance… Society will have vast data banks which can be updated continuously and utilized in a systematic assessment of what prevails and steps which must be taken to attain current objectives. Decision-making will be systematic and decisions will be implemented readily*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – Manipulação biológica.

Capacidades biológicas para controlo de desenvolvimento aumentam.

"…most children will be "designed"with maximum capacities for future development and minimal hindrance to projected development".

«*Biological capabilities for controlling a child's… development… will increase. Thus, most children will be "designed"with maximum capacities for future development and minimal hindrance to projected development*»

Mudanças induzidas na população por manipulação de água e comida, controlo climático.

«*…major changes will be induced in total populations through manipulation of water and food supply, climate control, and the building of structures with total environmental controls. Ultimately, these capabilities will produce conflict between those who want to live and those who want to create new life*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – Mind-machine interface.

Meios para transferir automaticamente informação para cérebro.

«*Means eventually will be developed to transfer to individual brains new knowledge automatically*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BSTEP (1970) – O papel da escola na nova sociedade.

As escolas tornam-se veículos de engenharia social, facilitação, e doutrinação para o novo mundo.

Ou seja, facilitar a transição.

O ensino tem de abandonar o ensino de factos, e passar a transmitir ideologia e "motivação".

Conteúdo focado em construção de valores...

...relações interpessoais...

...“pleasure-cultural development”…

…and other attitudes and skills compatible with a non-work world.

«*Content focused on value building, process competency, logical and critical thinking, interpersonal relations, and pleasure-cultural development – and other attitudes and skills compatible with a non-work world*»

B-STEP Report (January, 1970) [Feasibility Study: Behavioral Science Teacher Education Program. Final Report]. Michigan State Univ., Department of Health, Education and Welfare, Washington D.C.

BERGSON – Bestialização, automatização operante.

Acção animalesca é inerentemente positiva – pensamento, negativo. Bergson queria ver acção em nome de acção. A toda a contemplação pura chama "sonhos", e condena-os com uma série de epítetos insultuosos: estáticos, platónicos, matemáticos, lógicos, intelectuais. Não existe lugar nesta filosofia para o momento de insight contemplativo quando, ascendendo acima da vida animal, o homem torna-se consciente dos fins maiores que redimem o homem da vida de um bruto.

Acção instintiva – "Força vital" – Obscurantismo. Estamos condenados, na acção, a ser meros escravos do instinto: a força vital puxa-nos e restringe-nos, impiedosamente e incessantemente. Aqueles para quem a actividade sem propósito parece um bem suficiente têm nos livros de Bergson uma imagem agradável do universo. Mas esta filosofia será vista como algo de banal, obscuro e provocatorial por aqueles que vêm a vida humana como algo mais do que a expressão de uma sucessão coordenada de algoritmos comportamentais ordenados por instintos animalescos.

Anulação nihilista do intelecto – Hipocrisia. Em Bergson temos esta tentativa de anulação nihilista do intelecto, em prol de automatismo instintivo, pré-pavloviano. Bergson também é um hipócrita que claramente não provou do seu próprio veneno, caso contrário não teria devotado tempo a escrever coisas deste género.

Animalização, automatização operante. Esta marca de pessimismo anti-científico, anti-racionalista, vem advogar uma animalização, bestialização, automatização operante, do funcionamento humano.

BLOOM – Reeducação – Grupo de pares – Pedofilia.

Bloom – Família – Usar grupo de pares, média (2).

Isolar criança de pais e amigos, usar grupo de pares e escola para reorganizar crenças e atitudes (Bloom).

Nova educação implica mudar interesses, atitudes, valores. «*…grade students with respect to their interests, attitude, or character development*»

Isolar criança de influências prévias para reorganizar crenças e atitudes.

Isto é feito no grupo de pares (escola), que aliena de pais e amigos, e reforça mudanças.

O "valor" do isolamento e do conflito de gerações. Bloom nota que este procedimento produzia conflitos entre pais e filhos e entre estudantes e pares que não participam nas "oportunidades especiais". Depois diz que a eficácia deste processo é tanto maior quanto mais o estudante for isolado do lar e do seu grupo tradicional de amigos.

Isolamento é **essencial** em lavagem cerebral.

PEDOFILIA. Isto é a abordagem que pedófilos utilizam com as suas vítimas.

«*…to create effectively a new set of attitudes and values, the individual must undergo great reorganization of his personal beliefs and attitudes and he must be involved in an environment which in many ways is separated from the previous environment in which he has developed… It is likely that many of these changes are produced by association with peers…*».

Cita um estudo onde, «*The significant thing to remember in this very ambitious project is that the major impact of the new program is to develop attitudes and values toward learning which are not shared by the parents and guardians or by the peer group in the neighborhood… There are many stories of the conflict and tension that these new practices are producing between parents and children. There is even more conflict between the students and the members of their peer groups who are not participating in the special opportunities. The effectiveness of this new set of environmental conditions is probably related to the extent to which the students are "isolated" from both the home and the peer group during this period of time… Such new objectives can best be attained where the individual is separated from earlier environmental conditions and when he is in association with a group of peers who are changing in much the same direction and who thus tend to reinforce each other… The work of Coleman (1961) in suburban schools in the Midwest demonstrates very clearly that during the adolescent period, under some conditions, the peer group has a greater effect on the students than*

do teachers and, perhaps, parents» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). “Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain”.

BLOOM – Bem e mal – Subjectivismo – Superego social.

Bloom – Bem e mal – Ética situacional – Caixa de Pandora.

Verdade é temporal e situacional. «*...we recognize the point of view that truth and knowledge are only relative and that there are no hard and fast truths which exist for all times and all places*»*

Estudante com sucesso é situacional e relativista.

I.e., já não acredita em certo e errado, mas sim em adaptação. «*Judges problems and issues in terms of situations, issues, purposes, and consequences involved rather than in terms of fixed, dogmatic precepts…*»**

Abrir a Caixa de Pandora. Caixa de Pandora, uma caixa cheia de maldade que, uma vez aberta, nunca mais pode ser fechada ou, se fechada, é apenas a tempo de prevenir a fuga da esperança. *«The affective domain is, in retrospect, a virtual "Pandora's Box"... We are not entirely sure that opening our "box" is necessarily a good thing… It is in this "box" that the most influential controls are to be found. The affective domain contains the forces that determine the nature of an individual's life and ultimately the life of an entire people*»**

*David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals". Volume 1, Cognitive Domain.

**David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). "Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain".

Bloom – Bem e mal – Superego social, consciência social.

Superego social no lugar de uma consciência – Consciência social. É isto que se pretende dizer quando se fala de "consciência social".

Morta a consciência individual, fica uma consciência social, de grupo. «*Superego development is conceived as "...the incorporation of the moral standards of society". Internalization (incorporating as one's own) is thus a critical element in superego development and in the development of conscience. Therefore the levels of the Taxonomy should describe successive levels of goal setting appropriate to superego development*» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). "Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain".

Bloom (1956) – Parafraseia Marx e Engels, “não existe verdade e conhecimento”.

Marx e Engels dizem-nos que não existem verdades que existam para todos os tempos e todos os lugares. Isto é dito nas Teses de Feuerbach, no Manifesto e por aí fora. Uma referência parafrásica é «*For dialectical philosophy, nothing is final, absolute, sacred*», por Engels, em “Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy”.

Verdade e conhecimento são apenas relativos.

Não existem verdades que existam para todos os tempos e todos os lugares.

Isto é a essência das reformas curriculares das últimas décadas: ou seja, não existe bem e mal, verdade e mentira – só existe aquilo que é consenso e aceite pela comunidade.

«*But, as has been pointed out before, we recognize the point of view that truth and knowledge are only relative and that there are no hard and fast truths which exist for all time and all places*» David Krathwohl, Benjamin Bloom and Bertram Massia (1956), Taxonomy of Educational Objectives, Handbook I: Cognitive Domain. McKay Publishers.

<u>BLOOM – Doutrinação ideológica e afectiva</u>.

Bloom (1956) – "Bom ensino" implica desafiar crenças fixas.

«*...a large part of what we call "good teaching" is the teacher's ability to attain affective objectives through challenging the students' fixed beliefs and getting them to discuss issues*» – David Krathwohl, Benjamin Bloom and Bertram Massia (1956), Taxonomy of Educational Objectives, The Classification of Educational Goals, Handbook II: Affective Domain. McKay Publishers, p. 55.

Bloom (1956 e 1981) – Educação – moldar pensamentos, sentimentos, acções.

<u>1956</u>.

Aquilo que estamos a classificar é o comportamento pretendido dos estudantes.

Maneiras de pensar, sentir e agir, resultantes de uma unidade de instrução.

«*What we are classifying is the intended behavior of students—the ways in which individuals are to act, think, or feel as the result of participating in some unit of instruction*» David Krathwohl, Benjamin Bloom and Bertram Massia (1956), Taxonomy of Educational Objectives, The Classification of Educational Goals. McKay Publishers.

<u>1981</u>.

Funções de um centro para investigação e desenvolvimento de currículo.

Educação e escolas têm de mudar pensamentos, sentimentos e acções dos alunos.

Eficácia de um programa educativo mede-se pelas mudanças nestes capítulos.

«*Functions of a center for curriculum development and research… The purpose of education and the schools is to change the thoughts, feelings and actions of students. If a course, unit of instruction, or an educational program is effective, it is because the students have grown and changed to some significant extent as a result of the learning experiences in which they were involved*»

Benjamin S. Bloom (1981), "All Our Children Learning: A primer for parents, teachers, and other educators". New York: McGraw Hill.

Bloom – Doutrinação ideológica e afectiva.

Prescrever e inculcar atitudes apropriadas, limpar inapropriadas. “Limpar” as atitudes inapropriadas, i.e., aquelas adquiridas no lar, na igreja, ou no grupo de pares exterior à escola.

Avaliação atitudinal. Ao mesmo tempo, o percurso atitudinal da criança seria avaliado continuamente através de testes e outros sistemas de avaliação. Não interessa se a criança sabe história; interessa sim que sinta que sabe, e que tenha as visões apropriadas sobre os períodos apropriados.

Bloom – Doutrinação ideológica e afectiva (2).

Quebrar o gelo sobre privacidade afectiva – Tradição Judaico-Cristã.

Crenças, atitudes, valores, personalidade, são questões privadas. Atitudes para com Deus, lar e família.

Educação versus doutrinação. Educação serve para cultivar a mente para tomar decisões individuais e fazer escolhas. Doutrinação, por outro lado, reduz essas capacidades. Persuadir, coagir indivíduo, a aceitar crença particular, agir de dada forma, professar valores e costumes particulares.

É inaceitável tornar educação escolar em doutrinação.

É preciso reabrir a questão.

Escola tem de ultrapassar “divisão artificial” entre cognição e afecto.

É preciso transmitir filosofias de vida e sistemas de valores às crianças.

Definir modos de agir, pensar, sentir, comportamentos desejáveis.

«*One’s beliefs, attitudes, values, and personality characteristics are more likely to be regarded as private matters, except in the most extreme instances already noted. My attitudes toward God, home and family are private concerns… This public-private status of cognitive vs. affective behaviors is deeply rooted in the Judaeo-Christian religion and is a value highly cherished in the democratic traditions of the Western world… Closely linked to this private aspect of affective behavior is the distinction frequently made between education and indoctrination in a democratic society. Education opens up possibilities for free choice and individual decision… Indoctrination, on the other hand, is viewed as reducing the possibilities of free choice and decision. It is regarded as an attempt to persuade and coerce the individual to accept a particular viewpoint or belief, to act in a particular manner, and to profess a particular value and way of life. Gradually education has come to mean an almost solely cognitive examination of issues. Indoctrination has come to mean the teaching of affective as well as cognitive behavior. Perhaps a reopening of the entire question would help us to see more clearly the boundaries between education and indoctrination,*

and the simple dichotomy expressed above between cognitive and affective behavior would no longer seem as real as the rather glib separation of the two suggests… the range of behaviors to be encompassed and the way these are organized into value systems and philosophies of life suggest that the continuum should provide for various levels of organization to be delineated… What we are classifying is the intended behavior of students… the ways in which individuals are to act, think, or feel as the result of participating in some unit of instruction… Educational procedures are intended to develop the more desirable rather than the more customary types of behavior» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). "Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain".

Bloom – Doutrinação ideológica e afectiva (3) – Respostas pavlovianas.

<u>Elicitar espectro emocional de respostas</u>.

<u>Respostas positivas e respostas negativas</u>. «*Perhaps the most difficult part of the task of building the affective domain of the Taxonomy was the search for a continuum that would provide a means of ordering and relating the different kinds of affective behavior… we need to provide the range of emotion from neutrality through mild to strong emotion, probably of a positive, but possibly also of a negative, kind*» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). "Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain".

BLOOM – Iliteracia.

Bloom e associados abrem as portas à destruição da educação.

É a partir do trabalho de Bloom e associados, que surgem a generalidade das inovações que destrõem os sistemas de ensino nas últimas décadas.

O fim dos sistemas de avaliação rigorosos.

Apelar à "descoberta individual" e em consenso – i.e., descobrir o que é verdade para a turma, em vez do que é verdade, ponto.

Ensinar crenças e temas sociais em vez de factos.

Isto é a essência do sistema Unesco, hoje em dia em vigor na generalidade do planeta.

Bloom (1956) – A curva normal na educação.

«*There is nothing sacred about the normal curve. It is the distribution most appropriate to chance and random activity. Education is a purposeful activity, and we seek to have students learn what we have to teach. If we are effective in our instruction, the distribution of achievement should be very different from the normal curve. In fact, we may even insist that our educational efforts have been unsuccessful to the extent that the distribution of achievement approximates the normal distribution*» (52–53)

Bloom, B. S., Madaus, G. F., and Hastings, J. T. (1981). "Evaluation to improve learning". New York: McGraw-Hill.

BRZEZINSKI (1968) – Sociedade tecnetrónica e turbulência social.

Brzezinski (1968) – "Era tecnetrónica: desemprego, conflito, fragmentação, controlo".

Indústria substituída por serviços, automatização substitui operação humana. «*In the technetronic society, industrial employment yields to services, with automation and cybernetics replacing individual operation of machines*».

Diferenciação crescente entre homens e sociedades. Isto leva a uma «*widening differentiation among men and societies*».

Conflito, fragmentação, controlo excessivo. Ao mesmo tempo, «*the instantaneous electronic intermeshing of mankind will make for an intense confrontation, straining social and international peace*». E, neste contexto, «*The challenge in its essence involves the twin-dangers of fragmentation and excessive control*»

Zbigniew Brzezinski (January 1968). "America in the Technetronic Age". Encounter, Volume 30 (Congress of Cultural Freedom).

Brzezinski (1968) – "Universal elite, network of e-communication, world culture"

Era global – elite intelectual universal. Esta é uma «*truly new era*», na qual surge uma «*universal intellectual elite, one that shares certain common values and aspirations*».

Rede de comunicação electrónica produz supercultura global. E onde uma «*network of electronic communication*» iria «*inevitably*» produzir uma «*world super-culture*».

Zbigniew Brzezinski (January 1968). "America in the Technetronic Age". Encounter, Volume 30 (Congress of Cultural Freedom).

Brzezinski (1968) – "Cálculo multivectorial, manipulação genética, controlo bioquímico, perca de individualidade".

Era verdadeiramente nova. A «*truly new era*».

Cálculo matricial preditivo – Controlo bioquímico – Controlo mental químico – Perda de individualidade. Marcada por «*The growing capacity for calculating instantly most complex interactions and the increasing availability of bio-chemical means of human control*». Existe «*the possibility of extensive chemical mind-control*», acompanhada de «*the danger of loss of individuality*»

Controlo mental bioquímico – Manipulação genética – Quimeras parahumanas. Num outro parágrafo, «*Finally, looking ahead to the end of this century, the possibility of bio-chemical mind-control and genetic tinkering with man, including eventually the creation of beings that will function like men — and reason like them as well — could give rise to the most difficult questions*».

Zbigniew Brzezinski (January 1968). "America in the Technetronic Age". Encounter, Volume 30 (Congress of Cultural Freedom).

Brzezinski (1968) – "Withdrawal from involvement, psychic instability".

"Inner emigration": fuga de envolvimento e responsabilidade. «…*the next phase may be one of sullen withdrawal from social and political involvement, a flight from social and political responsibility through* "*inner-emigration*"»

Mudanças rápidas trazem instabilidade psicológica. Ao mesmo tempo, as mudanças rápidas vão provocar problemas psicológicos em larga escala: «*Political frustration could increase the difficulty of absorbing and internalising rapid environmental changes*, *thereby prompting increasing psychic instability*»

Zbigniew Brzezinski (January 1968). "America in the Technetronic Age". Encounter, Volume 30 (Congress of Cultural Freedom).

BRZEZINSKI – Implosão e explosão social – O ser humano sintético.

Brzezinski (1970) – A era do controlo comportamental.

A era da manipulação comportamental.

"Meios bioquímicos de controlo humano".

"Humanos tornam-se cada vez mais maleáveis e manipuláveis". Em "Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era" (1970), Zbigniew Brzezinski refere-se à «*increasing availability of biochemical means of human control… human beings become increasingly manipulable and malleable*».

Um bom CV, para a liderança da Comissão Trilateral. Este livro foi um bom currículo vitae dado que, em 1973, Brzezinski é convidado por David Rockefeller para co-fundar e dirigir a Comissão Trilateral.

Brzezinski (1970) – "Social explosion and implosion of the technetronic society"

Vida urbana despersonaliza, leva a comportamento neurótico distorcido.

Do "homem interno" expontâneo ao "homem externo", superego social.

Conduta humana torna-se crescentemente manipulável e maleável.

A vida perde coesão, torna-se fluida e sintética.

Portanto, vida começa a levar a doença mental em massa.

Doença mental torna-se saúde mental.

Tudo isto leva a desintegração social e à sociedade tecnetrónica.

Desintegração de família, laços, sentimentos – relações artificiais e despersonalizadas.

Possibilidade de manipulação bioquímica, química-mental e genética.

[**Edit**] Brzezinski diz-nos que «*by the end of this century… two-thirds of the people in the advanced countries will live in cities…»* e que *«The impact of cities is already contributing to… depersonalization… overcrowding leads to distorted neurotic… behaviour*»

Uma das formas como isto acontece é pelo final do «*The "internal man"— spontaneously accepting his own spontaneity*», em prol do «*the "external man"— consciously seeking his self-conscious image*», que vive obcecado pelo modo como os

outros o vêm e que encontra o seu valor na relação com o grupo, «*according to external, explicit criteria…*»

Quando a pessoa rejeita a sua individualidade, e se torna interdependente, passando a construir-se de acordo com critérios de eficiência e popularidade, as agências e os consórcios que dominam os mass media passam a ter o poder de moldar o modo como os indivíduos na sociedade se comportam, pensam, e como sentem. Portanto, «*human beings become increasingly manipulable and malleable*», já que «*Human conduct, some argue, can be predetermined and subjected to deliberate control*», e chega-se a um cenário onde «*Life seems to lack cohesion… Everything seems more transitory and temporary: external reality more fluid than solid, the human being more synthetic than authentic…*»

Portanto, a vida moderna «*is definitely leading to mass mental disease…*». Ou seja, existe toda esta reversão esquizofrénica, onde a sociedade se torna doente mental, e a doença mental passa a ser encarada como saúde. Onde a doença mental se torna uma coisa normal e generalizada, e passa até a ser encarada como *saúde mental*. Este é um dos homens que criou as regras do jogo, e que está aqui a explicar como o jogo funciona.

Tudo isto está a levar a um processo de desintegração social [«*Social Explosion/Implosion*»], que marca «*The appearance of the technetronic society*». Esta nova forma de sociedade é uma forma desintegrada, onde a família e os laços (e sentimentos) normais de relacionamento humano (filiação, amor, amizade) são gradualmente degradados, e substituídos por relações provisórias e largamente artificiais. A sociedade artificial, onde tudo é eficiência, mecanismo e despersonalização.

Que também é marcada pela «*the possibility of biological and chemical tampering with what has until now been considered the immutable essence of man…*» Isto porque, «*The possibility of extensive chemical mind control… the feasibility of manipulating the genetic structure...*»

Zbigniew Brzezinski (1970), "Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era". New York: The Viking Press.

[**Original**] Brzezinski diz-nos que, estamos na transição entre duas eras, e que isso resulta num processo de explosão e implosão social [«*Social Explosion/Implosion*»]:

«*The appearance of the technetronic society reflects the onset of a new relationship between man and his expanded global reality.*

Life seems to lack cohesion… human beings become increasingly manipulable and malleable. Everything seems more transitory and temporary: external reality more fluid than solid, the human being more synthetic than authentic… the possibility of biological

and chemical tampering with what has until now been considered the immutable essence of man. Human conduct, some argue, can be predetermined and subjected to deliberate control.

Instead of accepting himself as a spontaneous given, man in the most advanced societies may become more concerned with conscious self-analysis according to external, explicit criteria… The "internal man"—spontaneously accepting his own spontaneity—will more and more be challenged by the "external man"—consciously seeking his self-conscious image; and the transition from one to the other may not be easy.

The possibility of extensive chemical mind control… the feasibility of manipulating the genetic structure... As the previously cited, writer put it, ". . . while the chemical affects the individual, the person is significant to himself and to society in his social context — at work, at home, at play. The consequences are social consequences.

Moreover… by the end of this century… two-thirds of the people in the advanced countries will live in cities… The impact of cities is already contributing to… depersonalization… overcrowding leads to distorted neurotic and downright pathological behaviour… City life today is definitely leading to mass mental disease…»

Zbigniew Brzezinski (1970), "Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era". New York: The Viking Press.

Brzezinski, tal como Russell, acha que a ditadura mundial tem de ser *científica*. Brzezinski gosta deste tipo de coisas porque acredita que são muito mais ordeiras e organizadas [ou arrumadas], e sem dúvida que são mais ordeiras e organizadas, uma vez que erradicam a espontaneidade humana e matam a alma. Em vez disso, o que fica são crenças e comportamentos sintéticos, produzidos em massa, impostos por conformidade social.

BRZEZINSKI – "Science corrupted by the ruling elite".

É fácil para a classe governante corromper ciência.

Compartimentaliza comunidade científica e extrai os seus talentos.

Corrompe-a com sistema de recompensas, reserva para si a definição de objectivos.

«*At some point, however, even the efficiency-oriented group will have to address itself to the more basic questions concerning the nature of man and the purpose of social existence. Until it does so, there is always the likelihood that the ruling elite can at least temporarily succeed in compartmentalizing the scientific community, in extracting its talents, and in corrupting it with a system of rewards—all the while reserving to itself the definition of the larger objectives*»

Zbigniew Brzezinski (1970), "Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era". New York: The Viking Press.

CAMUS – Artistas existenciais têm de re-atar o Nó Górdio.

“Anti-Alexandres” [new-born artists] para re-atar o Nó Górdio, cortado pela espada.

Para este propósito, temos de assumir riscos e trabalhos da liberdade.

«*Yes, the rebirth is in the hands of all of us. It is up to us if the West is to bring forth any anti-Alexanders to tie together the Gordian Knot of civilization cut by the sword. For this purpose, we must assume all the risks and labors of freedom*» [Albert Camus, lecture at the University of Uppsala, December 14, 1957]

I.e., destruir a liberdade, para quem sabe quem, e o quê, era Camus.

CHESTER PIERCE (70s) – Escola e sócio-engenharia – Deus, família, patriotismo.

Chester Pierce (1972) – Repensar a família.

“Novas perspectivas sobre a família” – casamento monógamo fora de moda.

«*Another essential curricular decision you will have to make is what to teach a young child about his future role as a man or a woman. A lot will depend on what you know and what your philosophy is about parenting.... Already we are hearing about experiments that are challenging our traditional views of monogamous marriage patterns...*»

Dr. Chester M. Pierce M.D. [Harvard University]. “Becoming Planetary Citizens: A Quest for Meaning”. Childhood Education, November 1972.

Chester Pierce (1972) – Reeducação, aprender a desaprender e a abdicar de coisas.

«*Finally—perhaps most difficult of all—you will have to teach children how to unlearn, how to re-learn and how to give up things...*»

Dr. Chester M. Pierce M.D. [Harvard University]. “Becoming Planetary Citizens: A Quest for Meaning”. Childhood Education, November 1972.

Chester Pierce (1973) – Crianças mentalmente doentes – Torná-las em “crianças internacionais do futuro”.

No ano seguinte, este mesmo professor dá uma palestra célebre.

“A criança que entra na escola com 5 anos está mentalmente doente”.

Entra na escola com fidelidades ao sistema constitucional.

Aos pais.

A uma crença num ser sobrenatural – Deus.

E a acreditar no valor de soberania nacional.

A função da educação tem de ser curar todas estas crianças, para desenvolver a “criança internacional do futuro”.

«*Every child in America entering school at the age of five is mentally ill because he comes to school with certain allegiances to our founding fathers, toward our elected*

officials, toward his parents, toward a belief in a supernatural being, and toward the sovereignty of this nation as a separate entity. It's up to you as teachers to make all these sick children well—by creating the international child of the future»

Chester M. Pierce (1973). Address to the Childhood International Education Seminar in Boulder, Colorado, *In* John Taylor Gatto, The Underground History of American Education.

CHISHOLM – Engenharia psicossocial global.

CHISHOLM – As guerras são provocadas pelas pessoas comuns.

Existe uma "necessity to fight wars". «*The necessity to fight wars*»

As pessoas, colectivamente, travam guerras de tanto em tanto tempo.

Guerras são provocadas pela natureza humana, comportamento humano.

Ou seja, culpa colectiva, responsabilidade colectiva. «*...we are the kind of people who fight wars every fifteen or twenty years. Why? Shall we only throw up our hands in resignation and reply "human nature"? Surely other expressions of human nature are subject to extensive changes. Why not this one?... We may not change nature but surely its expression in behavior patterns can be modified very extensively*»

Guerra melhora estatuto económico de muitas pessoas.

Traz prosperidade, dinheiro flui. «*Wars affect the economic status of millions of people, many of them for the better. Business booms, money flows freely, prosperity is widespread, but only where the war is not actually being fought*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Há que prevenir novas futuras guerras.

«*...find and take sure steps to prevent wars in the future...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Motivos humanos para guerra – sintomas neuróticos.

"Razões pelas quais combatemos guerras – sintomas neuróticos".

Preconceito, isolacionismo, capacidade de acreditar em absurdos [como isto]...

...excesso de desejo por poder ou material, medo excessivo...

...sentimentos de culpa [ou seja, uma consciência]... «*guilt*»

***...ou seja, sintomas neuróticos*.**

«*Can we identify the reasons why we fight wars...? Many of them are easy to list-- prejudice, isolationism, the ability emotionally and uncritically to believe unreasonable things, excessive desire for material or power, excessive fear of others... ability to avoid seeing and facing unpleasant facts and taking appropriate action.... They are all well known and recognized neurotic symptoms…*»

Até auto-defesa é uma reacção neurótica. «*Even self defense may involve a neurotic reaction when it means defending one's own excessive material wealth from others who are in great need. This type of defense is short sighted, ineffective and inevitably leads to more wars*»

"Necessidade de travar guerras" é um "sintoma psiquiátrico patológico". «*The necessity to fight wars, whether as aggressor or as a defender who could have, but has not, taken steps to prevent war occurring, is as much a pathological psychiatric symptom as is a phobia or the antisocial behavior of a criminal who has been dominated by a stern and unreasonable father*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Necessidade de acabar com conceitos de bem e de mal.

Conceito de bem e de mal é uma perversão, o mínimo denominador comum. «*What basic psychological distortions can be found in every civilization?... There is – just one. The only lowest common denominator of all civilizations and the only psychological force capable of producing these perversions is morality, the concept of right and wrong…*»

Isto é um fardo castrante. «*…crippling burden of good and evil*»

Isto provoca desajustamento e infelicidade no mundo. «*We have been very slow to rediscover this truth and to recognize the unnecessary and artificially imposed inferiority, guilt and fear, commonly known as sin.... which produces so much of the social maladjustment and unhappiness in the world. For many generations we have bowed or necks to the yoke of the conviction of sin. We have swallowed all manner of poisonous certainties fed us by our parents, our Sunday and day school teachers, our politicians, our priests, our newspapers and others with vested interests in controlling us*»

Resultados de ter uma consciência, uma alma, são neurose, frustração, incapacidade de apreciar a vida. «*Misguided by authoritarian dogma, bound by exclusive faith, stunted by inculcated loyalty, torn by frantic heresy...and loaded down by the weight of guilt*

and fear engendered by its own original promises, the unfortunate human race, deprived ... of its reasoning power and its natural capacity to enjoy the satisfaction of its natural urges, struggles along under its ghastly self-imposed burden. The results, the inevitable results, are frustration, inferiority, neurosis and inability to enjoy living, to reason clearly or to make a world fit to live in»

Indivíduos neuróticos são pessoas cheias de ódio...uma ameaça bastante real. «*Individuals who have emotional disabilities of their own, guilts, fears, inferiorities, are certain to project their hates on to others, on groups, communities, or nations, and thus to jeopardize seriously the external relations of those who are associated with them. They are a very real menace*»

O objectivo é a reinterpretação e a eventual erradicação das ideias de bem e mal. **«***The re-interpretation and eventually eradication of the concept of right and wrong which has been the basis of child training, the substitution of intelligent and rational thinking for faith in the certainties of the old people, these are the belated objectives of practically all effective psychotherapy. Would they not be legitimate objectives of original education? Would it not be sensible to stop imposing our own local prejudices and faiths on children and give them all sides of every question so that...they may have the ability to size things up and make their own decisions?*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Egoísmo e colectivismo em vez de princípios e valores.

As pessoas têm de viver em nome de si mesmas [do umbigo] e do grupo [a aldeia, a comuna].

Não em nome de princípios, ou ideais válidos, uma vez que isso é – neurose. «*...live comfortably for themselves and for the group*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Quebrar autoridade paternal, impor autoridade da aldeia.

Pais não têm direito a inculcar regras e pontos de vista nos filhos…

[...uma vez que isso provoca neuroses, distúrbios comportamentais, perturbações emocionais, falha de maturidade emcional...]

...não, essa tarefa tem de ser da comunidade – do estado.

«*...it has long been generally accepted that parents have perfect right to impose any points of view, any lies or fears, superstitions, prejudices, hates, or faith on their defenseless children. It is, however, only recently that it has become a matter of certain knowledge that these things cause neuroses, behavior disorders, emotional disabilities, and failure to develop to a state of emotional maturity which fits one to be a citizen of a democracy... Surely the training of children in home and schools should be of at least as great public concern as their vaccination for their own protection*»

É preciso usar estado, professores, pais, associações, grupos, igrejas, catequeses...

...para desconformar, reinterpretar, aniquilar ideias de bem e mal.

«*...the people who matter are the teacher, the young mothers and fathers, the parent-teacher associations, youth groups, service clubs... churches and Sunday schools -- everyone who can be reached and given help toward intellectual freedom and honesty for themselves and for the children...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Necessidade de engenharia social, conduzida por ciências sociais.

Cientistas sociais e políticos têm de abraçar objectivos de modificação comportamental. «*The responsibility for charting the necessary changes in human behavior rests clearly on the sciences working in that field. (Psychologists, psychiatrists, sociologists, economists and politicians must face this responsibility)*»

Ciências humanas têm de decidir futuro imediato da raça humana. «*With the other human sciences psychiatry must now decide what is to be the immediate future of the human race. No one else can. And this is the prime responsibility of psychiatry*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – *Reeducar* toda a gente no planeta.

Todos têm de ser reeducados para…

...abandonar conceitos de bem e mal...

...trabalhar em equipa, sob autoridade...

...adaptação e compromisso…

…ser criaturas colectivas.

«*This must go on until we, all the people, are re-educated to be able to live in peace together, until we are free to observe clearly and to think and behave sensibly… Can such a program of re-education or of a new kind of education be charted?*»

Impor "maturidade", que representa capacidade de cooperar…

...trabalhar numa organização, sob autoridade, ser adaptável e comprometer.

"Maturidade é algo que falta a maioria da raça humana".

«*Of course, maturity represents the capacity to cooperate: to work with others, to work in an organization and under authority. The mature person is flexible, can defer to time, persons, circumstances. He can show tolerance, he can be patient, and above all he has the qualities of adaptability and compromise. Basically, maturity represents a wholesome amalgamation of two things: (1) dissatisfaction with the status quo, which calls forth aggressive, constructive effort, and (2) social concern and devotion... It would appear that this quality of maturity, this growing up successfully, is what is lacking the human race generally...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Reeducação – *Destruir educação*, para ter cidadãos do mundo.

Educação clássica, com a sua ênfase em conceitos de bem e mal – não roubarás, não mentirás – está a criar legiões de neuróticos. «*The training of children is making a thousand neurotics for every one that psychiatrists can hope to help with psychotherapy*»

Substituir educação válida por ideologia e programação cultural.

Relegar matérias válidas para mais tarde – universidade e por aí fora.

Essa é a estratégia para desenvolver cidadãos globais responsáveis. «*I would not presume to go so far, except to suggest that psychology and sociology and simple psychopathology, the sciences of living, should be made available to all the people by being taught to all children in primary and secondary schools, while the study of such thing as trigonometry, Latin, religions and others of specialist concern should be left to universities. Only so... can we help our children carry their responsibilities as world citizens...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

CHISHOLM – Usar violência para acabar com violência.

“Há a pretensão de que acabar com bem e mal produziria barbarismo”. «*The pretense is made... that to do away with right and wrong would produce uncivilized people, immorality, lawlessness and social chaos…*»

E, sem dúvida, Chisholm confirma essa hipótese.

Se isto não puder ser feito gentilmente, tem de ser feito à força.

Usar violência para acabar com violência – vamos forçar-te a ser livre, como na Revolução Bolchevique. «*There is something to be said for taking charge of our own destiny, for gently putting aside the mistaken old ways of our elders if that is possible. If it cannot be done gently, it may have to be done roughly or even violently – that has happened before*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

CHISHOLM – Usar guerra [preventiva] para acabar com guerra.

Para evitar mais guerras, há que usar todo um programa de guerras preventivas...

...com terror, aniquilação de povos inteiros, e este género de coisa.

Usar guerra, para acabar com guerra.

«*The necessity to fight wars, whether as aggressor or as a defender who could have, but has not, taken steps to prevent war occurring, is as much a pathological psychiatric symptom as is a phobia or the antisocial behavior of a criminal who has been dominated by a stern and unreasonable father… The people who definitely do not want to fight any more wars must promise annihilation to any nation which starts to fight and must be prepared immediately and ruthlessly to carry out that promise without parley or negotiation. This involves the continual upkeep of widely dispersed atomic rocket stations covering the whole world and a continual high pressure research program to discover ever more efficient methods of killing to keep ahead of any possible competition*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

CHISHOLM – OMS, uma organização total e totalitária.

"…to embrace nearly all levels of human activity".

"…a state of complete physical, mental, and social well-being".

Em nome de "vida harmoniosa em ambiente total em mudança permanente".

Autoridades têm o dever de regular todos os níveis, para assegurar "bem-estar".

«*The World Health Organization is more than an international health agency… [it] challenges historical precedent in the field of health which have been largely negativistic and defensive. The World Health Organization is a positive creative force with broad objectives, reaching forward to embrace nearly all levels of human activity*»

Isto é realçado com o objectivo de promover vida harmoniosa num ambiente total em mudança permanente: «*live harmoniously in a changing total environment*».

A Constituição da OMS define saúde como «*...a state of complete physical, mental, and social well-being, and not merely the absence of disease or infirmity*», sendo que as autoridades têm o dever de assegurar esse estado de completo, total bem-estar. Ou seja, todos os países que assinaram esta carta disseram, ao fazê-lo, que as suas autoridades passam a arrogar-se o direito e o dever de interferir em cada pequeno domínio da vida dos seus cidadãos.

Brock Chisholm, "The World Health Organization". *International Conciliation – Carnegie Endowment for World Peace*, 437, March 1948.

Christopher Simpson (1994): The Engineering of Consent

Simpson (1994) – "US psychological warfare and the engineering of consent".

"U.S. psych warfare (45-60) becomes scientific, social 'knowledge'".

"Government's effort to engineer consent of targeted populations at home and abroad".

"Also, consent among scientists hired to help with the job".

"They saw mass communication as social management tool, weapon in social conflict".

"How elites can use technology to manage social change, persuade targeted audiences".

«*U.S. psychological warfare programs between 1945 and 1960 provide a case study of how the priorities and values of powerful social groups can be transformed into the "received knowledge" of the scientific community and, to a certain extent, of society as a whole… It is a twofold story, first of the successes and failures of the government's effort to achieve the engineering of consent of targeted populations at home and abroad, and, contained within that, the story of the mechanisms by which consent was achieved among the scientists who had been hired to help with the job… various leaders in the social sciences engaged one another in tacit alliances to promote their particular interpretations of society… They regarded mass communication as a tool for social management and as a weapon in social conflict… they concentrated on how modern technology could be used by elites to manage social change, extract political concessions, or win purchasing decisions from targeted audiences*» [Christopher Simpson (1994). "Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960". Oxford University Press]

Simpson (1994) – "Science on demand" [ciência dialéctica].

"Funding agencies, interlocking committees… selective financing".

"Scientific 'truth' adjusted to preconceptions of agencies paying the bill".

«*…funding agencies and interlocking committees… One result of this selective financing has been a detailed elaboration of those aspects of scientific truth that tend to support the preconceptions of the agencies that were paying the bill*» [Christopher Simpson (1994). "Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960". Oxford University Press]

Simpson (1994) – “Engineering of consent of targeted populations” [genocídio].

“Government's effort to engineer consent of targeted populations at home and abroad”.

“U.S. social science created rationales for coercing groups targeted by Western culture”.

“Developed sophisticated techniques to exercise dominion”.

“Process marked by great violence (e.g. genocide), on indigenous cultures and peoples”.

«*…the government's effort to achieve the engineering of consent of targeted populations at home and abroad… U.S. social science, including mass communication research, helped elaborate rationales for coercing groups targeted by the U.S. government and Western Industrial culture generally. It developed relatively sophisticated techniques used in attempts to exercise that dominion… That process, moreover, consistently has been marked by great violence, frequently including genocide, as the "modern" world overwhelms indigenous cultures and peoples*» [Christopher Simpson (1994). “Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960”. Oxford University Press]

Simpson (1994) – “Filling the blank slate with slogans, catchphrases”.

“For advertisers, the simple sale is not enough for commercial success”.

“Creating new values and worldviews, seducing and deflecting rival worldviews”.

“Pepsi Generation, I Love What You Do for Me, define a way of life” [Just Do It].

“Ability to study mass media dynamics became a prerequisite to a broader social shift”.

“A shift in which modern consumer culture displaced existing social forms”.

“Complex, communal social process of communication reduced to simple models”.

“Simple models for persuasive, coercive communication”.

«*From the advertisers' point of view, however, the simple sale of products and services is not enough. Their commercial success in a mass market depends to an important degree on their ability to substitute their values and worldview for those previously held by their audience, typically through seduction and deflection of rival worldviews. Terms like "Pepsi Generation," "Heartbeat of America," and "I Love What You Do for Me" (to cite modern examples) have always been more than simple advertising slogans. They have been successful from the advertisers' point of view only to the extent they have defined a way of life. Thus the (professed) ability to measure mass media messages and the responses they trigger became one necessary prerequisite to a much broader social shift, a shift in which modern consumer culture displaced existing social forms… This orientation reduced the extraordinarily complex, inherently communal social process of*

communication to simple models based on the dynamics of transmission of persuasive — and, in the final analysis, coercive — messages…» [Christopher Simpson (1994). "Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960". Oxford University Press]

 # Simpson (1994) – "Filling the blank slate with slogans" [Beta9K].

Cultura de massas empobrece capacidades para pensar e comunicar. A capacidade das pessoas para comunicar, per se, também começou a morrer, com a imposição da cultura de massas. A comunicação é reduzida a modelos simples, que são impostos a padrões comunicacionais e moldam esses padrões a registos para se tornarem progressivamente mais simples, vulgares, até ao ponto no qual a conversa convencional entre duas pessoas se torna um mero repeat consensual de downloads aprendidos. É claro que isso reflecte e influencia os padrões de funcionamento cognitivo que interagem com as capacidades de comunicação.

Slots psicossociais por faixas etárias e sociais – "normatividade". A cultura de massas reflecte-se em slots populacionais previsíveis e estandardizadas (normalmente, três ou quatro subgrupos por faixa etária e/ou social), que se estendem a registos comunicacionais, opiniões, gosto e preferências, estilos de vestuário e assim sucessivamente. Para cada faixa social e etária (i.e. castas psicossociais) existe previsibilidade a todos estes níveis e é a isso que se chama "normatividade".

O ser humano como Beta 9K. O Beta 9K está bem integrado nos betas, subgrupo 9, tem os downloads mentais e comportamentais que são previsíveis sob esses standards?

Duplo feedback: modelos empobrecem comunicação, que empobrece modelos. Depois, este processo de empobrecimento mental e discursivo serve de base para a revisão dos próprios modelos conceptuais, que se tornam cada vez mais lineares e sensacionalizados.

Simpson (1994) – "Engineering of consent for the community" [Lasswell etc].

"US communication studies evolved symbiotically with modern consumer society".

"Going past observation to absorb, suppress rival views of communication, order".

"Social communication involves a balancing of conflicting forces" [dialéctica].

"'Community' can't exist without social order; order defines means of burden sharing".

"Lasswell, Lippmann: elitist social order" [Roundtable]. A auto-intitulada "noblesse oblige" da Roundtable à qual pertenciam.

"Engineering mass consent – ordinary people were too simple and wrong-headed".

«*The mainstream paradigm of communication studies in the United States—its techniques, body of knowledge, institutional structure, and so on—evolved symbiotically with modern consumer society generally, and particularly with media industries and those segments of the economy most dependent on mass markets. Communication research in America has historically proved itself by going beyond simply observing media behavior to finding ways to grease the skids for absorption and suppression of rival visions of communication and social order… Clearly, social communication necessarily involves a balancing of conflicting forces. A "community," after all, cannot exist without some form of social order; or, put another way, order defines the possible means of sharing burdens. Lasswell and Lippmann, however, advocated not just order in an abstract sense, but rather a particular social order in the United States and the world in which forceful elites necessarily ruled in the interests of their vision of the greater good. U.S.-style consumer democracy was simply a relatively benign system for engineering mass consent for the elites' authority; it could be dispensed with when ordinary people reached the "wrong" conclusions… Lasswell and Lippmann favored relatively tolerant, pluralistic societies in which elite rule protected democracies from their own weak-nesses—a modern form of noblesse oblige, so to speak*» [Christopher Simpson (1994). "Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960". Oxford University Press]

CIÊNCIA DIALÉCTICA 2 – Irracionalismo (more of the same).

IRRACIONALISMO – Elementos de base.

“Tudo é subjectivo, relativo, contextual, situacional”.

→ ***Oxímoro óbvio***. “A única verdade objectiva que existe, é a de que não existe verdade objectiva”, uma falácia óbvia.

Perspectivismo – “crenças” e “opiniões”. Centração exclusiva na mente humana. Só existem “crenças” e “opiniões”. Não existe tal coisa como factos, ou verdade.

Nihilismo moral. Arbitrariedade e imaginação dialéctica.

Liberdade e vontade não existem. Somos apenas um agregado de influências ambientais ou genéticas, ou um produto da expressão do inconsciente.

A razão é uma ilusão. O mesmo que no ponto anterior.

→ ***Irracionalismo, anti-intelectualismo, auto-intitulação***. Uma casta de falsos intelectuais [que, note-se, procuram monopolizar o título], obcecados com a ideia de retirar o poder da razão a todos os outros seres humanos.

→ ***Tentativa de tirar poder da razão a todos os outros seres humanos***.

→ ***Oxímoros absolutistas implicam mentes danificadas e hipocrisia***. Só pessoas com mentes danificadas podem aderir a uma filosofia que advoga relativismo moral e subjectivismo, fazendo-o com o mais completo e dogmático absolutismo.

Realidade objectiva não existe – ou quase impossível de compreender [positivismo]. Minar a percepção humana do que é a própria realidade. Talvez seja apenas uma ilusão e, portanto, não vale sequer a pena estudá-la ou procurar compreendê-la. Na melhor das hipóteses, é demasiado difícil de compreender, e tem de ser deixada aos especialistas.

A besta com pés de barro. Isto é uma monstruosidade mas está construída sobre pés de barro [oxímoros], e tem garras de ferro, que esmagam a liberdade humana onde quer que este monstro chegue ao poder.

IRRACIONALISMO – Elementos de base (2) – Sanidade estatística.

Realidade é um projecto de grupo – promovido pelas autoridades. Realidade é um projecto de grupo. Em última análise, é o que é autorizado e difundido pelas autoridades; as crenças certas, apropriadas, politicamente correctas – consensuais.

“Realidade” é contextual e grupal – o indivíduo tem de se submeter.

Divergência da norma objectiva, “realidade”, é um sinal de alienação.

Galileu era alienado, desarmonioso, anti-social. Ou seja, Galileu deveria ter sido frito numa dinâmica de grupo para abandonar as suas ideias divisivas e desarmoniosas.

IRRACIONALISMO – Elementos de base (3) – “Evolução guiada por uma elite”.

“Elite intelectual” ou “elite natural” sabe melhor. A “elite natural”, que é “iluminada”, “superior”, mais “intelectual”, sabe melhor que o homem e a mulher comum como gerir as respectivas vidas destes.

Progresso guiado por “elite” – domesticação dos inferiores. O progresso, ou evolução, da humanidade, deve ser guiado e conduzido, e a “elite” deve submeter e domesticar os inferiores.

IRRACIONALISMO – De loucura subjectivista a totalitarismo – Etapas.

(1) Subjectivo oximorónico – Dissolução da racionalidade. Isto alcança a dissolução da racionalidade e da procura empírica de verdade.

(2) Utilitarismo e imaginação dialéctica. A verdade é aquilo que é útil ou agradável.

(3) Autoritarismo, colectivismo, totalitarismo. A verdade é definida pela autoridade ou pelo grupo. Criação de normas fixas de “inverdade”, temporária e contextual.

IRRACIONALISMO – “A primazia da vontade humana”.

Vontade [willens] como critério de acesso à “verdade”. Ou seja, capricho e arbitrariedade.

Individual [herói] ou colectiva [emancipação]. O homem avançado ou o grupo emancipado decidem, por si mesmos, o que é verdade.

IRRACIONALISMO – Autores – Disseminação de irracionalismo continental.

Anglo-saxónicos. David Hume – Berkeley – William James – John Dewey.

Utilitaristas. Como Jeremy Bentham.

Cientismo e positivismo.

Fichte, hegelianos e marxistas.

Existencialismo – Círculos de Weimar e da Alemanha nazi. A disseminação venenosa de irracionalismo existencialista, espalhado da Alemanha a partir dos círculos de Weimar e da Alemanha nazi, por pessoas como a Escola de Frankfurt, Bertolt Brecht, Hannah Arendt, Karl Jaspers, e do filósofo nazi Martin Heidegger.

Existencialismo – Irracionalismo francófono. A selvajaria e barbarismo de Jean-Paul Sartre, onde não existem limites, ou o equivalente com o ideólogo do genocídio de 3º Mundo, Frantz Fanon; ambos, os seguidores franceses de Heidegger.

Desconstrucionismo e pós-modernismo. Com círculos provocatoriais liderados por gente como Michel Foucault, Jacques Derrida e outros.

IRRACIONALISMO – Romantismo – "O valor da estética".

"A verdade é descoberta pelos sentimentos" – estética. Ou seja, a verdade factual, não-humana, é decretada por emoções subjectivas. Estética é o valor e o critério supremos. Decreta a verdade dos factos e também a verdade moral, ou ética.

"O que me faz sentir bem, é verdadeiro e certo".

Romantismo – Rousseau e feudalismo germânico. Rousseau é o pai do movimento romântico, ou seja, o iniciador de sistemas de pensamento que inferem factos não-humanos a partir de emoções humanas. O movimento romântico deve a sua origem a Rousseau, mas começou por ser primariamente alemão (provindo de ambientes feudais pouco recomendáveis), nos finais do século XVIII.

IRRACIONALISMO – Positivismo e Cientismo.

POSITIVISMO – O credo de Saint-Simon e Comte.

→ Reacção feudal contra liberdade intelectual e científica. Rejeição de racionalidade, liberdade, pluralismo, ciência, tecnologia. Obter filosofia para contrariar "elementos de crise", obter unanimidade ideológica.

→ Ciência devia cumprir apenas propósitos de controlo social. A única coisa que restaria das ciências seria um miserável esqueleto para exercer controlo social.

→ Ciência dialéctica: "Fundir religião, filosofia, belas artes, dogma e ciência". Haveria uma única ciência, resultante da fusão de todas estas áreas, uma ciência natural [de controlo] do homem.

→ Uma casta de cientistas-charlatães-sacerdotes, a "Igreja-Sociedade". Este destroço seria administrado por uma casta de sociólogos que seriam os comissários políticos do regime totalitário.

CIENTISMO – Uma nova versão de positivismo e dialéctica. [Scientism].

→ Nos EUA, Renan e Dewey. Ernest Renan e John Dewey.

→ Renan e Dewey: ciência religiosa dialéctica como "guia de conduta". À semelhança de Comte, Renan defendeu que a ciência é uma religião, e os cientistas são os padres e sacerdotes deste novo credo. Dewey articulou a fundação da nova crença ao dizer que o homem de ciência é o real «*custodian of the sacred deposit... science is a religion, it alone will henceforth make the creeds, for science alone can solve for men the eternal problems*». Queria que a escola inculcasse «*types of religious feeling and thought which are consistent with modern democracy and modern science*». Este seria o único «*guide of conduct*» que seria necessário para o século XX. O tipo de ciência que Renan e Dewey defendiam não era ciência baseada em lógica na descoberta empírica das leis do universo. Pelo contrário, era ciência dialéctica, onde o valor essencial é síntese. Depois, essa síntese podia ser proclamada como "verdade universal" e ser declarada um guia de conduta, um motor social.

→ Dewey reitera crenças em "A Common Faith" (1934). Dewey reiterou estas crenças no seu livro de 1934, "A Common Faith". Os "dogmas" são abolidos, e a verdade moral e ética é descoberta existencialmente pelo indivíduo – ultimamente, pelo grupo e pelas autoridades comunitárias.

COULSON – Cientismo leva a detectores de metais e guardas armados.

«*…another vision was at work in California… It didn't originate in California [veio da boa velha Alemanha] but found fertile ground for development there. It… said the scientist's right is "to assert his personality against outside compulsion"… "scientism"… would be the only "guide of conduct" necessary in twentieth-century public schooling. We have arrived. We have metal detectors and armed security guards at the doors*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

IRRACIONALISMO – Positivismo e Cientismo (2) – Ciências sociais.

A negação totalitária de verdade e vontade.

"Não tens vontade própria – sê assimilado". Décadas de trabalho, em ciências sociais, foram colocados nestes axiomas básicos: "Tu não tens vontade própria, portanto submete-te à nossa vontade – nós sabemos o que é melhor para ti"; "Não existe verdade, e esta é a única verdade que existe".

IRRACIONALISMO – Utilitarismo – Procura de prazer, evitamento de dor.

O fundador do utilitarismo é Jeremy Bentham (1748-1832).

Procura do prazer, evitamento da dor. Existe um único objectivo para a conduta humana: procura do prazer e evitamento da dor. Os seres humanos, para os utilitaristas, são portanto seres bastantes básicos e baixos, que se resumem a estas dimensões.

Um prazer é tão válido como qualquer outro. O utilitarismo não tem lugar a nobreza, que pressupõe uma elevação de instintos e capacidades, de baixo para cima (existem instâncias inferiores e outras superiores). Isto é superior às calculações comuns do que é prazer e dor, e do que significa satisfazer necessidades.

Moral e praxis residem na actuação sobre os dois princípios. A fundação da moralidade utilitária reside em satisfazer preferências e prazeres, e minimizar a frustração dos mesmos. É um pensamento bastante simples e superficial, e consiste em adicionar prazeres e subtrair dores nesta e naquela situação. É assim que se gerem sociedades, e é assim que se controlam seres humanos.

O guia: a "racionalidade humana", guiada por situacionalidade.

Isto leva-nos sempre ao domínio da "vontade geral" versus "vontade da maioria".

IRRACIONALISMO – Arbitrariedade moral.

Situacionalismo moral. Verdade e justiça são incognoscíveis – os preceitos de Kant e dos seus seguidores. Não existem standards permanentes de conduta, ou moralidade. Os princípios apresentados nos Dez Mandamentos ou no Sermão do Monte são transitórios, contextuais, e podem ser mudados a qualquer altura.

"Verdade moral" são as decisões arbitrárias inventadas pela oligarquia. O substituto para verdade é aquilo que consideram, colectivamente, ser mais conveniente para o seu próprio propósito. Justiça são as decisões arbitrárias de tradições legais inventadas por advogados e juristas do seu próprio clube.

Pragmatismo – Código moral de um bando de guerreiros de avanço rápido. [a fast moving warrior people] A liderança reserva-se o direito de mentir, enganar, trair, e fazer o que quer que seja para vencer e subjugar os seus oponentes.

Utilitarismo e pragmatismo – Os fins justificam os meios.

Formuladores notórios – Kant, Hobbes, Bentham, Nietzsche, Heidegger. Immanuel Kant, Thomas Hobbes, John Locke, Bernard Mandeville, Adam Smith e Jeremy Bentham, Nietzsche, Heidegger.

IRRACIONALISMO – Imperialismo e escravatura.

Ex. – SARPI e LOCKE. Serve a Confederação como o filósofo da escravatura.

Bonapartismo, Confederação, Fascismo. O mesma mentalidade dos seguidores de Paolo Sarpi – Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke – tipifica aquela mentalidade anglófila que serve de fundação para o crescimento das tradições do Bonapartismo, da Confederação, e do Fascismo europeu.

Modelo imperial – Confederação – Escravatura afro-americana. O velho modelo imperial é o modelo desavergonhadamente professado pelos defensores da Confederação e do seu sistema de escravatura Afro-Americana.

→ ***"Escravatura instituição civilizadora, contra industrialismo Yankee"***. Estes degenerados morais, apologistas da Confederação, insistem que a escravatura foi uma instituição civilizadora e culta, melhor que os industrialistas Yankee.

CIÊNCIA DIALÉCTICA – Prússia – Lukàcs – Khun – Marcuse – Brown.

PRÚSSIA – Gaia ciência – Sensualidade e consenso. O verdadeiro cientista é aquele que explora o meio com sensualidade, impondo a sua própria imaginação à realidade. Como Eros é sempre um trabalho colectivo, a verdadeira ciência é feita em consenso – a verdade é uma descoberta de grupo.

Tem de avançar agenda sócio-política. O único critério presente é a validação dos caprichos da classe governante.

Tem de desafiar a lógica e o mundo real.

LUKÀCS – Factos são opiniões – Negação da contradição – Ciência dialéctica.

Método dialéctico visa alterar visão da realidade – realidade assente em leis.

«*…when the dialectical method destroys the fiction of the immortality of the categories it also destroys their reified character and clears the way to a knowledge of reality… for the dialectical method the central problem is* ***to change reality****… reality with its ‘obedience to laws’…*» Georg Lukács (March 1919). "What is Orthodox Marxism?". In History & Class Consciousness (1919-1923).

Lukács nega a existência de verdade, tratando-a como uma opinião.

Ciência **burguesa** tem de ser substituída por ciência dialéctica.

"Verdade científica é contextual e utilitária".

«*The historical character of the 'facts' which science seems to have grasped with such 'purity' makes itself felt in an even more devastating manner. As the products of historical evolution they are involved in continuous change. But in addition they are also* ***precisely in their objective structure the products of a definite historical epoch, namely capitalism****. Thus when 'science' maintains that the manner in which data immediately present themselves is an adequate foundation of scientific conceptualisation and that the actual form of these data is the appropriate starting-point for the formation of scientific concepts, it thereby takes its stand simply and dogmatically on the basis of capitalist society. It uncritically accepts the nature of the object as it is given and the laws of that society as the unalterable foundation of 'science'. In order to progress from these 'facts' to facts in the true meaning of the word it is necessary to perceive their historical conditioning as such and to abandon the point of view that would see them as immediately given: they must themselves be subjected to a historical and dialectical examination*» Georg Lukács (March 1919). "What is Orthodox Marxism?". In History & Class Consciousness (1919-1923).

LUKÀCS – Marxismo tem pés de barro – a reificação do grupo.

A candura habitual: Marxismo depende da reificação do grupo. «*The whole system of Marxism stands and falls with the principle that revolution is the product of a point of view in which the category of totality [pensamento de grupo, consenso] is dominant*» Georg Lukács (January 1923). "***The Marxism of Rosa Luxemburg***". In History & Class Consciousness (1919-1923).

KUHN – Vender paradigmas.

Urge aplicação do seu subjectivismo social a ciências físicas. Não se limitou a tentar descrever "o modo como as coisas são": urgiu a aplicação da sua teoria aos campos de astronomia, física, química, biologia.

Para um paradigma triunfar, precisa de ter uma falange fiel.

Produzir e multiplicar argumentos *persuasivos*, e introduzir incentivos.

Começa a haver um "shift" de alianças profissionais.

O homem que persiste e resiste deixa, eventualmente, de ser um vero cientista.

«*…if a paradigm is ever to triumph it must gain some first supporters, men who will develop it to the point where hardheaded arguments can be produced and multiplied… Because scientists are reasonable men, one or another argument will ultimately persuade many of them. But there is no single argument that can or should persuade them all. Rather than a single group conversion, what occurs is an increasing shift in the distribution of professional allegiances. At the start a new candidate for paradigm may have few supporters, and on occasions the supporters' motives may be suspect. Nevertheless, if they are competent, they will improve it, explore its possibilities, and show what it would be like to belong to the community guided by it… the man who continues to resist after his whole profession has been converted has ipso facto ceased to be a scientist*» Thomas S. Kuhn (1996). *The Structure of Scientific Revolutions. Chicago:* University of Chicago Press.

MARCUSE – Irracionalismo científico [reconciliação estética].

Reconciliação estética alia sensualidade e razão, e liberta-as do princípio da realidade.

Eventualmente, ofusca e dissipa a própria razão.

«*The philosophical effort to mediate, in the aesthetic dimension, between sensuousness and reason thus appears as an attempt to reconcile the two spheres of the human*

existence which were torn asunder by a repressive reality principle… the aesthetic reconciliation implies strengthening sensuousness as against the tyranny of reason, and, ultimately, even calls for the liberation of sensuousness from the repressive domination of reason…» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

NORMAN O. BROWN – Imaginação dialéctica – Irracionalismo.

Lógica formal e a lei da contradição são condições de repressão.

Exaltação filosófica da vida da razão é neurose.

«*We may… entertain the hypothesis that formal logic and the law of contradiction are the rules whereby the mind submits to operate under general conditions of repression… philosophic exaltation of the life of reason… neurotic*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Emoções, o único conteúdo válido na vida psíquica (Brown). «*The only valuable things in psychic life are, rather, the emotions. All psychic forces are significant only through their aptitude to arouse emotions. Ideas are repressed only because they are bound up with releases of emotions…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Irracionalismo – O Id não tolera negação lógica, é dialéctico (Brown).

No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia. «*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*»

O Id não tolera negação e é dialéctico, impondo fantasia à realidade. «*…the pattern of history exhibits a dialectic not hitherto recognized by historians, the dialectic of neurosis. A reinterpretation of human history is not an appendage to psychoanalysis but an integral part of it… By 'dialectical' I mean an activity of consciousness struggling to subvert the limitations imposed by the formal-logical law of contradiction… The key to the nature of dialectical thinking may lie in psychoanalysis, more specifically in Freud's psychoanalysis of negation. There is first the theorem that "there is nothing in the id which can be compared to negation," and that the law of contradiction does not hold in the id. Similarly, "The word 'No' does not seem to exist for a dream… [Dream states]… show a special tendency to reduce two opposites to a unity"; "Anything in a dream may mean its opposite." We must therefore entertain the hypothesis that there is an important connection between being "dialectical" and dreaming*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Consenso e dialéctica [notas dispersas]

A dinâmica geral da sociedade consensual é o mínimo denominador comum.

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza mediocridade.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

Um patamar comum, self colectivo, prescreve normas de ser e comportar-se.

Ambientes consensuais são sempre o mesmo, da tribo urbana à clique oligárquica.

Convergência num mínimo denominador comum implica dissolução.

Ajustamento dialéctico / a formação de self colectivo / conformidade prescritiva.

A identidade consensual prescreve um código de "serás".

"Serás" exige despersonalização, dissolução no colectivo – colectivização mental.

Imaginação dialéctica (1): egoísmo de grupo, epistemológico e moral.

Imaginação dialéctica (2).

O peso para o sujeito: sufoco, despersonalização, problemas psicológicos.

Culture victims atam-se mutuamente entre si e ao chão / a galera romana.

O grupo consensual é um ingroup identitário.

Ambientes consensuais são intolerantes.

A dinâmica do consenso dialéctico: aprender a mentir em nome de ego.

A dinâmica do consenso dialéctico: going along to get along.

Pragmatismo moral: o caminho é sempre para baixo.

A redução ao Mínimo Denominador Comum / a dinâmica das hienas.

Estagnação intelectual, cinzentismo, monotonia.

Estagnação intelectual / o sufoco do espírito humano / Gulliver e Lilliput.

O predomínio de falsidade interpessoal, calculismo, uso mútuo.

Psicodinâmica sado-masoquística, dialéctica mestre/escravo [zombie invasion].

“Virtude” – Mythos narcísico.

“Virtude” – “encontrar beleza em espaços mortos”.

“Virtude” – A cristalização num código moral plenamente invertido.

“Virtude” – A tentativa de purgar individualidade.

“Virtude” – A normalização de falta de carácter.

“Virtude” – Forma vs substância.

“Virtude” – As duas faces de Alex De Large.

“Comportamento moral” [bee hive or], por oposição a <u>“acção moral”</u>.

Conformidade consensual implica que existe policiamento mútuo, repressão.

A nova Mãe, o novo Pai e a grande família disfuncional [JUNG].

A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

<u>**Oligarquia OU os lowlifes são os highlifers**</u>.

Aqui, os lowlifes são os highlifers – A Oligarquia.

Sob oligarquia, existe sempre uma política geral de obscurantismo.

O “nós” oligárquico odeia e ama o indivíduo.

<u>**Consenso em decision-making**</u>.

O *real* método de consenso.

“O novo consenso”: impor corporate change por engenharia psicossocial.

<u>**Engenharia psicossocial, consensus building, T-group**</u>.

Educação / consensualização para mundo desumanizado.

Educação pós-moderna rotina crianças sob modelo Hitlerjügend / Brigadas Vermelhas.

A ideia demagógica de “harmonia” e “entendimento” por consenso.

Consensualidade não traz “paz mundial”, mas sim guerra mundial.

"Consensus building": Técnicas militarizadas para despersonalização.

"Consensus building": Arma de military intelligence, hoje a desfazer sociedade.

<u>A sociedade enovelada, atada, amarrada – enforcada</u>.

A plantação é a comuna e será a comunidade sustentável Agenda 21.

Destruição cultural para a imposição da comuna, o e.g. da China.

O "homem-besta", a criatura existencialista para trabalho forçado na comuna.

Sociedade dialéctica: corrida para o fundo – despotismo totalitário.

Sociedade dialéctica: <u>destruída e destrutiva</u>, como os sujeitos que a habitam.

A sociedade enovelada: inversão radical de valores para Fascismo Corporativo.

A sociedade presa em nós, laços e novelos.

Comunitarismo é sempre consensual e só pode ir para um lado.

<u>De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash"</u>

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash".

<u>Comunicação dialéctica, integrativa, consensual</u>.

Comunicação dialéctica: Jogos de ego, orgulho e preconceito, violência relacional.

Comunicação dialéctica: Princípio de realidade vs. mimo, capricho, pretensão.

Comunicação dialéctica – O T-group e a sociedade a tornar-se num cuckoo's nest.

A história de Raquel (1): Firmeza de posição vs. dissolução em nome de egos.

A história de Raquel (2): As office yuppie hyenas tentam fritar Raquel.

A história de Raquel (3): HR management decide fritar Raquel.

<u>Dialéctica</u>.

Intolerância à contradição, um ponto de falha essencial na dialéctica.

O processo dialéctico surge como um anjo de luz, para retalhar as vítimas.

Estupidez auto-induzida, doublethink, teatro cognitivo

O teste da estupidez auto-induzida, por aceitação plácida de absurdos.

Estupidez auto-induzida, por imaginação dialéctica, calculismo sócio/emocional.

Teatro cognitivo.

Doublethink, mais complexo que teatro cognitivo.

Honestidade e desonestidade.

Honestidade e desonestidade / As trevas são apenas a ausência de luz.

Honestidade e desonestidade / Despotismo, a vitória de desonestidade e falsidade.

A dinâmica geral da sociedade consensual é o mínimo denominador comum

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso = "agora acreditamos no mesmo – é 'entendimento'".

Molde relacional típico sob autoritarismo. Consenso* é a "arte" pela qual duas ou mais pessoas aprendem a fazer going along to get along – conformismo social. É o molde relacional para o qual as pessoas são tipicamente "educadas" sob sistemas autoritários, visto que visa congelar as relações humanas numa mentalidade de conformismo e going along to get along. É o molde relacional que está a ser intensamente promovido nos dias de hoje. Cada criança que vai à escola é formatada para pensar, agir e se relacionar desta forma.

* [*na verdade, isto deve ser chamado de consenso dialéctico ou integrativo, uma distorção de real consenso; ver notas **Consenso e Dialéctica***].

Tese (**A**) e antítese (**B**) "resolvidos" por síntese (compromisso) (**C**). A ideia, sob consenso, é a conciliação numa posição comum partilhada, num patamar de entendimento comum, onde

acreditamos no mesmo. Isto acontece por meio de dialéctica relacional. Se eu tenho a posição **A** (tese), e tu tens a posição **B** (antítese), o que temos de fazer, sob consenso, é ser *flexíveis, adaptáveis, ajustáveis*, e seguir para *abdicar* das nossas posições **A** e **B** e assentar num *meio-termo*, num compromisso **C** (síntese).

E.g. **A** (roubar é errado) + **B** (roubar não é errado per se) = **C** (roubar é bom se for em contexto X).

A dissolve posição (going along to get along), i.e. torna-se **dissoluta**. Aqui, **A** e **B** podem ser muitas coisas diferentes. Podem ser princípios de acção moral. Podem ser princípios intelectuais. Podem ser modos de comportar-se, modos de falar, modos de sentir. Sob a dialéctica, é esperado que as pessoas *abdiquem* daquilo em que acreditam, daquilo que as define, em nome de *conciliação* num mínimo denominador comum relacional – **C**. Aqui, é preciso compreender que **C** é definido apenas e somente por ser o literal *meio-termo* entre **A** e **B**, uma espécie de área híbrida, definida por uma mistura de elementos de **A** e de elementos de **B**. Se tu dizes que roubar é errado e eu digo que roubar não é um acto intrinsecamente errado, então encontramos **C** em algo como roubar é adequado se for nesta ou naquela situação. Agora temos *consenso* – agora acreditamos no mesmo. *Dissolvemos* posição em nome de entendimento numa área cinzenta comum, num shallow state; tornamo-nos *dissolutos* (tu infinitamente mais que eu). Going along to get along.

E.g. **A** abdica de verdade factual, adopta **C** (**mentira** consciente) para se "dar bem" com **B**.

E.g. **A** não o faz, e **B** rotula-a de "orgulhosa", "intolerante", "extrema", "rígida". Se tu dizes que o governo Nazi pegou fogo ao Reichstag para poder estabelecer um estado policial a seguir, e eu argumento que não, o fogo foi apenas um acidente porque nenhum governo faria um ataque auto-infligido para justificar opressão; então é de bom tom que concedas que talvez tenha sido um acidente, que depois, por este ou aquele fenómeno, resulta nas leis que levam ao estado policial. O facto é que tinhas toda a razão, tinhas a verdade factual histórica do teu lado, mas *dissolveste*, *diluíste* a tua posição para me agradar. Se me disseres, uma vez mais com razão factual, que a Grande Recessão global de 2008 em diante foi causada pela alta finança, e eu ficar indignado contigo e te disser que não, a banca é uma instituição respeitável e competente, e a crise é toda um grande acidente, precipitado por más decisões nas finanças, e por haver muitas pessoas a receber da Segurança Social; então é de bom tom que *não sejas extrema* e encontres um meio-termo comigo em dizer que sim, foi um mishap, foi um acidente com muitas culpas partilhadas, vamos trabalhar todos juntos para encontrar formas de cortar drasticamente welfare a toda aquela gente que foi tornada dependente disso para sobreviver. Se, porém, te fixares na tua posição, porque sabes que tens a verdade do teu lado (e tens), isso significa que estás a ser *orgulhosa*, *extrema*, *não dialogante*, talvez até *intolerante*. Será que és racista?

E.g. se **A** já fizer a vontade a **B**, já está tudo bem, há consenso, "acreditamos no mesmo". Porém, se *dissolveste* posição para te dares bem comigo na relação, isso significa que te tornaste *dissoluta*, e até mentirosa, porque sabes que estás a retorcer aquilo que sabes ser verdadeiro em nome de "entendimento" com um qualquer personagem. E agora sim temos consenso – i.e. acreditamos no mesmo.

Mentalidade dialéctica é nihilista / verdade independente é irrelevante / só "verdade social" conta.

Power ideology / quem define o consenso social são sempre os creeps at the top. A mentalidade dialéctica é nihilista, e não contempla a importância ou relevância de quaisquer critérios independentes de verdade e de validade. Toda a "verdade" é situacional e contextual, arbitrariamente definida no social, pela determinação de meios-termos. Por outras palavras, é irrelevante o que *é* verdadeiro, o que conta é aquilo que tu e eu podemos declarar como tal. Tu abdicas de verdade em nome de dissolução na minha falta de carácter moral (o ex. do roubar) e do meu irracionalismo (restantes exemplos) e encontramo-nos numa área cinzenta, estagnativa, de dissolução moral e intelectual. É consenso!, agora acreditamos no mesmo. É união!, é harmonia!, é entendimento [e tudo isto é power ideology, já que quem define o consenso social são sempre os creeps at the top].

Consenso dialéctico (ego, orgulho) vs. **Consenso legítimo** (honestidade, descentração).

"Entendimento" é um misnomer / ego e orgulho são o que está em causa.

"Diluir posição em nome de relação", onde relação significa **ego**, orgulho.

Mente desonesta vê conversa como "batalha de ego" / perder ou vencer / ter validação, feelgood.

Compromisso é **empate** (solução "justa").

Real feelgood só existe em relações humanas honestas e equitativas. Entendimento é sempre um termo enganador e mal atribuído, um misnomer. O que está em causa é ego, e orgulho. Duas pessoas que sejam intelectualmente honestas, descentradas e humildes vão tentar perceber, por meio de lógica e racionalidade, qual é a posição que está *factualmente* correcta, se **A** ou **B**, e até podem descobrir que é um **D**; não conseguindo chegar a uma concordância, podem concordar em discordar e continuar amigas – **isto**, em qualquer um dos cenários, é uma forma válida e legítima de consenso. *Mas não é consenso dialéctico, ou integrativo*. Essa forma de consenso só pode existir perante um funcionamento humano que seja arbitrário, injusto e intelectualmente desonesto. Quando as pessoas assim são, vão tender a encarar os debates e as discussões como lutas, como batalhas de ego, onde se ganha ou se perde. Tudo o que interessa é *ganhar* ou, falhando isso *empatar*. *Aqui, empate é a situação mais "justa"* (e é isso que o consenso dialéctico institucionaliza), porque valida os "sentimentos" de ambas as partes – o seu orgulho egóico. Ambas se sentem "validadas". Existe "feelgood"; uma forma muito especiosa de macilência relacional. Real feelgood só existe em relações que funcionam numa base de honestidade e descentramento.

E.g. dissolução moral em questões de tortura, shock and awe, etc.

Encontramos meio-termo dissoluto de validação mútua.

Ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro. Por ex. tu dizes "torturar é invariavelmente mau", ao que eu respondo "torturar é positivo e justificado nos dias que correm". A conversa decorre e não chegamos a um acordo. Aqui, poderemos ser acusados de ser "pouco dialogantes", "rígidos", "inflexíveis", mas tu mais que eu, uma vez que estás a fazer uma afirmação moral absoluta ("torturar é invariavelmente mau"). A forma de resolver isto, por regras consensuais, é chegar a um meio-termo onde torturar é mau, mas pode justificar-se nesta e naquela ocasião. Depois podíamos avançar daí para actos como executar prisioneiros de guerra, roubar territórios e

recursos, bombardear aldeões inocentes, e assim sucessivamente. Para todas estas situações, encontraríamos um meio-termo confortável que nos faria sentir validados e *cozy* no ambiente relacional; ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro.

Going along to get along / ser **maria-vai-com-as-outras** / isto torna-se compulsivo. É claro que tu terias diluído a tua posição (justa e moralmente verdadeira) com a minha degeneração moral ("pragmatismo moral"), e tê-lo-ias feito em nome de going along to get along. Serias uma maria-vai-com-as-outras, e tudo para me agradar, a mim que seria um pobre degenerado. Ao diluir, ao dissolver a tua posição para obter entendimento comigo (!), terias dado a tua aquiescência a actos criminosos e sociopáticos – ter-te-ias tornado uma pessoa *dissoluta*. É isto que é feito a todo o público, hoje com capacidade industrial, a crianças pequenas, adolescentes, adultos, idosos. Todos têm de demonstrar "flexibilidade moral", "pragmatismo moral", degeneração moral!, sob pena de serem considerados "antisociais", "desajustados", "inflexíveis". Como na China comunista e na URSS ou, sob rótulos diferentes, na Alemanha Nazi.

E.g. o jogo de ancas sobre **Maoísmo** e genocídio / dissolução psicopolítica.

Aqui, pessoa abdica de cabeça (honestidade intelectual, verdade histórica) em nome de relação.

Dissolução implica que a pessoa **aprende a mentir**.

Fá-lo para agradar a um poor manipulative sap. Continuando com a conversa hipotética. Após o triste compromisso sobre tortura, shock and awe e tudo o resto, é possível que eu te começasse a falar das glórias ambrosianas do Maoísmo. Tu ficarias atónita e observarias, com razão, que comunismo é um regime de crime organizado que, entre muitas outras coisas, matou 80M de pessoas entre a ascensão de Mao e o fim da revolução cultural. Eu ficaria extremamente indignado contigo, e alegaria que toda a ideia de genocídio é propaganda, é tudo mentira!, já que socialismo é o mais avançado e o mais humano de todos os sistemas. Aqui, estaria apenas a fazer o papel recorrente em lemmings ideológicos; a pessoa nega os mais concretos e objectivos dos factos, em nome da sua religião, do seu dogma emocional e psicopolítico. A conversa perduraria ao longo das mesmas linhas e ficaríamos "presos" na situação. Mas já aprendemos como sair deste sítio não é? Vamos lá fazer o jogo de ancas, vamos ser flexíveis, vamos validar-nos mutuamente. Improvisemos para obter um patamar comum confortável, feelgood, eu estou titilado tu estás titilada, sentimo-nos bem, está tudo óptimo. Eu abdico *um pouquinho* da minha posição e digo que sim, Mao nem sempre agiu bem, mas foi tudo com boas intenções, na verdade foi por amor, foi para chegar à Utopia. Tu também fazes cedências, assumes que estás a ser mais ou menos "radical", mais ou menos "extrema" (!), e que sim, ok, não foi bom, mas até foi por motivos nobres, e quem sabe, talvez até nem tenham morrido tantas pessoas, por ser que seja só exagero... Chegamos a um meio-termo confortável onde os Maoístas já não são bestas monstruosas, mas sim pessoas interessadas em avanço civilizacional, embora sejam algo trapalhonas, até ingénuas, no modo de lá chegar! Mais que isso, existe aqui uma outra ideia, mesmo que nenhum de nós a declare, e essa é a de que os fins justificam os meios – e que os meios podem ser atrozes.

Talvez não o percebas, mas tornaste-te muito dissoluta nesta conversa. Para obter feelgood na relação, e agradar-me, abdicaste de princípios de honestidade intelectual e de factualidade histórica. Abdicaste de parte da tua cabeça em nome do espaço relacional, em nome de going along to get

along, e entregaste-a às mãos do meu nonsense sofístico. É muito provável que saias da conversa a acreditar no nonsense do compromisso; no mínimo, já não terás os mesmos arrepios na espinha quando ouvires falar de Mao Tse Tung. Eu, de duas uma. Se acreditava realmente no tipo de parvoíce que estava a defender, também me tornei dissoluto, embora seja dissolução em dissolução, de uma forma de desonestidade intelectual para outra (chapinhar no charco estagnado). Mas o mais provável (dado o meu perfil espécifico) é que eu já fosse inteiramente dissoluto e apenas tivesse usado isto como uma forma de fazer o one step back, two steps forward; faço uma cedência aparente para te pré-converter ao meu dogma. Vivo obcecado com sociedades científicas, ditaduras managerial, revolução cultural, purgas existencialistas dos pais, etc., e quero ensinar-te a apreciar toda a beleza do campo de concentração.

Quando nos tornámos dissolutos, tornámo-nos objectivamente *mentirosos*, em nome de feelgood (com toda a probabilidade, eu já o seria, mas induzi-te a fazer o mesmo). E é claro que o facto – a verdade histórica – é mesmo o que disseste, o comunismo é um regime de crime organizado que assassinou 80M na China no espaço de uma mera geração.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza mediocridade.

Ambiente consensual é um no qual dinâmica do consenso é hegemónica.

Transversal a todos os domínios da vivência e da relação humana. Um ambiente consensual é um no qual essa forma de funcionamento (atrás descrita) se tornou hegemónica, i.e. transversal a todos os domínios da relação e da vivência humana. Aqui podemos estar a falar de qualquer tipo de ambiente humano: grupos, escolas, locais de trabalho, até uma sociedade inteira.

Consensualidade é a redução a um mínimo denominador comum.

A formação de um self colectivo / código normativo e prescritivo de "serás".

"Pensarás", "sentirás", "farás", "dirás". Tudo isto despoleta uma dinâmica sistémica de encontro em meio-termos; uma grande dinâmica de dissolução colectiva na direcção de uma homeostase em comunalidades. Disto surge uma forma de mínimo denominador comum (**MDC**), e este MDC tende a ser todo-o-terreno, para abarcar o modo como as pessoas *são* (e.g. o que pensam, os seus valores morais, o que sentem) e o modo como *se comportam* (e.g. o que fazem, como fazem, o que dizem). Daqui é gerado um código colectivo de *ser* de *se comportar* (um código de **"serás"**). Sob osmose social e pressão de pares, não demora muito até que este código de torne normativo e, com efeito, prescritivo. É esperado que as pessoas o interiorizem e a ele *se moldem*; ou a ele *sejam moldadas*, sob o martelar da pressão social. É uma forma de self colectivo, uma identidade sintética de criação social, à qual é esperado que o indivíduo se ajuste. Conformidade social. O ambiente humano passa a ser definido por este patamar comum, onde "todos estamos em harmonia", "em entendimento", onde todos abdicámos daquilo em que acreditamos e daquilo que somos em nome de ajustamento social, onde nos tornámos dissolutos.

Ambientes consensuais: conformismo / repressão de inovação e de individualidade.

Dissolução de standards de acção moral e de princípios epistemológicos.

Estado de dissolução partilhada em todos os domínios de vivência, relação / **"serás"**.

Patamar de **mediocridade** socialmente partilhada / transmitida por **pressão e osmose social**. Todos os ambientes consensuais são ambientes definidos por norma colectiva; como tal, são naturalmente dominados por conformismo e por graus variáveis de repressão de inovação e de individualidade. Mas, mais que isso, são dominados por uma dinâmica de encontro e homeostase relativa num *mínimo denominador comum* societalmente partilhado. Houve *dissolução*. Princípios intelectuais (epistemológicos) e standards de acção moral foram descartados para permitir ajustamento mútuo entre múltiplas pessoas. As pessoas foram tornadas gradualmente *dissolutas*, até ao encontro no novo código normativo de *ser* e *comportar-se* (identidade colectiva num **"serás"**, de carácter prescritivo), que "regula" o que as pessoas pensam, sentem, como se comportam, como falam – etc. Um *estado de dissolução partilhada*, transmitido e "imposto" (às vezes isto é literal) por pressão de pares e osmose social. Dissolução a um mínimo denominador comum significa encontro num (*não há outro modo de colocar a questão*) patamar de mediocridade socialmente partilhada. E, mais que socialmente partilhada, normativizada no novo código social.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

A redução ao MDC gera mediocridade, degradação, estagnação a toda a linha.

Consensualidade, uma prisão mental socialmente imposta. E, sem dúvida, é isso que vai sempre definir os ambientes consensuais que, quanto mais consolidados forem, tanto mais *medíocres* serão. Este é o standard comum ao longo de toda a história. As pessoas tornam-se mediocrizadas e depois puxam-se umas às outras para *baixo*, por pressão e osmose social. Conformidade leva a repressão de criatividade, de inovação, e de individualidade. Empobrecimento mental torna-se a norma. A vida intelectual e criativa estagna; não existe espaço para pensamento independente e para novas ideias e soluções fora do espectro restritivo do consenso. O processo de dissolução moral sistémica leva à generalização de corrupção moral e à normalização de falta de carácter. Ser falso torna-se uma questão de adaptação e de boa etiqueta social. Com falsidade vem cinismo, oportunismo, hipocrisia; a purulência das emoções baixas e dos maus sentimentos. As pessoas tornam-se cobardes, mesquinhas, jocosas. Desnutrida, sem alimento, a confiança interpessoal tende a morrer, à medida que as relações humanas se tornam falsas, frias, utilitárias.

É isto que é consensualidade; uma prisão mental colectivamente imposta. Tudo o que fica é uma essência mirrada de falta de carácter, pequenez mental, estagnação e mediocridade a toda a linha.

Falta de carácter é depois racionalizada e até glorificada, como virtude.

Carácter é atacado, vilificado. Depois, essa sociedade vai inventar os mais variados mitos e pretensas para justificar, racionalizar e exaltar a falta de carácter. As sociedades consensuais cristalizadas vão transformar a falta de carácter em virtude! E.g. desonestidade passa a ser "esperteza", oportunismo torna-se sentido de oportunidade. Cobardia, mesquinhez e ausência de carácter tornam-se inteligência social e "pragmatismo", "flexibilidade". A pessoa notoriamente

falsa torna-se “sociável”, até “simpática” e, com efeito, falsidade e desonestidade tornam-se a norma social; traços socialmente adaptados e desejáveis. Em contrapartida, a real virtude tende a ser atacada e desacreditada. Em ambientes consensuais cristalizados, a pessoa corajosa é “atrevida”. A pessoa honesta é “inconveniente”, “ingénua”, “papalva”. Inteligência é sinónimo de “orgulho intelectual” e fortitude de carácter equivale a “arrogância”. A pessoa justa é “julgamental”, a pessoa verdadeira é “execrável”, “insuportável”, “inflexível”. E é assim que se tornam inimigos dos bons.

Outra linha de raciocínio é possível.

Aquilo que todos temos **realmente em comum** não é o lado melhor / são os maus sentimentos.

É mediocridade moral, intelectual, comportamental.

População: pessoas muito boas / maioria, no meio-termo / outras que são bad news.

Espaço consensual definido no meio-termo, mas puxado continuamente para baixo. Também podemos chegar ao anterior por outra linha de raciocínio. Consensualização é estabelecida pela convergência naquilo que todos temos em comum, aquilo que nos une a todos.

Aquilo que todos os seres humanos têm em comum não são os bons atributos (que custam a manter e a desenvolver). São os maus predicados. Aquilo que todos temos em comum não é a nossa coragem ou o nosso espírito de auto-sacrifício; é egoísmo e capricho. É facilitismo. É medo. É insegurança. É auto-interesse, oportunismo, e é também agressão.

Este, o lado mais “comum” da natureza humana, e é esse o lado que vai definir os ambientes consensuais, produtos de uma redução a toda a linha ao mínimo denominador comum.

Atributos como sabedoria, auto-sacrifício e coragem podem ser complicados de manter e de desenvolver de uma forma consistente ao longo do tempo. Ser bondoso e honesto nem sempre vai ser recompensado; com muita frequência, vai ser punido e desencorajado. Alimentar o mais completo respeito pelo próximo e um forte sentido humanitário implica um grau de exerção e de auto-sacrifício que nem toda a gente está disponível para adoptar. Ser uma boa pessoa implica acção, e acção implica trabalho, esforço, auto-dedicação e espírito de sacrifício.

Se as pessoas boas funcionarem como tese, vão encontrar a sua antítese nas pessoas más; uma parte significativa de qualquer população humana. Aqui estamos ao nível de pessoas nihilistas, desarranjadas, esgroviadas, sociopatas, psiquiatras, psicopatas, facilitadores, financeiros de topo, marxistas culturais, executivos neoliberais, e assim sucessivamente.

Depois, existe a larga maioria da população, sempre à volta de uns 80%, composta por pessoas que estão no meio-termo. São pessoas que tendem a ser simpáticas e correctas, boas pessoas, que tentam fazer o melhor por si e pelos seus, mas estão demasiado envoltas na espuma dos dias, a tentar passar por entre as gotas da chuva; portanto, tendem a levar tudo aquilo que esteja para além das suas esferas pessoais imediatas com um qb de apatia.

Esta maioria populacional no meio-termo tende a definir o espaço do consenso, mas o standard é continuamente puxado para baixo pelos chanfrados, que trazem a fluidez e o lucro aparente dos

maus instintos. É bastante mais fácil, e aparentemente mais rentável (*aparentemente*) ser ignorante, desonesto, dissoluto.

Um patamar comum, self colectivo, prescreve normas de ser e comportar-se.

Consenso implica o encontro de todos num patamar comum. O estabelecimento de um consenso consiste no encontrar de pontos comuns, de uma forma de mínimo denominador comum entre todos os participantes. Atinge-se consenso quando se encontra um patamar comum no qual todos os participantes estejam, de alguma forma, incluídos.

Ambientes consensuais definem relações humanas por consenso – ser e comportamento.

A pessoal consensual, o role model de consensualidade. Um ambiente consensual é um ambiente social onde as relações humanas são definidas pelo estabelecimento de consenso, para todas as suas dimensões da vivência humana; o que se *é* e como se *age*. O *ser* e o *comportamento*. Num ambiente consensual, existe sempre uma forma normativa (seja ela formal ou informal), consensual, de *ser* e de *se comportar*. Aí, existe a *pessoa consensual*, o role model de normatividade. A pessoa consensual *comporta-se* de forma socialmente *ajustada*. Tem as emoções *certas* nas alturas *apropriadas*. Tem ideias *aceitáveis*. O mesmo acontece para o que diz, e para como o diz. A pessoa consensual é a pessoa socialmente ajustada, adaptada, encaixada na norma social. É a pessoa que interioriza essa norma predefinida e não se desvia dela.

Norma consensual expressa um código de conformidade social.

Esse código é prescritivo, integrativo e despersonalizante ("nós").

Dissolução do self numa nova identidade colectiva. A norma consensual expressa o patamar comum do consenso social, mas também um *código de conformidade social*. É prescritiva, definindo aquilo que é ou não aceitável. Também é *integrativa*, uma vez que visa obter a integração de *todos* no mesmo patamar comum de ajustamento e de conformidade social. É despersonalizante, uma vez que alcança a dissolução do *self* num novo *self* sintético, uma identidade de natureza colectiva. Sob esse novo self, o "eu" é crescentemente substituído por "nós", aquilo que "eu sou" e que "eu faço" é determinado pelo novo superego, a vontade do "nós", "a opinião do grupo", o consenso social. Como existe dissolução do *self* individual no colectivo, a pessoa torna-se tecnicamente dissoluta.

Ambientes consensuais são sempre o mesmo, da tribo urbana à clique oligárquica.
É irrelevante se o contexto consensual em causa é a tribo urbana "radical" ou o ambiente de trabalho desesperadamente monocórdico. Também pode ser a escola século 21, um espaço de monotonia, policiamento e abatimento do espírito humano desde a

infância (o tipo de estrago que é causado por UNESCO, educadores new age, parcerias público/privadas). Também pode ser o millieu de classe governante oligárquica, onde todos se policiam uns aos outros para assegurar que ninguém sai da linha; ou ainda o bairro comunitário, onde todos são pressionados à uniformidade. Todos são ambientes consensuais e todos são caracterizados pelo mesmo conjunto de normas de funcionamento social.

Convergência num mínimo denominador comum implica dissolução.

Dissolução moral, intelectual, emocional, discursiva, comportamental.

A pessoa torna-se **dissoluta**, descaracterizada, seguidista, banal. Sob consensualidade, os sujeitos são induzidos a convergir num mínimo denominador comum, um estado de homeostase humana que define o que *são* e *como se comportam*. Aí, o que se está a dizer é que o indivíduo humano tem de diluir a sua identidade no grupo. Tem de a *dissolver*, *diluir*, no moral, no intelectual, no emocional; no discursivo, no comportamental. Diluir a identidade pessoal significa que a pessoa tem, muito proverbialmente, de se tornar *dissoluta*, a todos os níveis apontados. *Dissolução* moral, intelectual, emocional. Seguidismo discursivo. Banalidade comportamental.

Ajustamento dialéctico / a formação de self colectivo / conformidade prescritiva.

Ambiente consensual, definido por ajustamento dialéctico num patamar comum.

Para tudo, um meio termo socialmente aceitável, redução a um denominador comum. Um ambiente (grupo, sociedade) consensual é um onde a forma de funcionamento atrás descrita, dialéctica, se tornou hegemónica. A dinâmica de encontro e de estabilização à volta de pontos comuns torna-se sistémica. É esperado que todos o façam, para todos os domínios da vida. Ajustamento mútuo é o critério cardinal, em tudo aquilo que as pessoas *são*, e *fazem*. Para tudo existe um ponto comum, um meio-termo socialmente aceitável – uma redução a um denominador comum.

Um patamar comum, homeostático, de ser e de comportar-se. O resultado desta dinâmica sistémica é a formação gradual de um patamar comum de *ser* e *comportar-se*, onde toooodos estão em homeostase. Integratividade é o objectivo; todos moldados a um plateau intermédio equalizante.

Identidade colectiva sintética / Conformidade prescritiva. Este patamar comum configura uma identidade colectiva artificial, que é esperado que todos adoptem e incorporem em si mesmos – "aqui está o nosso código", "aqui está aquilo que todos somos, em que todos acreditamos, aquilo de que todos falamos e que todos fazemos". E todos é todos, já que o ambiente *consensual* não o seria se fosse tolerante para com a diferença individual. É um ambiente baseado em conformidade prescritiva, onde as

excepções à norma são submetidas a pressão, seja por persuasão, por coerção, ou por ambas. "Consenso" só é tornado uma palavra simpática em sociedades em (ou a caminho de) deriva autoritária.

"Aquilo que nos define" – avaliação social, conformismo, seguidismo. "O nosso código", "o nosso consenso", "aquilo que nos define", são os os standards pelos quais todos são *avaliados*. No ambiente consensual, o indivíduo é tanto mais válido ("valor social") quanto mais estiver em harmonia com o "senso do grupo", com o "senso comum", com os "pontos comuns" que definem a "identidade consensual". Por outros termos, conformismo e seguidismo.

A identidade consensual prescreve um código de "serás".

Surge sempre um "serás" consensual: "pensarás", "sentirás", "farás", "dirás".

Exige formatação para conformidade, em larga escala.

Surge por contraposição ao código natural, simples e elegante, de "não farás". A dinâmica sistémica do ambiente consensual abarca tudo aquilo que as pessoas são. Prescreve um código de "serás": existem coisas que "farás", que "pensarás", que "sentirás", que "dirás" e existe um "how to" para cada uma destas dimensões. O indivíduo é, por consequência, socialmente avaliado por aquilo em que acredita, o que pensa, o que sente. O que diz, o modo como o diz. O que faz, e como o faz. Tudo isto exige formatação mental e comportamental em larga escala, um exercício feio e vicioso, feito para produzir trauma, despersonalização e disfunção mental em larga escala. Depois, é claro que tudo isto surge em contraposição directa com a limpidez do código natural, prescrito por Deus, Yahweh, baseado em regras simples e elegantes de acção moral, um conjunto de "não farás", para impedir a perpetração de crimes. Fora isso, ninguém tem nada a ver com o que a pessoa faz ou deixa de fazer, ou com o que pensa ou sente, ou diz. Mind your own business, I'll mind mine. Honestidade, respeito mútuo, liberalismo. E é evidente que num ambiente caracterizado por estes valores, as pessoas tenderão a ser mentalmente sãs.

"Serás" exige despersonalização, dissolução no colectivo – colectivização mental.

Homogeneidade não tem de ser monolítica; pode haver miríades de nichos consensuais.

"O teu grupo, a tua atitude – o grupo que tu és", e outros slogans deste género. A imposição de um "serás" significa que o self individual tem de ser socialmente moldado e ajustado em todas estas dimensões. Tem de ser diluído, tornado dissoluto no alinhamento com um novo self sintético, colectivo. Está-se, aqui, a falar de despersonalização; onde o self é descaracterizado para ajustamento a uma nova norma, aqui de natureza colectiva. Com efeito, a pessoa é mentalmente **colectivizada**. Quer se

queira quer não, é tornada similar a todas as outras no mesmo ambiente consensual. Agora, isto não precisa de ser homogeneidade monolítica. Uma mesma sociedade consensual pode conter dezenas, até centenas, de "nichos" consensuais, de millieus sociológicos de normativização humana. E cada qual pode ser definido pelo seu próprio *set* de normas existenciais; dentro dos limites que são definidos pelos engenheiros sociais que manobram a sociedade, claro. "Qual é a tua onda", "qual é a tua praia", "o teu grupo, a tua atitude", "o grupo que tu és", "a nossa identidade", "o ambiente em que todos confiamos", "o meio que nos define a todos nós".

Imaginação dialéctica (1): egoísmo de grupo, epistemológico e moral.

Novas normas, coesas, porque exigem conformidade, imposta por pressão de grupo. O grupo humano unido pelas amarras da consensualidade pratica egoísmo de grupo, tanto no campo epistemológico como no campo moral. É no espaço do consenso que é definidos um novo conjunto normativo de crenças e de valores; muito difícil de mudar porque é esperado que todos o adoptem e preservem por meio de pressão de pares.

Imaginação dialéctica: aquilo que **nos** dá jeito é verdadeiro (factual e justo) e vice-versa.

[I.e. capricho e arbitrariedade ditam as regras de factualidade e acção moral]. True lies e lei fora da lei.

Pessoas aprendem a praticar psicose colectiva, onde X é verdade mesmo sendo mentira.

Mentira, falsidade e cinismo são normalizados e tornados critérios de adaptação social. Os critérios de verdade epistemológica e moral passam a ser aqueles que definem a identidade do colectivo. Aquilo que é agradável ao (ou, no mínimo, aceite pelo) colectivo tem por consequência de ser verdadeiro, bom e adequado. Aquilo que não o é, tem portanto de ser falso, mau, errado. A realidade objectiva dos factos é X, mas talvez o grupo ache que X é emocionalmente desconfortável, ao passo que uma versão alternativa, Y, parece ser mais aceitável. Portanto, Y passa a ser arbitrariamente tratado como sendo um facto verdadeiro, e X passa a ser encarado como sendo uma falsidade, independentemente de qualquer ónus de prova. Esta é aquela forma sufocante de psicose colectiva, pela qual todos sabem que algo é mentira, mas todos afirmam a pés juntos que é impensável que esse algo seja outra coisa senão a mais pura das verdades. Estes moldes dialécticos de funcionamento colectivo legitimam e normalizam o falso pretexto, a mentira, a invenção de expediente. Falsidade interpessoal e cinismo tornam-se realidades habituais na vida colectiva. Passam, até, a ser critérios de sociabilidade e de adequação social.

Imaginação dialéctica (2).

As duas proposições essenciais (agradável vs desagradável). A pessoa tipicamente dialéctica, como aquelas que na história de Raquel ficaram agravadas com ela por desafiar as ordens do gestor, tendem a ver o mundo com base em *imaginação dialéctica*, um termo hegeliano para embelezar alienação e desonestidade intelectual. Seja como for, as duas proposições essenciais sob imaginação dialéctica são as de que: (a) aquilo que é agradável e conveniente a mim ou ao grupo só pode ser bom, verdadeiro e justo; e (b) aquilo que é desagradável e inconveniente a mim e ao grupo tem de ser mau, irrelevante, falso, injusto.

Mentalidade adquirida sob consensualidade, going along to get along.

O novo princípio de realidade, entre "ego" e "nós". É claro que isto é pura e simples alienação do real, se não mesmo desonestidade intelectual, quando é feito de modo deliberado e consciente. Esta mentalidade é adquirida através da exposição contínua ao processo de ajustamento mútuo na dialéctica. Quando tudo o que interessa é *relação*, o going along to get along, a dissolução de crenças e de valores pode alcançar níveis bastante radicais, ao ponto de eliminar todo e qualquer conceito independente de veracidade, factualidade ou acção moral. Passa a existir um novo princípio de realidade, centrado algures entre o ego pessoal e o "ego do grupo" (a opinião popular, a vontade colectiva). Mas é claro que o ego pessoal está profundamente socializado no ego do grupo, integrado no "nós"; e é em larga medida uma função dessa identidade colectiva. A pessoa extremamente socializada foi despersonalizada. Perdeu a cabeça, entregou-a ao self colectivo.

O grupo consensual recria regras epistemológicas e morais à sua própria imagem.

Aquilo que desagrada ao grupo tem de ser desconfirmado / mau, irrelevante, falso.

E.g. a mentalidade de gang / o gang oligárquico de Aristóteles.

AT e no NT versam repetidamente sobre a incrível degeneração do consenso. O processo de consensualização implica a dissolução a um mínimo denominador comum de funcionamento mental, moral, discursivo. O colectivo vai funcionar como uma espécie de self auto-contido e auto-propelido, que recria regras epistemológicas e morais à sua própria imagem, de acordo com caprichos e expedientes. O que acontece é que aquilo que não é agradável ou aprazível ao grupo e aos indivíduos colectivizados que o compõem tem de ser desconfirmado. Tem de ser provado mau, irrelevante, e falso. Um facto desagradável *não pode* ser um facto; *tem de ser* uma falsidade, uma irrelevância; algo que é mau e desarmonioso sequer mencionar. O grupo consensual vai ter, por consequência, uma perspectiva do mundo que é muito baixa, limitada e auto-centrada (no grupo); o termo técnico apropriado é narcísica. Um exemplo mais ou menos extremo disto é a mentalidade de gang. Uma forma mais sofisticada de mentalidade de gang é a mentalidade oligárquica, bem caracterizada por Aristóteles. O Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de passagens e de histórias relativas ao egoísmo colectivo vicioso do grupo consensual. Esta é a mentalidade que cerca e rodeia

Israel ao longo do AT e é isto que se instala sempre que o próprio Israel se torna criminoso.

Fariseus e restantes oligarquias consensuais auto-intituladas.

A necessidade farisaica de desconfirmar Jesus, prová-lo mau, falso, irrelevante.

Perseguições a Hebreus, reais Cristãos, etc. Por exemplo, este é o tipo de mentalidade que é encontrada nos fariseus. Jesus era-lhes desagradável, portanto tinha de ser desconfirmado, provado pervertido, errado, irrelevante. Daí, os fariseus passam o tempo inteiro a tentar armadilhar Jesus (o leão cobarde que ronda, à espera de devorar) até, por fim, ordenarem a crucificação. O mesmo tipo de regime que antes acontecia com os profetas ou com os hebreus no exílio e o sistema que a partir daí acontece com Hebreus e reais Cristãos pela mesma medida. Mas é de resto o modelo habitual em sociedades consensuais, comandadas por feixes de oligarcas corruptos. É isto que acontece quando as pessoas sacrificam critérios de acção moral, veracidade e factualidade em nome de poder social, boas relações, caprichos, expedientes. É o que acontece quando as pessoas se degradam em conjunto, quando dão o abraço de grupo para facilitar o salto no abismo.

O peso para o sujeito: sufoco, despersonalização, problemas psicológicos.

O peso para o sujeito / sufoco / despersonalização / dissociatividade intrapsíquica. Tudo isto vem a um custo bastante pesado para o indivíduo, que é submetido a enormes pressões psicológicas, sob consensualização. O exercício de ajustamento e submissão a normas grupais arbitrárias implica um grau bastante elevado de despersonalização. O indivíduo não pode ser ele próprio e sente-se compelido, forçado, a sufocar todas aquelas partes de si mesmo que entram em conflito com a norma colectiva. A termo, este exercício dá sempre origem a problemas psicológicos graves, dos quais o mais evidente e ubíquo é a generalização de depressão e de traços dissociativos. Dissociação intrapsíquica é o resultado óbvio da internalização consciente e sistemática de falsidades relacionais. Mas é também o resultado da interiorização do irracionalismo epistemológico atrás apontado; a submissão à lógica distorcida do colectivo face a face com uma realidade contraditória.

Disseminação de problemas mentais na sociedade. A expressão extrema de dissociatividade intrapsíquica é, claro, psicose, e este é apenas um dos problemas psicológicos que se tornam comuns entre a população com a generalização do processo de consensualização. Com efeito, o aumento exponencial de problemas mentais, na sociedade, é uma das consequências óbvias deste sistema de coisas.

Pessoas não são pedaços flexíveis e moldáveis de plasticina.

Brincar com a mente humana é um acto criminoso, especialmente sobre crianças. Um ser humano não é um naco de plasticina, ao qual se possa fazer reset e impor

diluições/abdicações de personalidade e de individualidade, em nome de "harmonia", de poder, controlo social, ou do que quer que seja. É preciso ter o mais frio desrespeito pela vida humana para se promover este tipo de funcionamento na sociedade. É preciso ter um carácter criminoso para aderir a este tipo de filosofia e para a pretender impingir existencialmente, forçar, sobre actores ingénuos – especialmente quando falamos de crianças pequenas, que hoje são bombardeadas com doses extremamente violentas deste tipo de blitz psicossocial.

Culture victims atam-se mutuamente entre si e ao chão / a galera romana.

Colectivização mental, uma forma de rapto mental, roubo de identidade. Colectivização mental é dissolução, mas também mindnapping, roubo mental, visto que é isso que acontece quando a identidade individual é fundida com um self sintético colectivo.

Culture victims atam-se mutuamente ao chão, sob obediência a normas sintéticas. Depois, as várias culture victims policiam-se mutuamente, mesmo que isso seja um exercício soft e involuntário, para assegurar que ninguém desobedece à identidade colectiva. Incentivar consensualidade é a forma pela qual se persuadem populações inteiras a estagnação auto-imposta. É a forma pela qual as pessoas se atam e prendem entre si, ao chão, para que ninguém levante voo.

A metáfora da galera romana. Este é o sistema mais eficiente de prender escravos. Já nas velhas galeras romanas, os escravos que remavam na câmara lá em baixo estavam sempre acorrentados entre si e depois as correntes ficavam presas a grampos no chão. Tudo isto é uma boa imagem para comunitarismo, onde todos estão no mesmo barco, a remar para o mesmo lado, atados entre si e ao chão, numa câmara escura sem vista para o sol. Depois, os vários escravos levam chicotadas estratégicas. Quem não gostar de todo o regime leva chicotadas bastante mais graves ou é simplesmente atirado borda fora. Os oficiais do navio estão essencialmente ao nível de eunucos e o capitão, com alguma importância na estrutura de estado (geralmente militar), é um empregado para os mercadores ricos que operam o sistema de galeras do imperium.

Não é que o sistema das galeras tenha sido implementado para engenharia social. Este funcionamento em consenso acontece de modo muito natural, mas os princípios que lhe subjazem são aplicáveis aos mais variados domínios.

A mente individual que é presa e atada por nós e por laços, socialmente partilhados. Conceba-se também a imagem onde a mente individual é aberta, para ser depois atada e presa por nós e por laços, com as restantes mentes à sua volta. Depois, o conjunto destes nós e laços forma um continuum imagético – uma grande rede – atravessada pelas mesmas cores, tonalidades, brilhos, e até pelas mesmas vozes e pelos mesmos soundbytes. As várias mentes assim ligadas entre si não estão a "partilhar". Estão a prender-se mutuamente. Estão a ser atadas e a atar as restantes a uma mesma rede.

O grupo consensual é um ingroup identitário.

Set cristalizado de crenças, valores / egoísmo de grupo / adversariedade com outgroups. O grupo consensual tem uma identidade própria, definida pelo seu próprio conjunto de crenças, valores, hábitos, etc. Quanto mais integrado e coeso for, i.e. quanto mais avançado o processo de consensualização estiver, tanto mais cristalizada será essa identidade. Com o tempo, surgem mitos colectivos, uma história colectiva (real ou inventada), disciplina colectiva, etc. Tudo isto define o grupo consensual (por maior que ele for) como um grupo identitário e como um ingroup. O ingroup coeso expressará sempre egoísmo de grupo na abordagem à realidade e, claro, oposição/hostilidade a outgroups particulares, percebidos como rivais, inímicos, ou antitéticos.

Ambientes consensuais são intolerantes.

Conformidade consensual impõe pressão social, por persuasão ou coerção.

Individualidade not allowed: "quem não é como ***nós*** tem de ser mau". O ambiente consensual não é, por norma, tolerante para com a diferença. Ou a pessoa é consensual, i.e. está integrada no código do consenso (está "in"), ou não (está "out", é um "outsider", ou "antisocial", etc.). Quando a pessoa não está integrada no consenso social, então de duas uma, ou vai ser pressionada para entrar, ou vai ser pressionada para sair. Mas a pressão social está sempre lá; seja por persuasão ou por coerção. O desvio à norma do consenso, da conformidade social é, por norma, mal aceite. Afinal de contas, está-se a falar de um código de conformidade. "Quem não é como nós" e "quem não se comporta como nós", "quem não aceita a vontade da maioria" tem, portanto, de ter algo de errado.

Ingroup consensual tenderá sempre a ser inímico a outros outgroups. E é claro que o mesmo vai acontecer para outros grupos e para outros tipos humanos, entendidos como entidades "colectivas". O grupo consensual vai cristalizar a sua própria identidade de grupo, para se assumir como um ingroup. Tal como esse ingroup rejeita a diferença na forma de individualidade, também vai ser inímica para com a diferença "colectiva", expressa na forma de outgroups particulares, percebidos como rivais, inímicos, ou antitéticos, à identidade cristalizada do ingroup. Isto significa que a pessoa pertencente ao ingroup vai tender a lidar com outras pessoas com base em estereótipos culturais, rótulos despersonalizantes, histórias inventadas e assim sucessivamente. Após a pessoa ter sido despersonalizada no grupo, é assim que tenderá a ver o mundo, como um espaço despersonalizado de grupos/blocos, onde as pessoas já não são definidas pela sua individualidade mas sim por estereótipos irrelevantes. É evidente que a única solução para intolerância está em encarar cada indivíduo humano como um indivíduo, a ser conhecido e avaliado pelas suas próprias características individuais; e não como o membro de uma qualquer colectividade fictícia. Mas a apreciação da individualidade é algo que só pode surgir de individualidade; este domínio está fechado ao grupo consensual.

A dinâmica do consenso dialéctico: aprender a mentir em nome de ego.

Consenso integrativo: tese e antítese são "resolvidos" por síntese (compromisso). Um consenso integrativo, ou dialéctico, é um processo baseado no encontrar de pontos comuns entre participantes. Esse encontro de pontos comuns, de comunalidades, permite a definição de um patamar comum de entendimento. Se eu tenho a posição A (tese), e tu tens a posição B (antítese), obter consenso integrativo significa que ambos abdicamos das nossas posições e adoptamos o compromisso C (síntese), em nome de entendimento num ponto comum.

Isto pode implicar que nos tornamos dissolutos.

Facto A e facto B abandonados por mentira partilhada C (dissolução de posição). É claro que isto também pode significar que nos estamos a tornar dissolutos. Talvez eu tenha a certeza que Alexandre o Grande chegou à Índia. Depois, alguém me diz que tem a certeza de que Alexandre nunca saiu sequer da Grécia. Se persistirmos ambos nas nossas respectivas posições, isso significa que não estamos a cumprir as regras do consenso; temos, por força, de chegar a uma conclusão comum partilhada, onde estamos em *harmonia*. Portanto, eu posso abdicar da minha posição, e o mesmo para a outra pessoa, e chegamos a um meio-termo onde Alexandre saiu da Grécia mas apenas chegou à Síria. Diluímos as nossas posições para chegar a uma espécie de meio-termo confortável, e pueril. E é claro que nenhum de nós acredita nisto; ambos sabemos que é falso e só concordamos com a afirmação para obter concordância. Isto significa que ambos nos tornámos objectivamente *mentirosos*, em nome de uma *boa relação* – going along to get along. *Diluímos* posições em nome de relação, o que significa que nos tornamos *dissolutos*. E é claro que o facto – a verdade histórica – é que Alexandre chegou mesmo à Índia.

"Diluir posição em nome de relação", onde relação significa **ego**, orgulho.

Pessoas honestas e racionais não precisam de diluições de posição.

Mas a mente infantil faz birra e exige "vencer" o "adversário" na conversa. *Diluímos as nossas posições em nome de relação*. Na verdade, *relação* aqui significa *ego*. Um debate entre pessoas intelectualmente honestas, descentradas, humildes, é orientado para a determinação de verdade factual. Não sendo possível chegar a uma concordância, as pessoas continuam amigas como dantes. Com efeito, seria infantil inventar birras, problemas relacionais, a partir de um mero debate de factos. Mas, se as pessoas forem per se infantis, se investirem o seu orgulho egóico neste tipo de instância, então isso significa que vão entrar na conversa com o objectivo de a "ganhar", por oposição a encontrar a verdade factual sobre o tema. Isso significa que vão abdicar de regras de honestidade intelectual, mas também que vão ter tendência a inventar birras, e dramas, quando o "adversário" não lhes faz a vontade. Até podem acusá-lo de ser orgulhoso! E

tudo isto funciona como com crianças pequenas; é esse o tipo de maturidade que está aqui em causa.

A dinâmica da dissolução, compromisso em *factos*, "empate" numa mentira partilhada.

Por passos graduais, a ignorância e a desonestidade podem vencer na comunicação. A ideia de consenso dialéctico surge com, e para, esse tipo de pessoas, infantis. Aí, em vez de um de nós "ganhar" e o outro "perder", podemos obter compromisso, o que significa que acordámos num empate. Mas é claro que um dos lados também pode estar a usar este método para "ganhar" por passos sucessivos. Aí, uma sucessão gradual de aparentes "empates" acaba por levar, por fim, à "vitória" da sua posição. Este é um método muito típico entre pessoas que são simultaneamente desonestas e ignorantes; sabendo que a sua posição é falsa, e/ou não fazendo a mais pequena ideia do que estão a dizer, tentam cansar o "adversário" e fazê-lo ceder a pouco e pouco na sua posição, até obterem a "vitória" no debate (e é claro que este princípio se aplica a muitos mais domínios da vida que meros debates de ideias).

Net result de tudo isto, a redução de sanidade mental no mundo. O net result de tudo isto é a redução, mesmo que infinitesimal, da quantidade de boas ideias no mundo, e o consequente aumento dos níveis de supinismo e de mediocridade geral.

A dinâmica do consenso dialéctico: going along to get along.

Dissolução de posição em questões de acção moral.

E.g. de "torturar é um acto invariavelmente mau" para "torturar é justificável aqui e ali".

"Flexibilidade moral" (i.e. gelatinismo situacional) torna-se obrigatória.

Quem não é "flexível" é "antisocial", "desajustado".

O código de URSS, China comunista, Alemanha Nazi. Continuando com a conversa hipotética. Após o triste compromisso sobre Alexandre Magno, é possível que eu diga que torturar é errado; um crime. A outra pessoa diz-me que a tortura é um procedimento bastante positivo e justificado nos dias que correm. Se não chegarmos a acordo, vamos quebrar as regras do consenso dialéctico. Seremos acusados de ser "pouco dialogantes", "rígidos", "inflexíveis". É muito provável (senão certo e garantido) que eu seja mais acusado disso que a outra pessoa, uma vez que faço uma afirmação moral absoluta ("torturar é invariavelmente mau"). A forma de resolver isto, por regras consensuais, é chegar a um entendimento de meio-termo, a uma síntese, onde torturar é mau, mas pode justificar-se nesta e naquela ocasião. Depois podíamos avançar daí para os actos de assassinar pessoas, roubar territórios e recursos, bombardear aldeões inocentes, e assim sucessivamente. Aqui, eu teria diluído a minha posição (justa e moralmente verdadeira) com a degeneração moral da outra pessoa ("pragmatismo moral"), e tê-lo-ia feito em nome de *boas relações* – uma vez mais, going along to get along. Ao *diluir, dissolver* a

minha posição para obter entendimento humano, eu teria dado a minha aquiescência a actos criminosos e sociopáticos – ter-me-ia tornado bastante *dissoluto*. É isto que é feito a todo o público, hoje com capacidade industrial: a crianças pequenas, a adolescentes, a adultos, a idosos. Todos têm de demonstrar "flexibilidade moral", "pragmatismo moral", degeneração moral!, sob pena de serem considerados "antisociais", "desajustados", "inflexíveis". Como na China comunista e na URSS ou, sob rótulos diferentes, na Alemanha Nazi.

Pragmatismo moral: o caminho é sempre para baixo.

A arte de encontrar meios termos, para gelatinismo moral.

Entre bem e mal, justiça e injustiça, não podem haver meios termos – é impossível.

Ou se é *honesto* ou se é *desonesto* – dependendo do grau.

[Quando Adão e Eva dão o abraço de grupo à serpente, tornam-se prisioneiros dela].

Quando se normaliza falsidade e desonestidade, o caminho é down down down pufff!

O e.g. dos pilares da Acrópole: cada pilar cai à vez até todo o edifício desabar.

"Ser demasiado honesto é complicado", portanto há que encontrar o plateau intermédio onde todos possamos ser *honestos qb* sob pragmatismo moral. "É preciso saber fazer cedências, encontrar meios-termos, determinar compromissos". É impossível encontrar um meio-termo entre honestidade e desonestidade. Ou se é honesto ou se é desonesto. Ou se é uma pessoa verdadeira, ou se é uma pessoa falsa. Deus não faz meios-termos com a serpente; não há abraços de grupo a esse nível. Adão e Eva fizeram um abraço de grupo com a serpente e ficaram presos e enrodilhados nela! É isso que acontece nessas instâncias. Pensa-se que as coisas vão correr bem, mas acabam por correr bastante mal.

"Ajustamento consensual" implica que a pessoa honesta tem de *deixar de o ser*. Em vez de ser honesta, tem de ser adaptativa, e honestidade não é adaptativa. Portanto, tem de aprender a fazer cedências, para passar a ser *algo* desonesta. Depois *algo mais* desonesta, *meio* desonesta, *inteiramente* desonesta. Funciona como os pilares da Acrópole. Manda-se um abaixo, depois segue-se um outro e um outro, e a estrutura está a começar a desabar. Depois mais outro pilar, e outro logo a seguir, e a estrutura já está meio colapsada. Mais um, e outro, e ainda outro. Por fim, já nem sequer é preciso ajuda; os pilares que restam vêm todos abaixo por si mesmos e lá se foi a Acrópole à vida. Ou os mais novos aprendem que é sempre errado ser falso e desonesto, ou vão crescer para acreditar no "valor adaptativo" da falsidade e da desonestidade – esse é o standard dos ambientes consensuais. Quando uma sociedade normaliza a falsidade e a desonestidade, o caminho é sempre para baixo, geralmente sem retorno. Down down down splash puffff!

A redução ao Mínimo Denominador Comum / a dinâmica das hienas.

"Aquilo que nos une a todos": mediocridade moral, intelectual, comportamental.

Aquilo que nos une *a todos* não é o lado bom; são os maus sentimentos. Todas as sociedades alicerçadas em consensualidade foram (e são) sociedades viciosas, implicitamente violentas e repressivas. Existem bons motivos para que isso aconteça. Consensualização social é construída à volta de um mínimo denominador comum entre os sujeitos – "pontos comuns" partilhados. O mínimo denominador comum é *o* mínimo denominador comum – literal – humano e societal. Aquilo que é comum à transversalidade da humanidade não é o lado bom, complicado de manter e desenvolver de uma forma consistente ao longo do tempo; honestidade, coragem, bondade, respeito pelo próximo. Pelo contrário, aquilo que nos une a todos é o lado vicioso, fácil, simples *. São os maus sentimentos. Mesquinhez, egoísmo, auto-interesse, capricho, oportunismo. É isso que vai definir os ambientes consensuais, produtos de uma redução a toda a linha ao mínimo denominador comum.

A redução ao MDC gera mediocridade, degradação, estagnação a toda a linha.

Consensualidade, uma prisão mental socialmente imposta. Consequentemente, estes ambientes são inevitavelmente dominados por mediocridade a toda a linha. Corrupção moral. Falsidade, cinismo, hipocrisia, oportunismo, purulência – os resultados de dissolução moral e da sistematização de falta de carácter. Emoções baixas. Jocosidade, mesquinhez, cobardia. Rebaixamento, degradação. Estagnação intelectual, já que não existe espaço para novas ideias e soluções, fora do espectro restritivo do consenso. Ter pensamento independente, ser criativo e engenhoso é algo de inaceitável sob consensualidade. É isto que é consensualidade; uma prisão mental colectivamente imposta. Tudo o que fica é uma essência mirrada de pequenez mental, estagnação intelectual, criativa, moral, emocional, mediocridade.

A dinâmica da **hiena**, a psychosocial WMD / Lion King. É quase triste dizê-lo desta forma, mas o facto é que pessoas que são fritas e processadas por consensualização são reduzidas ao estatuto de hienas. Hienas são animais essencialmente medíocres, necrófagos, cobardes, que só conseguem agir em manada; e riem-se bastante. Isto está bem expresso no Lion King, o filme de desenhos animados, onde as hienas trabalham todas para o falso rei, o leão cobarde, que mata o irmão à traição para se torna o tirano da savana. E aqui está tudo explicado. O "leão cobarde", o mau irmão (Edom) que não hesita em usar traição e assassinato para roubar aquilo que é do irmão, vai sempre proliferar hienas à sua volta, psychosocial weapon of mass destruction, que vão servir de coadjuvantes para ascensão do seu reino de terror sobre a savana.

Consenso universal, com MDC universal, seria um muito literal inferno na Terra. Agora, é claro que o patamar comum é tanto mais baixo quanto mais generalizado for o espaço de consenso e quanto menor for a qualidade moral dos participantes. Um mínimo denominador comum entre duas pessoas com excelentes princípios não é ameaçador. Quando isso acontece entre algumas pessoas com bons princípios e outras

com princípios muito fracos, ou até mesmo sem quaisquer princípios, o caso complica-se. Quando o mínimo denominador comum é expandido para se aplicar a muitas pessoas diferentes, a probabilidade da prevalência de mau carácter aumenta radicalmente. Um consenso universal, com um mínimo denominador comum universal seria, em essência, o inferno.

<u>* Ponto de encontro entre todos não é honestidade, que implica tê-los no sítio</u>.

<u>Ser boa pessoa exige trabalho / muitos estão no meio termo ou são puras bad news</u>.

<u>Unidade consensual começa a ser definida por aqueles no meio termo, depois é puxada para baixo</u>. *Quais são os pontos comuns, os pontos de encontro, entre a generalidade dos seres humanos? Infelizmente, não são atributos como honestidade, iniciativa, bondade, coragem, respeito pelo próximo. Nem todos são boas pessoas. Muitos são más pessoas. Muitos outros estão em estados intermédios. A pessoa não é "boa" porque declara que o é, ou porque se sente bem a dizer que o é. A pessoa é boa quando o demonstra consistentemente na vida real; quando dá bons frutos. Ser uma boa pessoa é algo que custa, que exige trabalho, algo que não é propriamente a via mais fácil de seguir. Implica que a pessoa tem os ditos cujos no sítio, num mundo que muito raramente vai recompensar a presença de carácter. Ser consistentemente uma boa pessoa é algo que requer esforço, persistência e sacrifício pessoal. Implica que a pessoa está disposta a ascender acima da mera espuma dos dias, daquilo que todos fazem, para viver em nome de princípios maiores e melhores que a mera gratificação situacional ou social, ainda que isso implique exerção e sacrifício pessoal (vai implicar). Nem todos fazem isto. Uma boa (enorme) parte prefere a espuma dos dias, o conforto do previsível, a rotina satisfatória do underachievement. Muitos outros simplesmente não prestam, são bad news. Unidade consensual neste mundo começa invariavelmente por ser definida pelo complexo de sentimentos das pessoas "no meio", mas é continuamente puxada para baixo por aqueles que não prestam.

Estagnação intelectual, cinzentismo, monotonia.

<u>A dinâmica do Gray State, o patamar comum de cinzentismo</u>.

<u>Consensualização implica que ninguém pode ser demasiado capaz ou inteligente</u>.

<u>Aqueles que o são têm de ser "humildes", "baixar o nível", "acalmar"</u>.

<u>Sit down, shut up and watch the idiot box – be sappy, numb and pay the bankers now!</u>

<u>Ambientes consensuais vão estupidificar, estagnar, intimidar / e chamar-lhe "virtude"</u>. Quando se institucionaliza consenso, colectivização mental, como *a* dinâmica de funcionamento social, significa que ninguém pode ser demasiado inteligente, ou capaz (ou até honesto), já que isso, supostamente, deixaria *de fora* aqueles que não o são. Esses sentir-se-iam mal; não se sentiriam integrados, sentir-se-iam *excluídos*. Este é o

tipo infantil de retórica que é usado pelos autoritários selvagens que procuram vender este tipo de parasofia à sociedade; mas como o fazem com palavras doces, jargão de ciências sociais e apelos sentimentais, a pessoa média não percebe que está a lidar com degenerados de nível hitleriano [e até usam a táctica nazi de criar doublebind, prometer amor universal ao adversário enquanto se lhe dá um tiro na nuca]. Seja como for, o anterior significa que aqueles que não são inteligentes, ou capazes, não vão ser incentivados e elevados para o ser. Pelo contrário, aqueles que são inteligentes e capazes é que terão de ser "humildes", "descer o nível", "acalmar". O mote neste tipo de sociedade é sit down, shut up, be fairly contented, watch your toxic TV, enjoy your toxic fast food. Work, pay taxes, die early!, so we won't have to waste your social security cash on you. The bankers *need* that money, and so do the private military contractors, lots and lots of wars to fight at home and abroad in the near future. Isto é o gray state, o patamar cinzento de banalidade e de estagnação humana. Este tipo de ambiente humano *vai* estupidificar as crianças, *vai* espalhar uma cultura de estagnação, *vai* procurar intimidar e silenciar verdadeiro intelecto e *vai* disseminar falta de carácter; embora geralmente faça tudo isto sob uma capa de "virtude".

Estagnação intelectual / o sufoco do espírito humano / Gulliver e Lilliput.

O espectro restritivo do consenso impõe um reino de estagnação intelectual. Ambientes consensuais são caracterizados por mediocridade e estagnação intelectual. É muito difícil encontrar espaço para novas ideias e soluções, fora do espectro restritivo do consenso; a prisão colectiva onde todos se atam uns aos outros ao chão, em torno de uma versão colectiva cristalizada.

Ambientes muito fechados e sufocantes, caixões para o espírito o humano.

Independência mental, criatividade, vistos como "excentricidade", "arrogância". Ter pensamento independente, ser criativo e engenhoso é algo de inaceitável sob consensualidade. Abordar temas mais complexos do que a "norma", ou demonstrar compreensões mais sofisticadas do que a média, são actos encarados como demonstrações de excentricidade individual, se não mesmo como demonstrações de orgulho, arrogância, insensibilidade para com os outros. São sempre ambientes sufocantes, caixões fechados para o espírito humano.

Gulliver e os lilliputianos / "keep it simple, keep it straight". A velha história de Jonathan Swift expressa este princípio de um modo particularmente espirituoso, quando expressa a indignação dos consensuais liliputianos, perante o intolerável atrevimento que é expresso na figura de Gulliver. "Keep it simple, keep it straight", é um mote criado a pensar em públicos consensuais.

"Auto-melhoramento" equivale a melhor ajustamento social. Aqui, auto-melhoramento está fora de causa, a não ser quando é equacionado com ajustamento à norma grupal

(aqui, “auto-melhoramento” significa realmente que a pessoa opta por se tornar mais estúpida).

“Out of the box” – existe uma box?! / Lose your head and tag along.

Desviar a pessoa com alguma cabeça para direcções fúteis, eg partidárias, ficção, etc. Ter uma cabeça própria é sempre algo de estranho, extemporâneo, *out of the box*; existe uma *box* (?!) Sair da suposta *box* é *excêntrico*, um *subjectivismo* peculiar. Até pode ser aceitável dentro de certos limites, mas não deixa de ser algo de bizarro, que se observa à distância (o modo como a humanidade *abdica* de o ser – um espírito de morbidade – “lose your head and tag along”). Antes, tudo isto costumava ser pura e simplesmente proibido. Hoje, são criados outlets disfuncionais e venenosos para desviar, neutralizar e usar pessoas que tenham alguma propensão para *out of the box*; é isso que é a esquerda caviar, a direita revivalista e as fábulas insanas sobre aliens. E é claro que aí a pessoa acaba por perder a cabeça, a não ser que saiba sair a tempo. Estes meios culturológicos foram feitos para ser incrivelmente inquinados e perigosos, by design.

O predomínio de falsidade interpessoal, calculismo, uso mútuo.

Falsidade interpessoal predomina em ambientes consensuais.

Generalização de defensividade, cinismo, indiferença / abatimento do afecto real. O ambiente de falsidade interpessoal que caracteriza este género de ambientes torna muito complicado o estabelecimento de afectos humanos reais. Estes ambientes tendem a ser vazios, dominados por cinismo, duplicidade, indiferença. A defensividade tem um premium. A mesquinhez e a hipocrisia também. «*‘Sê feliz!’ – diz toda a gente ao seu próximo, mas no coração armam-lhe ciladas*», como apontado em Jeremias.

Ambientes sufocantes e inquinados, dominados por instrumentalismo calculista.

Satisfação mútua de auto-interesses, numa peça de teatro social. Dificilmente são os tipos de ambiente onde a confiança interpessoal possa prosperar. Muito menos são ambientes propícios a entrega genuína e a sacrifício pessoal. Aqui, as relações pessoais tendem a ser dominadas por calculismo, instrumentalismo; algo como relações de negócios, para a satisfação mutuamente consentida de auto-interesses. “*Eu uso o outro para obter algo que me gratifica, e aceito que o outro me use a mim para os mesmos propósitos – tradeoff, fair and square*”. O grupo, o colectivo, o social, é o palco onde esta peça de teatro se desenrola. Companheirismo, amizade, amor; os termos tendem a ser usados de modo enganador, abusivo até, para reflectir ficções agradáveis. “Eu tenho centenas de amigos na Internet”, “ela é minha namorada; não nos conhecemos por aí além mas é óptima na cama, e todos os meus amigos gostavam de a comer, e isso enche-me o ego”.

Real amizade, amor, dependem de individualidade, tornam-se *muito raras*. Neste tipo de ambiente sóciocultural, uma relação puramente utilitária (até fria e impessoal,

business as usual) pode ser facilmente descrita como “companheirismo”, “amizade”, até “amor”. Qualquer uma destas ilusões depressa se desvanece, ao primeiro sinal de problemas. Real companheirismo, amizade, amor, concretizar-se-ão em *muito poucas* instâncias. Só podem existir, e perdurar, na presença de individualidade. A prevalência de relações humanas *reais* na sociedade é directamente proporcional à prevalência de individualidade.

Boas relações tenderão a ser atacadas por terceiros.

Fonte essencial de ataques: o estado autoritário [aqui, **os lowlifes são os highlifers**].

Boas relações humanas são fonte de imprevistos sociais; são atacadas.

Engenharia social de estado: destruir relações humanas, atomizar, colectivizar. E é claro que estas relações tenderão a ser censuradas e atacadas por terceiros; pelas próprias autoridades, nos casos de sistemas despóticos. O ambiente consensual redunda sempre no sistema despótico (ou é criado por déspotas para consolidar poder social) e esse é o tipo de meio onde lowlifes são os highlifers. Um sistema despótico positivamente odeia a prevalência de boas relações humanas no seio da população. Essas são fonte de entendimento real, de solidariedade entre as pessoas, e podem ser fontes poderosas de mudança social. A tribo, o clã, a família alargada, a própria família nuclear, o grupo de bons amigos; todos são mónadas sociais passíveis de trazer algo de não autorizado ao espaço social, e oferecer resistência ao estado autoritário organizado e, por isso, todas são atacadas. Portanto, a tribo, o clã e a família alargada já foram. Agora é a hora da família nuclear e do grupo de amigos; esses também têm de ir. Quando o estado autoritário vê uma boa relação humana, tem de tentar entrar para a sujar e destruir, e existem *muitas* técnicas para fazer isto, da engenharia da cultura de massas a microgestão de bairro. Um dia a *real* história da humanidade será conhecida de todos; e as pessoas ficarão positivamente chocadas com a quantidade de chicanaria e de recursos que são gastos neste género de intromissão em assuntos privados, por quem encara a própria cidadania como uma força inimiga a controlar, a subjugar, a destruir. De resto, o sistema despótico organiza sempre consensualidade para obter controlo social. Pessoas consensuais funcionam em grupo significando que são fáceis de controlar, desde que o sistema autoritário controle os trendsetters do grupo (e isto é quase sempre o caso). Por outro lado, embora a pessoa faça parte do grupo, não encontrará nele qualquer forma de solidariedade quando os big boys quiserem debruçar-se sobre ela. O grupo consensual é cobarde e sabe sair do caminho dos big boys; e se isso lhe for ordenado, *ajudá-los-á*. Isto significa que a pessoa nunca teve tanta gente à volta, mas ao mesmo tempo está perfeitamente sozinha, atomizada, perante o poder do estado autoritário. É nesta dupla colectivização/atomização, com o background da destruição de relações humanas, que os big bully boys do estado autoritário encontram o seu poder.

Psicodinâmica sado-masoquística, dialéctica mestre/escravo [zombie invasion].

Grupo consensual é sempre um espaço autoritário (ajustamento e conformidade). O grupo consensual é um espaço de ajustamento a conformidade compulsiva; por outras palavras, é um espaço autoritário, mesmo que esse autoritarismo seja exercido de forma soft.

Dialéctica sado-masoquística de dominação/submissão.

Morrer (suicídio mental) e matar (desindividuação do próximo). Autoritarismo – não há outra forma de o dizer – é baseado em ordenar, seguir, obedecer. "Follow the leader", "I'm the man", "I wanna be your dog". Eu mando em ti nestas instâncias, tu mandas em mim nas outras. Existe sempre a dialéctica submissão/dominação. As pessoas subjugam-se a regras compulsivas e asseguram que os outros também o fazem. Esta, claro, é uma dinâmica sado-masoquística de funcionamento. Todos dominam e todos aceitam ser dominados, mesmo que isto opere apenas ao nível mais essencial do controlo das regras do consenso. Quando as pessoas são cultivadas neste tipo de meio, aprendem a ver o mundo por esta óptica, e isto é particularmente verdade quando a vítima cultural em causa começa nisto logo na infância. Dominar e ser dominado, servir e ser servido, subjugar e ser subjugado. *Ultimamente, matar e morrer*. O self individual é simbolicamente morto quando é dissipado para ser absorvido pelo self sintético do colectivo. A pessoa suicida-se mentalmente quando abdica de identidade pessoal em nome de aceitação colectiva. Depois, participa do assassinato das identidades pessoais das restantes pessoas.

A dinâmica da **zombie** invasion. Tudo isto funciona mais ou menos como os filmes de zombies. A pessoa é abraçada pelo grupo de zombies, e este grupo come-lhe o cérebro. O resultado é a pessoa tornar-se ela própria em zombie, morta-viva. Depois, junta-se ao grupo consensual de zombies para percorrer os campos e as paisagens pós-industriais, à procura de mais cérebros para comer, mais vítimas culturais para integrar amorosamente no colectivo zombificado.

A dinâmica do **Borg**, o body snatcher colectivo. Depois é claro que também existe o body snatcher colectivo, o Borg. Isto também é o Borg.

"Virtude" – Mythos narcísico.

Necessidade de mythos narcísico para inverter realidade, racionalizar carácter do grupo.

Justificar piores pontos da vida do grupo, dar-lhe uma face limpa de virtude.

Excepções e fugas ao código do consenso são patologizadas, demonizadas. Qualquer grupo consensual sente a necessidade de racionalizar os seus próprios defeitos, para apresentar uma face limpa de virtuosismo, clarividência, graciosidade. Desta forma, vai invariavelmente surgir um mythos justificativo, uma forma de lenda urbana colectivamente partilhada, composta de platitudes demagógicas. Este mythos serve para racionalizar os piores elementos da vida do grupo, ao ponto de lhes dar o carácter de

virtudes ambrosianas. Em contrapartida, as excepções e as fugas ao código consensual vão ser atacadas, rotuladas, patologizadas, demonizadas. Esta forma de inversão da realidade, pela qual os piores atributos humanos são racionalizados, normalizados, elevados ao estatuto de virtude, é uma fraude que se torna aceite como profecia auto-confirmatória. Um mythos, que funciona como referencial narcísico. Isto funciona nos mesmos moldes para qualquer grupo consensual, do grupo de lowlife wasters na tribo urbana, à oligarquia financeira no topo, à sociedade consensual em geral.

Pessoas afectadas tendem a persuadir-se a acreditar no mythos, no nonsense. Em parte, é comum que as pessoas afectadas acreditem realmente no mythos; ou, se persuadam a acreditar. "*Eu sou feio* [todos o sabem, na verdade] *mas a minha fealdade torna-me bonito*" – um mindjob colectivo fabuloso que sustenta a degradação do ambiente ao mais baixo dos mais baixos níveis.

"Virtude" – "encontrar beleza em espaços mortos".

Pessoa presa num espaço feio pode ser sã, optimista, construtiva – combater a situação. Em parte, o anterior é facilitado pelo complexo de "encontrar beleza em espaços mortos". A pessoa que está presa a um espaço feio e degradado pode assumir a realidade da situação e, de duas uma, combater para sair desse espaço ou para o mudar; qualquer uma destas é a opção sã, construtiva, optimista.

OU, pode ser chanfrada e entrar em Sindrome de Estocolmo.

Aí, procura adaptar-se ao espaço, gostar dele, sob alienação.

"Pensar positivo" passa a ser isto / "encontrar o lado bom da degradação".

Em breve, fealdade é "virtude", o "melhor mundo que é possível".

Após este mindjob, a pessoa pode ir aplicar mindjobs a outros prisioneiros.

Aí, não é o espaço feio que precisa de ser trabalhado, mas sim a mente da pessoa que não gosta dele. Em alternativa, a pessoa pode assumir um género de síndrome de Estocolmo, pelo qual se ambienta ao espaço e procura racionalizá-lo e *gostar* dele. Aqui, "pensar positivo" é encontrar os "lados bons", os "aspectos positivos" do espaço degradado, "passar por entre as pingas da chuva". Em breve, a degradação em redor tornou-se "virtuosa", "agradável" ou, no mínimo, "o melhor de todos os mundos que é possível". A própria pessoa torna-se degradada quando se aclimatiza à degradação em redor. Se um novo prisioneiro entrar por esta altura, e não gostar do espaço, esta pessoa alienada tenderá a inverter as proposições. Se a pessoa não gosta do espaço, é porque a percepção e o julgamento da pessoa estão errados; o espaço é "o melhor que é possível obter" e "tem muitos aspectos positivos". Portanto, não é o espaço que precisa de ser trabalhado e mudado. A mente da pessoa que o critica é que precisa de ser trabalhada e

mudada. Este é o grau incrivelmente perigoso de alienação que vai caracterizar a mentalidade consensual.

"Virtude" – A cristalização num código moral plenamente invertido.

Após redução ao MDC, cristalização num código moral plenamente invertido.

Aquilo que é doentio e socialmente aceite torna-se uma marca de adaptação, virtude.

Atributos bons, salutares tornam-se inconveniências, agravos sociais [**rótulos**]. Como os ambientes consensuais tendem a ser marcados pela redução ao mínimo denominador comum, como explicada nos pontos anteriores, o que acontece é uma eventual cristalização num código moral plenamente invertido, onde aquilo que é pervertido e doentio é visto como virtuoso e aquilo que é bom e salutar é um pecado social. Nesse estado de cristalização, a pessoa que não está contaminada pela dinâmica do consenso, que mantém a sua individualidade intacta e não foi reduzida ao patamar baixo de socialização, será uma outsider, antisocial; uma herética. Em ambientes consensuais cristalizados, a pessoa corajosa é "atrevida". A pessoa honesta é "inconveniente", "ingénua", "papalva". Inteligência é sinónimo de "orgulho intelectual" e fortitude de carácter equivale a "arrogância". A pessoa justa é "julgamental", a pessoa verdadeira é "execrável", "insuportável", "inflexível".

Crux da questão é individualidade, que é banida para a sociedade colectiva.

Carácter e nobreza de espírito só podem existir com individualidade. A crux da questão é a individualidade per se. Como a individualidade não é permitida, todas as marcas da individualidade são igualmente banidas. Nobreza de espírito, coragem, honestidade, bondade, maturidade; todos estes atributos dependem da existência de individualidade. Surgem no indivíduo; só prosperam e só se desenvolvem no próprio indivíduo. Quando o indivíduo é banido para dar origem a uma criatura de colectivo, a net amount de carácter que prevalece no mundo decresce.

"Virtude" – A tentativa de purgar individualidade.

O indivíduo, que preserva a sua identidade pessoal, é "fechado", "egoísta", por o ser.

Sujeitos colectivizados têm o seu "deus", o social, e exigem submissão. O indivíduo *per se*, a pessoa que preserva a sua individualidade, é inaceitável. Esta pessoa é, por necessidade, "fechada" e "egoísta". Isto não acontece porque o seja na acepção *real* dos termos, ou porque prejudique alguém (regra geral será ao contrário, o indivíduo é que será atacado e prejudicado pelo colectivo organizado), mas apenas e somente pelo facto de ser um *indivíduo*. É alguém que não está disposto a ser fundido na massa culturológica em seu redor; é alguém que preserva a sua independência mental, alguém que não faz o going along to get along. O sujeito que foi plenamente colectivizado,

despersonalizado, fica bastante indignado ao ser confrontado com isto. Está reduzido ao mínimo denominador comum e o seu "deus" é o social, o grupo. Quem não vai com esse "deus" tem de ser punido, atacado, queimado. A sociedade organizada em feixes torna-se inimiga dos bons e faz guerra contra eles, de tal forma que os vários feixes, à esquerda e à direita, são arrastados por eles; assim se cumpre aquilo que está escrito.

"Virtude" – A normalização de falta de carácter.

A nova definição sintética de "comportamento moral", "carácter". E com tudo isto surgem novas definições de "bondade" e de "carácter", e são tão falsas e sintéticas como o funcionamento social que lhe subjaz.

Falsidade e desonestidade são racionalizados e recebem uma face virtuosa.

A consciência e os instintos protectivos morrem; só fica uma "consciência social". Coisas como falsidade e hipocrisia tornam-se critérios de sociabilidade. Oportunismo torna-se sentido de oportunidade. A pessoa desonesta é "prudente", "adaptada", "inteligente" e o cobarde é "cauteloso". Cobardia, mesquinhez e ausência de carácter tornam-se inteligência social. A pessoa sem carácter moral é "flexível", "facilmente adaptável", "bem ajustada". Aquele que é notoriamente falso torna-se "sociável", até "simpático". Assim morre o instinto protectivo com que todos nascemos, para detectar e evitar falsidade humana. E assim também morre a consciência. Tudo o que fica é um resto queimado respondente ao "social", ao "consensual", uma "consciência social". Falsidade e desonestidade tornam-se a norma social; traços socialmente adaptados e desejáveis.

A pessoa verdadeira torna-se estranha / a pessoa falsa, o role model.

Sem verdade moral (honestidade intelectual), verdade epistemológica desaparece. Por outras palavras, o que acontece é que os critérios de *verdade moral*, incorporados na *pessoa verdadeira*, são tornados estranhos, até inímicos. Ao mesmo tempo, a *pessoa falsa* é transformada num role model, naquilo que é uma forma de divinização social de *falsidade moral*. Quando isto acontece, o que se segue é que os critérios de verdade factual e epistemológica também deixam de contar. Afinal, esses critérios assentam em honestidade intelectual (verdade moral), algo que é agora declarado off-topic.

"Virtude" – Forma vs substância.

A pessoa verdadeira dá sempre mais importância à substância que à forma.

Sob consensualização, com pessoas falsas, a forma bate sempre a substância. A pessoa capaz e moral dá sempre mais valor à substância que à forma. Uma forma agradável só interessa se a substância tiver qualidade. Um fruto venenoso não serve para nada a não ser para deitar fora, por muito agradável e apelativa que a forma exterior seja. Como os

critérios de verdade moral e epistemológica são deitados pela janela fora em meios consensuais, isso também é invertido. A substância não conta para nada e a forma é tudo. O fruto venenoso será comido, se o exterior for aparentemente apelativo e saboroso. Por outras palavras, existe uma valorização da mentira *per se*. O novo princípio de realidade consiste em ilusão e falsidade.

“Virtude” – As duas faces de Alex De Large.

Os dois extremos da sociedade consensual: puritanismo e degeneração extrema.

Role models consensuais: copinho de leite Vs. sociopata de sucesso. Numa sociedade puritânica, o role model consensual é o goody two shoes. Numa sociedade anti-puritânica é o manipulador frio, habilidoso, de sucesso. A sociedade anti-puritânica é o negativo da sociedade puritânica.

Uma sociedade é o negativo da outra, e o mesmo é válido para os role models.

O goody two shoes é tão desindividuado como o sociopata e depressa se torna num.

Ambas as condições definidas por défice de individualidade, excesso de dependência social.

Copinho de leite → sociopata de sucesso → copinho de leite na nova sociedade.

Alex De Large, um bom exemplo na ficção. As duas formas sociais são interdependentes. Ambas são igualmente degeneradas, porque ambas assentam em conformidade e em despersonalização. Uma dá origem à outra e vice-versa. Da mesma forma, o goody two shoes é facilmente convertido no manipulador sociopático, e vice-versa. Ambos são estados degenerados de despersonalização e de conformismo a normas sociais implícitas. Ambos são demonstrações de desindividuação e de ajustamento excessivo a um tempo e a um lugar. São essencialmente actores sociais; não lidam com o que são, mas sim com o que os outros querem ver. Desta forma, não se desenvolvem como seres humanos. O goody two shoes é o falso anjo da sociedade puritânica. Tem sempre o défice de consciência individual que, sob os incentivos certos, abre as portas ao demónio socialmente dependente da sociedade anti-puritânica. Depois, este manipulador sociopático e oportunístico é facilmente convertido num team-player e num bloco de construção para a nova sociedade puritânica (a ditadura que vai impor ordem à sociedade caótica). O copinho de leite torna-se no sociopata, torna-se no copinho de leite; e depois ensina os filhos a fazer o mesmo. E assim avança a futilidade humana. Esta dinâmica foi muito bem expressa por Anthony Burgess na Laranja Mecânica, onde existe Alex, o sociopata que também é um copinho de leite; está num meio termo socialmente aceitável. Depois, este sociopata é convertido num puro goody two shoes, quando o estão a fazer sofrer para o processo de conversão para empregado governamental. No final, é facilmente reconvertido em sociopata, mas agora é um sociopata socializado, um copinho de leite noutros termos, bem integrado na estrutura

de poder, para avançar a tiranização da sociedade. Ser um indivíduo, fora deste esquema de coisas, essa sim é a solução.

"Comportamento moral" [bee hive or], por oposição a "acção moral".

"Acção moral" é honesta, straight to the point, expressa iniciativa, volição, fogo.

"Comportamento moral" é um panopticon mental de regras situacionais inventadas.

E, sob "comportamento", todos são tratados como crianças. Note-se como os gurus da consensualidade falam sempre de "comportamento moral" (behavior) e nunca de "acção moral" (action), note-se a diferença. Acção implica volição, iniciativa, fogo. "Acção moral" é algo de directo, honesto, straight to the point. Em contrapartida, "comportamento" é algo que as crianças têm, *comportam-se* (e são incentivadas ou punidas pelo seu comportamento). É claro que as pessoas são reduzidas a crianças, sob "códigos éticos comportamentais". "Comportamento" também é uma realidade complexa que se estuda de forma tecnocrática, por cientismo, e daí extraiem-se normas de "comportamento" situacionais e socialmente úteis, para as crianças. São regras sistematizadas, minuciosas, detalhadas, um edifício de directivas éticas para isto e para aquilo, muitas vezes confusas e auto-contraditórias; isso está implícito em "comportamento".

"Com+porte" / "Bee hive or". "Com+porte", revela a origem aristocrática perturbada de tudo isto; aquele com porte é o ser humano transformado em poodle, para o salon aristocrático. Em inglês, uma língua cientificamente produzida pelos rosicrucianos durante os tempos de Isabel I, ainda é melhor: *behave*, para a *bee hive*; *bee hive or*, é aquilo que permite que as abelhas humanas dêem ouro (or), mel, ao apicultor. Depois, o apicultor come o mel e eventualmente livra-se das abelhas.

Conformidade consensual implica que existe policiamento mútuo, repressão.

Insegurança, medo social, falsidade interpessoal, são os resultados. Existe sempre uma forma ou outra de disciplina colectiva. O consenso impõe regras de conformidade compulsiva e as pessoas acabam por se policiar umas às outras (mesmo que isso seja um exercício puramente soft e informal) para assegurar o cumprimento dessas regras. Todos sabem que vão encontrar dificuldades, censuras, repreensões, no caso de não cumprirem as regras. Portanto, medo social, insegurança, dissimulação, estão sempre presentes. Falsidade interpessoal é sempre a norma e é aqui reforçada.

Disciplina de grupo, policiamento, aumentam com coesão do grupo.

Não seguir as regras do consenso resulta em pressões, punições, ostracização.

Ambientes extremamente consensuais são sempre implicitamente violentos e viciosos. Quanto mais aprofundado o processo de consenso for, quanto mais "coeso" o grupo consensual for, tanto maior será o grau de disciplina e de policiamento interpessoal. É por isso que ambientes puramente consensuais são, por norma, ambientes implicitamente violentos, onde as dissensões à norma colectiva são punidas de forma viciosa. Todos têm a obrigação implícita de ser consensuais e isto implica interiorizar e seguir todas as regras do consenso [*mesmo que essas regras sejam meramente informais, i.e. não estejam escritas ou listadas; e muito raramente estão, pela arbitrariedade, incoerência e franca mesquinhez que as caracteriza*]. Quem não o fizer será pressionado (por persuasão ou por coerção) punido pelo colectivo ou posto de parte, ostracizado, e isto é algo que se pode tornar bastante vicioso em ambientes muito consolidados.

A prisão invisível, onde todos se atam entre si e ao chão. O facto de todos os membros no ambiente saberem disto gera uma forma de prisão invisível, na qual todos estão acorrentados a todos os outros; todos os membros policiam os restantes membros e todos os membros se auto-policiam para assegurar que não cometem "erros" sociais. Algo como uma prisão invisível onde todos os prisioneiros se prendem entre si com amarras de modo a que todos fiquem igualmente atados ao chão. Isso é para prevenir que alguém tenha a brilhante ideia de se pirar para o mundo real, e depois ser seguido por outros, já que isso dissiparia para o nada o poder da oligarquia dominante.

Código consensual, sempre concomitante com uso de métodos autoritários e policiais. É possível, até usual, que um código consensual comece por ser imposto por métodos autoritários e policiais mas, com mais frequência, surge e mantém-se de forma bastante expontânea, após o que usa métodos autoritários e policiais para se perpetuar.

A nova Mãe, o novo Pai e a grande família disfuncional [JUNG].

Carl Jung: sujeito renasce no seio do grupo, que é a nova Mãe.

Depois existe também um novo Pai, as autoridades, o estado.

O pai, as várias escravas sexuais e as diferentes crias. É no colectivo, no grupo consensual, que o sujeito encontra o seu novo sistema de crenças e valores. Como Jung disse, é o espaço no qual o sujeito obtém uma nova identidade (onde *renasce*), o espaço onde *pertence*, e onde aquilo que é e faz é controlado e policiado; uma nova Mãe. E depois existe sempre um novo Pai, que são as autoridades sociais que comandam a vida do colectivo. Isto é um paradigma extremamente misógino, imposto por personagens incrivelmente sexistas (homenzinhos que odeiam positivamente mulheres, têm pavor delas), o que faz com que o novo pai controle e viole continuamente a mãe. Sendo uma masoquista, a mãe gosta e aceita, e impõe o mesmo regime às crianças. Já agora, existem muitas mães; este pai não tem fidelidade rigorosamente nenhuma e usa todas por igual (particularmente aplicável a grupos de diferentes tendências ideológicas), mas

exige fidelidade extrema da parte das suas várias escravas sexuais, caso contrário mata-as. É claro que esta grande família disfuncional, uma família de gente desarranjada, vai depois matar crianças a bel-prazer, quando lhe dá jeito. Esta é uma Besta que come as próprias crias, sempre.

Jung: grupo integrativo é sempre totalitário.

Oferece identidade, protecção, afecto / exige total obediência ao consenso.

Eros e Tanatos / após entrega, destruição e morte, no individual e no societal. Como Jung fez notar, a dinâmica do grupo integrativo é sempre totalitária: o grupo dá identidade, afecto e protecção ao membro individual; em troca, exige completa obediência ao processo de consenso, sob pena das mais viciosas punições. Eros e Tanatos. Mas Eros e Tanatos também se estendem a outros domínios, como Marcuse deixou claro. O indivíduo é destruído enquanto tal, i.e. é despersonalizado (Tanatos), quando se junta ao abraço de grupo (Eros), quando subordina a sua personalidade e a sua mente ao self grupal. A sociedade é igualmente destruída e devastada (Tanatos) quando funciona segundo este esquema colectivo de coisas (Eros). Uma sociedade dialéctica é homogénea, emiserada, incapaz de inovar, construir, desenvolver. É uma sociedade simultaneamente destruída e destrutiva; não tem futuro, a não ser na absorção e na destruição de mais objectos à volta. Quando já não existe mais nada para absorver, desmantelar, ou destruir, tudo o que resta é pura e simples morte. E este é o processo de colapso de nações.

A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

Isto é a **Torre de Babel**: união universal por tijolos queimados, unidos por "slime". A dinâmica de consenso impele as suas muitas vítimas numa espiral descendente progressiva, tão irresistível como a força da gravidade. Se este tipo de cimento é usado para construir um edifício humano, esse edifício pode começar por parecer imponente, mas depressa colapsa sobre si próprio – e é bem feito. Esta é a ideia da Torre de Babel. É construída com tijolos (pessoas formatadas). Os tijolos foram queimados, significando que perderam a sua individualidade durante a consensualização (foram fritos, como dizem os gurus do T-Group). Na grande Torre de Babel, o edifício colectivo humano, todos os tijolos estão unidos entre si por "slime" (KJV), significando maus sentimentos, mediocridade humana. A Torre parece ser imponente ("o colectivo é irredutível") mas estoura, porque é para isso que foi feita.

Isto é **Sodoma e Gomorra**, a comunidade consensual, que até tenta violar os anjos! Isto é o sistema psicossocial de Sodoma e Gomorra, onde a comunidade consensual e harmoniosa, reduzida ao mínimo denominador comum, se torna na proverbial inimiga dos bons. É a adversária do único indivíduo justo que permanece, e chega ao ponto de tentar violar os anjos! Para isso, esta comunidade harmoniosa monta um cerco à volta da casa de Lot, e é uma situação bastante pitoresca, onde homens degenerados, a arder

de ódio e de luxúria, chocam uns contra os outros, rastejam, espumam, gemem, gritam, e por aí fora, a tentar entrar na casa de Lot. É claro que a cidade é destruída. Aí, a esposa de Lot sente-se fiel à corrupção que teria de deixar para trás, e fica cristalizada nessa condição; não foge, morre com a cidade. Lot e as suas filhas são o que de melhor fica, e mesmo as filhas estão tão degeneradas, culturalmente (estão rotinadas à mentalidade consensual), que *manipulam o pai para lhe fazer bem* (i.e., fazem mal para fazer bem), e é isso que significa a imagem onde o embebedam para terem relações com ele, de modo tal a que possam assegurar que ele vai ter descendência (deixar a sua marca no mundo). O episódio expressa insegurança associada a boas intenções, sobre um background de falta de carácter moral. E é isso que vai marcar os povos que saiem dessas uniões, Moab e Amon.

Isto é **Legião**, que fala sempre como "nós" e avança para o suicídio colectivo. É claro que isto também é Legião, que fala sempre em termos de "nós". "Nós somos muitos", "que queres de nós filho de Deus, por favor não nos faças mal". Num sentido muito real, Legião converte as pessoas em porcos, que se movem em manada, pressionam-se e prendem-se uns aos outros, no chiqueiro colectivo, e depois investem em tropel para o abismo, a desgraça, o afogamento de grupo.

Isto é o **feixe de joio**, o fascii/colectivo, que serve para ser cortado e jogado ao fogo. O ambiente humano formado por consenso também é o feixe atado de joio que é atirado ao fogo, após ter havido a plena separação do trigo. É a sociedade humana que odeia e despreza os bons e faz-lhes guerra. Como está escrito, isso acontece para que os bons possam arrastar os feixes e reduzi-los a nada, venham eles da esquerda ou da direita. É claro que feixe pode (e deve) ser traduzido para fascii, colectivo integrado, grupo integrativo, colectividade, etc. Como está escrito, "se vierem contra ti por um caminho, fugirão de ti por sete" e "um apenas de vós desbaratará e porá em fuga mil dos outros". O falso e o injusto nunca consegue encarar o verdadeiro e o justo de frente; as trevas são a ausência de luz, e são rapidamente dissipadas assim que a luz se acende. E é claro que as trevas mantêm aqueles que dominam como prisioneiros, atados, amarrados, encarcerados. O trabalho essencial é o de desfazer os feixes e dissipar as trevas, para a esquerda, para a direita, para todos os lados.

Oligarquia OU os lowlifes são os highlifers.

Aqui, os lowlifes são os highlifers – A Oligarquia.

Há sempre uma oligarquia dominante / organiza e domina a sociedade consensual.

Oligarquia, uma camorra consensual reduzida ao MDC, coesa, auto-policiada. Ambientes consensuais geram pessoas incapazes e macilentas, orgulhosas por o serem; estão em harmonia com o grupo, essa é a regra social. Portanto, estes são ambientes onde a repressão geral de intelecto (mas, mais que isso, de Razão – ver notas sobre ***Homem e Razão***) é algo que acontece de um modo mais ou menos formulaico e constante. Todo o processo é comandado pela oligarquia dominante, porque existe sempre uma. A própria oligarquia é uma estrutura consensual e é difícil de desmantelar porque os vários membros e as várias facções internas policiam-se mutuamente para assegurar que ninguém tem alguma ideia brilhante que quebre a harmonia camorrana [ver notas sobre ***Oligarquismo***].

Na Animal Farm, a oligarquia são os porcos que andam sobre duas patas.

As ovelhas, bichos socializados, fazem "beh beh beh" e são "as forças da comunidade".

Os cães de ataque, que atacam os vários animais que não se comportam.

Os outros animais são bastante explorados, especialmente as bestas de carga.

Vivem sob o reino de terror dos porcos, são espiados pelas ovelhas, atacados pelos cães. A oligarquia é o factor organizador da sociedade, os porcos que mandam na Animal Farm, vivem na casa de luxo e aprendem a andar sobre duas patas. As ovelhas surgem depois, para gritar "beh beh beh". Estes gangs de ovelhas são os membros mais socializados da comunidade, o pilar de suporte para o sistema oligárquico. A par das ovelhas, surgem os cães de ataque, as forças de segurança, a quem os porcos dão uns quantos ossos extra para reprimir as restantes criaturas da quinta. Depois surgem os outros animais, que vivem sob o reino de terror dos porcos e limitam-se a trabalhar e a tentar passar entre as gotas da chuva. Aqui é preciso dar especial destaque às bestas de carga, que são os trabalhadores intensivos, os animais mais mal tratados e espoliados de toda a quinta. Os porcos não fazem um dia de trabalho na vida. O trabalho das ovelhas é dizer "beh beh beh" e montar quintas colunas de espionagem pela quinta fora. O trabalho dos cães de ataque é, em essência, atacar.

Sob oligarquia, existe sempre uma política geral de obscurantismo.

Guerra contra o que é claro, límpido, benéfico, aquilo que eleva o ser humano.

"Virtude" definida para demonizar real virtude, endeusar disfuncionalidade consensual. Uma das consequências do mecanismo da psicodinâmica oligárquica é a de devotar ódio e procurar demonizar todos aqueles que são de facto virtuosos; algo a que até Aristóteles aludiu, no seu "Política". Isto acontece porque o mundo do orgulho humano dá voltas sobre si mesmo, voltas perturbadas e perturbadoras, e o que acontece é que, durante este exercício de obscurantismo geral, os critérios de virtude são subvertidos –

invertidos – de forma tal a justificar o imperium de obscurantismo da oligarquia. Portanto, uma oligarquia procura sempre *provar* o seu virtuosismo, pela inversão da realidade.

Em parte para consolidar poder, mas também por orgulho oligárquico.

Oligarca médio, num pântano mental, tenta suprimir coisas mais elevadas que ele. As oligarquias dominantes levam sempre a cabo uma política geral de obscurantismo. Tudo aquilo que é límpido, claro, passível de elevar o homem comum a um nível de entendimento superior tem de ser suprimido, obscurecido, cooptado, manchado. Isto não acontece tanto por calculismo (a ideia de preservar poder à custa da ignorância alheia) como pela própria inaptidão endémica da oligarquia, que é (e sabe ser) incapaz de estar a um nível de clareza, limpidez e elevação. O oligarca médio vive num pântano mental e é uma questão de orgulho pessoal manchar e distorcer todas aquelas coisas às quais não consegue *corresponder*.

A imagem memética da decapitação, "off with his head", "perder a cabeça".

Aplicações muito reais disto / toda a população tem de "perder a cabeça". Isto faz com que sistemas oligárquicos tenham a tendência de saturar a cultura com a imagem da decapitação (hoje em dia complementada pela imagem do tiro na cabeça, auto ou hetero infligido). Este meme expressa uma das obsessões essenciais da cultura oligárquica, a de garantir que a pessoa que tem uma cabeça própria deixe de a ter. A guilhotina. "Off with his head"! A queima e mutilação do "cabeçudo" (Idade Média). "Perder a cabeça". É claro que este princípio é depois aplicado no mundo real. A "perda de cabeça" não precisa de ser literal, envolvendo morte física. "Off with his head" significa antes de mais que a cultura é formatada para desincentivar, até punir, individualidade; é formatada e.g. para ser consensual. Também significa (hoje certamente) que o ambiente é saturado com elementos eugénicos, visando prejudicar activamente o funcionamento do sistema nervoso central, desde electromagnetismo até à adição de metais pesados e químicos específicos e.g., a comida, a injecções para bebés, entre outros. As oligarquias usam (e usaram) muitas aplicações diferentes deste tipo de princípio, i.e. formas de fazer a população "perder a cabeça". "Off with his head" também significa que a pessoa que passa entre as gotas da chuva e tem mais cabeça que a média é intimidada para deixar de querer ter ideias próprias, e essa é uma prática sistemática em sistemas oligárquicos. Pode também significar que essa pessoa é colocada a drogas psicotrópicas, para uma lobotomia química que pode ser mais ou menos intensa, mais ou menos persistente.

Oligarquias temem e odeiam pessoas capazes e morais, que se lhes opõem sempre.

Como Lenin, Mao ou Stalin diziam, "temos pavor de alguém com uma boa ideia".

A única forma de prevenir despotismo. As oligarquias temem e odeiam a pessoa capaz e moral, e dão-se a esforços absurdos e inumanos para as derrubar, para as reduzir ao seu próprio nível, e este é o melhor dos testemunhos do *pathos* oligárquico. Em parte, este

temor e ódio é justificado pelo facto de que tal pessoa faz sempre frente a oligarcas e a tiranos. E, como Mao dizia, "a única coisa de que tenho realmente medo, é de um indivíduo com uma ideia original, já que isso pode despertar as pessoas e desestabilizar este esquema que temos aqui montado". Stalin também disse algo deste género, quando disse que "não permitimos aos nossos inimigos [o público] que tenham armas, porque é que havíamos de lhes permitir que tivessem ideias, isso é muito perigoso". Alguns anos antes, Lenin comentava que há milhares de formas diferentes pelas quais a sociedade poderia evoluir, mas é essencial que o público nunca perceba isso, caso contrário iria acabar por se livrar da classe iluminada de proletários que nunca fizeram um dia de trabalho honesto na vida [e de todas as outras castas oligárquicas, que são todas o mesmo, na realidade]. É claro que isso seria uma pena, porque aí acabavam os salons, as prostitutas e as sessões de xerez com banqueiros multinacionais. Portanto, estas pessoas vão sempre esconder-se e aninhar-se em conjunto, colectivamente, dentro da cómoda mais próxima, sempre que ouvem falar de algo como mentes humanas a funcionar, criatividade, inteligência, carácter, princípios, e por aí fora. Sempre foi muito bem reconhecido que a *única* forma pela qual um regime despótico pode ser prevenido é pela existência de uma massa crítica, na população, de pessoas capazes, activas e morais. Pessoas que sabem distinguir entre bem e mal, certo e errado, justo e injusto, que não têm medo de fazer frente ao poder e, se necessário, de dar a própria vida nesse exercício. Pessoas que agem em nome de princípios válidos e em nome das gerações futuras. São *essas* pessoas que as oligarquias mais odeiam, porque são as únicas que as ameaçam realmente.

O "nós" oligárquico odeia e ama o indivíduo.

Indivíduo capaz e moral visto como "arrogante", por não ser como os oligarcas.

O vandalismo pulsional para o destruir, humilhar ("tornar humilde").

"Porque não te juntas a nós, aqui nos confins do abismo?"

"Se nós somos prisioneiros, tu também vais ser, **nós** vamos prender-te".

Escravização em cadeia, o funcionamento standard sob oligarquia. Mas existe ainda um outro motivo, ainda mais premente que este. O indivíduo moral e capaz é alguém que a mente consensual e estagnada do oligarca vê, *by default*, como sendo "arrogante", "petulante", alguém que está numa forma de "pedestal", pelo simples motivo de não ser tão medíocre e destrutivo como o próprio oligarca. Tal como a criança imatura pode ir à praia e sentir a necessidade de desfazer aquele castelo de areia que os outros miúdos fizeram, para destruir, o oligarca sente a necessidade intrínseca de derrubar o indivíduo de tal "pedestal". É uma expressão de vandalismo pulsional. É isto que um oligarca quer expressar (mas não consegue) quando diz que a pessoa tem de ser tornada "humilde", que é "orgulhosa". O que está a dizer, em trejeitos embargados, é que o seu próprio orgulho, o seu próprio ego, é agravado pela existência de um ser humano *real*, uma

pessoa *livre*, e isso é algo que o oligarca sabe que não é (nem pode ser, caso contrário seria massacrado pelo resto do grupo) e ao qual não consegue dar resposta. Esse alguém tem de aprender que vai ser tão *prisioneiro* como o próprio oligarca sabe que é ("se nós somos prisioneiros, tu também vais ser, vamos prender-te"; é assim que escravização em cadeia funciona, e isto é o funcionamento standard sob oligarquia). Tem, consequentemente, de ser *humilhado* (não tornado "humilde"), derrubado, trazido ao nível pestilento do *nós* oligárquico, a prisão colectiva. Aqui, existe sempre um espírito que clama, "*porque não te juntas a nós, aqui nos confins do abismo?*"

Porém, outsider é visto como "superior", num complexo ambíguo de sentimentos.

Medo e admiração vs agressão e ódio / os deuses que retalham o chefe no Olimpo. Mas não haja engano, uma oligarquia (e qualquer outro grupo consensual) vê sempre este tipo de outsider como "superior", um fenómeno bastante infantil, que expressa a psicodinâmica tipicamente sado-masoquística do grupo consensual. É também esta forma de funcionamento que justifica que o "superior" é encarado de forma ambígua. Por um lado é alvo de medo, admiração, inveja, até de formas pervertidas de amor e devoção (Eros). É encarado como uma força "dominadora" sobre o grupo, pelo simples facto de não ceder ao domínio do grupo sobre si [psicose colectiva é um fenómeno estranho]. E, no outro lado da moeda, a pessoa vai ser alvo de agressão, ódio, despeito (Tanatos). Existe sempre a necessidade sentida de dominar o "dominador", de o desfazer em pedaços e cada oligarca leva um pedaço, como acontece num dos mitos gregos onde os vários deuses matam o chefe, lá no Olimpo. Existe a necessidade de o esmagar, de o puxar ao nível inferior do grupo, de "make you empty, fill you with our essence, and make you one of our own". Mediocrity loves company.

Consenso em decision-making.

O *real* método de consenso.

Para tomar decisões pontuais – justo, igual, *não-coercivo*, Racional. Consenso é, na sua base, um modo de debate que visa tomar decisões conjuntas pelo encontrar de pontos comuns. Isso é tudo muito bem, se: a) todos tiverem justa e igual participação; b) o debate for conduzido de uma forma Racional; c) se estiver a falar-se de decisões pontuais para lidar com questões bem delimitadas; d) se as decisões tomadas não tiverem poder de coerção sobre pessoas que não concordarem com a decisão. Este último ponto é bastante importante na definição da ideia de consenso. Uma decisão

tomada por debate em consenso tem, por definição, de ser universal. Isto significa que tem de ser partilhada por *todos* aqueles que são afectados, na presença de todas as condições enumeradas. Isto significa que uma decisão obtida por consenso *real* nunca pode ser coerciva. Ou é aceite por todos os afectados (e nesse caso é a decisão legítima) ou não é aceite por todos os afectados (e nesse caso não é uma decisão legítima; não é sequer uma decisão). Isto dá uma medida de justiça ao *real* processo de consenso.

Bom sob decision-making político, porque impõe justiça e não-coerção.

Dado a gridlock, checks e balances ao exercício de poder / a essência de liberdade. Ao mesmo tempo, quando este método é usado para decision-making político, torna-o bastante dado a empate, gridlock, não-decisão, e isso é bom; checks and balances, a essência de uma sociedade livre e democrática. Este é o método real – *o original e legítimo* – de lidar em consenso.

"O novo consenso": impor corporate change por engenharia psicossocial.

Consenso **real** é mau para o negócio, porque bloqueia exercício irrestrito de poder.

"Novo consenso": invenção de megacorporações, fundações, ONU, grupos autoritários.

Institutos essenciais, Tavistock Institute e RAND Corporation (psychwar branches).

Neutralizar oposição / impor decisão predeterminada por manipulação pública.

Triangulações, falsa vox populi, facilitadores, provocadores, rent-a-mobs.

Vandalismo do debate público para forçar aprovação de decisões predefinidas.

Fazer tudo isto com aparência de participação, input, buy-in popular. Este método é mau para o negócio, porque tende a bloquear concentrações de poder. Daí, surge no século 20 uma aliança entre megacorporações globais e movimentos autoritários para obter o "novo consenso". O "novo consenso" é o modo pelo qual um debate é organizado (manipulado) para chegar a uma conclusão predeterminada e a oposição a essa conclusão é neutralizada. É daqui que vem a ideia de consenso ONU/Agenda 21, pela qual comunidades inteiras (países inteiros) têm sido desconstruídas e transicionadas para governância privada transnacional, sem qualquer aprovação (ou sequer conhecimento) da larga maioria do público. O novo método de "consenso" é definido nos anos 60 pela RAND Corporation, uma fundação que desenvolve tecnologia militar para o Pentágono. As bases per se são lançadas pelo Tavistock Institute, o braço de guerra psicológica da City of London. O "novo consenso" é, muito literalmente, uma arma de usurpação por guerra psicossocial.

Sob o rationale RAND, "consenso" passa a ser um método pelo qual:

- decision-making por consenso deixa de ter de ser universal;

- uma minoria auto-intitulada usurpa a autoridade para tomar decisões por todos [*consensus meetings importantes estão sempre cheias de rent-a-mobs, que são mobilizadas para fazer de "comunidade" e hostilizar a oposição*];

- os participantes que se oponham à "versão consensual" (a conclusão para a qual o facilitador está a guiar o debate) são abertamente hostilizados e silenciados, i.e. neutralizados;

- o debate em consenso é *guiado* pelo uso de técnicas de facilitação, perante um público ingénuo para tal facto; o processo é viciado e manipulado para chegar a uma conclusão predefinida, através do uso de técnicas de triangulação (delphi) e outras;

- estas técnicas de facilitação são conduzidas por pessoas contratadas para tal, colocadas na direcção do debate (mediadores, facilitadores) ou no seio do público (agentes de influência, provocadores), para produzir efeitos de falsa vox populi e triangulação;

- já não há gridlock; decision-making é obrigatório, de modo a facilitar a imposição das medidas vendidas pelos facilitadores, as decisões predefinidas.

Princípios aplicados a todos os domínios da vida cultural, psicossocial. Agora, estes princípios são aplicados quer se fale de reuniões presenciais, de debates televisivos, de debates na sala de aula (sob "ciências da educação" pós-modernas), ou na dinâmica sócio/cultural em geral. Basta fazer a aplicação dos princípios gerais a cada um desses domínios para perceber como isso funciona.

"Novo consenso", arma psicossocial para usurpação. O "novo consenso" é uma arma de usurpação por guerra psicossocial, para puro e simples crime organizado para usurpação de poderes de decision-making – roubo – entre muitos outros crimes graves.

Engenharia psicossocial, consensus building, T-group.

Educação / consensualização para mundo desumanizado.

Consensualização, generalizada no mundo pós-moderno. Quando temos muitos grupos, empresas, comunidades, a funcionar segundo esta dinâmica (consensualização, o ambiente consensual), isso já é mau o suficiente. Quando toda a sociedade começa a entrar neste processo, isso é catastrófico. Mas é isto que estamos a ensinar às nossas crianças nas escolas, e é isto que os adultos, que deveriam saber melhor, também estão a aprender a fazer.

Educação pós-moderna, para era definida por contracção e crescimento negativo.

Banir a consciência individual e a Razão.

Inculcar empirismo radical, ideologias sociais sintéticas, pensamento de grupo.

Produzir pessoas sem iniciativa, para automatização humana. O resultado é o de a consciência individual estar sob ataque cerrado, no mundo pós-moderno. Tomemos o exemplo do actual sistema educativo que, sob as ideias de profissionalização, ultra-especialização, e socialização no T-group, essencialmente declarou que a racionalidade individual é algo de demodé, a ser desincentivado e, com efeito, prevenido. Hoje em dia, a criança média vai à escola média para aprender empirismo radical simplificado, ideologias sintéticas pós-modernas, pensamento de grupo. Isto não lhe dará as bases para vir a pensar como um indivíduo, para vir a ter as capacidades para organizar e desenvolver o seu próprio negócio, ou para fazer uma descoberta científica. Mas talvez venha a ser um bom operador de call center, ou um razoável subalterno administrativo entediado. Esta é a fasquia para uma era de contracção e crescimento negativo.

Pensamento colectivo / consensus building / conformidade compulsiva. O aspecto mais insidioso e destrutivo da educação pós-moderna é, de longe, a ênfase em pensamento colectivo. Do ensino primário em diante, *non stop*, as crianças são continuamente rotinadas a pensar e a agir em grupo, em equipa, para todas as disciplinas, consenso, "*consensus building*", sempre e em todas as ocasiões – ou seja, *conformidade compulsiva*, porque esse é o resultado final. Behave, for bee hive or. Produzir o mel em harmonia colectiva para que o apicultor possa empanturrar-se e engordar e finalmente eliminar a colmeia, quando as abelhas se tornam excedentárias.

Educação pós-moderna rotina crianças sob modelo Hitlerjügend / Brigadas Vermelhas.

Mentalidade consensual é infantil, mas adultos reinfantilizados são piores que crianças.

Porém, hoje, big boys tentam atar todas as pontas soltas.

Logo, crianças estão a ser cultivadas em consenso e nihilismo, o modelo Hitlerjügend. Tudo isto expressa uma mentalidade infantil, mas diga-se em abono da verdade que as crianças são bem menos alienadas que o adulto que foi reinfantilizado por consenso dialéctico. Mas é um facto que, hoje, os big boys at the top estão a tentar atar todas as pontas soltas, e isso significa que todas as crianças de idade escolar estão a ser ensinadas e rotinadas a funcionar com base no grupo consensual, com pseudo-ideologia naturalista por cima, contendo um feroz *bias* anti-humano. Esta, claro, é a fórmula genérica que foi seguida para cultivar os jovens bandidos da Hitlerjügend e, em medida diferente, os aprendizes de gangster das Brigadas de Mao. Portanto, o que surge daqui?

A ideia demagógica de “harmonia” e “entendimento” por consenso.

Doublespeak de ciências sociais, psiquiatria social.

“Harmonia” e “entendimento” / na verdade, normativização e conformidade.

Real harmonia e real entendimento só podem ser construídas por **indivíduos** honestos. A tudo isto, está associado um jargão bastante cínico de psiquiatria social e de ciências sociais embargadas (e embriagadas). É dito que consensualidade traz *harmonia* colectiva no ser e no comportamento, e isto significa normativização. Fala-se de *entendimento*, significando conformidade. Conformidade e formatação humana são valores desonestos per se; são falsa harmonia e falso entendimento. Real harmonia e real entendimento só podem ser construídos à volta do mais completo respeito pela liberdade e pelo espaço de decisão do próximo. Só podem ser construídos entre *indivíduos*, verdadeiros, Racionais, honestos.

Consensualidade não traz “paz mundial”, mas sim guerra mundial.

A ideia demagógica de que consensualidade trará “paz mundial”.

Nada podia estar mais longe da verdade. De há décadas para cá, surgem os mais variados demagogos utópicos que prometem que a construção de consenso, em cada sala de aula, em cada ambiente social, é a fórmula para obter paz, concordância, boa vontade e, quem sabe, “paz mundial”. A ideia de que uma cultura consensual originará boas intenções e boa vontade nunca resiste ao teste da História: todas as sociedades alicerçadas em consensualidade foram (e são) sociedades viciosas, violentas e repressivas. São ambientes dominados por bullying, mobbing, força colectiva, policiamento mútuo, violência organizada. Fascismo, comunismo, e todas as outras formas de totalitarismo, são formas de governo alicerçadas em consensualidade. Todas são sociedades profundamente bélicas e agressivas, para fora e para dentro. Existem bons motivos para que isso aconteça, expostos ao longo destas páginas. Uma boa imagem do futuro consensual é dada pela série Trailer Park Boys. Aí, no final de uma das temporadas, o trailer park (a “comunidade”), atinge o estado pristino de consensualidade, onde todos se amam profundamente, fazem tudo em conjunto, e todas essas platitudes propagandísticas. O episódio seguinte, um mini-filme (Say Goodnight to the Bad Guys), mostra o resultado de tudo isso: o trailer park implodiu em pobreza e violência, com os vários grupos, antes bastante comunitários, agora em guerra armada aberta entre si, por pequenas coisas, desperados mentecaptos, sujos e feios, a lutar por meia dúzia de tostões. Isso é o futuro do mundo ocidental.

“A boca fala de paz mas traz guerra no coração”. Esse é o espírito geral que anima tudo isto.

Fundações, Unesco, ONGs, associações psicopolíticas e governamentais, etc.

A sistematização deste paradigma ao longo da sociedade. Os promotores de "paz mundial" por engenharia psicossocial pululam a partir de grandes fundações bancárias, depois disso, da UNESCO e, numa terceira linha, de ONGs e outras associações psicopolíticas, educacionais, governamentais, etc. São partisans terroristas de power politics, para puro e simples controlo populacional. A ideia aparentemente simpática é a de que a educação tem de estar na ponta de lança do "esforço histórico" de estimular consensualidade. Depois, isto é promovido nos currículos de formação (formação, não educação) das ciências sociais, para estabelecer as trends paraintelectuais e profissionais junto de educadores, sociólogos, psicólogos sociais, e tudo o resto. Em breve, estas ideias são traduzidas para programas educacionais e para fórmulas de engenharia social e, em pouco tempo, influenciam toda a sociedade humana.

Se "consenso é a dinâmica essencial do século 21", então século 21 será horrível.

É preciso reafirmar o valor do indivíduo e da liberdade individual. Consenso é "uma das dinâmicas essenciais para o século 21" – é isso que é dito. Se assim é, o século 21 vai ser inteiramente anti-democrático, e não é isso que se pretende. Para afirmar alguma sanidade a este nível é preciso reafirmar continuamente que é o indivíduo, e não o grupo, que é a pedra basilar da sociedade; e que a civilização se constrói com liberdade e com democracia representativa, e não com "democracia consensual", o oposto exacto da ideia de democracia.

"Consensus building": Técnicas militarizadas para despersonalização.

Tavistock, RAND, NTL, Michigan, etc.

Military intelligence branches, especializados em guerra psicossocial.

Fairies wear boots and military industrial bully boys will be fairies. Os métodos modernos de "consensus building", de gerar "ambientes consensuais" (por ex., T-group) foram desenvolvidos ao longo das décadas de 40 a 60 por especialistas de investigação psicossociológica, em institutos como o Tavistock Institute de Londres, a rede de National Training Laboratories nos EUA (destaque para Bethel, Maine), a UMichigan e a RAND Corporation. Em todos estes casos estamos a falar de military intelligence branches especializados em guerra psicossocial. São essencialmente privatizados (não que isso torne e situação muito mais grave), com destaque para o Tavistock, o psychological warfare branch do SIS, i.e. da Coroa e da City of London Corporation (a Firm, como a rainha lhe chama). Os military industrial boys a desenvolver técnicas para criar salas de aula mais simpáticas e locais de trabalho mais aprazíveis (?!). Fairies wear boots and military industrial bully boys will be fairies, e é claro que a intenção é destruir.

Técnicas desenvolvidas a partir de tortura com POWs (e.g. T-group).

Despersonalização, inversão radical de valores, crenças, comportamentos [i.e. lavagem cerebral]. É por isso que o desenvolvimento destes métodos não foi um exercício académico ingénuo e benevolente, mas sim algo que foi abertamente inspirado em técnicas militares de despersonalização e conversão em grupo; técnicas desenvolvidas durante a II Guerra e durante a Guerra da Coreia, usando POWs. Todas assentam no uso de pressão social para alterar radicalmente o indivíduo – sob conversão completa, o indivíduo é despersonalizado e sofre uma inversão de 180 graus nos seus sistemas de valores, crenças, personalidade, comportamento. Uma forma incrivelmente poderosa de fazer isto é o T-group, o grupo de consenso e pressão social, onde o indivíduo é "frito" para "renascer no grupo" (esta é a terminologia que é usada pelos cientistas sociais, talhantes, que vendem a técnica).

"Consensus building": Arma de military intelligence, hoje a desfazer sociedade.

Hoje, T-group, uma arma, aplicado liberalmente por toda a sociedade. Hoje, o T-group é rotineiramente aplicado às nossas crianças: na escola, no grupo de jovens, na associação do bairro. É vulgarmente aplicado em programas de formação e actualização profissional; ou para gerar o "ambiente de trabalho saudável"; ou até em lares de idosos (nem durante a reforma a pessoa é deixada em paz; a ideia é, "no one gets out alive").

Lewin, Bennis, Schein et al. / os POWs americanos torturados na Coreia.

Nonsense hipster, aqui usado como arma militar, sobre "paz mundial" "utopia", "amor".

Entretanto, bully boys matavam 2M de camponeses vietnamitas e 50 mil americanos. Durante a era em que o T-group é formalizado por pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Warren Bennis e muitos outros, várias formas desta técnica estavam a ser aplicadas em POWs ocidentais pelas forças chinesas que combatiam pela Coreia do Norte. Estes são *factos*, que podem e devem ser verificados. É bastante interessante e aconselhável ler os livros e ensaios que estas pessoas escreveram nesta altura – são públicos, acessíveis, e de leitura fácil. Embora seja preciso filtrar todo o nonsense hipster sobre paz mundial, utopia e psicadelismo. Bastante notável em spin doctors ao mais alto nível de military intelligence, um dos meios mais virulentos e perturbados em existência. Porém, este é o modo desarranjado como fairies who wear military grade boots, also wear poisonous flowers on their hair, while they sell good ARAMCO oil to the NVA and raze Vietnam farmer villages to the ground, to standardize the territory, devastate the independent tribes and get them all under a strong central government, for multinational exploitation. Five to one baby, one in five, no one here gets out alive. Insanidade e nihilismo.

O ensaio vital de Lewin, o agent provocateur trotskyista, a soldo do Pentágono. Existem vários "Mein Kampfs" em tudo isto mas é provável que o mais fácil e straight to the point de todos seja o "Conduct, Knowledge and Acceptance of New Values", publicado em 1945 no Journal of Social Issues, por Kurt Lewin, o trotskyista/nazi reconvertido em

agente MI6/CIA [*agente quádruplo ou quintuplo, um benchmark para a classe de trotskyistas e restantes provocadores a soldo de grandes fundações*]. O documento explica como implementar um programa de reeducação – esse é o termo usado – sobre toda uma sociedade.

Hoje, toda a sociedade está a ser desarranjada e desfeita pelo uso destes métodos. Entretanto, foi feito. Está a ser feito. Geralmente sob títulos melosos e sonantes, como "programa de socialização", "formação para o consenso", "treino de diversidade" (a diversidade morre, neste processo), "saúde mental no trabalho" (a saúde mental também), "integração social na 3ª idade" – e por aí fora. Que esta questão não seja conhecida do público em geral, não é apenas vergonhoso. É uma indiciação da minha classe (psicólogos sociais), e de todas as classes e instituições que ganham (ou acreditam ganhar) com a introdução destes métodos na sociedade – com aquilo que é, de facto, a destruição de mentes alheias e da própria sociedade no seu todo.

A sociedade enovelada, atada, amarrada – enforcada.

A plantação é a comuna e será a comunidade sustentável Agenda 21.

Consenso é a dinâmica da comuna e da plantação.

[A plantação e a comuna são a **mesma exacta** coisa; comunidade Agenda 21 segue-se]. Consenso é também a dinâmica comunal da plantação e do seu correspondente imediato, a comuna. A plantação é a extensão colonial da comuna feudal e é daqui que surge a comuna totalitária do século 20, seja ela comunista ou fascista. A comunidade integrada Agenda 21 é a continuação trademark directa de tudo isto.

Colocar subumanos em espaços trancados autoritários, forca e chicote bem à vista.

Mantê-los sob pobreza forçada, ensiná-los a policiar-se mutuamente.

"Utopia" só serve para entrar; depois, o inferno de poder irrestrito pode ser libertado.

[Não há honra entre ladrões and there's a sucker born every minute.] Todas estas estruturas são baseadas em autoritarismo, pobreza, regimentação social, servitude/escravatura. É o modelo mais evidente de organização sob despotismo. Colocar os subumanos todos em espaços trancados, remetê-los a pobreza e a trabalho forçado, manter a forca e o chicote bem à vista e ensiná-los a policiar-se mutuamente. É isso que autoritários fazem com os seus "inferiores"; e porque é que haveria de ser de

forma diferente? [*A demagogia sobre utopias maravilhosas só serve para meter o pé na porta. Depois disso, o campo fica aberto para o exercício irrestrito de poder autoritário. Esperar o contrário é o melhor dos manifestos sobre densidão humana, mas é isso que contece com a generalidade dos apoiantes de movimentos totalitários. Não existe honra entre ladrões, mas os últimos a perceber isso são, genericamente, os próprios ladrões, que são trapaceados e depois despachados pelos top dogs. A natureza humana não muda mas, como P.T. Barnum dizia, "there's a sucker born every minute"*].

Isso é a comunidade A21: Arbeitslager + comuna chinesa e AI no topo.

Trabalho forçado e extermínio gradual para resolver "excesso de população". É *isso* que vai ser a comunidade Agenda 21. Vai ser um campo de trabalho forçado e de extermínio gradual da população, dos excedentários, por meio de violência, pragas, subnutrição e tudo o resto. Uma mistura do Arbeistlager com o lockdown camp chinês; e uma camada de high tech e AI a supervisionar todo o processo.

Destruição cultural para a imposição da comuna, o e.g. da China.

A comuna assenta sempre sobre destruição cultural e sobre consensualização. Toda a realidade sócio/económica da comuna, ou da plantação, assenta sempre sobre o processo implícito de destruição cultural, seguida/acompanhada de consensualização.

Lord Palmerston / Guerras do Ópio / desculturalização da China pelo Foreign Office.

Genocídios / brigadas vermelhas / escravatura comunal sob companhias multinacionais. Um homem que sabia isto era Lord Palmerston, o grande ideólogo e executor do Foreign Office imperial britânico durante a maior parte do século 19. Palmerston foi responsável pela destruição cultural de vastas extensões da Europa continental, teve uma mão na Índia e nos domínios africanos e foi determinante para a desintegração cultural da China. Esse foi um dos grandes projectos de Lord Palmerston e da sua clique de oligarcas financeiros, narcotraficantes e esclavagistas, na City of London. A dinâmica de desculturalização radical iniciada durante as Guerras do Ópio é mais tarde direccionada para comunismo por pessoas como Lord Bertrand Russell e John Dewey (que vão a Pequim e Shanghai nos anos 20 para criar o Partido Comunista, e dar aulas de comunismo aos jovens hooligans aristocráticos que serão os líderes do movimento) e acaba por levar de modo mais ou menos directo aos genocídios de Mao. É nos gangs de jovens fanáticos irracionalistas da Revolução Cultural que é finalmente alcançado o "homem-besta"; o grande projecto de Palmerston e da oligarquia anglo-europeia. Como tantos outros nihilistas oligárquicos antes dele, e tantos outros depois dele, dentro e fora da Grã-Bretanha, Lord Palmerston estava interessado em escravizar, mas sabia que é preciso bestializar antes de escravizar. Na altura, estes gangs, devotados ao culto do grande líder, o tirano, devastam o que restava da China, e é claro que isto inclui o frequente assassinato das próprias famílias. São a cereja no topo do bolo venenoso de

80M de mortos causados por Mao. Depois, muitos destes jovens hooligans têm as suas merecidas recompensas nas cidades de trabalho escravo da China comunista, a trabalhar 14h por dia por mera subsistência, para companhias multinacionais.

O "homem-besta", a criatura existencialista para trabalho forçado na comuna.

Para que a comuna funcione, o escravo tem de ser bestializado.

Ignorância, maus sentimentos, degradação, traição do próximo. Para que a comuna funcione, o servo, o escravo, tem de ser convertido numa criatura bestializada, ignorante, atomizada. Tem de aprender a funcionar em consenso, sob uma cultura grupal muito básica, alicerçada em maus sentimentos, degradação, mediocridade. O escravo comunal é sempre ensinado a cometer aquele sacramento de auto-desrespeito e de auto-traição, o de virar-se contra o colega que sai da linha. Qualquer bom shareholder de plantação e qualquer bom explorador de trabalho comunal conhece estes princípios. Já Aristóteles os mencionava. Foram repetida e sistematicamente aplicados durante a História humana, e dominados a um nível de perfeição nunca antes igualado durante o espaço do último século.

O homem bestializado é amoral, ignorante, vazio, atomizado no mundo.

O esclavagista depende deste tipo de RH, e está seguro perante ele. É uma criatura existencialista, dialéctica, culturalmente destruída e culturalmente destrutiva. As suas prioridades existenciais são definidas por linhas hobbesianas; a procura de prazer e o evitamento da dor. Age sempre em grupo porque não consegue agir de outra forma. É no grupo que recebe a sua ideologia sintética e a sua identidade artificial, que o definem enquanto pessoa. É no seio do grupo que recebe as suas gratificações e as suas punições. É o grupo que policia a sua ortodoxia ideológica e comportamental. Esta pessoa pende naturalmente para o sistema totalitário, que lhe oferece um módico de auto-gratificação e de autoridade social em troca dos serviços prestados, e lhe oferece a omnipresente ilusão de segurança pessoal. Por sua vez, o esclavagista totalitário depende deste género de recurso humano: a pessoa primária, infantil, auto-centrada, que vive num mundo mental pré-fabricado e formulaico; que não é excessivamente movida por sentimentos de solidariedade para com o próximo; que não tem qualquer capacidade, ou motivação, para mudar o regime vigente; que se contenta facilmente com umas migalhas e com o exercício mesquinho de poder social que lhe é atribuído. O homem que empunha o chicote, e guarda os cubos de açúcar, está seguro perante este género de constituência.

Princípios axiomáticos, com os quais é preciso aprender. Estes princípios são axiomáticos à natureza humana. O indivíduo culto e inteligente sabe, e aprende, com o passado. O indivíduo que não quer aprender com o passado não é culto, nem inteligente, e é provável que não mereça ser considerado indivíduo. É, ele próprio, um produto existencialista descartável, alguém que se limita a "existir" num fluxo espácio-temporal, imerso em confusão, sem noção de onde vem e, ultimamente, para onde *vai*.

Sociedade dialéctica: corrida para o fundo – despotismo totalitário.

A mentalidade dialéctica é viciosa e totalitária.

Obter síntese total implica irrestrição total de poder, policiamento, regulação, controlo.

A vanguarda e as massas consensuais regimentadas. O processo dialéctico resulta sempre em despotismo, já que a mentalidade dialéctica é viciosa e totalitária. Tudo abrange, tudo regula, tudo policia, na procura constante de uma síntese total e universal. Isto é assim do micro ao macro, do grupo à sociedade em geral e ao próprio mundo. Tudo e todos têm de funcionar de um modo dialéctico, no grupo dialéctico e na sociedade dialéctica. Todos têm de ser "incluídos" e "integrados" no todo dialéctico, na síntese social geral que é oferecida. Ninguém pode optar por ficar de fora. Democracia é redefinida para significar o seu oposto exacto: regimentação compulsiva na massa colectiva organizada. Quem define os moldes de funcionamento da sociedade dialéctica, do todo organizado? Pode ser o oligarca/demagogo nietzschiano, ou o "consenso social". Mais geralmente, é a combinação dialéctica dos dois: o consenso do grupo é fabricado pela vanguarda dialéctica e é, consequentemente, imposto ao resto da sociedade.

O mínimo denominador comum da consensualidade é todo-o-terreno.

Maus sentimentos, miséria económica, gangsterismo político.

A comunidade integrativa é o feixe feito para ser cortado, jogado ao fogo. O processo de consenso é sempre alicerçado na redução a um *mínimo denominador comum* que possa ser aplicado/imposto a todos os "incluídos" – um estado mental, cultural e sócio-económico no qual *todos* possamos estar *no mesmo barco*. Em consequência, os regimes dialécticos, consensuais, são sempre baseados em emiseramento sócio-económico, em maus sentimentos, em falsidade ubíqua. Todos têm de (*ser forçados a*) abdicar da sua individualidade para participar no *consenso universal* compulsivo que é, desta forma, formalizado. É a procura desse consenso universal que define todos os regimes dialécticos, de comunismo a fascismo. O consenso universal é sempre o sistema de organização humana onde os indivíduos *têm de aceitar* ser despersonalizados e colectivizados: no soviete, nos fascii, na comunidade integrativa. Por outras palavras, têm de aceitar ser o *joio* que é atado em *feixes*, para que possa ser lançado ao *fogo*.

Sociedade dialéctica: destruída e destrutiva, como os sujeitos que a habitam.

Marcuse: Eros (entrega) e Tanatos (destruição), do individual ao societal.

O sujeito destruído e destrutivo / vive por absorção e destruição de vida à volta.

A sociedade destruída e destrutiva / vive por absorção e destruição de vida à volta. Sob funcionamento dialéctico, como Marcuse deixou claro, o indivíduo é destruído enquanto tal, i.e. é despersonalizado (Tanatos), quando se junta ao abraço de grupo (Eros), quando subordina a sua personalidade e a sua mente ao self grupal. A sociedade é igualmente destruída e devastada (Tanatos) quando funciona segundo este esquema colectivo de coisas (Eros). Uma sociedade dialéctica é homogénea, emiserada, incapaz de inovar, construir, desenvolver. É uma sociedade simultaneamente destruída e destrutiva; não tem futuro, a não ser na absorção e na destruição de mais objectos à volta. Quando já não existe mais nada para absorver, desmantelar, ou destruir, tudo o que resta é pura e simples morte. E este é o processo de colapso de nações.

Entrega para os braços da morte pode parecer estimulante e agradável. Mas a degradação pode ser um exercício estimulante, e ter a aparência de algo bom e preenchedor (Eros). Seja como for, todos os restantes géneros de destruição e decadência (Tanatos) se seguem.

A sociedade enovelada: inversão radical de valores para Fascismo Corporativo.

As variáveis psicológicas totalitárias dominam o mundo pós-moderno, devoluto.

Inversão radical de valores e ajustamento a "novos normais" inumanos. O mundo pós-moderno, pós-industrial, devoluto, é cada vez mais caracterizado pelas variáveis psicológicas do totalitarismo, sob a notória marca Fascista: força, alienação, instrumentalismo, desumanização, num processo dirigido por megabancos e fundações. É um mundo onde foi alcançada aquela marca inescapável do colapso de civilizações, a inversão radical de valores – aquilo que antes era bom passa agora a ser mau, e aquilo que antes era mau, é agora normal, adaptativo, útil e, portanto, bom. A inversão é gradual mas segura, e funciona por ajustamento progressivo a "novos normais".

A sociedade presa em nós, laços e novelos.

Construir sobre a mentira leva à normativização da falsidade na sociedade.

A estátua social, eidolon colectivo – "nós", "comunidade".

Esta estátua assenta sobre pés de barro e é feita para colapsar.

Entregar-se nos braços da morte pode parecer giro mas, lá está, morte é morte. Construir algo sobre a mentira só pode levar à acumulação progressiva de mais e mais mentiras, até ao ponto em que esse estado de falsidade geral se torna naquilo que caracteriza a sociedade humana. O mesmo vai depois acontecer para as vidas e para as mentes que são afectadas pelo ambiente social. Mas a degradação pode parecer um exercício estimulante, e a entrega aos braços da morte pode parecer uma coisa gira e

preenchedora. Seja como for, morte é morte, e morte é morte, e não há grande volta a dar ao assunto.

A sociedade presa, atada e amarrada em laços, nós, novelos, é a sociedade a ser enforcada. E morte é o que acontece quando toda a sociedade é literalmente atada, presa, impiedosamente amarrada em nós dialécticos. Pendurada pelo pescoço por uma enorme convolução de laços, atados em nó contínuo para formar uma corda e a corda acaba num novo nó de nós, apertado à volta daquele pequeno, frágil e mirrado pescoço. Portanto, é isto que existe, um mundo essencialmente dialéctico, dissociativo, esquizofrénico. Preso, atado, enovelado numa infinidade de *doublebinds*. A soma total dos nós, o nó definitivo, é um gigantesco e embaraçoso agregado social com o aspecto figurativo de um Nó Górdio. Esse Nó total, pela sua própria natureza corrupta, está sempre fadado à destruição física, às mãos de um Alexandre, o conquistador sociopático que surge para desfazer ao nada a pretensão humana e desaparecer logo a seguir.

Alexandre ou Daniel, you decide.

Salvar a consciência individual, o passo essencial para dissolver os nós. Logo, antes que Alexandre apareça para desfazer as débeis e patéticas formações de dezenas de milhares de mercenários com meia dúzia de hoplites, e para desfazer o Nó Górdio, é necessário que Daniel desfaça as ilusões impostas pelos Caldeus. Isso é feito por meio de apreço pela verdade dos factos e pela adopção inabalável de bons valores, e essa tem de ser uma iniciativa do indivíduo – de todos os indivíduos com uma consciência. E salvar a consciência per se é o ponto mais fulcral em tudo isto, já que a consciência individual está sob ataque cerrado, no mundo pós-moderno.

Comunitarismo é sempre consensual e só pode ir para um lado.

[Ver também a **imagem da galera romana**, mais atrás].

Todos os comunitarismos são baseados em consenso e só podem agir de uma forma.

Comissários, a comuna, maus sentimentos, obscurantismo, pobreza, exploração.

Babilónia – Idade Média – URSS, Alemanha Nazi, China, etc. – Agenda 21. O novo comunitarismo, baseado em consenso, nesta forma de funcionamento, não tem alternativa a não ser a de estar em alinhamento pleno com os antigos comunitarismos, da velha Babilónia à Idade Média europeia aos regimes totalitários dos últimos dois séculos. Todos fazem o mesmo, independentemente dos pretextos ideológicos que sejam dados, porque todos *são o mesmo*. Consensualidade é consensualidade e só pode funcionar nos sentidos aqui apontados. Todos os sistemas consensuais assentam na mesma massa disforme de maus sentimentos humanos, aquilo que substitui o self após despersonalização no colectivo. A comuna babilónica é a comuna medieval, que é a comuna soviética, que é a comuna nazi, que é/será a comunidade integrada Agenda 21. Os sacerdotes babilónicos são os sacerdotes medievais, que são os comissários

totalitários, que são os comissários comunitários e os facilitadores do século 21. Todos são irmãos de armas e kindred spirits, unidos por malevolência e obscurantismo. O código social babilónico é o código medieval, que é o código comunista, e é o código fascista e é/será o código do século 21: a prisão social, mental e comportamental para o mundo de pobreza e exploração.

A desfiguração institucional do Cristianismo.

Acção moral trocada por racionalização de injustiça, ritualismos, espiritualismo pagão.

"As nações esforçaram-se para o fogo" / verdade carboniza mentira, o orgulho humano. Já agora, é evidente que o Cristianismo medieval estava inteira e deliberadamente distorcido, tornado no *inverso* do que deveria ser de modo a justificar conformismo, exercícios arbitrários de poder, as práticas mais horrendas. Deus, o verdadeiro, é a grande ameaça a estes esquemas sociais de coisas, porque é quem ensina que o social não vale para rigorosamente nada e que tudo o que conta é nobreza de acção. Acção justa, corajosa, limpa, irredutível. E foi por isso que as oligarquias medievais tiveram de tentar obscurecer a limpidez de acção que é exigida por Deus através de ritos inconsequentes e pela superimposição de espiritualismos pagãos. Este problema, a supressão da Palavra de Deus por debaixo de camadas interpretativas baseadas em nonsense, e em desonestidade é, de resto, um problema que perdura até hoje. De resto, está a acontecer como é suposto mas não perdurará, porque, no final, as nações esforçaram-se para as chamas. A real chama é quando a verdade carboniza a mentira e desfaz o orgulho humano a nada.

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash"

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash".

Regime age sobre público para o atomizar e colectivizar, em simultâneo.

Estimular ódio, desconfiança, cinismo, apatia / relações vazias, falsas, insípidas.

O "ambiente moral contaminado" de que Vaclav Havel falava. O narcisista tem de isolar a sua vítima. Por um lado colectiviza-a, coloca-a na massa, para propósitos de controlo e influência social, mas depois assegura que as relações na massa vão ser falsas e vazias. As vítimas ficam atomizadas no colectivo, colectivizadas na atomização.

Quebrar relações humanas e torná-las vazias e insípidas passa pela estimulação de desconfiança, ódio, apatia relacional. As pessoas *nem sequer tentarem* construir relações em condições. Isto está na essência daquilo a que os comunistas chamavam de desmoralização. Destruir o velho sistema de relações humanas e substitui-lo por aquilo a que Vaclav Havel chamou de "ambiente moral contaminado", um pântano putrefacto e infecto, onde a normalidade é definida por mentira, cinismo, egoísmo.

<u>Transmissão de pragmatismo, calculismo / "you scratch my back, I'll scratch yours"</u>.

<u>A caixa de Pandora que devasta as pessoas e as relações humanas na sociedade</u>.

<u>Essencial para degradar o público, impossibilitar relações genuínas</u>.

<u>Essencial arrependimento, mudança individual, para recuperar humanidade</u>. E o mais importante de tudo, aqui, é a transmissão de perversão, na forma de mentalidade pragmatista. Aqui, estamos a falar de calculismo egoísta, narcísico. Cada qual tem de sentir que está no seu direito *usar* o próximo de forma egotística, embora dentro dos parâmetros que são prescritos pela norma social. A mentalidade dominante sob pragmatismo passa a ser algo como, eu faço coisas boas por ti enquanto tu fizeres coisas boas por mim. You scratch my back, I'll scratch yours; o standard dos macacos, com todo o respeito pelas pobres criaturas. E é claro que este é o self-destruct mechanism, o botão vermelho que, quando pressionado, liberta a reacção em cadeia que devasta absolutamente as relações humanas e o próprio self. É a caixa de Pandora que, assim que é aberta, liberta vagas após vagas de mal, naquilo que é uma blitzkrieg relacional de instrumentalização, uso, manipulação, e todos os subprodutos disto, insegurança, desconfiança, medo, apatia, ódio. Uma boa parte do público é transformada em pig demons inumanos e uma outra parte, em pessoas apáticas e acobardadas. E é precisamente isso que os engenheiros sociais pretendem. Criar escravos degradados, reduzidos a um nível de temor, insegurança, cinismo, apatia. Enquanto as pessoas funcionam assim, relações *humanas* são impossíveis. É necessário haver arrependimento e mudança individual para a quebra destas condições relacionais sintéticas o retomar de humanidade. Como o outro observava, I've heard their stories, heard them all, but love's the only engine of survival.

<u>Destruição de relações resulta no empowerment da aldeia, o estado criminoso</u>. É claro que o empowerment selvagem do estado totalitário, do regime criminoso, é sempre o background de acção aqui. Quando eu faço tudo o que quero, e uso todos os outros conforme me dê mais jeito, desde que seja autorizado pelas normas da aldeia, o que acontece é que destruo relações para a esquerda e para direita, destruo pessoas, destruo a sociedade em volta. Dessa forma, dou mais poder à aldeia, o gangster state.

<u>Sob quebra relacional, não há fontes de apoio, when the big boys come for you</u>.

<u>Indivíduo deixado sozinho, face a face com estado autoritário</u>. Ao sujeito, talvez nunca falte companhia física, mas as relações humanas serão essencialmente vazias e utilitárias; e certamente ninguém deve fiar-se em solidariedade dos seus pares, na

proverbial situação when the big boys come for you. É suposto que o indivíduo seja deixado inteiramente sozinho, face a face com o estado autoritário; sem clã, família, ou amigos para se interporem no caminho. A aranha que precisa de ter a presa isolada na teia, e é por isso que este tipo de degeneração é incentivada, no público.

Na aldeia, cada indivíduo narcísico tem muito pouco espaço de liberdade / "fair shares".

E, mais cedo ou mais tarde, perde *totalmente* a própria cabeça.

A fusão total do sujeito com o "estado". Quando a aldeia tem todo o poder, o que acontece é que cada indivíduo narcísico tem muito pouco espaço de liberdade; apenas um módico tolerado, uma "fair share", uma "justa" e "quota parte". Isto significa racionamento de essenciais, um pequeno apartamento cinzento num bairro social devoluto, e cada passo da minha vida a ser inspeccionado pelos gangsters do comissariado local. E é claro que o estado total pretende ser "deus", a camorra pretende dominância global. Logo, o que acontece é que o meu narcisismo terá de ser colocado sob controlo e alinhado com o estado total; a ideia que subjaz a estatismo extremo é que, eventualmente, ninguém tenha a capacidade de encontrar qualquer forma de liberdade e de satisfação a não ser no serviço à "comunidade", i.e. fusão total com o estado. O que isto significa é a redução de seres humanos ao estatuto de insectos de colónia.

Comunicação dialéctica, integrativa, consensual.

Comunicação dialéctica: Jogos de ego, orgulho e preconceito, violência relacional.

Alicerçada em sentimentos, caprichos autoritativos, opiniões sociais.

Ajustamento mútuo de egos é tudo o que conta / jogo de ancas, o meio de lá chegar.

Concordância e dissolução pessoal são obrigatórias. A comunicação dialéctica opera por sentimentos, opiniões socialmente aceitáveis, caprichos autoritativos, agendas que se querem vender, e outras irracionalidades deste género. A troca de ideias é, per se, irrelevante. As ideias que estão a ser debatidas são laterais, irrelevantes e circunstanciais. A troca serve para chegar ao momento mágico em que as pessoas na situação encontram um patamar comum de compromisso, de dissolução partilhada de posições em nome de ajustamento social; na verdade, falsidade partilhada. Tudo o que interessa é este acto de dissolução, o abraço de grupo no pântano, o sacramento de

abdicação em nome do jogo de egos. O social é "deus" e os egos em presença são os "semi-deuses"; o princípio de realidade é este ajustamento mútuo. Os participantes *têm* de concordar em algo. Esse é o resultado predeterminado e o jogo de ancas é o processo obrigatório para lá chegar. E, porque é que isso havia de acontecer?

É claro que não é isto que acontece entre pessoas coerentes e maduras. O que acontece entre pessoas maduras (já para não dizer, normais) é que conversam amigavelmente sobre o que quer que seja, concordam quando isso faz sentido, e não discordam quando não faria sentido concordar; concordam em discordar. Talvez até aprofundem a sua relação pelo facto de agora se conhecerem melhor e de apreciarem as suas diferenças. É isso que gera boas relações humanas.

"Just make my ego feel good, tell me sweet little lies" [validade lógica é irrelevante]. Mas todo o processo dialéctico é guiado por sentimentos e por artefactos sociológicos irracionais. O que determina o debate de ideias não é a validade lógica dos argumentos, mas apenas e somente se os argumentos me são egoicamente aprazíveis. Se me titilam, se me são agradáveis ou não. Se são a norma partilhada pelo meu grupo. Se são aquilo que está *in*, aquilo que é cool n groovy. Se são aquilo que eu quero ouvir. Tell me lies, tell me sweet little lies – but make me feel good!

"Pride and prejudice replace all sense and sensibility".

"Deixa-me *ganhar*, ou pelo menos *empata* comigo, faz-me sentir bem".

"Caso contrário, és petulante, elitista, auto-centrada, orgulhosa, teimosa, **intolerante**". Ego e orgulho – pride and prejudice replace all sense and sensibility. Deixa-me ganhar, ou pelo menos empata comigo. Faz-me sentir bem, faz-me sentir validado e inteligente, abdica da tua posição por mim (*me, that big huge insecure me*); eu farei o mesmo por ti. O funcionamento dos miúdos pequenos. Orgulho, ego e emoções infantis. Quando a outra pessoa não está a jogar jogos de ego (é isso que está em causa), bom, então isso significa que a outra pessoa é má. Não está a titilar o meu ego. Não está a fazer-me sentir bem, não está a dar-me um fix de dopamina (a pessoa deveria ceder, para me proporcionar feel good hormones). Está a fixar-se na sua posição; está a ser *rígida*. Está a ser *petulante*, *elitista*, *auto-centrada*. *Orgulhosa*! É *teimosa* porque não faz cedências neste assunto, e isso seria tão simpático, tão educado, tão de rigueur. E está a ser *intolerante*! Se não me valida, é claro que isso é um terrível sinal de intolerância, para com, vá-se lá saber o quê (talvez, jogos de ego e conversas falsas e especiosas).

Real feel good existe com sinceridade, abertura, coerência, racionalidade.

Jogos de orgulho e ego rotinam pessoas a mentir, a cinismo, narcisismo, autoritarismo.

E, também, à inversão semântica da realidade. O ***real*** feel good é quando duas pessoas estão à vontade para falar sobre TUDO, de modo aberto, despretensioso. Discordar aqui, concordar ali, aprender uma com a outra. Serem inquestionavelmente amigas, reforçarem continuamente a amizade, porque sabem que são pessoas honestas, coerentes e racionais. O real feel good está num rapport sincero, próximo e honesto – verdadeiro.

É *aí* que está o real feel good, e não em jogos infantis de orgulho e de ego, para subjugação mútua. Mas é isso que é o sistema dialéctico. É uma mentalidade viciosa, que rotina as pessoas a mentir, a tornarem-se narcísicas e cínicas (make me feel good, always, and I'll make ya feel good too, when I think it'll pay) e, habitua-as a serem autoritárias; quando exigem que o outro faça precisamente o mesmo, em nome do seu feel good, o grande buraco negro sugador chamado ego. E ensina-as a fazer o truque sacramental, o de inverter o sentido das palavras para validar as suas próprias posições e atacar quem não faz as vontades.

Princípio de realidade oscila algures entre o ego e o social / é medido por capricho.

Honestidade, coerência deixam de contar ["truth, an enemy, logic, a menace"].

Empatia, abertura, sinceridade e tolerância dão lugar a calculismo relacional.

I.e. tudo o que marca o rapport racional, normal, é colocado de parte. Por outras palavras, o sentido de realidade aqui está a oscilar algures entre o ego e o social. Capricho é a balança pela qual o mundo real é pesado, avaliado. Honestidade intelectual é algo que pura e simplesmente não entra na equação. Para quê haver coerência, justiça e equidistância quando o meu ego precisa de ser titilado? Make me feel good, make me feel god. Com o tempo, e à medida que as pessoas ficam mais e mais rotinadas a isto, acontece que "truth becomes an enemy and logic a menace", como Rod Serling teria dito, *in the twilight zone*.

E é claro, em tudo isto é muito difícil encontrar empatia, abertura, sinceridade. Tolerância, atenção às características pessoais do próximo. Tudo aquilo que marca um rapport racional. Mas existe sempre a pretensão calculada de afabilidade e de sociabilidade, to get what I want, gimme gimme gimme.

Rapport egotístico e dissociativo / rift na racionalidade e abdicação de relação *real*. Tudo isto expressa uma forma relacional e comunicacional egotística, mas também dissociativa, pela qual os sujeitos estabelecem um rift na racionalidade e abdicam de real relação, nunca aprendendo a apreciar-se ou a compreender-se mutuamente.

Jogos de ego e feel good pantanoso tornam-se a raison d'être da relação humana. Aprendem apenas a forçar-se a concordar entre si, em jogos de ego, e a sentirem-se bem com isso. É aí que encontram a sua raison d'être relacional, na obtenção deste estado de falsa harmonia.

Os resultados disto: autoritarismo, agressividade, intolerância, petulância.

A relação humana como Danzig, um espaço de anexação. O padrão relacional que daqui surge é tão juvenil como o funcionamento egóico do processo dialéctico. Autoritarismo, agressividade, intolerância. Os sujeitos tornam-se petulantes, ofensivos, agressivos. Feriste os meus sentimentos porque não fizeste o meu ego sentir-se bem, agora tenho de fazer guerra contra ti e insultar o teu ego, tentar magoar o teu ego [*uma vez mais, o registo da criança pequena; mas nem as crianças pequenas são tão egoístas e*

autoritárias como o adulto que é reinfantilizado pela dialéctica]. Ou existe concordância compulsiva, ou existe quebra, polémica, violência, guerra; a relação humana definida por Anschluss e por Blitzkrieg. Declaro-te guerra e faço-mal a não que me deixes anexar-te num ponto qualquer (tu és Danzig); e podes anexar-me também num ponto qualquer [*a dialéctica mestre-escravo, de Hegel, onde é suposto que todos aceitem ser mestres e escravos de todos os restantes*]. É isto que acontece quando as pessoas e as sociedades perdem a capacidade de comunicar, as coisas tendem a tornar-se bizarras e insanas.

Comunicação dialéctica: Princípio de realidade vs. mimo, capricho, pretensão.

O funcionamento dialéctico é uma espécie de negativo de racionalidade.

Calculismo, invenção, fugas para a frente, racionalização de caos mental. A dialéctica funciona como uma espécie de negativo de racionalidade, como foi bem exposto nos pontos anteriores. A pessoa que funciona nestes moldes vai incorporar este espírito, bastante pernicioso. Quando pouco ou nada sabe sobre um assunto, tenderá a inventar, a fazer fugas para a frente onde procura demonstrar todo o seu brilhantismo; uma pessoa honesta tenderia a nem sequer se pronunciar sobre esse assunto. Com frequência, até vai começar conversas por meio de meras fantasias atiradas ao ar, nonsense consciente definido meio ao calhas, que serve apenas e somente para estabelecer uma baseline de conversação e permitir o desenlace da síntese dialéctica.

Comunicação lógica, racional e despretensiosa é uma coisa óptima. Se alguém me provar que estou enganado em algo, então é apenas uma questão de lógica que eu reconheça que o estou, e que fique satisfeito por ter aprendido algo de novo [*a não ser, claro, que a pessoa seja um idiota petulante; aí, continuarei a reconhecer que tem razão, mas tenderei a mandar a pessoa dar uma volta*]. Eu fiquei mais enriquecido porque aprendi algo de válido, e posso agora transmitir isso a outros. A outra pessoa também ficou mais enriquecida porque transmitiu o seu próprio conhecimento e com isso fez algo de bastante produtivo, que é aumentar a net wealth do mundo em conhecimento. Passaram a existir mais boas ideias em circulação para alimentar outras boas ideias e é apenas assim que as pessoas e as sociedades crescem.

Sujeito dialéctico fica muito agravado quando lhe provam que está errado em algo.

Ego oblige / o princípio de realidade está entre ego e o "social", o "nós".

Gerações mimadas são sempre as mais dialécticas / capricho espalha destruição.

Depois, as gerações seguintes têm de ser adultas e racionais, para reconstruir tudo. Quando a outra pessoa lhe demonstra que está enganado em algo, o sujeito dialéctico tente a ficar agravado, indignado, a guardar rancor; mesmo que não o expresse de forma imediata. Isto, claro, expressa o foco do sentido de realidade no self. "Ego" decido o que é ou não real, de acordo com esta ou aquela fantasia, com este ou aquele capricho

situacional. "Ego" é quase tudo; e depois também há o "nós" no qual "ego" se insere, o *social*. As pessoas mimadas são sempre as pessoas mais dialécticas. Cuidado com gerações e com povos que foram estragados com mimos. São guiadas por capricho até à devastação e são as gerações que vêm a seguir que têm de passar pelo cabo dos trabalhos, tornarem-se consistentes e coerentes, e reconstruir tudo o que as gerações anteriores arruinaram.

Princípio de realidade tem de ser alicerçado em verdade moral e epistemológica.

Verdade moral: pessoas *verdadeiras*, com carácter **vs** pessoas *falsas*, sem carácter.

Só pessoas *verdadeiras,* intelectualmente honestas, conseguem descobrir e lidar com verdade factual e epistemológica.

Pessoas falsas simplesmente distorcem o real por capricho e expediente.

Quando o edifício é construído sobre falsidade, simplesmente *colapsa*. É preciso ter um sentido de realidade alicerçado, lá está, no *real*, no mundo real. O que interessa é aquilo que é real, validável, consequente; princípios, axiomas, factos. Por outras palavras, aquilo que é epistemológica e factualmente verdadeiro; *verdade epistemológica e factual*. É claro que isso não pode existir sem *verdade moral*, sem que as pessoas em si sejam *verdadeiras*, i.e. intelectualmente honestas, sinceras, empáticas, responsáveis. Só pessoas com carácter podem descobrir, aceitar e lidar com aquilo que é factual e epistemologicamente verdadeiro. Pessoas *falsas*, i.e. pessoas que são desonestas, calosas, até mentirosas, vão distorcer a realidade a seu bel-prazer por questões de expediente, e para validar caprichos momentâneos. Quanto o princípio de realidade é alicerçado em falsidade, o edifício é construído sobre mentiras, o que significa que colapsa. É por isso que as sociedades dialécticas estouram sempre, após provocarem muita destruição no mundo em redor. Na prática, é só para isso que servem, para destruir; auto e hetero-destruição.

Ou algo é verdadeiro ou não é, independentemente de caprichos e de expedientes.

Se algo é verdadeiro, validável, consequente, é melhor que se lide com isso.

E.g. da ponte colapsada.

E.g. das redes de pedofilia [e os pig fairies at the top].

Em ambos, falsidade/corrupção humana → catástrofe. A pessoa intelectualmente honesta, pelo contrário, vai colocar sempre em primeiro lugar aquilo que é verdadeiro, validável, consequente. Isso está acima de sentimentos e de caprichos pessoais, de opiniões sociais, de expedientes do momento. Ou algo é verdade ou não é e, se o é, então é preciso agir de acordo com isso. Se aquela ponte vai cair porque os alicerces foram mal construídos, então é *melhor* que os alicerces sejam reforçados, independentemente das dificuldades envolvidas nisso. Numa sociedade dialéctica, o que acontece é antes a seguinte rotina, a ponte foi mal construída, isso é reconhecido a

portas fechadas, mas alguma vez a ponte caía, isso nunca aconteceu antes e não é agora que vai acontecer. Vamos antes concentrar atenções em taxar o público por ar quente, CO_2, já que isso é a próxima grande cashcow dos bancos. Quando a ponte finalmente cai, e mata dezenas de pessoas, as coisas são resolvidas com inquéritos públicos deliberadamente inconsequentes e, finalmente, pela "queima" de bodes expiatórios na praça pública; os engenheiros que foram ordenados a poupar nos materiais de construção. Depois, os familiares das vítimas, que querem verdade e justiça, são apresentados nas notícias como idiotas, simplórios, almas confusas e perdidas. Noutra instância, existem redes de pedofilia a operar a partir de orfanatos públicos, com a violação e o tráfico de crianças? É evidente que não se faz nada para salvar as crianças e meter os criminosos na prisão, já que quem manda nas redes de pedofilia são os fairy pigs at the top. Pelo contrário, o que se faz é arrastar a situação indefinidamente, com inquéritos deliberadamente incompetentes, intimidar vítimas, testemunhas, jornalistas, e trancar os jornais que estão a abordar o assunto. Usar uns poucos bodes expiatórios, uma ex-vítima entretanto assimilada na gestão das redes, e duas ou três figuras circenses, para dar um ar circense a toda a situação. Por fim, inverter as premissas da situação na praça pública, ao ponto em que as vítimas são caricaturadas, até *culpabilizadas* por se terem queixado.

Quem escava um fosso, vai um dia jazer nele.

Ou se é uma pessoa com carácter ou não, e nesse caso é-se lixo. No exemplo anterior, é o sangue de crianças pequenas que clama, e isso nunca passa impune. Quem escava um fosso vai um dia jazer nele. Uma sociedade que funciona assim vai ser engolida pela sua própria corrupção. Os chefes desta sociedade estão na primeira linha para a ruína. Amar o próximo como a si mesmo; e colocar aquilo que é verdadeiro e demonstrável acima de qualquer variável pessoal e situacional. É só assim que as pessoas crescem e se desenvolvem, e é só assim que fazem algo de produtivo pelo mundo em volta.

Comunicação dialéctica – O T-group e a sociedade a tornar-se num cuckoo's nest.

Tudo isto é codificado para paraciência por consensus building, T-group.

Fritar a pessoa sob pressão psicossocial.

Este é o funcionamento geral, depois codificado para técnica paracientífica por meio do t-group e de consensus building. A pessoa que não participa do jogo infantil, da gincana social, tem de ser ***frita*** no grupo de pressão e em todos os restantes contextos onde seja possível fazê-lo (a mass culture actual é um enorme T-group). E a ideia teórico/prática admitida que subjaz a isto tudo é que ela própria se converta ao modelo dialéctico, ajustamento social irrestrito, jogo de ancas irrestrito; i.e. que ela própria se torne mentirosa, egotística (o termo técnico é narcísica) e autoritária.

Sociedade convertida em workshop para reprocessamento psicossocial.

Torna-se no cuckoo's nest, e depois vai tudo ao ar. Esse é um dos factores essenciais pelos quais a sociedade está a ir pelo cano abaixo. Foi transformada numa enorme workshop de reprocessamento psicossocial, da infância em diante, para gerar insanidade em massa, não há outra forma de colocar a questão. As pessoas estão a tornar-se cuckoo!, brla-brla-brla!, e depois tudo vai ao ar.

A história de Raquel (1): Firmeza de posição vs. dissolução em nome de egos.

O e.g. da pessoa que assume uma posição moral no trabalho.

Carácter firme tenderá a ser encarado como inflexibilidade, orgulho, irrealismo.

Embora seja reconhecido que é *válido*.

Ausência de carácter é aquilo que permite degradação contínua de standards. Na sociedade dialéctica, as pessoas estão rotinadas na *praxis* dialéctica; pensam e agem de uma forma dialéctica, e esperam que as restantes pessoas pensem e ajam da mesma forma. Aí, imagine-se que alguém chega ao local de trabalho com uma posição moral A (e.g., "não mentirás"), mas é confrontado com a posição imoral B ("mentirás no exercício destas funções"). A pessoa tem, por exemplo, de ligar para vários membros do público a prometer-lhes mundos e fundos, umas férias no sol e outras na neve, se simplesmente assinarem um plano de pensões desenhado para lhes roubar os rendimentos – para especulação em derivativos insolventes – e não redimir um tostão que seja. Existem milhares de pessoas a fazer este tipo de trabalho hoje em dia. A maior parte não faz a mais pequena ideia do que está a fazer, mas o facto é que existem muitas que sabem. Voltando à situação. A pessoa tem carácter e mantém a sua firmeza de convicção. O resultado de tudo isto é o de ser despedida, ou tratada na ponta do chicote daí em diante. E, mais que isso, vai ser tendencialmente vista pelos superiores e pelos colegas como *inflexível*, *irrealista*, até *orgulhosa*. Os observadores que atribuem estes rótulos até podem sentir alguma forma de empatia pela firmeza de posições demonstrada, e assumir que *é* uma boa atitude. Mas, estando rotinados em funcionamento dialéctico, é-lhes incompreensível que a pessoa não estivesse disposta a fazer compromissos, e se coloque, portanto, na situação de ser pessoalmente prejudicado. Estes observadores fazem compromissos. No caso, não hesitarão em extorquir as poupanças de vida de membros ingénuos do público, para os banker bosses. Há 70 anos atrás, e com trabalho suficiente, talvez as mesmas pessoas se tivessem satisfeito em "cumprir ordens", a atacar, prender, escravizar e finalmente executar pessoas em campos de concentração. Uma coisa não está assim tão distante da outra. O factor determinante é a ausência de carácter próprio que, nas condições certas, permite a descida contínua para abismos infernais.

"Ceder em posição em nome de relação" / Dissolução de posição / Tornar-se dissoluto.

"Dissolução é pró-social".

Quando se abdica de princípios, o caminho é down down down, splash. Seja como for, voltando ao escritório yuppie nos arredores de Lisboa. Os colegas desta pessoa vêem-na a perder o emprego, ou a ser relegada para trabalhos inferiores. Se forem paraintelectuais existencialistas (hoje, tudo é possível), talvez apontem que a pessoa está a ser prejudicada em nome de *posição* (tem uma posição demasiado firme), quando tudo aquilo que é materialmente relevante é *relação* (boas relações no local de trabalho). Ajoelha-te para manter a paz, e beija a mão que te alimenta. Será uma mão? Quem sabe. Será que a pessoa não podia fazer uma cedência ou outra, um compromisso C ("ok, agora faço isto, mas vou tentar que me dêem outros trabalhos de futuro"). Isso não seria mais *realista*? Ceder em *posição* em nome de *relação*. Fazer uma *dissolução* de posição – tornar-se *dissoluto*. Isso não seria mais *pró-social*? Mas a pessoa não quer ser pró-social; a pessoa está-se a marimbar para semântica yuppie e não vai perder um minuto a pensar em termos carregados para racionalizar conformismo. A pessoa quer manter a sua integridade moral, o seu carácter, porque sabe que é só isso que interessa. Ao mesmo tempo, é uma pessoa inteligente, e tem toda a noção de que, ceder no primeiro passo C ("mentir ocasionalmente") é abrir a porta a C1 ("mentir mais frequentemente"), a C2 ("mentir quase sempre") e, finalmente, a C3 ("mentir continuamente"). Quando se abrem as portas da degradação humana, o caminho é down down down; a única forma de evitar degradação pessoal é não entrar nela.

Alguns sentem-se pessoalmente agravados com colega firme.

Firmeza de princípios é "inflexibilidade", "rigidez", "cria mau ambiente".

Dissolução torna-se dogma relacional / quem não a pratica é "dogmático". É até provável que alguns colegas se sintam *pessoalmente agravados* pela atitude da pessoa: essa *inflexibilidade* incomoda-os, é demasiado *rígida*. Na prática, a pessoa está a ter uma atitude mais firme e mais corajosa do que esses observadores conseguiriam ter, e eles sabem-no – esse é o problema. A cedência dialéctica em posição, a *dissolução de posição* em nome de *relação* é sempre mais exigida por aqueles que estão mais *dissolutos*. A pessoa não está a ser *democrática* (!), não está a fazer aquilo que a maioria faz, não está a juntar-se ao grupo. Está a invalidar aquilo que todos fazem e, com isso, está a criar mau ambiente. A *dissolução* é, por conseguinte, elevada ao nível de um *dogma relacional*. Quem não pratica este dogma relacional, arrisca-se, paradoxalmente, a ser rotulado como *dogmático*. Os jogos mentais da dialéctica.

Colegas indignados ficam-no porque estão a ser invalidados na sua falta de carácter.

Tenderão a desdenhar a pessoa por assumir posição "superior".

Pessoa dialéctica vive num maelstrom paranóico de superioridade/inferioridade.

Daí, sociedades dialécticas são sempre as mais desiguais e autoritárias de todas.

Porém, slogan é "igualdade" [todos igualmente desiguais, como dizia Shigalov].

Pessoas de carácter são universalistas e nunca vêem o outro como superior/inferior. A subjazer a tudo isto também existe um outro motivo muito importante, embora raramente confessado. Estes colegas, que ficam bastante indignados com a atitude da pessoa, sabem que são sujos, e é por isso que ficam indignados, e zangados. A pessoa está a invalidá-los, está a mostrar que o seu é um mau comportamento. Isto é algo de bastante inaceitável, para este tipo de outsider, que precisa de racionalizar, justificar a sua dissolução. Se *nós* somos sujos, tu não tens o direito de não o ser, caso contrário a nossa sujidade é invalidada; portanto, tens de ser igualmente suja, para que consigamos provar que *todos são sujos*; e assim seremos justificados. No entretanto, a pessoa é particularmente desdenhada por estar a exibir, acreditam os colegas, que é "superior". É muito improvável que a própria pessoa alguma vez se veja, ou sinta, nessa posição; pessoas de carácter não andam por aí a comparar estaturas sociais com os restantes. É simplesmente o modo como funciona. É axiomático. A pessoa dotada de carácter vê e trata os outros em pé de igualdade e tem uma visão universalista e altruísta do mundo e da vida. Tem individualidade, o que significa que é genericamente independente de superstições sociais. Mas a ideia superior/inferior é um dos efeitos essenciais do pensamento dialéctico. A pessoa dialéctica vive num mundo de paranóia psicótica, onde tudo é perspectivado em termos de dominação e subjugação, cima/baixo, dominar/ser dominado, superior e inferior. É por isso que as sociedades dialécticas são as mais despóticas e desiguais de todas, as mais absolutamente tirânicas, embora o façam sempre em nome de "igualdade". Todos são igualmente escravos, como Shigalov dizia, n'"Os Possuídos" de Dostoevsky.

A história de Raquel (2): As office yuppie hyenas tentam fritar Raquel.

Raquel vai almoçar com as office yuppie hyenas, que vão tentar fritá-la.

Vai ser submetida a blitzkrieg de projecções freudianas clássicas. Conceba-se agora que esta pessoa, chamemos-lhe Raquel, vai almoçar no refeitório com estes colegas agravados, estas yuppie hyenas de escritório. Aí, este bando consensual vai, em essência, tentar fritar Raquel, fazê-la mudar, validar o ponto de vista do grupo, obter dissolução, em nome de harmonia social, i.e. do tipo de igualdade atrás descrita, onde todos são igualmente dissolutos e conformistas. Isto não significa que haja algum conluio para que isto assim aconteça; é simplesmente o modo de operação do grupo consensual reduzido ao mínimo denominador comum.

"Será que não podes mudar de princípios" (dissolução em nome de jogos de ego).

"Impasse" / "Inflexibilidade" / "Dogmatismo" / Guilt pimping.

"You mind your business, I'll mind mine".

A mais completa intolerância e mindlessness para com aquilo que Raquel tem a dizer.

Grupo quer convertê-la à força, mas acusa-a de pretender fazer conversões. Raquel começa por ser bem acolhida, e ninguém se atreve a atacá-la individualmente. Finalmente, surge o hot topic e Raquel lá explica os seus motivos. "*Tudo isso é legítimo*", poderão dizer, "*mas será que não podes ver isto ou aquilo também desta outra forma*" (dissolução)? Raquel não concorda com essa outra forma e expressa-o, explicando os seus motivos. Os membros do grupo contrapõem de novo, mas Raquel sabe quem é e sabe o que quer; mantém a sua posição. Por esta altura, os outros podem começar a apresentar sinais de agitação. A agitação torna-se progressivamente mais acentuada à medida que o *impasse* (é assim que é visto) continua. Porque é que Raquel não cede? Não faria sentido, em nome de harmonia de grupo, que ela cedesse na posição?, kiss my feet and I'll kiss yours? Portanto, isto continua, e como Raquel se mantém onde é suposto, o tom da conversa começa a escalar. A simpatia inicial começa a dar lugar a impaciência e até a agressividade. "*Bom, tu és inflexível*". Raquel é rotulada de inflexível porque não cede em *posição*, em nome de *relação*, de ego. Raquel não está a fazer os outros sentirem-se bem, não lhes está a fazer a vontade. "*Não achas que estás a ser dogmática*"? O *dogma consensual* tem de ser imposto a Raquel, que é rotulada como *dogmática* por não aceitar esse dogma. Está a fazer com que o grupo se sinta agitado, impaciente e até culpado, por todo este *impasse*, e pelo facto de *ter de ser persuasivo* com ela. Mas vão tentar fazê-la sentir-se *culpada*, pelo facto de não ceder na sua posição, pelo facto de ter uma vontade própria. A páginas tantas, Raquel já está saturada de tudo isto. A única coisa que lhe apetece fazer é dizer aos outros para se meterem nas suas próprias vidas. Estão a ser impertinentes e intrusivos. Afinal de contas, quem é este pequeno bando para se intrometer nas decisões dos outros, para se tentar envolver na vida dela? E estão a tornar-se bastante ofensivos. Ainda assim, Raquel é uma moça paciente, portanto continua a explicar articuladamente a situação e a responder às questões que lhe fazem do modo mais inteligente e elegante que lhe é possível. Isso só piora a situação. O que Raquel não está a perceber é que o grupo está empenhado em *convertê-la*; não está interessado nas palavras de Raquel. Só quer que ela ceda à pressão colectiva; ponto. Raquel é a voz da razão, mas o grupo não está interessado na voz da razão. Foi, aliás, pela voz da razão que o grupo começou por ficar agravado com Raquel. E o efeito é agora exponenciado. Gera-se a situação paradoxal onde, o grupo que pretende *converter* Raquel à força, a vai acusar de ser *ela* que está a tentar *converter as restantes pessoas*, de cada vez que se defende das acusações que lhe são feitas.

"Arrogância" / "Autoritarismo". Tudo isto se torna num exercício arrogante e autoritário, mas é Raquel quem se arrisca a ser rotulada como *arrogante* e *autoritária*, por não aceitar a autoridade petulante do grupo. Tudo isto são projecções clássicas, implícitas ao funcionamento dialéctico.

"Intolerância" / tolerância redefinida para obedecer à vontade intolerante dos outros. Em breve, tudo isto se expande para *intolerante*. Raquel é *intolerante* porque não está disposta a fazer cedências ao grupo, porque não *converge* com o grupo. É intolerante porque não mima o grupo; isto é o funcionamento de miúdos mimados. Raquel está a

magoar os sentimentos do grupo. Aqui, o verbo *tolerar* vê o seu significado distorcido a 180º e passa a ser sinónimo de *aceitar mudar em nome de relação* – going along to get along. O grupo é inteiramente intolerante para com Raquel e para com a sua posição, a roçar o fanatismo; mas vai rotulá-la de intolerante pelo facto de não aceitar ser dominada e subjugada por essa intolerância. *Tolerância como conformidade compulsiva à intolerância alheia*. E é assim que se destrói o léxico, a linguagem, e as mentes das pessoas.

<u>“A opinião da maioria”, o kool aid cult / Raquel é “anti-democrática”</u>.

<u>Depois, faz o apropriado e, leve e elegante, deixa o grupo a espumar-se sozinho</u>. O colectivo auto-intitulado é a maioria; e aqui temos a *opinião da maioria*, a opinião da aldeia, do colectivo, do kool aid cult. “*A maioria está acima do indivíduo – ou não?*”. É evidente que não, o grupo pode ir dar uma volta, como Raquel bem sabe. Neste momento, começa a perceber a dinâmica da situação e não fica muito surpreendida quando é chamada de *anti-democrática*. Seria democrática (not) se obedecesse à vontade desta maioria despótica e inteiramente... anti-democrática. A páginas tantas, Raquel já nem sequer está a tentar. Esperou pelo momento apropriado e, sendo uma moça elegante e inteligente, foi de modo elegante e inteligente que se pirou, deixando o grupo a roer-se de indignação.

<u>Conformismo, seguidismo, ausência de carácter/ Eros de grupo / Fusão, violação</u>. E é indignação que os domina. Numa óptica muito disfuncional e pervertida, o grupo gosta de Raquel. Quer dar-se bem com ela. Quer estar com ela no mesmo patamar, no mesmo charco estagnado de conformismo, seguidismo, falta de carácter. Quer partilhar com ela o Eros do abraço de grupo, do compromisso, harmonia. Torna-te como *nós*, obedece-*nos*, deixa-*nos* exercer poder sobre ti, e podes fazer o mesmo sobre *nós*. Torna-te uma falhada e funde-te connosco, *por favoooooor*. Deixa-nos violar-te; é isso que isto significa.

A história de Raquel (3): HR management decide fritar Raquel.

<u>A sessão de formação do outro lado da cidade / aí, Raquel conhece grupo de pessoas</u>. Agora, esta pessoa teve de assumir um conjunto de posições fortes no trabalho. Para tentar “rectificar” a situação, a gestão falou com alguém em RH. Foi decidido que ia ser criada uma situação onde a pessoa ia ser “colocada na linha”. A pessoa iria ser enviada para uma formação especial no outro lado da cidade e, lá conheceria um conjunto de novos “amigos” que iria funcionar como pressure group para a abalar e “fritar” (este foi o termo usado pelo HR consultant). Sem dúvida, a pessoa vai à training session, que dura o dia inteiro. É uma mulher e, logo pela manhã, conhece um rapaz encantador, olhos verdes, the whole lot que as mulheres gostam. Existe o estabelecimento de rapport, que se vai estendendo pela manhã inteira, durante os intervalos mas também durante a própria sessão, já que ambos foram sentados lado a lado. Pelo meio, a moça vai conhecendo também, ao de leve, algumas pessoas que estão com esse rapaz. Todos

parecem ser bastante simpáticos ou, no mínimo, boas pessoas. Alguns são até bastante introvertidos! O intervalo de almoço é de 2h, num espaço aberto, uma espécie de jardim, bastante solarengo e agradável. A moça, o rapaz e o grupo de aparentes amigos do rapaz vão almoçar juntos. Por iniciativa de uma das amigas do rapaz, todos se vão sentar em círculo, na relva. Durante um tempo, a rapariga está algo de fora da conversa, que é dominada pelas pessoas mais carismáticas do grupo. Mas o rapaz e uma das suas amigas servem de icebreakers, palavra puxa palavra e, em breve, a rapariga já se tornou o centro da conversa.

O grupo é uma rent-a-mob de young urban hyenas, com um bom résumé. Sem o saber, foi colocada no meio de um grupo de provocadores, actores subcontratados a uma agência de RP e organização de eventos, usada rotineiramente pela companhia da rapariga para providenciar serviços de "correcção". É uma rent-a-mob. Ontem tinham estado na câmara a fazer de vox populi numa "deliberação com participação pública" (uma reunião delphi), para se assegurar que um programa específico era aprovado em nome da MultiCorp Ltd e do MegaCityBank Inc. Antes de ontem, tinham estado a trabalhar para uma firma privada de segurança, big boys com contratos militares, numa situação onde tinham de assustar um sujeito; nenhum deles sabe o motivo, mas também não lhes interessa. "É isto que fazemos", como costumam dizer em tom meio displicente, meio reflectivo. Todos sabem que são prostitutos comportamentais for hire, mas o facto é que os tostões dão bastante jeito e o trabalho é fácil; basta fazer teatro e enganar pessoas. Costumam trabalhar em conjunto (embora tudo isto seja flexível), portanto já estão bem rotinados no papel de grupo de animados colegas, quase melhores amigos. Vários deles têm formação em ciência sociais e experiência no papel de facilitadores, o que é um must neste tipo de actividade criminosa, que é induzir, enganar, manipular pessoas.

Raquel percebe que nem tudo é como é suposto ser.

Tem sido profiled, estudada a agora vai ser alvo de pura action research, uma psyop. O grupo está bastante rotinado em funcionamento dialéctico. Daí, é aberto, receptivo, acolhedor. Mas, para inquietação da rapariga – vamos chamar-lhe Raquel – há algo que não funciona bem aqui. Ela não pôde deixar de reparar que uma enorme parte dos temas que foram puxados pelo grupo são temas que lhe são próximos; coisas sobre as quais ela tinha tido conversas bastante profundas em tempos recentes, com colegas no local de trabalho, mas também ao telemóvel. Sempre que esses temas são puxados, a "opinião consensual" que surge baseia-se em argumentação especiosa, fácil, intelectualmente desonesta, que contraria os pontos de vista que ela própria tinha defendido em instâncias "íntimas". Mas, de modo ainda mais estranhos, as pessoas do grupo recorrem a catchphrases muito específicas e até raras, expressões usadas por ela própria ou por alguém conhecido por ela. "Bom, não sejas paranóica", diz Raquel para si mesma. Mas Raquel não tem a mais pequena noção de alguns elementos. Todos os perfis pessoais que Raquel montou na Internet são fontes inestimáveis de informação e são activamente estudados pelo lado "informal" de HR management. As suas conversas no local de trabalho têm vindo a receber uma especial atenção. Em parte, isto é feito através do

sistema interno de CCTV/booster mic que foi instalado pela empresa, durante a reconversão de segurança das instalações. Mas é claro que também existe o factor humano. Uma das suas colegas tem vindo a "controlá-la" de forma mais ou menos activa, por sugestão do manager. Outros colegas foram induzidos/trapaceados a ceder os mais variados dados pessoais de Raquel em conversa informal; hoje as pessoas falam muito livremente das questões umas das outras. E, que tal se Raquel soubesse que o tal lado "informal" de HR management tem vindo a comprar o seu tráfego de telemóvel ao fusion center, o gang público/privado que recolhe intelligence sobre todos, em parte para vender aos melhores compradores? A companhia de Raquel é um bom cliente e costuma comprar estas coisas em bulk, a agregar todos os empregados de nota. Após o estudo do perfil pessoal de Raquel, a rent-a-mob recebeu uma formação sobre como devia comportar-se e o que devia dizer, em que momentos. Foi criado uma espécie de guião semi-estruturado para situação com Raquel, focado em momentos críticos e situações chave. Tão simples quanto isso. Escusado será dizer que o grupo leva pelo menos um aparelho para captação e monitorização da conversa (digitais, hoje à venda em retailers online por meia dúzia de dólares). Na situação, a conversa estará a ser ouvida live e o grupo receberá instruções sobre mudanças tácticas ou outras por sms, chat no telemóvel ou, no caso de uma situação mais premente, chamada directa a um dos membros. Para que nada falhe, haverá mais que um receptador disto, embora um deles seja o essencial, o líder da unidade táctica, por assim dizer. Vários dos membros da rent-a-mob gostariam de ouvir este género de linguagem a ser aplicada para eles, já que passaram uma boa parte das suas vidas recentes a ser saturados por supinismo Fox, sobre espiões, informantes, escumalha de vão de escada, the glamour of trash, etc. Portanto, não pensaram duas vezes quando lhes ofereceram a entrada neste tipo de vida. Fazer psyops para ganhar dinheiro sujo para uma playstation, ir ao cabeleireiro, comer uns cheeseburgers extra no McDonalds, etc.

<u>A HR team, new agers de aspecto tão inofensivo</u>.

<u>Na prática, são thugs na linha de uma quinta coluna Fascista / mind snatcher squad</u>. Raquel está a ser alvo de uma psyop pelo tal lado "informal" de HR; as psyops preparam-se bem, é preciso conhecer bem o alvo. E aquelas pessoas são tão simpáticas, diria Raquel. Todas elas são muito bem educadas e bastante new agey. Todas fazem meditação hindu, praticam reiki e falam das suas caminhadas pela natureza, para reavivar os chakras. São pessoas agradáveis e inofensivas, ainda que meio esgroviadas, assume Raquel. O que Raquel não percebe é que essas pessoas têm um código moral inteiramente diferente do seu, e acreditam que fazer mal é fazer bem sob as mais variadas circunstâncias. E aí o melhor de todos os leit motifs é a criação de conformidade social. Estas pessoas são cultivadas numa intelligence op, cultos religiosos criados by design, sob ideologia sintética, para a reconversão radical da sociedade. Acreditam na obtenção de um "mundo perfeito" neo-hitleriano, que lhes é vendido com cores bonitas, fadas e energias no ar, e ao qual chamam "utopia". Alguns dos discípulos, que por este ou aquele motivo são os mais "promissores", são recrutados para agendas aparte pelos seus handlers, aos quais chamam gurus. Nestes millieus, isto

acontece mais frequentemente nos casos de true believers fanatizados, de sociopatas, e de pessoas com os mais variados problemas mentais. Depois, estes são organizados em proverbiais quintas colunas fascistas disseminadas pela sociedade; e usam os métodos de quintas colunas fascistas, mas fazem-no em nome de "amor universal". É claro que os gurus são bastante cínicos e sabem que estão a usar idiotas úteis. Eles próprios são company men vindos de military intelligence, fellow travelers, homens de lojas de mistérios. A larga maioria são handlers profissionais, a usar a cover muito cínica do charlatanismo espiritual. Seja como for, a via para a utopia é a obtenção de "harmonia social", sobre tudo e sobre todos. "Harmonia", quando traduzida para o mundo real, significa conformidade e seguidismo. Também significa despersonalização. "Fritar" e traumatizar a pessoa numa sucessão contínua de crises existenciais arquitectadas, para a tornar "aberta" a um makeover personalístico. Desfazer a antiga estrutura de personalidade, crenças e valores, e impor uma nova, sob shock and awe existencial. Reforma de pensamento, ou lavagem cerebral, a arte dos regimes totalitários. Obter conformidade social, despersonalização, harmonia, implica sujar as mãos, e é isso que estas pessoas estão a fazer com Raquel e com tantos outros.

Raquel sente que toda a situação é falsa, e continua a ser aquecida por suspended disbelief shocks. Voltando a Raquel e ao grupo de provocadores a soldo. A conversa tem vindo a ser agradável, e Raquel até foi como que colocada no centro das atenções, mas não consegue deixar de sentir uma espécie de desconforto interior, como que um arrepio subtil na espinha. Quando Raquel olha em redor, não vê menos que grandes sorrisos e olhares atenciosos. Por um lado, tudo isto tem sido quase demasiado bom para ser verdade. Há muito tempo que nunca tinha tido um grupo inteiro, 8 pessoas, tão atentas a cada palavra que sai da boca dela, por muito tola que seja. Por outro lado, Raquel está a ficar meio cansada de estar ali, com aquelas pessoas. Há qualquer coisa que a deixa desconfortável em toda a situação. Algo dentro dela lhe diz que tudo aquilo é... *falso*. Até o rapaz, sentado ao lado dela, começa a parecer-lhe algo suspeito. É como se fosse perfeito demais para ser verdade (e ninguém é tão perfeito apenas após umas horas de nos conhecermos, pensa ela), demasiado compatível, másculo, atencioso e, ao mesmo tempo... plástico. É como se houvesse algo de sintético nele, embora ela não consiga perceber exactamente o quê. Mas, até agora, tem sido o companheiro dela, a pessoa mais focada e consistente no grupo; o amigo prospectivo, ao ponto de a deixar a pensar em algo mais. E o padrão em que já tinha reparado continua, ao ponto de parecer intencional!, embora seja sempre subtil e sem ponta real por onde se possa pegar. E acaba de se tornar mais inquietante, porque neste preciso instante abordam-na directamente sobre o assunto X. A pessoa que o fez usou (Raquel podia jurar) as palavras exactas que Raquel tinha usado apenas dias antes com uma amiga ao telemóvel, mas num sentido invertido, como que a ridicularizar, a caricaturar, a posição de Raquel (que a pessoa *não poderia saber ser* a posição de Raquel – certo?). Raquel finge que não ouve e balbucia "mais ou menos, depende", a resposta mais indefinida que encontra, para esconder e gerir a confusão momentânea. Depois tenta abstrair-se, para reflectir a situação; sorri para as pessoas e depois baixa o olhar, para responder àquela sms que tinha pendente. A sensação com que fica é quase como se aquele

momento tivesse sido deliberado, para magoar – mas isso é ridículo, e impossível. Porém, Raquel tem razão, já que estes vários momentos visaram criar aquilo a que se chama de suspended disbelief, um estado de choque momentâneo para tirar o tapete de debaixo dos pés a Raquel e deixá-la numa espécie de limbo de confusão. Raquel está a ser aquecida para um ataque em massa de desconfirmação, shock and awe sob discussão de grupo. É suposto que Raquel *perceba* que algo aqui é muito estranho. Mas tem de haver o equilíbrio certo entre civilidade e ofensas passivo-agressivas. Magoar com alibi, mas manter sempre a pessoa à vontade o suficiente para se sentir *bem* qb no grupo; a ideia é que ela fique até ao fim, para ser frita.

É puxado um tema de rift, tema focal para Raquel, para fazer stürm blitz sobre ela.

Obter dissolução / abjurar posição em nome de harmonia com young urban hyenas ["dar pérolas a porcos"]. A certo ponto, o rapaz e uma das amigas começam uma conversa sobre um tema bastante sensível para Raquel, o tema Y. O tema foi escolhido porque é um tema de rift. É algo em que Raquel tem vindo a fazer algum trabalho por si própria, onde investiu bastante do seu tempo e da sua energia. A ideia é usar a situação de grupo para criar uma crise, traumatizar Raquel à volta desse tema, precisamente por ser um tema que a *define* bastante. O propósito de tudo isto é que Raquel seja forçada a abdicar de posição, a entrar em dissolução com o grupo. A abjurar de uma posição vital em nome de "harmonia" com este grupo de jovens hienas (e isto é o proverbial, "dar pérolas a porcos"). A situação será complexa e multivariada, mas os pontos essenciais são os que se seguem.

A posição de Raquel. A posição de Raquel é a mais complexa, bem elaborada, factual. Foi pensada, estudada, reflectida. O tema é escolhido precisamente por isto, por ser um que Raquel domina muito bem, melhor que a média, um no qual ela *sabe*, for a fact, que tem a verdade factual do seu lado (no pun intended). Ou então um no qual ela (e qualquer outra pessoa) *sabe* que está a defender a posição mais honesta, justa, coerente.

A antítese, uma colecção estudada de nonsense desonesto, a "verdade de grupo". Em contraposição, vai haver uma "verdade de grupo", uma versão alternativa essencial, e esta versão vai ser incrivelmente simplista. Em certos pontos roçará o absurdo, o puramente irracional, e isso é deliberado. A ideia é confrontar o mais inteligente (Raquel) com o mais supino (a versão do grupo). Tese e antítese.

A dissolução seria catastrófica. Isto significa que, se Raquel for induzida à dissolução, está a "cair", a abdicar de inteligência em nome de harmonia social. Está a tornar-se maleável, flexível, facilmente ajustável. Está a aprender a fazer o jogo de ancas. Está a abdicar daquilo que a torna Raquel: ser uma mulher forte, com carácter e cabeça própria. E está a dizer a si mesma que abdica de inteligência, em nome do social. Se este pressure group for o ponto de entrada numa grande rota de dissolução, Raquel acabará pura e simplesmente por abdicar de cabeça própria, e fá-lo-á em nome de aceitação colectiva; aceitação por pessoas que pura e simplesmente não merecem que Raquel sequer olhe para elas.

O grupo de young urban hyenas faz divisão de funções. Ao longo da discussão, haverá uma espécie de divisão de funções, no grupo. Alguns, talvez dois ou três, serão os adversários abertos de Raquel. Um deles, o principal, será uma das figuras mais carismáticas, com o perfil do rabblerouser; neste caso, é provável que seja uma mulher (a antítese plena à tese). Os outros serão coadjuvantes. Depois, três ou quatro serão o público oscilante. "Ouvirão atentamente" ambas as posições, "como se fossem muito tontinhos e muito lentos"; estão lá para que Raquel os tente conquistar. Em momentos críticos, tenderão a virar-se para o lado da antítese, para afundar Raquel. Noutros momentos parecerão dar mais crédito a Raquel, tentarão fazê-la sentir-se bem, e por aí fora. Depois existem os árbitros, os mediadores, que surgem para puxar o debate para a dissolução num meio-termo. Tenderão a ser dois ou três (um dos membros do público pode assumir este papel, aqui e ali). O rapaz será um destes mediadores. Surgirá para "salvar" Raquel nos momentos em que estiver a ser mais bombardeada, pedindo moderação; e pedirá "moderação" a Raquel, "*tu tens razão nisto e naquilo, mas também me parece que <u>eles</u> também têm alguma razão naquilo e nacoloutro, talvez dê para encontrarmos um meio-termo aqui e ali, que achas?*". Este é o papel mais cínico, virulento e traiçoeiro de todos. Sob a capa de companheirismo e de solidariedade, é aquele que será usado para tentar facilitar a queda de Raquel. É por isso que é desempenhado pelo "isco", a pessoa que foi usada para cativar Raquel e para a colocar sob group engagement (outro termo para este género de situação; engage é terminologia militar para atacar um adversário, engage the opponent).

Fritar significa fritar: chocar, embaraçar, magoar. Raquel terá muito pouco espaço para explicar a sua posição. Será continuamente interrompida, e nas mais variadas situações (aquelas onde estiver a sair-se melhor, por norma) será confrontada com escarninho, interjeições de impaciência, suspiros, etc. Nos pontos onde consegue explicar um raciocínio seguido, com princípio meio e fim, tenderá a ver as suas palavras serem distorcidas deliberadamente por um dos provocadores. A ideia é gerar ansiedade, impaciência, desespero até.

Fritar continua a significar fritar: inverter sentido de realidade de Raquel. A ideia é colocar Raquel num sítio muito estranho, surreal, dominado por novos normais relacionais. Isto significa que tentarão inverter o seu sentido de realidade; para usar as palavras do hooligan anti-humano Warren Bennis, o psicólogo social, "tornar o familiar estranho e o estranho familiar". Isto passa por tudo o que foi explicado antes, mas também por inverter as proposições da situação. Raquel será tratada de forma muito intolerante e agressiva, autoritária até. Ouvirá comentários muito indelicados e intrusivos. Mas tudo isto será *virado contra ela*. É <u>*ela*</u> que será acusada de ser "intolerante", "limitada", "fechada". Será rotulada de "orgulhosa", "dogmática". Será "antisocial"! Quando ela for interrompida bruscamente, e pedir para não o ser, será apelidada de "autoritária". A ideia é pisar a vítima e fazê-la sentir-se culpada por estar no caminho do agressor; fazer a vítima real crer que é o agressor e que a "vítima" fictícia não teve alternativa a não ser agredi-la. Guilt pimping. Jogos psicológicos militarizados e muito, muito feios. Tu és má, és culpada, devias sentir vergonha, és

intolerante por não cederes na tua posição – *cede na tua posição*. Abjura. Se uma pessoa puder ser feita cair neste tipo de nonsense, neste mindjob inacreditável, isso significa que está predisposta a qualquer forma de irracionalismo que lhe coloquem à frente logo em seguida. É por isso que esta técnica é usada, para colocar a pessoa num fluxo de irracionalidade. Alice falls through the looking glass and goes into wonderland, where everything is in flux, and the Queen who plays people like playing cards shouts out, "off with her head!"

A dissolução seria catastrófica (2). Se Raquel for tonta e abdicar de cabeça, de posição, isso significa que está a tornar-se socializada, integrada, anulada. Está a perder aquilo que a torna numa mulher real e consistente, i.e. o seu carácter. Se continuar por essa estrada, isso significa que tenderá a perder definitivamente e cabeça, e também que farão dela tudo o que quiserem; mas, durante um tempo, usufruirá de um módico de recompensas sociais por isso.

Mas Raquel é uma moça fantástica e é por isso que eu a escolhi. É claro que Raquel não é tonta, pelo contrário, é uma moça genial e é por isso mesmo que eu a escolhi para esta pequena história. Portanto, levantar-se-á e pirar-se-á do pressure group, irá fazer coisas melhores do seu tempo de almoço, e fará tudo isto de modo bastante elegante e inteligente. É claro que haverá um desconforto pretendido durante o resto da tarde, para com "aquela rapariga antisocial", mas Raquel estar-se-á nas tintas e fará a sua vida do modo que bem entender. Depois, arranjar-lhe-ão mais problemas, mais pequenos jogos, mais esquemas mesquinhos, mas ela sairá sempre por cima precisamente porque é uma moça inteligente e em tudo saberá manter a cabeça e a integridade moral.

[História bastante incompleta, mas dava bom minifilme, um dia destes, quem sabe]

Dialéctica.

Intolerância à contradição, um ponto de falha essencial na dialéctica.

Método de resolução de contradições que não tolera contradições a si mesmo.

Estátua estoura por vários lados, e este é essencial, para aplicação a TODOS os níveis. A mentalidade dialéctica é inteiramente autoritária, não aceitando qualquer *contradição* ao seu próprio sistema de funcionamento, naquilo que é, per se, uma das contradições mais fascinantes da dialéctica, e um dos seus mais importantes pés de barro. Este um elemento vital tanto na teoria como na prática. É um dos (não o único) elementos que

impossibilita a síntese total que é pretendida pela dialéctica; é um dos (não o único) elementos que destrói o sistema dialéctico – completamente. A destruição não precisa de ser trazida de fora, é trazida a partir de dentro. A grande estátua de cabeça de ouro, assente sobre pés de barro, feita para que possa ser colapsada, tem vários rifts transversais a toda a altura, fissuras muito subtis, e esta é uma das mais importantes.

O processo dialéctico surge como um anjo de luz, para retalhar as vítimas.

Chega a prometer amor, e depois coloca as vítimas sob o chicote.

A dissolução obrigatória do self no novo self colectivo. O processo dialéctico começa por ter a aparência de um anjo de luz. Aproxima-se com a linguagem benevolente da troca de ideias e da resolução de diferenças, mas depois faz algo que nenhum modelo honesto de intercâmbio faria: *impõe a mudança e a dissolução de posições*, como proxies e antecâmaras para a totalidade do self (pensamento, valores, emoções, comportamento). Isto é feito pela reificação da ideia de compromisso. Qualquer intercâmbio dialéctico acontece entre uma posição A (tese) e uma posição contrária B (antítese). O formato do intercâmbio é, ele próprio reificado. É esperado que A *choque* com B e que desse choque ascenda uma posição C, um compromisso entre A e B. Este acto de compromisso é o mais reificado de todos os passos da dialéctica. Não existe processo dialéctico sem este ponto intermédio de acordo, sem este mínimo denominador comum entre participantes. Aí, a pessoa tem de praticar a dissolução de valores morais e de crenças (o que inclui asserções de verdade epistemológica e factual), para fusão num espaço cinzento colectivamente partilhado.

Estende-se a mão a um adversário para o puxar e fazer cair.

A mentalidade anti-humana de Hegel, Marx, Lukács, Marcuse, etc. Qual é a utilidade de tudo isto? Hegel, Marx, Lukács e outros dir-nos-iam, de modo bastante cândido, que todo o propósito de estender a mão a um adversário é o de puxar esse adversário e fazê-lo cair. O processo dialéctico é sempre adversarial. É isso que é o choque entre tese e antítese, é uma batalha entre adversários. E, Marcuse foi particularmente literário, quando disse que, na medida em que o processo dialéctico oferece Eros (o feelgood aparente do compromisso), o propósito real, e final, é Tanatos (destruição e morte).

Estupidez auto-induzida, doublethink, teatro cognitivo

O teste da estupidez auto-induzida, por aceitação plácida de absurdos.

Versões oficiais tendem a ser contraditórias, aburdas, notoriamente falsas.

Isto é um tropismo de poder autoritário / dominado por incompetência funcional. Vão sempre haver inúmeros elementos contraditórios, falsos, ridículos, nas versões oficiais (estamos a lidar sempre com incompetentes funcionais, que podem ser espertos em muitos sentidos, mas não o são em muitos outros – o sistema só perdura porque são muitos incompententes funcionais a puxar todos para o mesmo lado, e alguns têm um mínimo de sentido de realidade neste ou naquele campo).

Porém, elementos absurdos têm uma utilidade mais ou menos deliberativa.

Quando pessoas as aceitam acriticamente, estão a declarar que abdicam de cabeça.

E, estão a tornar-se voluntariamente estúpidas – cegas e surdas.

Normativização de estupidez, doublethink, cinismo, falsidade. Os elementos absurdos nas versões oficiais acabam por ter uma função útil para a oligarquia. Quanto mais uma pessoa estiver disposta a tapar os olhos perante o absurdo (i.e., quanto mais estúpida/oportunista/falsa) for, tanto mais "apta" é, na sociedade formal. A estupidez, o cinismo, o oportunismo, a falsidade, são critérios de aceitabilidade e promoção social nestes géneros de pantanos sociais. Por sua vez, isto vai dar origem à normatização de estupidez e doublethink como sistemas básicos de funcionamento mental na população. Essa população vai aceitar, com efeito, todas as versões oficiais e vai viver num mundo psicocultural sintético, transmitido a partir de cima, reforçado por todos os denizens entre si.

Estupidez auto-induzida, por imaginação dialéctica, calculismo sócio/emocional.

Calculismo sócio/emocional. A irracionalidade é a chave aqui, pensar com as emoções e com artefactos sociais parvos. O tipo de "racionalidade" aqui presente consiste em calculismo sócio/emocional, e é mais ou menos isto: "como é que eu posso resolver esta questão por forma a maximizar os meus ganhos e minimizar as minhas perdas pessoais, e fazê-lo de tal forma que isso seja aceitável aos olhos dos outros?".

Princípio de realidade entre ego e social / não existe grande consequencialismo lógico. O "deus" aqui, o princípio de realidade, oscila entre o ego e o social, que se tornam bastante difusos e interdependentes. Isto, claro, significa que não existe consequencionalismo lógico, a não ser o espectro débil e superficial que é imposto por essas instâncias.

Pessoa acaba por acreditar em mentiras, desde que isso seja expediente.

Estupidez voluntária e auto-induzida. Algo é tanto mais verdadeiro quanto mais agradável e tanto mais socialmente aceitável, for. Ou seja, a pessoa acaba por acreditar

realmente nas suas próprias mentiras e nas mentiras dos outros, desde que isso seja expediente. Dessa forma, avança a sua própria bestialização; torna-se voluntariamente cega e surda. Mas pode chamar a isso racionalidade, utilitária, um pobre, mísero, mirrado substituto para Razão.

Teatro cognitivo.

Sistema total organiza-se como o princípio geral da sociedade.

Ao mesmo tempo, ensina crianças a (não) pensar. O sistema totalitário ensina as suas crianças a não saber pensar segundo princípios gerais ou axiomas, e fá-lo porque se vai organizar a si mesmo como ***O*** princípio geral organizador da sociedade, organizando-a por variados axiomas e por um qb de sofismas (políticas, departamentos, etc).

Teatro cognitivo: compreensão cínica do real coincidente com teatro de estupidez. Ninguém pode conhecer o sistema totalitário por aquilo que é, realmente; no máximo, isto pode acontecer sob teatro cognitivo – a compreensão cínica dos princípios gerais e da extensão da corrupção do sistema, é alternada com o teatro de cegueira e estupidez.

Aquilo que todos os cidadãos soviéticos tinham de saber fazer.

Manter expressão impávida e serena perante nonsense, que todos reconheciam.

Sistema perdurou apenas e somente por cobardia humana. A modalidade comportamental que todos os cidadãos soviéticos tinham de aprender a dominar, sob pena de Gulag; manter uma expressão impávida, serena e corroborante perante o mais completo nonsense que lhes fosse apresentado. Todos sabiam que o sistema era absolutamente corrupto e criminoso, e todos sabiam que todos sabiam. A única coisa que manteve esse sistema intacto tanto tempo foi a cobardia humana.

Teatro cognitivo é inconsequente, pernicioso / vitória só surge de combater o sistema. É claro que este teatro cognitivo é puro e simples calculismo utilitário. A pessoa assume que vai ser protegida pela sua estupidez aparente e, claro, alguns gostam de usufruir do momento de exaltação de ego nos breves instantes em que podem fazer uma observação cínica. Tudo isto significa que não existe consequencialismo lógico real, o que por sua vez significa que as pessoas tendem a ser destruídas pelo sistema (mesmo que apenas psicologicamente, porque nunca serão livres), ou quando o sistema é destruído. Vão atrás dele para o precipício. A única forma de fazer frente a isto, e de vencer, é combatendo o sistema em si.

Doublethink, mais complexo que teatro cognitivo.

Marcado por dissociatividade, confusão, desorganização mental.

O resultado de guerra epistemológica sobre o público.

Dialéctica é doublethink e doublethink é dialéctica. Embora o anterior se enquadre *em parte* em doublethink, o doublethink per se é algo mais "sofisticado" (um mindjob maior), onde a pessoa consegue *realmente* acreditar em vários factos e em várias posições contraditórias ao mesmo tempo. A pessoa está comida mentalmente. Existe dissociatividade, confusão, caos mental. A população geral vai ser cultivada nisto, onde o sistema organizado é bom, mas ao mesmo tempo é mau, e é uma fonte de protecção, e a última esperança, mas é também o maior perigo à face da Terra, etc. Depois isto vai para geopolítica, cultura, valores e tudo o resto. Doublethink é incoerência mental, deliberadamente provocada e cultivada pelas "autoridades", que regulam a transmissão de cultura e de processos epistemológicos. Doublethink é o resultado de guerra epistemológica sobre o público. A melhor forma de instalar este estado de caos mental numa pessoa é por rotinação em pensamento dialéctico, na essência de doublethink. A pessoa que pensa de forma dialéctica vive numa espécie de pântano mental onde tudo é tudo e nada é nada, tudo é indistinto, uma coisa significa o seu oposto e esse oposto significa a coisa, e por aí fora. E este é o molde geral de pensamento que é transmitido às pessoas hoje em dia, desde o kindergarten em diante.

O e.g. da punch drunkedness mental sob fanatismo comunista. Para actividades políticas, e no caso dos comunistas, por ex., descobrimos que é preciso despotismo para obter liberdade e depois liberdade é despotismo, mas despotismo é liberdade e assim sucessivamente – este tipo de nonsense convoluto para milhares de instâncias diferentes. A pessoa que se encontra presa neste complexo de nós mentais, onde não existe um princípio da realidade a não ser a doutrina religiosa que vem de cima, está em essência punch drunk. Está a levitar pelo tempo e pelo espaço, sem noção de onde veio e para onde vai, dependente de concepções inteiramente inventadas, a seguir ordens. É um sistema perfeito para criar dependentes mentais, bons recursos humanos.

Honestidade e desonestidade.

Honestidade e desonestidade / As trevas são apenas a ausência de luz.

Honestidade + desonestidade = desonestidade.

O compromisso é impossível. É impossível encontrar um compromisso entre honestidade e desonestidade. Aqui, não existem áreas cinzentas. Ou a pessoa é honesta ou é desonesta – ponto. Compromisso implica invariavelmente a capitulação do lado honesto, a dissolução da honestidade num pool crescente de desonestidade. Isto é um

truísmo axiomático. As culturas e sociedades marcados por honestidade e racionalidade acabam sempre sabotadas, alteradas, invertidas a 180º, quando entram no processo de compromisso com *standards* desonestos. Esse é o único ponto para o qual não pode existir tolerância. Quem é desonesto é desonesto e desonestidade é desonestidade; não é possível encontrar um meio-termo ou um entendimento com isso. Pactuar com a mentira é, per se, uma mentira. Tolerar crime é ser coadjuvante desse crime.

Avisar o criminoso do seu crime, repetidamente / exclusão. A pessoa honesta, racional, tolerante, vai sempre avisar a pessoa desonesta da sua desonestidade, e pode fazê-lo de uma forma consistente e repetida ao longo do tempo. Falhando isso, existe exclusão. É apenas uma questão de bom senso que uma pessoa honesta não gaste os esforços *ad aeternum* com quem é deliberada e voluntariamente desonesto. As pessoas honestas têm a tendência de ser guiadas por bons sentimentos para a tolerância indevida de atitudes falsas, mentirosas, mesquinhas. Com isso, não estão a prestar qualquer tipo de favor à pessoa desonesta. Pelo contrário, estão a reforçar o que degrada essa pessoa e a reduz a um nível irracional. A pessoa falsa tomou a decisão consciente, voluntária, deliberada, de o ser. Cada qual decide o caminho que toma, e é uma curiosa forma de nonsense quando a desonestidade alheia é tratada como os actos de um menor irresponsável, naquilo que é um acto de infantilização paternalizante e patrocinadora. Aí, está-se apenas a fortalecer e a reforçar maus sentimentos humanos, e isso não é nem amor nem compaixão. Na melhor das hipóteses é um quid pro quo mental, na pior é pura e simples cobardia. É apenas quando se está disposto a colocar todas as cartas por cima da mesa e a dizer, you're trash so really, wise up and get a mind of your own, independentemente das consequências, que se está realmente a demonstrar compaixão genuína.

A pessoa desonesta vai sempre tentar escravizar as restantes.

Fa-lo-á especialmente com pessoas honestas, spin psicodinâmico para "curar a culpa". A pessoa desonesta vai sempre tentar subjugar e escravizar todas as restantes, e tem um pendor especial para tentar fazer isso com pessoas que são honestas. É uma questão psicodinâmica. A pessoa desonesta sabe que está no lugar errado e precisa de desconfirmar a culpa, "curar a culpa", pela anulação da honestidade. A mente humana consegue ser um sítio muito estranho.

Falsidade é falsidade, portanto precisa de ser dissipada com verdade, ou it's all over.

As trevas são apenas a ausência de luz e dissipam-se quando ela entra. Crime é crime, e piora com o tempo, portanto é essencial que qualquer pessoa com uma cabeça própria, com consciência, se esforce por transmitir a noção de que a mentira tem sempre e invariavelmente de ser exposta e denunciada por aquilo que é. Caso contrário, it's all over.

Honestidade e desonestidade / Despotismo, a vitória de desonestidade e falsidade.

Despotismo representa a vitória da desonestidade e da falsidade.

Uma criação de gangs organizados, seja comunismo, nazismo, fascismo, ou tecnocracia.

Sistemas de, por e para crime organizado. A sociedade despótica ascende pela vitória da desonestidade e da falsidade. O sistema despótico é, em essência, uma criação de gangs organizados. Comunismo, nazismo, fascismo, tecnocracia; é tudo o mesmo, um sistema de crime organizado, organizado em gangs, que assume poder irrestrito para usar e explorar a família média a seu bel-prazer. Os princípios que subjazem à Rússia Soviética, à Alemanha Nazi, à China comunista ou à Itália Fascista são exactamente os mesmos que subjazem à formação do bairro controlado pela máfia, ou pelo gang local. São uma e a mesma coisa. E, com efeito, o bairro controlado pelo gang local é a base de poder destes sistemas. É isso que são o comissariado local, as brigadas de jovens hooligans, os Blockleiters, as "forças vivas da comunidade", e por aí fora. São máfias locais que mantêm a ordem para o sistema geral e, em troca, podem extrair a sua parte do saque.

Sociedade tem de assentar em honestidade e esse tem de ser um esforço de todos.

Caso contrário, torna-se edifício horripilante de crime organizado. Logo, é essencial que os indivíduos que são honestos sejam extraordinariamente activos no desafio à falsidade. Esse é o principal critério que o próprio Criador estabeleceu para a existência de uma sociedade livre e próspera. A sociedade tem de ser assente em honestidade, em todas as suas dimensões, e esse tem de ser um esforço conjunto. Caso contrário, torna-se um horripilante e despótico edifício, um "sistema integrado" de crime organizado. Esse edifício é construído sobre os pés de barro da sua própria ausência de carácter, portanto colapsa sempre. Mas, no entretanto, causa todo o género de danos incríveis sobre a porção da humanidade que controla.

Amor é quando se está disposto a morrer pelo mundo, por lhe dizer continuamente a verdade. Essa é a tarefa essencial de qualquer pessoas coerente e honesta, que pretende deixar algo de válido e intacto para as gerações futuras. Dizer sempre a verdade e repudiar sempre a mentira, whenever, wherever, independentemente das consequências. Esse é o exemplo dado pelos profetas e é claro que é isso que o próprio filho de Deus fez e é esse o motivo pelo qual foi perseguido e crucificado. É isso que significa amor; ter tanto apreço pelo mundo que se aceita ser morto por ele, por lhe dizer continuamente a verdade.

Cripto-higiene mental – De “higiene mental” para “saúde mental”.

Higiene mental → “saúde mental e paz mundial”. De “higiene mental” para o mais inócuo, até positivo, “saúde mental”. Em nome de Paz mundial e harmonia interpessoal.

Conselhos de HM convertidos em Associações de Saúde Mental. Conselhos Nacionais de Higiene Mental são reconvertidos em “Associações Nacionais de Saúde Mental”.

EUA. U.S. National Committee for Mental Hygiene torna-se na National Mental Health Association, no mundo pós-guerra.

Grã-Bretanha. National Council for Mental Hygiene converte-se na National Association for Mental Health.

Global – ICMH → WFMH. International Committee on Mental Hygiene converte-se na World Federation for Mental Health.

CV – Clarificação de valores – Coulson, Greenberg.

Coulson – Um restaurador, resolução rara e notável.

Resolução rara e notável – procurar resolver mal feito. Muitas pessoas mudam pontos de vista durante o tempo de vida, mas é raro e notável quando alguma tenta voltar atrás e reparar os estragos que fez durante um período, e esse é o mérito do Dr. William Coulson.

"Groups, Gimmicks and Instant Gurus". Em 1972, a Harper and Row publica uma análise preliminar de Coulson, sobre os efeitos destrutivos de grupos de encontro em educação, "Groups, Gimmicks and Instant Gurus".

Carreira.

Braço direito de Carl Rogers. O Dr. William R. Coulson ajudou o Dr. Carl Rogers a iniciar o primeiro programa nacional de treino de facilitadores. De 1968 a 1973, os dois homens co-editaram uma série de 17 volumes em clarificação de valores, para a Charles E. Merrill Publishing Company.

Mais dados de carreira. Psicólogo licenciado, director do Research Council on Ethnopsychology, consultor de longa data para a Georgetown University Medical School, Washington. Nos anos 80, serviu como membro no Technical Advisory Panel on Drug Education Curricula, para o U. S. Department of Education.

Coulson – Carta aberta – O monstro da Clarificação de Valores.

[CV – Comportamento desafiante – decisões tabu – epidemia – IPPF – Rogers].

"Eu e Rogers escrevemos 17 livros a promover Clarificação de Valores".

"Eu ajudei a criar o monstro. Por favor, ajudem-me a matá-lo".

Clarificação de valores.

Decisões sobre assuntos que deviam ser tabu. A criança aprende a decidir sobre coisas que lhe deviam estar barradas. Instrumento perigoso para a saúde dos jovens, que em vez de os enriquecer os destrói.

Comportamento desafiante. A criança só se sente segura de estar a tomar decisões autónoma se só fizer aquilo que os adultos lhe dizem. O maior prazer da vida passa a ser fazer o que as pessoas proíbem.

SIECUS, IPPF.

Epidemia de doenças sexuais nos EUA.

Rogers, "um padrão de fracasso" – Muro de silêncio. Muro de silêncio construído em torno dos péssimos resultados disto.

«*O meu nome é William Coulson. Doutorei-me em Psicologia e Filosofia e, nos anos 60 e 70, fui colaborador muito próximo de Carl Rogers, o psicólogo americano de fama mundial. É conhecido que* ***nós os dois coordenámos a edição de uma série de 17 livros promovendo uma nova técnica da psicologia chamada «Clarificação de Valores»****...* ***O nosso objectivo era aumentar o bem-estar e a auto-estima das crianças, mas o que realmente aconteceu foi algo completamente diferente****... Carolyn aprendeu a* ***tomar decisões autónomas sobre todo o tipo de coisas, incluindo algumas matérias sobre as quais ela não devia sequer pensar e muito menos ter a possibilidade de experimentar****. Tal como os outros alunos dos programas de clarificação de valores, ela aprendeu a fazer* ***escolhas autónomas e sinceras no seu quadro próprio de valores****. Como disse um dos seus colegas no funeral, Carolyn acabou por se convencer que* ***só poderia estar segura de que as suas decisões eram autónomas caso fizesse aquilo que os adultos lhe diziam para não fazer****. Acabou por achar que o maior prazer da vida era* ***fazer o que as pessoas proíbem****... Para nós, desde a experiência nas escolas das freiras, era evidente que a nossa técnica psicológica não era boa nem para as crianças nem para os adultos.* ***Ficou claro que tínhamos desenvolvido um instrumento perigoso para a saúde dos jovens, que em vez de os enriquecer os destruía****. Essa não era a nossa intenção, mas foi o que aconteceu.* ***Infelizmente, as nossas teorias*** *(ou uma versão delas, ainda mais extrema, promovida por Louis Raths)* ***tornaram-se muito populares*** *entre os técnicos de educação sexual da SIECUS, um grupo americano que desenvolve* ***currículos de educação sexual que depois são espalhados pelo mundo inteiro pelas delegações nacionais de uma organização chamada IPPF****...* ***Em 1983, num dos seus livros, Carl Rogers descreveu as nossas experiências como um «padrão de fracasso». Contudo, depois da sua morte, o editor (que publica livros para professores e alunos de ciências da educação) reeditou o livro removendo todas as referências ao «padrão de fracasso»****...* ***Parte deste padrão [de fracasso] é o muro de silêncio que se constrói em torno dos seus resultados trágicos****... Em 1998, o «The New York Times» publicou um artigo intitulado «EUA acordam para uma* ***epidemia de doenças sexuais****»... Em Novembro de 2004, estive em Portugal a estudar os materiais de educação sexual enviados para as escolas em 2000. Fiquei aterrado. Talvez não haja em todo o mundo um currículo mais influenciado pelas ideias que eu e Carl Rogers testámos nos anos 60. Escrevo, pois, esta carta como um apelo. Eu sei o que vai acontecer às crianças de Portugal caso se apliquem nas escolas actividades baseadas nos* ***jogos de clarificação de valores****. Estou certo de que vocês gostam muito dos vossos filhos. Por isso (e se me é permitido falar com emoção):* ***retirem das escolas esse modelo de educação sexual****. Amanhã será tarde demais.* ***Eu ajudei a criar o monstro. Por favor, ajudem-me a matá-lo****. Califórnia, 20 de Maio de 2005*» – Dr. William Coulson, "Carta Aberta aos Pais Portugueses", publicada no jornal Expresso, 28 de Maio de 2005.

Coulson – Clarificação de valores – Resumo.

[Autonomia – “Opiniões” – Adulto não directivo – Desconfirmação – Epidemias].

Tomar decisões autónomas e considerar “perspectivas diferentes”. Não soa como proibição. Tudo é uma opinião.

Ensina que álcool, drogas são opção, e a aceitar perspectivas de consumidores. A criança emerge destas discussões com menos medo. Aquilo que era impensável, foi pensado e falado, na presença de um adulto apático.

O adulto não-directivo é a parte mais pervertida aqui.

Resultado são epidemias sexuais e afins.

«*…to teach young people to make their own decisions and to teach them courteously to consider "differing views"… if… applied to drug education, it won't sound anything like a prohibition. Instead it will (1) teach the students that drugs and alcohol are their choice and (2) get them to listen respectfully to claims they ought really to disdain… the claims of the drug users among their classmates… It's certainly correct to treat all students with equal respect. But to treat their views with equal respect, right or wrong? Their views on drugs and sex? That's disabling… A predictable outcome is that students emerge from these discussions less afraid to try drugs than before. What was unthinkable before has now been thought, and spoken – not just within the peer group (which can happen anywhere) but in the presence of a classroom teacher who has been trained to respond nonjudgmentally. It's the presence of the nonjudgmental adult that makes the exercise so dangerous. To turn the chairs into a circle and invite the children to share while the teacher murmurs facilitisms is very poor social policy… the so-called affective programs… Research shows that, mostly, they don't work… When behavioral changes have turned up in the research, they have tended to be in the wrong direction… As we have learned only too often of late, some of the errors made by youth in the name of "becoming" can be fatal. In light of today's epidemic levels of sexually transmitted diseases… "the quality of becoming"… might [mean] "becoming ill". The business of "encouraging too many" now comes at an increasingly terrible price*» – William Coulson, “Outcome-Based Education”. Address given at the “Piecing it Together” Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

Coulson – Clarificação de valores – Voltar a afirmar factos.

É indispensável voltar a afirmar factos evidentes e proibições associadas. «*What's necessary to teach about drugs and alcohol is that the prohibition against their use by children is absolute… Consider decision making. The school doesn't teach students a method for deciding whether to attend school. It tells them they have no choice: "It's the law. You must attend. It's good for you. We are certain of this. There is nothing to discuss." They deserve no less to be exempted from decision making about drugs…*

There is no decision to make, none whatsoever… In matters of importance, even in a democratic society, we teach obedience – if we love children. For they compare what we insist upon – school attendance, stopping at the red light, wearing protective equipment in football – with what we seem to allow. In recent years we seem to have specialized in allowing them to choose whether or not to partake of sex and drugs… This applies beyond drug and sex education to many additional fields of subject matter. Children deserve to be told what is the case. They deserve a factual education [instead of] teaching them to make decisions they shouldn't even begin to entertain» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

Greenberg – CV – Usar para tabaco. Jerrold Greenberg, em 1978, argumenta que educação afectiva pode e deve ser usada por fabricantes de tabaco, para vender o seu produto. Num artigo publicado na "Health Education", observa que os estudantes são os «*clients*» da escola, e «*health educators must not be concerned with the particular behavior of their clients, but rather with the process used by their clients to arrive at that behavior. For example, if a client (student in a school, adult in a nursing home program, etc.) chooses to smoke cigarettes but has made that decision freely, the health educator has been successful*» – Cit. in William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

CV – Clarificação de valores – Programas – PF – MDC.

CV – Didáctica vs dialéctica.

Método didáctico.

Relação mestre-estudante. Demonstrações, exercícios, avaliações. «*Two approaches to learning… Classroom method… 1. Teacher tells-demonstrates. 2. Students listen, practice, drill according to the coaching of the teacher. 3. Teacher tests students. 4. Teacher accepts, rejects the students via grading…*»

Método dialéctico.

Dilemas morais focais. Trabalho de grupo. Verdades de grupo. «*Laboratory Method… 1. Delegates face a dilemma created by trainer or by trainer and delegates together. 2. Delegates act to solve dilemma by experimenting, inventing, and discovering. 3. Delegates do feedback evaluation of their own actions and of reactions by others. 4. Delegates and trainer generalize, theorize, formulate hypotheses, retest and recycle into next learning phase; i.e., into new dilemmas (48)*» – Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

CV – Processo experimental, tornar escola em laboratório social.

Processo não-testado, implementado a título experimental (Benne). «*No hypothesis in this body of writings has been fully tested. Nor will it be tested fully until it has been used widely in thoughtful experimentation with actual social changes. The school offers an important potential laboratory for the development of a truly experimental social science*». Agora, são estas coisas que iam guiar a mudança «*in planning and evaluating changes in the school program*». "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

PF – Professor-facilitador – [E pais demissionários].

Sai o professor, entra o facilitador – agente de mudança. O professor deixa de ser um transmissor de informação, e assume o papel de facilitador na discussão de valores. Passa a ser um veiculador de novas atitudes e valores, um agente de mudança.

Papel aceitante, neutro, passivo, não-julgamental. Assume um papel aceitante e acolhe todas as respostas como igualmente válidas, com "escuta reflexiva" e uma posição não-

julgamental, não tentando impor nenhuma perspectiva aos estudantes. As respostas não são julgadas como boas ou más, melhores ou piores. A perspectiva de cada estudante é tratada com igual respeito. Escolher livremente é considerado melhor que obedecer a alguma figura de autoridade.

Únicas regras – aceitação incondicional e síntese dialéctica. O professor-facilitador assegura que todos os pontos de vista recebem o mesmo grau de atenção, e intervém para guiar o debate para consenso – perspectivas opostas são sintetizadas em "verdades superiores", que continuam a "evoluir" indefinidamente.

Ambiguidade – Desestruturação vs liberdade. Crianças ficam num vazio. Há ambiguidade. Por um lado sentem desorientação, uma vez que estão habituadas a ter orientação paternal. Por outro, têm algo que nunca lhes foi dado: liberdade para expressar as suas próprias opiniões.

Cada descoberta colectiva é uma vitória, premiada pelo facilitador. É um projecto de equipa, onde cada descoberta colectiva é uma vitória, premiada pelo professor. O paradigma familiar ou parental sobre a mesma questão social é desconfirmado, através da exposição ao grupo; e obediência à autoridade é substituída pelo questionamento grupal de qualquer fonte de autoridade externa.

O adulto demissionário-aceitante, torna pais irrelevantes. Professor não intervém – silencia voz adulta/pais/consciência moral. Ou seja, o professor torna-se um psicoterapeuta amador, que está ali para desconfirmar a visão que a criança tem sobre valor dos seus pais, e sobre a importância de lhes obedecer. Se o representante do mundo adulto se demite da sua função, que é fazer valer valores coincidentes com os parentais, então a mensagem simbólica que passa para a mente infantil é a de que o adulto é irrelevante, não tem autoridade e só está lá para assegurar que todos têm uma oportunidade de falar.

Autonomia moral self-grupo – desconfirmação da autoridade parental. A partir daqui, a verdade vai ser encontrada no próprio, e no grupo de pares. "Eu decido – em conjunção com o grupo". É ultrapassada a barreira psicológica da calamidade, o castigo dos pais. A partir deste momento acontece algo que não tinha sucedido até aqui: a criança toma decisões morais autónomas, e fá-lo no seio do grupo, num ambiente de aceitação e apoio. As tuas decisões, sejam quais forem, são válidas e legítimas, e recebem o apoio tácito do grupo.

Verdade e autoridade residem no círculo dos pares. A consequência imediata é a de que a verdade e a autoridade residem no grupo de pares, nas crianças da mesma idade – o "círculo de conversação" artificial. Os pais não contam.

Pais culturalmente demissionários. Ao mesmo tempo, os pais também são ensinados a ser demissionários.

[Entra o MDC].

PF – Adulto irrelevante, influência dos pares (Lewin).

Se adulto presente for irrelevante, objecto proibido deixa de o ser (Lewin).

A criança encontra influência e apoio junto do grupo de pares.

[*Torne-se a figura parental irrelevante, e o objecto proibido deixa de ser perigoso, calamitoso*]

«*The negative valence of a forbidden object which in itself attracts the child thus usually derives from an inducing field of force of an adult. If this field of force loses its psychological existence for the child (e.g., if the adult goes away or loses his authority) the negative valence also disappears. In addition to the sphere of power of the adult, the behavior and spheres of power of other children or of a group of children are of critical importance for the kind and strength of induced valences*» – Kurt Lewin (1935). A Dynamic Theory of Personality. McGraw-Hill.

PF – Destoxificar calamidade, papéis familiares (Yalom).

Facilitador destoxifica medo da calamidade – castigo sobre objecto proibido (Yalom). «*Through the therapist's continued willingness to verbalize and to confront the calamity calmly, patients gradually realize the irrationality of the feared calamity… The therapist assists the patient to clarify the nature of the imagined danger, and then proceeds, in several ways, to detoxify, to disconfirm the reality of this danger*»

Reviver e reconstruir papéis familiares (Yalom). «*What better way to help the patient recapture the past than to allow him to reexperience and reenact ancient feelings toward parents in his current relationship to the therapist? …For many patients, perhaps for the majority, it is the most important relationship to work through since the therapist is the living personification of all parental images, of teachers, of authority, of established tradition… Group therapists refuse to fill the traditional authority role: they do not lead in the ordinary manner, they do not provide answers and solutions, they urge the group to explore and to employ its own resources… It is essential, if this work is to be done, that the group feel free to confront the therapist, who must not only permit, but encourage, such confrontation… He reenacts early family scripts in the group and, if therapy is successful, is able to experiment with new behavior, to break free from the locked family role he once occupied. He recaptures the past and, again if therapy is successful, is able to experiment with new behavior, to break free from the locked family role he once occupied… the patient changes the past by reconstituting it*» – Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Kirschenbaum – CV – Adulto não-directivo.

Kirschenbaum, ideólogo de educação afectiva. Howard Kirschenbaum, um energético promotor de educação afectiva, escreve "Advanced Value Clarification", onde explica o principal objectivo deste tipo de educação: tornar a criança autónoma, para tomar decisões morais por si mesma.

Adulto não-directivo.

Não há respostas melhores ou piores – Igual respeito, opiniões – Autonomia.

«*In discussing value-rich areas, such as those mentioned at the beginning of this article, the teacher accepts all answers and does not try to impose his or her own views on the students… Responses are not judged as better or worse; each student's views are treated with equal respect… If we uphold free choice, then we value autonomy…*» – Cit. in William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

CV – Programas.

Vários nomes. Educação progressiva. Clarificação de valores. Treino de sensibilidade. Sensibilização e consciencialização. Aprendizagem cooperativa. Educação orientada para objectivos.

Drogas, sexo, suicídio. "Educação" sobre drogas, suicídio, sexo. Sob promessa de reduzir experimentação com drogas, sexo e suicídio.

Educação sexual - SIECUS, IPPF, Unesco. A vanguarda da educação sexual é a SIECUS, um grupo americano que desenvolve currículos de educação sexual que são depois disseminados pelo mundo inteiro através da IPPF, que trabalha com a UNESCO e com as várias instituições e ministérios da educação pelo planeta fora.

CV – Mínimo denominador comum.

Choque entre A+ e B-. Temos a criança A, com bons valores, e a criança B, com maus valores. Por exemplo, A+ é "*fumar drogas é mau, ponto; eu nunca tomaria drogas*". B- é "*eu gosto de fumar drogas, e as drogas só fazem mal em exagero*".

Consenso facilitado exige compromisso. Num ambiente de consenso facilitado, temos de encontrar compromisso entre as duas posições. Essa é uma pré-condição de tolerância e aceitação, "democracia".

É positivo aceitar outras opiniões e fazer compromisso. Tudo é válido e tudo tem de ser discutido ao mesmo nível. Essa é a única regra. Implícito está que participar no processo é positivo per se; ser compreensivo e aceitante com os outros pontos de vista, é positivo.

A+ é só uma opinião e é elitista, porque exclui B-. A criança A vai ser divisiva, hostil, elitista, ditatorial, se continuar a afirmar a sua posição – é só uma opinião. Está a ferir os sentimentos de B. A posição A+ ganha uma valência de "Intolerância", e a posição B- ganha valência de "Liberdade".

Desconfirmação de A+ e dos pais, legitimação de B-, compromisso A/B. Portanto, a criança A tem de diluir a sua posição – correcta – e encontrar meio termo com B. Tem de aceitar que o ponto de vista B é legítimo. Surge A/B, o compromisso ["*algumas pessoas gostam de fumar, outras não, e as duas posições são legítimas, as drogas só fazem mal em exagero*"]. A valência é "Tolerância". A proibição – a calamidade – foi desconfirmada, aos olhos do grupo. O ponto de vista dos pais morreu definitivamente neste ponto. Agora é a criança B que ganha legitimidade no grupo, auto-estima. Estes traços foram reforçados, B começa a ser visto como modelo, e a sua auto-estima é, claro, avançada.

Criança podem agora demistificar calamidade (a sabedoria de B). Com a "morte dos pais", a proibição morre, e as crianças podem experimentar o fruto proibido e expandir horizontes. Estão a desmistificar medos e receios e podem começar a explorar novas e melhores formas de abordar a questão, no grupo, em harmonia. A criança B ganhou legitimidade no grupo. Agora, até pode começar a ensinar as suas técnicas às outras crianças – isso torna-se sabedoria.

Próxima etapa: experimentar por si mesmo. As crianças ficam preparadas para a nova etapa, no seu progresso social: aceitar que não se sabe o que é certo, sem experimentar.

Sexo, álcool e drogas – CV aumenta probabilidade. Portanto, é fácil que uma criança que tenha clarificação de valores sobre morte ganhe a coragem suficiente, e até o racional teórico que justifica, tentar suicidar-se. E por aí fora. Clarificação de valores sobre drogas aumenta o consumo de drogas. CV sobre sexo aumenta a promiscuidade sexual. CV sobre morte aumenta a probabilidade de suicídio. É claro que os estudos de follow-up demonstram que o uso de drogas e a actividade sexual aumentam, bem como a taxa de violência auto-infligida.

Mínimo denominador comum. O standard é reduzido ao mínimo denominador comum.

Isto é reproduzido em sociedade e é o princípio orientador da fraternidade.

Conversão completa (Lewin). Conversão só é completa quando a criança A+ e a criança B- se encontram ao mesmo nível e fazem as mesmas coisas – partilhar, igualdade, não ter complexos.

CV – Promover desviantes morais (Taba).

Promover desviantes morais no sistema escolar (Havighurst & Taba). «*[The school] must make room for the deviant student… This person will be able to discriminate*

among values and to deviate from the moral status quo of the community, when such deviation is necessary to the realization of higher moral principles. This person alone can become a moral leader… He has the ability to conceive a moral principle, to accept it as right, and to defend it when the moral judgments of the community seem to violate it. How such persons can be discovered, and, above all, how such persons can be produced in greater numbers is the major problem for research in character formation…» – Robert Havighurst and Hilda Taba *Adolescent Character and Personality* 1949

CV – MDC leva a crise de valores.

Clarificação de valores também se pode ler, Crise de Valores.

Redução ao MDC na escola e na sociedade. Este processo, de consenso e pontos comuns, redução ao mínimo denominador comum, está no centro da actual crise de valores.

CV – MDC leva a bullying e a mobbing.

Resultados óbvios. Os resultados óbvios são bullying e mobbing, que é bullying colectivo, pelo grupo.

Criança hostilizada até aceitar conversão social. A criança que tem valores fortes, que não está disposta a comprometê-los em nome do grupo, que não faz jogo de ancas, a criança desajustada – esta criança tem de ser isolada, hostilizada e humilhada pelo grupo, até rever os seus pontos de vista dogmáticos, intolerantes (!), e aceitar submeter-se ao grupo.

CV – Comportamento desafiante – Choques com os pais.

CV – Comportamento desafiante.

Ser autónomo é quebrar regras. Comportamento desafiante, porque sim. A criança só se sente segura de estar a tomar decisões autónoma se só fizer aquilo que os adultos lhe proíbem.

O prazer é desafiar a proibição. O maior prazer da vida passa a ser fazer o que as figuras de autoridade de género parental proíbem.

CV – Choques com os pais.

Auto-intitulação e insolência. A criança vai chegar a casa e vai começar a fazer o que lhe apetece. Com o tempo, começa a impor as suas próprias regras, e a ser insolente para com os pais. A inversão de papéis encontra o seu auge na obediência a tarefas. Com o tempo, a criança torna-se insolente, desobediente – é ela que decide o que faz ou deixa de fazer.

"Opressão parental". Se os pais insistirem que isso não é maneira de se comportar, isso é opressão parental.

Grupo e instituições como estruturas de apoio. E a criança tem uma estrutura de apoio lá fora: o grupo de pares, o psicólogo escolar, o assistente social, a instituição de protecção de crianças. Estes são os novos consoladores, protectores e, em casos extremos, vindicadores – contra o pai e a mãe.

Pais tornam-se "modernos", ou irrelevantes. Se os pais disputarem esta nova "liberdade", isso é apenas mais uma prova de que são obsoletos, intolerantes, quadrados, irrelevantes. Estão a ferir os seus sentimentos, a fazê-lo sentir-se mal, e isso é um descaramento. Se os pais quiserem "sobreviver" neste processo, têm de partilhar autoridade com a criança – têm de ser "pais modernos". A partir daqui, começam a negociar termos morais com miúdos pequenos. É claro que a criança aproveita a oportunidade para desenvolver jogo de ancas e capacidade de negociação – e este é o domínio da manipulação. Explora limites, vê o que funciona e o que não funciona. Por outras palavras, a criança começa a ver os pais como rivais de negócios. Agentes que podem ser manipulados de formas a, b ou c para produzir resultados d, e ou f.

CV – Narcisismo – New Age.

Clarificação de valores e New Age (Coulson).

Clarificação de valores é tão nonsense que exige justificação cósmica – New Age.

É mais importante "escolher" que fazer coisa certa – e sentir-se bem com isso. «*The idea that it is more important for children to choose (and having chosen, to feel good about themselves) than to do what is right--for example, that it is better to smoke if that is their choice than to abstain from smoking if they have been taught to abstain--this is so contrary to common sense and the protective instincts of parents that it demanded cosmic justification. Enter the New Age movement*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

New age, narcisismo e hedonismo reclassificados como Harmonia do coração. Esta mistura de hinduísmo com taoísmo, psicologia pop, e ficção científica, onde a pessoa pode e deve escutar os desejos do seu coração – o coração sabe o que está certo, porque o coração humano é bom e está em contacto com as forças espirituais e cósmicas do universo. Se um desejo vem do meu coração, então é bom, porque o meu coração é bom, e está em harmonia com as forças da luz e com as energias cósmicas. Portanto, a pessoa pode fazer aquilo que mais lhe apetece, desde que sinta que não magoa ninguém. Isso já não se chama narcisismo, ou hedonismo, ou até mesquinhez, mas sim estar em harmonia com os pássaros e as abelhas e as forças cósmicas e espirituais da mãe-Terra.

CV – Pragmatismo moral para a economia global.

“Crenças fixas” bloqueiam processo dialéctico. Esta ideia de que existem “factos”, e de que existem valores que não podem ser desafiados, “crenças fixas”, ancoram a mente em certos absolutos, que bloqueiam o processo dialéctico, portanto são ideias perigosas.

→ O que agora é verdade, amanhã talvez **tenha** de ser mentira. Tanto a verdade absoluta como factos contrários chocam com o estado mental necessário para os sistemas de gestão global – o que agora é verdade, amanhã pode ser mentira, porque há que começar aquela guerra, ou impor aquela nova regulação.

→ Exemplo do dinheiro a gastar com idosos. Hoje, aqueles idosos são pessoas a respeitar e vidas a manter. Mas, amanhã, o dinheiro das reformas vai ser necessário para refinanciar aquele banco. Portanto, amanhã, aqueles idosos tornam-se pessoas incómodas, que gastam demasiados recursos, consomem mais do que produzem; e há que arranjar uma forma elegante de lidar com o problema.

Bem e mal – “literacia ética” é pragmática e subjectiva. Não existem valores universalmente válidos, para todos os tempos e lugares. Tudo é subjectivo. Todas as opções são legítimas, dependendo do contexto. A ideia de bem e de mal é só uma questão de percepção.

→ Pessoa tem de *sentir* que valores absolutos são ameaça à paz social. As massas têm de aprender a *sentir* que valores tradicionais são uma ameaça intolerável à paz.

→ Jogo de ancas, dança. Por isso, é necessário “saber ter jogo de ancas”, saber dançar. Neste esquema de coisas, quem não sabe dançar, ou não quer saber dançar, está a bloquear a pista de dança. É anti-consensual. É obsoleto, antiquado, uma relíquia do passado, anti-social. É isso que as crianças estão a fazer na escola. Estão a aprender a dançar.

→ Substituir valores absolutos por verdades transitórias, verdades de grupo. Pessoas com valores absolutos têm de substituí-los por “verdades transitórias”, “verdades em evolução”, e “pensamento colectivo”, “verdades encontradas em grupo”, “consenso”.

CV – Professor como demagogo socrático.

Valores absolutos substituídos por questionamento socrático. O professor já não pode declarar valores absolutos – “algo é errado, ponto”. O método é questionamento Socrático.

Introdução de relativismo moral. Método mais básico, que introduz relativismo moral. Professor guia aluno a ver que mentir, enganar, roubar, são genericamente errados. Mas, em último grau, a decisão é sempre da pessoa e depende do contexto.

CV – Ultra-relativismo sentimental.

Sensacionalismo – Factos são opiniões.

"Cultivar espírito de inquérito e procura da verdade". Isto é um slogan típico da educação actual.

Factos têm de ser tratados como opiniões (Benne). «*To the democratic planner "dogmas" are seen methodologically as "intellectual" attempts to save some privileged position from open collective criticism and modification. How to convert the perception of favored principles by those who hold them from dogmas to "hypotheses" remains a central problem for democratic social engineers*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Sensacionalismo – Verdade é opcional, sentimentos ditam validade.

Tudo são opiniões. Tudo são opiniões, e uma opinião só é válida se aceitar que todas as outras são igualmente válidas.

Debate centrado em opiniões – sentimentos e percepções. É como se não existissem problemas reais: apenas percepções e sentimentos. Portanto, é isso que vamos debater no grupo social – vamos explorar sentimentos e percepções sobre as coisas.

Verdade torna-se opcional, face aos sentimentos do self e do grupo. O standard de literacia ou de validade deixa de ser a preocupação com a determinação de verdade, e a substituição do conceito de verdade por "sensibilidade" a "sentimentos" irracionais, no próprio e nos outros. Tudo o que interessa são os meus sentimentos. O indivíduo recusa-se a reconhecer e a lidar com as verdades dolorosas, que ferem a sua auto-estima. Ou seja, a verdade é ditada pelos meus sentimentos; e, pelos sentimentos do grupo.

Algo que me faz feliz é verdade. Se uma coisa me faz sentir bem, então essa coisa é válida e verdadeira.

Algo que me faz infeliz é mentira, ou irrelevante. Se a coisa me faz sentir mal, se é algo que eu prefiro não confrontar, então eu posso optar por ignorá-la e até negar que ela existe.

O que hoje é verdade, amanhã é mentira – eu mando [com o grupo]. Incoerência auto-justificatória. O que hoje é verdade, amanhã é mentira. Porquê? Porque eu quero [e porque o grupo aceita].

“Ofender a maioria”. Quando a pessoa está ligada e dependente do grupo, e treinada nas novas regras relacionais, poucos se atrevem a “ofender” a maioria por tomarem uma posição contrária.

Sistema de racionalizações. A pessoa torna-se uma filósofa dialéctica: “Eu faço o que quiser, desde que consiga encontrar uma forma de justificar isso a mim mesmo, e seja tacitamente aprovado pelo grupo”.

<u>DELPHI – Comunitarismo – Facilitadores – Frente unida – Reconciliação</u>.

Comunitarismo (Delphi) – Impôr mentalidade de comuna.

<u>Empowerment comunitário, gestão total de recursos (Klein)</u>. «*Community development… work with community groups and entire communities for the purpose of assisting in the development of leadership skills, of fostering effective citizen participation in meeting economic, social, and civic needs, and of enabling optimal utilization of state and national resources from both government and voluntary bodies while strengthening local community initiative and autonomy… (185)*»

<u>Espírito de comuna – Todos têm de participar (Klein)</u>. «*Increasing their sense of community… readiness to view community events in terms of interacting forces and processes within a coherent whole… Enlarging their definition of citizenship, by which was meant an increased ability to identify and respond to opportunities for effective participation in community events… Enhancing their sensitivities and skills as citizen participants within groups and organizations… Developing more sophistication and objectivity in their attempts to diagnose the forces and processes contributing to community problems… (185-6)*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Comunitarismo (Delphi) – Frente comum – Comunidade unida pode ser usada.

<u>Acção social concertada, frente comum (Klein)</u>. «*…concerned with understanding the community as a complex network of interaction between individuals and between groups, out of which social action comes*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

<u>O grupo, um instrumento social útil (Benne)</u>. É possível desenvolver «*…a sense of purpose and urgency which makes the group potentially an effective social instrument*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Comunitarismo (Delphi) – Reconciliação.

Reconciliação com monopólio controlador (Klein). «*…a growing recognition of the inevitability of change and the need to adapt to it… There has been considerable amelioration of the pervasive, intense hostility and mistrust originally felt by citizens towards management… It is harder to gauge the extent of change in feelings and attitudes between factions outside the mill. However, disagreements now seem to be expressed more openly; and with less of a sense that long-standing bitterness is being rephrased and nurtured by tile expression… (197)*»

O locus de conflito passa a localizar-se no seio da população (Klein). «*However, the group has not been able to resolve a pervasive conflict between those with sensitivity training experience, who are seen by the opposition as wishing to be concerned only with process, and most of the rest of the Committee, who are seen by the others as valuing results and achievement to the exclusion of the welfare of group members… (197) There is no doubt that the committee functions at a level of openness that is rarely found outside a T-group. Moreover, individual members appear to have been influenced and helped to learn by the feedback they have received. Finally, the committee has been able to provide frank and apparently accurate reflection of community sentiment that has guided the company in certain of its actions. It is true that the members of the committee so far have been unable to integrate the needs of process and task-oriented subgroups. The recurrent theme "We never accomplish anything" reflects reality insofar as the accomplishment of specific projects by the total committee is concerned. However, it also may be a reflection of one of the basic concerns of the community – that its citizens really cannot be trusted to work together and follow through on projects. Sensitivity training is believed by the others to have blocked the development of task orientation. Perhaps, it is nearer the truth to say that both the process and task people so far have tended to avoid commitment to action and the possibility of an unequivocal failure experience. (199)*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

DELPHI – Mudança social planeada (Lewin et al).

Mudança social planeada – Psicodinâmica de sistemas.

Psicanálise, cibernética, métodos de relações humanas. Psicodinâmica de sistemas é um campo interdisciplinar que integra três disciplinas: psicanálise, teorias e métodos de relações de grupo, e perspectivas de sistemas abertos.

Comportamento psicológico em grupo. «*[Systems psychodynamics is] …a term used to refer to the* ***collective psychological behavior****…*» dentro de, e entre, grupos e organizações. «*Systems psychodynamics, therefore, provides a way of thinking about energizing or motivating forces resulting from the interconnection between various groups and sub-units of a social system*» (Neumann, 1999, p. 57).

Mudança social planeada (Est) – Vertical-Horizontal Linking.

"Vertical linking" (Blake & Mouton). ***Cadeias descendentes de influência, entre círculos hierárquicos***. «*Vertical linking... When team training is initiated at the top and continued on downward through the organization, vertical linking, which can improve control, communication, and decision-making between levels, also is aided. The critical role of vertical linking has been cited frequently. Since a subordinate in the top team is supervisor of the next level down, one by-product of a team effectiveness review is improving relationships up and down the organization… (178-183)*»

"Horizontal linking" (Blake & Mouton). «*Horizontal linking… However, many contacts between people and many problems of communication, control and decision making extend beyond work team boundaries. They go out in horizontal directions by reaching, in interdependent way, into operations that lie within the boundaries of other teams. Included here are problems of interteam cooperation… (178-183)*» – Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. "A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Mudança social planeada (Est) – Grupos, capatazes e teamworkers.

Organização pode mudar personalidade de empregado (Schein & Bennis). «*How much and in what way can (should) an organization influence the personalities of its employees?… Legitimacy of interpersonal influence must be potentially acceptable… the prevailing norms of legitimacy of organizational influence must be explored and understood fully by the target system [Ou seja, os empregados têm de ser devidamente*

propagandeados] (230)» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Obter a "comunidade orgânica" (Golembiewski). «*…achieving and changing consensus… Emphasis on creating and maintaining an "organic community"*» Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). "The 'Laboratory Approach' to Organization Change: Schema of a Method". Public Administration Review.

Teamwork, worker bees (Schein & Bennis). «*Organizational improvement through the training of relationships or groups rather than isolated individuals (37)… The fundamental building block of an organization is the* ***team*** *(176)… Increased awareness of own organizational role, organizational dynamics, dynamics of larger social systems, and dynamics of the change process in self, small groups, and organizations… Changed attitudes toward own role, role of others, and organizational relationships; i.e., more respect for and willingness to deal with others with whom one is interdependent, greater willingness to achieve collaborative relationships with others based on mutual trust… Increased interpersonal competence in handling organizational role relationships with superiors, peers, and subordinates (p.37)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Capatazes.

Grupos precisam de hierarquias de líderes, como feito por Hitler (Lewin). «*For larger groups… a hierarchy of leaders has to be trained which reaches out into all essential sub-parts of the group. Hitler himself has obviously followed very carefully such a procedure. The democratic reversal of this procedure, although different in many respects, will have to be as thorough and as solidly based on group organization*» Kurt Lewin (1973). "Resolving social conflicts: Selected papers on group dynamics". Souvenir Press.

Cultura comum para gestores/capatazes (Blake & Mouton). «*Strengthening the Positions of Foreman… Another variety of horizontal linking involves building sound relationships among individuals on the same organizational level but from different work groups. An example are foremen who are confronted with similar problems of supervision and responsibility but who come from different departments… the culture existing among foremen can be modernized and kept abreast of the changing needs of organization (178-183)*» – Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. "A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Mudança social planeada (Din) – Lewin.

Planeamento da mudança, lugar comum nos dias de hoje (NTL, 1972). «*The planning of change has become part of the responsibility of management in all contemporary institutions…*»

Estratégias de mudança organizacional. «*Strategies for Effecting Institutional Change*». De Kurt Lewin, cit. in "Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Modelo aplica-se do grupal ao local ao global (Lewin). Este tipo de esquema de ideias, de acordo com Lewin, aplica-se a qualquer contexto social, do grupo à comunidade ao estado-nação e por aí fora.

Mudança social planeada (Din) – Lewin, forças – Dinâmica e equilíbrio.

Contexto social: espaço sócio-psicológico dominado por forças.

"Driving forces", "restraining forces", "quasi-stationary equilibrium" (NTL, 1972). «*Kurt Lewin… saw behavior in an institutional setting not as a static habit or pattern but as a dynamic balance of forces working in opposite directions within the social-psychological space of the institution… Driving forces and restraining forces… Take, for example, the production level of a work team in a factory. This level fluctuates within narrow limits above and below a certain number of units of production per day. Why does this pattern persist? Because, Lewin says, the forces that tend to raise the level of production ["driving forces"] are equal to the forces that tend to depress it ["restraining forces"]. The balance between the two sets of forces… Lewin called a "quasi-stationary equilibrium"*»

Mudança planeada implica manipulação de forças (NTL, 1972).

Desiquilíbrio de forças → Unfreezing → Movimento para novo equilíbrio → Refreezing.

Usar forças situacionais para dirigir o processo.

Aumentar "driving forces"; diminuir "restraining forces".

«*According to this way of looking at patterned behavior, change takes place when an imbalance occurs between the sum of the restraining forces and the sum of the driving forces. Such imbalance unfreezes the pattern the level then changes until the opposing forces are again brought into equilibrium. An imbalance ["unfreezing a situation"] may occur through a change in the magnitude of any one force, through a change in the direction of a force, or through the addition of a new force… in change there is an unfreezing of an existing equilibrium, a movement toward a new equilibrium, and the*

refreezing of the new equilibrium… Planned change must use situational forces to accomplish unfreezing, to influence the movement in generally desirable directions, and to rearrange the situation, not only to avoid return to the old level but to stabilize the change or improvement… three major strategies for achieving change in any given pattern of behavior: the driving forces may be increased; the restraining forces may be decreased; or these two strategies may be combined. In general, if the first strategy only is adopted, the tension in the system is likely to increase. More tension means more instability and more unpredictability and the likelihood of irrational rather than rational responses to attempts to induce change» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

<u>Fluidez de forças – Destruição e introdução de forças (Lewin)</u>. «*Hand in hand with the destruction of the forces maintaining the old equilibrium must go the establishment (or liberation) of forces toward a new equilibrium… is it essential to create… fluidity…*» Kurt Lewin (1973). "Resolving social conflicts: Selected papers on group dynamics". Souvenir Press.

Mudança social planeada (Din) – Lewin, forças – Backsliding.

<u>Backsliding acontece quando...</u>

Mudanças não são internalizadas pelas pessoas afectadas.

Não houve uma abordagem sistémica de alteração de restantes partes e subsistemas.

«*…how to maintain a desirable change. Backsliding takes place for various reasons. Those affected by the changes may not have participated in the planning enough to internalize the changes that those in authority are seeking to induce; when the pressure of authority is relaxed, there is no pressure from those affected to maintain the change. Or a change in one part of the social system may not have been accompanied by enough correlative changes in overlapping parts and subsystems*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Mudança social planeada (Din) – Lewin – Mudança ubíqua e sistémica.

<u>Todos os subsistemas relevantes têm de ser alterados, mudados (NTL, 1972)</u>. «***To change a subsystem or any part of a subsystem, relevant aspects of the environment must also be changed****… Thus to plan changes in one part of a subsystem, in this case in the central office of the school system, eventually involves consideration of changes in overlapping parts of the system: the clerical force, the people accustomed to private secretaries, and others as well. If these other changes are not effected, one can expect*

lowered morale, requests for transfers, and even resignations. Attempts to change any subsystem in a larger system must be preceded or accompanied by ***diagnosis of other subsystems that will be affected by the change***»

Todos os níveis hierárquicos relevantes têm de ser mudados (NTL, 1972). «*To change behavior on any one level of a hierarchical organization, it is necessary to achieve complementary and reinforcing changes in organization levels above and below that level…*»

Mudança começa a partir de cima e desenvolve-se por aí abaixo. «*If thoroughgoing changes in a hierarchical structure are desirable or necessary, change should ordinarily start with the policy-making body… of course, "illegitimate" resistance must still be faced and dealt with as a reality in the situation*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Mudança social planeada (Din) – Lewin – Usar pontos de stress.

Mudança começa em pontos de stress e tensão – usam-se agravos e desafectos (NTL, 1972). «*The place to begin change is at those points in the system where some stress and strain exist. Stress may give rise to dissatisfaction with the status quo and thus become a motivating factor for change in the system*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Mudança social planeada (Din) – Lewin – Informal, pressão de pares.

Mudança informal abre portas a mudança formal (Golembiewski). «*Administrative reform in public administration commonly means formal change, i.e., "reorganizations" or modifications in organization charts… In contrast, "organization change" as used here has a dual meaning. It initially emphasizes behavioral changes in the attitudes, feelings, and beliefs of organization members, and subsequently formal restructuring which is facilitated and reinforced by behavioral changes*» Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). "The 'Laboratory Approach' to Organization Change: Schema of a Method". Public Administration Review.

Usar organização informal, controlo social, pressão de pares (NTL, 1972). «*Both the formal and the informal organization of an institution must be considered in planning any process of change… Besides a formal structure, every social system has a network of cliques and informal groupings. These informal groupings often exert such strong restraining influences on institutional changes initiated by formal authority that, unless their power can be harnessed in support of a change, no enduring change is likely to occur. The informal groupings in a factory often have a strong influence on the*

members' rate of work, a stronger influence than the pressure by the foreman. Any worker who violates the production norms established by his peer group invites ostracism, a consequence few workers dare to face» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Mudança social planeada (Din) – Lewin – Stakeholders – Sindicatos.

Todos têm de acreditar que estão a participar na mudança (NTL, 1972). «*The effectiveness of a planned change is often directly related to the degree in which members at all levels of an institutional hierarchy take part in the fact-finding and the diagnosing of needed changes and in the formulating and reality-testing of goals and programs of change*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Todos são stakeholders (Blake & Mouton). «*…total organizational effort is integrated… Implementing Planned Change… Defining Organization-Wide Issues… When agreement has been obtained through organization-wide participation, involvement and commitment and understanding are felt more clearly by each person. In this way, the organization can set a new direction or shift an old one, rather than one part of the organization attempting to pull or force other parts its way (178-183)*»

Reconciliação sindical (Blake & Mouton). «*Included as examples are such broad issues as the character of union and management relations… facing conflict and working through differences and attaining commitment to action through understanding and agreement (178-183)*» Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. "A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Mudança social planeada (Exist) - Organizações contratadoras.

Governo, indústria, bancos, ONGs, sistemas escolares e de saúde, igrejas (Schein & Bennis). «*Companies such as Esso Standard, Pacific Finance, Space Technology Laboratory, Aluminum Company of Canada, U. S. Rubber, Hotel Corporation of America, General Electric, IBM, Eli Lily, Hydro-Electric Commission of Ontario, Beltone, and many others have made laboratory training an essential part of their management development and organization improvement efforts. Increasingly, laboratory efforts have been tried in national or local government agencies such as the Internal Revenue Service, the Peace Corps, AID, and the Public Health Service*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

DELPHI – Processo.

Delphi – Rand Corporation.

Programa de treino para agentes de mudança com fundos federais. Em 1971, o U.S. Office of Education comissiona a Rand Corporation para elaborar sete volumes para estudos de agentes de mudança. Isto dá origem a um extensivo programa de treino lançado com financiamento federal.

"The Change Agent's Guide to Innovation in Education". Pouco depois, surge o manual autorizado para o empreendimento, "The Change Agent's Guide to Innovation in Education" (1973), por Ronald G. Havelock, financiado pelo U.S. Office of Education e pelo Department of Health, Education and Welfare, publicado pela Educational Technology Publishing.

Manual de manipulação de públicos. O guia contém instruções sobre como manipular audiências e públicos a adoptar novos currículos de valores. É a bíblia educacional para obter mudança social, no campo dos valores. São atribuídas bolsas a universidades para o treino de agentes de mudança, e a Rand continua a publicar documentos de implementação de cursos, como "Factors Affecting Change Agents Projects".

Delphi – Identificar forças favoráveis (aliados) e desfavoráveis (resistentes).

Planificação da mudança – Planear transição de A para B. Qualquer plano de mudança descreve a transição de um ponto A para um ponto B. Para isso, é preciso identificar como se chega de A a B.

Identificar forças favoráveis e forças desfavoráveis. Descobrir elementos que favorecem transição e elementos que a dificultam. Para fazer isto, o agente de mudança vai ter de descobrir os elementos que facilitam a transição, e os elementos que dificultam a transição, e como jogar com, e promover, os primeiros, e como ultrapassar, ou neutralizar, os segundos.

Promover forças/elementos favoráveis.

Alianças estratégicas. Construir alianças estratégicas – obter o apoio dos membros respeitados na comunidade-plateia-audiência.

Neutralizar forças/elementos desfavoráveis.

Delphi – Background, motivações.

Consenso pré-definido. A decisão final, o consenso, está predefinido. Existe um objectivo pretendido, para o qual o facilitador já está orientado.

Orientar o debate, mantendo aparência democrática – participação universal. É importante manter a fachada democrática, e fazer as pessoas acreditar que é a *sua* decisão. Todos participam.

Propósito: mudar crenças e atitudes do público. Sempre e somente. O único propósito aqui é fazer o público-alvo sentir que o consenso final foi decidido por si – é a sua decisão, e foi uma decisão democrática.

Uso de comparsas que intervêm em momentos-chave. Geralmente existem comparsas, provocadores, pessoas infiltradas no seio do público, contratadas para intervir em momentos chave, por forma a ajudar o facilitador a conduzir o debate.

Alvo – um público ingénuo. Com um público ingénuo, estas coisas funcionam.

Delphi – Descongelamento, mudança dialéctica, recongelamento.

Significado: amolecer, tornar receptivo, abrir. "Quebrar o gelo"; em linguagem de facilitador, significa tornar público receptivo a abandonar e a mudar as suas perspectivas, descongelar o seu equilíbrio estável. Amolecer, tornar receptivo.

Abertura, aceitação não-directividade – "vamos trocar umas ideias sobre o assunto". O facilitador começa por apresentar abertura total – vamos ser completamente honestos e apresentar pontos de vista abertamente. Tem de irradiar simpatia, sentido de humor, e uma espécie de aceitação quase maternal. O facilitador está ali como amigo, aliado, alguém em quem se pode confiar. Estamos entre amigos. Agora, vamos trocar umas ideias sobre o assunto, num ambiente aberto e aceitante. I.e., brainstorming. Não existem respostas erradas, tudo é relativo, não directivo, "open ended" – todos são encorajados a ter input, e não há rejeições – não existe resposta certa ou a prioris – não se insiste num resultado específico (o resultado é um em que todos participam).

Surgem diversos pontos de vista – A, B, C. Podemos ter A, B, C e por aí fora. O público é exposto a vários pontos de vista e começa a rever as suas posições à luz desses pontos de vista – descongelamento.

O pretendido é um D. Regra geral, o pretendido é um D. A posição A já tem 50% de D, portanto essa é a privilegiada. Se não surgir expontaneamente, um dos comparsas intervém, para a apresentar.

Facilitador "facilita" aceitação de A. Facilitador mostra-se particularmente receptivo a A. Faz isto com sinais verbais ou não-verbais.

Dialéctica hegeliana – pontos comuns, compromisso.

Identificar aquilo que é comum (positivo). Neste ponto, alguém (o facilitador ou um comparsa) revê a discussão até ali. Resume os pontos de vista e lamenta que haja tantas divisões, mas que há esperança; este é um bom grupo de pessoas, e todas pretendem fazer o que é melhor para o grupo – o bem comum. O bem comum está acima de gostos pessoais, de preferências egoístas. Vamos ser um grupo a sério, e concentrar-nos nos pontos comuns [common ground], que são estes [50% de A]. Vamos ser positivos e construtivos.

Conciliação de lados opostos com foco na "causa comum". Foco no comum permite conciliação de posições opostas, dado que todos podem identificar as suas necessidades e interesses na causa comum.

Foco naquilo que é comum, e não naquilo que não o é (negativo). Vamos concentrar-nos no que nos une, em vez de nos focarmos nas nossas divergências. A discussão de grupo é a causa comum para resolver o problema comum.

Cenário em que funciona – "Evolução" natural dialéctica. Este é o cenário de sonho para o facilitador. Se isto funcionar, temos "group think", pensamento colectivo, que só precisa de receber uns toques para ser orientado no sentido certo. Perspectivas opostas são fundidas ou sintetizadas em "verdades superiores", que continuam a "evoluir" até ao ponto desejado.

Voltas de 180º. No final do processo talvez tenham havido reviravoltas de 180º. Com efeito, é bastante comum.

Dialéctica hegeliana – gradualismo. Gradualismo, orientação paciente mas persistente. Dois passos em frente, um passo atrás. É também um método de obter compromisso.

Dialéctica hegeliana – "oughtiness". Avançar processo na direcção desejada dando sempre a entender que cada passo nessa direcção é um passo para um futuro melhor. Existe uma direcção óptima de progresso na discussão, e o facilitador pode dar sinais a indicar qual essa direcção é.

Dialéctica hegeliana – distorções semânticas. Redefinir termos para obter concórdia sem compreensão.

Recongelamento. Mudança está concretizada. Mesmo que nem todos gostem do resultado final, todos participaram – foi democrático. Todos têm de aceitar a mudança, é a nova norma. Se não a aceitarem, são anti-democráticos.

Delphi – Alienação de "bloqueadores" (negativos).

Alienação e hostilização dos "bloqueadores, pensadores negativos". Assim que todos estejam focados na causa comum, então o foco é no processo de grupo, e na alienação de resistentes, não-conformistas e restantes "bloqueadores".

Dialéctica hegeliana – neutralização de resistentes, bloqueadores.

Cenário em que fluxo dialéctico não funciona – resistentes, bloqueadores.

Ataques pessoais do facilitador. Até aqui o facilitador foi simpático e aceitante, como se fosse um professor da primária. Mostrou sempre abertura e entusiasmo com as pessoas do "lado certo". Mas aqui, o papel começa a mudar. Pode mostrar-se enfastiado, entediado. Trata a pessoa como se fosse uma criança mal educada, e dá-lhe um raspanete. Tenta virar o grupo contra a pessoa. Vai usar expressões como "sabe, a mim parece-me que está a tentar impor a sua opinião ao grupo". Ou, "acho que ninguém percebeu bem onde quer chegar com tudo isso". Ou "Onde é que quer chegar com tudo isso? Está a desperdiçar o tempo das pessoas". Ou "porque é que acha isso? Está a tentar dizer que sabe melhor que todos os outros?".

Ataques pessoais – intenção é calar ou descompor. O resultado pretendido é um de dois. Calar, intimidar – a pessoa foi repreendida em público e sente-se vexada. Cala-se e mantém-se sentada e calada o resto do tempo – foi neutralizada. Ou, a pessoa insiste mas começa a ficar descomposta, enervada; o tom de voz aumenta, o discurso pode tornar-se confuso e conflituoso. O facilitador, por outro lado, é um actor treinado – mantém sempre a calma e a compostura. Portanto, o "resistente", começa a parecer conflituoso, belicoso, que está a travar uma guerra contra o grupo, e por aí fora. E isso também a neutraliza, aos olhos do grupo.

Ataques dos comparsas. Muitas vezes também vão surgir ataques dos comparsas, que vão também no sentido de tentar vexar, desacreditar, descompor, o "bloqueador". Neste domínio vale tudo, desde coisas vulgares como "cala-te" até insultos pessoais, piadas sobre a pessoa ou sobre o seu modo de falar. Isto não precisa de ser feito num registo de agressividade ou maus instintos. Pode ser feito de um modo simpático, dialogante. Uma abordagem comum é a comparsa chorosa, que se mostra emocionada e triste, com toda esta divisão e confronto. Alega que posições daquele género são geralmente racistas, ou de pessoas que batem nas esposas, ou outros epítetos ofensivos deste género.

[***É frequente que os comparsas tenham formação teatral***. Muitas pessoas que andam nestes circuitos são actores semi-amadores. E vão usar técnicas teatrais – em linguagem verbal e não-verbal. Muitas vezes são fáceis de detectar, quando são incompetentes, porque têm uma abordagem descaradamente de palco. Expressões exageradas, afectadas, demasiado sanguíneas, de sentimentos. Irrupções demasiado tempestuosas e visivelmente preparadas. Silêncios demasiado artificiais. Seguem clichés de Bertold Brecht e de outras formas de teatro pós-moderno].

Ataques dos "people pleasers". Entretanto, já surgiram novos comparsas, involuntários. Pessoas no grupo que simpatizam com o facilitador e se sentem motivadas a estar do lado dele, porque é a figura que estabelece autoridade. São aquelas pessoas que, quando estavam na escola, eram sempre as primeiras a chegar à sala de aula e levavam sempre a maçã à professora. Pessoas que sentem necessidade de agradar à figura de autoridade, de se sentir aceites por ela, e manter a harmonia. Na gíria, são os "idiotas úteis". São os

melhores aliados do facilitador. Estão dispostos a destruir a solidariedade do grupo em nome de se sentirem em harmonia, e aceites, pelo facilitador.

20% de people pleasers, 60% de espectadores. Estudos feitos em psicologia social dizem-nos que cerca de 20% das pessoas em qualquer população humana se enquadram nesta categoria. Os mesmos estudos dizem-nos que mais de metade da população tende a manter uma posição intermédia, de espectador. Ou seja, não escolhe partidos até ver para onde o vento sopra. E é isso que acontece aqui.

Delphi – Antídotos para lidar com facilitadores e comparsas.

O melhor dos antídotos para facilitadores é um público informado.

Budistas expulsam agente de mudança (Schein & Bennis). «*Only recently we got word from a former government official of an NTL alumnus stationed in the Far East on government duty. The latter tried to impose laboratory training on a Buddhist monastery he had had some contact with. The monks tolerated this for awhile, but finally rebelled and evicted the well-intentioned but seriously misled "change-agent" (328)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Manter o sangue frio, afirmar o que está certo. Nestas situações a pessoa não pode perder o sangue frio, nem levar as coisas a peito. Tem de manter calma, serenidade, e objectividade. Está ali para defender uma causa e afirmar o que está certo, e isso é mais importante que insultos pessoais. A pessoa tem de perceber que está a lidar com actores; não pode colocar-se no papel de quem resiste, ou discute, com actores. A ideia não é resistir, ou discutir. É afirmar aquilo que está certo, para o grupo, ignorando os actores e os "people pleasers", os "idiotas úteis".

Tratar facilitador e actores como irrelevantes. O facilitador, e actores associados, têm de ser tratados como aquilo que são – irrelevantes. São actores contratados para manipular e descarrilar pessoas e comunidades, o que os coloca num nível muito baixo de existência. São mercenários intelectuais.

Delphi – Papéis no grupo – Por tarefas.

Papéis no grupo, por tarefas.

Iniciador-contribuidor. (Initiator-contributor) Sugere ou propõe.

Procurador de informação. (Information seeker) Pede clarificação de informação e de factos.

Procurador de opiniões. (Opinion seeker) Pede clarificação de valores.

Dador de informação. (Information giver) Oferece factos “autoritativos”.

Dador de opinião. (Opinion Giver) Declara crença ou opinião.

Elaborador. (Elaborator) Faz sugestões.

Coordenador. (Coordinator) Demonstra ou clarifica relações, no grupo.

Orientador. (Orienter) Define posição.

Avaliador-crítico. (Evaluator-critic) Sujeita as concretizações do grupo a algum standard.

Técnico procedimental. (Procedural technician) Expedita o movimento do grupo.

Escriturário. (RECORDER) Regista a “memória do grupo”.

Delphi – Papéis no grupo – Group building, maintenance.

Papéis de construção e manutenção do grupo (“group building and maintenance”).

Encorajador. (Encourager) Elogia, concorda e aceita.

Harmonizador. (Harmonizer) Media diferenças.

Promotor de compromisso. (Compromisers) Oferece compromisso como exemplo a seguir.

Guardião, expeditor, facilitador. (Gate-keeper, expediter, facilitator) Mantém comunicação aberta.

Modelo ideal. (Standard setter or ego ideal) Expressa padrões a seguir pelo grupo.

Seguidor. (Follower) Propõe sugestões.

Observador. (OBSERVER) Mantém registos do processo de grupo e da linguagem corporal.

Delphi – Papéis no grupo – Papel individual.

O papel individual.

Agressor. (Aggressor) Desaprova da perspectiva dos outros.

Bloqueador. (Blocker) Negativista e resistente, discordante e opositor.

Procurador de reconhecimento. (Recognition-seeker) Chama atenção a si mesmo.

Auto-confessor. (Self-confessor) Expressa "sentimentos" e "ideologia" pessoais, e não grupais.

Playboy. Exibe-se.

Dominador. (Dominator) Assevera autoridade.

Procurador de ajuda. (Help-seeker) Pede simpatia dos outros, espera que os "mornos" respondam ao apelo.

Defensor de interesses especiais. (Special interest-pleaser) Fala por outros (PMEs, movimentos cívicos, etc).

Delphi – Localizar aliados, neutralizar oposição.

Localizar aliados, detectar oposição (Havelock). «*Second, he should know who in his system has the resources relevant to various change efforts. For example, he should be able to identify the innovators in a particular area, i.e., those who are most likely to adopt a new idea and experiment with it before their colleagues. He should also know who is good at carrying through on an innovation, applying it systematically and conscientiously, and sticking with it until it works. These "maintainers" are sometimes different from the "innovators"… Finally, he should know who in his system are the "defenders" or resisters of innovations*» Ronald Havelock (1973). "The Change Agent's Guide to Innovation in Education". Educational Technology.

Localizar aliados, neutralizar oposição (Benne). «*We have said that educators [change agents] need a social engineering theory which provides conceptual tools for diagnosing the possibilities for change, for locating the forces which support it, and for* ***devising change procedures for those which oppose it****…*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Estudar o alvo: barreiras e resistências, abertas e oportunidades (NTL, 1972). «*Determining the size, character, structural makeup of group of changees. Determining the barriers, the resistance, the degree of readiness to change. Determining the resources available for overcoming barriers and resistance… Determining the level of sensitivity the changees have to the need for change*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Delphi – Mudar pessoas, engenharia humana.

Tornar o alvo receptivo a mudança (NTL, 1972). «*…move the client toward a collaborative and receptive response to change…*»

Mudar pessoa, relações interpessoais, grupo, comunidade, opiniões (NTL, 1972). «*...changing a person himself, his relations with others, the relations between several others, a total group, a community, or widely held opinion*»

Conversão total (NTL, 1972). «*...each changee becomes a changer at some place in the normal development of the change process*»

Engenharia humana, desenvolvimento de grupos (Benne). «*...human engineering and group development*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Iniciar e controlar processo de mudança (Benne). «*...change agents... must have... a method of social engineering [to] incorporate both democratic ideas and values and the knowledge and skills relevant to initiating and controlling the change process... Educators or other change agents must... be trained in ways of stimulating and guiding change... inducing and stabilizing changes in persons and groups... the problems of inducing and controlling changes in social systems, including the face-to-face group*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Mudar pessoas – Crenças, atitudes, padrões sociais (Benne). «*...induce and stabilize the restructuring of a social system such as the school... change in people and in social systems such as the school... a change in the established ways of group life and, therefore, a change in the social standards... We must change the people who manage the school program, it is frequently said, if we are to change the "curriculum"... In each instance this means bringing about changes in people — in their desires, beliefs, and attitudes, in their knowledge and skill... changing his perception of... his position in the system... of the situation and his relationship to it... nothing less than a restructuring of his knowledge, attitudes, and skills in a new pattern of human relationships*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Delphi – Manipulação – Persuasão cultural e coerção.

Portfólio de atitudes, valores e comportamentos de apoio e resistência (Havelock). «*A change agent... First, he should know about the process of change, how it takes place and the attitudes, values, and behaviors that usually act as barriers or facilitators*» Ronald Havelock (1973). "The Change Agent's Guide to Innovation in Education". Educational Technology.

Manipular o alvo, com persuasão cultural, coerção e manipulação (NTL, 1972).

Usar ideologia, mitos, tradições, valores do "mudado".

Choque, permissividade, culpa, “bandwagon”, stress, etc.

«*Helping changees become aware of the need for change… Determining the methods which changees believe should be used in change… Skill in dealing wisely with changee's ideology, myths, traditions, values… Creating awareness of the need for considering change and diagnosis through shock, permissiveness, demonstration, research, guilt, "bandwagon," and so on… Understanding the effects of stress on changee's beliefs and behavior*» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Falsidade, “imposição democrática”, coerção dissimulada (Schein & Bennis). «*The change agent must not impose democratic or humanistic values in an authoritarian or inhuman manner. If the change agent is concerned with creating more authenticity and collaboration, he must behave in ways that are in accord with these values (219) [Como é que o agente de mudança faz quando o alvo não é esclarecido o suficiente, para querer mudança?] Does coercion or faith have to be used during the very first phase of change? (220)*» – Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Delphi – Manipulação – “É a tua mudança”.

Envolver alvo na mudança, torná-lo um stakeholder (NTL, 1972). A pessoa tem de sentir que é a mudança dela, no sistema dela. É a tua ideia, o teu plano, o teu consenso, a tua comunidade.

«*Techniques in arriving at a group decision… Raising the level of aspiration of the changee and making aspirations realistic… Creating a perception of the potentialities for change expectations… Creating perception of possible sources of help in this change… Creating a feeling of responsibility to engage in this change by active participation… Creating perception of responsibility for participation in many persons… Developing indicated degree of general support for change*» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Delphi – O agente de mudança – Hubris e marginalidade.

Identidade: indivíduo, grupo ou organização (NTL, 1972). «*The change agent (be it an individual, group, or an organization)*» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Papel profissional, marginal, ambíguo, inseguro, arriscado (Schein & Bennis). «*…the role of the change agent is protean, changing, difficult to grasp, and practically impossible to generalize… The change agent's role must be construed in the following way. It is: 1. Professional; 2. Marginal; 3. Ambiguous; 4. Insecure; 5. Risky (217)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Agentes de mudança – Enfatuação e hubris (Schein & Bennis).

Desejo de omnipotência – O poder por detrás do trono – Poder sem responsabilidade.

Intoxicação – Tendência para se ver num "godlike" role.

«*A change agent can exploit his role to gratify certain basic (often unconscious) wishes, most particularly, the need for power and control. We are referring to this as the quest for omnipotence. The possibilities for unconscious gratification in the change-agent's role are enormous… he is "having it both ways." On the one hand, he is the consultant, the passive one, and, on the other hand, he is the leader, the power behind the throne. He achieves that infantile dream of* ***power without responsibility****… [Change agents] possess a powerful… method which may lead to some quite radical revisions of the way life is conducted… exhilaration and intoxication…"Godlike" role staff plays… What have we been trying to do in this chapter? Essentially, we attempted to air our consciences, to come to terms with our ambivalences (334-7)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Delphi – Uso sistematizado na sociedade pós-moderna.

Governos, empresas, organizações comunitárias. Discussão de grupo facilitada é chave para a transformação do indivíduo, da empresa e da sociedade. Novos e velhos em todo o lado têm de participar, e ser ensinados a pensar e a trabalhar colectivamente. Hoje, estas técnicas de lavagem cerebral são usadas para guiar a transformação social. Governos, escolas, empresas e organizações comunitárias – até igrejas – estão a usá-las.

Moldar cidadãos obedientes e que pensem em grupo.

Delphi – URSS e Bloco de Leste.

Conceitos usados extensivamente nos países socialistas. Agentes de mudança, facilitadores, provocadores, actores treinados, etc.

Manifestações espontâneas. Na rua, na fábrica, etc. A manifestação era despoletada por agentes de mudança e monitorizadas. Quem não participasse nas demonstrações de alegria e júbilo espontâneos, poderia facilmente receber uma visita do KGB.

Modelagem de comportamentos. Na rua, por exemplo. Para mudar comportamentos em massa. Vários agentes provocadores teriam um dado comportamento, que seria depois adoptado por membros do público e auto-alimentado.

DEWEY – Pragmatismo – Imaginação – Ciência dialéctica.

DEWEY – Biologia, não matemática – Inquérito.

Perspectiva biológica, e não matemática – “conhecimento é evolucionário”. A verdade, como concebida pela maior parte dos filósofos, é estática e final, perfeita e eterna. Em terminologia religiosa, pode ser identificada com os pensamentos de Deus, que, sob dadas circunstâncias, podem ser revelados a seres humanos. A perspectiva geral de Dewey é biológica, ao invés de matemática, o que faz com que conceba o pensamento como um processo evolucionário. Para Dewey toda a realidade é temporal.

Inquérito – Processo dialéctico hegeliano. Na sua opinião, existe um processo chamado “inquérito”, “inquiry”, que é uma forma de ajustamento entre o organismo e o seu ambiente. Adaptação participativa, processo de adaptação onde o meio e o ego são os únicos intervenientes. As relações de um organismo com o seu ambiente são por vezes satisfatórias para o organismo, outras vezes insatisfatórias. Quando são insatisfatórias, a situação pode ser melhorada por ajustamento mútuo. Dewey faz do inquérito a essência da lógica; e não a verdade ou o conhecimento. Define inquérito como: «*Inquiry is the controlled or directed transformation of an indeterminate situation into one that is so determinate in its constituent distinctions and relations as to convert the elements of the original situation into a unified whole*». Adiciona que «*inquiry is concerned with objective transformations of objective subject-matter*».

Inquérito visa alcançar o Todo Orgânico. É claro que “inquérito”, como concebido por Dewey, é parte do processo geral para tentar tornar o mundo mais orgânico. “Todos unificados”, “unified wholes”, são o resultado esperado dos inquéritos. O amor de Dewey pela organicidade é parcialmente devido a biologia, e parcialmente à influência de Hegel.

DEWEY – Pragmatismo – Imaginação dialéctica – Colectivismo epistemológico.

Só existem crenças. O mundo de Dewey é inteiramente centrado em seres humanos: o que são e como pensam e, consequentemente, como agem. Não há nada para além da mente humana. Não existe realidade independente – apenas crenças.

Verdade é utilitária. Uma coisa é verdade se me fizer sentir bem. Em harmonia com o meio, com o grupo, ou comigo próprio. Uma crença é julgada pelos seus efeitos, e não por qualquer critério causal de verdade. Um dos discípulos de Dewey, Hu Shih, disse: «*A verdade é criada pelo homem para seu uso... uma ideia que teve bons frutos foi chamada de verdade no passado. Se foi útil, ainda é chamada verdade hoje em dia*» (P.14)

“A verdade é relativa e contextual – afirmabilidade garantida”. Dewey não visa alcançar julgamentos que possam ser absolutamente verdadeiros, ou condenar as suas contradições como absolutamente falsas. Dewey substitui a ideia de “verdade” por “afirmabilidade garantida” (“warranted assertability”), se tiver certo tipo de efeitos. À partida, o passado não pode ser afectado pelo que fazemos e, portanto, se a verdade é determinada pelo que aconteceu, é independente de desejos no presente ou no futuro; representa, em forma lógica, as limitações do poder humano. Mas se a verdade, ou em vez disso a “afirmabilidade garantida”, depender do futuro, nesse caso, está no poder de quem comanda o presente e prepara o futuro, alterar o que deve ser afirmado. Isto aumenta o sentido de poder e liberdade humanas. Será que César atravessou o Rubicão? Dewey pode optar por responder sim ou não com base naquilo que é conveniente para eventos futuros; não há razão para que estes eventos futuros não possam ser arranjados por poder humano, de tal modo a fazer de uma negativa a resposta mais satisfatória.

Imaginação dialéctica – “Posso emancipar-me da verdade”. Ou seja, se eu achar que a crença de que César atravessou o Rubicão é inquietante, posso, tendo capacidade e poder, arranjar um ambiente social no qual possa fazer a negação, emancipar-me, dessa “categoria imutável e limitativa”.

“A verdade é comunitária”. A filosofia de Dewey é uma filosofia de poder, mas não individualistica, como a de Nietzsche. Encontra a sua medida de valor no poder da comunidade. É este elemento de poder social que faz com que a filosofia de instrumentalismo seja atractiva àqueles que vêm o mundo como um sistema humano fechado a controlar e a gerir. Em tudo isto existe um perigo gravoso: o conceito de verdade como algo dependente de factos fora do controlo humano tem sido uma das formas pelas quais a filosofia tem inculcado um necessário elemento de humildade. Quando esta limitação ao orgulho é removida, é dado mais um passo na direcção de um certo tipo de loucura e de intoxicação de poder que invadiu a filosofia com Fichte e à qual os homens modernos são susceptíveis. Esta intoxicação é a chave para desastre social em larga escala.

DEWEY – Ciência dialéctica – Excluir razão e objectividade.

“Ciência exige exclusão da razão e da objectividade”. Aqui, é interessante citar John Dewey e os seus seguidores, que diziam que o método científico tinha de consistir na eliminação da razão humana e da lei natural da ciência.

Descrição estatística – verdade subjectiva arbitrária. Em vez disso, adopta-se uma descrição meramente mecânica e estatística dos fenómenos. A verdade é totalmente relativa, a ser adoptada ao alcance dos caprichos da classe governante.

DIALÉCTICA – Lei da Unidade e da Luta entre opostos.

A lei da unidade dos opostos é a lei fundamental do universo.

Aplica-se ao mundo natural, a sociedade humana, e a pensamento.

Entre opostos existe simultaneamente unidade e luta → leva a movimento e mudança.

Em qualquer objecto, a unidade de opostos é condicional, temporária e transitória.

Porém, e ao contrário, a luta de opostos é absoluta.

«*Marxist philosophy holds that the law of the unity of opposites is the fundamental law (**genben guilü**) of the universe. This law operates universally, whether in the natural world, in human society, or in man's thinking. Between the opposites in a contradiction there is at once unity and struggle, and it is this that impels things to move and change. Contradictions exist everywhere, but their nature differs in accordance with the different nature of different things. In any given thing, the unity of opposites is conditional, temporary and transitory, and hence relative, whereas the struggle of opposites is absolute. Lenin gave a very clear exposition of this law*»

BENCHMARKS – 1970s.

(1970) OCDE, Willis Harman.

Globalização, Controlo Global. Aldeia global, sistema global de controlo, justificado pela emergência de novas tecnologias.

Estado Tecnotrónico Transicional. Organização tecno-fascista. A tecnocracia e o homem cinzento. Garrison-state. Transição abrupta.

Megacidades. Comunidades especializadas.

Transição de Valores. Novo sistema de valores para o planeta integrado. "Mudar a cabeça das pessoas". Alvo: valores Judaico-Cristãos de classe média.

Educação-Treino e Gestão Comportamental. Gestão de comportamentos e relações. STW.

(1970) B-STEP.

Mundo Artificializado. Tecnocracia. PPP. Megacidades. Vigilância ubíqua. Manipulação biológica. Controlo climático. Brain-machine interface.

Controlo Social e de Opinião.

Hedonismo. Narcisismo. Valores flutuantes. Conflito social.

PCs PARA MUDANÇA DE VALORES, VIGILÂNCIA, DATA MINING.

Loughary (1972). Indivíduo perde capacidade de decisão na era computorizada.

Braun & Slobodzian (1982) – CV e Data Mining. Usar PCs para Clarificação de Valores – "Doctor". Data mining: armazenar, analisar, partilhar informação.

Heuston (1984). Um laptop para cada criança. Computador pode intrometer-se entre criança e influências externas.

Redes sociais, "friends", pornografia.

STW-POLITÉCNICO – MARX, URSS, CHINA, UNESCO, EUA.

STW POLITÉCNICO – MARX.

Trabalho infantil para produção social.

Educação mental, física, politécnica.

Despesas de saúde técnica podem ser pagas com lucros da oficina escolar.

STW POLITÉCNICO – URSS.

Marx, Lenin e Stalin consagram Politécnico.

Doutrinação ideológica – Ultra-especialização – Trabalho infantil sub-remunerado.

Medievalismo. Retorno a padrões medievais, o estágio da guilda.

Turchenko (1976) – e vários outros autores. Politécnico. Harmonia social. Oposição a sociedade/educação burguesa. Trabalho infantil em fábricas. O "novo homem soviético" é um RH.

STW POLITÉCNICO – CHINA.

May 7 Road of Human Development.

Dang'an. Portfolio individual total, para "capital humano". Acessível a estado, empregadores, entidades comunitárias. Dados acrescentados, apagados, adulterados.

STW – CHINA – OCIDENTE.

Howard Gardner. Aprender com a China. Teoria das inteligências múltiplas.

Mary Berry.

Protocolos Educacionais China-Ocidente. Unesco, OCDE, UE, EUA, importam educação chinesa.

Sistema Global de Critérios Educacionais e de Acreditação de Competências.

STW – URSS/EUA – CARNEGIE.

US/USSR Education Exchanges. Carnegie, 1985, STW.

David Hornbeck e "Human Capital and America's Future".

Iserbyt (Video).

STW – URSS/EUA.

HEW (1960). Elogia treino politécnico/vocacional, Pavlovianismo, doutrinação socialista.

Beck, DoEd (1990). Elogia treino politécnico e trabalho infantil na URSS e RDA. Propõe adopção para mundo ocidental.

Boyce (1983), Haberman & Collins (1987). STW sovietiza educação.

STW – URSS/EUA – Lerner, Hillary, Tucker.

Lerner (1973). "Education in our socialist community". STW, não-graduação. Colectivismo. Treino de competências e comportamentos.

Hillary (1996). "It takes a village".

Carnegie/Tucker, "Dear Hillary letter" (1992). "Lifelong HR development system". DANG'AN (base de dados acessível a empregadores). Estágios e serviço comunitário. PPPs (sovietes educacionais – empregadores, sindicatos, educadores, ONGs).

STW e CV – UNESCO, WCCD.

URSS – UNESCO (1986).

STW (URSS) torna-se modelo de trabalho para Unesco.

UNESCO, 1972, ICDE.

"Learning to be": formação comportamental, relativismo, filosofia comunitária, pensamento dialéctico.

Aldeia global; ganhar "corações e mentes" para a aldeia global.

Inversão social de valores – Usar insatisfação juvenil.

Novo homem: Cibernopóide.

UNESCO, 1973, Parkyn.

Formação contínua – Sociedade educativa – Transformação contínua do sujeito – Doutrinação para cidadania.

Treino planeado para economia global planeada.

STW – Minimalismo educativo – Formação vocacional – Fusão escola/trabalho.

Iliteracia.

Marx, URSS, China – Modelos a seguir.

UNESCO, 1975, Lengrand.

URSS e Jugoslávia – modelos a seguir.

A utopia é socialista e totalitária.

Iliteracia.

Formação contínua, sociedade educativa.

Novo homem: RH, em mudança permanente.

Acabar com a família tradicional.

UNESCO, 1986, Delors.

Aldeia global socialista – economia global socialista.

Iliteracia.

Formação contínua.

UNESCO, 1990, Jomtien.

Aldeia global – transformação global – escola.

Valores redefinidos pela Unesco.

STW.

WCCD, 1996 – Voluntariado, STW, créditos.

Voluntariado adulto e juvenil.

Estágios, treino vocacional (STW).

Créditos académicos.

WCCD, 1996 – Mudar valores globais – Explorar jovens e artistas.

Aldeia global, interdependência.

Valores globais, nova cultura, para a aldeia global.

Explorar jovens – Visionamento ONU.

Explorar artistas – "Progresso global".

STW – Iliteracia e manipulabilidade.

Chicago Mastery Learning Program.

Oettinger (1982). STW. Ler e escrever? Falar e ler comics.

Harman & Sticht (1987). Aldeia global exige STW, mudança de valores. Força de trabalho tem de ser manipulável.

Hendricks (1995). Aprender a falhar, na era de expectativas diminuídas.

BLOOM.

BLOOM – REEDUCAÇÃO COMUNISTA.

Isolar criança de influências parentais e outras.

Usar grupo de pares e pressão colectiva.

Mudança de crenças, atitudes, valores.

BLOOM – ILITERACIA.

Avaliação não-graduada.

Ensino de crenças e temas sociais em vez de factos.

BLOOM – DOUTRINAÇÃO AFECTIVA.

Crenças, atitudes, valores, comportamentos.

Quebrar privacidade.

Utilizar condicionamento pavloviano.

BLOOM – RELATIVISMO MORAL – SUPEREGO SOCIAL.

Ética situacional.

"Caixa de Pandora".

Parafraseia Marx.

SUPEREGO SOCIAL substitui CONSCIÊNCIA.

CLARIFICAÇÃO DE VALORES.

CV – PROCESSO SOCRÁTICO.

Professor como filósofo socrático. Método mais básico e essencial, que introduz relativismo moral.

CV – PROCESSO DE GRUPO.

Incentivar consenso, dialéctica, na aula.

Método "experimental, não testado".

Professor-facilitador. Neutralização do adulto – Desconfirmação dos pais – Regras: aceitação e consenso/síntese – Destoxificação da calamidade.

Pais demissionários.

Programas CV. Drogas, sexo, álcool, etc.

MDC (ambiente de).

Promoção de desviantes morais.

Bullying e mobbing.

CV – COULSON.

"Eu e Rogers".

Muro de silêncio sobre Rogers e Coulson.

CV.

IPPF, SIECUS – Epidemia de doenças sexuais.

Relativismo – não há factos, certo e errado – tudo são **opiniões** e **opções**.

Adulto não-directivo.

Comportamento desafiante.

Existem decisões tabu – voltar a afirmar factos e proibições óbvias.

CV – GREENBERG.

Usar CV para vender tabaco.

CV – ROGERS & MASLOW (Pré-Repudiação).

Bom selvagem.

Utopianismo.

Rejeição de consciência, bem e mal.

Fluxo.

CV – ROGERS (R).

Destruição da educação.

"Padrão de fracasso" – "Nothing but bad can come from it".

Perca de Liberdade, destruição da Família.

CV – MASLOW (R).

Maldade humana – Rejeitar “bom selvagem” – Rejeitar relativismo moral.

Destruição da educação.

Perca de Liberdade – O perito arrogante auto-actualizado – Dogma “democrático”.

O hippie narcisista auto-actualizado.

AA – Insanidade e morte.

Correcção de AA: adultos e crianças – bondade.

CV – Choques Narcísicos com Pais – Comportamento Desafiante.

Choques com os pais. Pais tornam-se modernos ou são irrelevantes. Auto-intitulação e insolência.

Comportamento desafiante.

Insistência parental torna-se opressão.

Estruturas de apoio. Pares, psicólogo, instituições sociais, etc.

CV – Narcisismo e New Age.

Narcisismo CV ganha justificação cósmica.

SOCIALIZAÇÃO.

SOCIALIZAÇÃO – SUPEREGO SOCIAL.

Grupo como Mãe. Pertença e acolhimento no seio da Mãe colectiva. Indivíduo reinventado no grupo. Renascimento no seio do grupo. O grupo-mãe estabelece a sua realidade, e dá-la aos “filhos”. Disciplina maternal: filhos resistentes são disciplinados, levam tau-tau.

Investimento Emocional – Confissões.

Participação Universal – Resistência ao Processo é um Vício, Pecado.

Sanidade Estatística.

Irracionalismo/Inquisição.

Auto-Brutalização – MDC. Anulação da Consciência – Maus Sentimentos. Anulação da Sociabilidade.

SOCIALIZAÇÃO – OUGHTINESS.

SOCIALIZAÇÃO – ULTRA-RELATIVISMO.

Factos são opiniões.

A verdade reside nos sentimentos, do self e do grupo.

SOCIALIZAÇÃO – LINGUAGEM.

Linguagem consensual – Sentimentos e opiniões.

O cínico, o gelatinoso e o seguidor.

MDC – Pobreza discursiva.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – QUIGLEY.

Infância germânica. Permissividade, segurança, centramento na criança, apego ao material, dependência de figuras de "autoridade total".

Necessidades que surgem. Egocentrismo e estimulação externa.

"Estimulação externa". Autoridade exterior. Hierarquia e estatuto. Desresponsabilização. Aversão a risco, apego a segurança e a coisas materiais (conforto). Cidadão ou besta (sempre animal).

Egocentrismo. Existencial e intelectual (o meu umbigo é o centrum). “Ich bin Gott”. O saco de gatos – Jahatojaha.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – MONTESSORI.

Quebra da consciência – Narcisismo.

O novo homem, o Ubermensch nietzschiano.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – PARA A GRANDE MÃE.

Volksschule. Educação para conformismo, com balões e confetti.

Pestalozzi, Herbart, Froebel – Movimento romântico, Sturm und Drang.

Conteúdos deste tipo de educação.

Sense perception.

Kindergarten (harmonia, todo).

Educação física.

Clarificação de valores (função estética).

Produtos.

Dependência material – Apego – Segurança.

Colectivismo, totalitarismo.

A Grande Mãe.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – PRUSSIANA.

Educação, uma valência sócio-económica totalitária.

Ajustamento social a sociedade hierarquizada inquestionável. Indivíduo como **célula** no **corpo** social.

Visão bestializada/RH do homem.

- Homem como RH, a ser moldado e treinado para servir a economia nacional.

- Produzir pessoas em série (Volksschule) para ocupar estações na economia.

- Obter obediência, apatia, ajustamento social, em troca de algum conforto na vida social.

Lavagem de crenças e valores.

- I.e., lavagem cerebral, para lavar influências domésticas e outras.

- Lavar a consciência, as noções de bem e de mal.

- Imprimir crenças fixas, estatais.

- FICHTE: Destruir vontade livre.

Psicologia animal.

- Atinge auge com WUNDT.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – MODELO PARA O MUNDO.

Oligarquia – Classes médias e baixas.

PINK FLOYD, “Mother”.

ESCOLA DE FRANKFURT – ALIENAÇÃO, EMANCIPAÇÃO.

E. FRANKFURT – Neurose e Fascismo.

Neurose gera crime e fascismo.

ALVOS. Consciência, família, herança cultural, patriotismo, princípio da realidade (leis/regras).

SOLUÇÕES. Libertar instintos, bom selvagem.

E. FRANKFURT – Emancipação – Eros, Oughtiness, Fratria.

Libertar o Id. Sexualidade infantil vs adulta. Libertar Eros, fantasia, sonhos, emoções.

Derrubar princípio da realidade.

Harmonizar Id com Ego.

OUGHTINESS. Sensitivização, expectativas, percepções.

FRATRIA e proibição do incesto (culpa incestuosa criou regras familiares).

PROMISCUIDADE (EROS GRUPAL). Sociedade promíscua, Eros grupal (incesto).

E. FRANKFURT – Jardim do Éden.

Alienação → Oughtiness (serpente) → Emancipação (voltar a pecar).

E. FRANKFURT – Emancipação – Imaginação Dialéctica.

Impor Eros à tirania da Razão. Usar a função estética para fundir Eros com Razão. Razão é sensual e sensualidade é racional.

Cegueira selectiva. Harmonizar Id com Ego. Id é dialéctico, não tolera negação, impõe fantasia à realidade.

E. FRANKFURT – Emancipação – Narcisismo, Moralidade Dialéctica.

Narcisismo, a base da moralidade.

Polimorfismo – Misticismo corporal – União e fusão com o ambiente.

E. FRANKFURT – Narcisismo – Da "verdade do coração" à entrega à aldeia.

1. Subjectivismo.

2. "Verdade do coração".

3. Auto-gratificação reina cada vez mais livremente.

- Emocionalidade excessiva.

- Princípio do prazer-realidade.

- Imaginação dialéctica, sonhar acordado.

- Narcisismo.

4. Objectificação do outro.

5. Oportunismo sócio-estatístico.

6. Expectativas irrealistas.

7. Grupo/aldeia: espaço de aceitação, relação e regulação.

E. FRANKFURT – Emancipação, Inebriamento – Eros & Tanatos.

Lei sem lei, propósito sem propósito.

Destruição individual e civilizacional.

- Silenus: Inebriamento, tragédia e morte.

- Morrison, Doors.

LEWIN – JOGO & TAREFA. Combinar prazer com trabalho destrói produtividade.

EDUCAÇÃO 21.

EDUCAÇÃO 21 – Educação Psiquiatrizada é *INEFICIENTE*.

Coulson (1). "Facilitar aprendizagem em vez de ensinar". Fracasso académico torna-se algo de heróico, testemunho de criatividade. Pais são tratados como egoístas, por exigirem sucesso académico.

Coulson (2). Degradação de standards académicos. Matéria torna-se acessória. Aula transformada em terapia de grupo.

Bateson. Ineficiência académica e sentimentalês.

EDUCAÇÃO 21 – Educação Psiquiatrizada é *TOTALITÁRIA*.

Sowell (1993). Técnicas de doutrinação totalitária, como role playing, diários, pressão de grupo.

Gross (1998). Escola ganha aura de clínica psiquiátrica. Intromete-se no seio familiar.

EDUCAÇÃO 21 – Escola como Veículo de Mudança, Fábrica de Comportamento.

Conceito de lavagem cerebral consagrado.

Professor como facilitador-filósofo, agente de mudança.

Escola como veículo de transmissão de cultura, consenso e comportamento. Como nos países totalitários, porque a aldeia global é um regime totalitário.

EDUCAÇÃO 21 – A Falácia da Criatividade.

Negação de memória, factos, certezas.

"Criatividade e originalidade". No entanto, criança precisa de desenvolvimento cognitivo sólido, e conhecimentos factuais consolidados, antes de poder ser realmente criativa.

Educação emocional e não-factual. A criança não-cultivada vai apenas explorar os seus próprios desejos e emoções. Os factos vão ser substituídos por slogans, imaginação e verdades de grupo.

EDUCAÇÃO 21 – Trabalho Colectivo.

TRABALHOS DE GRUPO.

Aprendizagem cooperativa. Trabalho e responsabilidade são colectivos.

Homeostase bons-maus alunos.

Pensamento colectivo, consensualidade.

EDUCAÇÃO 21 – Auto-Indulgência, Vitimização.

Valores Judaico-Cristãos. Iniciativa e responsabilidade individual.

Valores pós-modernos. Vitimização, pessimismo. Auto-indulgência, displicência, diversão. Desresponsabilização.

EDUCAÇÃO 21 – Ultra-Especialização, Formação Comportamental.

Eliminação gradual de educação académica. Phasing out gradual, simplificação, corrupção.

Ultra-especialização. Orientação vocacional, treino de competências.

Formação comportamental.

- Ajustamento social.

- Valores consensuais (no grupo, aqui e agora).

- Mudança permanente.

- Comportamento substitui conhecimento.

EDUCAÇÃO 21 – Propaganda Institucional como Facto (1).

Autoridades institucionais são fontes **objectivas** de informação.

Todas as outras são **subjectivas** e irrelevantes, obsoletas. Têm de ser desconfirmadas. [Deus, família, pais, tradição]

Valores associados têm de ser desconfirmados.

- Moral Judaico-Cristã.

- Liberdade individual e valor do indivíduo.

- Soberania nacional, etc.

EDUCAÇÃO 21 – Propaganda Institucional como Facto (2) – Iliteracia Científica, Irracionalismo, Slogans, Condicionamento Operante.

Iliteracia científica.

"Informação objectiva", slogans, irracionalismo. Filtro politicamente correcto. Crença ingénua, ou oportunista, na "verdade oficial".

Literacias "sustentáveis" / "objectivas".

EDUCAÇÃO 21 – Propaganda Institucional como Facto (3) – Tornar os Pais Irrelevantes.

Pais e tradição são obsoletos e irrelevantes.

Novos locus de autoridade e verdade. Grupo de pares (geração) e autoridades institucionais (estado, patrão, instituições).

Criança propagandiza os pais. Isto leva a aceitação ou ruptura.

SNOB APPEAL, oughtiness. O mundo exterior é sofisticado, informado, avançado.

ABORDAGEM PEDOFILÍACA.

EDUCAÇÃO 21 – Grupo é a nova Mãe – Autoridades são o novo Pai.

Pais tornam-se obsoletos e irrelevantes.

NOVA FAMÍLIA.

- Grupo de pares/geração/fraternidade – Nova Mãe, espaço maternal.

- Autoridades institucionais – Novo Pai, figuras paternas.

EDUCAÇÃO 21 – Jargão UNESCO.

Harmonia, criatividade, espiritualidade, etc.

EDUCAÇÃO 21 – Doutrinação "Sustentável".

Al Gore.

- Al Gore e um plano educacional global.

- Perspectiva pan-religiosa.

UNESCO e muitas outras.

Crianças como público-alvo – Oughtiness, visionamento.

Slogans, manuais, etc.

Processo de grupo.

- O Processo da Revolução Cultural de Mao.

EDUCAÇÃO 21 – Percurso STW-LE para a economia global.

(1) PPP, definição curricular. Desenvolvimento de competências ultra-especializadas para alocação na economia, segundo um sistema de quotas.

(2) Formação comportamental-atitudinal. Crenças, valores, comportamentos – comunitarismo.

(3) Treino STW.

- Ultra-especialização.

- Minimalismo académico.

- Estágios e aprendizados.

- Filosofia comunitária.

(4) Avaliação social.

- Ausência de notas / não-gradação.

- Avaliação de capacidades técnicas – avaliação de conteúdos comportamentais.

- Reeducação.

(5) Alocação na economia/comunidade.

- Pelo centro de emprego.

- Trabalho na comunidade.

- Dang'an.

(6) Sociedade educativa, formação contínua (LE), reeducação.

- Formação técnica e comportamental contínua.

- Doutrinação para cidadania.

- Punições e reeducação.

EDUCAÇÃO 21 – STW para monocultura global – Iserbyt & Gatto.

Iserbyt.

- "Dumbing down", "robotização", "lavagem cerebral" – formação contínua, workforce training.

- Novo feudalismo global.

Gatto.

- Individualismo desaparece em nome de automatismo global.

EDUCAÇÃO 21 – MONOCULTURA ESTÉRIL PARA SOCIEDADE & ECONOMIA GLOBAL – NEO-MEDIEVALISMO.

Preparação para ambiente social estéril, colectivo, irracionalista.

- A comuna e a empresa multinacional.

Cidadão global & RH global.

- Relativismo moral utilitário, pragmatista.

- Obediência e submissão a autoridades institucionais.

- Consensualidade, conformidade, groupthink (team-player).

- Pensar do modo certo, ter as crenças e atitudes apropriadas.

- Sentido comunitário de valor próprio (“eu sou o que os outros pensam de mim”).

- No trabalho, não basta ser bom – é preciso ser “bem comportado”.

Global Workforce Training / Força laboral global / HR Development.

- Os pontos atrás estão no coração do que é, hoje, desenvolvimento de RH.

- Muitos nomes e pacotes para a mesma coisa.

Economia global centrada na gestão de processos.

- Dominada por cartéis e monopólios.

- Gestão de processos definidos a partir de cima.

- Manutenção de processos estacionários.

Retorno a padrões medievais.

EDUCAÇÃO 21 – Crianças Mimadas, Adultos Mimados – TOTALITARISMO.

GATTO. “A well managed, godless mass”.

- Inadequação, irresponsabilidade.

- Baixeza, ansiedade, falta de espírito, dependência do exterior, temor, estupidez, vício em novidade.

- Isto é necessário para uma sociedade controlada.

Dependência do exterior facilita controlo totalitário.

- Pessoas dependentes de fontes exteriores de realização são fáceis de controlar.

SZASZ. Adultos infantilizados, crianças adultificadas.

EDUCAÇÃO 21 – Declínio da educação e da literacia.

De licenciatura para doutoramento, etc.

GATTO. Quebra da literacia no público americano, da II Guerra em diante.

EDUCAÇÃO 21 – Declínio da educação 60s – QUIGLEY.

Educação permissiva – Rousseauviana.

Auto-indulgência, narcisismo, auto-intitulação.

Menos disciplina, organização, consciência do tempo.

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – Modelo para o mundo – Pink Floyd, Mother.

Modelo educacional para oligarquias e para o mundo.

Modelo educacional para oligarquias – desenvolver fidelidade de grupo. Começando com aristocracias europeias. É assim que sem desenvolvem pessoas que colocam a fidelidade para com o grupo, acima de todas as outras considerações.

Modelo educacional para o mundo – o futuro é totalitário. Mas também é o modelo educacional para a América e para o mundo, porque o futuro é totalitário.

Pink Floyd, Mother. «*Hush now baby, baby don't you cry / Momma's gonna make all of your nightmares come true / Momma's gonna put all of her fears into you / Momma's gonna keep you right here under her wing / She won't let you fly but she might let you sing / Momma's gonna keep baby cozy and warm / Oh babe, of course momma's gonna help build the wall… / …Momma will always find out where you've been*»

Adaptação possível. "*Mother...*

...will you become the government?"

EDUCAÇÃO GERMÂNICA – Prússia – Nihilismo moral – Sociedade totalitária.

PRÚSSIA – Volksschule.

Prússia – escolaridade obrigatória. As Volksschulen, introduzidas na Prússia em 1717. Sistema de escolaridade estatal obrigatória – ensino primário.

Foi o grande cenário de implementação das aventuras pestalozzianas.

PRÚSSIA – A outra faceta – Produção em massa.

Indivíduo como mera unidade produtiva, a especializar. O indivíduo comum é visto como mera unidade produtiva, com a única função de saber executar certo tipo de tarefas, em prol do estado, que gere o sistema económico. O conceito base é o de produção em massa.

Peça na máquina – totalitarismo. Visão do homem como peça na máquina, que vai ser evidente nos sistemas totalitários: comunismo, fascismo, fabianismo.

FICHTE – "Education must destroy free will".

«***Education should aim at destroying free will****, so that, after pupils have left school, they shall be incapable, throughout the rest of their lives, of thinking or acting otherwise than as their schoolmasters would have wished*» – Fichte

VON HARTMANN – "The principle of freedom is negative".

"What men need is tyranny, in every department of life". «*The principle of freedom is negative… in every department of life, save religion alone, compulsion is necessary… What all men need is rational tyranny, if it only holds them to a steady development, according to the laws of their own nature*» – Eduard von Hartmann, filósofo (1842-1906)

Pestalozzi e a nova criança totalitária.

Romântico. Johann Heinrich Pestalozzi surge do movimento Romântico.

Educação subjectivista.

Sense-perception.

Harmonia e ambiente total (Kindergarten).

Educação física.

Johann Friedrich Herbart – Dimensão estética.

Ética como função de estética. Alemão. Procura criar um sistema educativo que molde Individualidade em Carácter (apreciativo de estética, e ética como subdivisão estética), no qual o professor funciona como uma espécie de psicanalista, que orienta o aluno através de percursos específicos de aprendizagem com base numa estimulação ponderada do domínio aperceptivo.

Psicologização da educação – "transformar individualidade em carácter". Mas, o ponto de destaque no que a gestão de massas diz respeito, Herbart surge como o pioneiro de aplicação de psicologia à educação. Entrando no domínio de orientação aperceptiva, estamos a falar de uma forma sofisticada q.b. de moldar a mente individual. Encontra a síntese entre uma educação meramente materialista e uma educação predominantemente idealista – centra-se no tornar-se, no processo de conversão de A em B, Individualidade em Carácter.

Froebel e o Kindergarten.

Estudante de Pestalozzi na Suiça. Friedrich Wilhelm August Fröbel (ou Froebel), pedagogo alemão.

Funda vários institutos educacionais. Em 1816 já tinha fundado o Allgemeine Deutsche Erziehungsanstalt ("German General Education Institute") em Griesheim, perto de Arnstadt em Thuringia. Neste instituto trabalha com os cofundadores Wilhelm Middendorf and Heinrich Langethal. Em 1831 fundou um instituto educacional em Wartensee (Lucerna, Suiça).

Kindergarten, Freiarbeit, Fröbelgaben. Desenvolve o conceito do "kindergarten", os brinquedos educacionais "Froebel Gifts" – *Fröbelgaben* , que incluem blocos de construção geométricos. Em 1837, uma vez mais com Wilhelm Middendorf e Heinrich Langethal, fundou um instituto de "creche, jogos e actividades" para crianças pequenas em Bad Blankenburg, ao qual veio a chamar de "kindergarten". Estabelece o conceito de "trabalho livre" (Freiarbeit) em pedagogia e estabelece o "jogo" como a forma típica que a vida toma na infância, e também no valor educacional do jogo. As actividades do primeiro kindergarten incluem canto, dança, jardinagem e jogo auto-dirigido. Isto começa por ser feito com o pretexto de introduzir a criança ao mundo adulto.

Kindergarten dissemina-se pelo mundo fora. O formato espalhou-se pela Alemanha e pelos EUA, durante o século XIX, e pelo mundo fora no século XX.

Criança "moralmente auto-descobridora" torna-se hedonista e anárquica.

Auto-descoberta de regras éticas → Imaginação dialéctica. O que a criança vai descobrir é, "o que me faz sentir bem e ao grupo, com quem colaboro". E equaciona o "sentir-se bem ou mal" com "Bem e Mal".

Aprendizagem baseada no MDC sensorial. Ou seja, a aprendizagem vai basear-se no mínimo denominador comum da satisfação sensorial.

Educação germânica: Sense-perception – Ambiente total – Educação física.

Exploração de percepção sensorial e autonomia. A educação tem de ser radicalmente pessoal – subjectiva – apelando à intuição da criança. Portanto, o método Pestalozziano baseava-se no centramento na criança, na exploração de percepção sensorial e em autonomia de acção.

Harmonia, ambiente total para doutrinação total – o kindergarten. Enfatiza que cada aspecto da vida da criança contribui para a formação da personalidade, carácter e razão. Portanto, enfatiza a ideia de harmonia – o ambiente total para a doutrinação total; o kindergarten.

Educação física, para bons soldados sociais. Um método essencial de Pestalozzi é a teoria da educação física, com um regime de exercício físico e actividades ao ar livre.

A Sociedade maternal, onde o indivíduo é substituído pela criança colectiva.

Egocentrismo, insegurança, autoritarismo, ignorância.

Apego ao material. Ou seja, obtemos pessoas narcísicas, egocêntricas, apegadas ao meio ambiente, facilmente distraíveis.

Superego social. Insegurança e necessidade de agradar à autoridade, exemplificada no professor, mas perpetuada no patrão, no oficial militar, no oficial partidário e também, claro, no colectivo.

Adaptação fácil ao estado totalitário. O tipo de pessoas que se vão adaptar facilmente ao estado totalitário. Toda a vida é regulada, e a sensação de liberdade individual é dada pelo usufruto da experiência sensorial de pequenos deleites materiais.

Vida regulada.

Liberdade individual reside no usufruto de necessidades materiais.

O indivíduo não tem lugar. Isto dá origem a uma forma de sociedade na qual o indivíduo não tem lugar – só o colectivo e a organização.

Só o grupo, o colectivo, a organização, o estado. Portanto, o significado é encontrado no exterior – no grupo, no colectivo, na organização, no estado.

...que dá segurança, acarinha, guia, orienta. Toda a vida passa pelo colectivo, que sustenta, dá segurança, acarinha.

...já não é o indivíduo que tem a função de se gerir a si mesmo, de se tornar auto-suficiente.

...mas sim a Grande Mãe. Isto torna-se uma espécie de Grande Mãe, que está lá para guiar, orientar, ordenar. Sustentar e dar segurança.

As crianças são sempre autónomas, nunca independentes.

A vida torna-se inimaginável, inconcebível, sem esta presença materna.

É imaginado que, sem esta Grande Mãe, a vida seria um caos. Isto fica gravado (imprinted) no sistema neurológico do indivíduo. Se há uma área de actividade, tem de ser regulada. Se há uma necessidade, ou um medo, têm de ser imediatamente saciados. É a isso que comunistas e socialistas aludem, quando falam de todas as necessidades serem supridas.

Esta é a fórmula óbvia para totalitarismo – "satisfação de todas as necessidades".

EDUCAÇÃO PSIQUIATRIZADA – Ineficiente [Coulson, Bateson].

COULSON – STW – Iliteracia funcional, escolas transformacionais.

Iliteracia funcional – Escolas transformacionais.

Standards académicos são degradados, matéria torna-se acessória. Bem como ir à biblioteca ou ler um livro.

Aula transformada em terapia de grupo – foco avaliativo em relações humanas.

Resultado, um coração preenchido e uma cabeça vazia.

O exemplo de San Marcos, Texas.

Um resultado do novo sistema é «*...functional illiteracy... it's easy to achieve… the "personal success" goal. It requires only two things. One is that academic standards be lowered to the point that nobody fails. The other is to arrange that academics become a matter of peripheral interest throughout the school and community. Everybody will "experience personal success," that is, when the class room and school are transformed into centers of what we can call amateur group therapy – in which all that's required for success is that people be sincere and say what's in their heart… Everyone can become an honors student when the only norm is personal openness… It doesn't require going to the library or even reading a book… Such sessions are characteristic of what OBE specialist William Spady has called transformational schools, which are his ideal. What gets dropped in transformational schools is the traditional emphasis on subject matter – for there is no way all children can be "successful" with subject matter… We are sending children into a competitive world. They deserve better than to be sent with full hearts but empty heads… San Marcos, Texas, exemplifies. The public schools there were once top-rated. OBE was introduced and academic achievement began to slide. Recently the district was notified that its comparative scores on statewide tests had gotten bad enough that its accreditation might be in jeopardy…*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

COULSON, TMP – CV – A aula psiquiatrizada.

Coulson e Rogers: "Freedom to Learn", a aula psiquiatrizada e não-directiva.

"In times of rapid change, teaching has to go".

"To facilitate learning is what we said teachers must do instead of teach".

“The theory of the psychiatricized classroom… became Holy Writ”.

“Underachievement had come to be seen as almost heroic, witness to creativity”.

“Parents were no longer to take pride in their children: it was said to be selfishness”.

«*This writer and Carl Rogers, as co-editors of the Studies of the Person textbook series, played too aggressive a role in stimulating school teachers to adopt the nonjudgmental stance of the clinical psychotherapist. In 1967 we launched a facilitator training program: we said, “In times of rapid change, teaching has to go.” To “facilitate learning” is what we said teachers must do instead of teach. (This was our teaching, but we failed to notice. We wanted teachers to be nondirective, but we were not nondirective ourselves. Of course not. No one with a sense of responsibility is nondirective about one's own good ideas)… Most of the… books… advocated what could be called the psychologizing of... classrooms and as such were destructive of mind… An early work in the series, Dr. Rogers's Freedom to Learn: A View of What Education Might Become, set the standard for what followed. It offered the theory that the student is really the teacher's “client” and that in “the best of education” no less than in “optimal therapy,” this client will become involved in “an exploration of increasingly strange and unknown and dangerous feelings in himself, the exploration proving possible only because he is gradually realizing that he is accepted unconditionally” (p. 280)… Freedom to Learn became an educational best seller. The theory of the psychiatricized classroom… became Holy Writ… Things were… getting worse. Youthful underachievement had come to be seen as almost heroic: if it was youth's own choice, it was said to witness to creativity… parents were no longer supposed to take pride in their children: it was said to witness to selfishness*» – William Coulson (n/d), “TMP: Too Much Psychology”.
[http://www.cultureshocktv.com/coulson/coulson1.html]

BATESON – STW – Ineficiência académica, sentimentalês.

Kresge, turmas em T-group. Kresge College, na UC Santa Cruz, tinha adoptado o sistema “rogeriano”, com as turmas organizadas em T-Groups, conduzidos por facilitadores, de expressão de sentimentos.

Bateson: mau trabalho, ineficiência, sentimentalês. Quando Gregory Bateson, o antropólogo visitou Kresge, observou que os trabalhos escritos eram «*generally deplorable. It was hard to get students to take seriously what was being said or for them to take themselves seriously when writing something… Students spoke a horrible touchy-feely jargon… in actual behavior they were unusually kind, but that didn't help you learn very much in Latin grammar or any other serious subject*» Cit. in William Coulson, “Outcome-Based Education”. Address given at the “Piecing it Together” Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

EDUCAÇÃO PSIQUIATRIZADA – Totalitária [Sowell, Gross].

SOWELL – Doutrinação totalitária usada na América.

Técnicas totalitárias de doutrinação psicológica usadas rotineiramente na escola americana.

Choque, roleplaying, pressão de grupo, diários, etc.

«*The techniques of brainwashing developed in totalitarian countries are routinely used in psychological-conditioning programs imposed on American school children. These include emotional shock and desensitization, psychological isolation from sources of support, stripping away defenses, manipulative cross-examination of the individual's underlying moral values, and inducing acceptance of alternative values by psychological rather than rational means… Shock and desensitization procedures… include classroom discussions of lifeboat dilemmas, where the limited capacity of the boat forces decisions as to who should be left to drown. Sometimes children are asked to decide whom they would sacrifice among members of their own family… These are not the isolated idiosyncracies of particular teachers. They are products of numerous books and other "educational" material in programs packaged by organizations that sell such curricula to administrators and teach the techniques to teachers. Some packages even include instructions on how to deal with parents or others who object… Psychological isolation can be achieved in a number of ways, and stripping away psychological defenses can be done through assignments to keep diaries to be discussed in the group and through role-playing assignments, both techniques used in the original brainwashing programs in China under Mao*» Thomas Sowell. "Indoctrinating the children". Forbes, Vol. 151(3), 2/1/1993, p65.

MARTIN GROSS – Escolas ganham aura de clínicas psiquiátricas.

Escola devota-se a moldar variáveis psiquiátricas.

Intrusão burocrática na vida da família.

Especialistas mal treinados estão a interferir com psiques já sobre-psicologizadas.

Muito disto é feito por meio de counselling – a criança é coagida a entrar nisto.

Não existem provas de que intervenção escolar previna doenças mentais.

Pelo contrário, parece funcionar como estímulo neurótico.

«*Our schools are taking on the aura of a psychiatric clinic. Without informed taxpayer consent, the modern school has become involved far beyond its competence in both the "intellectual and personality development of children"… the schoolchild is immersed in a psychological environment in which he is cajoled, invited, seduced, even bludgeoned into seeking counseling… Almost all the (school psychology) personnel involved are actually laymen… the entire practice of school psychology may be seen as an intrusion of bureaucracy into the family structure… By labeling it as 'counseling' instead of 'psychotherapy,' they may have invented a semantic subterfuge to circumvent the law… There is no real evidence that the anxieties, neuroses or eventual psychosis rate of children is in any way reduced by school intervention. There is the equal possibility that the effort is actually a neurotic stimulus. With our taxes, we are helping poorly trained helping specialists to tamper with the psyches of an already overpsychologized generation. This generation of the young has been enmeshed in psychology from the time of their birth*»

Martin Gross (1978). The Psychological Society.

Educação21 – Auto-indulgência, desresponsabilização.

Judaico-Cristianismo: iniciativa e responsabilidade individual. A ideia ocidental, Judaico-Cristã, era a de que todos somos dotados de responsabilidade pessoal e iniciativa individual, e é isso que interessa. O indivíduo desenvolve as suas capacidades e é responsável pelo que faz, e pelo que deixa por fazer.

Pós-modernismo.

Vitimização e pessimismo. Uma visão pessimista do que significa ser-se humano, e das capacidades de um ser humano. Vitimização da criança, contra hábitos de disciplina e trabalho. Essas coisas são neuróticas.

Displicência, auto-indulgência, diversão. Cultura de preguiça e auto-indulgência. A criança e o jovem têm o direito – o dever, é uma questão de saúde mental – de se divertirem, de se distraírem, independentemente do trabalho intelectual, ou escolar.

Desresponsabilização. Criança deixa de ser responsável pelas suas acções.

Educação21 – Crianças mimadas, adultos mimados – Totalitarismo.

Mediocridade, mimos, dependência. Depois, estes estudantes medíocres vão ser adultos medíocres, mimados, dependentes.

Auto-intitulação, desresponsabilização. Vão achar que têm o direito de ter alguém que faça tudo por eles. Não vão assumir responsabilidades pessoais. A vida tem de ser um espaço assegurado, uma utopia socialista.

Inversão da ideia de direitos constitucionais – o direito ao "feeling good". Direitos vão deixar de ser direitos inalienáveis a ter espaço para iniciativa individual e responsabilidade pessoal. Passam a ser direitos a lazer e a sentir-se bem, assegurados e garantidos pela sociedade. Ou seja, vamos ter adultos que acreditam que a função do estado é a de oferecer lazer aos seus cidadãos. O estado acolhe as exigências com prazer, uma vez que isso implica mais endividamento junto dos bancos.

THOMAS SZASZ – Adultos infantilizados, crianças adultificadas.

«*In the United States today, there is a pervasive tendency to treat children as adults, and adults as children. The options of children are thus steadily expanded, while those of adults are progressively constricted. The result is unruly children and childish adults*»

Thomas Stephen Szasz (1990). The Untamed Tongue: A Dissenting Dictionary. Open Court.

Educação21 – Educação pós-moderna, uma forma de abuso infantil.

Mutilar, bloquear, deficitar mente da criança – abuso infantil. Não são feitas considerações sobre o mal que é provocado sobre as almas das crianças que são usadas e lavadas cerebralmente. Pegar na mente da criança, e...

→ Destruição de individualidade – colectivização. Destruir a liberdade de pensamento e a vontade livre, subordinando a vontade individual à vontade do grupo.

→ Défice racional. Incapacitar a mente jovem de pensar por si mesma, mutilá-la funcionalmente, bloqueá-la cognitivamente. Escravizar a mente humana. Tudo isto procura minar a percepção de realidade objectiva, a razão e o debate racional de ideias, o pensamento científico, a liberdade individual de pensamento e discurso.

→ Défice moral. Torná-la moralmente deficitária.

→ Funcionalização. Criança não tem valor – serve para ser treinada para uma função.

→ Doutrinação. Alimentá-la com lixo, inoculá-la com politicamente correcto.

Educação21 – Escola como veículo de engenharia comportamental.

Doutrinação afectiva substitui currículo académico. A prioridade curricular deixa de ser a transmissão de conteúdos académicos, passando a centrar-se na prescrição e na transmissão de atitudes e de comportamentos.

Consagração da ideia de lavagem cerebral. Conceito de lavagem cerebral torna-se consagrado na educação, a partir do momento em que escola tem função de lavar crenças e valores incutidos em meio familiar, em substituição por ideologia governamental.

Mudança institucionalizada. Como valor inerentemente positivo. Mudança para quê, e para onde?

Escola torna-se fábrica comportamental, agente de mudança. Cada escola e cada departamento de educação tornam-se agentes de mudança, fábricas de engenharia comportamental, veículos de transmissão de comportamento.

Professores como facilitadores. Ou terapeutas de grupo. Engenheiros sociais que moldam os seus alunos, não para saber, mas para ser – comportamento.

Modelo totalitário. Isto expressa a adopção total e sem reservas do modelo fascista-socialista-comunista.

Educação21 – Estandardização global de competências e critérios educacionais.

Paradigma – RH globais para a economia para a economia global. Desenvolvimento de RH para economia global baseada em informação.

Organizações – Unesco, OCDE, UE, etc. Hoje em dia, organizações como a UNESCO, a OCDE e a Comissão Europeia estão na linha da frente para implementar este género de sistema globalizado.

Harmonização.

→ ***Curricular***. Currículos e práticas de ensino, com a estandardização geral de critérios educacionais.

→ ***Acreditação de competências***.

→ ***AC (2) – Sistema de créditos***. Mobilidade estudantil, portabilidade de créditos académicos correspondentes a unidades de formação. Num sistema desenhado por banqueiros, até o conhecimento é traduzido para linguagem contabilística.

Bases de dados para estandardização de critérios de empregabilidade. O O*Net é um sistema de bases de dados do U.S. Department of Labor, que inclui informação como "Worker Characteristics" (capacidades, interesses, estilos de trabalho) e "Worker Requirements" (competências, conhecimento, educação).

Acordo NTA – Treino vocacional, créditos académicos. Uma parte desta integração transatlântica é o acordo, entre EUA e CE, estabelecendo um programa de cooperação em educação superior e em treino vocacional.

Notas sobre sistema de créditos NTA. O sistema de créditos tem vindo a ser desenvolvido pela Comissão Europeia, em parceria com Tavistock. A acreditação (avaliação e validação) das competências de cada cidadão é traduzida em créditos e unidades armazenados e transmitidos através de Smartcards. Este modelo é suposto ser implementado tanto nos EUA como na UE. A Outubro de 1997, o Tavistock Institute e a Manchester University completam o relatório final para a Comissão Europeia, e descrevem um sistema de credenciais e unidades portáveis de crédito, «*benchmarked to international standards such as those promulgated by the International Standards Organization (ISO)*». O relatório afirma ainda que «*there is increasing attention being focused on developing global skill standards and accreditation agreements...*» e que o futuro reserva «*partnerships between government, industry, and representatives of worker organizations… (and) a high degree of integration… embedding skills within the broader context of economic and social activity, and specifically within the areas of secondary education, work-based learning and local and regional economic development… The NSSB, Goals 2000, STW Program are all combining to act as a*

*catalyst to promote the formation of partnerships to develop skills standards. In this regard, a system like O*Net can be seen as the `glue' that holds everything together*»

Educação21 – Propaganda institucional – Irracionalismo.

Educação21 – PI (1) – Ideias a incutir na educação global.

Propaganda institucional (PI) como facto – "informação objectiva". Autoridades institucionais. Fontes objectivas de informação, fontes de verdade. Aqui não se fala de pontos de vista ou opiniões, mas sim de informação objectiva.

Endeusamento do status quo – ONU, UE, comunidade. Existem instituições que estão aqui para fazer do mundo um lugar melhor. A ONU está cheia de pessoas sábias e preocupadas e, se lhe derem oportunidade, vai inaugurar uma nova era de paz e segurança para o mundo. A União Europeia vai trazer prosperidade e muitas turbinas de vento, para salvar o ambiente de uma Europa unida, onde todas as crianças dão as mãos e cantam o Hino à Alegria. É preciso uma instituição como a União Europeia para todos os continentes. O futuro é comunitário. Do local ao global. É a tua comunidade, e a comunidade tem de ser gerida e salva de pessoas más com hábitos maus, em nome do bem comum. Para todos os problemas existe uma solução, que é dada por pessoas esclarecidas em lugares de poder.

Educação21 – PI (1) – Princípios a desconfirmar na educação global.

Bem e mal – "literacia ética". Não existem valores universalmente válidos, para todos os tempos e lugares. Tudo é subjectivo. Todas as opções são legítimas, dependendo do contexto. A ideia de bem e de mal é só uma questão de percepção.

Deus – individualismo – liberdade – estado-nação. Tudo o que bloqueia a aceitação geral da nova ideologia global é suspeito e tem de ser desafiado, tem de ser desconfirmado, pela nova educação global.

→ *Crimes de pensamento, crenças obsoletas e ultrapassadas*. Crenças e valores tradicionais são crimes de pensamento, na nova sociedade processada. Lealdades "obsoletas" e "exclusivas" a questões como soberania nacional, valores Bíblicos, são o adversário.

DEUS – tem de ser tornado consensual. Deus tem de ser desconfirmado. O Deus real, Judaico-Cristão, que é exigente e castiga actividades criminosas – esse tem de ser desconfirmado. É uma falsa ideia, uma relíquia do passado. O que fica é um avô simpático e aceitante que oferece prendas, uma espécie de Pai Natal. E Cristo, Cristo já não foi morto pela comunidade porque foi contra o consenso social, porque afirmou o Bem contra o Mal, a Verdade contra a Mentira, porque afirmou aquilo que era certo e verdadeiro. Não. Agora, Jesus é o irmão mais velho que constrói o consenso social. Usa

um boné e vai ao clube comunitário para jogar basquete. E todo este esforço de redefinição tem sido liderado pelas várias igrejas.

Estado-nação, soberania. Tem de ser equiparada a fascismo e, quando isso não funciona, provincianismo, isolacionismo e tudo o resto.

Privacidade. "O que que tens a esconder? Quem não deve não teme."

Liberdade individual. É "anarquia".

Individualismo. É "egoísmo".

→ *Instituições versus indivíduo – ensino e media infantis*. Nos filmes, o novo vilão é o homem de negócios que trabalha por conta própria. Individualismo, propriedade privada, é sempre má [a não ser que esteja nas mãos de alguma fundação ou de uma multinacional iluminada]. O herói trabalha sempre em equipa, para uma agência governamental ou para alguma fundação, em nome do bem comum e para manter a paz. A criança vai aprender que o mundo tem imensos problemas, que são geralmente devidos a más pessoas, maus *indivíduos*: ditadores, pessoas que deitam lixo para o chão, pessoas que não pagam os seus impostos a tempo, pessoas que conduzem carros e deixam as luzes acesas.

Condicionamento pavloviano – filtro mental PC. A pessoa torna-se condicionada a ver tudo através do novo filtro politicamente correcto. Termos como "Deus", "capitalismo", "privacidade", "liberdade individual", podem agora despoletar reacções emocionais que não são resolúveis através de factos e de lógica.

Educação21 – PI (2) – Iliteracia científica, irracionalismo, slogans.

Iliteracia científica. Desconhecimento do método científico, de pensamento lógico e racional.

"Literacias", "compreensões". "Literacias", "compreensões", entendimentos PC sobre assuntos chave.

Irracionalismo e slogans e "informação objectiva". Face a um problema social [Pobreza no 3ºmundo], surge "informação objectiva", determinada pelas autoridades institucionais [aborto é uma maneira válida de melhorar vida das populações], que é aceite irracionalmente, acriticamente, e convertida em slogans de acção [é necessário matar bebés negros para salvar África, e quem não concorde com esta ideia, matar bebés negros, é racista]. Também se poderia exemplificar com "poluição CO2".

→ Exemplo de aborto em África.

→ Repetição constante de slogans. A nova melhor crença é colocada sobre a mesa e repetida insistentemente, de todos os meios possíveis, despertando o poder da pressão de pares.

I.e., ignorância condicionada e PC – Crenças "apropriadas". Pela qual a pessoa adquire as "crenças apropriadas e consensuais", a "atitude apropriada".

Ex. – Literacia económica – Literacia ambiental. Implica compreender que existe uma terrível escassez de recursos; e as gerações mais velhas foram egoístas, e capitalistas – os dois são sinónimos. Temos todos de apertar o cinto, abraçar simplicidade, fazer sacrifícios. Distribuir recursos globalmente. Pensar global. Convergentemente, temos o ambiente, que está em crise; precisamos de fazer sacrifícios para o salvar.

Educação 21 – PI (3) – Tornar pais irrelevantes.

"Progredir" implica frescura juvenil, e não mofo do passado. As lições e os valores do passado são abolidos. O "avançar", o "progredir para a frente" não precisa de sabedoria, precisa de acção e de frescura, espírito juvenil.

Verdade é dada pelo grupo e pelas instituições. O locus de autoridade passa para o grupo – o grupo de pares – e para as autoridades institucionais.

O grupo – a melhor geração. A verdade pode ser encontrada no grupo, por pessoas jovens, com ideias frescas – a melhor geração, a geração mais evoluída.

Autoridades e instituições. E existe uma única fonte de verdade acima do grupo. Esta fonte de "verdade", "informação objectiva", são as autoridades e instituições a toda a volta.

Pais: ignorantes, irrelevantes, obsoletos, mal informados. Dar autonomia à criança – autonomia sobre os pais e sobre adultos em geral, ou perspectivas tradicionais. Estas perspectivas são obsoletas, ultrapassadas, e mal informadas, alicerçadas em ignorância – uma relíquia do passado, irrelevante, a ser tratada irreverentemente.

Criança tem de reeducar os pais. Em casa, a criança torna-se uma propagandista para todas estas verdades que aprende lá fora. Vai educar os seus ignorantes e obsoletos pais com toda esta informação objectiva que lhe foi transmitida na escola, no grupo.

Discordância parental revela irrelevância – desligamento. Se os pais não concordarem, isso é apenas uma demonstração de como são ignorantes, ultrapassados – em última instância, irrelevantes. E isto serve de motor para o desligamento entre pais e filhos.

Pais têm de ganhar respeito do filho, ajustando-se a ele. Já não é o filho que tem de ganhar o respeito do pai; pelo contrário, é o pai que tem de ganhar o respeito do filho, concordando com ele e acomodando-se a todas as suas novas perspectivas.

Snob appeal, oughtiness – abordagem pedofilíaca. É preciso dar snob appeal a tudo isto. Criar sonhos e expectativas, e prometer cumpri-los, se. Existe todo um mundo brilhante, reluzente e colorido lá fora, repleto de prendas e coisas boas, fantasia, satisfação,

felicidade. [Existe um mundo novo lá fora, e algures nesse mundo estão pessoas mais avançadas, mais sofisticadas, mais cultivadas que os pais – e é preciso encontrar essas pessoas e pertencer a esse mundo, para evoluir e avançar]. Um mundo sofisticado, comandado por pessoas muito mais informadas, avançadas, e sofisticadas que os pais. Pertencer a esse mundo implica rejeitar e abandonar o universo limitado, constrangido, tradicional da família. Agora, tem de ser apontado que esta é a abordagem que é comummente usada por pedófilos e outros raptores habituais de crianças. Quando aborda a criança, o pedófilo assume uma postura paternal, e tenta mostrar-se aceitante, compreensivo, preocupado. Com isto, tenta assumir-se como um novo pai. Parte disto é oferecer doces e brinquedos, e prometer experiências fascinantes e mágicas – "entra no carro e verás". O que se segue é sempre destruição da inocência, insanidade, perversão, horror – e, quantas vezes, morte. Quando são capturados, muitos pedófilos argumentam que queriam o melhor para a criança e estavam realmente interessados em acarinhá-la e protegê-la e ensinar-lhe coisas boas. É suposto a escola, ou o estado, comportarem-se como pedófilos? Ao longo dos séculos passados, sempre que o estado, ou a sociedade, ou a escola, tentaram quebrar os laços inalienáveis entre pais e filhos, apresentaram sempre o mesmo argumento – segurança, protecção e um futuro radiante. E acabaram sempre no mesmo abismo de destruição da inocência, insanidade, perversão, horror – e, quantas vezes morte, em larga escala.

Educação21 – Trabalho colectivo.

Aprendizagem cooperativa – Trabalho colectivo, responsabilidade colectiva. Não existe responsabilidade individual; apenas responsabilidade colectiva. O foco é colocado em cooperação e harmonia de grupo. Esta mentalidade é reflectida em trabalhos e avaliações de grupo – o que se chama, aprendizagem cooperativa.

(a) Professor-facilitador, grupo auto-gerido. Professor não-interventivo. O grupo é auto-gerido: responsabilização colectiva.

(b) Homeostase bons-maus alunos. Bons alunos vão ser misturados com maus alunos. A tendência é a de que o mau aluno continue a sê-lo, e pouco contribua para o trabalho. Com isto, o mau aluno é encorajado a não mudar – implicaria responsabilização individual – e a aproveitar-se do trabalho alheio. O bom aluno, por sua vez, é desencorajado de trabalhar e ser bom naquilo que faz.

(c) Trabalhos medíocres, estudantes medíocres. Os resultados. Trabalhos medíocres e estudantes medíocres.

(d) Pensamento colectivo. Pensar com o colectivo, com o grupo – ajustamento social.

Educação21 – Ultra-especialização – Declínio e iliteracia.

Educação21 – Ultra-especialização – Declínio gradual do nível da educação.

Eliminação gradual de educação geral – simplificação, adulteração de conteúdos. Simplificação corruptora do conteúdo da educação. História torna-se um conjunto insípido de datas, nomes e fábulas. Ciências ambientais tornam-se propaganda institucional.

De licenciatura para doutoramento.

De secundário para licenciatura.

E por aí fora. Portanto, o nível da educação tem vindo a ser progressivamente reduzido, ao ponto em que o que antes era conhecimento de licenciatura, passa a ser conhecimento de mestrado ou doutoramento; e o que era conhecimento de secundário passa a ser conhecimento de licenciatura.

Educação21 – STW – Ultra-especialização.

Treino, não *educação* – para a função na colmeia. Ou seja, *treinar* crianças para funções específicas na colmeia, para servir a força de trabalho e a economia global, e não *educá-las* para que possam fazer as suas próprias escolhas de vida.

→ ***Homem visto como animal a integrar numa função sócio-económica***. A pessoa passa a ser vista como um animal de capacidades limitadas, a ser treinado em competências muito especializadas, guiado por um caminho predefinido, para ser integrado num posto do edifício económico e social, numa função.

Ultra-Especialização – treino de truques. Instrução dirigida para a realização de um espectro limitado de funções, com treino de competências de baixo nível. Em vez de aumentar o seu potencial para conhecer, o aluno é induzir a aprender a desempenhar truques e tarefas a comando, como acontece em testes periódicos. Treino de hamsters em jaulas e rodas. Aprender truques e tarefas a comando, da mesma forma que um animal de circo aprende a desempenhar uma tarefa, ou um truque.

→ ***Desenvolvimento especializado de competências, aptidão vocacional***. Treino laboral, vocacional, desenvolvimento de carreira. Desenvolvimento especializado de competências para ocupar um posto na economia. É preciso saber X para fazer Y e portanto é X que a criança vai aprender.

→ ***Conteúdos académicos minimalistas e pragmáticos***. Uma abordagem pragmática, com objectivos educativos essenciais e minimalistas. É dado aquilo que pode assistir à

integração da criança no mercado de trabalho, na economia global. Ler e escrever (por enquanto ainda têm alguma importância, relativa), matemática – saber calcular (existe a calculadora) –, história (definitivamente não interessa, a não ser uma versão sanitizada e adulterada de alguns acontecimentos chave), literatura, cultura geral sobre o sistema de governo, arte, música, línguas estrangeiras (convém saber a língua franca, inglês – uma forma reduzida de inglês, *pidgin english*), desportos.

→ ***Vão aprender aquecimento global e filosofia comunitária***. Mas vão aprender que o planeta está a morrer, os ursos polares estão a afogar-se, e que a única salvação para tudo isso é a utopia social comunitária; global – fascismo, comunismo, totalitarismo, globalismo, comunitarismo.

→ ***Escola deixa de educar, passa a fazer formação profissional***.

Ignorância funcional. Padrão de desenvolvimento individual muito baixo e muito medíocre. Pessoas que sabem quase tudo sobre praticamente nada, e pouco mais para além disso.

Educação21 – “Irracionalismo criativo”.

Verdades de grupo e imaginação substituem análise lógica de factos. Lógica, factos, análise, são substituídos por verdades de grupo, slogans e imaginação.

Negação de memória, factos, certezas (Glasser). Memória não é educação, e respostas não são conhecimento. Certezas e memória são os inimigos do pensamento, e destroem criatividade e originalidade. [William Glasser (2011). “Schools without Failure”. Harper Collins]

Criatividade não é dissociável de desenvolvimento racional. O exercício da criatividade exige a existência de alicerces de pensamento: capacidade de raciocínio lógico, conhecimentos factuais. O pensamento realmente criativo e original é aquele que tem os alicerces certos. Ou seja, a criança precisa de aprender a pensar logicamente, antes de partir à descoberta do mundo. Ao invés, o que é geralmente proposto, é que a criança vai descobrir o mundo antes de saber pensar.

EMANCIPAÇÃO – Eros & Tanatos.

Eros & Tanatos – Lei sem lei, propósito sem propósito, Tanatos.

Lei sem lei, propósito sem propósito (Marcuse). Ou seja, leis arbitrárias, um sistema sem lei.

"Princípios universalmente válidos para uma ordem objectiva" – i.e., impostos.

«*In the aesthetic imagination, sensuousness generates universally valid principles for an objective order. The two main categories defining this order are "purposiveness without purpose" and "lawfulness without law"… "Zweckmassigkeit ohne Zweck; Gesetzmassigkeit ohne Gesetz"…*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Eros e Tanatos são concomitantes – sensualismo destrói civilização (Marcuse). «*…the loosening of this fusion makes manifest the erotic component in the death instinct and the fatal component in the sex instinct. The perversions suggest the ultimate identity of Eros and death instinct, or the submission of Eros to the death instinct*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Eros & Tanatos – Combinar trabalho e prazer destrói o trabalho (Lewin, 1941).

Combinar jogo e trabalho provoca desorganização. «*Change in organization can be derived from the overlapping between play and barrier behavior. To be governed by two strong goals is equivalent to the existence of two conflicting heads within the organism. This should lead to a decrease in organizational unity… Finally, a certain disorganization should result from the fact that the motor system loses to some degree its character of a good medium because of these conflicting heads. It ceases to be in a state of near equilibrium. The demands on the motor system made by one head have to counteract the influence of the demands of the other head. This is an additional factor which hampers organizational processes. The forces under the control of one head have to counteract the forces of the other before they are effective*» – Roger Garlock Barker, Tamara Dembo, Kurt Lewin (1941). Frustration and regression: an experiment with young children. The University of Iowa press.

Eros & Tanatos – Silenus – Inebriamento, tragédia e morte.

Silenus, companheiro e tutor de Dionísio. Companheiro e tutor do deus do vinho, Dionísio. Numa outra versão, os Sileni são seguidores inebriados de Dionísio,

geralmente carecas e gordos, com lábios grossos e narizes espalmados, e pernas humanas [por contraposição ao Sileno original, com pernas de cavalo].

Inebriamento e conhecimento do coração. Geralmente inebriado, suportado por sátiros, carregados por um burro. Tinha conhecimento especial – há sempre a promessa vaga de algo novo e misterioso, nisto, conhecimento verdadeiro, do coração.

Morte e pessimismo. «*…the best thing for a man is not to be born, and if already born, to die as soon as possible*»

Schopenhauer, Nietzsche, Klimt. Schopenhauer ressuscita esta afirmação trágica, com o seu dictum «*the best thing for a man is not to be born*». Inspirado por Schopenhauer, Nietzsche discute a "sabedoria de Silenus" no "Nascimento da Tragédia" ["*The Birth of Tragedy*"]. Depois, aparece na arte decadente de Gustav Klimt como motivo em várias obras, para representar as "forças instintivas enterradas".

Evelyn Waugh. Silenus aparece numa forma humana no primeiro romance de Evelyn Waugh, "Decline and Fall". Informa o protagonista que a vida é «*a great disc of polished wood that revolves quickly. At first you sit down and watch the others. They are all trying to sit in the wheel, and they keep getting flung off, and that makes them laugh, and you laugh too. It's great fun… Of course at the very centre there's a point completely at rest, if one could only find it… Lots of people just enjoy scrambling on and being whisked off and scrambling on again… But the whole point about the wheel is that you needn't get on it at all… People get hold of ideas about life, and that makes them think they've got to join in the game, even if they don't enjoy it. It doesn't suit everyone…*»

Eros & Tanatos – Morrison e as portas da percepção. Os Doors e Jim Morrison capturam e expressam bem a filosofia pós-moral de Marcuse e da Escola de Frankfurt. O álbum de estreia está a contar uma história, para quem souber o que está a ouvir. O mote é atravessar, irromper, para *o outro lado* – qual lado? O outro lado. É preciso abrir as portas, da percepção, abandonar-se ao fluxo da sensação e da matéria, e ser penetrado por tudo – pessoas, emoções, objectos. Perder a identidade e estar em inebriação com a matéria, na matéria. O grande sacramento – matar o pai e violar a mãe. Aí, existe insanidade, destruição, barbarismo, e o fluxo de todas as coisas para um grande vazio, numa canção profética chamada "The End". A história contada por este álbum ilustra a própria espiral de desespero e de decadência onde Morrison eventualmente se auto-destruiu. Antes da sua morte, Morrison deixa um aviso profético, em "Riders on The Storm": há um assassino na estrada – se deres boleia a este homem, a família morre.

Eros & Tanatos – Bertolt Brecht, os gritos de Silenus, barbarismo.

Glorificação de morte e guturalidade, instinto puro, por oposição a razão.

“Art is a hammer to shape reality”. «*Art is not a mirror held up to reality, but a hammer with which to shape it*» Bertolt Brecht

Eros & Tanatos – Quigley e o processo de destruição cultural para despotismo.

Ataque feito a auto-disciplina, com base em freudianismo simplista.

Supressão de impulsos como algo pernicioso e distorcivo.

Isto é representado em romances e peças, que glorificam auto-indulgência.

Adultério, sexualidade destravada, beber excessivamente, fugir a responsabilidade.

Rejeição de valores de classe média – tempo, auto-disciplina, ganho material.

Culto de violência pessoal (ex., James Bond).

Glorificação de “aimless, shiftless, and totally irresponsible people”.

Linguagem obscena, perversões sexuais, canibalismo, etc.

Estes temas representam a perda de concepção de concepção de natureza humana.

Homem passa a ser visto como besta depravada, abaixo de qualquer animal.

Visão puritana, que leva a despotismo de conformidade coerciva.

«*A similar attack was made on self-discipline. The philosophic basis for this attack was found in an oversimplified Freudianism that regarded all suppression of human impulse as leading to frustration and psychic distortions that made subsequent life unattainable. Thus novel after novel or play after play portrayed the wickedness of the suppression of good, healthy, natural impulse and the salutary consequences of self-indulgence, especially in sex. Adultery and other manifestations of undisciplined sexuality were described in increasingly clinical detail and were generally associated with excessive drinking or other evasions of personal responsibility… The total rejection of middle-class values, including time, self-discipline, and material achievement, in favor of a cult of personal violence was to be found in a multitude of literary works from James M. Cain and Raymond Chandler to the more recent antics of James Bond. The result has been a total reversal of middle-class values by presenting as interesting or admirable simple negation of these values by aimless, shiftless, and totally irresponsible people. A similar reversal of values has flooded the market with novels filled with pointless clinical descriptions, presented in obscene language and in fictional form, of swamps of perversions ranging from homosexuality, incest, sadism, and masochism, to cannibalism, necrophilia, and coprophagia. These performances, as the critic Edmund Fuller has said, represent not so much a loss of values as a loss of any conception of the nature of man. Instead of seeing man the way the tradition of the Greeks and of the West regarded him, as a creature midway between animal and God, "a little lower than*

the angels?" and thus capable of an infinite variety of experience, these twentieth-century writers have completed the revolt against the middle classes by moving downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to their own view of man as lower than any animal would naturally descend. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption. This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, with petty-bourgeois support, to justify a new despotism to preserve, by force instead of conviction, petty-bourgeois values in a system of compulsory conformity. George Orwell's 1984 has given us the picture of this system as Hitler's Germany showed us its practical operation» Carroll Quigley (1966). “Tragedy and Hope: A History of the World in our Time”.

EMANCIPAÇÃO – Imaginação dialéctica – Moralidade narcísica.

Imaginação dialéctica – Impor Eros à tirania da razão.

Rejeitar o princípio da realidade, reconciliar fantasia com razão.

Libertar sensualidade da tirania da razão (Marcuse). «*The philosophical effort to mediate, in the aesthetic dimension, between sensuousness and reason thus appears as an attempt to reconcile the two spheres of the human existence which were torn asunder by a repressive reality principle… the aesthetic reconciliation implies strengthening sensuousness as against the tyranny of reason, and, ultimately, even calls for the liberation of sensuousness from the repressive domination of reason…*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Um novo princípio da realidade: razão é sensual e sensualidade racional (Marcuse). «*Indeed when, on the basis of Kant's theory, the aesthetic function becomes the central theme of the philosophy of culture, it is used to demonstrate the principles of a non-repressive civilization, in which reason is sensuous and sensuousness rational"… [Schiller] written largely under the impact of the Critique of Judgment, aim at a remaking of civilization by virtue of the liberating force of the aesthetic function: it is envisaged as containing the possibility of a new reality principle… Whatever the object may be (thing or flower, animal or man), it is represented and judged not in terms of its usefulness, not according to any purpose it may possibly serve, and also not in view of its "internal" finality and completeness. In the aesthetic imagination, the object is rather represented as free from all such relations and properties, as freely being itself. The experience in which the object is thus "given" is totally different from the every-day as well as scientific experience; all links between the object and the world of theoretical and practical reason are severed… This experience, which releases the object into its "free" being, is the work of the free play of imagination. Subject and object become free in a new sense. From this radical change in the attitude toward being results a new quality of pleasure, generated by the form in which the object now reveals itself. Its "pure form" suggests a "unity of the manifold," an accord of movements and relations which operates under its own laws - the pure manifestation of its "being-there," its existence. This is the manifestation of beauty. Imagination comes into accord with the cognitive notions of understanding, and this accord establishes a harmony of the mental faculties which is the pleasurable response to the free harmony of the aesthetic object. The order of beauty results from the order which governs the play of imagination. This double order is in conformity with laws, but laws that are themselves free: they are not superimposed…*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Imaginação dialéctica – O princípio da realidade-prazer (2) – Cegueira selectiva.

Impor fantasia à realidade, e negar ver a realidade que não agrada. Se uma coisa me faz sentir mal, então eu prefiro não saber dessa coisa, ou, essa coisa não existe. Se uma coisa me faz sentir bem, então é verdade; se me faz sentir mal, é mentira. Se for sexy, óptimo. Se for desagradável, prefiro não saber.

Irracionalismo – O Id não tolera negação lógica, é diáléctico (Brown).

No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia. «*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*»

O Id não tolera negação e é dialéctico, impondo fantasia à realidade. «*…the pattern of history exhibits a dialectic not hitherto recognized by historians, the dialectic of neurosis. A reinterpretation of human history is not an appendage to psychoanalysis but an integral part of it… By 'dialectical' I mean an activity of consciousness struggling to subvert the limitations imposed by the formal-logical law of contradiction… The key to the nature of dialectical thinking may lie in psychoanalysis, more specifically in Freud's psychoanalysis of negation. There is first the theorem that "there is nothing in the id which can be compared to negation," and that the law of contradiction does not hold in the id. Similarly, "The word 'No' does not seem to exist for a dream… [Dream states]… show a special tendency to reduce two opposites to a unity"; "Anything in a dream may mean its opposite." We must therefore entertain the hypothesis that there is an important connection between being "dialectical" and dreaming*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Verdadeira ciência/conhecimento/verdade. O verdadeiro cientista/conhecedor é aquele que explora o meio com sensualidade, impondo a sua própria imaginação à realidade. Como Eros é sempre um trabalho colectivo, a verdadeira ciência é feita em consenso – a verdade é uma descoberta de grupo.

Moralidade narcísica – A nova moralidade, narcísica e "natural" – Animalização.

Nova moralidade: Narcisismo, polimorfismo, união com natureza (Brown).

O homem reduzido a uma besta irracional e puramente instintiva.

No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia. «*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*»

Narcisismo e Eros são a fundação da moralidade e da perfeição. «*Thus for Spinoza, as for Freud, the self-perfection (narcissism) of the human individual is fulfilled in*

union with the world in pleasure… [Eros] a fundamentally narcissistic orientation [leading] to union with objects in the world… the foundation of morality»

Misticismo corporal, sexualidade polimorfa. «*"Body mysticism"… In the words of Thoreau: 'We need pray for no higher heaven than the pure senses can furnish, a purely sensuous life. Our present senses are but rudiments of what they are destined to become'… The human body would become polymorphously perverse, delighting in that full life of all the body which it now fears. The consciousness strong enough to endure full life would be no longer Apollonian but Dionysian-consciousness which does not observe the limit, but overflows; consciousness which does not negate any more*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

EMANCIPAÇÃO – Libertar Id, fantasia – Fratria e incesto – Promiscuidade.

Emancipação – Libertar Id reprimido, fantasia, emoções.

Crianças são narcísicas, guiadas por prazer, não sabem o que é pecado (Brown).

Crianças ainda não sabem o que é pecado, não foram "expulsas do Éden" (Brown). «*[Children] …have not acquired that sense of shame which, according to the Biblical story, expelled mankind from Paradise, and which, presumably, would be discarded if Paradise were regained…*»

Narcísicas, guiadas pelo princípio do prazer. «*Infants are naturally absorbed in themselves and in their own bodies: they are in love with themselves; in Freudian terminology, their orientation is narcissistic. Infants are ignorant of the serious business of life (the reality principle) and therefore know no guide except the pleasure principle…*»

Freud e sexualidade infantil – exploração do corpo. «*Infants are ignorant of the serious business of life (the reality principle) and therefore know no guide except the pleasure principle, making pleasurable activity of their own body their sole aim… So Freud's definition of sexuality entails the proposition that infants have a richer sexual life than adults. If we grant that children pursue pleasurable activity of their bodies, we ask why this must be called sexual. The answer is that Freud is offering a genetic, historical explanation of adult sexuality, tracing it to its origin in childhood…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Neuroticismo, repressão: com princípio da realidade [regras, leis] (Brown).

Repressão da sexualidade infantil (princípio da realidade) leva a neuroticismo. «*…the evidence of dreams and neurotic symptoms pointed unmistakably to the childhood origin of the repressed sexuality of the adult… Neurotic symptoms, with their fixation on perversions and obscenities, demonstrate the refusal of the unconscious essence of our being to acquiesce in the dualism of flesh and spirit, higher and lower…*»

Sexualidade normal adulta é repressiva e neurótica. «*If normal adult sexuality is a pattern which has grown out of the infantile delight in the pleasurable activity of all parts of the human body, then what was originally a much wider capacity for pleasure in the body has been narrowed in range, concentrated on one particular (the genital) organ, and subordinated to an aim derived not from the pleasure-principle but from the reality-principle, namely, propagation (in Freudian terminology, the genital function)… But the pattern of normal adult sexuality can exist only on condition that the discarded pattern of infantile sexuality continues to exist side by side with it, and in conflict with*

it, in the repressed unconscious… The repression of normal adult sexuality is required only by cultures which are based on patriarchal domination… The abolition of repression would only threaten patriarchal domination»

O adulto tem de aprender a dar largas ao Id.

Ou seja, se sabe bem, faz, desde que seja autorizado pela aldeia, pela polícia. «*What the child knows consciously, and the adult unconsciously, is that we are nothing but body… However much the repressed and sublimating adult may consciously deny it, the fact remains that life is of the body and only life creates values; all values are bodily values… the true life of the body… is also the life of the id… in the id, says Freud, there is nothing corresponding to the act of negation*»

No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia. «*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Emoções, o único conteúdo válido na vida psíquica (Brown). «*The only valuable things in psychic life are, rather, the emotions. All psychic forces are significant only through their aptitude to arouse emotions. Ideas are repressed only because they are bound up with releases of emotions…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Fantasia: gratificação, liberdade, sonhos, princípio do prazer (Marcuse). Fantasia expressa gratificação imediata, a liberdade dos sentidos, imagina um mundo de felicidade instantânea e harmonia. É o mundo dos sonhos, onde tudo flui e tudo é agradável. Ligada ao princípio do prazer. «*...perversions show a deep affinity to phantasy as that mental activity which was kept free from reality-testing and remained subordinated to the pleasure principle alone… Phantasy plays a most decisive function in the total mental structure: it links the deepest layers of the of the unconscious with the highest products of consciousness, the dream with the reality; it preserves the archetypes of the genus, the perpetual but repressed ideas of the collective and individual memory, the tabooed images of freedom… Phantasy not only plays a constitutive role in the perverse manifestations of sexuality; as artistic imagination, it also links the perversions with the images of integral freedom and gratification… Imagination envisions the reconciliation of the individual with the whole, of desire with realization, of happiness with reason. While this harmony has been removed into utopia by the established reality principle, phantasy insists that it must and can become real, that behind the illusion lies knowledge*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Alienação – Fratria e proibição do incesto.

Inclinação natural para incesto – Consciência, alienação – Perpetuação. Ou seja, assim que a criança aceita a hierarquia familiar, com a obediência a regras vindas de cima – regras que interferem com as inclinações naturais (incesto) – a consciência é formada e a culpa sobrepõe-se à sua natureza intrínseca e ao desejo de união com a natureza. Esta é uma culpa que ele vai levar para a constituição da próxima família, perpetuando o modelo patriarcal.

Patriarcado – Fratria-incesto – moralidade social e tabu (Marcuse). «*Primal patriarchal despotism thus became an "effective" order. But the effectiveness of the superimposed organization of the horde must have been very precarious, and consequently the hatred against patriarchal suppression very strong. In Freud's construction, this hatred culminates in the rebellion of the exiled sons, the collective killing and devouring of the father, and the establishment of the brother clan, which in turn deifies the assassinated father and introduces those taboos and restraints which, according to Freud, generate social morality. Freud's hypothetical history of the primal horde treats the rebellion of the brothers as a rebellion against the father's taboo on the women of the horde; no "social" protest against the unequal division of pleasure is involved. Consequently, in a strict sense, civilization begins only in the brother clan, [with] the taboos, now self-imposed by the ruling brothers…*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Culpa incestuosa criou a família (Brown). «*It is not sufficient to say, as Levi-Strauss does, that the incest taboo is the foundation of the familial organization; we must return to Freud and say that incest guilt created the familial organization*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Emancipação das proibições grupais – Promiscuidade sexual.

A sociedade promíscua, Eros, para a mente grupal – (Freud & Marcuse).

Sexualidade é a dois, civilização é a aldeia – choque (Freud). «*The conflict between civilization and sexuality is caused by the circumstance that sexual love is a relationship between two people, in which a third can only be superfluous or disturbing, whereas civilization is founded on relations between larger groups of persons [a aldeia]. When a love relationship is at its height no room is left for any interest in the surrounding world: the pair of lovers are sufficient unto themselves, do not even need the child they have in common to make them happy… whereas civilization is founded on relations between large groups of persons [the village]…. In no other case does Eros so plainly betray the core of his being, his aim of making one out of many; but when he has achieved it in the proverbial way through the love of two human beings, he is not willing to go further*» – Freud, "Civilization and Its Discontents" cit. in Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Como resolver a dialéctica?, e colocar sexualidade no centro da civilização (Marcuse).

Basta criar a sociedade promíscua, onde não existe fidelidade, e o amor é um conceito ultrapassado e substituído por paixão.

Isto são coisas escritas por homens idosos.

Basta ler Brave New World, ou o Perfume, ou ir à Internet e ver o tipo de coisas que estão a ser promovidas para as novas gerações.

«*…according to Freud, the drive toward ever larger unities belongs to the biological-organic nature of Eros itself… the definition of Eros as the effort "to combine organic substances into ever larger unities… establish ever greater unities and to preserve them thus – in short, to bind together"? "How can sexuality become the probable "substitute" for the "instinct towards perfection," the power that "holds together everything in the world"? How does the notion of the asocial character of sexuality jibe with the "supposition that love relationships (or, to use a more neutral expression, emotional ties) also constitute the essence of the group mind?"… the free Eros does not preclude lasting civilized societal relationships… it repels only the supra-repressive organization of societal relationships under a principle which is the negation of the pleasure principle*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Da OSS às Fundações.

William J. Donovan – OWI – OSS – CIA.

OCI – OSS, OWI. Office of Coordinator of Information, unidade centralizada de intelligence. Tem duas divisões: Office of Strategic Services (OSS); Office of War Information (OWI).

Gabinetes de guerra psicológica – OWI, Research Branch. Dois outros centros de guerra psicológica nessa era foram o Office of War Information (OWI), chefiado por Elmer Davis, e o Research Branch do U.S. Army, Division of Morale, chefiado por Samuel Stouffer.

NIA – CIG – CIA (1947). Em 1946, Truman estabelece a National Intelligence Authority (NIA), similar ao posterior National Security Council. Uma divisão da NIA é o Central Intelligence Group, formado para supervisionar a recolha de informação. Em 1947, o National Security Act estabelece a CIA.

Guerra psicológica e fundações (da OSS para acção social).

John McCloy: guerra psicológica, fundação Rockefeller, Banco Mundial, CFR. John J. McCloy é Assistant Secretary of War durante a II Guerra e estabelece um Psychology Branch numa das organizações de intelligence do War Department, o General Staff G-2. McCloy torna-se depois chefe do Banco Mundial, é um dos líderes da Fundação Rockefeller, presidente da Fundação Ford, e presidente do CFR durante muitos anos.

John Clausen, veterano de guerra psicológica no Research Branch do U.S. Army.

Pessoal do Branch ingressa em ciências sociais, e saúde mental.

Alguns assumem cargos de topo em universidades e pioneiros em ciências sociais.

Vários outros tornam-se líderes de fundações.

«*Perhaps the largest single group became interested in facets of medical sociology or mental health research… After World War II, Stouffer moved from the University of Chicago to Harvard, where he established the Laboratory of Social Relations… Leonard Cottrell returned to Cornell… Carl Hovland returned to Yale as Chairman of the Psychology Department… Perhaps most intriguing is the number of our members who became foundation executives. Charles Dollard became President of Carnegie. Donald Young shifted from the Presidency of SSRC [Social Science Research Council] to that of Russell Sage, where he ultimately recruited Leonard Cottrell. Leland DeVinney went from Harvard to the Rockefeller Foundation. William McPeak… helped*

set up the Ford Foundation and became its Vice President. W. Parker Mauldin became Vice President of the Population Council… It may well be that not the least of the contributions of the Research Branch to social psychology and social science research generally came from the activities of the foundation executives» – John A. Clausen (1984). "Research on the American Soldier as a Career Contingency", Social Psychology Quarterly, 47(2), pp. 207-213.

Fundações são essenciais em engenharia psicossocial no pós-guerra.

Rockefeller, Ford, Carnegie, etc.

Estavam livres de julgamento e prisão. As pessoas que tinham sido instrumentais na criação da II Guerra Mundial não só estavam livres de condenação e prisão; também tinham as portas abertas para moldar o mundo do pós-guerra.

Enquanto isso, a guerra é culpada no próprio público.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Ecologia Humana – Totalitarismo.

Interface homem-ambiente – Holismo. Procura explicar as relações do homem com o seu ambiente de um ponto de vista total, holístico.

Factores bio-psico-sociais de desenvolvimento. Ou seja, todos os níveis são computados: desde o biológico até às interfaces interpessoal, familiar, comunitária, cultural.

Integração de todas as ciências humanas e sociais. Integra psicologia, ciência comportamental, medicina, biologia, fisiologia, sociologia, antropologia, etc.

"Saúde" inclui "**relações humanas**". "Saúde" passa a incluir "saúde mental", como componente essencial.

→ ***Gestão de "Saúde [mental] e relações humanas"***. Logo, saúde mental tem de ser gerida. Parte disso são "relações humanas", que também precisam de ser geridas.

→ ***Saúde mental é totalitária – envolve controlo total do indivíduo***. Envolve todos os factores socioeconómicos e culturais envolvidos nas relações mútuas entre seres humanos com o seu mundo. Ou seja, para obter saúde mental, é preciso controlar todo e qualquer aspecto destas relações.

Programa de microgestão universal, usando engenharia social psiquiatrizada. Fundir psiquiatria com ciência social e impor engenharia social a tudo e todos.

Paradigma nazi-comunista, de implementação a todo o planeta. Este tipo de coisa era algo que, até aí, só tinha sido falado por teóricos comunistas. Até aí, no ocidente, era entendido que técnicas psicológicas só deviam ser aplicadas a pacientes – em hospital ou clínica privada. Mas a ideia aqui era aplicar técnicas a toda a gente no planeta.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Medicalização de crenças e valores.

Construccionismo social aplicado à saúde mental – Adaptabilidade e flexibilidade. Sociedade e cultura são os determinantes de "bom" funcionamento individual. Ou seja, o indivíduo tem de ser flexível e facilmente adaptável. Desenvolvimento personalístico depende de adaptação socio-cultural.

→ ***De "aptidão" para "adaptabilidade"***. Nesta reformulação da higiene mental, "aptidão" e "inaptidão" são substituídos pelos mais higiénicos "adaptabilidade", "inadaptabilidade".

→ ***“Adaptados” são fortes, “inadaptados” são fracos***. Os fracos são aqueles com ansiedades e inseguranças, dificuldades de ajustamento social, problemas com o estado do mundo. São os mentalmente doentes, os indesejáveis.

Modelo orgânico da “doença mental” social – “crenças virais”. Os “doentes mentais” são-no porque têm crenças virais. Estas crenças são transmissíveis, portanto, se alguém entrar em contacto com ideias virais, pode ficar infectado. Logo, sociedade pode ganhar uma infecção mental.

→ ***“Quarentena e remoção de infectados com crenças virais”***. Remover activamente os “doentes mentais” da vida quotidiana. Portanto, é preciso colocar estes indivíduos sob quarentena. A sociedade é curada e purificada pela remoção de doentes da vida em geral.

→ ***Segregação, lavagem cerebral, proibição de casamento e reprodução***. Têm de ser segregados, i.e., isolados da sociedade, colocados sob quarentena. Têm de ser reorganizados (processados) para se adaptarem a condições sociais. Têm de ser impedidos de se casar e reproduzir – não podem influenciar crianças.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Sociedade como colónia psiquiátrica.

Controlo estrito de informação que acede a praça pública. Ou seja, o gulag psico-cultural.

Análise psicológica universal desde tenra idade. Todas as pessoas numa sociedade precisavam de ser submetidas a análise psicológica, desde tenra idade, para serem encaixadas numa destas categorias, e nas subcategorias resultantes.

Educação “adaptativa” e politicamente correcta. Crianças têm de ser doutrinadas na nova filosofia e “protegidas” de “conteúdos ultrapassados”. Velhas crenças, filosofias, noções de bem e mal, inibições e tabus, e por aí fora. Afinal, estas noções, como Chisholm disse, “provocavam guerras”.

Alocação sócio-económica. Segundo critérios psiquiatrizados.

Gestão de impressões – Falsas impressões e **ilusão de escolha**. Com base no preceito de que as pessoas são mais facilmente geridas se acreditarem que têm autonomia de escolha – um ambiente de decisão livre e democrático. E, se acreditarem que os seus controladores são figuras benevolentes.

Vigilância 24/7, para detectar “inadaptados” e alterá-los.

Inquisição psiquiátrica. Processos geridos por uma casta de cientistas psicossociais: psiquiatras, psicólogos, sociólogos, antropólogos, e por aí fora. Uma espécie de inquisição psicossocial, com poder de vida e morte sobre os novos heréticos. Esta nova

inquisição trabalharia com polícia, agências de governo e escolas. Para impedir a disseminação de contágios mentais.

→ ***Métodos de mudança forçada de crenças e atitudes***.

→ ***Pessoas comuns como espiões e informantes***. Nesta nova sociedade, transformada em colónia psiquiátrica, as pessoas seriam treinadas a identificar pessoas com ideias perigosas e a ajudar a polícia a colocá-las em quarentena – ou seja, todos os "fortes" receberiam uma formação em espionagem e facilitação.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Sociedade como colónia psiquiátrica – 70s.

Avançado por literatura em ciências sociais. Literatura psicológica, sociológica e humanista secular.

Ser humano, animal agressivo e violento – necessidade de controlar comportamento. Inúmeros autores ligados à nova estrutura das Nações Unidas avançam a noção pessimista de que o ser humano é apenas um animal violento e agressivo, e que, na nova era, é essencial que os governos assumam funções de controlo comportamental.

Gestores sociais – Comunalismo – Engenharia psicossocial – Vigilância 24/7. Etc.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Usar saúde mental para a destruir.

Usar a ideia de saúde mental para destruir saúde mental. Usar ideia de eliminar insanidade, para impor estado geral de insanidade colectiva. Congelar desenvolvimento psicocultural expontâneo da sociedade.

ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Vários termos para Engenharia Psicossocial.

Engenharia psicossocial. Engenharia social/cultural/humana – Ecologia humana – Psiquiatria social/cultural/dos povos – Controlo de Relações Humanas (TIHR) – Gestão de RH (TIHR) – Comportamento de grupo.

EWEN CAMERON – Engenharia psicossocial à escala global.

EWEN CAMERON (1945) – Educação moral para cidadania global, ONU.

“The Building of the Coming World Order”. Discurso a 5 de Maio, 1945.

“Morals are simply customs, prohibitions, rules of a society”.

“UNO deserves support of all who are building a New World Order”

ONU tem de tomar controlo sobre educação: “Education for world citizenship”.

Sete anos depois (1953), torna-se presidente da American Psychiatric Association.

«*What we call morals, are simply the customs, prohibitions and rules which a society maintains at any given time… The United Nations Organization deserves the support of all who are concerned with the building of a New World Order… There can be only one education anywhere on the earth and that is education for world citizenship*» – Dr. Ewen Cameron, "Social Sciences in the Building of the Coming World Order." Talk given on CBC Radio, May 5, 1946.

EWEN CAMERON – Psiquiatria social totalitária global.

ONU como veiculadora de ideias psiquiátricas à escala mundial. Cameron quer que a ONU funcione como um canal de implementação destas ideias, ao aplicar elementos psiquiátricos à governância e política global.

Cientistas sociais como reorganizadores da sociedade. Cameron argumentou que era necessário que a sociedade fosse reorganizada por cientistas comportamentais que agissem como planeadores da sociedade.

O papel de Cameron na psiquiatria social, i.e., ecologia humana.

É um dos pioneiros da área.

Inventa o hospital de dia vs tratamento interno. Onde o paciente pode visitar o psiquiatra durante o dia (e fazer-lhe um pequeno armário, ou tecer-lhe um par de meias), e voltar para casa à noite. Os casos “mais graves” continuariam a ser tratados em unidades internas.

Pioneiro da clínica comunitária, precursor da saúde comunitária dos 60s. Na cidade de Brandon e área circundante estabelece 10 clínicas e o seu modelo é o precursor dos modelos de saúde comunitária dos anos 60.

Equipas multidisciplinares. Mais tarde, na McGill, Cameron recruta psiquiatras europeus e do mundo fora para construir o programa de psiquiatria. A equipa inclui psicanalistas, psiquiatras sociais e biólogos. Com base nesta equipa multidisciplinar, Cameron desenvolve uma rede de serviços psiquiátricos para Montreal.

EWEN CAMERON – MKULTRA – Despersonalização e reprogramação.

EWEN CAMERON – Trabalha com o MKULTRA (1957-1964).

Cameron era presidente da WPA. Durante esta era, Cameron ganha notoriedade mundial como presidente da WPA.

MKULTRA Subproject 68 – Allan Memorial – McGill. Em 1957, com financiamento CIA, o Dr. Ewen Cameron começou o MKULTRA Subproject 68, no Allan Memorial Institute, Montreal, em conjunção com a McGill.

Financiamento CIA e governo canadiano. Recebe $69,000 da CIA e ainda mais do governo canadiano.

EWEN CAMERON – Breve resumo de participação em MKULTRA.

Lavagem cerebral. ECT – sono profundo e coma induzido – reprogramação mental – drogas alucinogénicas.

Pacientes saudáveis, sem consentimento informado. Pessoas que tinham dado entrada no instituto sem problemas de maior. Com desordens de ansiedade, depressão pós-parto, etc.

Tratamentos desfiguram e destroem a mente e fisiologia das vítimas.

Problemas cognitivos graves. Amnésia, esquecer como falar, esquecer os pais, pensar que os interrogadores eram os pais.

Problemas fisiológicos graves. Incontinência, danos cerebrais, comas permanentes.

EWEN CAMERON – Método de despersonalização e reprogramação mental.

Procedimentos desenvolvidos no Allan Memorial Institute.

Racional: lavagem de memórias, crenças e hábitos e reprogramação da psique.

Quebrar a personalidade do sujeito.

Depois reprogramá-la com novas crenças, gostos, padrões comportamentais.

Ou seja, apagar mentes e reprogramá-las.

ECT, para "depatterning", despadronização. Tratamento intensivo de electrochoques. Quebra de padrões comportamentais (depatterning) através de um tratamento intensivo de electrochoques.

I.e., fritar o cérebro da pessoa o que, sem dúvida, a deixa num estado de caos mental.

A pessoa está preparada para receber "sugestões terapêuticas".

Psychic driving, programação mental. Repetição intensiva (16h por dia, durante 6-7 dias) de mensagens verbais audio, continuamente repetidas, para reprogramar a mente após o depatterning do ECT. Era normal que os pacientes fossem expostos a centenas de milhares de repetições de uma única afirmação durante o curso do tratamento.

Isolamento e deprivação sensorial durante psychic driving. Durante o período de psychic driving, o paciente é mantido em isolamento sensorial parcial.

Isolamento e deprivação sensorial. Cameron chegou a manter pacientes presos numa câmara durante semanas de uma vez. Noutros casos, encapuçamento para deprivação sensorial. Ainda noutros, imobilização muscular com curare.

Auto-relato, para foco em pensamentos e sensações. Depois, tinha de descrever partes das experiências, fazer auto-relatos (o que o fazia concentrar-se nos seus pensamentos e sensações).

Vozes múltiplas, para simular pressão de pares. Cameron também se propunha a melhorar os sistemas de gravação, usando múltiplas vozes, de modo a «*to capitalize on the force of group decision and suggestion*»

Humilhação, degradação.

Indução de um estado de loucura e despersonalização.

Indução de episódios psicadélicos (drogas). Drogas alucinogénicas, psicadélicas, como LSD.

Em conjunção com o anterior.

Para desfazer ainda mais a personalidade e o sentido de realidade do sujeito.

Sono profundo, coma induzido, para reprimir o psychic driving. Durante 7 a 10 dias, por vezes mais. Regra geral era levado a cabo após o período de psychic driving, servindo para fazer a repressão desse período. Nalguns casos, os comas eram induzidos com injecções de insulina.

EWEN CAMERON – Experiências com crianças.

Experimentou em crianças.

Abusos sexuais. Algumas destas crianças foram sexualmente abusadas – num caso, por vários homens. Uma das crianças foi filmada numerosas vezes a realizar actos sexuais com oficiais governamentais de alto nível.

EWEN CAMERON – Inspira-se no trabalho de SARGANT.

Sargant também estava envolvido em Serviços Secretos. Operava no St. Thomas Hospital, Londres, e Belmont Hospital, Surrey.

Ausência de consentimento – Danos de longo termo. Experimentava nos pacientes sem o seu consentimento, causando danos similares de longo termo.

CAMERON e SARGANT – "Gerar stress emocional para impor conversões".

Cameron (1953) explica o processo.

"É necessário stress para impor conversões".

"Explorámos isto com deprivação de sono, drogas e hipnose".

Cameron começa por discutir a teoria de que as pessoas podem responder a qualquer estímulo apresentado através de uma multitude de padrões de resposta. Nota que, geralmente, um padrão domina, ao passo que os outros se tornam inconscientes. Depois diz que, impor «*conversions*» (políticas, religiosas, etc.) implica uma extraordinária exposição a «*stress*», diz Cameron, e continua, «*We have explored this... using sleeplessness, disinhibiting agents, and hypnosis*».

«*We may suspect that in the extraordinary political conversions which we have seen, particularly in the iron curtain countries, advantage is being taken of this fact to bring into prominence alternative patternings of behavior actually carried by the individual but never previously suspected by him or others as being present. The stress required to bring this about, at least as far as the political conversions are concerned, is capable of being developed only behind the iron curtain. Sargent (1951) has described what little we know of the dynamics of these political and religious conversions and has attempted to duplicate them, but from what we gather, with somewhat limited success. He used depleting emetics. We have explored this procedure in one case, using sleeplessness, disinhibiting agents, and hypnosis*»

D. Ewen Cameron, "The Transition Neurosis", Fifth Annual Neuropsychiatric meeting in North Little Rock, Arkansas, February 1953.

Sargant (1957) explica o processo de lavagem cerebral no tratamento de choque.

"By increasing or prolonging stresses in various ways… a thorough alteration of the person's thinking processes may be achieved".

"…impair judgment and increase suggestibility".

"Some temperamental types seem relatively impervious to emotional stresses…others retain their beliefs with tenacity that defies the… shock treatments… But such resistance is unusual".

"If complete sudden collapse can be produced by emotional stress, the cortical slate may be wiped clean… allowing other patterns to be substituted more easily".

«*By increasing or prolonging stresses in various ways, or inducing physical debilitation, a more thorough alteration of the person's thinking processes may be achieved. The immediate effect of such treatment is usually to impair judgment and increase suggestibility; and though when the tension is removed the suggestibility likewise diminishes, yet ideas implanted while it lasted may remain. If the stress or the physical debilitation, or both, are carried one stage further, it may happen that patterns of thought and behavior, especially those of recent acquisition, become disrupted. New patterns can then be substituted, or suppressed patterns allowed to reassert themselves; or the subject may begin to think and act in ways that precisely contradict his former ones. Some temperamental types seem relatively impervious to all emotional stresses imposed on them. Others retain their beliefs, once firmly implanted, with a tenacity that defies the severest psychological and physiological shock treatments, and even brain operations especially designed to disrupt them. But such resistance is unusual. With these facts in mind one can hope to understand more clearly the physiological mechanisms at work in some types of sudden religious conversions; hence the repetitive summary… If a complete sudden collapse can be produced by prolonging or intensifying emotional stress, the cortical slate may be wiped clean temporarily of its more recently implanted patterns of behavior, perhaps allowing others to be substituted more easily*» William Sargant (New York, 1957), Battle for the Mind: A Physiology of Conversion and Brainwashing.

EWEN CAMERON – Perfil – Allan Memorial.

EWEN CAMERON.

Presidente de várias associações psiquiátricas centrais.

World Psychiatric Association – Canadian Psychiatric Association – American Psychiatric Association – American Psychopathological Association – Society of Biological Psychiatry

MKULTRA acontece durante presidência da WPA. Na altura em que é nomeado presidente da WPA, Cameron está a conduzir experiências de controlo mental em nome da CIA, o MK-ULTRA, na McGill University.

Cameron é influenciado por Henderson, Meyer, Meier, Bleuler. Cameron foi influenciado por Sir David Henderson, que tinha sido estudante de Adolf Meyer, um psiquiatra com uma perspectiva alargada da psiquiatria. Esta perspectiva iria influenciar Cameron para o resto da sua vida. Em 1926, Cameron vai trabalhar com Meyer na Phipps Clinic, no Johns Hopkins Hospital. Em 1938, parte para a Suiça, para estudar na Burghoelizi Clinic, sob a orientação de Hans W. Meier, o sucessor de Eugen Bleuler, outro homem que tinha influenciado significativamente o pensamento psiquiátrico.

EWEN CAMERON – ECT a todos os alemães com +12 anos.

Enquanto membro do tribunal de Nuremberga.

"Todos os alemães com mais de 12 anos deviam receber ECT para queimar vestígios de Nazismo". Recomendou a Allen Dulles (mais tarde director da CIA) que «*each surviving German over the age of 12 should receive a short course of electroshock treatment to burn out any remaining vestige of Nazism*»

EWEN CAMERON – Allan Memorial Institute.

McGill University, Montreal. Mais tarde, Cameron vai trabalhar para a McGill University em Montreal, sob convite do neurocirurgião Wilder Penfield.

Financiamento Rockefeller funda Allan Memorial. Aí, recebe financiamento da Rockefeller Foundation, dinheiro de John Wilson McConnell do *Montreal Star*, e a mansão de Sir Hugh Allan em Mount Royal. O Allan Memorial Institute é fundado.

Ewen Cameron é o fundador e director.

Allan Memorial torna-se epicentro psiquiátrico mundial. Allan Memorial cresce exponencialmente e torna-se um epicentro no panorama psiquiátrico mundial.

Psiquiatria biológica/genética – Psiquiatria social – Programas do MKULTRA.

Feminismo: uma história de três gerações, culminando no sequestro pós-moderno.

"The Story of O".

"O" é um zero e um buraco de carne, usada por oligarcas degenerados. "The Story of O" é um romance degenerado promovido nos anos 50 por círculos fascistas que ficam do velho regime de Vichy, França. A história segue uma mulher masoquista, que estabelece relações com um oligarca poderoso. O oligarca persuade esta mulher a aceitar ser violada de formas progressivamente mais degradantes e mais destrutivas. Em breve, as violações são feitas em *gang*, pelo homem e pelos seus amigos, outros oligarcas relevantes na alta sociedade. A mulher não é apenas violada. É espancada, torturada, brutalizada das formas mais patológicas e doentias que são concebíveis. A mulher chama-se apenas "O". Isto não é um mero exercício em minimalismo e desumanização (apesar de também o ser). "O" é apenas "O" e "O" significa um ***buraco*** – e, também, um ***zero***. "O" é apenas um buraco, um objecto, reduzido ao estatuto zero; um pedaço de carne que é sexualmente utilizável, abusável, descartável. Ao longo do romance, "O" é degradada progressivamente, até se tornar numa mera massa de cicatrizes, polpa sangrenta, nódoas negras, com um buraco no meio. Esta história doentia romantiza depois a aceitação passiva do abuso. "O" não é apenas um objecto que foi reduzido ao estatuto de lixo. "O" ***gosta*** de o ser. À medida que os eventos avançam, "O" resolve todos os dilemas internos que possa ter e, como boa menina obediente, induz-se a si mesma a abraçar e a gostar do seu próprio processo de degeneração e morte.

Feministas francesas protestam romance nos 50s. Quando o romance foi publicado, evocou protestos públicos do movimento feminista francês. As feministas francesas denunciaram o livro por aquilo que, objectivamente, é: uma obra fascista brutal, romantizando agressão, violência e exploração. É preciso ter em mente que a feminista francesa média desta altura tinha participado na resistência organizada à ocupação Nazi e sido temperada pelas experiências desses tempos (estas eram senhoras combativas). Por outro lado, "O", a existir no mundo real (e existiram, e existem), seria uma criatura que, começando por mero colaboracionismo, faria o percurso de degradação completo, até acabar como o *sex toy* do destacamento Stürmer local.

Facsimile pós-moderno de feminismo romantiza "O". Apenas meio século depois, o antigo feminismo desapareceu por inteiro para ser substituído por um *facsimile* invertido, uma criação destrutiva das grandes fundações bancárias e do aparato ONU, que surge para reeditar a objectificação corporal da mulher e romantizar violência e brutalidade – feminismo radical. É sintomático que, sob o novo paradigma, o modo

"politicamente correcto" de ver este romance é como uma história notável, comovente até, de emancipação sexual. Expressa o percurso *sexy* e corajoso de uma mulher que se emancipa pela aceitação das suas próprias opções sexuais, pela exploração erótica do próprio corpo [por outras palavras, tudo isto se resume em colaboracionismo Stürmer a pretender passar por feminismo e a tentar, dessa forma, moldar as mentes de milhões de raparigas para adoptarem esta forma doentia de (não-)pensar]. Existe uma canção que diz, muito apropriadamente que "*That's what you want. That's what you'll get*".

Feminismo 1850s – 1950s.

<u>Feminismo surge com democracia liberal – oportunidades iguais e individualidade</u>. O movimento feminista surge com, e contribui para, a ascensão da democracia liberal moderna, em ambos os lados do Atlântico, durante o século que vai dos 1850s aos 1950s. É conduzido por mulheres de classe média, que lutam pelo avanço dos direitos liberais na sociedade, com o enfoque especial na melhoria da condição feminina. Isto acontece pelo ideário liberal-democrático, pela exigência de *igualdade de oportunidades e de circunstâncias*, para todos, *irrespectivamente de sexo*. Todos, homens ou mulheres, são pessoas únicas que, como tal, devem ter as mesmas exactas oportunidades de emancipação política e económica. Igualdade de circunstâncias para todos; nada de paternalismos, sejam eles negativos ou positivos. Estas *feministas* eram-no não porque concebessem o mundo como estando balcanizado entre dois blocos monolíticos, homens e mulheres, mas sim porque se focavam no modo como *as mulheres, enquanto indivíduos(as)*, tinham sido legalmente prejudicadas até aí.

<u>Sufragismo e acção social</u>. No campo político, a acção feminista começa por significar a disputa por direito a voto e a possibilidade de ser eleita ou nomeada para um cargo político. Esta é a altura em que as *suffragettes* são frequentemente encarceradas como agitadoras e criminosas políticas. No campo social, esta acção significa emancipar quantidades inumeráveis de mulheres de degradação pré-moderna. Mesmo nos países mais prósperos, a maior parte das populações urbanas viviam em condições de pobreza e precariedade extrema. A mulher pobre média trabalhava 14h por dia em ambientes fabris sujos e psicossomaticamente violentos. Fazia-o por um salário mais baixo do que aquele que era auferido por um homem nas mesmas circunstâncias. Quando tinha um trabalho de parto, tinha-o em condições insanitárias; as mortes eram frequentes. A assistência médica estava próximo de inexistente. E, depois, havia uma enorme probabilidade de que o recém-nascido viesse a morrer antes dos cinco anos de idade, pela falta de condições elementares de saúde, higiene e nutrição. A oportunidade de obter uma educação era reduzida, quando não inexistente. Muitas mulheres eram forçadas à prostituição, para alimentar os filhos ou, sequer, para sobreviver; muitas outras eram induzidas nessa vida desde pequenas. As gravidezes indesejadas – digamos antes que eram essencialmente impossíveis, por falta de meios – eram constantes. É claro que, nisso, era determinante o facto de a pessoa média não ter qualquer acesso, ou conhecimento da existência de, contraceptivos [*é claro que esse tipo de tecnologia, o*

que inclui o conhecimento sobre como fabricar preservativos orgânicos, existia desde a Idade Antiga e era frequentemente utilizado pelas classes altas de todas as eras desde então – porém, é um domínio que nunca foi divulgado junto das classes baixas – o que talvez não seja assim tão estranho, uma vez que miséria, quinze filhos por família, em que dez morrem nos primeiros cinco anos, é algo que se adequa à visão oligárquica do que deve ser o mundo ideal]. A forma de resolver as gravidezes indesejadas era, claro, por meio de desmanchos – abortos. Estas instâncias não significavam apenas a morte de um feto desenvolvido, como, frequentemente, da própria mãe.

Lobbying legal, infraestruturas, redes de apoio social, difusão de ideias liberais. Melhorar a condição das populações pobres era uma tarefa que implicava trabalho a toda a linha, passando por variáveis económicas, legais, educacionais, infra-estruturais. O movimento feminista é bastante importante em tudo isto, inserindo-se no quadro geral de melhorismo reformista que marca o período de transição entre os 1850s e os 1930s. As feministas surgem como uma força para *lobbying* e protesto político e a apoio educacional e de saúde em bairros pobres. É nesse contexto que organizam escolas para os pobres, pequenos centros de saúde, equipas médicas de assistência domiciliária. Também organizam jornais, magazines, panfletos, e é nesse capítulo que se tornam uma voz vital para a difusão de ideais liberais e na contestação aos poderes instituídos. Uma parte essencial em tudo isto é, claro, a noção liberal de igualdade de oportunidades. É aqui que as feministas trabalham para a criação de redes de apoio social a pessoas desamparadas e, em particular, a mães necessitadas.

Luta pelo fim de degradação feminina por prostituição, aborto. Isto acontece a par e passo com a luta pelo fim de degradação feminina através de prostituição e, claro, da prática de desmanchos, abortos. O aborto podia ter sido romantizado por aristocratas degenerados como o Marquês de Sade, mas não o era pelo movimento feminista. Com efeito, se lermos as feministas notáveis da altura (Elizabeth Stanton, Susan Anthony são bons exemplos), a visão que encontramos é a de que o aborto é um acto criminoso de infanticídio e, mais que isso, uma forma de brutalização da condição feminina.

Aborto: 1) riscos de saúde, 2) contraceptivos, 3) desenvolvimento económico. Primeiro, porque a mulher corre riscos concretos de vida e de esterilização quando faz um desmancho. Segundo, porque as gravidezes indesejadas poderiam ser facilmente evitadas pela disseminação de contraceptivos e esse é, desde o início, um campo de acção melhorista [*entretanto, preso num torno de dois movimentos igualmente oligárquicos, ambos inímicos a melhorismo social: a) formas enviesadas de "cristianismo" institucional, que agem na altura (como hoje no 3º mundo) para proibir toda e qualquer forma de contracepção, sem que tenham qualquer base bíblica para o fazer; b) o movimento eugénico, que surge na altura a distribuir uns quantos preservativos apenas como ponte de passagem (um simpático pé na porta) para a prática mais sistémica, a esterilização de mulheres pobres; e, eventualmente, aborto. Isto é tipificado pela American Birth Control League de Margaret Sanger, nos EUA. A prisão dialéctica encetada por ambos os movimentos oligárquicos vem a estabelecer uma forma de rift, pela qual a contracepção passa a ser um domínio eugénico e, aceitá-*

la, implica aceitar tudo o resto. A alternativa é uma forma extrema de puritanismo sexual que, embora não o admita, é igualmente eugénica, em historial e práticas. O aborto e a esterilização de "inaptos" são o reverso da medalha, a punição de indesejáveis de sangue e de hábitos sem a qual a sociedade puritânica não pode existir. O propósito de tudo isto é, muito literalmente, o eventual retorno ao standard de vida medieval. É por isso que a coexistência de puritanismo sexual com eugenismo vem, durante o século 20, a tipificar os regimes que procuram voltar à comunalidade de estilo medieval, e isto são os regimes totalitários, nazismo, fascismo, comunismo e tecnocracia]. Terceiro, como apontado por muitas feministas durante esta altura, enquanto as forças económicas da sociedade não são inteiramente libertadas para que todos possam levar uma vida de classe média, há que fazer melhor uso de recursos públicos, e isso significa prestar ajuda de berço, assistência de saúde e de educação, junto de mulheres pobres; por oposição a tolerar a existência de casas abortuárias. Por último, como também é apontado na altura por muitas feministas, a ideia de limitar a natalidade das mulheres pobres funciona como um placebo para a ausência de expansão e desenvolvimento económico. Em bom espírito liberal, é possível criar um mundo próspero e desenvolvido para todos. Por outras palavras, matar bebés é duplamente imoral e criminoso.

Equalização gradual nos domínios político e laboral (1850s-2000).

Equalização gradual. As acções das primeiras gerações de feministas conduzem a uma equalização progressiva de relações políticas e económicas entre sexos. O voto feminino é eventualmente alcançado e, ao longo da segunda metade do século 20, deixa de ser estranho, ou atípico, encontrar mulheres em posição de responsabilidade no governo ou na indústria, sob condições de paridade. As primeiras gerações tinham tido uma vida bastante mais complicada neste respeito. As *suffragettes* eram frequentemente presas como agitadoras e criminosas políticas. Ao mesmo tempo, era quase inconcebível para uma mulher com mais posses, e uma educação, conseguir ser empregada por conta de outrem. Simplesmente não era aceitável que uma mulher fizesse um "trabalho de homem", muito menos sob condições correspondentes. As mulheres pobres, por outro lado, tinham bastante mais facilidade em encontrar trabalho: sob turnos industriais de 14h/dia, em condições miseráveis. Ao nível das classes baixas, havia bastante paridade: todos eram igualmente escravos, fossem homens ou mulheres. Este é o género de paridade que está a ser construída na era pós-moderna; algo que, de modo bastante trágico, é aceite e até encorajado pela *inversão técnica do feminismo*, sob o deceptivo rótulo de feminismo radical.

Feministas trabalham por direitos ***individuais*** – oportunidades e circunstâncias iguais. No campo laboral, o grande desafio foi o de obter a equalização legal e prática de condições, tanto a nível político como ao nível laboral. Por outras palavras, todos – homens e mulheres - somos indivíduos únicos, definidos pelos nossos próprios talentos e capacidades e não por aleatoriedade na formação de cromossomas. Durante esta

altura, as feministas trabalham frequentemente com os sindicatos e com toda uma série de movimentos políticos para conseguirem ganhar as batalhas a que se propõem.

Na transição para século 21, igualdade entre sexos é um dado adquirido. A influência melhorista exercida pelo movimento feminista entre os 1850s e os 1950s não tem um efeito construtivo apenas sob variáveis sócio-políticas e económicas. Também é essencial para quebrar, por todo o mundo ocidental, as velhas concepções das tradições germânica e latina, pelas quais homens e mulheres são inerentemente desiguais e as mulheres existem para ser colocadas sob subordinação masculina. O melhorismo que vai atravessando toda esta época é possibilitado, claro, por expansão e desenvolvimento económico, numa curva ascendente em todo o mundo ocidental até à I Guerra Mundial e, a partir daí, apenas na América; a Europa só reganharia o impulso após a II Guerra. Ao longo deste percurso, o voto feminino torna-se uma realidade. As ideias de emprego feminino em posições qualificadas, eleição de mulheres para cargos políticos, paridade salarial, deixam de ser impensáveis, para passar a ser algo que começa a acontecer em instâncias discretas e que indica o caminho para o futuro. É o momentum democratizante que é ganho pelo movimento feminista original que permite a consolidação gradual desse percurso entre os 1960s e os 1990s. Na transição para o século 21, a igualdade universal de direitos entre sexos é um dado adquirido em todo o mundo ocidental.

Durante todo o século 20, infiltração totalitária de movimentos cívicos.

Totalitários infiltram, usam, sabotam movimentos sociais ao longo de todo o século 20. A partir do início do século 20, começa a acontecer um fenómeno lento de infiltração de movimentos cívicos liberal-democráticos por elementos totalitários, geralmente nas linhas fabiana e comunista. Estes grupos são antitéticos a toda e qualquer proposição liberal-democrática e, com efeito, a usurpação lenta de movimentos serve duas ordens de propósitos. De um lado, estamos no domínio do puro e simples instrumentalismo, pelo qual um movimento é cooptado e distorcido para utilização em proveitos próprios. Mas igualmente importante (se não bastante mais importante), no ideário totalitário, é o propósito de sabotagem, pelo qual vias realmente produtivas são silenciadas a partir de dentro e substituídas por demagogia improdutiva e destrutiva. Foi assim que a expressão "democracia liberal" veio a ser pervertida na praça pública ao ponto de ser equacionada com totalitarismo. O mesmo tipo de infiltração foi conduzido ao longo de todo o século 20 em todo o género de organizações da sociedade civil, o que inclui sindicatos, grupos cartistas de várias naturezas, associações de acção cívica, etc. Depois, todos estes grupos podiam (podem) ser usados em concertação, na dinâmica de "frente comum", em tempos o grande orgulho do Politburo, em Moscovo e, ainda hoje, o "*ring that binds them all [and gets'em to work for us]*", de Chatham House, em Londres.

As tours de "líderes cívicos" a Moscovo, para meros efeitos de manipulação. É dos anos 50 em diante em que inúmeros "líderes cívicos" ocidentais são levados a dar *tours* pelo paraíso socialista (uma espécie de ritual de iniciação, nesta fase), onde o KGB os levaria

a dar voltas por bairros luxuosos ficcionais em Moscovo, e os manteria ensopados em *vodka* e experiências simpáticas durante toda a estadia. Como os antigos *hashishin*, que eram persuadidos a fazer missões suicidas em nome de Hassan i-Sabbah, para ganharem o direito a voltar ao "Paraíso" (eram colocados no bordel do palácio durante uns dias, mantidos o tempo inteiro sob haxixe e persuadidos que estavam no paraíso das 70 virgens), estes "líderes cívicos" voltavam ao ocidente rotineiro, chato, *seen it all*, injusto sem dúvida, com a noção muito perigosa de que tinham acabado de sair do real paraíso terreno. O "inferno capitalista" não teria de ser melhorado e tornado realmente liberal-democrático; mas sim de ser resolvido com parasidíacas injecções de kool-aid colectivista.

Infiltração de grupos feministas resulta em retórica totalitária.

Infiltração totalitária de grupos feministas já visível nos anos 50. A partir dos 1950s, já existe uma forte infiltração dos grupos feministas, em ambos os lados do Atlântico e, essa condição só veio a intensificar-se e a agravar-se com a passagem do tempo. Isso foi determinante para a subversão do ideário e do discurso feminista.

Cooptação anula discurso liberal-democrático por retórica socialista totalitária. Até aí, estávamos na presença de valores *humanos*, da visão de cada indivíduo como indivíduo, a ser valorizado enquanto tal. Feminismo não visava a separação da sociedade em dois campos distintos, homens e mulheres, mas sim o avanço sócio-económico da sociedade e a concretização de igualdade de oportunidades para emancipação política e económica para *todos* os indivíduos, *irrespectivamente de variáveis sexuais*. Era um movimento *feminista* na medida em que se focava no modo como *as mulheres, enquanto indivíduos(as)*, tinham sido abertamente prejudicadas nesse campo até aí. O modelo colectivista concebe a sociedade como *tendo que estar* organizada por blocos de natureza sócio-estatística (sexo, profissão, etnia, etc.). É claro que esses blocos são regimentados, após o que podem ser utilizados e manietados pela *intelligentsia* no topo, pelas criaturas que gerem a "Animal Farm". A infiltração totalitária do movimento feminista teve os efeitos que sempre tem: injectou obscurantismo colectivista no que era, até aí, límpido e funcional. O ideário feminista passou a falar de "guerra de sexos", uma espécie de versão misantropizada da "guerra de classes", da necessidade de "frentes comuns" para combater "capitalismo machista" e, de modo ainda mais preocupante, a recorrer às "repúblicas socialistas" (URSS) para encontrar o seu *benchmark* para equalização perfeita de relações sociais. O feminismo é, portanto, redefinido como algo entre uma arma de guerra na "frente comum" e um *single issue*, pelo qual a sociedade é miopicamente seccionada em dois ***blocos*** monolíticos e adversariais, o das mulheres e o dos homens. Os valores da *reforma democrática* são gradualmente substituídos por retórica inflamada e radicalizada exigindo coisas como *desestabilização*, *tomada de poder*, *revolução*. Ou seja, o movimento feminista é muito lentamente, muito gradualmente, transformado de um movimento cívico eminentemente liberal-democrático e reformista, num conjunto de falanges e quintas colunas (padrão

que, ao mesmo tempo, afecta toda uma série de outros movimentos na sociedade). Incidental mas relevante em tudo isto é o facto de os movimentos feministas começarem a ter demasiadas líderes com a configuração da *apparatchik* mimada soviética: a burocrata furiosa, lésbica-no-armário, de cara quadrada e corpo em T-54 (tanque militar soviético).

Discurso começa a centrar-se em distributismo e arbitrariedade. Uma das mudanças de retórica mais relevantes a partir deste ponto é a aposta em discurso de natureza concessionária (lei mercantil), com a ênfase em quotas e no distributismo de concessões e de benefícios sociais. Até aí, o feminismo tinha exigido *igualdade de oportunidades e de circunstâncias*, para todos, *irrespectivamente de sexo*. Agora, esse paradigma límpido era trocado pelo irracionalismo colectivista de que diferentes pessoas devem usufruir de concessões preferenciais (e.g. quotas de emprego) pelo simples motivo de fazerem parte deste ou daquele bloco arbitrário (homens, mulheres). Ou seja, não é a competência real da pessoa que conta, é o seu carácter exógeno, género. Até aí, as coisas tinham efectivamente funcionado por esses exactos moldes, com a imposição social e laboral de um tipo de arbitrariedade; preferência de homens sobre mulheres. É claro que injustiça não é combatida com igual medida de injustiça, ao exigir a substituição de arbitrariedade coerciva A por arbitrariedade coerciva B. A injustiça é combatida com a afirmação daquilo que é ***justo*** e é isso que deu força e influência ao movimento feminista do primeiro século.

Alienação abre portas a alta finança, desmantelamento sócio-económico.

Transição desacredita feminismo enquanto tal, remete-o a secção da "frente comum". Com esta transição retórica, o movimento feminista não só contribuiu para a sua desnaturação geral, como deu um tiro adicional em si mesmo: o absurdo do discurso concessionário conseguiu descredibilizar por inteiro o movimento feminista *per se*. Desde então, o movimento feminista perdeu toda a força e credibilidade geral que tinha enquanto movimento ***aberto*** na sociedade. E, para isso, também houve a forte contribuição da mentalidade circense pós-moderna (ver secção seguinte). Neste momento, o movimento feminista não é algo que se apresente, como tal, em público. É algo que só tem força e poder de operação enquanto secção da dinâmica de "frente comum", apenas mais um conjunto de ONGs radicais, desnaturadas e subvertidas pela mesma ideologia destrutiva pós-moderna *standard* que todas as outras. Apenas mais uma colecção discreta de ONGs, na grande panóplia global de grupos radicais a soldo das grandes fundações e do sistema ONU.

OSCs e sindicatos alienados da ***real*** batalha – evitar desmantelamento do ocidente. O movimento feminista não percebeu que estava, na prática, a ser armadilhado. O mesmo é válido para sindicatos e para inúmeras outras organizações da sociedade civil. Toda esta gente foi efectivamente alienada da real batalha dos últimos 40 anos: evitar o desmantelamento produtivo do mundo ocidental, o fim da empregabilidade democratizada e bem remunerada e, claro, o fim da própria democracia liberal. Os

próprios sindicatos, na sua larga maioria, não perceberam (ou não quiseram perceber, sob subversão ideológica) que protestar a favor de melhores condições laborais de *nada* serve se não existir trabalho. Demasiados sindicatos estavam demasiado ocupados em delírios sobre harmonia laboral global, construção de socialismo global e, não perceberam que estavam a abdicar dos seus próprios empregos, enquanto pagavam impostos para assegurar que a geração dos seus filhos nem sequer teria emprego.

Sem economia produtiva, só resta alta finança e nihilismo ONGista pós-moderno. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. No passado, o movimento feminista lutou, ao lado dos sindicatos e de muitas outras organizações, para que isto nunca viesse a acontecer.

Feminismo radical, um facsimile a ser usado e descartado, sob pós-modernismo.

Feminismo radical, *facsimile* de feminismo, criado por e subserviente a alta finança. Agora, com uma ou outra gloriosa excepção, o velho feminismo foi essencialmente morto e enterrado, substituído por um *facsimile*, deceptivamente chamado de *feminismo radical* – na verdade a antítese de feminismo. Em larga medida, o feminismo real desenvolveu-se por oposição ao capital financeiro (mesmo o feminismo transicional, comunista, mantinha esta virtude). O *facsimile* pós-moderno, pelo contrário, é o *golem* aceitante e voluntário do capital financeiro. Usa os *slogans* das formas anteriores (é um *facsimile*) mas já nem sequer é o seu próprio movimento. É inteiramente subserviente às grandes fundações bancárias que o *criaram* e das quais depende para sobreviver.

"Idiotas úteis" não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de "idiota útil", sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O'Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que "*eis que as nações trabalharam para o fogo*". Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O'Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de "*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado*".

Pós-modernismo é a arma da alta finança para desestruturação global.

Fundações promovem irracionalismo para era neo-colonial C&C. Hoje em dia, estamos a viver sob o irracionalismo pós-moderno que foi promovido pelas grandes fundações bancárias. Este é o irracionalismo necessário para a transição para uma nova era de mercantilismo global e imperialismo militar e cultural. É a era de Contracção e Convergência, como é apelidada pela ONU; a era na qual o desenvolvimento económico cessa, liberalismo político é substituído por despotismo, e todos os países *contraem* e *convergem* ao nível de 3º mundo. O resultado é a "aldeia global" neo-colonial, um ambiente controlado por grandes interesses globais, que são servidos por uma população global reduzida a um nível servil, comunal e comunitário.

Pós-modernismo desenvolvido por gurus de ciências sociais nas grandes fundações. A ideologia pós-moderna foi desenvolvida pelas grandes fundações bancárias e pelos seus vários gurus anti-intelectuais; pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Tavistock, o grupo Macy, a Escola de Frankfurt, Erich Fromm, o centro de reengenharia cultural de Palo Alto, e muitos outros.

Nihilismo moral e epistemológico. Esta ideologia é puro pós-estruturalismo. Enquanto tal é, antes de mais, caracterizada por nihilismo moral e epistemológico: aquilo que é bom, correcto e verdadeiro é aquilo que dá jeito no momento; aquilo que é mau,

incorrecto e falso é aquilo que não dá jeito (i.e. uma forma de irracionalismo e de cegueira selectiva também conhecida como imaginação dialéctica).

Desprezo por indivíduo, democracia liberal – Totalitarismo, subdesenvolvimento. Adere aos valores românticos (como em, Romantismo germânico) do ódio por geração de riqueza e pela civilização de classe média, liberal e democrática. Romantiza o retorno a despotismo comunal (comunitarismo), o tipo de sistema onde toda a vida é estritamente organizada, cada qual conhece o seu lugar e todos fazem aquilo que lhes compete. O ideal antecipado é, aqui, organização colectiva aperfeiçoada, comunalidade autoritária organizada por castas funcionais. Como tal, a ideologia pós-modernista ignora o indivíduo e encara toda a sociedade humana pela óptica da organização colectiva. Despreza o valor da vida humana; o indivíduo é uma célula a moldar e a alocar no grande organismo colectivo. Noutras circunstâncias, pode ser um fardo a limitar, por meio da imposição de escassez artificial de recursos, guerra, infanticídio, aborto, eutanásia, a câmara de gás.

Romantização de degradação humana, desumanização. Tudo isto faz com que a ideologia pós-moderna tenha de racionalizar e romantizar as variáveis relacionais como sejam autoritarismo, desumanização e degradação humana, inversão radical de valores. Acima de tudo, considera essencial que o indivíduo seja, ele próprio, tornado moral e intelectualmente degradado, desumanizado, narcísico e violento.

Promoção de pós-modernismo por media, fundações, ONGs, (anti-)educação. Este tipo de ideologia foi disseminada por meio de media, fundações, ONGs e por sistemas (pós-)educativos.

O tipo de formação que lança duas Guerras Mundiais. É o tipo de degradação cultural que é necessária para uma era caracterizada por destruição e neo-colonialismo. O tipo de formação humana que era, aliás, favorecido na Alemanha militarizada que vem a protagonizar as duas guerras mundiais. Hitler pôde contar com multitudes de jovens nihilistas, primeiro disponíveis para partir montras e atacar pessoas, depois para conduzir uma guerra genocida de ocupação e extermínio.

Agora, **aldeia global**: egocentrismo, vacuidade, ignorância, destrutividade. As grandes fundações pretendem obter mais ou menos o mesmo efeito; porém, desta vez, a uma escala global e socialmente transversal. Pessoas vazias, ignorantes, egocêntricas, inerentemente violentas. Tais pessoas são incapazes de *construir* (por oposição a *destruir*) e, de estabelecer reais relações humanas. Pode-se contar com tal constituência para destruir os restos da civilização ocidental, exportar destruição em massa para o resto do planeta e estabelecer um sistema universal de exploração neo-colonial.

Sob pós-modernismo, as formigas vermelhas marcham sob one (nazi) love.

Escolas de Mistérios: depois das abelhas, as formigas vermelhas, para destruir. Nos códices naturalistas das altas escolas de Mistérios, gerações formadas para ser e agir

desta forma costumam ser equiparadas a formigas vermelhas. Primeiro, chegam as abelhas, constroem uma estrutura e produzem mel para o apicultor. Quando o apicultor decide que a era da colmeia acabou, faz entrar as formigas vermelhas, que destroem as abelhas e a estrutura. No final, tudo o que resta é uma terra vazia e devoluta, preparada para uma ou outra forma de reorganização.

Zwo drei vier links [One (nazi) love]. *Zwo drei vier links*, com a formiga comunista a avançar sob a marcha nazi reciclada.

Também, a dinâmica *zombie* que precede a Reconstrução. Hollywood e, de modo mais sofisticado, os estúdios britânicos, costumam fazer uma representação muito literal da actual constituência pós-moderna através dos vários filmes de *zombies* que produzem. O cenário é sempre o mesmo: a civilização "bourgeois" chega ao fim e, aqueles que antes eram seres humanos são agora convertidos em massas de mortos-vivos, seres medíocres e destrutivos, que passam o resto do filme a caçar e a atacar os humanos que ainda restam, pelos seus cérebros. No final, a estrutura governante que resta envia o armamento pesado e extermina os *zombies*. A Reconstrução pode começar.

Feminismo radical, a antítese de feminismo e de valores humanos.

Feminismo radical é a antítese exacta de feminismo. Dos anos 70 em frente, com aceleração desde o início do século 21, surge a inversão, a antítese exacta de *feminismo*; algo deceptivamente chamado de feminismo radical. Esta inversão de significados, por *doublespeak*, é algo que entra em linha com o *zeitgeist*, onde até os conceitos são plásticos e maleáveis, abertos a inversões de 180º, ao ponto em que "bem" passa a significar "mal" e vice-versa [mais explorações disto abaixo]. A dinâmica da língua bifurcada, que só consegue comunicar por duplicidade, falsidade, inversão de significados.

~~Igualdade~~ / Perpetuação de desigualdade e autoritarismo. A temática de feminismo real, em qualquer uma das suas gerações, era ***igualdade***. Com as primeiras gerações, temos a procura por igualdade liberal assegurada para todas as pessoas, independentemente de sexo. *Igualdade de oportunidades* surgia aqui associada às variáveis liberal-democráticas da garantia de liberdades constitucionais e da promoção de desenvolvimento económico universal. Mesmo as feministas pró-soviéticas da Guerra Fria costumavam sê-lo porque alimentavam a crença naïf de que o sistema comunista tinha, com efeito, libertado as pessoas, equalizado relações sociais. Obter igualdade significou sempre obter paridade *de facto*, justiça, desenvolvimento universal. A inversão de feminismo inverte e distorce todas estas variáveis e fá-lo com prazer; o prazer que é sentido pelos psicólogos sociais que a criaram. Igualdade deixa de ser um ideal e é substituído por ***perpetuação da desigualdade sob um formato mais aceitável***. Com efeito, sob esta mentalidade, nem todos os indivíduos são iguais. Existem indivíduos inerentemente superiores e indivíduos inerentemente inferiores. E na prática, os indivíduos não contam. Apenas os segmentos sociais arbitrários nos quais podem ser

incluídos. Em tudo isto, existem segmentos superiores e segmentos inferiores. Os primeiros têm o direito e o dever de ordenar e de organizar a vida dos segundos e de fazê-lo sob autoritarismo: persuasão ou coerção. A questão passa então a ser a de encontrar a ***monadologia social que assegura o mais eficaz equilíbrio de forças e, que abre as portas para o adequado exercício de autoritarismo***.

~~Justiça~~ / Injustiça gerível. Justiça torna-se irrelevante e é trocada pela obtenção do ***grau de injustiça que possa ser gerível*** de modo a evitar conflagrações sociais.

~~Liberdade individual~~ / Conformidade compulsiva a normas sociais. É claro que valores de liberdade individual são desprezados, em favor de ***conformidade normativa a um ethos de acção, pensamento, sentimento, expressão [i.e. despotismo]***. A pessoa tem de pensar, sentir, e expressar vacuidades socialmente autorizadas, e comportar-se de uma forma normativa [*uma forma de esterilidade humana que me faz sempre lembrar aquilo que se obtém com* poodles*; sem querer desfazer os pobres bichos, cães, o* poodle *é mais ou menos o protótipo do animal que, sendo artificioso, domesticado, enfeitado com laçarotes e patéticos cortes de pêlo, se pavoneia em afectação de superioridade*]. O próprio termo "liberdade" é redefinido para passar a significar algo como "liberdade para agir dentro dos parâmetros estritos que são impostos". Liberdade de expressão ou de auto-defesa tornam-se *negativos*, e são substituídos por coisas como liberdade para impor o meu egoísmo ao próximo, liberdade para abortar um bebé ou, aquela mais hegeliana de todas as falsas "liberdades", liberdade para servir o sistema.

~~Geração de riqueza~~ / Sustentabilidade, emiseração. Desenvolvimento económico, geração de riqueza, são equacionados com capitalismo (redefinido como o diabo, por fundações hipercapitalistas), chauvinismo e patriarcalismo, atacados enquanto tal. A prioridade já não é a de obter melhores condições de vida para a geração actual e para as gerações futuras; agora é a de assegurar o ***grau mínimo de desenvolvimento que sustenta (é sustentável) para a continuidade de alguma forma de organização sócio-económica***.

~~Condições, direitos laborais~~ / HR management for social stability. O assegurar de condições e de direitos laborais torna-se inteiramente irrelevante. Sob pós-modernismo, é *bom* quando a economia produtiva é lentamente desmantelada; a grande preocupação passa a ser apenas, qual o tipo de ***organização laboral que, sendo mínima e miserabilista*** é, porém, passível de assegurar alguma forma de estabilidade social.

~~Valores humanos~~ / Despotismo, dialéctica mestre-escravo, falsidade. Valores *humanos* deixam de ser relevantes; tornam-se, com efeito, negativos. Sob a mentalidade autoritária, todos os significados são plásticos e invertíveis (a Escola de Frankfurt definida em onze palavras), significando que aquilo que é bom passa a ser mau e, aquilo que é mau passa a ser bom. O *ethos* é aqui o de dominação, dominar ou ser dominado, magoar ou ser magoado, escravizar ou ser escravizado. É também um *ethos* de falsidade, de mentira crua, auto e hetero-contada, que subjaz à dinâmica de inversão de significados ("desigualdade" é "igualdade", "despotismo" é "liberdade", "injustiça" é "justiça", etc.).

Uma smart story pós-moderna, com uma jovem e desnorteada culture victim.

Susan e Elizabeth reviram-se nas sepulturas. Longe vão os tempos de Susan Anthony e Elizabeth Stanton, que publicavam contra Wall Street, protestavam a degradação da sociedade pela introdução de narcotráfico gerido pelos bancos e, tratavam aborto pelo que é; infanticídio e um crime (e o que é que estas senhoras sabiam; simplesmente foram as grandes impulsionadoras do movimento feminista numa altura em que essa ainda era uma tarefa extremamente complicada). Hoje em dia, Susan e Elizabeth rebolam nas suas sepulturas, pobres senhoras, enquanto assistem ao espectáculo decadente de servilismo pró-bancário, cínica e gelidamente abraçado pelo feminismo radical.

Coerção, irracionalismo, mindlessness, consensualidade. A bisneta da sua geração, se for uma feminista radical, está doutrinada em *nonsense* marcusiano, o que significa que luta pela imposição autoritária e violenta de pontos de vista a toda a sociedade. Entre esses pontos de vista, estão coisas que teriam aterrorizado as gerações anteriores de feministas, como sejam a "afirmação positiva" de aborto e prostituição como veículos de emancipação feminina. Esta bisneta cresceu à base de filmes de má qualidade e T-groups. É nos T-groups, da escola primária à associação de bairro, que foi habituada a abdicar dos seus próprios valores, crenças e pontos de vista, despersonalizada, em nome de consenso coercivo com o grupo. Isto significa que nunca adquiriu o hábito de pensar por si mesma, algo que, com efeito, teme e evita. Foi cultivada em mediocridade intelectual, habituada a pensar por *slogans* emocionais socialmente aceitáveis (i.e. irracionalismo sócio-emocional por oposição a pensamento racional). É aí que obteve a sua visão do mundo: fácil, standard, linear, socialmente partilhada. Em nenhum tópico vai, ou quer ir, ao fundo da questão. A falta de hábito em tal tipo de exercício é complementada pelo medo, sempre presente, de encontrar algo que não quer ver; algo que poria em causa a visão fácil do mundo. Perante qualquer elemento contraditório ou problemático, assumirá rapidamente a face da "teenie" inconsciente ao estilo *manga*/*anime*; por outras palavras, *mindlessness* com um sorriso e uma piada; ou, no reverso da medalha, uma explosão emocional violenta de negação. A sua actividade mental é cuidadosamente alinhada com aquilo que está *in* nos millieus sociais onde se move. É, portanto, uma pessoa facilmente adaptável e maleável a qualquer contexto, lugar, ou ambiente colectivo; sabe moldar o seu *rapport* para apresentar aquilo que sabe que os outros querem ver e espera que os outros façam o mesmo. A vida é uma grande farsa teatral, sem um pingo de personalidade própria.

Eugenia, prostituição, narcotráfico, pedofilia. A bisneta foi, claro, habilmente persuadida por misantropos virulentos a abraçar a degradação voluntária da condição feminina a níveis pré II Guerra. Como tal, imagina que esterilização, aborto e eutanásia são as grandes fronteiras da libertação humana. Prostituição, narcotráfico legalizado e pedofilia vêm, claro, logo a seguir. É muito importante asseverar que o "corpo é da pessoa, a decisão é da pessoa": isso legitima o aborto/infanticídio de bebés (que, na

verdade, são organismos independentes, mas isso não é contabilizado); mas também a ideia de que uma criança pode optar por assentir a ser violada por um qualquer porco sujo que a consiga persuadir a isso [é claro que este tipo de desprendimento moral e epistemológico perante horrores se aplica geralmente a terceiros].

Sustentabilidade Global, change agents, e o bossman do banco de investimento. Porém, essas ainda não são as *final frontiers*. Ainda existe a adopção voluntária (mais ou menos obrigatória, mas voluntária) de pobreza e miserabilismo, sob Sustentabilidade Global; nos outros, não para si mesma, claro. Este é um momento feliz da sua vida, um no qual concretizou o sonho de promover tudo isto, numa grande ONG transnacional. Tem um bom salário, equipas de *trainees* e *volunteers*, e é um ambiente dinâmico no qual toda a gente se ri muito, fala de vacuidades, geralmente sobre o quão fixe é ser um *change agent* para harmonia global. Na verdade, ninguém gosta do ambiente, ou sequer acredita nas platitudes imbecis que papagueia, mas é um facto que teatro faz parte dos *change agent intensive training courses*, so what the heck. Os salários e as despesas extraordinárias (existem bastantes) são pagas pelo *bossman* do banco de investimento. Mudança global, um derivativo de cada vez.

Economia social, "serviço voluntário obrigatório" e as crianças do mundo. Mudança global exige solidariedade global e isso exige economia social. Economia social implica serviço voluntário obrigatório, em prol da comunidade. Existe quem aponte que isso é pura e simples escravatura. Tais pessoas são, só podem ser, óbvias reaccionárias; inimigas das crianças do mundo. É em nome das crianças do mundo que estas mesmas crianças do mundo têm de crescer para não ter opção de carreira a não ser trabalho comunitário obrigatório; em troca de uma lata de soja modificada por dia.

HR lifelong monitoring and training for social harmonization. Ajudar as crianças do mundo implica abortar algumas delas, e seguir todas as outras, ao longo da vida – *HR lifelong monitoring and training for social harmonization*. Todo o programa é conduzido pelo banco de investimento do *bossman*, em parceria público/privada com o governo local, e a ONG faz bastante bom trabalho, trabalho colorido, nesta área. Sacos azuis, operações negras, por pessoas vermelhas, em nome de banqueiros amarelos (a cor do ouro, e também do fascismo). Isto é o que acontece no mundo colorido da *age of the rainbow*, o *benetton planet*.

On the job, flexibilidade e imprevisibilidade (aventura!). O ambiente *on the job* é bastante flexível e desprendido. Coisas arcaicas e limitativas, como sejam empregos efectivos, contratos de trabalho, sindicalização, bons salários, nenhuma destas coisas ficou. Agora existe a gincana de *bonding* e, claro, o contrato psicológico, que é muito mais *groovy* e, até, agradavelmente imprevisível. Todos os valores arcaicos, reaccionários até (contratos, sindicatos, etc), são agora vistos com a mais fria indiferença. Um sindicato não é uma coisa sexy, ou intrinsecamente apelativa. É uma estrutura chata e monótona; nada como a rede auto-organizada e dinâmica da era pós-produtiva.

“Get a boobjob to keep your job” – “Flex it like your wonderbra”. Também *on the job*, esta bisneta usa calças de licra estudiosamente ajustadas às curvas do rabo, um apelativo top decotado saltita sugestivamente a cada passo de salto alto, enquanto a moça sorri e cantarola entre piscares de olhos e, claro, ensaia trejeitos provocadores a cada revirar de ancas. Tudo isto contribui para fazer desta moça uma companhia bastante agradável e, claro, um espectáculo bastante apelativo. É porém lamentável que tudo isto tenha sido tornado um *job requirement*; uma parte integrante de flexibilização psicológica em *HR management*. Da empregada pós-moderna, não é necessariamente esperado que saiba o que está a fazer; é esperado que tenha o *style* certo, a *groove* certa. É esperado que seja naturalmente apelativa e sedutora e, com efeito, que saiba objectificar o seu corpo *apenas na medida exacta* que lhe permita obter a promoção, cativar o cliente, e estabelecer *rapports* animados com *strategic partners*. Tudo isto contribui para um gabinete jovem, dinâmico, tão flexível e bamboleante como as curvas do wonderbra; em última análise, é um vector preferencial na promoção de *psychological health in the work environment*.

A bisavó reconheceria aqui o pré-estatuto da slave girl da plantação. A mãe desta mulher, que fazia questão de nem sequer rapar as axilas, ficaria chocada e chamaria a esta moçoila, “*slut*”. Mas as gerações anteriores, essas sim poderiam ficar verdadeiramente horrorizadas, ao reconhecerem em tudo isto o retorno ao standard da plantação. A bisneta começa a assemelhar-se à *slave girl* favorita do *bossman*. Para isso, tudo o que falta é uma mini-saia em motivos tropicais alegres e uma posição em serviço voluntário obrigatório no gineceu do campo – o bordel local.

Racionalizações, tit for tat, o choque de Susan e Elizabeth. A bisneta não se importa. Esta é uma daquelas “*danger areas*”, a ser evitada a todo o custo e, desconfirmada com um sorriso e uma racionalização fácil. Afinal, ser *slutty on the job* é um direito da mulher moderna, ou não? Objectificação sexual já não é uma questão. Pelo contrário, pode ser usada como uma arma! --- desde que tuuuudo seja feito em puro, delicioso, glamouroso cinismo, manipulação *vamp bitch* --- aí está tudo bem!, pensa esta tonta rapariga. Esta mentalidade é expandida aos momentos nos quais têm *mesmo* de haver favores sexuais; esta ou aquela recompensa social oblige. A feminista radical argumentará que isso é bom, desde que a pessoa ganhe qualquer coisa com isso – uma forma ambígua, dúplice de *tit for tat*; a filosofia do prisioneiro. “*Eu odeio-te e manipulo-te e tu odeias-me e manipulas-me, mas ambos ganhamos com isso*”. Susan Anthony e Elizabeth Stanton ficariam chocadas com o irracionalismo, a ignorância histórica e o nível de degeneração moral desta jovem empreendedora.

Tit for tat é radicado em psicoticismo, difundido por meio de pós-estruturalismo. O funcionamento *doublebind* expresso atrás é uma consequência de despersonalização e degradação sob culturologia pós-moderna (os pontos debatidos mais atrás). Quem cresce num ambiente cultural alicerçado em desestruturação e nihilismo pode ser induzido a interiorizar esses predicados pelas mais variadas formas (pressão e osmos social, indução de trauma, etc.). É claro que existe *sempre* uma opção individual de escolha. A pessoa que interioriza nihilismo desestruturante pós-moderno interioriza

também o núcleo central desse nihilismo para a sua vida intrapsíquica, e isso é dissociativismo dialéctico. Em essência, esta pessoa funciona de modo ambivalente, ambíguo e incoerente – *doublebind.* Aproximação coincide com afastamento, paixão com agressão, luxúria com violência, lascívia com destruição. O funcionamento é em si odiado e temido, ao mesmo tempo que é adorado e preservado a todo o custo [*Em psicoterapia (ou outros contextos), o que acontece é que a pessoa procura ajuda para sair deste funcionamento, ao mesmo tempo que o salvaguarda com uma fortaleza impenetrável, armadilhas e barreiras defensivas a toda a volta – a pessoa quer resolver a sua ambivalência; mas, em bom registo ambivalente, "matará" quem quer que tente fazer isso, o que se inclui a ela mesma*]. Amor-ódio. A pessoa odeia-se e ama-se a si mesma e, abraça-se enquanto se precipita no seu próprio abismo pessoal. Algo como um escorpião que ataca tudo em redor, enquanto se pica e se envenena a si mesmo, numa dinâmica de auto e hetero destruição. Depois, a pessoa procura reproduzir esse funcionamento no mundo exterior, onde *espera* tratar e ser tratada desta forma. É um pedido mas também é um comando. Ou seja, a libertação de impulsos de relação com o mundo exterior é feita em registo igualmente ambivalente (por persuasão e por coerção), não existindo um patamar estável e coerente de equilíbrio, situado acima da ambivalência. A dinâmica social que aqui se gera é aquela que foi esperada pelas fundações que difundiram esta dissociatividade intrapsíquica na forma de anti-cultura pós-modernista: destrutividade universal. Uma *gestalt* que pode aqui ser concebida, a título de exemplo imagético, é uma na qual todos acariciam e abraçam o seu próximo com uma mão, enquanto lhe dão um tiro na cabeça com a outra. Como foi dito, o funcionamento *doublebind* está radicado em dissociativismo intrapsíquico, a raiz de psicoticismo. Isto não quer dizer que a pessoa em doublebind seja psicótica; apenas que reúne as pré-condições intrapsíquicas para tal, tem um registo mental e comportamental psicoticizado e, está bem no caminho para psicose plena. Nunca é demais realçar que a difusão deste tipo de registo mental e comportamental é inacreditavelmente penosa, dolorosa e destrutiva, tanto para o indivíduo como para a sociedade em geral. Nem um nem o outro podem sobreviver a este mecanismo de auto e hetero tanatização. A vida que persiste (quando persiste), no individual e no societal, torna-se ela própria um grande exercício *doublebind*, uma procura constante por conforto num mundo de sombras, ilusões e expectativas traídas. Conforto torna-se concomitante com mágoa e, mágoa torna-se a regra universal. A sociedade, tal como o indivíduo, explode em auto-acariciamento e masturbação, enquanto se precipita no abismo da sua própria implosão.

<u>A racionalização romântica e teológica de psicoticismo, no culto a Dionísio</u>. Estes fenómenos têm sempre correlatos ao nível de racionalização romântica e, até, teológica. É aqui que a bisneta conduz o seu *smart* para o seu igualmente *smart*, pequeno, *social meeting place*, para se encontrar com as outras bisnetas para prestar culto ao velho falso "deus" Dionísio. Esta personagem é uma sublimação teologizada de dissociativismo intrapsíquico, também conhecida como Tamuz, Moloch, Baco, Eros, Tanatos, etc. Este é um "deus" de múltiplas faces, sendo que nenhuma delas é verdadeira. Muitas delas são masculinas, muitas outras são femininas; é o "deus" das mil caras e a "deusa" das mil caras. Existe e propaga-se universalmente, como gestalt teológica, na proporção

exacta em que as culturas humanas adoptem a sublimação religiosa de psicoticismo. O "deus" expressa-se sempre por dialécticas contextuais. A bisneta e as suas amigas adoram Dionísio na sua valência dialéctica Eros/Tanatos. Dionísio é o "deus" do prazer e do inebriamento, irrestritos por quaisquer considerações morais; aqui, é Eros. A prossecução de prazer e inebriamento sem quaisquer considerações morais conduzem sempre a auto e hetero destruição; Tanatos. Sob Eros e Tanatos, paixão coincide com morte, entrega masoquista com subjugação sádica, luxúria extrema com agressão extrema. O que todo este *nonsense* expressa é, claro, a ausência de equilíbrio interno num patamar de consistência e construtividade. Com efeito, não existe nem consistência, nem construtividade – apenas inconsistência ambivalente e destrutividade. O(a) crente é-o porque opera segundo o funcionamento dialéctico que subjaz à necessidade de expressar impulsos destrutivos. O espaço de crença dá-lhe a oportunidade de sublimar e dar alguma forma de sentido (frequentemente avaliado como "racional") a este tipo de funcionamento, pela disponibilização de um *rationale* teológico e filosófico. Os valores e as crenças implícitas a este *rationale* validam, naturalmente, o *pathos*. O espaço de crença também lhe oferece a obtenção de validação para este tipo de funcionamento. É no círculo colectivo que obtém essa validação, por reforço social mútuo. O que obtemos é algo na linha de um T-group de reforço para pessoas instáveis e destrutivas, psicoticizadas. O produto de tudo isto é, claro, o agravar do *pathos*, tornado grupal no círculo. Esse *pathos* grupal é, por natureza, radicado na *gestalt* comummente partilhada da teologia e das práticas que lhe são implícitas. É inevitável que essas práticas sejam expressões de destrutividade. Estamos aqui ao nível da ritualização do *pathos* e da concertação grupal de destrutividade. Este é um processo dialéctico. A vitalidade é exercida com base em *doublebind*, inebriada em morte, mas essa vitalidade é, ela própria, uma proposição de uma dialéctica superior, entre vitalidade (Eros) e destruição (Tanatos). Quando vitalidade significa inebriamento em morte, então que pode a vitalidade esperar senão ser ela própria inebriada de morte na sua própria destruição? O resultado inevitável é a destruição total e completa da vitalidade em si; da vida, individual e colectiva. Com efeito, a generalização deste irracionalismo mental (dialéctica, psicoticismo) e do comportamento destrutivo que lhe está associado expressa-se no dia em que "*haverá entre eles um pânico terrível provocado pelo Senhor: cada um pegará a mão de seu companheiro e eles levantarão a mão um contra o outro*". Esta passagem fala da sociedade dialéctica, condenada a afagar-se enquanto se suicida. E é isso que acontece do macro para o micro, do societal para o individual. Com efeito, esse dia já está a acontecer; resulta em destruição total. A resolução para tudo isto, o ponto de equilíbrio que resolve e sara todas as feridas é, claro, Yeshua, o filho do Deus eterno.

FERRI – Ciência burguesa, uma doença – Positivismo é socialismo.

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Ciência burguesa é uma doença.

Ferri lamenta que existam diversos campos científicos, "ciência burguesa". Cada qual «*following their subjective tendencies… it is still in the period of scientific analysis and not yet in that of synthesis… we are... in the period of social life... "the age of discussion," and we already observe... the creaking of the politico-social floor... The disappearance of the bourgeois class and science... will have as a consequence the triumph of social justice for the whole of humanity, without distinction of classes, and the triumph of truth in its final consequences without reservations*» – Enrico Ferri, "Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx". English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Socialismo é positivismo.

Socialismo sentimental versus socialismo científico marxiano. «*Socialism... was only a few years ago at the mercy of the deep-rooted but undisciplined fluctuations of humanitarian sentimentalism... sentimental socialism... socialism before Karl Marx was only the sentimental expression of a humanitarianism...*»

Socialismo científico é ciência positiva. «*Socialism... found in the work of Marx and of those who developed and completed it, its scientific and social guide... Scientific socialism... is in complete accord with positive modern science...*»

Ciência positiva é socialista até ao ultimo grau. «*...positive science, which denies the free will of man and sees in human activity, individual and collective, a necessary effect, determined at the same time by conditions of race and environment... Crime, suicide, madness, misery, are not the fruit of free will, of the individual fault, as metaphysical spiritualism believes... All social phenomena are the necessary resultants of historic conditions and of environment*» – Enrico Ferri, "Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx". English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

GENERATION GAP – Totalitarismo – Escola, pares, média.

Família (F) – Crianças são propriedade social – Sociedade escolhe pais.

Pais não têm direitos sobre filhos – mas sim sociedade (Moreno). «*Just as the creators of works, parents have no right upon their offspring except a psychological right. Literally, the children belong to universality… A creator, as soon as his work has emanated from him, has no right to it any longer except a psychological right. He had all rights upon it as long as it was growing in him but he has forfeited these as soon as it is gone out of him and becomes a part of the world. It belongs to universality…*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

Sociedade escolhe pais (Moreno). «*We propose, therefore, the specialization of the notion of parenthood into two distinct and different functions — the biological parent and the social parent. They may come together in one individual or they may not*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

Higienistas mentais escolhem pais para crianças (Remmers). «*...child development experts [mental hygienists] have discovered… the most important step in producing a mentally healthy child is to select for him parents who are emotionally mature and grown up, who love each other…*» – Hermann Henry Remmers, Nathaniel Lees Gage (1943, 1955). "Educational measurement and evaluation". Harper.

Família (F) – Destruir família para totalitarismo.

Regime totalitário tem de destruir família – **generation gap** (Bennis & Slater).

Isolar criança, torná-la "**superior**", tornar pais obsoletos e **irrelevantes** (Bennis & Slater).

[*Warren Bennis expõe a real agenda, num livro... Qualquer regime com pretensões totalitárias tem de montar um ataque rápido e devastador sobre a família – um ataque rápido, blitzkrieg – e quais são as marcas deste ataque? São...*]

«*…in order to effect rapid changes, any such centralized regime [regimes totalitários] must mount a vigorous attack on the family lest the traditions of present generations be preserved. It is necessary, in other words, artificially to create an experiential chasm between parents and children to insulate the latter in order that they can more easily be indoctrinated with new ideas. The desire may be to cause an even more total submission to the state, but if one wishes to mold children in order to achieve some future goal, one*

must begin to view them as superior, inasmuch as they are closer to this future goal. One must teach them not to respect their tradition-bound elders, who are tied to the past and know only what is irrelevant» Warren G. Bennis & Philip Elliot Slater (1968). "The temporary society". Harper & Row.

URSS e Alemanha nazi – **Doutrinação de novas gerações** (Brookover). «*An examination of the role of education in the revolutionary processes in Hitlerian Germany and Soviet Russia demonstrates that a new controlling group can use the educational system to advantage in bringing about the changes it desires. This illustrates the effectiveness of the educational system in indoctrinating the youth with a desire for the type of society wanted by those in control… To do this they must persist in the maintenance of a new system of power long enough for controlling interests to be thoroughly indoctrinated in the new social system*» Wilbur B. Brookover (1955), "A Sociology of Education". American Book Co.

Usar isto no "sistema democrático" (Brookover). No sistema "democrático", os líderes têm de ter competências de relações humanas, para aplicação na gestão de diferenças individuais, e desenvolvimento de sinergias para o visionamento e obtenção de objectivos comuns. Esta seria uma liderança baseada em "libertação", em vez de "dominação".

Família (F) – Entidade ultrapassada, vai desaparecer.

Família economicamente inútil e irrelevante (Coleman). «*…the family has little to offer the child in the way of training for his place in the community. The family becomes less and less an economic unit in society…*» – James Samuel Coleman (1961). "The adolescent society: the social life of the teenager and its impact on education". Free Press of Glencoe.

A família está a mudar e pode desaparecer (Dressel). «*...can [the student] accept the fact that the traditional family might be changing and might possibly disappear?*» – Paul Leroy Dressel et al (1971). "General education: explorations in evaluation". American Council on Education, Greenwood Press.

Família (F) – Usar escola – Tornar pais irrelevantes (Adorno).

Tornar pais irrelevantes (Adorno). «*Few parents can be expected to persist for long in educating their children for a society that does not exist, or even in orienting themselves toward goals which they share only with a minority*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Dissociar a criança da influência parental (Adorno). «*Confronted with the rigidity of the adult ethnocentrist, one turns naturally to the question of whether the prospects for*

healthy personality structure would not be greater if the proper influences were brought to bear earlier in the individual's life, and since the earlier the influence the more profound it will be, attention becomes focused upon child training… the effects of environmental forces in moulding the personality are, in general, the more profound the earlier in the life history of the individual they are brought to bear… The subject's conception of the parent figures could reveal, among other things, whether the picture was dominated by the authoritarian aspects of the parent-child relationship or by a more democratic type of relationship… the ability of the subject to appraise his parents objectively… as contrasted with an inclination to put the parents on a very high plane…» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Família (F) – Usar grupo de pares, média.

Grupo de pares, média, vida institucional sobrepõem-se à [economicamente inútil] família (Coleman). «*…the weakening of family power… and the children are ensconced more and more in institutions… Mass media, and an ever-increasing range of personal experiences, gives an adolescent social sophistication at an early age, making him unfit for the obedient role of the child in the family… One consequence of the increasing social liberation of adolescents is the increasing inability of parents to enforce norms—about hours at night, conditions of dating, etc.— constraining their teen-agers' behavior… then, of this shift from traditional middle- class constraint to modern middle-class concern with social skills and self-assurance is a greater and greater tendency for the adolescent community to disregard adult dictates... to consider itself no longer subject to demands of parents and teachers, and to pay less and less attention to the prescribed scholastic "exercises"*» – James Samuel Coleman (1961). "The adolescent society: the social life of the teenager and its impact on education". Free Press of Glencoe.

Adultos deixam de ser relevantes, face a grupo de pares e média. Os adultos deixam de ter o poder das «*meaningful social rewards... approval and disapproval*». Agora, esses elementos são providenciados pelo grupo de pares e pelos média.

Bloquear autoridade parental com grupo de pares ("reeducação") – Benne. «*Part of the dialectic of the process of winning independence from parental authority lies in using the extrafamilial peer group as a foil to parental authority, particularly in the period of adolescence*» – L.P. Bradford, Gibb, K. Benne (1967). "T-Group Theory and Laboratory Method: Innovation in Re-education". Wiley.

HABERMAS, WHEAT – Humanismo secular.

Humanismo secular – Homem é deus, Socialismo é salvação (Habermas, Wheat).

Cristãos têm de aceitar homem como deus, salvação terrena (Wheat). «*[Tillich] is telling those Christians who can hear that they can accept humanism without relinquishing Christianity if they will accept man as the true meaning of God… Humanism asserts that the tests of human conduct must be found in human experience, not in superhuman ordinances; concern for man replaces concern about pleasing God. Loosely speaking, the humanist elevates man to the rank of God… His idea of salvation is not "escaping from hell and being received in heaven, in what is badly called 'the life hereafter.'" Rather, Tillichian salvation is a symbol, a symbol for becoming ultimately concerned about humanity… The answer to man's predicament lies in the realization by individual men that all men are essentially one and that the one is God. This self-realization, or self-recognition, is a "return" to union: potential becomes actual… our "sin" is the estrangement of man from man — the "plight" that accompanied man when he was "created.") Without sins to be forgiven, the parallel doctrines of divine forgiveness and divine grace are naturally in jeopardy*» – Leonard F. Wheat (1970). Paul Tillich's Dialectical Humanism: Unmasking the God above God. Johns Hopkins Press.

Salvação terrena é socialismo (Habermas). «*Secular ways of speaking that simply eliminate that which was once intended leave confusion behind. When sin turned into guilt, something was lost. Because with the desire for forgiveness there is still the unsentimental desire to have the suffering inflicted on someone else not to have happened. We are truly unsettled by the irreversibility of any suffering that has been caused - that injustice to those innocents who have been mistreated, degraded and murdered, that goes beyond any measure of restitution within the power of man. The lost hope of resurrection leaves behind a perceptible vacuum*» (Jurgen Habermas accepting the Peace Prize of the German Publishers and Booksellers Association, 53rd Frankfurter Book Fair, Frankfurt, Germany, 15 October 2001)

Moral: Sem Deus, dissipa-se – défice motivacional moral (Habermas).

Sem Deus, comandos morais perdem fundação metafísica e religiosa. «*I began with the question of whether the cognitive content of a morality of equal respect and solidaristic responsibility for everybody can still be justified after the collapse of its religious foundation… First, we must clarify how much of the original intuitions a discourse ethics salvages in the disenchanted universe of post-metaphysical justification and in what sense one can still speak of the cognitive validity of moral judgments and positions… With the devaluation of the epistemic authority of the God's eye view, moral*

commands lose their religious as well as their metaphysical foundation. This development also has implications for discourse ethics… it [can not] represent the validity of moral norms in realist terms» – Jürgen Habermas (1998). Communicative Ethics". In The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory. MIT Press.

<u>Os conceitos morais diferenciam-se da concepção de uma vida boa</u>. «*...moral practice is no longer tied to the individual's expectation of salvation and an exemplary conduct of life through the person of a redemptive God… the concept of morally right action becomes differentiated from the conception of a good or godly life*» – Jürgen Habermas (1998). Communicative Ethics". In The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory. MIT Press.

<u>Motivação moral dissipa-se e perde-se</u>. «*...moral knowledge becomes detached from moral motivation… uncoupling morality from questions of the good life leads to a motivational deficit. Because there is no profane substitute for the hope of personal salvation, we lose the strongest motive for obeying moral commands… Discourse ethics intensifies the intellectualistic separation of moral judgment from action even further by locating the moral point of view in rational discourse… Certainly, moral judgments tell us what we should do, and good reasons affect our will; this is shown by the bad conscience that "plagues" us when we act against our better judgment. But the problem of weakness of will also shows that moral insight is based on the weak force of epistemic reasons and, in contrast with pragmatic reasons, does not itself constitute a rational motive. When we know what it is morally right for us to do, we know that there are no good (epistemic) reasons to act otherwise. But that does not mean that other motives will not prevail*» – Jürgen Habermas (1998). Communicative Ethics". In The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory. MIT Press.

Moral: Verdades morais e factos substituídos por opiniões (Habermas).

<u>Verdades morais e factos são inaceitáveis – só existem opiniões</u>. «*...moral commands were previously justified in a metaphysical fashion as elements of a rationally ordered world. As long as the cognitive content of morality could be expressed in assertoric statements, moral judgments could be viewed as true or false. But if moral realism can no longer be defended by appealing to a creationist metaphysics and to natural law (or their surrogates), the validity of moral statements can no longer be assimilated to the truth of assertoric statements… The latter state how things are in the world; the former state what we should do. If one assumes that, in general, sentences can be valid only in the sense of being "true" or "false" and further that "truth" is to be understood as correspondence between sentences and facts, then every validity claim that is raised for a nondescriptive sentence necessarily appears problematic. In fact, modern moral scepticism is based on the thesis that normative statements cannot be true or false, and hence cannot be justified, because there is no moral order, no such things as moral objects or facts*» – Jürgen Habermas (1998). Communicative Ethics". In The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory. MIT Press.

Monopólio da linguagem secular. Um argumento só é válido se for secular e situacional [ver ponto abaixo]. Uma linguagem meramente secular, de necessidades sensuais, tem de obter o monopólio da expressão no consciente. Esse é o pré-requisito para o colapso da fundação religiosa e para a ascensão de uma moralidade humanística.

Linguagem religiosa proibida em praça pública. «*The reverse side of religious freedom is indeed a pacifying of the ideological pluralism which proved to be unevenly problematical in itself. Hitherto, the liberal State has only expected the believers among its citizens to split their identity as it were into public and private elements. It is they who must translate their religious convictions into a secular language before their arguments have any prospect of finding the agreement of majorities*» (Jurgen Habermas accepting the Peace Prize of the German Publishers and Booksellers Association, 53rd Frankfurter Book Fair, Frankfurt, Germany, 15 October 2001)

Moral: Kant e o imperativo categórico – Consenso, incesto (Habermas).

Consenso por inquérito significa incesto. Consenso por inquérito significa que os filhos, irmãos [o grupo] mata a figura paternal [verdade, factos, leis], e viola a mãe [sociedade, meio, natureza] em plena liberdade, estabelecendo uma nova ordem familiar colectiva [novas regras, deliberações, critérios de verdade e facto].

Kant e o imperativo categórico alvejam Deus. «*Kant did not want the categorical 'should' to disappear in the maelstrom of self-interest. He extended arbitrary freedom to autonomy, and with it gave the first great example for what is indeed a secularising but at the same time a saving deconstruction of religious truths. In Kant, the authority of God's commandments finds an unmistakable echo in the unconditional worth of moral duties. With his concept of autonomy it is true that he destroys the traditional idea of being children of God…*» (Jurgen Habermas accepting the Peace Prize of the German Publishers and Booksellers Association, 53rd Frankfurter Book Fair, Frankfurt, Germany, 15 October 2001)

Imperativo categórico Kantiano dá autoridade moral a pessoa e grupo – Consenso. «*It is no accident that the categorical imperative… creates the impression that each individual could undertake the required test of norms for himself **in foro interno**. But in fact the… universalisation test calls for a form of deliberation in which each participant is compelled to adopt the perspective of all others in order to examine whether a norm could be willed by all **from the perspective of each person**. This is the situation of a **rational discourse** oriented to reaching understanding in which all those concerned participate. This idea of a discursively produced understanding also imposes a greater burden of justification on the isolated judging subject than would a monologically applied universalisation test… Kant… tacitly assumes that in making moral judgments each individual can project himself into the situation of everyone else **through his own imagination**… But when the participants can no longer rely on a transcendental pre-understanding grounded in more or less homogeneous conditions of life and interests,*

the moral point of view can only be realised under conditions of communication that ensure that ***everyone*** *tests the acceptability of a norm, implemented in a general practice, also from the perspective of his own understanding of himself and of the world… in this way the categorical imperative receives a discourse-theoretical interpretation in which its place is taken by the discourse principle, according to which only those norms can claim validity that could meet with the agreement of all those concerned in their capacity as participants in a practical discourse… Discourse ethics… does not… reduce morality to equal treatment; rather, it takes account of both the aspects of justice and that of solidarity. A discursive agreement depends… on the non-substitutable "yes" or "no" responses of each individual and on* ***overcoming the egocentric perspective****, something that all participants are constrained to do by an argumentative practice designed to* ***produce agreement of an epistemic kind****… the pragmatic features of discourse make possible an insightful* ***process of opinion- and will-formation…*** *toward reaching understanding in a trans-subjective attitude… The shift in perspective from God to human beings has a further consequence. "Validity" now signifies that moral norms could win the agreement of all concerned, on the condition that they jointly examine in practical discourse whether a corresponding practice is in the equal interest of all*» – Jürgen Habermas (1998). Communicative Ethics". In The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory. MIT Press.

HARMAN – Nova epistemologia, circular e orgânica.

Willis Harman – Nova epistemologia, circular e orgânica.

Usar a lógica para destruir a lógica.

Sair de um paradigma baseado em teste empírico e passar para um baseado em feelings e sensibilidade espiritual.

"Esta transição é a concretização da ciência positiva, como Bergson disse".

"A new worldview, trans-modern".

"Shift in the locus of authority from external to inner knowing".

"Trusts perceptions of wholeness and spiritual aspect of systems, Gaia and Cosmos".

"The modern worldview is based on Western science which, in terms of its goals is amazingly successful. Nevertheless, it is an artifact of Western culture".

"Consciousness, selective attention, intuition, creativity, spiritual sensibility".

"We have two ways of contacting Reality, the physical senses and deep intuition".

Aspectos essenciais do processo científico, como previsão, controlo, racionalidade, abertura a provas empíricas, são relíquias ultrapassadas de um mundo competitivo.

Destruir a ideia de causalidade – "There really is no causality – only a Whole evolving".

"Prediction and control are not the only criteria to judge knowledge as scientific".

«*...emergence of a new worldview... a trans-modern picture of reality differing both from the scientific worldview and the traditional religious worldview. This emerging trans-modern worldview, involves a shift in the locus of authority from external to "inner knowing." It has basically turned away from the older scientific view that ultimate reality is "fundamental particles," and trusts perceptions of the wholeness and spiritual aspect of organisms, ecosystems, Gaia and Cosmos. This implies a spiritual reality, and ultimate trust in the authority of the whole. It amounts to a reconciliation of scientific inquiry with the "perennial wisdom" at the core of the world's spiritual traditions. It continues to involve a confidence in scientific inquiry, but an inquiry whose metaphysical base has shifted from the reductionist, objectivist, positivist base of 19th- and 20th-century science to a more holistic and transcendental metaphysical foundation. The modern worldview is based on Western science which, in terms of its goals of prediction, control, and generation of manipulative technologies, is amazingly successful. Nevertheless, it is an artifact of Western culture and it does have its*

limitations. The core of the current challenge to the scientific worldview can be taken to be "consciousness," which has come to be a code word for a wide range of human experience, including conscious awareness or subjectivity, intentionality, selective attention, intuition, creativity, relationship of mind to healing, spiritual sensibility, and a range of anomalous experience and phenomena… The critical epistemological issue is whether we humans have basically one way of contacting Reality (namely, through the physical senses) or two (the second being the deep intuition)»

Aspectos essenciais do processo científico, como «*placing unusual value on the ability to predict and control… "rational thinking," openness to challenging evidence*» são relíquias ultrapassadas «*of a world dominated by competition*»

«*In his Introduction to Metaphysics the eminent French philosopher Henri Bergson said of the "much desired union of science and metaphysics" that it would "lead the positive sciences, properly so-called, to become conscious of their true scope, often far greater than they imagine." The time may have arrived for realization of that dream*»

«*The epistemology we seek will recognize the partial nature of all scientific concepts of causality… For example, the "upward causation" of physiomotor action resulting from a brain state does not necessarily invalidate the "downward causation" implied in the subjective feeling of volition.) In other words, it will implicitly question the assumption that a nomothetic science – one characterized by inviolable "scientific laws" – can in the end adequately deal with causality. In some ultimate sense, there really is no causality – only a Whole evolving. It will also recognize that prediction and control are not the only criteria by which to judge knowledge as scientific… Truth is not that which is demonstrable. Truth is that which is ineluctable. Here we find that the unquestioned authority of the objective and detached observer is challenged. In particular, the double-blind controlled experiment, considered the gold standard of clinical research, is thrown deeply into question if the consciousness of the experimenter or the clinician is causal… An engaged epistemology will involve recognition of the inescapable role of the personal characteristics of the observer, including the processes and contents of the unconscious mind. The corollary follows, that to be a competent investigator, the researcher must be willing to risk being profoundly changed through the process of exploration. Because of this potential transformation of observers, an epistemology which is acceptable now to the scientific community, may in time have to be replaced by another, more satisfactory new criteria, for which it has laid the intellectual and experiential foundations*»

Willis Harman, "*Bringing About the Transition to Sustainable Peace*", First International Electronic Seminar on Wholeness, International Society for the Systems Sciences (ISSS), Budapest, September 1996.

Heidegger – Nazismo.

Reitor de Freiburg e militante NSDAP (1933-45). Heidegger tornou-se um militante do Partido Nazi a 1 de Maio de 1933 e permaneceu como membro até à derrota da Alemanha Nazi, em Maio de 1945. Nesta altura, Heidegger tinha acabado de ser eleito reitor da Universidade de Freiburgo (a 21 de Abril de 1933). Demitiu-se do reitorado em Abril de 1934.

Denuncia e despromove não-Nazis. Despromoveu não-nazis, na universidade, e foi um informante para a Gestapo. Nomeadamente, conseguiu despedir o Professor Staudinger sem pensão (pediu isto, especificamente) e também denunciou o seu antigo amigo Eduard Baumgarten, que era professor da Universidade de Göttingen.

É preterido a favor dos racialistas Bäumler e Rosenberg. De acordo com o historiador Richard J. Evans [Richard J. Evans (2003), The Coming of the Third Reich, Penguin Books, p.421-422], em 1934 era dito em Berlim que Heidegger se tinha afirmado como "o filósofo do Nacional-Socialismo". Mas para os restantes filósofos e académicos do NSDAP, a filosofia parecia demasiado densa, abstracta e difícil de colocar a uso [o que também diz algo sobre as capacidades desta gente]. Ao mesmo tempo, a filosofia de Heidegger não andava a par e passo com o culto racial e o biologismo que já marcavam o panteão ideológico do regime. Portanto, acabou por ser preterido em favor de Alfred Rosenberg. Heidegger aceitou a derrota e demitiu-se do seu posto de reitor em Abril de 1934. A partir daí, tornou-se desafectado com a filosofia oficial do partido, conforme incorporada por Alfred Bäumler ou Alfred Rosenberg, cujas doutrinas racistas nunca aceitou.

Heidegger – Mantém perspectiva totalitária no pós-guerra.

Nunca repudia envolvimento com NSDAP. No pós-guerra, Heidegger nunca repudiou o seu envolvimento com o NSDAP.

O máximo que faz é dar uma tímida entrevista ao Der Spiegel. Em 1966, Heidegger deu uma entrevista à magazine do Der Spiegel, onde concordou discutir o seu passado político, desde que a entrevista fosse publicada postumamente. Segundo diz, a sua adesão ao Nazismo surge de ter reconhecido no momento histórico a possibilidade por um "despertar" ("Aufbruch"), que poderia ajudar a encontrar uma «*new national and social approach*» para a Alemanha, uma terceira via entre comunismo e capitalismo.

Subjectiva Holocausto, comparando-o a práticas agro-industriais. Subjectivou o Holocausto comparando-o a práticas desumanas relacionadas com racionalização e industrialização, incluíndo o tratamento de animais em grandes criações. Por exemplo, a

1 de Dezembro de 1949, numa palestra intitulada "Das Ge-Stell" ("The Con-Figuration"), Heidegger declarou que: «*Agriculture is now a motorized food-industry — in essence, the same as the manufacturing of corpses in gas chambers and extermination camps, the same as the blockading and starving of nations, the same as the manufacture of hydrogen bombs*» – Cit. in Thomas Sheehan, "Heidegger and the Nazis". The New York Review of Books, Vol. XXXV, No. 10, June 16, 1988, pp. 38-47.

"Europa arruinada por democracia" (1974). Em 1974, escreve ao seu amigo Heinrich Petzet: «*Our Europe is being ruined from below with "democracy"*» – Cit. in Thomas Sheehan, "Heidegger and the Nazis". The New York Review of Books, Vol. XXXV, No. 10, June 16, 1988, pp. 38-47.

Heidegger, Nazismo – Revolução Nazi – Dasein alemão – Raça, sangue e solo.

Revolução Nazi traz transformação total do Dasein alemão (Nov 11, 1933). «*The National Socialist revolution… is bringing about the total transformation of our German existence (**Dasein**)*»***

«*We have witnessed a revolution. The state has transformed itself… The national-socialist revolution means… the radical transformation of German existence…*»****

Destino, missão espiritual, blut und soil, glória e grandeza (inaugural). «*…the relentlessness of that spiritual mission that forces the destiny of the German people into the shape of its history… the constant decision between the will to greatness and the acceptance of decline to become the law for each step of the march that our people has begun into its future history… this people wills to be a spiritual people… the **spiritual world of** a people is not the superstructure of a culture any more than it is an armory filled with useful information and values; it is the power that most deeply preserves the people's earth – and blood – bound strengths as the power that most deeply arouses and most profoundly shakes the people's existence. Only a spiritual world guarantees the people greatness*»*

A Raça, sem concepção de self, para o novo Reich de Hitler (1 de Julho, 1933). «*…the strengths of the new Reich that Chancellor Hitler will bring to reality. A hard race (**Geschlecht**) with no thought of self must fight this battle…*»**

*Martin Heidegger (1933). "The Self-Assertion of the German University", inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

**Discurso dado por Heidegger à Associação de Estudantes da Universidade de Heidelberg, a 30 de Junho de 1933, "The University in the New Reich". Originalmente publicado na *Heidelberger Neuste Nachrichten* de 1 de Julho, 1933. Compilado por Richard Wolin, traduzido por William S. Lewis, publicado na New German Critique, 45, Fall 1988.

***Martin Heidegger, "Declaration of Support for Adolf Hitler", address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

****Martin Heidegger, Conference of 30 November 1933 at the University of Tübingen. Cit. in Victor Farías (1991), Heidegger and Nazism. Temple University Press.

Heidegger, Nazismo – Löwith – Alemanha a cumprir o seu Dasein.

A Alemanha estava a cumprir o seu papel existencial e histórico, o seu Dasein.

Encontro com Karl Löwith. Uma testemunha importante da fidelidade de Heidegger ao Nacional-Socialismo em 1936 é o seu antigo estudante, Karl Löwith, que se encontrou com Heidgger em Roma, e escreveu sobre o encontro em 1940. Löwith relata que Heidegger usava um pin com uma suástica, apesar de saber que Löwith era Judeu.

Heidegger confirma que Nazismo está de acordo com a sua filosofia.

Alemanha Nazi e Hitler estão a cumprir o Dasein alemão.

«*I… explained… I was of the opinion that his partisanship for National Socialism lay in the essence of his philosophy. Heidegger agreed with me without reservation, and added that his concept of "historicity" was the basis of his political "engagement"… He… left no doubt about his belief in Hitler. He had underestimated only two things: the vitality of the Christian churches and the obstacles to the Anschluss with Austria. He was convinced now as before that National Socialism was the right course for Germany; one only had to "hold out" long enough…*»+

+Karl Löwith (Autumn, 1988). "My Last Meeting with Heidegger in Rome, 1936". *New German Critique*, No. 45, pp. 115-116.

Heidegger, Nazismo – Microgestão, responsabilidade, sacrifício.

Responsabilidade, sacrifício, sofrimento, e o estado popular Nazi (Nov 11, 1933). «*…clear will to unconditional self-responsibility in suffering and mastering the fate of our people… the will to self-responsibility is not only the basic law of our people's existence; it is also the fundamental event in the bringing about of the people's National Socialist State*»***

Microgestão e responsabilidade (Nov 11, 1933). «*From now, on each and every thing demands decision, and every deed demands responsibility…*»***

***Martin Heidegger, "Declaration of Support for Adolf Hitler", address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

Heidegger, Nazismo – Führerprinzip.

O Führerprinzip de Heidegger – A incorporação do Dasein nacional. Heidegger era bastante afecto ao "Führerprinzip" ("leader principle"), a ideia Saint-Simoniana de que o líder é a incorporação do povo, uma espécie de monarca absoluto.

Führerprinzip: O Führer é a lei e a realidade da Alemanha (Nov. 3, 1933). «*Let not propositions and "ideas" be the rules of your Being (**Sein**). The Führer alone is the present and future German reality and its law… Heil Hitler!*»*****

Führerprinzip: Hitler uniu o povo em torno de uma única vontade (Nov. 11, 1933). «*The German people has been summoned by the Führer to vote; the Führer, however, is asking nothing from the people. Rather, he is giving the people the possibility of making, directly, the highest free decision of all: whether the entire people wants its own existence (Dasein) or whether it does not want it… Our will to national (volfdsch) self-responsibility desires that each people find and preserve the greatness and truth of its destiny (Bestimmung)… The Fuhrer has awakened this will in the entire people and has welded it into one single resolve… Heil Hitler!*»***

***Martin Heidegger, "Declaration of Support for Adolf Hitler", address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

*****Martin Heidegger, "German Students", address to the students of Freiburg University as Rector, November 3, 1933. Published in the *Freiburger Studentemeitung*. [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Published in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

Heidegger, Nazismo – Trabalho, guildas, no Staat nazi.

Guildas profissionais, fundidas in der Staat (inaugural). «*…the professions effect and administer that highest and essential knowledge of the people concerning its entire existence… The… state [**Staat**], to which the professions belong… the professions effect and administer that highest and essential knowledge of the people concerning its entire existence…*»*

Cada grupo social e ocupacional assume lugar predestinado na ordem social (Nov. 11, 1933). «*…each social and occupational group (**Stand**) assumes its necessary and predestined place in the social order (**in den Standort und Rang ihrer gleich notwendigen Bestimmung**)…*»***

Trabalho, classes, ocupações, unidos no Staat orgânico (Jan. 22, 1934). «*What we meant up to now with the words "worker" and "work" has acquired another meaning… For us, "work" is the title of every well-ordered action that is borne by the responsibility of the individual, the group, and the State and which is thus of service to the **Volk**… National Socialism… does not divide into classes, but binds and unites **Volksgenossen** and social and occupational groups (**Stände**) in the one great will of the State… the*

German people shall again find, as a people of labor, its organic unity, its simple dignity, and its true strength; and that, as a state of labor, it shall secure for itself permanence and greatness»+++

No Staat nazi, trabalho é um privilégio (Jan. 22, 1934). «*German Workers! …you, for whom the City of Freiburg has created jobs by emergency decree, are coming together with us in the largest lecture hall of the University. Because of novel and comprehensive employment measures on the part of the City of Freiburg, you have been given work and bread has been put on your tables. You thereby enjoy a privileged position among the rest of the City's unemployed. But this preferential treatment means at the same time an obligation… The creation of work must, first of all, make the unemployed and jobless* ***Volksgenosse*** *again capable of existing (****daseinsfähig****) in the State and for the State and thereby capable of existing for the Volk as a whole. The* ***Volksgenosse*** *who has found work should learn thereby that he has not been cast aside and abandoned, that he has an ordered place in the Volk, and that every service and every accomplishment possesses its own value that is fungible by other services and accomplishments. Having experienced this, he should win back proper dignity and self-confidence in his own eyes and acquire proper self-assurance and resoluteness in the eyes of the other* ***Volksgenossen***»+++

*Martin Heidegger (1933). "The Self-Assertion of the German University", inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

***Martin Heidegger, "Declaration of Support for Adolf Hitler", address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

+++Martin Heidegger, "National Socialist Education *Wissensschulung*", Address given to 600 "beneficiaries" of the Nazi "labor service" program, at Freiburg University, January 22, 1934. Published in *Der Alemanne Kampftlatt der Nationalsotialisten Oberbadens*, February 1, 1934 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Published in *New German Critique*, 45, Fall 1988].

Heidegger, Nazismo – Serviço comunitário – Trabalho, Segurança, Conhecimento.

Jovens têm de servir "comunidade nacional" (inaugural).

Trabalho – Segurança – Conhecimento. «*The first bond binds to the national community [****Volksgemeinschaft****]. It obligates to help carry the burden of and to participate actively in the struggles, strivings, and skills of all the… people… by means of* ***Labor Service [Arbeitsdienst]****… The* ***second*** *bond binds to the honor and the destiny of the nation in the midst of all the other peoples… In future, this bond will encompass and penetrate the entire existence of the student as* ***Military Service [Wehrdienst]****… The* ***third*** *bond of the students binds them to the spiritual mission of the German people…* ***Knowledge Service [Wissensdienst]****… The three bonds – by the people,* ***to*** *the destiny of the state,* ***in*** *spiritual mission – are* ***equally primordial*** *to the German essence. The three services*

that arise from it – Labor Service, Military Service, and Knowledge Service – are equally necessary and of equal rank»*

*Martin Heidegger (1933). "The Self-Assertion of the German University", inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

Heidegger, Nazismo – Educação minimalista (STW).

Educação minimalista para abelhas na colmeia Nazi (Jan. 22, 1934).

Educação geral é dispensável – o que é importante é conhecimento prático.

Conhecimento é algo que serve necessidades práticas na comunidade.

"Formação comportamental" – Doutrinação ideológica.

Saber o seu lugar no Volk, saber como o Volk está organizado, e conhecer a realidade do estado Nacional Socialista.

Saber do drama dos 18 milhões de alemães fora do Reich...

«*The goal is to become strong for a fully valid existence as a **Volksgenosse** in the German **Volksgemeinschaft**. For this, however, it is necessary: to know where one's place in the Volk is, to know how the **Volk** is organized and how it renews itself in this organization, to know what is happening with the German **Volk** in the National Socialist State, to know in what a bitter struggle this new reality was won and created... to know what is entailed in the fact that 18 million Germans belong to the **Volk** but, because they are living outside the borders of the Reich, do not yet belong to the Reich… Providing this knowledge is thus a necessary part of the creation of work; and it is your right, but therefore also your obligation, to demand this knowledge and to endeavor to acquire it… knowledge means: to know one's way around in the world into which we are placed, as a community and as individuals… We… differentiate between genuine knowledge and pseudo-knowledge… Genuine knowledge is something that both the farmer and the manual laborer have, each in his own way and in his own field of work, just as the scholar has it in his field. And, on the other hand, for all his learning, the scholar can in fact simply be wasting his time in die idle pursuit of pseudo-knowledge… you will [not] be served up scraps of some "general education," as a charitable afterthought. Rather: that knowledge shall be awakened in you by means of which you — each in his respective class and work group — can be clear and resolute Germans*» +++

+++Martin Heidegger, "National Socialist Education Wissensschulung", Address given to 600 "beneficiaries" of the Nazi "labor service" program, at Freiburg University, January 22, 1934. Published in Der Alemanne Kampftlatt der Nationalsotialisten Oberbadens, February 1, 1934 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Published in New German Critique, 45, Fall 1988].

HEIDEGGER 1 – Academia nazi, ‘Verdade’.

Heidegger – Positivismo – Fim de liberdade académica, “verdade espiritual”.

Fim de liberdade académica – “Verdade nazi” (inaugural).

Liberdade académica será expulsa da universidade alemã.

Irresponsável, arbitrária, desligada das necessidades da raça.

Agora haverá verdade, uma missão histórica-espiritual.

«*The much-lauded "academic freedom" will be expelled from the German university; for this freedom was not genuine because it was only negative. It primarily meant lack of concern, arbitrariness of intentions and inclinations, lack of restraint in what was done and left undone. The concept of the freedom of the German student is now brought back to its truth. In future, the bond and service of German students will unfold from this truth… The primordial and full essence of science, whose realization is our task, provided we submit to the distant command of the beginning of our spiritual-historical existence, is only created by knowledge about… the state's destiny… the spiritual mission… Science, in this sense, must become the power that shapes the body of the German university…*»*

Verdade espiritual unificada, para o mundo (inaugural).

Universidade, líder espiritual da missão histórica do Volk.

Legislação académica espiritual – para um mundo espiritual unido.

«*…the **spiritual** leadership of this institution of higher learning… the German university… The will to the essence of the German university is the will to science as will to the historical spiritual mission of the German people as a people that knows itself in its state [**Staat**]. **Together**, science and German destiny must come to power in the will to essence… The faculty is a faculty only if it becomes capable of spiritual legislation, and, rooted in the essence of its science, able to shape the powers of existence that pressure it into the one spiritual world of the people*»*

Verdade é aquilo que dá confiança, lucidez e força ao Volk (Nov. 11, 1933).

Questionamento e curiosidade não são úteis per se.

«*The nation is winning back the truth of its will to existence, for truth is the revelation of that which makes a people confident, lucid, and strong in its actions and knowledge… For us, questioning is not the unconstrained play of curiosity. Nor is questioning the stubborn insistence on doubt at any price*»***

*Martin Heidegger (1933). "The Self-Assertion of the German University", inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

***Martin Heidegger, "Declaration of Support for Adolf Hitler", address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

Heidegger – Positivismo – Reforma da academia alemã e anti-Cristianismo.

[Ligado a "Fim de liberdade académica, verdade espiritual"].

Heidegger ajuda a definir a poluída academia nazi. Heidegger é instrumental para definir a Academia Nazi, um ambiente poluído de ciência corrompida, definido por cinismo, cobardia, mesquinhez, e oportunismo.

Denuncia e despromove não-Nazis. Despromoveu não-nazis, na universidade, e foi um informante para a Gestapo. Nomeadamente, conseguiu despedir o Professor Staudinger sem pensão (pediu isto, especificamente) e também denunciou o seu antigo amigo Eduard Baumgarten, que era professor da Universidade de Göttingen.

Anti-Cristianismo – Competição, atrito – Estatismo (1 de Julho, 1933).

Revolução castanha exige revolução académica.

Integrar universidade no Staat orgânico – espírito nacional-socialista.

A universidade tem de ser vista como uma comunidade [i.e., sem dissensão].

Abandonar ideias humanizantes Cristãs.

Estudantes – Competição impiedosa, testes constantes de carácter, força e atrito.

«*…the university… must… be integrated again into the* ***Volksgemeinschaft*** *and be joined together with the State… Up to now, research and teaching have been carried on at the universities as they were for decades. No one had concerned himself with the university as community. Research got out of hand and concealed its uncertainty behind the idea of international scientific and scholarly progress. Teaching that had become aimless hid behind examination requirements. A fierce battle must be fought against this situation in the National Socialist spirit, and this spirit cannot be allowed to be suffocated by humanizing, Christian ideas that suppress its unconditionality… one's sense for what is essential. It is from such teaching that true research emerges, interlocked with the whole through its rootedness in the* ***Volk*** *and its bond to the State. The student is forced out into the uncertainty of all things, in which the necessity of engagement (****Einsatz****) is grounded. University study must again become a risk (****Wagnis****), not a refuge for the cowardly. Whoever does not survive the battle, lies where he falls. The new courage must accustom itself to steadfastness, for the battle for the institutions where our leaders are educated will continue for a long time… constant*

*testing… It is a battle to determine who shall be the teachers and leaders at the university (**ein Kampf um die Gestalt des Lehrers und des Führers an der Universität**)*»**

**Discurso dado por Heidegger à Associação de Estudantes da Universidade de Heidelberg, a 30 de Junho de 1933, "The University in the New Reich". Originalmente publicado na *Heidelberger Neuste Nachrichten* de 1 de Julho, 1933. Compilado por Richard Wolin, traduzido por William S. Lewis, publicado na New German Critique, 45, Fall 1988.

HEIDEGGER 3 – 'Destruktion', desconstrucionismo, existencialismo, pós-modernismo – Totalitarismo.

Heidegger – Destruktion – " O filósofo mais importante do século".

Martin Heidegger (1889-1976), alemão.

Heidegger, o filósofo continental mais influente do século XX. Do mesmo modo, Heidegger é considerado um dos mais influentes, se não o mais influente, dos filosófos continentais do século.

Heidegger – Destruktion – Subjectivismo e desmantelamento.

Contexto geral de desmantelamento da sociedade. Tudo isto se insere num contexto geral de destruição, desamentelamento: da sociedade e da economia, das suas tradições morais e culturais, de instituições como a família, e também de indivíduos. E é aqui que a ideia de Dasein se insere.

Desconstrucionismo, existencialismo, pós-modernismo. Heidegger torna-se particularmente influente em França, junto de círculos existencialistas e desconstrucionistas. A influência de Heidegger chega à filosofia, teoria literária, teologia, arquitectura, IA. Na filosofia, é um propulsionador de várias tendências: desconstrucionismo (Jacques Derrida, Michel Foucault), existencialismo (Jean-Paul Sartre), pós-modernismo.

Destruktion, desconstrucionismo, reinvenção de linguagem e significado. Heidegger propôs que o grande desafio da filosofia contemporânea seria o de desconstruir a história da filosofia à luz da ideia de "ser", "being". Isto é o que Heidegger chamou de "destruktion produtiva", "desmantelamento". Ou seja, desfazer as velhas reificações e categorias imutáveis (e, com elas, a linguagem e o significado), e reinterpretá-las de acordo com um sistema de pensamento fluido, subjectivo, desconstrucionista.

Tudo é subjectivo e tem de ser interpretado à luz do Dasein – contexto, existência. Tudo aquilo que compreendemos, da forma como falamos às nossas noções de "bom senso", ou "senso comum", é susceptível a erro, a erros fundamentais sobre a natureza do ser. Estes erros são depois expressos para termos pelos quais o "ser" é articulado na história da filosofia – realidade, Deus, lógica, consciência, presença.

"Déconstruction". O francês "déconstruction", de Derrida e outros, é a tradução literal, na teoria e na prática, do "Destruktion" de Heidegger, incorporando também o seu "Abbau" ("de-building").

Heidegger – Destruktion – Obscurantismo e rejeição da existência de factos.

Heidegger aceita acusação de obscurantismo. Alguns filósofos contemporâneos acusaram Heidegger de obscurantismo. Heidegger concordou, afirmando que é a única forma de agir em filosofia, após a "destruição" da factualidade.

Factos não existem, apenas opiniões, logo filosofia tem de ser ininteligível. «*Those in the crossing must in the end know what is mistaken by all urging for intelligibility: that every thinking of being, all philosophy, can **never** be confirmed by "facts," i.e., by beings. Making itself intelligible is suicide for philosophy. Those who idolize "facts" never notice that their idols only shine in a borrowed light. They are also meant not to notice this; for thereupon they would have to be at a loss and therefore useless. But idolizers and idols are used wherever gods are in flight and so announce **their** nearness*» – Martin Heidegger, "Contributions to Philosophy: From Enowning". Indiana University Press, 1999, p. 307.

Heidegger – Destruktion – Subjectivismo prelúdio de totalitarismo.

Desconstrução erode objectivismo para impor totalitarismo. A "desconstrução" dialogante serve para devastar estruturas pré-existentes [Deus, família, constituição, ideais morais] com o propósito de impor uma nova estrutura – objectivismo heresiárquico, totalitarismo humano.

Ou seja, boa velha destruktion SA – e pode ser feita com sorrisos e abraços. E a falar de diálogo e compreensão.

Nietzsche é a inspiração de Heidegger.

"The Will to Power". Heidegger teve em Friedrich Nietzsche uma poderosa influência, e muitas das suas palestras debruçaram-se sobre "The Will to Power", a obra genocida e totalitária, que Heidegger considerava a expressão culminante da metafísica ocidental.

Ubermann, estética, vontade. O homem que concretiza e afirma o seu Dasein, afirmando-o sobre todos os outros e declarando-se deus, reinando sobre todos os restantes humanos.

Após décadas de Destruktion, surge "verdade" positiva do Dasein nacional.

Depois do diálogo tolerante, totalitarismo. Décadas a falar de diálogo, compreensão mútua, desconfirmação pacífica, etc. Quem afirmasse Deus, verdade, factos, era acusado de intolerância, dogmatismo, espírito burguês. No final do processo, aqui está o resultado: os vários adeptos do "diálogo incondicional" encontram um novo deus – o grupo, a raça – e um novo messias – Adolf Hitler.

HEIDEGGER – 'Sein und Zeit' – Fluxo, bestialização e o Nazi Staat.

Heidegger – Sein und Zeit – Reeducação, fluxo.

Ser e Tempo, "uma das obras mais importantes do século". Heidegger escreve sobre estas questões no seu livro, *Being and Time* (Sein und Zeit, 1927), considerado uma das mais importantes obras filosóficas do século XX.

Noções essenciais.

Dasein e ajustamento ao mundo "fixo". Ser humano é puramente contemporâneo e fluido, Dasein. É definido pelo mundo fixo, pré-existente e pós-existente, onde existe, onde "está lá". O grande dilema em "estar lá" reside nas formas individuais de ajustamento às dialécticas existenciais – ajustamento social e, mais que isso, existencial. Como é que a pessoa torna a sua existência no mundo tolerável mas, essencialmente, significativa.

Thrownness. Indivíduo é atirado ao mundo fixo, ao qual tem de se ajustar.

Ajustamento: fluxo ou individuação contextual. As opções parecem ser repartidas entre ser um indivíduo relativo, contextual; e ser um drone social, em fluxo permanente na massa, em absorção com o grupo. Ambos os estatutos encontram o seu contexto e significado na relação com o mundano.

Sistema de intervenção psico-cultural. Tudo isto é puramente psicológico e antropológico e preludia um sistema de intervenção psicológica em massa.

Bestialidade e desumanização. A noção do homem como uma espécie de besta instintiva, guiado por instintos e por desejos sensuais, capaz de plateaus existenciais muito baixos e limitados. Em particular, as noções de "thrownness" do nazi Heidegger são típicas do pensamento dos círculos da escola de Frankfurt, e expressas também na bestialidade dos "gritos de Silenus" de Bertolt Brecht, e na sua poesia e drama dionisíacas e Nietzschianas.

Heidegger – O Dasein alemão, fusão no estado.

Dasein alemão e fusão no Staat (inaugural). «*...the historical spiritual mission of the German people as a people that knows itself in its state [**Staat**]*»*

Fusão no Staat (Nov. 3, 1933). «*...save the essence of our **Volk** and to elevate its innermost strength in the State*»*****

Ordem estática de guildas, castas, e educação mínima. Isto envolve uma ordem social estática, organizada em guildas e vários géneros de castas [ver notas sobre educação minimalista e trabalho na Alemanha].

*Martin Heidegger (1933). "The Self-Assertion of the German University", inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

*****Martin Heidegger, "German Students", address to the students of Freiburg University as Rector, November 3, 1933. Published in the *Freiburger Studentemeitung*. [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Published in *New German Critique*, 45, Fall 1988]

Heidegger – Sein und Zeit – Exploração de conceitos.

Exploração dos conceitos de Heidegger.

O Dasein, deus menor num mundo fixo. A experiência de ser ocorre sempre num mundo pré-existente e pós-existente, e dá-se sempre através de formas de ser. O comportamento em si depende da "abertura a ser". A essência de ser humano reside na manutenção desta abertura. Somos participantes, não mestres, das situações. Toda a experiência é fundada em "cuidado", "interesse" ("care"). Descrever a experiência adequadamente envolve encontrar o ser para quem essa descrição possa interessar – o Dasein, o ser para quem ser é uma questão. Dasein é "cuidado", e é também a essência do ser; não a alma, o homem, o espírito, ou o animal racional. 'Dasein' significa literalmente "Being-there", "estar lá". Um ser humano não pode ser tomado em conta excepto como ser existente no meio de um mundo com outras coisas. Dasein é "estar lá", e "lá" é o mundo. Ser humano é estar fixado, embebido e submergido no mundo físico, literal, tangível do dia-a-dia. Esta submersão é articulada com In-der-welt-sein (a 'Being-in-the-world', 'to-be-in-the-world'). «*Dasein exists. Furthermore, Dasein is an entity which in each case I myself am. Mineness belongs to any existent Dasein, and belongs to it as the condition which makes authenticity and inauthenticity possible*». "Being-in" é portanto a expressão existencial formal para o Ser do Dasein (Being of Dasein), que tem o Being-in-the-world como o seu estado essencial. Ou seja, o ser completo, total, é um ser mundano. É o encontro entre Dasein e o mundo que define ambos (a dialéctica mutuamente significadora) e a solidez destes termos é coberta pela palavra inglesa facticidade (por oposição a factualidade, já que aqui tudo é esguio e subjectivo). "Cuidado" (Sorge) é o Ser do Dasein. Dado que Estar-no-mundo pertence fundamentalmente ao Dasein, o seu Ser concernente ao mundo é fundamentalmente "cuidado". "Cuidado" é o meio pelo qual os humanos decidem que decisões são as correctas a tomar, para se moverem de uma condição para outra. Escolhas são feitas, num mundo onde os humanos existem rodeados por outros humanos. Seres humanos são caracterizados por um carácter único, e esta diferenciação dá origem a diferentes possibilidades para cada indivíduo.

Autenticidade, inautenticidade, thrownness. Estas possibilidades dividem-se em dois grandes ramos: autencidade e falta de autenticidade. Quando o indivíduo não se

diferencia da massa, adoptando as crenças e os padrões da sociedade, vivem uma vida inautêntica. Para Heidegger, a existência autêntica só pode surgir quando os indivíduos chegam à realização de quem são, e se apercebem do facto de que cada ser humano é uma entidade distinta. Assim que o ser humano percebe que tem o seu próprio destino a cumprir, então o seu "cuidado", "preocupação" com o mundo, deixa de ser interesse em fazer o que as massas fazem, e passa a ser o de cumprir o seu real potencial no mundo. A principal tarefa do Dasein é a de conhecer: isto tem o carácter fenomenológico de um ser que está no, e orientado para o mundo. Portanto, o Dasein só se concretiza a si mesmo quando se apercebe da realidade. Somos "atirados" para o mundo e o nosso Ser-no-mundo é uma "atiração", "thrownness" [Geworfenheit]. A expressão "thrownness" pretende sugerir a "facticidade de ser entregue além" [facticity of its being delivered over]. O mundo onde o Dasein é atirado tem outros, e a existência dos outros é totalmente indispensável à facticidade de Estar-lá. Compreender os outros no mundo, e a associação do estatuto ontológico dos outros no nosso próprio Dasein é, em si mesmo, uma forma de Ser. Ser-no-mundo é um Ser-com, e a compreensão da presença [presentness] dos outros tem de existir. Porém, Ser-com apresenta a possibilidade de compreender o próprio Dasein como um Ser-com-outro quotidiano, onde a pessoa pode deixar de existir nos seus próprios termos, mas apenas em referência aos outros. Quando isso é feito, a pessoa deixa de ser ela própria, e rende a sua existência a um "Theyness" sem forma, uma alteridade. "Pertencer aos outros" é uma drástica irresponsabilidade porque o "eles" depriva o Dasein particular da sua própria responsabilidade por tomar cada decisão e julgamento por si mesmo. Ou seja, a pessoa desresponsabiliza-se, e esta passividade cria o self alienado, o "Homem", que está fatalmente desprovido de autonomia moral e, portanto, de responsabilidade moral. Este "homem" não pode conhecer culpa ética. Este é o self do Dasein quotidiano, o "they-self", o oposto total da singularidade sólida de um Dasein que se percebeu a si mesmo. Esta distinção crucial é importante para Heidegger como a distinção entre uma existência humana autêntica e inautêntica. Um Dasein inautêntico não vive como si mesmo, mas como "eles" vivem. Mal vive, e existe num estado de medo [Furcht]. Este medo é distinto de ansiedade [Angst]. Angst é uma marca de autenticidade e uma repudiação do "theyness". As diferenças entre vidas autênticas e inautênticas foram contrastadas por Heidegger através das agências de medo por oposição a ansiedade, "discurso" por oposição a "conversa", maravilhamento por oposição a surpresa ou novidade.

O estado de queda e absorção no grupo. O estado de queda no mundo ["fallenness"] significa absorção no Estar-com-outros, caracterizada por conversa menor, curiosidade, ambiguidade. Este é o estado de inautenticidade, fascinado pelo mundo e pelo estar com outros no "eles". Este Não-Ser-si-próprio [Not-Being-its-self, Das Nicht-es-selbst-sein] funciona como uma possibilidade positiva dessa entidade que, no seu interesse essencial, está absorvido num mundo. Este tipo de não-Ser tem de ser concebido como aquele tipo de Ser que está mais próximo de Dasein, e no qual Dasein é mais prevalente – um estado de fluxo. Portanto, queda e inautenticidade não são opções erróneas. Em vez disso, são componentes essenciais da existência, dado que Dasein é sempre Dasein-

com e um Ser-no-mundo ao qual se foi atirado. Aceder à incitação de viver uma existência mundana e colectiva é apenas uma parte do próprio existir, para Heidegger.

A transcendência do "eles" e a integração do Dasein. "Queda" é positiva para Heidegger no sentido em que tem de existir "inautenticidade", "theyness", "conversa", para que o Dasein se aperceba da sua perca de self e procure o retorno ao seu autêntico Ser. Como "they-self", o Dasein particular foi disperso no "eles" e tem de começar por se encontrar a si mesmo. "Verfall" torna-se um pré-requisito essencial para a repossessão de self, a luta para o verdadeiro Dasein. O Dasein está comprometido a procurar o autêntico através da inautenticidade do seu Estar-no-mundo, e a existência autêntica não é algo que flutue acima da queda mundana. Na condição de queda, a pessoa cai de si mesma, num frenetismo mundano, e num vazio que dá origem a um senso de desconforto. A familiaridade é tornada estranha e abolida. É esse desconforto que declara os momentos pivotais nos quais Angst traz o Dasein face a face à terrível liberdade de decidir se se fica em inautenticidade, ou se procura auto-possessão. Para alcançar autenticidade e resolução, o Dasein precisa de se escapar à vulgar temporalidade da calculação e da vida pública. Sorge, "cuidado", é o meio de transcendência para além de ser Dasein-com e Dasein-no para se tornar Dasein-para, e Sorge tem de ser um "cuidado" por muitas coisas. Estas coisas incluem um "cuidado" por outros, um "cuidado" pelo que está à mão, um "cuidado" pelo estatuto presente e pela obscuridade do próprio Ser. Sobre isto, Heidegger diz que, «*When Dasein 'understands' uncanniness in the everyday manner, it does so by turning away from it in falling; in this turning away, the 'not-at-home' gets 'dimmed down'. Yet the everydayness of this fleeing shows phenomenally that anxiety, as a basic state of mind, belongs to Dasein's essential state of Being-in-the-world, which, as one that is existential, is never present-at-hand but is itself always in a mode of factical Being-there – that is, in the mode of a state of mind*». É "Sorge" que significa a existência de um homem e a torna significativa. Ser-no-mundo num autêntico pretexto existencial é ser "cuidadoso" ["careful"]. Portanto, "cuidado" é o estado primordial de Ser à medida que Dasein procura a autenticidade. Angst revela a Dasein a oportunidade de ser concretizar numa fervente "liberdade na direcção da morte". Esta liberdade foi libertada das ilusões do "eles" para se tornar precisa, certa de si mesmo, ansiosa. A temporalidade de Dasein é solidificada pela certeza de que todo o Ser é um Ser-na-direcção-da-morte e que, o fim do Ser no mundo é morte. Sobre isto, Heidegger diz «*Death is a possibility-of-Being which Dasein itself has to take over in every case. With death, Dasein stands before itself in its own most potentiality for-Being. This is a possibility in which the issue is nothing less than Dasein's Being-in-the-world. Its death is the possibility of no-longer being-able-to-be- there. If Dasein stands before itself as this possibility, it has been fully assigned to its own most potentiality-for-Being. When it stands before itself in this way, all its relations to any other Dasein have been undone. This own most non-relational possibility is at the same time the uttermost one*».

Heidegger – Subjectivismo e "Destruktion" mental humana

Heidegger: "Destruktion" mental e conceptual para a sociedade totalitária.

Nazismo, uma ideologia dialéctica. O Nazismo é um dos produtos directos da mentalidade dialéctica germânica, encontrando as suas raízes no anti-pensamento de pessoas como Fichte, Hegel e Nietzsche, com o complemento de vários irracionalistas do século 20, como Alfred Rosenberg e Martin Heidegger.

Heidegger, filósofo essencial do III Reich e pai do existencialismo. Heidegger é um dos filósofos essenciais do regime Nazi, informante para a Gestapo, pai do existencialismo.

"Destruktion" universal, das ideias, ao indivíduo à civilização. Enquanto as SA espalham "destruktion" pelas ruas, Heidegger proclama "Destruktion" universal a partir da sua cátedra, na universidade de Freiburg. Para construir a Utopia nacional-socialista, é necessário destruir a economia e a civilização moderna, organizar um retorno geral à Idade Média. Isto implica um reino de terror civilizacional, mas o caminho para esse reino de terror deve ser preparado por um outro reino de terror, mental e filosófico. Esse reino de terror tem de acabar com o indivíduo independente e com a capacidade de pensar e conceptualizar; i.e., com o raciocínio abstracto. Usar raciocínio abstracto para destruir raciocínio abstracto, uma formulação puramente dialéctica.

Desconstrucionismo: desconstruir ideias e valores através de nonsense circular. Isto é aquilo a que se veio a chamar desconstrucionismo, o valor central do existencialismo Heideggeriano. Destruir ("Destruktion"), desconstruir ideias e valores, diz-nos Heidegger, é essencial. Para esse fim, a caneta é mais forte que a espada. É necessário usar ultra-relativismo, i.e., "a única verdade é que ninguém pode conhecer a verdade sobre nada", "a única afirmação certa é que ninguém pode afirmar que algo é certo ou errado". É claro que isto são absurdos auto-contraditórios. Alguém que afirma que nada é cognoscível está a fazer uma afirmação muito egocêntrica de cognoscência suprema sobre toda a realidade. Está, na prática, a afirmar que "Eu sei que nada pode ser sabido; aquilo que eu afirmo que sei é o tudo que pode ser sabido, ou afirmado".

Pessoa que adopta nonsense circular dialéctico entra em fluxo, torna-se acrítica. Quando este tipo auto-evidente de *nonsense* é genuína e honestamente adoptado pela pessoa média, o que surge é um estado de *irracionalismo* e de *fluxo*, no qual a pessoa "não sabe nada", "não pode saber nada", "todas as posições e opiniões são igualmente válidas e igualmente inválidas". O sujeito está, portanto, aberto a todo o tipo de sugestões que circulem na sua realidade imediata. Isto é, abdica de *pensar criticamente* sobre a realidade. Pode até imaginar que esse não-pensamento crítico é, em si, pensamento crítico; esse é, aliás, um dos muitos jogos mentais da dialéctica. O sujeito pode até fantasiar que é bastante esperto e sofisticado; a masturbação intelectual que é característica a todo e qualquer irracionalista dialéctico.

População acrítica, medíocre, aceita facilmente *verdade objectiva* do regime totalitário. Uma população que funcione a este nível, irracional, medíocre, gelatinoso, nunca impedirá a ascensão de um regime totalitário. Pelo contrário, vai permitir, talvez até contribuir, para a ascensão do regime totalitário, que surge para trazer a voz da razão, a segurança de uma paternalidade colectiva, confiante e segura. Quando nenhum indivíduo pode saber nada sobre nada, afirma Heidegger, toda a verdade é provisória, contextual e subjectivamente definida. O desafio passa a ser o de obter a melhor forma de organização colectiva que permite obter verdade subjectiva que seja passível de normativização, objectificação social. A resposta Heideggeriana para isso é, claro, o estado totalitário, o Nazi Staat. O estado total passa a ser a fonte de *verdade objectiva* (Heidegger diz isto) e toma nos seus braços a função de transpor essa objectividade suprema para o domínio da subjectividade individual. Isto é, todos os sujeitos relativizados têm agora de ser normalizados, programados com a mesma essência, o mesmo conjunto de "verdades", definido pelo estado. Essas verdades são simples, lineares, concretas, propagandísticas. Nada de complexo ou sofisticado. A leva a B. Z é D. Ponto. Não há mais debate sobre o assunto. Nada de pensar, ou reflectir; pensamento abstracto é indesejado. Eventualmente, é *antisocial*, uma vez que desafia a ordem social, proverbialmente *mentecapta*, que é instituída. Torna-se fácil impor totalitarismo a uma população habituada a pensamento relativista, dialéctico. A pessoa que funciona dessa forma está pré-preparada para totalitarismo. Vê o mundo do ponto de vista da integração de diferenças, da fusão de opostos num todo coeso e sintético. É isso que o totalitarismo oferece. Isso é ainda mais fácil se isso for feito com uma quota-parte de excitação, sex appeal, música estimulante; todas estas coisas têm o potencial de determinar as acções da mente acrítica, que, por ser acrítica, é mais determinada por valores impulsivos que por valores racionais e morais.

Unfreezing, changing, refreezing. É um processo simples: descongelar o velho conjunto de crenças e valores através da adopção de um estado de fluxo (despersonalização, aka lavagem cerebral) e depois recongelar o sujeito num novo sistema de crenças e valores. A isto chama-se "unfreezing, changing, refreezing", o processo central na psicologia social do pós-II Guerra [mais um efeito dialéctico: o irracionalismo totalitário só ganha expressão real nos países democráticos após a queda do sistema totalitário fascista]. Se o processo for mesmo sofisticado, o que acontece é que o sujeito adopta todas as crenças "correctas" (adere a todas as verdades objectivas que o estado total lhe pretende impor), mas mantém a quantidade de subjectivismo suficiente que lhe permite ultra-relativizar toda e qualquer crença ou valor que sejam independentes (i.e., não-autoritativos, não estatais). Eventualmente, acusará o pensador independente de *autoritarismo*; outra consequência do *mindjob* dialéctico. Esta atribuição do rótulo de autoritarismo a todas as formas de pensamento não-dialéctico é, aliás, formalizada pela Escola de Frankfurt, um grupo muito pouco recomendável de provocadores autoritários e irracionalistas.

Higiene mental soviética – mais notas

Putsch bolchevique abraça engenharia de recursos humanos.

A era em que "engenharia humana" começa a erguer a sua feia cabeça.

Eugenia, higiene mental, medicina social, darwinismo social, engenharia psicossocial.

A gestão de recursos humanos (população) que acompanha gestão totalitária sócio/económica.

Putsch bolchevique (cancela revolução legítima) procura implementar tudo isto.

«*In Russia at the turn-of-the-century, many people, from psychiatrists to politicians, believed in social engineering, though they envisaged different methods. The reformists invested their hopes in the improvement of social conditions, the radicals in communist revolution. In contrast, the professionals insisted that special measures are indispensable to alter human nature, not only economic and political changes. These measures, under the names of eugenics, psychotechnics, and mental hygiene, had already been proposed in the West. After the Revolution their proponents in Russia gained the chance to implement them on a scale unseen before*»

IRINA SIROTKINA (2007), "Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years". Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

"Saúde mental preventiva" i.e. control-freakism totalitário.

Sistema psiquiátrico pré-revolucionário hospitalizava pós-diagnóstico.

Isso era frustrante para muitos psiquiatras [i.e. controlfreaks]. «*As in the West, the prerevolutionary system of mental health care concentrated on hospitalizing people after they were diagnosed mentally ill. This system constantly demonstrated its shortcomings and caused frustration to many Russian psychiatrists*»

Putsch bolchevique de 1917 traz plano para sistema ubíquo de "saúde mental preventiva".

"This made everybody suspect for psychiatrists, a potential patient for the dispensaries".

Espionagem social ubíqua –patologização de dissensão ideológica como "doença mental".

[Sob a psicose socialista, estar em oposição ao sistema é um sinal "óbvio"de doença mental].

Psiquiatras (no topo da Cheka) procuram colocar todo o sistema médico sob o seu controlo.

"To screen the population – health passports – coefficient of work capacity".

“Introduce timely prophylactic, curative, sanitary and social aid”.

Alemanha Nazi, T4 – New Freedom – Higiene mental sob UE. Isto também era o plano T4 Nazi e, claro, está agora a ser implementado no Ocidente sob a “New Freedom”, EUA e sob os auspícios das iniciativas de higiene mental da Comissão Europeia. Estamos sempre no domínio do policiamento político e da gestão integrada de RH.

«*After 1917, a new ambitious plan to transform psychiatry was developed. Mental health care was to be preventive, based on outpatient units — dispensaries — and to cover the entire population. In other words, the plan was for every person in the country to be checked for possible mental illness and to register with the local neuropsychiatric dispensary. In spite of the postwar and postrevolutionary shortages, this ambitious project was realized as early as the mid-1920s…The ubiquitous character of the mental health care system made everybody in the population suspect for psychiatrists, a potential patient for the dispensaries…The ambitions of social hygienists had indeed grown, and they campaigned to place all medical institutions under the control of the “united dispensary.” Their objectives were to screen the population, to introduce health passports for every worker, “to calculate the coefficient of work capacity,” and to provide “timely prophylactic, curative, sanitary and social aid” (Smirnov, 1930, p. 5)*»

IRINA SIROTKINA (2007), “Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years”. Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

A “psiquiatria da genialidade”.

Segalin introduz ideia de “génio louco”, que precisa de “medicina estética” [InstituteofGenius].

Só sob totalitarismo pode haver algo como controlo estatal do génio, e é isso que Segalin traz.

Dois propósitos: Proteger personagens úteis, neutralizar “abnormal andasocialart”.

“Stimulate ‘unproductive euroneurotics’ with the help of ‘eurotherapy’”.

«*In 1921, when the psychiatrist Lev Rozenshtein (1884–1934) was contemplating his plans for social medicine and preventive psychiatry, another similar project appeared. It proposed to take care of talented people who, as the author of the project claimed, were often exploited and abused in the past… owing to their individualistic, asocial nature, and frequent ailments, find adjustment to any society difficult. Asocial by nature, they easily fall victim to society and may be incarcerated in asylums and prisons. If, however, they are cured of their illnesses and socialized on a par with everybody else, they may lose their creative abilities. The author suggested that a special branch of medicine—aesthetic medicine—should protect geniuses from occasional abuse and increase the output of their work (Segalin, 1925, p. 10)… Alongside general departments of social welfare, the state should establish special institutions for geniuses: dispensaries and*

“departments of social welfare for mad geniuses” (“sobezgenial'nogobezumtsa”; “sobez” is an accepted abbreviation for a social welfare department). The institutions would assist in protecting talented people from hostile environments and in placing them in favorable conditions for the completion of socially valuable work… the Institute of Genius…In Segalin’s mind, dispensaries for geniuses were similarly to control “abnormal and asocial art” and to stimulate “unproductive euroneurotics” with the help of “eurotherapy” (Segalin, 1929b, pp. 70–72)»

IRINA SIROTKINA (2007), “Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years”. Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

HM 21 – "New Freedom – The Thought Police".

HM 21 – China Comunista – Psicopolítica e higiene mental.

Patologização da dissidência. "Esquizofrenia", "monomania política", etc.

Gulag psiquiátrico – acompanha trabalho forçado. Ainda mais activo do que na URSS, e complementado com dinâmicas de grupo.

Uso de mobbing e bullying contra dissidentes. Ou seja, contra pessoas com crenças consideradas "inaceitáveis", por um ou por outro motivo.

HM 21 – Insultos psiquiatrizados [BUNDY, 1958].

Edgar C. Bundy escreve "Collectivism in the Church". Pessoas normais mas que se opõem a governo global, ONU, socialismo, que destacam o facto de que os EUA estão a ir nessa direcção, são rotuladas como lunáticas, chanfradas, idiotas. Neste momento, começa a ser "conceivable that anyone who takes a stand could be committed to an asylum in order to silence opposition".

«*Because "mental health" has become available as a lever to be used for promoting political and ideological designs, a word on the subject is in order… People who are normal in every sense of the word but who hold unpopular political ideas, such as opposition to world government and to the United Nations, federal aid to education, and socialism, are now being branded by their opponents as "lunatics," "nuts" and "idiots." Some of the mental health legislation which has been recently introduced on the state and federal levels gives such wide latitude of interpretations to psychiatrists and politicians… that it is conceivable that anyone who takes a stand for the sovereignty of the United States, in favor of Congressional investigations… and in favor of states' rights could be committed to an asylum in order to silence opposition*» – Edgar C. Bundy (1958). "Collectivism in the churches: a documented account of the political activities of the Federal, National, and World Councils of Churches". Church League of America.

HM 21 – Construcionismo social.

"Saúde" → "adaptação à mudança", "flexibilidade moral", "ajustamento". Todos os rótulos utilizados no passado estão de volta. O "cidadão saudável" é alguém que está "bem adaptado" ao grupo e à sociedade, tem opiniões "flexíveis e ajustáveis".

“Normatividade”. Existe “funcionamento normal”, “normativo”, e esta “normatividade” tem um peso quase divino, no contexto actual.

Escalas conservatismo-mudança-ajustamento.

HM 21 – NIMH e NSF (2003) – Resistência à mudança é perturbação mental.

“Nova liberdade” – uma ilustração expressiva.

NIMH e NSF. Agosto de 2003, NIMH e NSF anunciam resultados de um estudo de $1.2 milhões, feito por académicos das Universidade de Maryland, Califórnia e Stanford.

O tema geral aqui é o de “resistência à mudança”. Por uma questão de rótulos, o estudo refere-se continuamente a movimentos de direita, mas isto também se aplica à esquerda. Na prática, “conservadorismo” significa toda e qualquer resistência a toda e qualquer mudança no sistema social. Ou seja, a antítese de um pleno, completo, e acrítico, estado de fluxo e aceitação instantânea da mudança social.

Pessoas resistentes à mudança são mentalmente perturbadas.

Conservadores, à esquerda e à direita – apesar de o foco especial ser nos de direita.

Panorama de “sintomas”.

Indicadores tipicamente associados a doença mental.

Rigidez mental, dogmatismo, pessimismo, fechamento mental, etc. «*mental rigidity and closed-mindedness, including increased dogmatism and intolerance of ambiguity, decreased cognitive complexity, decreased openness to experience, uncertainty avoidance, personal needs for order and structure, and need for cognitive closure… lowered self-esteem… fear, anger, and aggression… pessimism, disgust, and contempt… loss prevention… fear of death*»

Como “inflexibilidade de opinião” ou “monomania política”. Também se poderia ter falado de “inflexibilidade de opinião”, ou “monomania política”, os rótulos típicos dos gulags psiquiátricos comunistas.

J.T. Jost, J. Glaser, A.W. Kruglanski, F.J. Sulloway (2003). “Political Conservatism as Motivated Social Cognition”. Psychological Bulletin, 129(3), 339–375.

HM 21 – New Freedom Initiative (2002) – E sistema paralelo na UE.

New Freedom Commission on Mental Health (NFCMH). Estabelecida a 29 de Abril de 2002, por George W. Bush.

Plano para intervenção psicológica generalizada na população – **Saúde** e **RH**.

Engenharia mental e **social** a uma escala nunca antes vista.

Submeter todos os americanos, especialmente crianças, a screenings de saúde mental. Testes de inteligência e personalidade. Conhecer os RH melhor do que eles se conhecem a si próprios.

Tratamento. Para aqueles que falham nos screenings, a New Freedom Initiative propõe o uso generalizado de psicoterapia, drogas antidepressivas e antipsicóticas, como tratamento.

Usar todos os canais de difusão possíveis, especialmente média.

Sistema paralelo a ser montado na UE.

HM 21 – Submeter classe governante a testes de psicopatia.

Apenas uma medida justa. Aplicável a quem quer que tenha alguma forma de poder executivo sobre a população em geral.

HOBBES – Visão animalesca do ser humano – Contrato Social.

A "guerra de todos contra todos". No "state of Nature", que precede o Contrato Social, a sociedade humana está «*always at war of everyone against everyone*».

Isto torna a vida em algo "nasty, brutish, and short-circuited".

Homem é animal selvagem e egoísta. O homem é um animal selvagem, dominado por paixões violentas e egoístas.

Procura do prazer, evitamento da dor. Não existe bem inerente ao homem, apenas o bem do estado, conforme definido por aqueles no poder. É motivado apenas por instintos animais de ganância, procura do prazer, evitamento da dor. É condicionado apenas por emoções baixas como a procura do prazer e a fuga à dor e ao medo. O ser humano é naturalmente depravado e ultra-competitivo, e só se alia a outros seres humanos para ganhar algo em troca.

Não existe amor, fidelidade, ou amizade, só parcerias para ganho mútuo. Não existe amor, amizade ou fidelidade; apenas parcerias para um tipo ou outro de lucro.

CONTRATO SOCIAL.

"O Contrato Social salva o homem". O contrato social e o poder totalitário do estado salvam o homem do "state of nature", no qual temos a guerra de todos contra todos.

Totalitarismo e controlo pela administração de recompensas e punições. Para Hobbes, o homem tem de ser subjugado por líderes ditatoriais que impõem a sua vontade através da administração de punições e recompensas. A função do estado seria regular a selva e o caos que eram, portanto, a sociedade humana, e podia usar de todos os métodos para o fazer – portanto, um estado meramente pragmático e utilitário, desprovido de moralidade.

Commonwealth, a comunidade onde classe governante tem poder absoluto. E governa ao seu bel prazer sobre os comuns. Quando a classe governante é eleita, os súbditos só têm o direito de a eleger, mas nunca de se virar contra ela. Não poderiam haver corpos sociais autónomos, como a Igreja, ou associações, ou partidos políticos, e toda a sociedade deveria funcionar numa única direcção, sob o pulso de ferro da classe governante.

Súbditos podem eleger governo, mas não virar-se contra ele.

Não há o direito a corpos sociais autónomos.

HOUGHTON (1970) – “Absolute behavior control is imminent”.

Raymond Houghton, NEA. Membro do Yearbook Committee da NEA-ASCD (Association for Supervision and Curriculum Development), para o ano de 1970. O líder da National Education Association. Sumarizou o objectivo de tudo isto em 1970, numa publicação para a classe:

“Controlo comportamental absoluto está iminente”.

“Sneaking up on mankind without self-conscious realization that a crisis is at hand”.

“Man will never self-consciously know that it has happened”.

«*There are those who are, on an increasingly sophisticated level, coming to know how behavior is changed… Absolute behavior control is imminent… The critical point of behavior control, in effect, is sneaking up on mankind without his self-conscious realization that a crisis is at hand. Man will not ever know that it is about to happen. He will never self-consciously know that it has happened*» – *In* Dennis L. Cuddy (2007). “Mental Health, Education and Social Control”. Bible Belt Publications. [TAMBÉM] Raymond Houghton (1970), *To Nurture Humaneness: Commitment for the '70's*. The Association for Supervision and Curriculum Development of the NEA, p. 46-47.

HUNTINGTON (1996) – Declínio moral e cultural do ocidente.

Declínio moral e suicídio cultural do Ocidente. Nas vésperas do choque de civilizações, Huntington podia pintar um retrato da devastação cultural produzida.

Comportamento antisocial: crimes, drogas, violência.

Decadência da estrutura familiar.

Declínio em participação cívica.

Enfraquecimento da ética de trabalho, cultura de auto-indulgência.

Enfraquecimento da actividade intelectual.

«*...problems of moral decline, cultural suicide… in the West. Oft-pointed-to manifestations of moral decline include… increases in antisocial behavior, such as crime, drug use, and violence generally… family decay, including increased rates of divorce, illegitimacy, teen-age pregnancy, and single-parent families… at least in the United States, a decline in "social capital," that is, membership in voluntary associations and the interpersonal trust associated with such membership… general weakening of the "work ethic" and rise of a cult of personal indulgence… decreasing commitment to learning and intellectual activity, manifested in the United States in lower levels of scholastic achievement*»*

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

HUXLEY (1946) – Amar servitude.

Aldous Huxley (1946) – Liberdade sexual para reconciliar escravos com servitude.

Em conjunção com drogas e com sistemas de propaganda. «*As political and economic freedom diminishes, sexual freedom tends compensatingly to increase. And the dictator will do well to encourage that freedom. In conjunction with the freedom to daydream under the influence of dope and movies and the radio, it will help to reconcile his subjects to the servitude which is their fate*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

Aldous Huxley – Sexo, entretenimento e soma.

População geral permanentemente distraída por entretenimento, sexo, e soma.

Promiscuidade extrema permitida por abolição da família.

Permite libertação de tensões emocionais destrutivas e criativas.

Portanto, não causam problemas.

«*The creatures finally decanted were almost subhuman; but they were capable of performing unskilled work and, when properly conditioned, detensioned by free and frequent access to the opposite sex, constantly distracted by gratuitous entertainment and reinforced in their good behavior patterns by daily doses of soma, could be counted on to give no trouble to their superiors… In Brave New World… all are permitted to indulge their sexual impulses without let or hindrance… made possible by the abolition of the family… that practically guarantees the Brave New Worlders against any form of destructive (or creative) emotional tension*»

Aldous Huxley (1958). Brave New World Revisited.

Aldous Huxley (1946) – Amar servitude.

Novos totalitarismos procuram que escravos amem a sua servitude, e acreditem que são livres.

Governo por pelotões de fuzilamento, prisões, deportações, não é eficiente.

Um totalitarismo eficiente é um onde os servos amam a sua servitude.

Portanto, não têm de ser coagidos a nada.

Transição é tarefa de propaganda, jornais, e sistema educativo.

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – O papel da propaganda.

O papel da propaganda.

Propaganda mais eficiente é aquela que omite factos.

O principal problema da propaganda vai ser fabricar felicidade.

«*There is, of course, no reason why the new totalitarianisms should resemble the old. Government by clubs and firing squads, by artificial famine, mass imprisonment and mass deportation, is not merely inhumane (nobody cares much about that nowdays); it is demonstrably inefficient… A really efficient totalitarian state would be one in which the all-powerful executive of political bosses and their army of managers control a population of slaves who do not have to coerced, because they love their servitude. To make them love it is the task assigned, in present-day totalitarian states, to ministries of propaganda, newspaper editors and school teachers. But their methods are still crude and unscientific*»

«*The greatest triumphs of propaganda have been accomplished, not by doing something, but by refraining from doing. Great is truth, but still greater, from a practical point of view, is silence about truth. By simply not mentioning certain subjects, by lowering what Mr. Churchill calls an "iron curtain" between the masses and such facts or arguments as the local political bosses regard as undesirable, totalitarian propagandists have influenced opinion much more effectively than they could have done but the most eloquent silence is not enough*»

«*If persecution, liquidation and the other symptoms of social friction are to be avoided, the positive sides of propaganda must be made as effective as the negative. The most important Manhattan Projects of the future will be vast government-sponsored enquiries into what the politicians and the participating scientists will call "the problem of happiness"—in other words, the problem of making people love their servitude*»

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – A verdadeira revolução é na alma e no corpo.

Biólogos e psicólogos podem usar ciências da vida e da matéria...

...para alterar radicalmente as formas e expressões naturais da vida.

A revolução realmente revolucionária não é política nem económica...

...é a revolução nas almas e na carne dos seres humanos.

...e "vai ser atingida".

«*It is only by means of the sciences of life that the quality of life can be radically changed*». E são «*biologists and psychologists*» que podem usar as «*sciences of matter*» para «*modify the natural forms and expressions of life itself*».

«*The really revolutionary revolution is to be achieved, not in the external world, but in the souls and flesh of human beings*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – Segurança económica, revolução na alma e no corpo.

Um módico de segurança económica para todos.

Mas o amor da servitude, a real revolução, é alcançado na alma e no corpo.

[Propaganda e felicidade – ponto anterior].

Técnicas de sugestão, incluíndo educação.

Drogas.

Ciência da personalidade, para alocar pessoas ao "proper place in the social and economic hierarchy".

Esta hierarquia torna-se, mais cedo ou mais tarde, num "scientific caste system".

Para isso contribui eugenia.

O pleno desenrolar destes aspectos está a não mais que 3 ou 4 gerações de distância.

«*Without economic security, the love of servitude cannot possibly come into existence; for the sake of brevity, I assume that the all-powerful executive and its managers will succeed in solving the problem of permanent security. But security tends very quickly to be taken for granted. Its achievement is merely a superficial, external revolution. The love of servitude cannot be established except as the result of a deep, personal revolution in human minds and bodies*»

«*To bring about that revolution* ***we*** *require, among others, the following discoveries and inventions. First, a greatly improved technique of suggestion--through infant conditioning and, later, with the aid of drugs… Second, a fully developed science of human differences, enabling government managers to assign any given individual to his*

or her proper place in the social and economic hierarchy… Third…, a substitute for alcohol and the other narcotics…»... «*scientific caste system*»... «*...are probably not more than three or four generations away*».

Também seria necessário um regime de «*sexual promiscuity*», como aquele visto no Admirável Mundo Novo.

Em conjunção com propaganda e droga, ajuda a reconciliar servos com o seu destino. «*As political and economic freedom diminishes, sexual freedom tends compensatingly to increase. And the dictator will do well to encourage that freedom. In conjunction with the freedom to daydream under the influence of dope and movies and the radio, it will help to reconcile his subjects to the servitude which is their fate*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – Um sistema eugénico, para criar servos ideais.

"…a foolproof system of eugenics".

"…to standardize the human product".

"…we are still a long way from bottled babies and groups of semi-morons".

"…by A. F. 600, who knows what may not be happening".

O objectivo disto é um "scientific caste system".

«*And fourth (but this would be a long-term project, which it would take generations of totalitarian control to bring to a successful conclusion) a foolproof system of eugenics, designed to standardize the human product and so to facilitate the task of the managers. In Brave New World this standardization of the human product has been pushed to fantastic, though not perhaps impossible, extremes… Technically and ideologically we are still a long way from bottled babies and Bokanovsky groups of semi-morons. But by A. F. 600, who knows what may not be happening?*»… «*scientific caste system*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

HUXLEY (1946) – Família aceitável, só para fins de colonização. A família é aceitável quando é necessário que haja «*cannon fodder and families with which to colonize empty or conquered territories*» Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

HUXLEY (1946) – Futuro totalitário.

Aldous Huxley (1946) – Conflito limitado e mudanças sociais drásticas.

No pós-guerra, entra um período de mudança e conflito limitado.

Mudanças sociais e económicas sem precedente...

...padrões de vida serão disrompidos, substituídos por novos padrões.

Se a humanidade não se adaptar, "too bad for mankind".

"There will have to be some stretching and a bit of amputation".

"…a good deal more drastic than in the past".

«*…we may look forward to a period, not indeed of peace, but of limited and only partially ruinous warfare. During that period it may be assumed that nuclear energy will be harnessed to industrial uses. The result, pretty obviously, will be a series of economic and social changes unprecedented in rapidity and completeness. All the existing patterns of human life will be disrupted…*» e substituídos por «*new patters*».

«*…if mankind doesn't fit well, that will be just too bad for mankind. There will have to be some stretching and a bit of amputation—the same sort of stretching and amputations as have been going on ever since applied science really got into its stride, only this time they will be a good deal more drastic than in the past. These far from painless operations will be directed by highly centralized totalitarian governments*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

Aldous Huxley (1946) – Futuro dominado por governos totalitários.

O futuro é dominado por governos totalitários altamente centralizados.

Só um movimento popular de larga escala para descentralização e auto-iniciativa pode para esse processo.

De presente, não há sinal que tal movimento aconteça.

«*Only a large-scale popular movement toward decentralization and self-help can arrest the present tendency toward statism*» e «*highly centralized totalitarian governments*». «*At present there is no sign that such a movement will take place*».

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

HUXLEY – Brave New World.

Brave New World – Um mundo sintético e artificial.

O mundo está organizado num Estado Mundial [World State].

Toda a sociedade revolve em redor de economia e consumo/diversão.

Trabalho em processos de produção monótonos.

Diversão com os "feelies", golfe electromagnético e sexo recreativo.

Relações humanas superficiais e vazias.

Amizades superficiais.

Ausência de amor e de relações familiares.

Soma.

Droga escapista que produz sentimentos artificiais de bem-estar.

Produz um hedonismo superficial e alienação da vida real.

Distrai de esforço, mágoas e decisões morais.

Manipulação genética.

Divisão da população por castas genéticas, apropriadas a funções específicas.

As pessoas nunca envelhecem.

Morte por eutanásia, no Hospital dos Moribundos, num êxtase de soma.

Restos mortais são processados em materiais úteis, como fósforo.

Brave New World, segundo Mustapha Mond.

Mustapha Mond, um dos Controllers da República Mundial, descreve a situação.

"The world's stable now".

"People are happy; they get what they want, and they never want what they can't get".

"…they're so conditioned that they can't help behaving as they ought to behave".

"And if anything should go wrong, there's soma".

“…there's always soma to give you a holiday from the facts”.

“Anybody can be virtuous now”.

«*The world's stable now. People are happy; they get what they want, and they never want what they can't get. They're well off; they're safe; they're never ill; they're not afraid of death; they're blissfully ignorant of passion and old age; they're plagued with no mothers or fathers; they've got no wives, or children, or lovers to feel strongly about; they're so conditioned that they practically can't help behaving as they ought to behave. And if anything should go wrong, there's soma*»

«*And if ever, by some unlucky chance, anything unpleasant should somehow happen, why, there's always soma to give you a holiday from the facts. And there's always soma to calm your anger, to reconcile you to your enemies, to make you patient and longsuffering. In the past you could only accomplish these things by making a great effort and after years of hard moral training. Now, you swallow two or three half-gramme tablets, and there you are. Anybody can be virtuous now*»

Aldous Huxley (1932), Brave New World.

HUXLEY – "The greater part of the population is happy to be ruled".

«…*the greater part of the population is not very intelligent, dreads responsibility, and desires nothing better than to be told what to do. Provided the rulers do not interfere with its material comforts and its cherished beliefs, it is perfectly happy to let itself be ruled*»

Aldous Huxley (1957). "Proper Studies: The proper study of mankind is man". California: Chatto & Windus.

HUXLEY – Brave new world clippings.

amorality – anthropocentric – caste-bound (genetic engineering/global caste society) – consumerist - false happiness – imbecility – loveless – philistine (stupid) – stasis (no war, poverty or crime) – the molecular biology of paradise – things go wrong – totalitarian

(Cool is dumb; dumb is cool)

Aldous Huxley – Propaganda mais eficiente é aquela que omite factos.

«*The greatest triumphs of propaganda have been accomplished, not by doing something, but by refraining from doing. Great is truth, but still greater, from a practical point of view, is silence about truth. By simply not mentioning certain subjects, by lowering what Mr. Churchill calls an "iron curtain" between the masses and such facts or arguments as the local political bosses regard as undesirable, totalitarian propagandists have influenced opinion much more effectively than they could have done but the most eloquent silence is not enough*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

HUXLEY – “The ultimate revolution”.

HUXLEY – “The ultimate revolution” – Brave New World vs 1984.

huxley – the ultimate revolution (Comparar Brave New World com 1984. Creio que as ditaduras científicas do futuro – e haverá ditaduras científicas, em muitas partes do mundo – terão mais a ver com o Brave New World que com o 1984. Porque é muito mais eficiente. Quando se consegue obter consentimento popular para servitude, homogeneização ao nível social, é muito mais fácil obter uma sociedade estável e duradoura. Estamos em processo de desenvolver toda uma série de técnicas que permitirão à oligarquia controladora fazer as pessoas amar servitude. As pessoas podem ser manipuladas a “enjoy a state of affairs which by any decent standard, they ought not to enjoy”. Estes métodos são um refinamento real sobre os métodos de terror porque combinam métodos de terror com métodos de aceitação)

HUXLEY – CG Darwin – Domesticate mankind.

huxley - cg darwin (abridged) (A espécie humana ainda é uma espécie selvagem. A oligarquia tem o direito de a domesticar. Mas a oligarquia tem de permanecer selvagem. Isso é determinante para a permanência de qualquer ditadura)

HUXLEY – “Electrodes in the brain”.

huxley – electrodes (Implantação de eléctrodos no cérebro. Em larga escala em animais e em casos de “hopelessly insane”)

HUXLEY – “Pharmacological methods”.

huxley – pharma methods1 (Método farmacológico. Pode-se imaginar uma euforia que tornaria as pessoas totalmente felizes mesmo nas circunstâncias mais abomináveis)

huxley – pharma methods2 (Portanto, aqui há uma área na qual a “ultimate revolution” poderia funcionar bastante bem. Esta área permite bastante controlo. Representa “the most extraordinary revolution”)

HUXLEY – “Terror techniques”.

huxley – terror techniques (Melhoria nas técnicas de terrorismo. Há uma grande diferença entre nós e os inquisidores do século XVI. Sabemos muito melhor aquilo que estamos a fazer, e podemos estender o que estamos a fazer sobre uma área maior com mais garantias de resultados. Desnecessário dizer que nunca nos livraremos de terrorismo, isto despontará sempre à superfície)

ICMH (1948) – Quebra da família – Doutrinação – Globalismo.

ICMH (1948) – Família é obstáculo a saúde mental.

Família é agora um dos maiores obstáculos a saúde mental.

Portanto, tem de ser enfraquecida. «*A report by one national group vigorously pointed out that the family is now one of the major obstacles to improved mental health, and hence should be weakened, if possible, so as to free individuals and especially children from the coercion of family life*» International Congress on Mental Health, London, 1948 (Carl Flügel, Ed.), Volumes 1-4.

ICMH (1948) – Moldar valores da criança, quebrar valores familiares.

Desacreditar a família e adulterar valores – paradigmas de saúde mental. O primeiro passo foi o de "descobrir" que havia a necessidade de controlo da família por parte do estado central. Depois, foi "descoberto", em "saúde mental", que as crianças tinham de ser protegidas contra valores tradicionais.

Influência familiar tem de ser bloqueada.

"Understanding the great obstacles to rapid progress in human affairs".

"Family and school… imprint members who perpetuate traditional patterns".

"Men and women who present resistance to social, economic, political changes".

"Individual family, hands on its traditions to its children, who perpetuate attitudes".

"This behaviour must be altered if new loyalties are to emerge".

"Pensar global" é saúde mental. Portanto, as pessoas têm de ser educadas para pensar global, colectivamente – requisito para saúde mental.

"A world community is a condition for mental health".

Intervenção: mobilização de RH, doutrinação mediática, controlo de recursos.

«*The social sciences and psychiatry also offer a better understanding of the great obstacles to rapid progress in human affairs. Man and his society are closely interdependent. Social institutions such as family and school impose their imprint early in the personality development of their members, who in turn tend to perpetuate the traditional pattern to which they have been moulded. It is the men and women in whom these patterns of attitude and behaviour have been incorporated who present the*

immediate resistance to social, economic and political changes. Thus prejudice, hostility or excessive nationalism may become deeply embedded in the developing personality without awareness on the part of the individual concerned, and often at great human cost»

O ideal é «*adapting human institutions so that men can live together as world citizens in, a world community… We are concerned with the attitudes and ideals of groups of men in relation to one another, and with the principles and practices of mental health in relation to a world community… a world community is a condition for mental health…*»

«*There seems to be an unbroken chain of inter-action extending from the social, economic and political attitudes of a given community through the participation of the adult members in the life of the group, and so to the individual family, which in turn hands on its customs and traditions to its children, who then perpetuate the attitudes which they have learned. This behaviour in the great variety of forms in which it appears in different cultures must be altered if new loyalties are to emerge and wider ties be developed*»

É preciso encontrar «*our point of intervention… in the whole pattern of mobilisation of manpower, indoctrination through press and radio, manoeuvring among diplomats, bartering and bargaining among those who control the world's resources*»

World Federation for Mental Health. "Mental Health and World Citizenship". Statement of the International Congress on Mental Health, London, 1948.

Identitarismo e balcanização (1)

Dividir para conquistar, dos primórdios da civilização à aldeia global.

Dividir para conquistar, uma táctica tão antiga como a civilização. A táctica de dividir para conquistar é tão antiga como a própria civilização. Sempre que um conjunto de big boys pretende fazer a aquisição hostil de um território, uma das melhores formas de o fazer é pela balcanização e antagonização dos membros dessa população. Quando cada qual está a cortar a garganta do próximo, ninguém presta muita atenção, ou se interessa, por aquilo que os big boys estão a fazer. A população torna-se uma facilitadora da sua própria desgraça. Ao longo da História, regimes tirânicos e oligárquicos promovem sempre uma ou outra forma de balcanização social, naquilo que é sempre um exercício utilitário, visando consolidar o poder da classe governante.

Balcanização para destruição; ex. Austro-Húngaro, Weimar, Jugoslávia. A balcanização é promovida para dois cenários. No primeiro, pode visar a destruição (parcial ou até mesmo total) do tecido sócio-económico. Esta política de terra queimada facilita a vida da oligarquia governante (e, em casos extremos, precede um programa de reconstrução). Aqui, é útil mencionar o exemplo daquilo que foi feito na Europa Central do século 19, quando o Império Austro-Húngaro começou a seguir políticas de "devolução" para com os seus vários grupos étnicos. Isso resultou na estimulação de formas extremas de supremacismo étnico, o que foi bastante útil para o Império durante um tempo: enquanto sérvios fossem mantidos em guerra com muçulmanos, ou magiares com germânicos, os oligarcas que geriam o Imperador seriam deixados em paz relativa. Depois, em Munique, anos 20 para os 30, temos a fragmentação sócio-cultural da República de Weimar, culminando na tomada de poder por um grupo particular de fascistas/racistas e com a consequente instituição de um estado totalitário e genocida. Tudo isto acontece com a autorização dos oligarcas financeiros que tinham promovido a fragmentação social (como proxy para saque e consolidação económica) da República de Weimar. Mais tarde, temos ainda o exemplo Jugoslavo, onde a indução de uma crise económica grave (na altura, pelo FMI, em conjunto com bancos privados) é acompanhada do incentivo a uma escalada de conflitos étnicos (até aí meramente pontuais) ao nível de guerra civil. Esta é a primeira grande *proxy war* eurasiática, como Brzezinski lhe chamaria, onde temos a Rússia do lado Sérvio e uma entente NATO/Sauditas [mais tarde com participação do Irão, com o envio de consultores e de *fedayeen* e também com os negócios de armas com Clinton] a incentivar e a apoiar todos os divisionistas possíveis e imaginários, de Fascistas Croatas a *jihadis* Bósnios.

Balcanização para consolidar poder; o exemplo do apartheid. No segundo cenário, a balcanização visa assegurar uma estrutura de poder. Isto passa geralmente pelo *empowerment* relativo de uma classe subordinada sobre as restantes. O *apartheid* é aqui um bom exemplo: um grupo social (brancos *afrikander*) eram colocados em posição de

superioridade sobre a larga maioria da população (negros nativos) para assegurar que a governância de saque e exploração do território pela oligarquia dominante (banqueiros e industrialistas) prosseguia sem perturbações. O mesmo se aplica, por exemplo, ao sistema de comissariados sobre os países totalitários, de esquerda e de direita, pelo qual os membros do Partido exercem funções de capatazes neo-coloniais sobre as populações exploradas.

Balcanização para neo-colonialismo, na aldeia global. Com efeito, são linhas políticas que são seguidas até aos dias de hoje, agora no contexto da economia/aldeia global. Estas linhas podem ser definidas em poucas palavras: dividir e destruir para conquistar, construir uma estrutura consolidada sobre a terra queimada, escravizar. Para obter controlo sobre um território, primeiro é necessário degradar, se não destruir totalmente, o tecido sócio-económico e político desse território. Instituir uma lógica de divisionismo, balcanização, guerra de todos contra todos. Quando isso é atingido (ou, enquanto é atingido), é possível entrar, com grandes interesses comerciais e/ou militares e, assumir controlo sobre o país. A nova ordem que é estabelecida é uma forma de neo-feudalismo colonial, onde o poder está concentrado nas mãos dos neo-feudalistas e o homem e a mulher comuns são reduzidos a um estatuto servil.

Isto pode ser feito por meios "soft" e "hard". Existem muitas formas diferentes de operacionalizar estes princípios e aplicá-los no mundo real. Podem ser aplicados por meios puramente "soft" (económicos, psicossociológicos, etc) ou por meios "hard" (guerra, confrontações).

A criação platonista de uma "elite" identitária.

Balcanização pelo empowerment de um grupo sobre os restantes; o ex. do apartheid. Neste cenário, a balcanização passa pelo *empowerment* relativo de uma classe subordinada sobre as restantes. O *apartheid* é aqui um bom exemplo: um grupo social (brancos *afrikander*) eram colocados em posição de superioridade sobre a larga maioria da população (negros nativos) para assegurar que a governância de saque e exploração do território pela oligarquia dominante (banqueiros e industrialistas) prosseguia sem perturbações. O mesmo se aplica, por exemplo, ao sistema de comissariados sobre os países totalitários, de esquerda e de direita, pelo qual os membros do Partido exercem funções de capatazes neo-coloniais sobre as populações exploradas.

A Fórmula: O "grupo perfeito", a utopia fictícia, guerra e terror para lá chegar. Isto é sempre baseado na mesma fórmula. Inventa-se um mito identitário, onde existe um "grupo perfeito", acima de todos os restantes. Esse grupo tem o direito/dever histórico de usar todas as formas possíveis de coerção (o que inclui terrorismo e genocídio) para atingir o propósito, a utopia, o paraíso terreno imaginário. É sempre a mesma fórmula básica. Este princípio é tão válido quer estejamos a falar de comissários nazis que acreditam na supremacia do "sangue ariano" ou de comissários marxistas que acreditam na sua própria supremacia de classe [vanguarda].

Supremacia e noblesse oblige. Ao longo da História, qualquer movimento para balcanização teve a sua própria ideologia e o seu próprio *ethos*. Um afrikander aprendia que era "inatamente superior" ao homem negro e tinha o dever racial de o gerir e educar. O mesmo se aplica ao comissário bolchevique ou nazi; eram intelectual e/ou racialmente superiores às classes exploradas, tendo os mesmos deveres – educação, gestão. Este é um tema essencial nos movimentos para balcanização. A promoção de "superioridade", "supremacia", aliado a uma *noblesse oblige* sintética e artificiosa, que justifica a interferência com as condições externas (gestão) e internas (educação) das classes exploradas.

Platão e o asilo mental social, criado a partir de "mentiras nobres" de casta. Este modelo é inerentemente baseado no charlatanismo de Platão, que explicou como manipular toda uma sociedade. Começa-se por dividir a sociedade em três classes: uma classe gestora, uma classe militar, uma classe servil/escrava. Depois, criam-se identidades corporativas para cada uma dessas classes; esse é sempre um exercício baseado em mentiras descabeladas (as "mentiras nobres", mentiras fundacionais da nova ordem social). Portanto, a classe gestora vai ser a "classe do ouro", a melhor e mais perfeita classe que já existiu, terá a sua própria história corporativa inventada, o seu próprio sistema normativo de valores e crenças e por aí em diante. O mesmo acontecerá para a classe militar, que será a "classe do ferro". E, o mesmo acontece para as classes servis, que são essencialmente equiparadas a metais baixos, como o cobre ou o chumbo.

Esquema de Platão exige grupo superior; os *lazy boys* que comem todo o mel. É claro que, embora Platão não seja explícito em relação a isto, todo este exercício implica que existe uma quarta classe acima de todo este asilo mental social; essa é a classe que tem de dar início ao processo de identitarização e corporativização e, assegurar a sua permanência ao longo do tempo. Em boa linguagem cripto-socialista, é a classe dos apicultores: aqueles que preparam a colmeia, cultivam-na, cuidam-na e, no final, comem o mel.

"Rule Britannia – Britannia divide and rule".

Oligarquia britânica faz de balcanização uma arte. A geração actual de ideologia balcanizante tem as suas origens nas tácticas divisionistas do Império Britânico, que apostou nesta táctica pelos cinco mares e pelos cinco continentes. Onde quer que houvesse uma população sentada em cima de recursos, isso queria dizer que estava à espera de ser balcanizada e dividida, de forma a sair do caminho desses recursos. Esta táctica foi aplicada ao longo de todo o Império. Dividir anglos contra francófonos no Canadá; hindus contra muçulmanos e depois hindus contra outros hindus, na Índia; chineses contra malaios; sul-africanos contra sul-africanos; tribo contra tribo; e assim sucessivamente.

Ex. África do Sul: Usar apartheid, depois descartá-lo, criar apartheid negro [soft]. Enquanto os *afrikanders* estavam a policiar os nativos da África do Sul e, a mantê-los

sob trabalho forçado nas minas de ouro e diamantes, os *shareholders* da City continuavam a assinar os seus contratos e a ganhar os seus dividendos. Mais tarde, esse sistema deixou de ser apropriado. Portanto, foi invertido, pelos mesmos *shareholders*, que tinham passado a ser convictamente "anti-racistas". Agora, a população negra podia perseguir os antigos capatazes e ser ela própria subdividida em novas castas de mestres/escravos.

Os peões são comidos, os cavalos e o rei também, mas o *chessmaster* é o mesmo. Os proprietários continuam a ser os mesmos. Mas, no terreno, vão havendo mudanças de peões, incidentes dramáticos, aparências de mudança. Tudo isso facilita bastante o trabalho de uma oligarquia que saiba o que está a fazer.

O mindjob à "oligarquia negra": crescer a admirar Rhodes e Smuts, para *agir* como eles. É bastante sintomático (e trágico) que os actuais líderes negros da "África livre" sejam doutrinados para a *admiração* de figuras como Cecil Rhodes, Jan Smuts ou os vários membros do Milner's Kindergarten. É esta colecção de personagens que funda a União da África do Sul e que dá origem às suas práticas administrativas: esclavagismo, misantropismo, fraude e exploração como *raisons d'État*. É esta colecção de personagens que antagoniza os filhos dos Boer contra as tribos negras e os utiliza para organizar uma casta de capatazes *afrikander* sobre todo o território. Que esta colecção de personagens seja admirada pelas novas gerações de líderes africanos, é algo que expressa bem o carácter dessas novas gerações: não são africanas (nem se consideram como tal) e não têm a capacidade para liderar.

Britannia divide and rule: A distorção identitária de Sunni e de Shia.

O exemplo do mundo muçulmano – a distorção identitária de Shia e Sunni. Em muitas outros casos, a táctica foi aplicada em terras situadas fora do Império formal. Um caso notável, com implicações graves para os nossos tempos, é o do mundo muçulmano.

Império utiliza redes locais de intelligence para subversão de Sunni e Shia. Aí, a política britânica foi a de, a partir do início do século 20, incentivar a criação de grupos terroristas ultra-identitários, com base numa interpretação legalista extrema da *sharia* e na legitimação do uso de terror para atingir a utopia, o paraíso terrestre. O Império recorreu às suas redes de intelligence no terreno, vários grupos de Ikhwan. No mundo Sunita, isto são essencialmente as seitas wahabbi e grupos de origem Sufi ("sunitizados") como a ordem Senussi, na Cirenaica líbia. No mundo Xiita, isto corresponde a vários grupos Fedayeen, liderados por mullahs e da'is que, na prática, são teologicamente Ishamilis.

Ideologias sintéticas e grupos terroristas. A promoção de ultra-identitarismo exigiu a criação de ideologias sintéticas. No mundo Sunni, isto assumiu a forma de uma interpretação legalista da sharia, combinada com supremacismo racial Árabe (particularmente perante Negros e Persas), para além da legitimação do recurso a *jihad*

(guerra e terror) para trazer a utopia, o Califado unificado. Esta teologia é desenvolvida por agentes britânicos como al-Afghani e al-Banna e é a base ideológica da Irmandade Muçulmana (IM), organizada nos anos 20 pelo Arab Bureau de Sir Arnold Toynbee, para ser a versão árabe dos Carbonarii. A IM vem a tornar-se na principal força sócio-política no mundo sunita, com ramificações em governos, forças armadas e múltiplos grupos-fachada, aos mais variados nível. É também da organização que surge toda uma série de grupos e falanges terroristas ao longo das décadas, com destaque para a actual al-Qaeda. A ideologia sintética que foi dada ao mundo Shia é similar. Também é baseada numa interpretação radical, legalista, da lei de Allah, uma adaptação do gnosticismo Ishmaili. Isto é acompanhado de supremacismo racial Pérsico (particularmente face a Árabes) e, da mesma forma, legitima *jihad* Fedayeen como forma de obter a utopia perfeita, o mundo islâmico unificado, sob o reino do 12º Imam. Na verdade, tudo o que os Da'i empregados por Londres tiveram de fazer foi simplesmente impor teologia Ishmaili ao mundo Shia e, complementá-la com identitarismo Pérsico-Iraniano.

<u>Distorção Sunni e Shia, comparável a Cristianismo redefinido por Inquisição/KKK</u>. O resultado de tudo isto foi obscurecer e degradar as duas grandes correntes sócio-teológicas Islâmicas. Uma destas correntes, a Sunni foi, em tempos, uma das grandes promotoras mundiais de racionalismo e civilização. A Baghdad do período Abásida é, muito literalmente, uma das grandes cidades da história humana. Os produtos finais deste trabalho obscurantista são comparáveis a algo como ter o Cristianismo a ser inteiramente redefinido por um consórcio Inquisição Espanhola/KKK (os pós-modernistas, primos ideológicos de ambos os grupos, adorariam isto, já que este é o rótulo que tentam colocar sobre o Cristianismo).

Lord Palmerston e a desestabilização do Continente, por balcanização étnica.

<u>As "revoluções liberais" do Midlands – guildas, balcanização, colonialismo "soft"</u>. Alguns grandes bancos, como o Barclays ou o Barings ganharam a desmerecida reputação de terem sido forças de liberdade constitucional na Europa. Sempre que estas entidades usavam o poder do ouro para conduzir revoluções liberais na Europa, isso não feito para libertar os países em causa, mas sim para instalar o seu próprio domínio semi-colonial sobre esses países, através de um elaborado sistema de controlo financeiro e concessões comerciais. Esse é um dos motivos essenciais pelos quais as revoluções liberais ficaram sempre a meio caminho em território europeu. Eram guiadas pelas pessoas erradas, com os propósitos errados. Durante todo o século 19, o activista constitucional genuíno dava consigo a ser guiado e usado como peão por estes interesses de alta finança, e por questionáveis guildas de "homens de honra", que eram patrocinadas por esses interesses, para conduzir as revoluções e para gerir os tecidos sociais no pós-revolução. O "gigante" e o "anão" assumiam controlo sobre a sociedade; e o homem médio era/é gradualmente conduzido de volta a servitude, enquanto era/é persuadido de que nunca foi tão livre. É preciso ter em mente que a única revolução

realmente liberal na História moderna foi conduzida *por oposição* aos interesses corporativos da City, e não sob o patrocínio dos mesmos. Essa é, claro, a Revolução Americana, que foi construída sob pressupostos liberais, democráticos e universalistas. O padrão das revoluções liberais bancárias seguiu a estratégia de balcanização e desmantelamento universal que é definida pelo Foreign Office de Lord Palmerston, ainda durante a primeira metade do século 19.

Século 19, Lord Palmerston usa balcanização para desestabilizar Continente. Os britânicos são mestres históricos no emprego de tácticas de divisionismo. A era em que essa tradição é consolidada é a era de Lord Palmerston, durante o século 19. Esta é a era em que a City financia e organiza toda uma série de revoluções "liberais" na Europa. Isto foi uma forma de estabelecer e solidificar o seu próprio domínio neo-feudal sobre os territórios revolucionados.

Palmerston, chefe da *intelligence* britânica (o "M" muito antes de Milner). Lord Palmerston foi o chefe informal do aparato de estado britânico durante várias décadas, durante as décadas intermediárias do século 19. Foi *o decision-maker* do seu tempo, essencial para a definição das grandes linhas políticas seguidas pelo Império Britânico, durante e após o seu período.

Desestabilizar e fragmentar Continente por meio de choques etno/raciais. Palmerston formula esta estratégia numa época em que uma das prioridades estratégicas essenciais da Grã-Bretanha é a desestabilização e a fragmentação sócio-política do Continente. A ideia de Palmerston foi a de incentivar cisões étnicas pelo Continente fora e de mergulhar a Europa numa dinâmica interminável de guerras de "libertação nacional" (arbitrariamente designadas como "liberais" ou "constitucionais"), com as linhas da frente a serem definidas por identidade étnica, histórica, linguística. Para alcançar este propósito, Palmerston e as cliques oligárquicas que o suportam, incentivam ímpetos identitários extremos, ideologia e etno-racial, ódio e adversariedade. Isso lançaria a Europa Continental numa sucessão interminável de conflitos e massacres étnicos.

Particionar Europa em estados étnicos, frágeis, dependentes da finança britânica. A estratégia também permitiria particionar o território europeu ao longo de linhas étnicas, em estados etno-raciais, que seriam pequenos, frágeis, facilmente controláveis pelos interesses comerciais e militares da City.

Estratégia executada por apoio de *intelligence* britânica a falanges etno-terroristas. A estratégia foi habilmente executada pelos serviços secretos da Coroa, os SIS, a trabalhar em conjunto com a City e com o Foreign Office (e isto é o núcleo central da *intelligence* britânica; tudo o resto deriva daqui). A medida essencial foi a de patrocinar multitudes de grupos étnico-terroristas, literais falanges proto-fascistas. As múltiplas falanges patrocinadas por Londres nesta altura foram quase todas "juventudes", dos Young Italians aos Young Serbs aos Young Poles e por aí fora.

Carbonarii et al – Redes proto-fascistas com valências terroristas e de intelligence. O *benchmark* para estes grupos são os *Carbonarii* de Giuseppe Mazzini: um grupo

terrorista disciplinado, subserviente a Londres, organizado numa rede de círculos concêntricos, interconectante com vários outros grupos e sociedades (de parceiros, nalguns casos, de idiotas úteis, noutros casos). Os grupos patrocinados por Londres eram algo como uma mistura entre Abwehr e SA: serviços secretos militarizados e bandos terroristas de rua num só. Com efeito, os grupos criados por Londres são os precursores directos das organizações fascistas do século 20. É desta fase de desestabilização crónica e disseminação de identitarismo sintético que vêm a surgir os identitarismos Fascistas do século 20, com o seu "Blut und Boden", "ein Reich ein Volk" e assim sucessivamente.

Estratégia lança Continente em guerras civis, motins, ataques terroristas. Em parte, estas iniciativas terroristas alcançaram os efeitos pretendidos por Londres, sendo decisivas para lançar a Europa num mar de terrorismo, assassinatos políticos, motins, guerras civis, partições etno-territoriais. Os estados que daí resultavam eram frágeis, inseguros, dependentes do exterior. Essa terra queimada era depois adquirida por Londres, através de empréstimos bancários irreparáveis ou de empreendimentos comerciais.

Identitarismo étnico de Palmerston nega estado-nação universalista.

A táctica de Palmerston alimenta racialismo e nega estado-nação universalista. A estratégia de Lord Palmerston foi determinante para distorcer e desvirtuar o ideal Renascentista do estado-nação moderno, um espaço universalista, não dependente de variáveis etno/raciais. O cidadão nacional era aquele que aceitava participar dos direitos e dos deveres do estado de direito – ponto. Um dos efeitos essenciais da estratégia de Palmerston foi o de equacionar racialismo e divisividade étnica com nacionalidade e soberania territorial.

Táctica de Palmerston: tribalismo, superstição étnica, eugenia e Fascismo.

Tribalismo étnico e pseudociência supersticiosa ("*nação étnica, raça, sangue,destino"*). Este é um retorno a velhos padrões tribais, sempre latentes na vida europeia, sob uma frágil camada de civilização. Esses padrões estavam remetidos aos domínios do mero *folk* e não tinham expressão política significativa antes do patrocínio britânico. Eram (correctamente) vistos como demonstrações de superstição e tribalismo mas, de repente, começam a ter o patrocínio de instituições académicas britânicas. Esta é a era em que Herbert Spencer, que na altura dominava a Royal Society, dá "credência científica" à ideia de "nação" como assente em princípios raciais "científicos". A "nação" spenceriana é um veículo da *raça*, do *sangue colectivo* no encontro ao seu *destino*, na grande *selecção* darwiniana para a *sobrevivência dos mais aptos*.

Darwinismo spenceriano, eugenia, racismo científico, tentam redefinir estado-nação. A nação de Spencer tem o *direito* e o *dever* de purgar o seu espaço territorial de todo o *mau sangue* – o etnicamente extrâneo e o doméstico. Tudo isto era uma mera expressão

da mentalidade da oligarquia britânica; eugenia, racismo científico, darwinismo social, são meras racionalizações pseudocientíficas do velho racismo de classe que é endémico a esta oligarquia. Sob a colaboração de Charles Darwin e, secundado pelo militantismo de Francis Galton, Herbert Spencer torna-se o grande fundador da mentalidade eugénica – entendida enquanto "campo científico" – na Grã-Bretanha. Em breve teria seguidores por toda a Europa, em particular na Alemanha. Meio século depois, a Sociedade para Higiene Racial de Ernst e Rüdin será tão ou mais importante que a Sociedade Eugénica Britânica, ou que Cold Springs Harbor, o empreendimento Rockefeller/Harriman de New Jersey.

Desestabilizações étnicas são precedentes essenciais para Fascismo do século 20. Com efeito, é nesta identificação "científica" (na verdade, total e completamente pseudocientífica) entre divisividade étnica e soberania territorial que encontramos as raízes para a mentalidade Fascista de ver a "nação" como um espaço etno-identitário limitado, um espaço definido por identidade étnica, histórica, linguística; mas, mais que isso, um *gene pool* fechado e auto-contido. Quando Palmerston exporta revolução, faz o que os britânicos fazem sempre: exporta também uma ideologia sintética, desumanizante e destrutiva – a habitual exportação da fealdade intrínseca ao *establishment* gnóstico da Grã-Bretanha. Toda a desestabilização é conduzida pela promoção de grupos proto-fascistas que iriam ser, eles próprios, instrumentais na difusão de ideologia etno-eugénica e na criação das redes institucionais que iriam dar origem à ascensão do Fascismo durante o século 20; o caso de Mazzini e dos Carbonarii é aqui paradigmático. Sem as desestabilizações do século 19 e, sem o eugenismo étnico que é exportado através destas desestabilizações, teria sido bastante mais complicado para as mentalidades racialistas europeias alguma vez saírem do armário da guilda.

Influência anglo sobre etno-extremismo Nazi, com pessoas como Chamberlain e Grant. Esta influência do eixo anglo no incentivo a divisismo étnico Continental continua a funcionar durante todo o século 19 e, com efeito, durante a primeira metade do século 20. Por exemplo, é Houston Stewart Chamberlain, o burocrata medíocre, que explica ao povo alemão que, não se limita a ser *ariano* (essa conclusão já tinha sido atingida por Gobineau) mas que essa condição o torna *superior* a todos os outros, dotado da missão de iluminar o mundo para uma *nova era* de limpeza do *gene pool* humano [é também do trabalho de Chamberlain que vem muito do actual charlatanismo *new age*]. Mais tarde, a própria definição geográfica do "Lebensraum" (territórios germânicos e uma porção do Leste) é inspirada aos fascistas alemães por Madison Grant, o chefe do *braço americano* da British Eugenics Society, a American Eugenics Society (*com efeito, não é uma organização americana, mas sim o braço americano de uma organização inglesa*). Grant escreve The Passing of the Great Race em 1916, onde incentiva a Alemanha a concretizar o seu *destino* racial; Hitler descreveria o livro de Grant como a sua "bíblia". Chamberlain e Grant são apenas dois exemplos entre muitos outros. De um conjunto de reuniões provocatoriais entre idosos pervertidos em clubs londrinos chega-se à mentalidade do "ein Volk, ein Reich", do "Lebensraum", e do "Blut und Boden". Tudo na vida tem consequências.

Identitarismo multicultural (1) *– The Cuckoo's Nest Identity*

(1) Corporativismo e comunitarismo lançam bases para sectarização identitária

(2) The Cuckoo's Nest Identity: Fantasia, reciclagem, desconstrução, destruição

(1) Corporativismo e comunitarismo lançam bases para sectarização identitária

Estado de Direito substituído por estado Corporativo.

Governo constitucional erodido e ocupado por interesses particulares. Durante as últimas décadas, com aceleração drástica desde os anos 70, as democracias liberais ocidentais passam por uma revisão drástica do conceito do que é, e deve ser, um governo. A noção de governo constitucional é gradualmente erodida sob a pressão de grupos de interesse (e.g. consórcios financeiros e empresariais, organizações da sociedade civil). As instâncias de governo passam a ser entendidas como um fórum multilateral para diferentes grupos de interesse disputam (ou colaboram entre si para obter) estatutos legais diferenciais, rendimentos públicos assegurados e o usufruto de tranches de poder público, sob estatutos público/privados.

Domínio público universal deixa de existir – sob disputa, aquisição e concertação de particulares. O espaço público passa, por conseguinte, a ser o domínio de disputa, aquisição e concertação por parte de diferentes grupos de interesses particulares. Isto assinala, claro, a distorção do conceito de domínio público. O domínio público é *definido* por universalidade e por equidistância: é o espaço onde todos os particulares, pequenos ou grandes (a universalidade), usufruem dos mesmos exactos direitos e liberdades. As suas instâncias de governação têm, por conseguinte, de exercer os seus papéis (legislação, arbitragem de relações) num espírito da mais estrita isenção e imparcialidade. A única parcialidade admissível é aquela que é devida ao *ethos* de igualdade universal que é constitucionalmente ordenado.

O estado de direito é substituído por um estado corporativo, público/privado. Quando o domínio público se torna um espaço de disputa, concertação, aquisição, por parte de diferentes grupos particulares, estamos perante aquilo que já não é um estado de direito, mas sim um estado corporativo. Por outras palavras, é um estado onde o poder público é adquirido por diferentes

segmentos sociais e corporações (corpos, ou *corpores*). Esses poderes *particulares* assumem o controlo sobre o poder *público*, fundindo ambos os domínios em poder público/privado que, na prática, representa um complexo de puro e simples ***poder***. Quando isto é feito, os vários grupos particulares que fazem a *tomada de poder* sobre o domínio público são livres para se concertar entre si e ditar condições sobre a universalidade dos particulares (indivíduos, famílias, empresas, associações, etc.) Esta é a essência definidora do estado corporativo.

Estado corporativo tende a redundar em totalitarismo. Nas suas formas mais extremas, o estado corporativo torna-se um espaço de concertação plena (fusão) entre todos os agentes que assumiram o poder público, e dá origem ao estado totalitário. Nesses casos, estamos perante *fascismo corporativo, socialismo tecnocrático, sovietismo comunista, mercantilismo integrativo*. Todos representam o *estado corporativo total* e são essencialmente idênticos, diferindo entre si em meras questões de pormenor.

"Mercantilismo tecnocrático integrativo". O meu termo favorito para classificar a condição actual é mercantilismo tecnocrático integrativo, porque é o que melhor expressa as relações de poder aqui presentes: conglomerados mercantis multinacionais assumem controlo sobre a sociedade e repartem diferentes tranches do poder público por subsidiárias (empresas, fundações, ONGs, etc.) para obter gestão tecnocrática de território, recursos e populações.

Comunitarismo: a sociedade como um feudo privatizado.

Fusão de poder público com poder privado origina mero ***poder***. A fusão de poder público/privado inaugura a ascensão de mero ***poder***, que é exercido por alguns particulares sobre todos os restantes.

Comunitarismo, recursos comunitários, a sociedade como espaço de gestão privada, despótica. Como já não existe distinção entre domínio público e domínio privado, é entendido que todo o espaço social é *comunitário*, i.e. detido em *comum*, significando que toda a sociedade, os seus recursos, meios e populações, passam a ser recursos comuns, a ser geridos pelos novos detentores de poder e pelos seus agentes subsidiários; *comunitarismo*. A sociedade é um espaço de ***gestão***. Estamos no domínio do *managerial state*, nos moldes que são explicados por James Burnham, "The Managerial Revolution" (1947). Isto, claro, é despotismo.

Governo comunitário, despotismo e alocações subsidiárias de poder e de riqueza. Os novos detentores de poder tornam-se os proprietários da sociedade e gerem a distribuição de alocações de poder, de riqueza e de funções sociais por meio do princípio de subsidiariedade. Por outras palavras, quem quer operar na comunidade tem de o fazer sob autorização, sob licença, dos novos proprietários; representados por agências de governo comunitário. Em tudo isto, é preciso manter em mente que o estado corporativo, ou comunitário é, por tendência, um estado despótico; um estado policial.

Sob comunitarismo, ninguém tem direitos assegurados. O rationale *comunitário* implica que *nenhum particular tem quaisquer direitos assegurados* (ou *inalienáveis*) sejam eles de natureza política, social ou económica. É o contexto pragmático de gestão de recursos comunitários que define que direitos são ou não admissíveis e, para quem. Gestão de empresas, aplicada à sociedade no seu todo. Como tal, todos os direitos são temporários, contextuais, passíveis de revisão e de negação. Ninguém tem quaisquer garantias asseguradas à integridade da sua vida, liberdade, auto-determinação, propriedade. Tudo depende do contexto de gestão.

O padrão que nos leva de volta à URSS, à Alemanha Nazi e ao Império Romano. Este é, claro, o padrão do absolutismo, algo que nos leva de volta aos regimes totalitários do século 20, mas também ao padrão de absolutismo que é comum aos absolutismos iluminados europeus, aos impérios feudais e aos despotismos da Antiguidade.

Corporativismo regimenta população em organizações cívicas [Arbeitsdienst et al].

Corporativismo usa população contra si mesma, regimenta-a em corporações identitárias. Todos os estados corporativos tendem a favorecer a corporativização identitária da população, pela qual a população é regimentada em diferentes grupos de acção, organizações cívicas, para o estado corporativo. Esta é uma forma de usar o poder de organização das massas populacionais contra si mesmas; colocar a pessoa comum a operar em contexto colectivo, em prol do estado corporativo.

Segmentos sociais, identidades segmentárias, organizadas à volta da "identidade comum". Para esse fim, a sociedade é *segmentada* em diferentes clusters sócio/culturais, aos quais chamarei de segmentos sociais. Cada segmento é representado por um conjunto de organizações cívicas, de pertença inicialmente voluntária, eventualmente *obrigatória*. Existem segmentos étnicos, religiosos, etários, sexuais; etc. Cada qual recebe a sua própria identidade sintética, a sua própria disciplina de corpo, as suas próprias doutrinas internas. Cada um destes segmentos é, desta forma, cristalizado à volta de uma identidade segmentária própria, mas todas as identidades segmentárias são organizadas à volta de uma "identidade comum" (o "povo proletário", a "nação", o Volkgeist, etc.)

Serviço comunitário, de trabalho forçado a espionagem e controlo social. As organizações cívicas são usadas no contexto do estado corporativo para levar a cabo os mais variados serviços comunitários, i.e. funções integradas na gestão do espaço comunitário. Esses serviços implicam normalmente a subgestão especializada deste ou daquele domínio da vida comunitária. Isto implica que estas organizações têm de manter os seus respectivos segmentos populacionais sob controlo, mas também que podem receber funções específicas de gestão desta ou daquela parte da vida sócio/económica (e.g. organizações profissionais). Outros serviços comunitários podem incluir funções como espionagem civil e trabalho comunitário compulsivo ("voluntariado obrigatório").

Arbeitsdienst e o soviete cultural. Isto é a organização cívica urbana, a *corporazione* religiosa, o soviete étnico, a Hitlerjügend, as organizações de Arbeitsdienst para rapazes e raparigas, etc.

A promoção de sectarismo sob corporativismo pós-moderno.

Transição ocidental para comunitarismo abre portas a padrão identitário totalitário. O anteriormente descrito é a forma final de corporativização identitária sob comunitarismo pleno; o padrão que é encontrado sob regimes totalitários. A transição do mundo ocidental para comunitarismo abre as portas à entrada de um padrão deste género, no médio ou no longo prazo. É concebível, senão altamente provável, que um tal padrão venha a ser sistematizado em várias partes do mundo ocidental no futuro próximo.

A "comunidade" como slogan para uma identidade comum. Em tais instâncias, é expectável que a "identidade comum" à volta da qual esse padrão venha a ser organizado seja a da "comunidade"; todos juntos, a remar para o mesmo lado, em prol da comunidade que nos une a todos. Esse é, aliás, o mote geral de muitos movimentos (empresariais, ONGistas) que têm vindo a destacar-se na actual transição comunitária, para promover segmentação e cristalização identitária.

Porém, real meta-identidade comum reside em desconstrução social radical. No entanto, a dinâmica de segmentação que tem vindo a ascender de tudo isto é uma de partição, fragmentação sócio/cultural ao longo de linhas ideológicas, étnicas, religiosas, entre outras. Embora o slogan que guia muito disto possa ser o da "união comunitária", a realidade meta-identitária que está aqui presente configura um complexo conceptual que é caracterizado por desconstrução, dispersão, conflito, fragmentação social radical. Vou tentar explorar o tipo de construção que subjaz à actual deriva identitária.

(2) The Cuckoo's Nest Identity: Fantasia, reciclagem, desconstrução, destruição

Ocidente torna-se segmentado e sectário, sob identitarismo.

Sociedades ocidentais assumem gestalt identitária: cristalização, sectarismo, ante bellum. Ao longo das últimas décadas, com aceleração drástica nos últimos 5/10 anos, as sociedades ocidentais vieram a assumir a configuração do identitarismo. Isto significa que o panorama sócio/cultural das sociedades ocidentais tem vindo a sofrer a transição gradual para uma

segmentação, uma partição radicalizante, de partes significativas da população; ao longo de linhas que são ideológicas, étnicas, culturais, religiosas, sexuais, ou até profissionais. Neste processo, existe a formação, a cristalização e a radicalização de diferentes clusters identitários. Existem blocos, alianças e rivalidades entre segmentos identitários, numa configuração geral de sectarismo e *ante bellum*.

"Multiculturalismo", "tolerância" (slogans) – porém, respeito mútuo e tolerância são **mortos**. De modo particularmente preocupante e cínico, tudo isto está a ser feito sob o slogan de multiculturalismo e implementação de tolerância. Como procurarei mostrar, a tolerância e o respeito mútuo (no domínio cultural como em qualquer outro) são *mortos* por este processo.

The Cuckoo's Nest Identity (1): Balcanização, orgulho e preconceito.

Identidades colectivas sintéticas e despersonalização individual. Nesta dinâmica, grupos populacionais inteiros aderem a segmentos identitários que são definidos por identidades colectivas sintéticas. A identidade de cada segmento define por igual todos os indivíduos nele incluídos. Este fenómeno é *per se* despersonalizante. É esperado do indivíduo que dilua a sua própria individualidade na identidade colectiva; isso é facilitado pelo uso de técnicas de pressão social, como o T-group.

Identidade ®: personalidade, crenças, gostos, história pessoal colectiva, "destino comum". A identidade colectiva consiste, em essência, de uma colecção de estereótipos e de lugares-comuns. Existem traços personalísticos *standard*, crenças normativas, preferências culturais politicamente correctas, slogans fáceis. Existe ainda uma "história comum oficial", que define todos os membros (uma "história pessoal colectiva"), e também um "destino comum", que todos devem almejar e para o qual todos devem lutar.

Identidade ®: "História comum", "inimigos históricos" e mais nonsense despersonalizante. A "história comum oficial" é geralmente obtida a partir da ultra-simplificação estereotípica da História e definida por oposição a um ou mais outgroups, os "inimigos históricos universais". É gerado um estado de conflitualidade geral, que passa por demagogia histórica, slogans incendiários, jogos de culpabilização mútua. Existe a retórica da "dívida histórica", pela qual um ou mais outgroups são "devedores históricos" ao ingroup, o "credor histórico". Tudo isto é, por sistema, baseado em interpretações simplificadas e enviesadas da História. Mas, mais que isso, é um exercício que está intimamente radicado em generalização abusiva; indivíduos são rotulados como "vítimas" ou como "agressores" por associação ilegítima a colectivos imaginários.

Comunicação torna-se anestesiada, paranóica, ultra-sensível – o ninho de cucos. Tudo isto tende a quebrar a comunicação entre pessoas. Pessoas que já não são pessoas, mas sim representantes de colectivos virtuais, tornam-se algo como representantes de relações públicas para esses colectivos. É gerado um ambiente de paranóia e de susceptibilidade extrema, na qual cada qual

tem de demonstrar "respeito" e "sensibilidade" pela identidade colectiva do outro. Uma "conversação segura" é uma que é mantida num patamar anestesiado, não-ofensivo, não-comprometedor. Por outras palavras, um ninho de cucos para tolos despersonalizados.

<u>Estatutos legais de excepção (balcanização legal) e representação em governo (comunitarização)</u>. Com frequência, os segmentos colectivos usufruem dos seus próprios estatutos legais de excepção e de poder de representação directa nas instâncias governativas. Esta segunda instância é particularmente grave, sendo algo que acompanha a tendência de comunitarização geral da sociedade (por outras palavras, a tomada de poder do domínio público por interesses particulares). O mesmo acontece com a primeira tendência, a obtenção de estatutos legais de excepção. Balcanização legal por segmentos populacionais é sempre o prelúdio para outras formas de balcanização, e.g. territorial.

<u>Código moral colectivo pragmático – *bem* e *mal* definidos à imagem do colectivo</u>. Existe um código moral colectivo, com a redefinição utilitária dos conceitos de *bem* e de *mal*. Boas acções são todas aquelas que avançam os propósitos do colectivo; más acções são aquelas que prejudicam o avanço desses propósitos.

<u>A vitória no "futuro comum" passa pela subjugação de outgroups</u>. Alcançar o "futuro melhor comum" é o propósito fulcral. Isso é algo que, por norma, é obtido pela subjugação (por vezes, pela purga) dos outgroups rivais.

<u>Orgulho e preconceito num mundo tétrico de blocos, colectivos, estereótipos</u>. O mundo é visto como um espaço tétrico de grupos e de blocos, de colectivos. Existem colectivos aliados, existem colectivos rivais. Tal visão do mundo é definida por estereótipos de grupo e pelos seus produtos óbvios – orgulho e preconceito. Existe orgulho na pertença ao colectivo virtuoso e preconceito contra todos aqueles que podem ser rotulados (estereotipados) como pertencentes a colectivos perniciosos.

<u>Autismo identitário não reconhece indivíduos, apenas objectos de rótulo</u>. Em tal visão do mundo, uma visão colectivista, não existe grande espaço para o indivíduo. A pessoa que interiorizou a visão identitária do mundo tende a ver o mundo por essas mesmas lentes identitárias, como um espaço onde todos são definidos por estereótipos colectivos arbitrariamente atribuídos. Isto significa que o *indivíduo* tende a não ser visto como tal, mas sim como um portador de traços estereotípicos que o incluem neste ou naquele colectivo ad hoc. Esta visão autística do mundo e da vida humana resulta, claro, em padrões de acção profundamente despersonalizantes; até violentos.

<u>Oposição ao ethos de igualdade universal, que é a precondição para liberdade e tolerância</u>. A ortodoxia oficial do identitarismo é definida por oposição ao ethos de igualdade universal entre seres humanos. O princípio de igualdade universal humana é, claro, o princípio *sine qua non* para a existência de uma sociedade livre, democrática e tolerante. A tolerância entre seres humanos só é possível na acepção de que todos somos criados iguais e de que *cada indivíduo é um indivíduo*

único na universalidade humana, a ser avaliado pelas suas próprias acções, méritos e características individuais.

…abre portas a irracionalismo: estereotipagem, formação de preconceitos. Quando as pessoas abdicam deste *ethos*, começam a avaliar os restantes seres humanos com base no livre exercício de estereotipagem e de formação de preconceitos.

…e a supremacismo identitário, regimentação colectiva, belicismo. Quando se entra nesta forma de irracionalismo, com a atribuição arbitrária de valor a indivíduos por estereotipagem e preconceito, o que se obtém é uma ou outra forma de supremacismo identitário. Algumas pessoas são *mais iguais* que outras. Alguns são superiores, outros são inferiores; eventualmente, os superiores têm o direito a exercer poder coercivo sobre os inferiores. Esta mentalidade supremacista é uma componente essencial em radicalismo identitário. O outgroup rival (e isto inclui todos os indivíduos que nele são arbitrariamente incluídos) não é um mero "inimigo histórico"; é também "inferior". Acção violenta e coerciva é essencial e indispensável. Isso exige disciplina de corpo e regimentação colectiva contra o adversário. Belicismo e guerra.

Mentalidade bélica e fascista ensinada a crianças de hoje, para criar adultos monstruosos. Tudo isto é particularmente preocupante quando esta mentalidade, bélica e fascista, é ensinada às crianças de hoje, que são os adultos de amanhã. Crianças educadas sob esta forma de irracionalismo serão adultos irresponsáveis, imaturos e violentos.

Das SAs às ONGs comunitárias sob comunismo. Esta é a mentalidade das Stürmabteilung. É também a mentalidade dos gangs ideológicos adidos à Cheka, nos primeiros tempos da Rússia Soviética. É a mentalidade dos Guardas Vermelhos de Mao. É a mentalidade dos Squadristi de Mussolini. É a mentalidade das ONGs comunitárias lançadas em missões punitivas sob Castro.

The Cuckoo's Nest Identity (2): Tavistock, Kurt Lewin e o T-group.

[***Ler notas sobre Engenharia Psicossocial***]

O papel central de Tavistock (SIS), WFMH, NTL, Michigan. O terreno para a actual deriva identitária começa a ser preparado no pós II Guerra por organizações como o Tavistock Institute de Londres, a Universidade de Michigan, os National Training Laboratories (EUA) ou a World Federation for Mental Health, sob a direcção de homens como Kurt Lewin, Rawlings Rees, Edgar Schein e Warren Bennis. O Tavistock Institute of Human Relations merece aqui um destaque especial, por agir como fulcro desta constelação organizacional, ao mesmo tempo que é o centro de guerra psicológica para os SIS, os serviços secretos da Coroa britânica.

Estudo de regimentação Nazi, reeducação Comunista, para implementação. Estes complexos de interesses estudaram os sistemas de organização colectiva dos regimes totalitários, com particular ênfase na regimentação social Nazi e nas técnicas de reeducação comunistas. É claro

que esse interesse não foi apenas académico. Muitos acreditam que Kurt Lewin estudou o fenómeno da estereotipagem e formação de preconceitos com vista a encontrar formas de prevenir estes fenómenos; e nada podia estar mais longe da verdade. Lewin estuda estes fenómenos para desenvolver *técnicas de implementação sistemática*, para a organização da sociedade em grupos identitários.

<u>O ninho de cucos: o exemplo do T-group [do campo de reeducação para a escola]</u>. É deste complexo organizacional que surgem todas as bases teórico/práticas para a reformulação da sociedade num ninho de cucos identitário. Vital em tudo isto é a técnica do T-group, um formato de reeducação e radicalização de grupo por meio do uso calculado de pressão de pares. O T-group é uma adaptação directa das técnicas de lavagem cerebral e despersonalização na altura a ser praticadas pelos comunistas. Enquanto POWs americanos eram torturados desta forma por comunistas chineses na Coreia, Bennis, Schein e outros desenvolviam uma versão "soft" do método para implementação em todo e qualquer contexto, da escola ao grupo de formação profissional à ONG.

<u>O ninho de cucos: "The Futures We Are In", segmentação social a larga escala</u>. Nos anos 70, o Tavistock publica "The Futures We Are In", onde explica que o futuro seria marcado pela desintegração calculada das sociedades ocidentais. Isto aconteceria sob uma tempestade concertada de pressões e de choques. Aí, o que aconteceria, explica o Tavistock, seria que a sociedade tenderia a partir-se e a fragmentar-se (a ser segmentada) à medida que as pessoas se fechariam em si mesmas e umas para as outras. Durante todo esse processo, bastaria facilitar o processo de segmentação; de radicalização. E é claro que tudo isso seria mais um factor determinante na desintegração da sociedade.

The Cuckoo's Nest Identity (3): Reciclagem, virtualidade, desconstrução e destruição.

<u>"Comunidade" é o slogan para "identidade comum"</u>. Na Alemanha nazi, toda a sociedade foi radicalizada em vários clusters identitários, subculturas de grupo, organizadas à volta da "identidade ariana comum". O mesmo padrão é seguido por todos os outros totalitarismos dos séculos 20/21, com uma "identidade comum" *mainstream* que funciona como ápice integrativo dos vários clusters identitários. Na sociedade ocidental contemporânea, a sociedade segmentada de "The Futures we are in", não existe um tal ápice. A actual deriva para identitarismo e para coesão social integrativa [i.e. totalitarismo] procura definir a "identidade comum" na "comunidade"; todos juntos, a remar para o mesmo lado, e quem não gostar será chicoteado, talvez até atirado borda fora. Esse é o mote geral dos movimentos empresariais, ONGistas e políticos que têm vindo a promover segmentação e cristalização identitária.

<u>Meta-identidade real: fantasia, reciclagem, desconstrução e destruição</u>. Porém, a dinâmica *real* de segmentação que ascende de tudo isto não é uma de união comunitária, mas sim uma de desconstrução, dispersão, conflito, fragmentação social radical. Segmentação não serve para

chegar ao *fascii* universal, mas sim para segmentar *per se*. Os clusters identitários actuais são (sejam facialmente aliados ou rivais), irmãos de armas na destruição da velha ordem e na conjuração da nova ordem; uma entidade dispersa, caótica, desorganizada, conflituante. A meta-identidade aqui presente é uma de desconstrução, destruição. Mas é também uma de virtualidade e de reciclagem, com a reciclagem e a reinvenção do self por meio de papéis, de histórias e de narrativas que são eles próprios fantasiosos e reciclados.

A sociedade tecnetrónica, que desmantela e é desmantelada [Brzezinski]. É esse que é o Volkgeist da era, algo a que Brzezinski aludiu ao de leve quando escreveu "The Technetronic Society", no final dos anos 60. A sociedade tecnetrónica é aquela que faz o processo de transição para a nova ordem, a desmantelar e a ser desmantelada. A nova ordem é algo que eventualmente consistirá num género de tecno-feudalismo, que será tendencialmente organizado por domínios tribais e por cidades-estado.

Identitarismo multicultural (2) *– Desindividuação, estereotipagem, preconceito – segmentação social*

Tolerância só pode surgir com respeito pelo *indivíduo*.

Tolerância real exige respeito por ***indivíduo***, como ser *único* e igual. O respeito real pelo próximo só pode surgir quando as pessoas são vistas, e se relacionam entre si, como indivíduos. A solução para a resolução de quaisquer questões de ódio de classes e de grupos está na difusão do *ethos* liberal e democrático, pelo qual cada indivíduo é considerado um indivíduo, único, a ser visto e definido enquanto tal, e não enquanto um ser despersonalizado, despojado de individualidade, definido por estereótipos grupais/sociais que, eventualmente, são expressos na forma de preconceito. Nenhum de nós é uma criatura descaracterizada, facilmente encaixável numa *slot* social, terminantemente categorizada por correlação ilusória, com base em determinantes artificiais socialmente definidos. É essencial, portanto, que haja a difusão de bons valores morais, o que inclui o respeito pelo *indivíduo enquanto indivíduo*. A árvore é conhecida pelos seus frutos, e não pela floresta circundante (seja ela real ou imaginária). Todos somos indivíduos: únicos, intrinsecamente iguais e, igualmente capazes de feitos fenomenais.

Toda a intolerância é baseada em desindividuação identitária.

Indivíduo avaliado por categorias sociais, estereótipos, preconceitos (identitarismo). Todos os actos de intolerância têm a sua origem na desconsideração do indivíduo. O indivíduo, uma pessoa única, dotada de traços, personalidade e de uma história própria, é considerado irrelevante enquanto tal e, considerado apenas pela sua pertença a uma dada caixa social rotulável: raça, etnia, religião, classe social, etc. A esta caixa correspondem estereótipos, rótulos identitários de natureza psicossocial e cultural que são atachados à categoria/caixa em si e, a todos os indivíduos que nela estão incluídos. Este é o standard pelo qual o indivíduo passa a ser visto. Ou seja, passa a ser-lhe atribuída uma identidade sintética, de natureza e despersonalizada e colectiva, produzida por meio de estereotipagem. A estereotipagem segue-se, claro, preconceito, seja ele positivo ou negativo. Isto significa que o indivíduo pode ser naturalmente ***bom*** porque tem esta ou aquela cor de pele, ou porque é deste sexo ou daquela classe social, porque tem ideologia ***x***, vota em partido ***y***, ou tem religião ***z***. Ou pode ser naturalmente ***mau*** por meio de raciocínios inversos.

Estereotipagem e preconceito origina depois impulsos para acção coerciva. Quando a pessoa é assim avaliada como sendo naturalmente ***má***, isso pode dar origem à exigência de espaço para cometer actos coercivos contra ela, por mera virtude desse "facto". Por outras palavras, estamos na presença de irracionalismo e esta é, claro, uma das formas de irracionalismo que, ao longo da História, mais leva à perpetração de atrocidades.

Multiculturalismo adopta *ethos* identitário, o *ethos* da intolerância.

Multiculturalismo rejeita individualidade, impondo identitarismo colectivista. É claro que isto este preceito é rejeitado por toda e qualquer filosofia identitária e colectivista, o que inclui a ideologia multicultural. Todas as formas de intolerância estão radicadas na premissa oposta à da apreciação da individualidade; a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal mas sim enquanto membros de categorias sociais ad hoc.

Na verdade, multiculturalismo deveria ser chamado de **Identitarismo**.

Multiculturalismo adopta *ethos* da intolerância (colectivismo, segmentação social). A ideia de "multiculturalismo" surge na arena pública como uma proposta para combater o fenómeno da intolerância mas, na prática, perpetua-o, exponencia-o e torna-o ubíquo na sociedade. Isto acontece porque a ideologia multicultural adopta o mesmo *ethos* que alega pretender combater, o *ethos* intolerante. A sociedade é conceptualizada como sendo um espaço de coexistência entre múltiplas categoriais, segmentos sociais. Essas categorias são detentoras de diferentes características culturais, que as tornam mutuamente exclusivas.

Indivíduo só conta como unidade de uma categoria social estereotipada. O indivíduo conta apenas na medida em que pode ser incluído (quer o queira ou não) numa ou mais destas categorias. Visto que cada categoria é artificialmente definida por uma identidade própria (traços distintivos colectivos, arbitrariamente prescritos), o indivíduo é, ele próprio, socialmente definido por essa identidade – é a isto que se chama *estereotipagem*. O indivíduo passa, deste modo, a ser definido por estereótipos identitários/colectivos, que podem ter uma boa ou uma má carga, aos olhos de outros indivíduos. Isto significa que o indivíduo não é apenas descaracterizado e estereotipado.

A estereotipagem é o fenómeno que leva ao preconceito. É também submetido, pela difusão deste mecanismo social, a processos de pré-conceptualização, pré-conceito, ou *preconceito*. Esse preconceito pode determinar que a pessoa seja vista como sendo inerentemente *boa* ou *má* por mera virtude da sua "identidade grupal". Tudo depende do juízo que é feito pelo observador subjectivo. A sociedade passa a ser definida, não por indivíduos, únicos e diversos, mas sim por segmentos e rótulos, por estereótipos e preconceitos.

Multiculturalismo alega combater este *ethos*, mas adopta-o e universaliza-o. Este é o *ethos* que a ideologia multicultural alega pretender combater; porém, adopta-o e, mais que isso, universaliza-o.

Indivíduo é irrelevante – só o colectivo, estereótipos e preconceitos contam.

O indivíduo é irrelevante – só contam segmentos sociais despersonalizados. A ideologia multicultural postula a irrelevância do indivíduo. O indivíduo humano é inconsequente. Os indivíduos não são vistos enquanto tal, indivíduos únicos com características únicas, mas sim como membros despersonalizados de categorias sociais – segmentos sociais. A sociedade é concebida como estando dividida em múltiplos segmentos, que se podem estender virtualmente a todos os domínios: etnia, "raça", género sexual, preferências sexuais, religião, grau de riqueza ou poder social, adesão a esta ou àquela tribo urbana, ou a este ou àquele agrupamento intelectual. Tudo o que interessa são estas unidades colectivas; ultimamente sócio-estatísticas (e, até, contabilísticas). Um qualquer indivíduo só conta – *só pode contar* – na medida em que faz parte de um ou mais grupos sociais. Por outras palavras, o indivíduo não é visto enquanto tal, mas sim como membros da caixa sociológica *a*, *b* ou *c*.

Segmentos definidos por matrizes culturais arbitrariamente prescritas. Depois, a ideologia multicultural pega em cada um dos domínios sobre os quais se debruça e prescreve-lhes uma matriz cultural específica. Isto quer dizer que todos os indivíduos que pertencem a qualquer subcategoria social são definidos por traços culturais partilhados: uma história comum, um sistema normativo de crenças, valores, expectativas e comportamentos, um destino comum a alcançar, etc. Ou seja, o indivíduo não é apenas entendido como o membro despersonalizado de um ou mais segmentos sociais; é também definido por aquilo a que se chama *correlação ilusória*. Ou seja se é predefinido (como, e por quem, é relativo) que a caixa sociológica ***a*** é definida por determinantes psicossociais e históricos ***d***, ***e*** e ***f***, então isso quer dizer que o indivíduo ***x***, que pertence ao grupo ***a*** (é um *representante* do grupo ***a***) tem de ser definido por esses caracteres ***d***, ***e*** e ***f***. O indivíduo começa por ser banido e acaba por ser redefinido como um mero representante despersonalizado de uma entidade sociológica arbitrária (o termo usual é *ad hoc*) e dos seus caracteres *ad hoc*; e, o que é mais interessante, é que talvez não faça a mais pequena ideia disso.

Funcionamento por **estereótipos** e por **preconceitos**. É claro que, aqui, estamos no domínio da estereotipagem; dos *estereótipos*. Estereotipar é acto de rotular arbitrariamente um indivíduo como tendo por necessidade as características ***d***, ***e*** e ***f***, na medida em que pertence à caixa sociológica *ad hoc* ***a***. É claro que, quando este indivíduo ***x*** é visto *através destas lentes estereotipadas* por outro indivíduo que atribua uma carga (positiva ou negativa) às determinantes ***d***, ***e*** e ***f***, e prossiga para categorizar ***x*** como bom ou mau consoante essa carga, então isso significa que estamos na presença de *pré-conceito*, ou *preconceito* (os preconceitos podem ter carga positiva ou carga negativa). Ou seja, multiculturalismo leva-nos à aceitação objectiva de preconceito.

Matrizes culturais dos segmentos, arbitrárias, prescritas por ONGs.

Os estereótipos sociais multiculturais são arbitrários e prescritos por ONGs. Mas voltemos um pouco mais atrás, ao exercício de tipagem de categorias sociais *per se*. Isto é, rotular indivíduos por caixas sociais e, fazendo-o, por estereótipos. O grau de absurdo que subjaz a este exercício é por demais evidente. Como é óbvio, não estamos aqui a um nível *descritivo*; não existe uma única "categoria social" cujos indivíduos sejam de tal forma simplificáveis e estandardizáveis. Estamos aqui a um nível puramente *prescritivo*, onde, depois de ser elaborada uma segmentação da sociedade em tranches, é feita a prescrição do modo como essas tranches devem pensar, sentir, agir – é prescrita uma matriz cultural. Esta prescrição é invariavelmente definida pelas fundações, institutos e ONGs que operam a indústria multicultural (é uma indústria).

ONGs também lhes atribuem histórias inventadas e "destinos manifestos". Essas organizações não se limitam a atribuir caracteres mentais e comportamentais aos seus objectos de trabalho, depois avançam para lhes definir histórias comuns (geralmente versões simplificadas, sensacionalistas e pseudocientíficas da história; frequentemente, estamos mais no domínio da fábula do que no domínio da história propriamente dita) e, também, "destinos comuns" que têm, alegadamente, de alcançar. Este é um conceito extraordinariamente perigoso, uma vez que é, sob multiculturalismo, uma forma de versão *smiley* do "destino manifesto" dos credos fascistas.

Vida sufocante da mulher *jazzy* negra, muçulmana, classe média [e os **sugar mullahs**]. Sob multiculturalismo, se uma pessoa é mulher, muçulmana, negra, de classe média, e gosta de ambientes *jazz*, isso quer dizer que tem aqui cinco sistemas culturais aos quais (talvez não o soubesse – esperançosamente não) é dito que deveria aderir. Isto inclui, claro, o seu sexo e a sua cor de pele. É isso que lhe será dito pelo tipo de personagem que pulula os ambientes institucionais da indústria multicultural. Por virtude de ter nascido com cromossomas XX em vez de Y e com um determinado grau de melamina, isso quer dizer que deveria ter/adoptar um sistema mental e comportamental colectivo e partilhado com todas as restantes mulheres e, com todos os restantes indivíduos negros (e, eventualmente, haverá algum sistema intermédio elaborado especificamente para mulheres negras). E, seja como for, é pouco provável que essa mulher possa ser todas estas coisas ao mesmo tempo. A algum ponto, vai provavelmente ser confrontada com a polícia cultural do multiculturalismo (a polícia de modéstia *sharia* neste padrão cultural) com o "facto" de que tem de abdicar de alguma das suas várias facetas individuais em nome de aceitação na framework psicótica destes *sugar mullahs*.

Caixas sociais *custom-designed* para grandes *clusters* populacionais. Ou seja, aqui está o teu pequeno lugar-comum, a tua matriz cultural, a tua pequena caixa social, *custom-designed* para ti; agora encaixa-te. Porquê? Porque nós queremos; é "tolerância".

Despersonalização, estereotipagem, preconceito e arbitrariedade moral.

Despersonalização auto-imposta, estereotipagem e preconceito. Quando a pessoa comete o acto sacramental de aceitar incorporação numa caixa social, no seu pequeno

asilo culturológico *custom-designed*, o que acontece é que está, *de facto*, a abdicar de uma parte muito significativa da sua identidade individual em nome de pertença a uma colectividade que é largamente (se não essencialmente) imaginária. A pessoa não só aceita a sua própria despersonalização, como começa também a avaliar o mundo em redor pelo *standard* da categorização por caixas e por estereótipos. A estereotipagem segue-se, claro, preconceito, seja ele positivo ou negativo. Isto significa que algumas pessoas vão ser naturalmente ***boas*** porque têm esta ou aquela cor de pele, porque são deste sexo ou classe social, porque têm ideologia ***x***, pertencem a partido ***y***, ou têm religião ***z***. Outras vão ser naturalmente ***más*** por meio de raciocínios inversos. Por outras palavras, estamos na presença de irracionalismo e esta é, claro, uma das formas de irracionalismo que, ao longo da História, mais leva à perpetração de atrocidades.

Despersonalização na identidade colectiva sintética e no grupo "representativo". A pessoa despersonaliza-se voluntariamente, de forma a obter integração na identidade miópica da sua própria caixa social (ou caixas sociais). Esta identidade prescreve crenças, valores, normas, comportamentos. É um espaço de alienação e de despersonalização. O indivíduo abdica de partes significativas da sua identidade prévia (aquelas que são incongruentes com a nova identidade) e *renasce* no grupo, como uma parte integrante deste "corpo colectivo" imaginário. É claro que pode passar a pertença colectiva ao mundo real, quando se junta a um qualquer grupo, associação, ONG, ou até a um gang. Aí, estará junto dos *seus*, daqueles que lhe são *iguais*, protegida daqueles que são *diferentes*. Bambi retorna à floresta verde, onde pode conhecer Bambo e pastar feliz para sempre. Tudo isto é bastante infantil e, com efeito, o grupo funciona como uma nova mãe, como seria dito por Jung. É aí que o indivíduo recebe a sua nova identidade, as suas novas opiniões, valores, modelos de acção. E é claro que o grupo funciona também como uma rede de suporte social, como um espaço de apoio e de protecção para os seus vários membros.

Arbitrariedade moral corporativista. Em tudo isto, as regras de bem e de mal são redefinidas em função da identidade da *slot* social (do grupo corporativo). "Bem" é aquilo que é predefinido que é "bem", independentemente de ter, ou não, alguma forma de validade; e o mesmo com "mal". Geralmente, "bem" e "mal" são definidos de forma dialéctica. Isto é, "bem" é aquilo que avança os interesses da caixa social/grupo, aquilo que é agradável e útil, de acordo com uma visão miópica da realidade. "Mal" é o exacto oposto. Este processo de definição arbitrária e miópica de regras morais é algo que leva rapidamente a degradação moral e, com efeito, às práticas mais degeneradas. É um tropismo (com este tipo de moralidade dialéctica) que o tipo de efeito obtido seja algo na linha de "*faço tudo o que for necessário para avançar os interesses da minha 'caixa social'*" e, de modo mais íntimo, "*ajudo, protejo e avanço os interesses dos meus 'iguais', dos meus 'irmãos', dos meus 'aliados' e eles fazem o mesmo por mim*". O reverso desta medalha será algo como "*odeio, ataco e prejudico os inimigos dos meus 'irmãos' e eles fazem o mesmo por mim*". Por outras palavras, mentalidade de *gang* que, rapidamente, dá origem a práticas de *gang*.

Universalismo, liberalismo são banidos – Só fica *ingroup*, em guerra com alguém.

Multiculturalismo despreza indivíduo – usa colectivismo estereotipado e ***pré-conceitos***. Respeito real pelo próximo só pode surgir quando as pessoas são vistas e, se relacionam entre si, como indivíduos. A ideologia multicultural está radicada na premissa oposta: a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal, mas sim enquanto membros de uma categoria social *ad hoc*, que são definidos por traços estereotípicos, e é claro que estes estereótipos podem ser vistos como sendo bons ou maus, o que dá origem à institucionalização de *pré-conceito – preconceito*. O mundo visto sob lentes multiculturais é, por outras palavras (e contra o dogma prevalente), um mundo de estereótipos e de preconceitos bastante reais, onde *nenhum indivíduo o é* – todos são definidos por uma qualquer agenda identitária e cultural.

Rifts, alienação, guerras culturais, adversariedade. A dinâmica que é assim gerada é, muito evidentemente, caracterizada por tensão, adversariedade, hiper-sensibilidade nas relações entre pessoas de diferentes "caixas" ou "segmentos". A sociedade é segmentada e as cognições sociais também. Rifts são criados e/ou aprofundados e indivíduos são alienados entre si. Todas as diferenças são realçadas e, todas as diferenças se transformam em potenciais linhas da frente para a "guerra cultural", à medida que a dinâmica de dividir para conquistar (aquilo que é visado com a disseminação desta mentalidade) avança.

Universalismo e liberalismo são banidos – só fica o ingroup, em guerra com alguém. Universalismo e liberalismo são banidos. Para todas as instâncias sociais, existe um *ingroup*, uma colectividade sintética. Por norma, qualquer um destes *ingroups* é definido por oposição a um ou mais *outgroups* (pelas fundações, institutos e ONGs que comandam a indústria multicultural identitária). *Rifts* culturais e históricos são destacados, quando não inventados. Toda e qualquer possível fonte de antagonismo é realçada, num constante envenenamento da mente pública para adversariedade e, com efeito, guerra. Fala-se de "culpas históricas", "dívidas históricas" e do modo como esses (muitas vezes, meramente alegados) fósseis do passado são mais importantes que as relações entre indivíduos no presente e devem, com efeito, provocar a revisão e o prejuízo dessas relações.

Acção mutuamente antagonística, num mundo de estereótipos e preconceitos. Sob esta ideologia, cada *ingroup* está em guerra histórica com um ou mais *outgroups*. Muitos dos *ingroups* têm o direito de agredir e o dever de se defender. Outros têm o direito a ser agredidos e o dever de não se defender. Isto leva a acção mutuamente antagonística num mundo de estereótipos e preconceitos, onde todos os indivíduos são definidos por uma agenda identitária e cultural despersonalizada e, todos estão *em guerra* com alguém. O indivíduo não conta; o universal muito menos. O agrupamento social, a slot social, é o centro do mundo. Universalismo e liberalismo são banidos, em nome de particularismo miópico.

Quebra de comunicação e de relações humanas.

Multiculturalismo não promove diversidade; quebra comunicação, relações humanas. A mentalidade multicultural não é, de forma alguma, respeitadora de diversidade cultural. É o exacto oposto. Visa quebrar a comunicação e as relações humanas entre indivíduos e gerar guerra social.

Sociedade multicultural, um espaço de despersonalização e guerra social.

Intolerância não é prevenida, mas sim exponenciada e generalizada. A ideologia multicultural em si foi introduzida no espaço público sob a noção, legítima, de "combater racismo", "sexismo" e toda uma série de outros "ismos". Em vez disso, o que fez foi, muito previsivelmente, extremar e generalizar estes e outros fenómenos de intolerância e de elitismo na sociedade. Se antes existia, num país, racismo de brancos contra negros, agora passou a existir racismo de minorias contra brancos e, entre minorias; para além de haver uma exponenciação do racismo anti-minoritário por parte de brancos (sob um efeito de reforço dialéctico).

Sociedade multicultural é um espaço de segmentos sociais, rifts, guerras culturais. A sociedade multicultural, longe de ser um espaço de entendimento universal (algo que só é possível entre indivíduos racionais e morais) é um espaço de segmentos, rótulos, *rifts* divisórios, tensões, quebra de comunicação, guerras culturais.

É também um espaço de despersonalização, alienação, hipersensibilidade, paranóia. É um espaço onde o indivíduo é ensinado a avaliar os outros com base em pressupostos colectivos artificiais e, depois, a aplicar esse exercício a si mesmo; diluindo a sua identidade pessoal num qualquer colectivo, na sua própria caixa social, *custom-designed* para si mesmo. Com efeito, é um espaço onde o indivíduo empodera valores imaginários (colectivos artificialmente criados) pela capitulação da sua identidade pessoal a esses valores. É um espaço onde diferenças colectivas geralmente imaginárias se impõem às relações e à comunicação entre indivíduos. É um espaço de hipersensibilidade, de nervosismo e, com efeito, de paranóia, onde existe sempre um verniz prestes a estalar. Um espaço onde tudo aquilo que o "outro" diz, ou faz, é sondado, julgado, avaliado até ao mais ínfimo detalhe, de forma a detectar faltas de respeito ou de solidariedade para com "colectivos" imaginários.

Radicalização e identitarismo de estilo Fascista – Prussiano.

Identitarismo, orgulho de corpo, disciplina, destino manifesto – o código do Fascismo. Todo e qualquer grupo enquadrável no "panteão multicultural" recebe, agora, a sua própria "identidade sintética". Esta identidade é definida por adversariedade contra outros grupos. É acompanhada de *orgulho de corpo*, de *disciplina colectiva* (adesão a uma matriz cultural comum, que é mental, moral e comportamental) e, de um "*destino*

manifesto". Esse *destino manifesto* é, claro, alcançado pela *purga* do adversário; e isto pode significar submissão, tanto quanto pode significar purga real, extermínio. Estes, claro, são os valores do Fascismo.

Sociedade é segmentada em grupos radicalizados, cada qual em guerra com alguém. A sociedade é segmentada e é esperado, dos indivíduos, que aceitem a sua pertença "natural" a um ou mais destes segmentos e às suas matrizes culturais. Para cada segmento, existem múltiplos grupos, organizações, *gangs*. Essas unidades assumem, com toda a frequência, um carácter militante; frequentemente extremista e, por vezes, terrorista. Acreditam estar a travar a "guerra de libertação", ou a "guerra cultural", ou a "guerra para limpar a nação"; e, assim sucessivamente. Existe uma cristalização social à volta destes complexos de militância de corpo. E, estes grupos estão em guerra, cada qual contra alguém. É uma situação de guerra civil; pode não ser armada (ainda) mas é.

A mentalidade do oficial prussiano, ou do *poodle* furioso/absurdo. Todos aqueles que são dominados por esta mentalidade assumem uma postura que me faz lembrar a gestalt tipificada pelo velho oficial militar prussiano. Esta figura era a de um homem magro e seco, com botas altas, impecavelmente hirto, tronco para fora, vara disciplinadora nas mãos, monóculo, bigode aparado ao velho estilo militar, uma expressão facial como que indicativa de toda a gente lhe dever e ninguém lhe pagar. De certa forma, algo como que um *poodle* tornado homem e alimentado a esteróides. Hoje em dia, o oficial prussiano já não existe, mas esta postura continua bem viva e, do mesmo modo, continua a ser a típica expressão de virulência bélica e fúria interior, territorialidade, impulso para guerra universal.

Identitarismo antagonístico, ao estilo da Prússia totalitária. Com efeito, o observador atento da História não terá dificuldade em identificar a semelhança entre isto e a mentalidade prussiana. Com efeito, a raiz filosófica é a mesma. Existe categorização social arbitrária, estereótipo, preconceito. Essa categorização arbitrária é depois imposta à sociedade por meio de dirigismo. Existe identitarismo e regimentação de cognições, de hábitos e de costumes. Este identitarismo é expresso por meio de moralidade dialéctica, monadismo social (segmentação), adversariedade e, eventualmente, belicismo. Até existem as noções prussianas (i.e. totalitárias, "pré-fascistas" e "pré-comunistas") de "história comum" e de "destino comum". A Prússia é o primeiro estado moderno a consagrar todas estas variáveis em política doméstica; os resultados foram ódio e belicismo universal, massacres e perseguições e, claro, proto-fascismo; que, na verdade, era Fascismo bastante concreto, bem antes de o termo ser sequer inventado. É esta a mentalidade que é introduzida no panorama global pelas grandes fundações, após ser "desenhada" (na verdade, reciclada) pelos fundadores institucionais da filosofia segmentária, com destaque para Kurt Lewin e para o Tavistock de Londres.

Hoje – Dinâmica de segmentação identitária, conflito social, fragmentação.

Cristalização identitária desenhada para afectar todas as colectividades. O processo de cristalização identitária costuma ser perspectivado como apenas afectando grupos à volta de temáticas políticas, ideológicas, *single-issue*, etc. Esta é uma visão demasiado simplificada da questão. A segmentação da sociedade multicultural (que, na verdade, deveria ser chamada *identitária*) está desenhada de forma a afectar todas as colectividades.

Empresas, clubes, grupos profissionais, polícia, etc. Empresas multinacionais terão o seu próprio código identitário. O mesmo acontecerá para clubes desportivos. E precisamente o mesmo acontecerá para grupos profissionais. Hoje em dia, quase todos. Advogados, médicos, psicólogos e muitos mais; todos têm a sua identidade corporativa miópica, e é frequente que seja em nome dessa identidade miópica que favorecerão a própria classe em prejuízo do público. O mesmo acontece para grupos com os quais nunca deveria ser permitido que acontecesse; aqueles que agem como árbitros e preservadores da estabilidade social. Estamos a falar dos funcionários públicos, mais destacadamente, das organizações policiais e das forças armadas. Com efeito, todos estes géneros de organização recebem a sua própria identidade sintética de grupo, sendo que essa é tão alienada, dissociada, defensiva/ofensiva e moralmente enviesada como as restantes. Isto resulta numa postura daoísta/legalista (por oposição a liberalista) que favorece estatismo de estilo prussiano e alienação autoritária para com o público – o que, claro, é um crime. Tudo isto é, naturalmente, uma expressão de irracionalismo. É o tipo de irracionalismo que aliena indivíduos, gera intolerância, ódio, belicismo e autoritarismo.

Extremismo de esquerda alimenta extremismo de direita (e são similares). Os grupos que acreditam estar a lutar contra a velha ordem de coisas reforçam aqueles que acreditam estar a lutar contra a nova ordem de coisas; isto acontece por balanço dialéctico. A sociedade multicultural acaba sempre tão pejada de extremistas de esquerda como de extremistas de direita. Ambos os tipos de grupo têm os mesmos programas essenciais (totalitarismo, a condução de purgas sócio-políticas, dirigismo irrestrito sobre o indivíduo médio), embora sob diferenças de pormenor (na sua essência, resumem-se a aspectos como a composição da vanguarda totalitária e as identidades dos objectos de ódio e de perseguição).

Tudo isto serve balcanização, fragmentação social, desmantelamento económico. Estas condições sociais facilitam o desnorte da sociedade, avançam a sua fragmentação social e a sua decomposição moral, enquanto decorre o seu desmantelamento político e económico. É apenas e exclusivamente por isso que são avançadas pelas grandes fundações bancárias que criaram e alimentam aquilo que pode ser chamado propriamente de indústria identitária multicultural.

1º mundo colocado neste processo como antes 3º mundo – para destruir. O único motivo pelo qual o 1º mundo é colocado sob este género de condições é para assegurar o tipo de balcanização social que tem, consistentemente, contribuído para bloquear e impedir o desenvolvimento do 3º mundo. Tal como as grandes fundações bancárias passaram seis

décadas a promover divisionismo e balcanização do 3º mundo (e foram apenas as sucessoras dos impérios coloniais nessa prática), fazem-no agora ao 1º mundo. O futuro planeado para o 1º mundo passa por autoritarismo, fragmentação civilizacional, choques sangrentos entre grupos, perseguições, massacres, tentativas de limpeza étnica. Tudo isso acontecerá como elemento facilitador enquanto a sociedade organizada estiver a colapsar de volta a um estatuto pré-moderno, feudalizado.

Tolerância, exige self maduro e integrado, apreciação pela individualidade.

Mente humana inatamente estabelece categorizações ad hoc. É inato à mente humana estabelecer categorizações e associações *ad hoc*. É um mecanismo pelo qual a organização perceptiva da realidade é simplificada. É inato à condição humana, ao lado instintivo e animal nessa condição, agrupar os restantes seres humanos em grupos *ad hoc*, com base em traços específicos, em comunalidades percebidas.

Instintos de sobrevivência podem expressar-se em agressão a *outgroups* percebidos. Ao mesmo tempo, todos temos um lado animal, puramente pulsional, em parte coincidente com aquilo a que Freud chamaria de *Id*. É um lado instintivo, ocupado com questões de sobrevivência individual; é o lado que nos dá algo o literal (e essencial) instinto de sobrevivência. Essa não é, obviamente, a única vertente da vida psicológica inata; porém, é uma vertente particularmente importante, já que é aquela que nos dará o ímpeto para lutar pela sobrevivência. Sob influências ambientais variáveis (podem ser de muitos géneros diferentes), pode expressar-se na forma da necessidade de subjugar e dominar o “outro”, quando este “outro” é visto como “competição” por um qualquer objecto de sobrevivência. Também se pode expressar na procura de um *ingroup* bélico, na companhia do qual se pode levar a cabo esse exercício, contra um ou mais *outgroups*. Podemos dizer que este é o factor biológico de raiz, animal, inatista, que possibilita a acção intolerante, supremacista, de um grupo sobre outros. É errado porém dizer-se que a natureza inatista humana é definida apenas por isto. É esta a visão monótona e particularista que as várias sociobiologias (a nazi e as suas sucessoras, com os “genes egoístas” e outras coisas que tal) tenta avançar, para justificar o seu programa de bestialização social. Com efeito, estas escolas procuram reduzir o ser humano a uma criatura que, sendo uma besta aos níveis genético, hormonal e neurológica, tem depois um conjunto de células cinzentas pelas quais pode planear esquemas de maximização de utilidade egoísta (a este tipo de calculismo sócio-estatístico é depois chamado “racionalidade” – que pode ser exercida em grupo, por criaturas *mindless* e bestializadas, sob totalitarismo nazi, ou outros). Esta é uma visão pobre e, com efeito, desacreditada da natureza humana.

Também existe o potencial inato para a compreensão moral da realidade. Tal como nascemos com um instinto de sobrevivência, que nos dá instintos de defesa e agressão, também nascemos com a base (neurológica) para uma compreensão moral da realidade. Esse é, aliás, um efeito facilmente observável em crianças; e é uma parte essencial daquilo que nos distingue dos animais. É essencial que as influências do meio possam

estimular essa capacidade de compreensão moral da realidade sem, porém, neutralizar o instinto para sobrevivência (e as suas valências de agressão e defesa). Se isto for alcançado, o que se obtém é alguém que tem (e coloca em prática) os seus instintos de sobrevivência mas que o faz de um modo que é justo; e é assim que deve ser.

Capacidades mais sofisticadas: moralidade, racionalidade, empatia, criatividade. Para fazer isto, é essencial que o meio (pais, educação, cultura) estimule e cultive valências como racionalidade superior, criatividade, empatia e uma consciência moral forte. Estas capacidades estão, aliás, interligadas (são interdependentes) nos níveis neo-corticais do cérebro, o domínio mais sofisticado e integrado do funcionamento cerebral humano. Com efeito, o domínio que distingue o Homem dos animais.

Estimulação para self maduro, integrado, capacitado para apreciação de individualidade. É a estimulação dessas capacidades que origina um self maduro e integrado, capacitado para a apreciação da *individualidade* enquanto tal.

Sem isso, a sociedade é entregue à mera expressão de impulsos bestializados. Uma sociedade que não dê valor a isto está aberta e, é um espaço de proliferação de, instintos bestializados e destrutivos. Em tal sociedade, as pessoas serão essencialmente bestializadas, agindo apenas de acordo com pulsões animais primárias. E, em tal sociedade, a dinâmica de competição de estilo animal entre diferentes *ingroups* bestializados será ubíqua.

Só a mentalidade criminosa quer, e favorece, divisão e antagonismo social.

Intolerância só pode ser prevenida pela apreciação de individualidade *per se*. Este é o processo geral. Convém repetir até à exaustão que a única forma pela qual a intolerância alguma vez pode ser (e foi) resolvida é pela promoção irrestrita da apreciação da individualidade *per se*. Pessoas morais e empáticas, que se compreendam e aceitem como indivíduos, que estabeleçam laços, construam relações produtivas, que estabeleçam amizade, não estarão preocupadas com cor de pele, sexo, credo, ideologia, etc.

Só a mentalidade criminosa, que ganha com divisão social, rejeita isso. Os únicos indivíduos que não podem aceitar este *ethos* são aqueles que têm algo a ganhar, mais-valias a retirar, de divisionismo social permanente – i.e. a mentalidade autoritária e criminosa. Essas tendências não podem impedir ou bloquear a equalização de relações sociais e humanas. Com efeito, pluralismo e respeito pelo *indivíduo* são as precondições sem as quais tolerância não pode existir e, que nenhum grupo de interesse possa anular este princípio em proveito do seu próprio exercício de autoritarismo.

***Identitarismo multicultural (3)** – Um padrão de despersonalização, adversariedade e balcanização*

Vitimologia – Despersonalização – Adversariedade – Congelamento da comunicação – Balcanização – Integração no Borg – Distopias multiculturais

Vitimologia: guilt trippin' & guilt pimpin'.

Demagogia histórica na óptica opressor/oprimido. A ideologia identitária multicultural encontra muitos dos seus *mythos* fundacionais em demagogia histórica, que é invariavelmente elaborada do ponto de vista da dialéctica opressor/oprimido. O que isto significa é que, a todos os segmentos sócio-culturais é atribuído um historial colectivo comum, em oprimir ou em ser oprimido. A geração presente de um grupo é culpada por aquilo que *é alegado ter sido feito* por alguma artificiosa universalidade dos seus antecessores "corporativos", grupais (o mesmo tipo de raciocínio é aplicável às actuais vítimas de crimes corporativos sobre gerações passadas).

Proxenetismo de culpa – "devedores", "credores históricos" e a destruição de relações. Esta linha de demagogia assenta em proxenetismo de culpa. É esperado que o membro de um grupo "historicamente devedor" aceite que tem um estatuto corporativo, pelo qual se deve sentir culpado por aquilo que fulano ou sicrano fez há 1000, 200, 100, 50, 10, 2, anos atrás. Os membros do segmento "opressor" têm de ressarcir os membros do segmento "oprimido", pelos seus "crimes históricos colectivos", sejam eles reais ou imaginários. O indivíduo que dá por si a pertencer a um segmento historicamente "opressivo" tem de vestir a carapuça desse rótulo, uma *guilt trip* permanente e, claro, aceitar a sua condição de "devedor histórico permanente", um "opressor" hereditário. No momento em que este indivíduo descobre que é um "opressor histórico", talvez tivesse um amigo que seja um "oprimido histórico". Nesse caso, a relação entre ambos deve ser revista, à medida que ambos flutuam para os seus respectivos papéis de "antagonistas históricos". O indivíduo que pertence ao segmento "historicamente oprimido" talvez também estivesse na posição de não fazer a mais pequena ideia disso. Até aí, era apenas um bom amigo do primeiro. A partir daqui, é esperado que assuma a sua "identidade histórica" e que se torne, portanto, um "credor histórico" do amigo, uma "vítima histórica" um "credor histórico permanente". Se rejeitar esse triste papel, isso significa que tem falta de "consciência social" e tem, por conseguinte, de ser sensibilizado, persuadido, até coagido, a aceitar a "validade" deste *makeover* da sua individualidade, *made in big foundations and NGOs*.

Guilt tripping, guilt pimping, made in NGOs – vs. sensatez e racionalidade. O proxenetismo de culpa funciona para ambos os lados. Portanto, enquanto o primeiro desfruta da sua *guilt trip*, o segundo tem de actuar como uma forma de *guilt pimp*. É claro que tudo isto é uma poderosa força de incentivo a hiper-sensibilidade e a paranóia, o estado psicológico no qual a cada pequeno elemento ofensivo, ou pura e simplesmente mal-interpretado, é atribuída uma carga negativa falaciosamente exagerada. And behold, thus it was for a beautiful friendship. Ask not for whom the pimping bell tolls, for it tolls for thee and me. Ou talvez não. Talvez estes dois indivíduos sejam, mais que amigos, pessoas inteligentes e consistentes e, nessa condição, espetem o *pimping bell* na cabeça do *guilt pimp seller* ONGista; e fiquem amigos, enquanto indivíduos.

Vitimologia: História humana como fábulas de desencantar.

"Histórias comuns", exercícios em charlatanismo formulaico. As "histórias comuns", nas quais as "identidades históricas" assentam são muito pragmatistas, significando que são parcial ou totalmente inventadas. É o tipo de história universal que é publicada em websites de ONGs e, de forma particularmente pervertida, em manuais escolares para crianças (sob protocolos público/privados com vendedores de banha da cobra). São invariavelmente alicerçadas em enviesamentos interpretativos deliberados e em simplificações históricas gravosas, quando não mesmo em puras e simples invenções. São desenhadas de tal modo a transformar a história num exercício formulaico, simplificado, sensacional, para fins de atribuição arbitrária de responsabilidades (culpabilização e/ou desresponsabilização) de classe/grupo corporativo/colectivo. São meros exercícios hegelianos/marxistas em charlatanismo ONGista. São fáceis de reconhecer. Vão mais ou menos como se segue.

O protótipo da história de primária [como nos manuais escolares nazis e soviéticos]. Esta era uma longa planície, num belo dia de primavera, flores a toda a volta. As pessoas eram felizes. Toda a gente sorria. Estas pessoas eram do grupo A (oprimido). As crianças saltitavam pelas planícies solarengas, com os índios, com os esquilos e com as borboletas. Há uma bandeira da ONU em fundo. Bolos, chantilly ou, pelo menos, pão da avó. Laçarotes heidi nos cabelos. E eis que surge o horrível grupo B (opressor). O céu fica negro. Troveja. Do solo, antes florido, irrompem chaminés industriais, sujas, pesadas, negras. Cuspem fumo, até labaredas. Satanás aparece e lidera as hostes do grupo B. E, desde então, o grupo A viveu miserável para sempre. Portanto, enjoy your guilt trip, obedece às autoridades sociais, lê toda a "informação objectiva" nos panfletos da IUCN e, paga as tuas indulgências sociais aos intermediários, os alegres bancos e fundações bancárias que as redistribuirão pelas crianças do mundo (oh yeah), para trazer um sorriso juvenil de volta ao grupo A. É o tipo de versão da história que se encontrava nos manuais infantis do III Reich, ou das escolas vigotskyanas na URSS. São bonitas fábulas, mas a informação histórica real nelas contidas é essencialmente inexistente.

Existem "agressores" e "agredidos" prototípicos. Os exemplos prototípicos de segmentos sociais com uma história universalmente "opressiva" incluem homens,

caucasianos, cristãos, classe média. Depois, temos os exemplos prototípicos de "vítimas universais" como, e.g., mulheres, negros, pagãos, pobres.

Histórias lineares e deturpadas; o exemplo da escravatura e o contraditório racional. A geração presente de um grupo é culpada por aquilo que *é alegado ter sido feito* por alguma artificiosa universalidade dos seus antecessores "corporativos", grupais. Se alguns homens brancos cristãos de classe média praticaram escravatura sobre mulheres negras pobres no passado (e é um facto que tal aconteceu), então existe uma culpa histórica universal que recai sobre todos os brancos de classe média, e uma dívida histórica universal que é extensiva a todas as negras pobres. É irrelevante para estas considerações que, e.g.: a) a larga generalidade dos brancos cristãos de classe média não participaram em escravatura; b) na realidade, a escravatura negra era conduzida pelas classes altas e pelos seus capatazes (e, é um facto relevante que sejam as *actuais oligarquias* que puxam esta carta do *go at each other's throat*); c) é das *classes médias cristãs* que surge tanto o abolicionismo como o movimento anti-colonial dos 1850s/60s; d) a escravatura negra era praticada entre negros; e) da mesma forma, existia escravatura branca; f) a escravatura em si é um fenómeno ubíquo na história, não sendo um fenómeno de raça ou de classe, mas sim uma expressão de ausência de carácter moral.

Fundações não estão interessadas em racionalidade, mas em *spin* e radicalização. É claro que esse tipo de factos são deliberadamente ignorados pelos *spin doctors* que criam a narrativa, no alto das suas torres de marfim, em grandes fundações bancárias isentas de impostos. Balcanizar e antagonizar são os propósitos; não libertar. E, muito menos, difundir factos históricos e sociológicos relevantes, que possam ajudar indivíduos e sociedades a compreender tragédias passadas, de forma a prevenir novas tragédias.

Vitimologia: Antagonismo, tensão e desestabilização social.

"Direito histórico à retribuição" visa gerar tensão, desestabilização social. O "direito histórico" à retribuição significa pura e simples vingança, retaliação vicariante, por eventos de gerações passadas. É claro que uma sociedade que adopte este tipo de registo é envolta em lutas internas de balcanização, do individual ao colectivo. Com efeito, este tipo de mentalidade é elaborado e difundido com esse objectivo em mente; facilitar a desestabilização de uma sociedade, usando como idiotas úteis todos quantos tenham (ou possam ser convencidos a ter) um "*chip on their shoulder*".

E é promovido pelos maiores agressores de sempre: banqueiros, comunistas, fascistas. É por isso que não é mera coincidência que os maiores promotores desta mentalidade sejam os grupos mais (objectivamente) "vitimizadores" da história moderna: alta finança, a par e passo com agrupamentos ideológicos fascistas e comunistas. É entre estes três sectos que encontramos as responsabilidades históricas reais pela larga maioria da destruição civilizacional e humana dos últimos 100 anos. É bastante normal

encontrar estes grupos a trabalhar em conjunto (aparte os rótulos, as ideologias e as práticas são similares, quando não mesmo idênticas) na desestabilização de sociedades. É uma relação simbiótica expressa no momento da tomada de poder, quando o grupo político totalitário ganha o aparato político e entrega as concessões de exploração do território aos empreendimentos da alta finança internacional.

Vitimologia: Paulo Freire, a "pedagogia do oprimido", e crime ONGista.

Paulo Freire, oligarca demagogo que vende vingança de classe, crime, terror. O demagogo brasileiro Paulo Freire, uma criatura do circuito global de fundações, é um dos principais promotores desta mentalidade, através da "pedagogia do oprimido", uma disciplina de destruição universal, assente na dialéctica mestre/escravo (e, no recurso vingança de classe, por meios criminosos e terroristas). O próprio Freire é um membro de destaque da oligarquia de carácter colonial que há séculos domina o Brasil (uma versão tropical do medíocre oligarquismo português).

"Pedagogia do oprimido" : o exemplo ocasional dos "sem terra". Entre muitos outros casos, a "pedagogia do oprimido" foi instrumental para instruir uma proporção muito significativa do movimento brasileiro dos "sem-terra" (originalmente, um movimento importante e válido) a transformar-se numa força provocatorial e terrorista. Tudo isso funciona para o benefício da oligarquia dominante, que depende da prevalência de violência e de irracionalismo para assegurar a manutenção do poder de tipo absolutista que exerce sobre o país. Se pegarmos neste exemplo específico do Brasil (apesar de existirem muitos mais), é fácil ver como a fanatização dos sem-terra funciona para o benefício da oligarquia multinacional que domina o país.

"Sem terra", uma resposta legítima a oligarquia brasileira. Os sem-terra surgem como uma resposta legítima à cartelização autoritária de propriedade rural no Brasil, sob grandes proprietários de terras. A tradicional inexistência de uma classe média independente no Brasil deve-se largamente a esta cartelização de terras e de recursos. Grandes proprietários oligárquicos dominam todos os valores físicos, organizam a economia numa estrutura autoritária *top-down* (fascística, na verdade) e concentram a larga maioria da população em grandes centros urbanos, pobres, violentos e insanitários.

Radicalização desacredita "sem terra". Fanatizar os sem-terra, uma parte muito importante da ***oposição real*** a esse estado de coisas, é um passo essencial para obter dois propósitos. O primeiro objectivo é o de desacreditar e descredibilizar esse movimento e outros similares que possam surgir no futuro; a resolução do Brasil, enquanto país eternamente remetido a subdesenvolvimento e autoritarismo, passa pela criação de uma economia de classe média o que implica a democratização do acesso aos recursos.

Radicalização coloca-os no *loop* de crime organizado da oligarquia (assetts). O segundo propósito é o de colocar o movimento no *loop* oligárquico: transformá-lo numa força

extremista e, com efeito, terrorista, que pode ser usada, *pela oligarquia*, para fins de desestabilização interna e de crime organizado (e.g. narcotráfico). A fonte de oposição e de mudança é desta forma convertida num bem, num recurso, num *assett*.

Radicalização pós-moderna junto de inúmeros movimentos pelo mundo fora. O mesmo tipo de processo foi feito, através de facilitadores pós-modernos como Freire, junto de inúmeros movimentos campesinos e operários pelo mundo fora, especialmente em países de 3º mundo. A introdução lenta destes métodos no 1º mundo é apenas um dos passos essenciais na conversão efectiva do 1º em 3º mundo. Como em tudo o resto, o ONGismo facilita e acelera a transição, o colapso, e prepara a infraestrutura de tribalismo, barbarização, devolução social geral, que caracteriza a descida ao nível *pós-civilizacional*. Hoje em dia, não basta colapsar o Império; é preciso *preparar e facilitar* a descida lenta à Idade das Trevas.

Despersonalização: Dissolução de identidade pessoal na identidade colectiva.

O grupo segmentado é um espaço de despersonalização em mentalidade de gang. O indivíduo não conta. O universal muito menos. O grupo, o segmento, o *corpore* é o centro do mundo. É segregado e segrega, é atacado e ataca. Universalismo e liberalismo são banidos. Só permanece a identidade miópica do *corpore*. Essa é uma identidade colectiva e coerciva, que prescreve crenças, valores, normas, comportamentos. É um espaço de despersonalização. O indivíduo abdica da sua identidade prévia e *renasce* no grupo, como uma parte integrante do corpo colectivo. O corpo funciona como uma nova mãe. É aí que o indivíduo recebe a sua nova identidade, as suas novas opiniões, valores, modelos de acção. O indivíduo não pode apresentar espírito crítico, ou divergir das normas consensuais, colectivas. Todas as opiniões legítimas, para o serem, têm de estar em linha com a doutrina do *corpore*. "Espírito crítico" é redefinido para passar a significar conformidade à doutrina do segmento, sempre entendida como "avançada" e "sofisticada" – por mais *nonsense*, acrítica e irracional que essa doutrina seja. O indivíduo colectivizado é, por norma, ignorante e orgulhoso da sua própria ignorância. É claro que o *corpore* é também uma rede de suporte social, um espaço de apoio e protecção para os seus vários membros. É um *gang*, e a mentalidade que promove é mentalidade de *gang*.

Regras de bem e de mal redefinidas em função dos interesses do grupo. Em tudo isto, as regras de bem e de mal são redefinidas em função da identidade da *slot* social. "Bem" é aquilo que é predefinido que é "bem", independentemente de ter, ou não, alguma forma de validade; e o mesmo com "mal". Geralmente, "bem" e "mal" são definidos de forma dialéctica. Isto é, "bem" é aquilo que avança os interesses da caixa social/grupo, aquilo que é agradável e útil, de acordo com uma visão miópica da realidade. "Mal" é o exacto oposto. Este processo de definição arbitrária e miópica de regras morais é algo que leva rapidamente a degradação moral e, com efeito, às práticas mais degeneradas. É um tropismo (com este tipo de moralidade dialéctica) que o tipo de efeito obtido seja algo na linha de "*faço tudo o que for necessário para avançar os interesses da minha 'caixa*

social'" e, de modo mais íntimo, "*ajudo, protejo e avanço os interesses dos meus 'iguais', dos meus 'irmãos', dos meus 'aliados' e eles fazem o mesmo por mim*". O reverso desta medalha será algo como "*odeio, ataco e prejudico os inimigos dos meus 'irmãos' e eles fazem o mesmo por mim*". Por outras palavras, mentalidade de *gang* que, rapidamente, dá origem a práticas de *gang*. É um processo de despersonalização militante e de degradação moral que leva, em breve, às práticas mais degeneradas: corrupção, actividades criminosas, actos terroristas.

Despersonalização: Radicalização em Fascismo identitário.

Orgulho, disciplina, militantismo, adversariedade, paradise lost – **Fascismo identitário**. É claro que esta mentalidade é também definida por orgulho identitário e por fidelidade inquestionável ao *ingroup* e a todas as suas características – por muito absurdas e irracionais que, objectivamente, sejam. Existe, portanto, a ascensão de militantismo de corpo. O *ingroup* aceita o estatuto de colectividade segmentada do resto da sociedade, definida por uma identidade colectiva que é comum a todos os membros, em oposição história contra um ou mais *outgroups*. Para com esses *outgroups*, existe adversariedade, a postulação de inimizade universal, blindagem, defensividade extrema, mas também o desejo de subjugação, agressão e, eventualmente, exploração. É claro que, sob a mitologia histórica identitária, existe sempre a ideia de paradise lost, uma utopia colectiva que só pode ser reencontrada pela purga e subjugação, eventual destruição, do adversário. Isto é, claro, a fórmula de ***Fascismo identitário***. Um *ingroup* sob estas condições organiza-se para a *guerra*, pela adopção de espírito de corpo, disciplina interna.

Esquerda e direita totalitárias são idênticas (nisto e em tudo o resto). E não interessa se orgulho, irracionalismo e preconceito são vendidos como "progressistas". O termo "progressismo" foi invertido para passar a significar o seu exacto oposto. A esquerda totalitária cooptou esse termo e encontra-se com a direita totalitária no seu *reaccionismo* objectivo, na sua ânsia utópica do retorno a colectivismo comunal de estilo medieval. Ambas as tendências são fósseis ideológicos degenerados e irracionalistas e, é claro que têm de recorrer à promoção dos mais baixos sentimentos humanos para avançar as suas agendas; nunca o conseguiriam fazer sob debate racional aberto, algo que desprezam, evitam e temem. No seu estádio mais avançado de desenvolvimento, um grupo desta natureza não é diferente dos proto-fascistas Carbonarii de Mazzini e dos SIS britânicos, dos Camisas Negras de Mussolini ou das colectividades de rapazes e raparigas de Hitler, os seus pequenos arianos. Também não é diferente dos gangs criminosos de Lenin e Trotsky na Rússia, ou das brigadas de jovens bandidos radicalizados, pelo regime maoísta.

O percurso para a purga, a campanha de terror, na demanda por **u-topia**. O percurso para a campanha de terror começa quando o *ingroup* aceita esse estatuto: uma colectividade segmentada do resto da sociedade, definida por uma identidade colectiva que é comum a todos os membros, em oposição história contra *outgroups*. Esses

outgroups são adversariais, entendidos como inimigos universais, entidades contra as quais é necessário haver prevenção, blindagem, defesa mas também, eventualmente, subjugação, agressão, exploração. Depois de assumir espírito corporativo, o *ingroup* organiza disciplina de corpo, militantismo. Existe a noção imaginária de um *paradise lost*, uma era na qual o segmento em causa usufruía de uma qualquer utopia de equilíbrio e boas relações; essa utopia foi perdida pela acção dos adversários, os inimigos universais (toda a história é definida pela luta entre estas versões distorcidas de "bons" e "maus") e, é pela união universal na purga do inimigo, que o paraíso pode ser reencontrado. A utopia é o destino comum, o grande *design* universal. É claro que, a partir do grego clássico, aquilo que significa um "bom lugar" é "eu-topia", ao passo que "u-topia" significa "lugar nenhum", i.e. "vazio" (uma jocosidade típica aos autores utópicos, que gostam de troçar dos seus seguidores) e esse é o real destino de todos os movimentos utópicos, que são usados enquanto têm utilidade pragmática, após o que são descartados [o proverbial tiro na nuca, após um pequeno estágio no campo de trabalho forçado].

Congelamento da comunicação: "Respeito", artificialidade tensional social.

<u>"Respeito", nervosismo, tensão e feel good, com hip hop suburbano em fundo</u>. Sob esta mentalidade, as relações entre membros de diferentes *teams*, grupos, colectivos, *gangs*, são sempre medidas por "respeito". Isto categoriza um género de sentimento artificial de *feel good*, nervoso e tenso, face a face com alguém que é percebido como potencial adversário. A mentalidade dominante é algo como, somos diferentes, isso faz com que sejamos adversariais, mas respeitamo-nos. "Respeito". A *soundtrack* imaginária em tudo isto é, muito naturalmente, *hip hop* suburbano de má qualidade. Esta forma de nervosismo relacional não dista muito do sentimento de, podíamos matar-nos um ao outro, mas não o vamos fazer, porque há *respeito*.

<u>Respeito real, humano e genuíno, está ausente</u>. É preciso notar que esta forma de *respeito* não corresponde ao respeito real, ao sentimento de apreciação e gratitude que um ser humano sente genuinamente por outro.

<u>"Respeito": sentimento artificioso assente em funcionamento de tipo teoria de jogos</u>. É, pelo contrário, um sentimento artificioso, entre indivíduos que não se conhecem enquanto indivíduos, mas sim enquanto membros de corporações sociais diferentes. Esses indivíduos partem de uma *baseline* de adversariedade mas optam por *cooperar*, em vez de competir, de guerrear – "respeitam-se". É um registo mutuamente vantajoso, assente em utilitarismo situacional. Implica sempre a existência de alguma forma de cooperação, de troca mutuamente benéfica. É claro que esta forma de "respeito" implica sempre medição de forças, algo de inevitável entre adversários. O adversário é respeitado quando é *forte*. Isto pode significar várias coisas, como, e.g., força conforme medida por variáveis psicossomáticas ou, o registo comunicacional adequado, o *style* certo, etc. É claro que "respeito" pode ser facilmente anulado quando o adversário se torna fraco – aí, dado um contexto e um meio apropriado, "respeito" pode ser

rapidamente trocado por guerra de dominação. “Respeito” também pode surgir na sequência de alguma forma de concessão de parte a parte. Cada qual se esforça por agradar ao outro, por se *rebaixar* perante o outro (é assim que a situação é entendida, “eu rebaixo-me a ti e tu a mim”), como forma de evitar conflagração.

Congelamento da comunicação: quebra de naturalidade, consensualidade.

Indivíduos não comunicam como indivíduos mas como “membros de segmentos”. Os indivíduos de diferentes segmentos não comunicam enquanto tal, mas como membros de grupos corporativos. Os segmentos são mutuamente exclusivos, mas têm de se respeitar mutuamente.

Comunicação integrativa: vestir estereótipos, ir ao mínimo denominador comum. Isto é feito por meio de “comunicação integrativa”. Ou seja, é esperado que dois indivíduos de diferentes grupos comuniquem com base em “pontos comuns partilhados”, não-ofensivos, mutuamente “sensíveis” (a características corporativas), socialmente prescritos, autorizados. Uma espécie de mínimo denominador comum na comunicação, nos tópicos e ao nível de registos personalísticos e emocionais. Cada qual veste a carapuça do seu respectivo estereótipo e joga com isso.

Um deambular enjoativo e irracional, por lugares-comuns e prompts sócio-emocionais. Como tal, a comunicação é essencialmente congelada, na medida em que comunicação real, significativa, só pode existir entre indivíduos reais, que têm coisas reais e genuínas a comunicar. Comunicação é algo que deve ser espontâneo, não uma mera rotina de *rapport*. A necessidade de andar por pontos comuns expressa-se tipicamente na forma de um deambular enjoativo e anestesiado por pontos comuns, um exercício em esterilidade relacional, demasiado comprometido por rotinas interiorizadas para ser sequer interessante de observar. A comunicação flui através de *clichés* socialmente aceites, que funcionam como *prompts* para a evocação de respostas pré-antecipadas, geralmente de natureza emocional. É um tipo de comunicação tipicamente irracionalista, baseado na anulação do *self* e do *rapport* genuíno entre seres humanos.

“Mistrust your partner, tense it up and go hipersensitive”. Podia ser o *promo* a uma marca de preservativos mas é mesmo o mote para o tipo de acção animada que acontece sob comunicação integrativa. Se os indivíduos pertencerem a segmentos demarcados por adversariedade (o que é geralmente o caso), então existe por tendência uma atmosfera de adversariedade, desconforto, hipersensibilidade. Do “outro” espera-se “respeito”; o rapport genuíno é substituído por um rapport sintético baseado em orgulho e auto-gratificação narcísica. Existe sempre um verniz prestes a estalar, o que acontece assim que uma palavra menos “sensível” é dita, e isto é algo que está geralmente ao nível da imaginação do ouvinte, tornado paranóico e ultra-sensível. A paranóia e a hipersensibilidade não são escolhas; são *musts*, regras informais de *rapport*. Cada lado espera que o outro seja artificialmente susceptível, e sabe que o outro espera o mesmo

de si. Uma qualquer cedência a este nível seria um sinal de "fraqueza", suficiente para perder "respeito". Tensão, desconfiança, ressentimento preventivo, são o estado natural.

Jogos de expectativas e avaliação constante do outro. O outro é criminoso até ser provado inocente, o que acontece quando tem um registo merecedor de "respeito". Mas, mesmo aí, a inocência é condicional e provisória. Uma falha, um deslize, uma palavra mal dita, são suficientes para que o outro seja um potencial "criminoso". A dinâmica é, por conseguinte, algo que está ao nível de teoria de jogos: insegurança, tensão, jogos de expectativas.

Imaturidade e antebellum. Este é um registo tipicamente imaturo e pré-bélico, o tipo de registo que provoca guerras, quando existe entre generais e políticos – e é promovido pelas cassandras da "paz mundial".

Congelamento da comunicação: Monopólios cognitivos e discursivos.

ONGs representativas de cada segmento definem opiniões e discurso autorizados. É ao nível do *corpore* (das instituições que o "representam") que reside o *locus* legítimo de exercício de liberdades, incluindo a liberdade de expressão. O *corpore* dá ao membro as opiniões autorizadas, aquelas que o membro deve retransmitir em praça pública. É estabelecida uma forma de monopólio discursivo, centrado no segmento.

Intolerância redefinida para pensamento e discurso congela comunicação. Como a intolerância é redefinida do nível da acção (aquilo que é *feito*) para o nível do pensamento e da expressão de opiniões (*aquilo que se pensa, sente e, aquilo que se diz*). Logo, ninguém pode fazer uma observação crítica relativamente a um segmento, ou a algo associado a esse segmento, sob pena de ser rotulado de *intolerante* ("***Ordeno-te*** *que não discordes daquilo que aquele segmento faz – isso é intolerância*"). Por exemplo, dizer algo como "*eu não gosto daquele estilo de música*", relativamente a algum estilo musical "étnico" é inaceitável em certos millieus, com efeito, uma demonstração de racismo. E é assim que se quebra a comunicação entre as pessoas. É claro que só veste esta camisola quem for tonto o suficiente para o fazer.

Monopólio discursivo só tem, como excepções, autoridades sociais e grupos aliados. É claro que são abertas excepções: aos membros do segmento ou, sob certas condições, a membros de segmentos "aliados"; mas também às "autoridades", aqui vistas como sendo, elas próprias, um conjunto aliado de corporações segmentadas (e isso é um facto).

Outsiders só podem manifestar-se se forem esquivos e cínicos. Quando um *outsider* se manifesta sobre um segmento, tem de o fazer de forma "positiva". A pessoa pode chegar de modo gentil e sereno, elogiar aquilo que já é feito, propor melhoramentos, praticar escuta activa e diálogo integrativo. É claro que tem de fazer tudo isto com um enorme, plástico sorriso, enquanto realça que está apenas a apresentar uma opinião relativa, subjectiva, questionável!, mas humilde e bem-intencionada. Se tiver uma t-shirt

a dizer "*UN children of the world*", ainda melhor. Mas é certo que, em certos millieus, a versão "*UN – abort children, save the world*" garantirá mais pontos.

Também podem ser a thought police from the rainbow. Mais geralmente, a expressão "positiva" de posições implica defender o segmento, uma dinâmica "blood, sweat and tears" contra todas as opiniões críticas. É claro que isto implica o policiamento das opiniões alheias, para detectar quaisquer manifestações de *intolerância*. Essas opiniões (crimes de opinião) têm de ser purgadas para trazer um mundo melhor – "*thought police from the rainbow*".

Balcanização legal em "ilhas" identitárias.

Multiculturalismo rejeita lei universal, opera com base em lei concessionária. Sociedades centradas no indivíduo funcionam tendencialmente com base em lei universal e equidistante, ao passo que sociedades colectivistas funcionam inevitavelmente sob lei concessionária, i.e., baseada em concessões e em medidas corporativas (particularistas e desiguais). A ideologia multicultural abraça sofregamente o espírito legal arbitrário do concessionarismo. Num ambiente que funciona nestes moldes, os "representantes institucionais" de cada segmento vão exigir que a "sociedade" (e.g. estado) os concessionem com privilégios e com direitos especiais (e.g. condições fiscais de excepção). Outras vezes vão exigir que a "sociedade" puna e prejudique outros segmentos (e.g. quando o KKK exigiu a legisladores de vários estados que banissem o uso e porte de armas para negros). Estas valências são frequentemente concomitantes, quando o benefício exigido pelo segmento implica o prejuízo deliberado de outros segmentos (e.g. leis de esterilização nazis).

Zonas legalmente balcanizadas, legalmente alienadas das restantes. Um exemplo deste tipo de concessionismo em acção é o estabelecimento de pequenas zonas legalmente balcanizadas em países ocidentais. É certo que este princípio começa por se aplicar à alta oligarquia europeia, com os seus pequenos domínios feudais *offshore* (e.g. Mónaco, Liechtenstein) e é depois aplicado por governos, quando criam bairros específicos, pequenas subculturas insuladas do resto da sociedade, para grupos particulares de funcionários públicos (um princípio que visa precisamente estabelecer um *rift* entre esses grupos e o resto do público).

Exemplo de "ilhas legais" para sharia, a preceder todo o género de outros ghettos legais. Hoje em dia, este tipo de pressuposto é repescado para o debate multicultural, com a exigência do estabelecimento de pequenas ilhas sociais sob lei *sharia*, para grupos muçulmanos. Se isso acontecer, será apenas um passo até que haja ghettos legais para esta ou aquela etnia, outros para feministas radicais, outros para grupos LGBT, outros para a liga de *empowerment* dos esquilos tímidos, e assim sucessivamente.

O caso particular das "escolas públicas etnicamente específicas". Um precedente importante para esta forma aberta de balcanização é já dado pelo facto de várias *escolas*

públicas, em bairros “etno/raciais”, serem compelidas por ONGs e por institutos público/privados a devotar a maior parte dos currículos a peculiaridades culturais minoritárias. É óbvio que isto não promove a *manutenção de costumes* (que é algo legítimo) mas sim a *balcanização de costumes*. E torna-se particularmente grave quando faz com que crianças pequenas não saibam falar a língua do país *onde nasceram*, ou fazer cálculo aritmético, porque passaram o tempo inteiro a debater e a praticar as peculiaridades culturais do país dos pais e dos avós.

ONGismo balcanizante pratica racismo paternalista, dividir para conquistar. Esta forma de ONGismo não é uma mera expressão de irresponsabilidade. É racismo sublimado de estilo paternalista, que resulta no prejuízo concreto e objectivo das novas gerações que são submetidas a isto. Mas é *precisamente isso* que é pretendido pelas fundações que coordenam todo este processo. A ideia é dividir para conquistar, tribalizar, dividir, do indivíduo à sociedade em geral. Criar *ghettos* urbanos tribalizados é apenas uma parte (essencial) em todo este processo.

Adversariedade: Mentalidade colectiva leva cristalização identitária, radicalização.

Respeito real não pode surgir na ausência de consideração pelo indivíduo. Respeito real pelo próximo só pode surgir quando as pessoas são vistas, e se relacionam entre si, como indivíduos. Quando as pessoas diluem (e, em larga medida, abdicam das suas) identidades individuais em nome de pertença a uma colectividade *ad hoc*, não só aceitam a sua própria despersonalização, como começam a usar esse standard para avaliar o mundo em redor.

Ideologia multicultural facilita adversariedade ingroup/outgroup. Existe um *ingroup* (colectividade), que está rodeado de toda uma série de *outgroups*. É recorrente que qualquer *ingroup* apresente a tendência natural de se definir por oposição a um ou mais *outgroups*. A ideologia multicultural facilita e apressa esse processo, através da ênfase em *rifts* históricos, dívidas, choques, antagonismos, destinos identitários e, assim sucessivamente. Sob esta ideologia, cada *ingroup* está em guerra histórica com um ou mais *outgroups*, tem o direito de agredir e o dever de se defender (ou seja, ofensividade vs defensividade) e, age num mundo de estereótipos e preconceitos bastante reais, onde *nenhum indivíduo o é* – todos são definidos por uma qualquer agenda identitária e cultural.

Defensividade, tensão, desconfiança, paranóia, ódio – radicalização. O estado mental que surge daqui é definido por defensividade, tensão, desconfiança, paranóia, preconceito, ressentimento, ódio. Esse é o estado natural. Sob esta forma de radicalização, toda e qualquer contrariedade passa a ser vista como um insulto, uma ofensa, algo a merecer agressão e retaliação. O “outro” é sempre *criminoso* até ser provado inocente, e isto acontece quando *prova* a sua concordância (ou a sua submissão autoritária) para com as crenças do *ingroup*.

Adversariedade: Blocos, alianças, guerras entre blocos.

Blocos, alianças, guerras de bloco. À medida que a segmentação da sociedade avança, e a adversariedade entre segmentos é gradualmente agravada, o ambiente social começa a ganhar uma configuração militarizada. Existem blocos, alianças, guerras inter-blocos (guerras culturais, físicas, etc.).

O *balance of power* no verão de 1914. Nesta altura, a Europa está em paz, mas é uma paz podre. Existem blocos definidos, as fronteiras estão militarizadas e preparadas para combate, cada lado está a estudar o outro, em estado permanente de tensão, alerta, paranóia. De repente, há um evento menor, o assassinato de um príncipe austro-húngaro, e toda a Europa entra em acção para guerra mais destrutiva até então. Os resultados são destruição ubíqua, genocídio e uma herança de nihilismo, autoritarismo e conflitualidade.

Adversariedade: Exponenciação de ódio e divisionismo.

Rejeição de individualidade é um factor exponenciador de ódio, divisionismo. A solução para a resolução de questões de ódio de classes e de grupos está na difusão do ethos liberal e democrático, pelo qual cada indivíduo é considerado um indivíduo, único, a ser definido enquanto tal, e não enquanto membro de um qualquer grupo social ou corporativo *ad hoc*. É claro que isto este preceito é rejeitado por toda e qualquer filosofia identitária, o que inclui a ideologia multicultural. A infusão de ideologia multicultural exponencia e agrava o estado geral de ódio entre grupos em qualquer sociedade. Age como um factor multiplicador, ao transformar cada fonte discernível de diferença colectiva numa nova fonte de divisividade sócio-cultural, numa nova frente de *guerra social* – guerra de classes.

O exemplo da sociedade portuguesa dos 90s. A título de exemplo, vamos conceber a sociedade portuguesa dos anos 90. Essa era uma sociedade onde existia um *módico* de racismo, essencialmente de brancos contra negros. Deve realçar-se que era um mero módico, extremamente adstrito às faixas etárias e aos meios geográficos e sociais sob a influência de velhas formas de ideologia supremacista colonial. A larga generalidade das pessoas *não era racista*, seja em meios rurais ou, mais especialmente, em meios urbanos, mais cosmopolitas. A pessoa média estava a tornar-se liberal e democrática, a adoptar o *ethos* de avaliar cada indivíduo *como indivíduo* – e é isso que faz toda a diferença.

Cadres de professores e funcionários públicos transformados em líderes ONGistas. Seja como for, a questão foi, na altura, transformada num *Kraken* narrativo, uma grande besta inventada, por cadres de professores universitários e de funcionários públicos e bancários misteriosamente reconvertidos em líderes de ONGs, que competiam entre si

pela obtenção de fundos comunitários para o estudo do "terrível racismo português" – e, claro, com o objectivo de provocar guerra de classes/grupos sempre em *background*.

Inúmeras novas formas de intolerância em *double feedback loops*. Sob a infusão de ideologia multicultural, múltiplas novas formas de racismo (e outras formas de intolerância) puderam prosperar: o racismo minoritário foi incentivado, para vingar crimes históricos geralmente imaginários; a reacção a isso foi o incremento do racismo branco, ligado a agrupamentos de extrema-direita. Ao mesmo tempo, a ideologia identitária estava a ser promovida em todos os campos concebíveis, desde relações entre forças políticas até relações religiosas, sociais, sexuais, etc. Até a polícia recebeu o seu pequeno nicho identitário, a sua marca de balcanização sócio-cultural relativamente ao resto do público civil, por meio de formação lewiniana *custom-designed* para este grupo social (como, aliás, aconteceu na generalidade dos restantes países ocidentais). Uma sociedade que antes se estava a tornar democrática e liberal foi efectivamente radicalizada em todos os sentidos, passando a haver um ambiente onde múltiplas novas formas de extremismo identitário podem prosperar, em conjunto com múltiplas outras formas de segregação e ódio, em todos os campos.

Radicalização da sociedade portuguesa avançada por grupos sans frontières. A radicalização identitária da sociedade portuguesa é um fenómeno incentivado e proliferado por grandes fundações, bancos, departamentos de estado – nacionais e europeus (com destaque para os NTL europeus).

Divisionismo essencial para manter balcanização durante formação do **superstate.eu**. Esse é um fenómeno que só agora começou. É essencial para manter a sociedade dividida e desfocada, enquanto o país é economicamente destruído e reconvertido numa sátrapa bancária, numa província neo-colonial do superestado europeu. É claro que este fenómeno não aconteceu por si mesmo, nem pode ser adstrito às anteriormente mencionadas cadres de professores e líderes de ONGs.

Supremacismo, exigência de recurso a coerção sobre "inferiores".

Feita distinção entre "superiores" e "inferiores". Intolerância, ou supremacismo, ou elitismo, implica que é feita a distinção entre um ou mais agrupamentos sociais "superiores" e um ou mais agrupamentos "inferiores", sendo que os primeiros têm o direito, senão o dever de ordenar coercivamente as vidas dos segundos. Sendo que as noções de "superioridade" e "inferioridade" são, em si, graves o suficiente, são agravadas ainda mais pelo facto de se alicerçarem em categorização por correlações ilusórias.

A única distinção sequer vagamente legítima é a entre pessoas honestas e criminosas. Ou seja, não é feita uma distinção legítima, e.g. entre "pessoa honesta" e "pessoa criminosa" (*que seja como for, não implicaria asserções de superioridade ou inferioridade*) mas sim uma distinção entre grupos sociais arbitrariamente definidos

(raça, etnia, religião, hábitos, etc.) aos quais são depois, falaciosamente, atachados caracteres estereotípicos.

"'Superiores' têm o direito e o dever de controlar 'inferiores'". A noção de que um qualquer grupo A é "superior" implica que esse grupo é entendido como sendo de elite, composto por indivíduos mais virtuosos e avançados que os indivíduos que compõem um grupo B, "inferior". Os predicados atribuídos ao grupo B são sempre construídos de forma a alegar que não são meras marcas de inferioridade, mas também sinais evidentes de que o grupo B é socialmente perigoso, que tem de ser controlado e, portanto, que os membros do grupo A devem usufruir da liberdade para exercer poder coercivo sobre os membros do grupo B. Isto está radicado num *ethos* de dominação alicerçada em categorizações ilusórias e *ad hoc*. "*Eu, C, tenho o direito de dominar D porque D pertence ao grupo B e, nessa medida, tem características Z, Y e Z que o tornam inferior e que fazem com que ele tenha de ser controlado*". Ou seja, a questão é colocada tanto na óptica de direito a auto-defesa (com base em preconceito mesquinho) como na perspectiva de "noblesse oblige". O grupo de "elite", "nobre", tem o dever de perpetrar controlo coercivo; frequentemente, isto é colocado na óptica de "*ajudar*", como quem, de modo paternalístico, reclama o direito a assistir um qualquer género de animais patéticos, atabalhoados, incapazes de se ajudarem a si mesmo.

Preconceito mesquinho e "noblesse oblige", de oclocracias a plutocracias. Tudo isto significa que um grupo étnico se pode assumir como superior e praticar coerção sobre os restantes grupos étnicos. O mesmo pode acontecer no domínio económico, político, social, ideológico, religioso, sexual. Um grupo ideológico pode asseverar que tem o dever de purgar coercivamente todo o resto da sociedade de toda e qualquer forma ideológica ou cultural que considere inferior. Um grupo plutocrático pode assumir-se como superior a todos os restantes e, daí, exercer coerção virulenta com base no conjunto de atribuições ilusórias que faz. Um grupo oclocrático pode assumir-se como intrinsecamente superior e virtuoso e exercer a sua superioridade imaginária através da destruição das restantes instâncias sociais.

Adversariedade: Perseguição e violência.

Perseguição e violência. O resultado óbvio do processo de geração de adversariedade. Os membros de cada grupo exorcizam os seus próprios fantasmas imaginários pela perseguição a membros da colectividade adversária. Isto é rapidamente convertido na guerra de todos contra todos.

O exemplo antropológico ocasional de South Central LA. Pense-se, a título de exemplo antropológico, *gangland*, o microcosmo South Central L.A. Aí, hispânicos assassinam brancos, mas preferem assassinar negros. Negros assassinam brancos e hispânicos. Brancos assassinam negros e hispânicos mas é suposto que se sintam mais culpados que os restantes quando o fazem. Os asiáticos, curiosamente, apresentam a curiosa tendência de se manterem fora de tudo isto. Com muita frequência, estes asiáticos são indivíduos e

famílias que fugiram de colectivismos nas suas terras-natais (comunismos do sudeste asiático); como tal, conhecem o monstro e são inteligentes o suficiente para se manterem à parte dele. Esse pormenor tem merecido a atenção de vários documentários e estudos. Se continuarmos a pensar neste microcosmo, e formos aos motins dos anos 70, encontramos um momento que é bastante definidor da postura geral do asiático médio que é encontrado nas zonas de motim. Aí, esse indivíduo médio é mais americano que o americano médio: nunca participa da insanidade geral, a não ser nos momentos em que se arma para proteger a sua propriedade e os seus *direitos individuais*, que preza e aprecia enquanto tais.

Registo relacional em double-bind, ambiguidade.

Axiomas relacionais dialécticos: odeia-me e eu amar-te-ei e vice-versa. Adversariedade implica sempre o estabelecimento de um funcionamento *double-bind*. O adversário é o objecto de múltiplos jogos de expectactivas dentro do sistema de crenças antagonístico. Existe um constante equacionar de axiomas relacionais dialécticos, algo como: "*Eu gosto de ti e tu gostas de mim, eu odeio-te e tu odeias-me. Eu desprezo-te, tu desprezas-me, mas eu estou sempre atento ao que tu fazes; e vice-versa. Eu tenho ressentimentos por ti, e tu por mim. Eu quero dominar-te, tu queres dominar-me. Eu quero controlar-te e tu também. Eu quero magoar-te, tu queres magoar-me – é assim que vivemos; abdica da tua identidade em nome das nossas boas relações. Maltrata-me e eu respeitar-te-ei, bate-me e eu gostarei de ti. Trabalha para mim, eu trabalho para ti. Faz-me coisas boas, eu faço-te coisas boas. Respeita-me e eu respeito-te. Finge que me amas, eu fingirei que te amo mesmo que não me ames porque eu também não. Mas amo-te e tu amas-me. Business as usual. Eu amo-te mas odeio-te porque tenho de dominar-te; caso contrário, serás tu que me vais dominar*".

Funcionamento dialéctico, em relações disfuncionais e em *gang power politics*. Este é o funcionamento da mentalidade dialéctica, quer estejamos a falar no domínio da relação amorosa (quantas relações não se alicerçam no tipo de nonsense psicótico que é atrás apresentado?) ou no domínio de *power politics* de gang.

Dinâmica sado-masoquista – aversão e desejo de assimilação [o Joker e o Batman]. O funcionamento dialéctico é sempre ambíguo e, por consequência, sado-masoquístico. Ódio coexiste com amor, aversão com atracção, violência com paixão. "*Eu quero que tu me aceites e eu quero aceitar-te, mas para isso tenho de dominar-te; em troca, tu também me podes dominar*". A aversão e o temor pelo adversário coexistem sempre com a necessidade dupla de *integrar* e *assimilar*. Não basta subjugar, ou controlar o adversário; também é preciso alinhá-lo, torná-lo num aliado e num parceiro. Existem sempre sentimentos envolvidos (a mentalidade dialéctica é extremamente emotiva, apesar de o negar, em bom estilo dialéctico). Para usar uma metáfora, o Joker não quer obter a capitulação do Batman tanto quanto a sua admiração e o seu amor. Para isso, recorre a violência e a conquista (sadismo), mas também a capitulação e a rebaixamento (masoquismo). É uma questão de orgulho, auto-imagem, necessidade de "respeito".

Integração universal coerciva – "The Borg shall assimilate you".

Identitarismo multicultural é, por tendência, de integração universal coerciva. Sob multiculturalismo, todos os indivíduos – todos – têm de ser colectivizados, num ou mais *corpores*. Ninguém pode preservar a sua individualidade. É preciso manter em mente que, como explicado, "multiculturalismo" não tem *nada a ver com relações culturais* – esse é o pretexto. "Multiculturalismo" é apenas uma das faces mais simpáticas para o movimento psicossociológico de colectivização forçada de *toda* a sociedade em inúmeras mónadas colectivas. Logo, todos têm de ser eventualmente integrados (assimilação "positiva"), por opção ou por coerção, no seu próprio bloco de celas do asilo mental social. As organizações que "representam" o segmento não se limitam a aceitar a entrada voluntária de novos membros. A expansão eventual do sistema leva a que procurem recrutar todos os seguidores que se encaixem. Por exemplo, um homem negro tem de pertencer ao gang do bairro, ser muçulmano neste ou naquele caso, evangélico no outro, eventualmente ser (persuadido a ser) homossexual se for definido que haverá "selecção voluntária inconsciente" para limitar a natalidade das populações negras. E é claro que tudo isto pode incluir "adopção social", num ou noutro grupo – essa é táctica tradicional de assimilação.

Utopias multiculturais: assimilação global vs segregação global.

"Assimilação positiva": fusão dialéctica gradual e total. "Assimilação positiva" implica fusão dialéctica gradual entre corpores, que ocorre em simultâneo com a corporativização total da sociedade. Este é um paradigma dialéctico, que oferece a utopia dialéctica do meio-termo em tudo (*yin-yang*, falso equilíbrio). Sob utopismo dialéctico assimilativo, o que surge é um mundo onde só existem mulatos totais, bissexuais (eventualmente, humanos geneticamente modificados para serem hermafroditas), sincretistas globais. Todos têm o mesmo grau de poder, todos têm o mesmo nível de riqueza, todos policiam e todos são policiados. Todas as relações sociais são exercidas em *double-bind*, significando que todos são mestres e todos são escravos, em todos os domínios da existência. O *double-bind* caracteriza as relações externas mas também as relações internas. Por outras palavras, todas as mentes funcionam de forma dialéctica, i.e., todos são psicóticos (eventualmente, deixa de haver separação/alienação mental entre indivíduos, através da instauração de uma Singularidade). Todos são exactamente o mesmo em tudo, todos são bons protozoa marxistas. Isto é, resolução dialéctica plena, resolução de todos os conflitos, paz mundial (ahah).

"Segregação positiva": assimilação em tudo, menos no domínio etno-racial. O oposto dialéctico de "assimilação positiva" é "segregação positiva". O acto de segregação é sempre feito por um qualquer eixo de distintividade. Sob cultura dialéctica (neste caso, hegeliana), o eixo escolhido é etno/racial. Cada segmento etno/racial é inteiramente

integrativo e assimilativo em si, mas segregacionista para com os restantes. Isto significa que todos os pontos explicitados no ponto anterior se aplicam aqui, mas apenas a segmentos etno/raciais isolados entre si. Sob este género de utopia, os povos estão separados entre si, mas unidos na sua uniformidade mental, sincretismo, bissexualidade mandatória e assim sucessivamente. Um mundo repleto de fadas hermafrodíticas supremacistas que prestam culto a Gaia.

Identitarismo multicultural (4) – *"Tolerância repressiva" e o ataque a universalismo*

(1) "Tolerância repressiva": Sabotagem de universalismo e Direitos Civis.

(2) Um padrão de balcanização e de mentalidade fascista.

(3) Ethos democrático ("não farás") vs ethos totalitário ("serás") – Tolerância redefinida como conformidade compulsiva a normas autoritárias.

(4) Notas extra: Martin Luther King – Marcuse, Escola de Frankfurt – Ultra-relativismo abre portas a dogma autoritário, ontem e hoje.

(1) "Tolerância repressiva": Sabotagem de universalismo e Direitos Civis.

"Tolerância repressiva": Radicalização e autoritarismo.

Herbert Marcuse inventa sistema de radicalização da pessoa média. Herbert Marcuse escreve o ensaio "Tolerância Repressiva" em 1968, onde introduz o conceito com o mesmo nome. O texto é uma diatribe irracionalista e demagógica onde Marcuse se queixa do *laissez-faire* americano e propõe um sistema para radicalizar a pessoa média, enovelando-a em violência, preconceito e ódio autoritário.

Marcuse: "Sociedade americana é demasiado **tolerante**, **democrática**, **pluralista**". O americano médio dos 60s, diz Marcuse, é efectivamente tolerante, democrático, libertário. Simpatiza com a libertação das minorias étnicas. Com muita frequência, trabalha para isso. Aceita pontos de vista divergentes. E, toda a gente tem direito a participação na sociedade americana, diz-nos Marcuse.

"Ao ser aberta, é autoritária; porque obriga à pluralidade". Mas isso é intrinsecamente *autoritário*, observa o ideólogo germânico. Porquê? Porque, tal cultura é radicada numa *obrigatoriedade* para a pluralidade. A cultura é *autoritária* porque força a aceitação de pluralismo. Em contrapartida, a cultura já não seria autoritária se forçasse a adopção de monismo (*i.e. a cultura é autoritária se não o for e, deixa de o ser quando se torna autoritária – é isto que acontece quando nonsense esquizofrénico é aceite como epistemologia*).

“Mudar cultura, torná-la repressiva, para fazê-la tolerar imposição de monismo”. É essencial, diz o autor, inverter a cultura, de forma a torná-la monista (i.e. autoritária). Afinal, existem questões que “não podem ser resolvidas com pluralismo” (*pensamento autoritário*). Como é possível resolver essas questões de modo firme e assertivo (*botas militares a bater no chão*), se a cultura compele à aceitação de pluralismo? É simples. Há que mudar a cultura e torná-la *repressiva*. O grande axioma que Marcuse pretende passar com tudo isto é o de que, *para ser realmente democrática, a cultura tem de ser forçada a ser tolerante para a necessidade humana de reprimir e de impor um único ponto de vista* (ou seja, tem de ser tornada mais intolerante que nunca antes).

“Autoritarismo é democrático e democracia é autoritária”. Tudo isto é absurdo dialéctico no seu melhor, mas é precisamente o que Marcuse avança no seu ensaio. A cultura tem de ser tornada *repressiva* (autoritária), para deixar de ser *autoritária* (liberal e pluralista). A sociedade repressiva, que coage à imposição monista de pontos de vista, é realmente tolerante e democrática, por contraponto com o pluralismo que caracteriza a sociedade liberal e democrática, agora redefinida como autoritária [a forma é o vazio, o vazio é a forma, e este vazio é o vazio mental de Marcuse, expresso na forma de nódulos dialéctico/psicóticos].

“Tolerância repressiva”: Sabotagem de universalismo, Direitos Civis.

Um “tolerante repressivo” (Marcuse) é um puro autoritário. “Tolerância repressiva” é o complexo de irracionalismo mental e comportamental que leva à criação da sociedade repressiva. Um “tolerante repressivo”, segundo Marcuse, é alguém que impõe “tolerância” (*redefinida como submissão coerciva a algo*) pela imposição repressiva de comportamento intolerante – i.e. *um autoritário*.

Isso é aplicado à sabotagem dos Direitos Civis, após assassinato de MLK. Isto foi antes de mais aplicado à sabotagem do movimento dos direitos civis, de Martin Luther King (MLK) e outros. O movimento dos direitos civis vencia, tanto na esfera legal como na esfera humana (ao conquistar mentes e corações pelo mundo fora), porque tinha legitimidade intrínseca. Era baseado na afirmação pacífica daquilo que é bom e justo, a fórmula do Reverendo King. Tudo isto exigia o recurso a terrorismo governamental. Aos assassinatos de activistas e, mais tarde, do próprio MLK (a ocorrerem com os assassinatos paralelos de outras figuras vitais nos direitos civis, como os irmãos Kennedy), seguiu-se a tentativa de assassinato da ideologia em si.

Marcuse, chefe de comando da CIA – e os restantes trotskyistas de Chatham House. Isso é feito através deste antigo chefe de comando da CIA na Europa ocidental (para operações culturais, i.e. guerra cultural), Herbert Marcuse, e dos seus colegas da Escola de Frankfurt. Todas estas pessoas são cultivadas no ambiente degenerado do complexo Chatham House/SIS/MI6/CIA, onde uma das práticas mais importantes do pós-guerra consiste em pegar em ideólogos totalitários (geralmente Trotskystas), alguns deles

agentes duplos (Trotskyistas pró-nazis), e reciclá-los em Trotskyistas a trabalhar para a City.

“Tolerância repressiva”: lixo epistemológico, base para ONGismo pós-moderno. Portanto, “tolerância repressiva” e “anti-autoritarismo”, a ideologia sintética de Marcuse e dos Frankfurters, exige que, para acabar com “autoritarismo pluralista”, é preciso gerar autoritarismo radicalizado, e cristalizá-lo por meio de um sistema de crenças inteiramente baseado em estereótipo, preconceito, ódio inter-grupal. “*Para acabar com racismo*”, é preciso gerar mais racismo que nunca antes. “*Para acabar com violência e coerção*” é preciso generalizar o recurso à violência e à coerção. “*Para acabar com repressão*”, é preciso generalizá-la ao extremo e torná-la mais feroz e brutal que alguma vez antes. Este tipo de lixo epistemológico e ideológico tornou-se a base de operação para o ONGismo pós-moderno.

Sabota ímpeto para universalismo e igualdade, em prol de identitarismo proto-fascista. Sabotou o ímpeto para universalismo e igualdade inter-individual que marca o movimento dos direitos civis e substitui-o por ideologia divisiva, identitária e proto-fascista.

“Tolerância repressiva”: New Left e ONGismo, veículos das grandes fundações.

Daqui surge ONGismo, New Left, euro-Comunismo [via fundações]. É daqui que surge todo o complexo de movimentos e ONGs que constitui aquilo a que se veio a chamar a *New Left* (aka, *foundation-left*, ou *esquerda-caviar*). Nos EUA, muita da *foundation-left* surge a partir de comunas *hippie* organizadas e patrocinadas por fundações como Ford e Rockefeller. Em média, estas comunas são experiências psicossociais em funcionamento totalitário, conduzidas a partir de sítios como Palo Alto e Stanford, com o recurso a prostitutos intelectuais como Erich Fromm. A *foundation-left* dos EUA é mimetizada na Europa ocidental na forma do movimento Euro-comunista dos 70s/80s, um conjunto de ONGs e de milícias comunais/urbanas, igualmente patrocinado por grandes fundações. O Clube de Roma e o seu braço cultural, o Clube de Budapeste, têm aqui um papel de destaque (convém mencionar que ambas as fundações são organizadas por casas reais europeias e por oligarcas financeiros transatlânticos). É aqui, em todo o complexo transatlântico radicalizado da *New Left*, *foundation-left*, que temos a base original de recrutamento para o actual ONGismo identitário proto-fascista.

Palo Alto Über Alles: “Mellow out or you will pay”. A banda americana Dead Kennedys capturou bem o espírito de tudo isto quando escreveu “California Über Alles” (também podia ser Palo Alto Über Alles), com passagens como: «*The hippies won't come back you say… Mellow out or you will pay… Zen fascists will control you… Your kids will meditate in school… Come quietly to the camp… You'd look nice as a drawstring lamp… Don't you worry, it's only a shower… For your clothes here's a pretty flower… DIE on organic poison gas… Serpent's eggs already hatched*»

“Tolerância repressiva”: Uma expressão de excesso de mimos.

Pessoas como Marcuse são crianças mimadas que crescem para narcisismo destrutivo. De um ponto de vista muito prático, o problema essencial com pessoas como Herbert Marcuse é o de nunca terem levado três bofetadas na cara quando eram pequenos e faziam asneiras. Cresceram no ambiente ultra-protegido e mimado do *kindergarten* de estilo prusso-germânico, onde todas as atitudes, boas e más, são merecedoras de recompensa e de incentivo positivo. Bater na criança ao lado, roubar um doce, partir um brinquedo, são tão premiados com aplausos e com balões como o exercício de uma atitude moral. Como tal, pessoas como Marcuse nunca ganharam noções de limites. Tornam-se narcisistas destrutivos, obcecados com preenchimento egóico a partir do exercício de nihilismo moral e epistemológico.

Depois, juntam-se em cliques para impor egoísmo autoritário a toda a sociedade. Sendo egoístas narcísicos, são profundamente anti-liberais, anti-democráticos, anti-pluralistas – todas essas coisas implicam sair da esfera do próprio umbigo. Mais tarde, juntam-se em cliques compostas de outros egoístas narcísicos e agem como *gang*, para transformar a sociedade de tal forma a poder impor o seu próprio egoísmo autoritário a todos os outros. Este é o momento sacramental no qual pessoas como Marcuse poderão redefinir “tolerância” para significar submissão irrestrita a todo e qualquer capricho narcísico grupal da clique. E é assim que começam as derivas sociais totalitárias. A destrutividade totalitária é literalmente criada por crianças que nunca cresceram e, que foram estragadas com mimos.

Utopia, o *kindergarten* perfeito, com brinquedos novos e outras crianças para dominar. Com a sociedade totalitária, pretendem recriar o pátio perfeito, o recreio idílico, onde existem inúmeras crianças mais fracas que podem ser livremente controladas, espancadas, ordenadas, sem qualquer interferência *adulta* e, onde a cada esquina existe uma mesa com doces e novos brinquedos (geralmente roubados às crianças mais fracas).

(2) Um padrão de balcanização e de mentalidade fascista.

Balcanização social, proliferação de fascismo, na corrida para o fundo.

Grandes fundações bancárias incentivam balcanização na corrida para o fundo. As grandes fundações bancárias são determinantes na ressurreição de identitarismo radical, pelo patrocínio aberto a todo o tipo de movimentos e organizações de carácter proto-

fascista. Isto é algo que visa incentivar divisão e conflitualidade social, distracção, futilidade, enquanto, no *background*, a sociedade é economicamente desmantelada e colocada na corrida para o fundo, sob desmantelamento industrial, especulação selvagem e *free trade* global. A aplicação paradigmática do princípio de dividir para conquistar.

ONGs, retórica incendiária, demagogia, proto-fascismo. A política das fundações foi a de incentivar uma nova vaga de identitarismo junto dos mais variados grupos populacionais. Para cada grupo é criada uma multitude de ONGs etno-especializadas e, cada uma destas ONGs tem os seus próprios slogans incendiários, os seus próprios exércitos de provocadores, o seu próprio movimento subsidiário de bairro. Tudo isto serviu para generalizar um estado de conflitualidade geral entre diferentes (cada vez mais expansivos) grupos identitários. Retórica incendiária, demagogia histórica, jogos de culpabilização mútua são elementos essenciais em tudo isto. A estimulação de conflitualidade é assente num fenómeno que lhe subjaz, a generalização de mentalidade fascista. Sob identitarismo, existe a ascensão de supremacismo identitário, pelo qual o ingroup se vê como inerentemente superior a um ou mais outgroups. Esse supremacismo é assente em mitos fundacionais (e.g. uma "história comum" geralmente obtida a partir da ultra-simplificação estereotípica da História) e no livre exercício de estereotipagem e de formação de preconceitos. A "identidade comum" com o "passado comum" almeja um "futuro melhor comum" que só pode ser obtido pelo exercício de purga e subjugação dos outgroups rivais. Tudo isto implica, claro, regimentação e disciplina de corpo. Estes são os ingredientes do belicismo e do fascismo.

Lobbying e acção afirmativa de estilo Nazi. Em tudo isto surge uma nova forma, absurda, de *lobbying* e acção política, erroneamente chamada de "acção positiva", pela qual um grupo exige: a) ser privilegiado pelo governo com base em questões puramente identitárias (eu sou X portanto tenho exijo ter privilégios Y); b) que outros grupos sejam prejudicados com base no mesmo tipo de critérios; c) que outros grupos sejam forçados/coagidos, sob ameaça de violência estatal, a adoptar uma ou mais normas de comportamento endémicas ao grupo iniciador. Podemos encontrar precedentes directos para todas estas instâncias nos códigos Nazis de 1933 e 1935.

Novas gerações ensinadas a ver estereótipos, não indivíduos – o princípio Hitlerjügend. De modo mais preocupante, as crianças de hoje (os adultos de amanhã) são rotineiramente ensinadas a avaliar os restantes seres humanos com base em critérios artificiosos como raça, cultura étnica, religião, sexo, preferência sexual, e não com base em critérios estritamente individuais. Afinal, todos somos criados iguais, cada pessoa é uma pessoa e todos devemos ser avaliados pelas nossas acções individuais. É preciso compreender que esta é a fórmula para a Hitlerjügend.

Divisão, imaturidade, orgulho, preconceito – o dividir e conquistar da alta finança. Os resultados desta nova vaga de identitarismo são, como esperado, a divisão da sociedade em campos fragmentários, divididos entre alianças e hostilidades de bloco, simultaneamente improdutivos e destrutivos. Ao nível de rua, pessoas vácuas e

divisivas, que operam como se esperaria de provocadores a soldo para grandes fundações bancárias [e, com efeito, esse é o estatuto da generalidade dos organizadores destes movimentos; só é pena é que consigam transmitir padrões anti-sociais de comportamento a pessoas comuns]. O indivíduo comum que é envolvido nisto é tornado obcecado com questões secundárias e, regra geral, irrelevantes. Com o modo como é visto pelos outros, com o "respeito" pessoal e corporativo que obtém. Demasiado imaturo e intelectualmente menorizado para se apreciar a si mesmo e aos outros, enquanto *indivíduos* únicos. Todos são vistos como figuras despersonalizadas, num tétrico mundo de rótulos, estereótipos, grupos. Destes meios resulta uma incapacidade geral de conceber qualquer forma de defesa social comum contra os agressores de *toda* a sociedade; os financeiros. Esse é o motivo exacto para o patrocínio deste tipo de organização social pela alta finança.

O exemplo de La Raza, nos EUA.

La Raza, falange fascista cultivada pela Ford Foundation. Nos EUA, todos estes fenómenos são acompanhados de vagas de violência ideologicamente motivada e feudalizada, veiculada pelo gang militarizado ou pelo grupo identitário. Em larga medida, este fenómeno é um resultado directo do trabalho das grandes fundações e das ONGs. Um bom exemplo aqui é o dos gangs racistas e hispano-supremacistas dos estados do Sul. Estes grupos são a extensão paramilitar óbvia do movimento ONGista La Raza, um movimento mexicano que encontra o seu desígnio de acção no Plan of San Diego, um plano que envolve o extermínio de todos os brancos em "Aztlan", os estados mais a sul nos EUA. O sonho é a recriação de um imaginário Império Azteca, estendido ao estado de Washington. La Raza é alicerçado em bolsas ("grants") da Ford Foundation, entre outras.

Dividir para reinar, usando vítimas radicalizadas de 3º mundo [paralelos na Europa]. La Raza é um excelente exemplo do tipo de fascismo identitário e genocida que, ao longo das últimas quatro décadas, tem vindo a ser cultivado pelas grandes fundações de Wall Street. Porque não usar milícias de analfabetos provenientes de um país de 3º mundo (um alvo de raids financeiros regulares, por Wall Street, desde 1915) na destruição do país de 1º mundo? O princípio operacional é o de dividir para reinar. Primeiro destrói-se um país, saqueiam-se os recursos, cultiva-se uma população violenta e iletrada. Depois, usa-se essa população para destruir um outro país. E assim sucessivamente. O mesmo tipo de fenómeno pode ser apreciado na Europa, com o cultivo (*por governos e fundações*) de movimentos fascistas e racistas provenientes de antigas colónias europeias.

Generalização da táctica pelo 3º mundo – Guerra Fria e "one [hated] love" ONU. Após a II Guerra Mundial, o sistema ONU surge em cena e traz consigo todo o aparato táctico-estratégico do Império Britânico. Especialmente dos anos 60/70 em diante, o 3º

mundo é lançado num abismo sem fundo de identitarismos sintéticos, ódio, guerra civil, genocídio, irmãos contra irmãos. É certo que o sistema ONU não esteve/está sozinho neste seu grande empreendimento de balcanização, genocídio e devastação humana, para a Aldeia Global, que continua (intensificou-se) durante os dias de hoje. Muitos grupos de interesse ajudaram e, até ao início dos anos 90, a Guerra Fria jogou uma parte importante em tudo isto (com o bloco NATO a incentivar os seus próprios grupos de extremistas radicalizados contra os extremistas radicalizados do bloco Soviético).

(3) Ethos democrático ("não farás") vs ethos totalitário ("serás") – Tolerância redefinida como conformidade compulsiva a normas autoritárias.

"Não farás" guia o espírito da lei em democracia liberal (*a real*).

Democracia liberal assenta em código simples "não farás" (roubar, violar, matar, etc). Uma sociedade liberal democrática assenta sempre num conjunto de regras simples, elegantes, equidistantes. Um conjunto de "não farás", no registo dos Dez Mandamentos, que são implícitos, conhecidos por todos e que compõem o *espírito da lei*, o corpo axiomático no qual toda a legislação posterior se baseia.

Liberdade, responsabilidade, equidistância. Sob estas condições, espírito da lei favorece liberdade individual, responsabilidade individual e equidistância legal.

O domínio da lei natural, inata e universal. Aqui estamos no domínio daquilo a que se chama de *lei natural*: toda a gente sabe que prejudicar, prestar falsos testemunhos, magoar, roubar, matar, são coisas universalmente más e pervertidas. Todos nascemos com a raiz de uma consciência moral (algo que pode, ou não, ser desenvolvido) e a compreensão intrínseca dessas regras é-nos tão inata como a apreciação de águas azuis, campos verdes numa tarde solarenga, uma harmonia agradável. Todos sabemos o que distingue uma pessoa real, vertical, de uma pessoa degradada, desonesta. Todos temos a tendência natural de preferir a primeira, tanto quanto temos a tendência de gostar naturalmente de pessoas bonitas e simpáticas; e, sem dúvida, temos o enviesamento inato pelo qual confundimos uma coisa com a outra, assumindo que uma pessoa bonita e simpática é também uma pessoa real e honesta. É claro que essa relação linear não existe, mas esse enviesamento em si é apenas mais uma boa expressão dos inatismos que estão aqui implícitos (se bem que é um facto que as pessoas pervertidas têm a tendência a começar a apresentar as mais variadas distorções físicas, como sejam os proverbiais olhos de porco). Com efeito, é preciso que um indivíduo seja submetido a um grande processo de despersonalização, degradação interior, inversão de valores, para fazer com que despreze ou renegue qualquer uma destas coisas – em qualquer cultura.

Indivíduo pode *pensar*, *sentir*, *dizer* tudo, e só não *fazer* aquilo que "não farás". Uma sociedade alicerçada neste *ethos* terá a tendência de se desenvolver num sentido liberal-democrático, i.e. centrado no indivíduo. O indivíduo é o protagonista da sociedade e tem liberdades que são inatas, irrefutáveis, inalienáveis. Tem direito a *pensar, sentir e dizer* tudo aquilo que quiser. E, tem o direito a *fazer* tudo o que entender, dentro dos limites do *ethos*. Numa sociedade *realmente* liberal-democrática, o indivíduo tem direito a fazer uso pleno de todas essas liberdades. É claro que todos os indivíduos são responsáveis pelas suas próprias acções. O indivíduo "não fará" os actos criminosos que são definidos pelo *ethos* (prestar falso testemunho, roubar, magoar, matar, etc.).

Cometer "não farás" implica punição justa e rápida. Se os fizer, deve ser prontamente julgado e punido pelas suas acções; crimes exercidos contra outros indivíduos. O foco está *sempre* na acção concreta. Sob liberal-democracia, o foco *nunca* está noutras variáveis, como sejam pensamentos, sentimentos, ou a expressão de opiniões. A liberdade de exercício de todos esses domínios é inata e inalienável. Tal como não é dada por nenhum governo ou autoridade humana, também não pode ser negada por nenhum governo ou autoridade humana. Se isso for feito, a autoridade responsável é *criminosa* e deve, portanto, ser abolida e substituída por uma forma *legítima* de governo.

"Não farás": Liberdade, responsabilidade, equidistância.

Liberdade, responsabilidade, equidistância. Liberdade individual, responsabilidade individual, equidistância legal. Como é que isto se traduz numa praxis quando se lida com algo como intolerância, elitismo, supremacismo, ódio?

Punição de *actos criminosos* – não de pensamento, sentimento, ou discurso. Em primeiro lugar, pela sanção e punição de *actos* criminosos nestas linhas. O indivíduo intolerante e elitista dirá qualquer coisa deste género: "*Eu tenho o direito de dominar B porque B pertence ao grupo X e, nessa medida, tem características Y e Z que o tornam abjecto e que fazem com que ele tenha de ser controlado*". Antes de mais, o sujeito tem o direito inalienável a acreditar nisto tudo o que quiser e a falar do assunto com outros sujeitos. É assim que uma sociedade é mantida livre, quando até tolos irracionalistas têm liberdade de expressão e são, portanto, passíveis de ser reconhecidos enquanto tolos. Isto funciona por oposição a comunicação controlada, pela qual tolos podem assumir (assumem sempre) o monopólio da praça pública e de doutrinar o público para a "superioridade" e "inteligência" da sua própria marca de irracionalismo. Este tipo de sujeitos causa danos reais no mundo real, sobre vidas reais, quando têm a liberdade de colocar em prática o seu preconceito elitista, na forma de acções coercivas (e.g. violência física). Aí, é essencial que não haja contemplação ou meias-medidas. O papel da estrutura de governo é o de julgar e sentenciar penas proporcionais à gravidade dos crimes infligidos. A sentença não serve apenas como uma forma de punição individual, mas também como uma demonstração de que os actos criminosos em causa não são permitidos ou tolerados no presente e, muito menos o serão no futuro.

Difusão de bons valores, respeito intrínseco pelo *indivíduo* enquanto tal. Em segundo lugar, mas ainda mais importante, o que tem de acontecer sobre democracia liberal é a difusão de bons valores morais (do *ethos* moral), o que inclui o respeito intrínseco pela individualidade; pelo *indivíduo enquanto indivíduo*. A árvore é avaliada pelos seus frutos, e não pela floresta circundante (seja ela real ou imaginária). Todos somos indivíduos: únicos, intrinsecamente iguais e, igualmente capazes de feitos fenomenais. Nenhum de nós é uma criatura descaracterizada, facilmente encaixável numa *slot* social, terminantemente categorizada com base em processos sociais de correlação ilusória. Todas as formas de elitismo estão radicadas na premissa oposta: a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal, mas sim enquanto membros de uma categoria social despersonalizada *ad hoc*. Ou seja, X não é um indivíduo definido pelos seus próprios caracteres individuais, mas sim um membro de uma qualquer categoria social Y, definida por estereótipos culturais Z1, Z2, Z3. Logo, X é um representante de Y e tem, por força, de ser caracterizado por Z, 1, 2 e 3.

Uma cidadania activa e consciente. Assegurar a manutenção de democracia liberal implica que a própria cidadania se envolve e se devota à preservação do *ethos* moral da sociedade, e o principal domínio onde isto tem de acontecer é na educação, pela transmissão de bons valores morais às novas gerações – e isso inclui a apreciação da individualidade humana. Este é, antes de mais, o dever dos pais, mas também de professores, igrejas, associações. O governo, na medida em que exista um sistema de educação universal (conceito sempre perigoso) tem o dever de assegurar *a transmissão desses valores e não de quaisquer outros*. Na natureza não existem espaços vazios. Quando não se ensina "*não roubarás*", mas sim "*faz o que quiseres, desde que seja útil e contextualmente apropriado*", o que se está a ensinar é um código moral definido, que diz: "*roubarás se te der jeito e se não fores apanhado a fazê-lo*".

Uma sociedade livre só é possível a pessoas adultas, morais e activas. Uma democracia liberal é uma sociedade para pessoas adultas e responsáveis e só pode ser mantida por pessoas adultas e responsáveis. A preservação da liberdade nunca é um facto garantido. É algo que exige os esforços contínuos de uma constituência activa e amadurecida, geração após geração. Sem esta constituência, a sociedade livre não sobrevive.

"Serás": O código da sociedade dialéctica/totalitária.

Sociedade livre – lei natural – liberdade individual – punição de actos criminosos. A sociedade livre é radicada num *ethos* moral e legal simples e equidistante de "não farás", baseado em lei natural. O indivíduo é colocado no centro da sociedade e usufrui das suas liberdades inatas, inalienáveis, para agir, falar, pensar, sentir tudo aquilo que bem entender. É colocada apenas uma condição: que os seus actos não violem o *ethos* da sociedade. Os actos que violem o *ethos* (e.g. roubar, matar) são punidos como crimes. Cada qual é pessoalmente responsável pelas suas acções.

A sociedade dialéctica é a sociedade totalitária, ou pré-totalitária. A sociedade dialéctica é o oposto exacto da sociedade livre. É sempre totalitária ou, na melhor das hipóteses, pré-totalitária (*podendo até fingir que é uma sociedade livre*). O seu *ethos* moral e legal é, da mesma forma, o exacto oposto daquele de uma sociedade livre.

Rejeita o "não farás". A sociedade dialéctica começa sempre por rejeitar o "não farás" da lei natural. Esse é o motivo essencial pelo qual os autores dialécticos negam sempre a existência de Deus ou de algo como lei natural inata, universal a toda a humanidade. Aceitar esses predicados implica aceitar o resto das condições, passo a passo, até à consagração de liberdade individual. Isso não pode ser, para o filósofo dialéctico. Toda a filosofia dialéctica é um aparato conscientemente falacioso para racionalizar tirania, totalitarismo e a generalização sistémica do mal na sociedade. Não é tanto uma filosofia, como a ideologia sintética que suporta um programa de poder específico.

Depois, impõe "*pensarás*", "*sentirás*", "*farás*" – i.e. "*serás*". A dialéctica tira o "*não farás*" da equação e avança directamente para a negação das liberdades do indivíduo. O indivíduo é livre de fazer tudo aquilo que quer, *desde que pense e sinta da forma certa*. Existe portanto um "*pensarás*" e um "*sentirás*", e ambos são dialécticos. O indivíduo tem de aceitar que é uma peça na máquina social, "*pensar*" e "*sentir*" nos formatos que são apropriados para a execução desse papel. Coerção de sentimentos e pensamentos leva também a coerção de comportamentos: "*farás*". É claro que esses comportamentos já não são guiados por regras gerais, simples e razoáveis, mas sim por conjuntos sufocantes de regras minuciosas, decididas de acordo com critérios utilitários e situacionais. "*Sentirás*", "*pensarás*", "*farás*" agregam-se para formar um "*serás*". O "*ser*" do denizen dialéctico totalitário é apenas mais um dos muitos domínios de regulação colectiva.

Código moral/legal baseado em "serás" implica policiamento de tudo. Sob "*serás*", todos os comportamentos têm de ser policiados (repressão política), mas o mesmo acontece para pensamentos e sentimentos. Esse é o ponto onde entra a inquisição, a Gestapo, a Stasi e a "*thought police*" de Orwell.

Transição totalitária exige fim de "não farás" – Shigalov e community policing. A transição de uma sociedade livre para uma sociedade dialéctica envolve sempre a erosão e a descredibilização do código simples e liberal de "*não farás*". Isso é feito através da disseminação deliberada de amoralidade e de criminalidade na sociedade e pela subversão de toda a estrutura de poder. Os tribunais são aqui particularmente importantes. É essencial acabar com a existência de punições reais para o "não farás". Todos os revolucionários dialécticos enfatizaram a importância destes elementos para a revolução (i.e. golpe totalitário) e Dostoevski, ele próprio um ex-revolucionário russo, fez uma boa apresentação romanceada destes elementos em "Os Possuídos". "*Shigalov é um homem de génio!, descobriu igualdade. Significa que todos somos tornados igualmente escravos, estúpidos, pobres, criminosos. O governo revolucionário assegurará a ordem desta selva*" (algo para este efeito). E, com efeito, quando tudo isto acontece, a proliferação de crime e insegurança atinge um tal grau que abre a porta para

a rejeição de liberdades individuais e a para a "necessidade" de policiar modos de ser, pensar, comportar-se. Ao mesmo tempo, o policiamento também se pode tornar preventivo, conduzido pela aplicação de regras prescritivas e preventivas, visando a alteração interna do indivíduo. Ou seja, aquilo a que hoje em dia se chama de policiamento comunitário, *community policing*, pelo qual todos os aspectos da vida têm de ser eventualmente regulados, microgeridos, monitorizados, processados, por forças policiais ubíquas (i.e. nexos totalitários entre polícia e grupos específicos entre a cidadania – vários agrupamentos criminosos, como sejam células de informantes e espiões de vão de escada, organizações privadas, ONGs, seitas, igrejas, fundações, todo um vasto conjunto de hordas de natureza apocalíptica). *Policiamento* deixa de ser algo que é feito para assegurar a ordem pública liberal e democrática, para passar a ser um exercício ubíquo em legalismo daoístico, i.e. imposição autoritária de normatividade regulatória coerciva em todos os campos da existência. Tudo isto pode ser resumido naquele que é o seu *real* significado concreto; actividade criminosa totalitária, aquilo que os aparelhos de estado fazem quando praticam guerra sobre a sua própria cidadania.

"Serás": Tudo na vida tem de ser regulado e policiado.

"Não farás" rejeitado como repressivo, mas só o é para criminosos. O processo de segmentação da sociedade sob identitarismo (multicultural or whatever) segue este padrão. O código moral simples e universalista de "*não farás*" começa por ser negado por ser alegadamente obsoleto, vulgar, simplista, até repressivo – e, para quem é que "não roubarás", "não matarás", é repressivo? (para criminosos, claro)

O novo código é infinitamente mais repressivo, policiando tudo. Em vez de um código baseado em "não farás" na acção (que não procura policiar pensamentos ou sentimentos), surge agora um novo código, baseado na negação disso. O novo código diz-nos que o indivíduo pode fazer tudo (é livre!) *contando* que tenha os pensamentos certos ("*pensarás*"), os sentimentos certos ("*sentirás*") e os padrões comportamentais certos ("*farás*"). É preciso distinguir aqui entre um antes e um depois.

"Não farás" implica estado de direito e presunção de inocência. Sob "*não farás*", o que conta é a não-perpetração de actos criminosos. O indivíduo é objectivamente livre para fazer e acreditar no que quiser, desde que não prejudique as liberdades alheias. O estado de direito está lá para agir de forma equidistante, de forma a assegurar que todos os indivíduos permanecem livres. A perpetração de um crime é punida em proporcionalidade à gravidade do acto, mas todos são inocentes até prova em como são culpados.

"Serás" é sempre radicado em presunção de culpa e em crime organizado. Sob "*serás*" e "*farás*", o que conta é a *adesão íntima pessoal* a todo um padrão *standard* de personalidade, vida emocional, cognitiva, comportamental. Não basta que a pessoa seja objectivamente inocente de qualquer crime identitário; tem de ser policiada, fiscalizada, alterada, para obter a "mudança interna de atitudes" e, também, convertida a um novo

sistema de crenças, valores, comportamentos. Tolerância/intolerância é redefinida do nível da acção para o nível do pensamento, das emoções, da expressão de opiniões. *X é tolerante a Y se X for irrevogavelmente aceitante de Y; e, mais que isso, se tiver apego sentimental e concordância cognitiva com Y e, se agir ao nível comportamental para beneficiar Y*. Eventualmente, isto também pode implicar conversão total. *X é tolerante a Y se X se tornar Y*. Esta é, naturalmente, uma mentalidade criminosa. Assume o direito de interferir com espaços privados individuais e negar liberdades inatas e inalienáveis. Usa o pretexto do "amor universal" mas depressa espalha crime organizado universal. Com efeito, este tipo de sistema visa, de modo muito explícito, a pura e simples disseminação de criminalidade. Romantiza esse fim com linguagem sobre "paz e amor" e depois declara que esse "fim" justifica os meios. E, sob este sistema, *todos são culpados até serem provados inocentes*. E, todos os "culpados" têm de ser categorizados como tal, ser alvos de discriminação, persuadidos/coagidos a mudar. Este não é apenas um sistema criminoso; é também um sistema supremacista. "*Não farás*" não era assim tão repressivo, now was it?

Hoje em dia, milhentas organizações de tipo criminoso conduzem estas actividades. Existem múltiplas organizações de tipo criminoso que conduzem estas actividades. É claro que esses complexos organizacionais agem ao nível das estruturas de governo, que são, hoje em dia, público/privadas, integrativas, fascizadas – nos dias que correm, quando se fala do "governo" tem de se falar de todas as companhias multinacionais, fundações, ONGs, seitas, igrejas, que participam da governação da plantação pós-moderna. Sob multiculturalismo identitário pós-moderno, existem até formas de cultismo religioso criadas quase exclusivamente para assegurar estas funções de policiamento; a *new age* é um bom exemplo ["*fairy Gestapo from the rainbow*"].

"Serás": Inversão do significado de tolerância – conformidade compulsiva.

Sob "serás", *tolerância* redefinida como (a um nível superficial) hipersensibilidade. Com intolerância redefinida do nível da acção para o nível do pensamento e da expressão de opiniões, deixa de se falar em tolerância (*o conceito real*) ou em conceitos como identitarismo, elitismo, supremacismo, passando a incidir-se numa redefinição de *tolerância*. Agora, *tolerância* é algo que serve para caracterizar variáveis sentimentais e cognitivas. Torna-se em algo como "hipersensibilidade" e caracteriza algo que a pessoa tem de sentir e pensar e ser sob "serás" e adoptar no seu comportamento sob "farás".

Ao nível profundo, *tolerância* torna-se submissão a regras de conformidade coerciva. Mas na verdade, e ao nível mais profundo, *tolerância* passa a ser sinónimo de submissão irrestrita (em pensamento, sentimento, discurso e comportamento) a qualquer conteúdo ideológico arbitrário que seja promovido pelas autoridades sociais. Com efeito, tornado sinónimo de conformidade compulsiva sob autoritarismo cognitivo e comportamental. Sob este novo significado de tolerância, ninguém pode ter pensamento, sentimentos, discurso, acções, que sejam socialmente desalinhados,

socialmente incorrectos – sobre nada nem ninguém. Eventualmente, isto significa apenas o regime.

Redefinição de tolerância introduz o *ethos* totalitário [alinhamento irrestrito a "serás"]. Após a introdução desta mentalidade sob pretextos aparentemente razoáveis (aceitação de diferenças étnicas, raciais, religiosas, etc.), tudo aquilo que fica é o ambiente psicossocial no qual os indivíduos aprendem a moldar a sua cognição, discurso e comportamento em nome de normas consensuais. Tudo isso serve para introduzir o (atrás mencionado) código de "*serás*" que é vigente sob totalitarismo. Sob totalitarismo concreto, não é preciso muito tempo até que toda e qualquer questão étnica ou religiosa deixe de contar; e tudo aquilo que fica é o alinhamento irrestrito do indivíduo a toda e qualquer norma de "*serás*" que é imposta pelo regime totalitário.

Doublespeak, um tropismo totalitário.

Doublespeak também exemplificado em *coerção* [do sentido real ao UN spin]. Um outro exemplo de ginástica linguística relevante é o uso do termo *coerção*. Sob democracia liberal, coerção refere-se a um acto de brutalização física ou psicológica, *violência real*. Hoje em dia, o termo é redefinido pela ONU, para passar a ser equacionado com a mera expressão de ideias. O debate calmo de uma ideia não-autorizada é visto como uma tentativa de coerção. Por exemplo, o mero acto de escrever estas linhas, implica que o autor pode estar a submeter um possível leitor a um acto de *coerção*.

Łobaczewski e a (i)lógica do doublespeak totalitário [adocicar criminalidade]. Foi Andrzej Łobaczewski, o psiquiatra polaco que apontou (em "Ponerologia Política") como as personalidades sociopáticas entram sempre em distorções dialécticas linguísticas, pelas quais vulgarizam e atacam opositores, enquanto se justificam e engrandecem a si próprias. A personalidade criminosa vai romantizar o tipo de coerção e violência que pratica por meio do uso de slogans pervertidos (e.g. "*trazer paz mundial*"), enquanto procura criminalizar actividades legítimas (chamando-as, e.g. de *crime* ou *extremismo* ou, até, no atrás apontado caso do debate livre de ideias, de *coerção*). Encontra todas as formas plausíveis de racionalizar a sua própria intolerância, egoísmo e mesquinhez, enquanto usa esses mesmos termos para rotular todos aqueles que vê como adversários. Łobaczewski estava, na prática, a falar de crianças que nunca cresceram, que nunca foram disciplinadas durante a infância e que, por conseguinte, se vieram a tornar em nihilistas morais e epistemológicos; por outras palavras, pessoas inerentemente mentirosas e criminosas. Este é o fenómeno que subjaz à introdução de doublespeak e newspeak, sob regimes criminosos. Existe sempre a introdução de terminologia que adocica, amacia e oferece aparente legitimidade retórica à perpetração de crimes. Por exemplo, "politicamente correcto" é uma expressão Soviética, usada na URSS para categorizar tanto o cânon ideológico como toda a *praxis* governamental. O Gulag era politicamente correcto. As execuções eram politicamente correctas. O KGB era politicamente correcto. Como é que alguém pode alegar que estas coisas são

erradas? São politicamente correctas. Como Lenine disse, actuamos por slogans. É o mesmo tipo de fenómenos que encontramos com as máfias. Um exemplo recente, nos estados fascistas corporativos pós-modernos é terminologia tecnocrática como "gestão de crise" ou "leis de emergência", para categorizar crimes governamentais: saque de riqueza para o topo da sociedade, formas de lei marcial, repressão sobre o público e, assim sucessivamente.

(4) Notas extra: Martin Luther King – Marcuse, Escola de Frankfurt – Ultra-relativismo abre portas a dogma autoritário, ontem e hoje.

De Hemingway ao assassinato de Martin Luther King.

Narrativa: De Hemingway à II Guerra a Jack Kerouac. A II Guerra Mundial demonstrou ao mundo as consequências últimas de racismo e xenofobia: higiene racial, tortura, experiências médicas ilegais, campos de extermínio. Nessa altura, muitas das velhas atitudes ocidentais face às restantes raças (largamente resultantes de identitarismos sintéticos e das experiências coloniais) já estavam a desaparecer, lenta mas seguramente. Em poucos sítios o Holocausto causa mais choque em França. Desde os anos 20 que Paris era um sítio onde alguém como Ernest Hemingway podia ir a um *jazz bar* para confraternizar com *demoiselles* francesas e italianas, enquanto apreciava uma orquestra de músicos negros. Esse é o estado natural; daltonismo racial, apreciação de individualidade por individualidade. Os livros de Hemingway são um testemunho belíssimo desta época; indo de Paris a Itália, e daí a Madrid e à Catalunha, dando-nos conta do ar fresco de abertura e vitalidade que, apesar de tudo, conseguia sobressair, aqui e ali, da atmosfera pesada do pós I Guerra. Hemingway era um americano, tão apaixonado pelas praias solitárias de Cuba como pelos bares agitados de New York. Nesses bares, o mesmo tipo de ambiente podia ser encontrado, onde as pessoas se aceitam simplesmente como pessoas, como indivíduos. Era uma expressão da realidade cada vez mais prevalente no Norte. O bairro italiano era o bairro italiano, o polaco era o polaco, o judeu era o judeu, o irlandês o irlandês. Mas não havia nada a impedir que um italiano, um polaco, um judeu e um irlandês se tornassem amigos do peito, ou irmãos de armas. Os anos 50 e 60 são cruciais, primeiro com a groove beatnick (mais tarde desfigurada e distorcida pelos hippies) quando Jack Kerouac percorre quilómetros para ouvir Charlie Parker ao vivo e conhecer *ladies* e *mommas* africanas.

O universalismo exemplar de Martin Luther King. Depois, surge o movimento dos direitos civis no Sul. Martin Luther King Jr., John Kennedy, Robert Kennedy. Porque é que décadas após a guerra de Lincoln, os negros não haviam de ter os mesmos exactos direitos civis no Sul que no Norte? O que impede algumas pessoas de apreciarem as

outras como *pessoas*? No entretanto, Rosa Parks ainda é presa por legalismos infantis. Múltiplos activistas brancos são assassinados a combater pela causa dos direitos civis. Milhões de americanos caucasianos participam em marchas e dão o seu tempo e o seu dinheiro a outras iniciativas, contra as leis eugénicas de segregação do Sul anglófilo. É a middle America no seu melhor. Na Europa, o movimento recebe o apoio de milhões. A mensagem de Martin Luther King Jr. é simples e impecável. Amor pelo próximo, baseado em relações verdadeiras e justas, pode sarar todas as feridas. O mundo pode ser mudado para melhor, através da afirmação pacífica, porém irredutível, de direitos inalienáveis. Construir, edificar, ascender; o melhor que a natureza humana tem para oferecer. O sol estava no pino sobre a civilização ocidental. A partir daí, começa a descer.

Os assassinatos dos 60s e o o imperium do ódio. O desaparecimento do Reverendo King tem o impacto internacional da morte de um estadista. Um dos melhores, um dos gigantes, tinha acabado de ser assassinado por pessoas devotadas a manter ódios vivos. Os irmãos Kennedy seguir-se-iam. Ódio. Ódio é, para alguns, uma força vital num regime; mais importante que amor. Ódio traz tensão. Tensão traz conflito. Conflito permite manter a sociedade dividida. Quando a sociedade está dividida, é vulnerável a predadores de alto nível. Enquanto as questões raciais estão a ser deixadas para trás, em casa, o país está a ser mobilizado para uma expressão fútil de ódio e conflito, no Sudeste Asiático. É uma guerra fútil, letal para muitos, mas lucrativa para alguns.

Weimar (1): Marcuse, a Escola de Frankfurt e Heidegger.

Herbert Marcuse, um homem da firma. Um homem interessado em ódio e divisividade é Herbert Marcuse. Durante décadas, Marcuse ajudou a disseminar estes sentimentos na Europa ocidental, no papel de chefe de operações psicoculturais da CIA para o Continente. Um homem da firma nunca a abandona; quando na firma, para sempre na firma. Um homem da firma pode ser destacado para um novo trabalho, numa nova posição, mas nunca deixa de trabalhar para a firma. Depois do périplo europeu, Marcuse reinventa-se (ou é reinventado) como académico. É agora um professor discursivamente incompreensível, literariamente intragável. Mais que isso, é um marxista cultural com o grupo conhecido como Escola de Frankfurt.

Escola de Frankfurt e Martin Heidegger na Alemanha de Weimar – Destruktion. A Escola de Frankfurt é, ela própria, composta de tantos outros homens da firma. Alguns provêem da firma nos EUA; os outros da casa-mãe britânica. Outras duas coisas os unem a todos: marxismo cultural e a República de Weimar. Todos estes homens tinham passado a década de 20 a disseminar irracionalismo, pessimismo civilizacional e nihilismo existencialista no panorama cultural de Weimar. São os irmãos de armas de Martin Heidegger, o existencialista, um dos filósofos essenciais do III Reich. O evangelho negro destes homens é um de desmantelamento e de destruição; a destruição gélida de pessoas, ideias, sociedades. Heidegger chama-lhe “Destruktion”. A sua filosofia é conhecida como existencialismo, mas poderia ter sido chamada de

destrucionismo. Um termo aproximado, *desconstrucionismo*, será usado por alguns dos seus sucessores na Europa ocidental; pessoas como Derrida, Foucault e outros habitantes dos *millieus* do terrorismo cultural europeu, em institutos, comunas aristocráticas, fundações.

Ódio pela sociedade democrática guia delírios totalitários. A doutrina de Heidegger e dos Frankfurters é a de que a civilização moderna é um fenómeno aberrante. Desenvolvimento, descentralização, classes médias, democracia, liberalismo político. Todos são doenças civilizacionais que alienam o homem do seu destino real: a fusão como célula no grande corpo totalitário do Staat, para a construção da Utopia colectiva, o paraíso na Terra.

A despersonalização do indivíduo, fusão no Staat, para "harmonia colectiva". Ser fundido no Staat não é uma tarefa necessariamente fácil. Para alcançar esse passo, o homem tem de se despir de si mesmo, aceitar a perda da sua identidade, deixar todas as suas crenças e valores para trás – despersonalização. O espaço vazio pode depois ser preenchido com uma nova essência, um "nós" colectivo, o grande self colectivo do Staat. Este evangelho negro prescreve os seus próprios rituais; o propósito é algo que é chamado de conversão social. O passo sacramental mais importante é o do abandono de todos os princípios morais prévios. A pessoa moral apega-se à sua identidade moral, aos seus princípios e, por consequência, à sua personalidade individual. Mais do que isso, quando tem princípios fortes e consistentes, tem a tendência de se opor a sistemas despóticos; como é o caso com colectivos despersonalizantes. Está, desta forma, *alienado*. Está atomizado em si mesmo, e não quer juntar-se a "nós", cooperar "connosco", fundir-se para a grande Utopia colectiva que viria a ascender com o Machtergreifung.

Weimar (2): Ultra-relativismo e desconstrução [método usado no Ocidente pós 70s].

Ultra-relativismo – "Tudo é subjectivo" [oximoro, falácia]. De forma a poder ser despersonalizado, o homem moral e personalístico tem de ser sujeito a todo um processo de subjectivação e relativização. Tem de ser feito *aceitar* que todas as suas crenças e valores são inteiramente relativos a um tempo e a um lugar; por conseguinte, não há nada de mal ou de danoso em despir-se deles. Afinal, "*tudo é subjectivo*". É claro que esta é uma afirmação irracional e auto-contraditória, um oximoro, que nos diz que "*a única verdade é que não existe verdade*" [se "*não existe verdade*" então não posso afirmar que existe uma "*verdade*" absoluta, que é essa; da mesma forma, se "*tudo é subjectivo*", isso significa que não posso fazer uma afirmação de objectividade ao dizer que "*tudo é subjectivo*"].

Irracionalismo relativista molda Weimar e Ocidente do pós 70s – desconstrução e heresia social. Seja como for, este tipo de irracionalismo pode ser promovido de formas apelativas e convincentes. Foi determinante para moldar as correntes de pensamento

social na Alemanha de Weimar; mais tarde, a partir dos anos 70, esse fenómeno seria reproduzido na generalidade do mundo ocidental. Em ambos os casos, isto serviu para criar uma dissolução geral de valores e de crenças, o tipo de ambiente onde uma ideia é atacada e desmantelada (desconstruída, destruída, descredibilizada) *pelo simples facto de o ser*. Afirmar a validade de uma ideia torna-se algo de herético quando a única ideia que é tolerada é a de que "*tudo é subjectivo*" – a ideia irracional que é colocada a circular para destruir e anular todas as restantes. O antídoto para a racionalidade humana. Na Alemanha de Weimar como no mundo ocidental pós anos 70, isto serviu para criar uma ambiência geral onde o debate de ideias passou a ser feito num patamar de subjectivismo e irracionalismo geral. "Eu *acredito* que 2+2=7, qual é a tua opinião?"; "bom, *eu acho* que é 22", "a mim *parece-me* que é 9". No momento em que alguém chega a este debate de tolos e diz "*eu consigo provar que é 4*", esse alguém tende a ser visto de modo bastante negro [hoje em dia, será rotulado de dogmático, insensível, autoritário, intolerante].

<u>Desconstrução cognitiva e moral acompanha desmantelamento sócio/económico</u>. A desconstrução de valores e crenças acompanha sempre uma desconstrução sócio/económica geral; em Weimar como no Ocidente pós 70s. Com efeito, é algo que facilita essa desconstrução. Quando o público é composto de pessoas gelatinosas que foram cognitiva e discursivamente neutralizadas, a economia e a sociedade estão abertas para livre desmantelamento, por grandes interesses – bancários, em ambos os casos.

Weimar (3): Ultra-relativismo introduz doutrina totalitária, facilita ditadura.

<u>Ultra-relativismo contribui para proliferar doutrina totalitária</u>. Convém assinalar que, também em ambos os casos (Weimar, Ocidente pós 70s), a doutrina anti-humana e anti-civilizacional que é representada por estes homens é proliferada pela sociedade. O desdém geral por racionalismo e por integridade moral é acompanhado do ódio pela civilização moderna, democrática, liberal, de classe média. De alguma forma, "*tudo é subjectivo*" mas estas coisas não o são; só os valores e as crenças a abater são subjectivas. O tipo de radicalismo totalitário aqui presente serve para espalhar os memes e para facilitar a criação do tipo de constituência que é necessária para a fase seguinte, a fase de instalação de ditadura.

<u>O colapso leva a ditadura</u>. Com efeito, o processo de desconstrução não dura para sempre e, eventualmente, há um colapso, choque social, ditadura.

<u>O Staat total é "deus" na Terra – depois de ultra-relativismo, objectivismo dogmático</u>. A ascensão de ditadura inaugura a fase para a qual os Utopistas trabalharam. O Staat total é instalado. E é claro que o Staat total tem crenças e valores que são bastante *fixos* e *objectivos*. Quem não concordar com eles é, aliás, preso, torturado, reeducado, executado. E Heidegger e os Frankfurters estavam inteiramente a bordo com tudo isto. A desconstrução de crenças e valores, dizem-nos estes homens, é uma fase de descongelamento e de fluxo que é necessária para o recongelamento numa nova ordem,

objectiva, de crenças e de valores. É, aliás, a ordem mais objectiva que poderia existir, reiteram-nos estas pessoas. Subjectividade é o predicado do sujeito. A soma de todas as subjectividades individuais (estado total) forma uma subjectividade universal que, sendo universal, pode ser definida como sendo objectiva para um tempo e para um lugar [e, com esta construção, o estado é equiparado a "deus" na Terra]. O Staat total é a soma de todas as subjectividades, a expressão máxima do colectivo, o grande corpo social. O corpo social define a objectividade temporária e contextual de um dado sistema de crenças e de valores. E é melhor que a pessoa acredite em qualquer nonsense que venha do Staat do qual *faz parte*. Isso tende a acontecer com alguma facilidade.

Radicalização – Intimidação e reeducação – O campo de concentração. (na continuação do anterior) As pessoas que passaram os anos anteriores a desconfirmar as suas crenças e valores, as suas próprias identidades pessoais, são um alvo fácil para a imposição de um sistema dogmático de crenças. Muitas destas pessoas sentem necessidade de dogma autoritário nas suas vidas, algo que lhes dê significado de vida e poder pessoal sobre o ambiente. São as pessoas mais sugestionáveis pelo processo de radicalização identitária que facilita e acompanha a instalação de ditadura. Muitas outras pessoas estão no meio-termo, mas podem ser coagidas a interiorizar o dogma autoritário através de intimidação ou reeducação. Muitas outras são aquelas que não precisam de interiorizar o dogma autoritário, desde que se saibam manter caladas e saibam fingir aceitação; este é quase sempre o caso para as classes baixas [o perpétuo *pool* de servos]. E depois existem aquelas que não se encaixam em nenhuma das anteriores categorias; são aquelas que acabam por ser enviadas para o campo de concentração.

Desconstrucionismo leva sempre a dogma autoritário. Desconstrucionismo não é apenas *nonsense* oximórico, falacioso; é também um processo que acaba sempre na imposição das mais virulentas formas de dogma e de autoritarismo.

A deriva identitária actual: desconstrução, segmentação, fragmentação.

Desconstrucionismo leva sempre a dogma autoritário. Desconstrucionismo não é apenas *nonsense* oximórico, falacioso; é também um processo que acaba sempre na imposição das mais virulentas formas de dogma e de autoritarismo.

A deriva identitária totalitária actual. A actual deriva para identitarismo e para coesão social integrativa [i.e. totalitarismo] tem de ser vista a esta luz. Sob a Alemanha nazi, toda a sociedade foi radicalizada em vários clusters identitários (grupos sociais e profissionais) organizados à volta da "identidade ariana comum". O mesmo padrão é seguido por todos os outros totalitarismos dos séculos 20/21, com uma "identidade comum" *mainstream* que funciona como ápice integrativo dos vários clusters identitários. Na actual sociedade tecnetrónica (como Brzezinski lhe chamou), não existe um ápice declarado.

Identidade radical tecnetrónica: desconstrução, fragmentação, dispersão [Brzezinski]. A identidade radical da era consiste nas qualidades de desconstrução, dispersão, segmentação *per se*. Essa é a identidade que efectivamente une todos os clusters identitários sob a sociedade tecnetrónica; é um complexo meta-identitário composto das ideias de desconstrução, dispersão, fragmentação social radical. É esse que é o Volkgeist da era, algo a que Brzezinski aludiu ao de leve quando escreveu "The Technetronic Society", no final dos anos 60. Os clusters identitários actuais são (sejam facialmente aliados ou rivais), irmãos de armas na destruição da velha ordem e na conjuração da nova ordem; uma entidade dispersa, caótica, desorganizada, conflituante. Essa nova ordem é algo que eventualmente consistirá num género de tecno-feudalismo, que será tendencialmente organizado por domínios tribais e por cidades-estado.

<u>JARDIM DO ÉDEN – Alienação-Emancipação</u>.

Alienação – Deus, hebreus, alma, religião.

<u>Deus é a fonte antropológica da alienação (Bronner)</u>. Deus é a fonte antropológica da alienação, e a alienação vai continuar enquanto o sujeito continuar a externalizar [Entausserung] a sua subjectividade. Todas as formas de objectificação resultam em alienação.

"Visível na Civitas Dei de Agostinho". «*Alienation is the experience of "estrangement" (Verfremdung) from others, and the intimation of an alternative. This becomes apparent in different ways in the civitas dei of Augustine and the cur deus homo of Anselm… the religious source of alienation… Alienation, according to Feuerbach, derives from the externalization (Entausserung) of human powers upon a nonexistent entity: God. An imaginary world comes into existence, which is the richer, the poorer this one…*» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

<u>Complexo de culpa ligado à religião Hebraica (Brown)</u>. «*…the new guilt complex appears to be historically connected with the rise of patriarchal religion (for the Western development the Hebrews are decisive)… Human consciousness can be liberated from the parental (Oedipal) complex only by being liberated from its cultural derivatives, the paternalistic state and the patriarchal God*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

<u>Psicanálise tem de tratar religião como uma neurose (Brown)</u>. «*If there is a universal neurosis, it is reasonable to suppose that its core is religion*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

<u>A alma não existe – é apenas uma deslocação libidinal (Brown)</u>. «*According to The Ego end the id, the reservoir of narcissistic libido thus formed constitutes a store of "desexualized, neutral, displaceable energy" at the disposal of the ego, and it is this energy which is redirected outward to reality again in the form of sublimations… To quote Freud, "The transformation of object-libido into narcissistic libido which thus takes place obviously implies an abandonment of sexual aims, a process of desexualization, it is consequently a kind of sublimation." Thus the soul is the shadowy substitute for a bodily relation to other bodies*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Alienação – Expulsão do Éden – "Adão nunca caiu".

Alienação tem a sua origem na expulsão do Éden (Bronner). «*Alienation has a long history. Its most radical sense already appears in the biblical expulsion from Eden. The story of paradise lost precedes the loss of objects to the world of exchange, which originally defined its social usage. The biblical allegory justifies the fallen state of humanity and explains why people are condemned "to earn their bread by the sweat of their brow."It also shows why trust between individuals has been lost, nature appears as an enemy, and – interestingly enough – redemption becomes possible. Unity and harmony are forfeited, and humanity is stripped of its organic connection to the world with the banishment of Adam and Eve*» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

"Adão foi um pensador independente" (Fromm). A perspectiva de Fromm relativamente aos eventos do Jardim do Eden, é a de que, quando Adão e Eva comeram da árvore, cometeram um acto virtuoso – o homem tomou acção independente por si mesmo, estabelecendo ética e moral a partir de raciocínio humano, em vez de obedecer a um preceito autoritário.

Adão nunca caiu (Brown). «*Freud, who abandoned many illusions, did not abandon the illusion that Adam really fell, and thus his allegiance to sublimation and civilization… We on the other hand cling to the position that Adam never really fell… The entry into Freud cannot avoid being a plunge into a strange world and a strange language— a world of sick men, a diagnostic language of formidable technicality… It is a shattering experience for anyone seriously committed to the Western traditions of morality and rationality to take a steadfast, unflinching look at what Freud has to say. It is humiliating to be compelled to admit the grossly seamy side of so many grand ideals. It is criminal to violate the civilized taboos which have kept the seamy side concealed. To experience Freud is to partake a second time of the forbidden fruit; and this book cannot without sinning communicate that experience to the reader. But to what end? When our eyes are opened, and the fig leaf no longer conceals our nakedness, our present situation is experienced in its full concrete actuality as a tragic crisis*»– Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Emancipação – Voltar a cometer Pecado Original – "sereis como Deus".

Pecando, o indivíduo ultrapassa conceito de pecado – raíz da alienação (Brown). A emancipação do indivíduo implica pecar – o indivíduo tem de pecar. A recompensa do pecado – a reincidência no pecado original – é o ultrapassar da alienação, e de conceitos de pecado. – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Pecado original tem de voltar a ser cometido – decidir o que é bem e mal (Marcuse). «*…man would order his life in accordance with his fully developed knowledge, so that he would ask again what is good and what is evil… If the guilt accumulated in the*

civilized domination of man by man can ever be redeemed by freedom, then the 'original sin' must be committed again: 'We must again eat from the tree of knowledge in order to fall back into the state of innocence."» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

No processo histórico, homem obtém promessa da serpente, ser como Deus (Fromm).

Um livro intitulado "sereis como deuses", seguindo a aliciação da Serpente.

«*In the process of history man gives birth to himself. He becomes what he potentially is, and he attains what the serpent — the symbol of wisdom and rebellion — promised, and what the patriarchal, jealous God of Adam did not wish: that man would become like God himself*» – Erich Fromm (1969). You Shall Be As Gods: a radical interpretation of the Old Testament and its tradition. Fawcett Premier.

JOHN DUNPHY [The Humanist, 1983] – Aniquilar fé Cristã.

Humanismo vai travar guerra contra Cristandade na escola.

Batalha tem de ser travada na sala de aula por professores que professam nova fé.

Uma religião da humanidade.

"Classroom will become an arena of conflict between old and new".

"The rotting corpse of Christianity and the new faith of humanism".

"A long, painful struggle with many tears, but humanism will emerge triumphant".

«*I am convinced that the battle for humankind's future must be waged and won in the public school classroom by teachers who correctly perceive their role as proselytizers of a new faith: a religion of humanity that recognizes and respects the spark of what theologians call divinity in every human being. These teachers must embody the same selfless dedication as the most rabid fundamentalist preachers, for they will be ministers of another sort, utilizing a classroom instead of a pulpit to convey humanist values in whatever subject they teach, regardless of the educational level – preschool, day care, or large state university. The classroom must and will become an arena of conflict between the old and the new – the rotting corpse of Christianity, together with all its adjacent evils and misery, and the new faith of humanism, resplendent in its promise of a world in which the never-realized Christian ideal of love thy neighbor' will finally be achieved... Then, perhaps, we will be able to say with Tom Paine that "the world is my country, all [h]umankind are my brethren, and to do good is my religion." It will undoubtedly be a long, arduous, painful struggle replete with much sorrow and many tears, but humanism will emerge triumphant. It must if the family of humankind is to survive*» – John Dunphy, "A Religion for a New Age", Humanist Magazine (Jan.-Feb., 1983).

JR LORD (1931) – ICMH – Desarmar a mente, destruir valores, controlar natureza humana.

“Velhas convenções e valores têm de ser desafiados, se necessário drasticamente”.

“Objectivo tem de ser controlar a natureza humana – usando o poder das emoções”.

“Necessidade de desarmar a mente”.

“Temos de aprender a pensar internacionalmente”.

“Para isto, está aqui o International Committee for Mental Hygiene”.

«*Old conventions, customs, and values will need to be challenged and, if necessary, dealt with drastically… The aim should be to control not only nature, but human nature. The emotions and their significance in behavior will need to have a place in the training and education of young people at least equal to that devoted to the intellect… We have now to learn to think internationally. To bring these international thoughts to bear upon individuals and nations is the mission of The International Committee for Mental Hygiene… The necessity to disarm the mind*»

Dr. J.R. Lord, psychiatrist, at the Second Biennial Conference of the National Council for Mental Hygiene, London, May, 1931 – *In* Mental Hygiene, Vol. 18 (01/01/1934).

JT GATTO – Declínio da literacia no público americano.

Quebra dramática da literacia, da II Guerra em diante. «*It wasn't until the end of the Second World War that the thing got full speed. During the Second World War, the American ability to read, which was astonishing, unbelievable and unprecedented in world history was substantially deconstructed in the schools. If you look at the figures, not from the state education department test, but from the Army general classification scores, the difference between America in 1940 and in 1950 is a planetary difference… Let me simply take the black population for example. In 1940 84% of American blacks who applied for the army, and of course there were 18 million people applying then or being drafted in 1940-41, 84% were fully literate, in 1950 the figure had dropped to 38%, in 1960 to 28% and there're further diminutions of that. The American white population in 1940, according to the 18 million people who were inducted during the Second World War was 99% literate. The New York State Education Department issued last year that stated that said only 50% of the state adults could read bus instructions, and fill out forms like income taxes forms -- simple forms*» – John Taylor Gatto. "A Short Angry History of American Forced Schooling". Speech to the Vermont Homeschooling Conference

JT GATTO – “A well managed, godless mass”.

Cultivar desconfiança e insegurança.

“So inadequate, so irresponsible that they had to be controlled and regulated”.

“Irresponsible semi-illiterate people”.

A “new change agentry schooling” para a “managed society”.

“Schools training a social lump to be a well managed mass – level, anxious, spiritless families, godless and conforming… sources of accomplishment are external… fearful, stupid, voiceless, addicted to novelty”.

“It takes three years to break a kid… whining, treachery, dishonesty, malice, cruelty”.

“Self hatred, ineptitude, generalized antagonism are justification for managed society of experts… Children like this need extensive management”.

«*Children would be made to see that their classmates, and indeed the average man or woman were so inadequate, were so irresponsible that they had to be controlled and regulated... It makes sense of course, doesn't it? That irresponsible semi-illiterate people could not be trusted with much responsibility so in the new change agentry schooling… the teacher is a therapist, translating the prescriptions of the social psychologists into practical action research in the classroom… Schools training a social lump to be needy, frightened, envious, bored, talentless and incomplete… a well managed mass -- level, anxious, spiritless families, godless and conforming; people who believe that the difference between Coke and Pepsi is matter worth arguing about… that status is purchased and others run our lives. We learn there that sources of joy and accomplishment are external, that the contentment comes with the possessions, seldom from within. School cuts our ability to concentrate to a few minutes duration, creating a life-long craving for relief from boredom through outside stimulation. In conjunction with television and computer games, which employ the identical teaching methodology, these lessons are permanently inscribed. We become fearful, stupid, voiceless and addicted to novelty… the school can not help anybody grow up, because its prime directive is to retard maturity. It does that by teaching that everything is difficult, that other people run our lives, that our neighbors are untrustworthy even dangerous. School is the first impression children get of society. Because first impressions are often the decisive ones, school imprints kids with fear, suspicion of one another, and certain addictions for life. It ambushes natural intuition, faith, and love of adventure, wiping these out in favor of a gospel of rational procedure and rational management… What seems clear to me after 30 years inside the business, is that school is a place where children learn to dislike each other. What causes that? The self hatred, ineptitude, and*

generalized antagonism are certainly the justification for a managed society that deviates from the founding documents of this nation, which conferred sovereignty on ordinary people, not on experts… The constant scrambling for attention and status in the close confines of the classroom., where those are only officially conferred by an adult who lacks both the time or the information (to be fair), teaches us to dislike and distrust each other. This continuous auction of favors, has something to do with our anger, and our inability to be honest or responsible, even as grown-ups. Yet, ironically, irresponsibility serves the management ideal much better than decent behavior ever could. It demands close management, it explains all those lawyers, all those courts, all those policemen and all those schools. Now either we are structurally undependable, necessitating constant policing, or somehow we have been robbed of our ability to become responsible… As I watched it happen, it takes three years to break a kid, 3 years confined to an environment of emotional neediness, songs, smiles, bright colors, cooperative games, these work much better than angry words and punishment. Constant supplication for attention creates a chemistry whose products are the characteristics of modern school children -- whining, treachery, dishonesty, malice, cruelty and similar traits… Ceaseless competition for attention in the dramatic fishbowl of the classroom, reliably delivers cowardly children, toadies, school stoolies, little people sunk into chronic boredom, little people with no apparent purpose, just like caged rats, pressing a bar for sustenance, who develop eccentric mannerisms on a periodic reinforcement schedule. Those of you who took rat psychology in college will know what I'm referring to -- just like the experience of rat psychology, the bizarre behavior kids display is a function of the reinforcement schedule in the confinement of schooling to a large degree. I'm certain of that. Children like this need extensive management» – John Taylor Gatto. “A Short Angry History of American Forced Schooling”. Speech to the Vermont Homeschooling Conference

JULIAN HUXLEY (1947) – UNESCO.

Julian Huxley (1947) – Unesco e a "necessidade" de governo mundial.

Unificação mundial essencial para evolução humana.

[Por que é que havia de ser? Os pássaros das Galápagos precisam de um governo mundial de pássaros para evoluir? Toda esta ideia é porque assim os tipos mais evoluídos, que mandam no governo mundial, têm os tipos inferiores todos controlados, e isso é essencial para evolução]

«*…major progress in human evolution. Accordingly, although political unification in some sort of world government will be required for the definitive attainment of this stage*»

Esta é a primeira vez na história que unificação mundial é possível.

«*…this is the first time in history that the scaffolding and the mechanisms for world unification have become available*»

A Unesco tem de visar unificação política mundial, governo mundial.

O seu programa educacional pode...

…frisar necessidade de unidade política mundial.

…familiarizar povos com implicações de plena transferência de soberania.

«*Unesco… must envisage some form of world political unity, whether through a single world government or otherwise… in its educational programme it can stress the ultimate need for world political unity and familiarise all peoples with the implications of the transfer of full sovereignty from separate nations to a world organisation*»

O mote de tudo isto é "uma forma de vida unificada, uma filosofia unificada".

«*Unesco… towards a unified way of life and of looking at life, a contribution to a foundation for the unified philosophy we require*»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Unesco e a monocultura global.

"A tradição do humem tem de ser unificada".

“Tradições separadas não são tão eficientes como uma única tradição comum”.

«*…the more united man’s tradition becomes, the more rapid will be the possibility of progress: several separate or competing or even mutually hostile pools of tradition cannot possibly be so efficient as a single pool common to all mankind…*»

A unificação de tradições num único pool comum é um prerequisito para evolução.

Unificação nas coisas da mente pode montar palco para outros tipos de unificação.

«*…unifying ideas can exert an effect across national boundaries… the unifying of traditions in a single common pool of experience, awareness, and purpose is the necessary prerequisite for further major progress in human evolution. Accordingly, although political unification in some sort of world government will be required for the definitive attainment of this stage, unification in the things of the mind is not only also necessary but can pave the way for other types of unification*»

A tarefa da Unesco é o estabelecimento de uma monocultura global.

“…a single world culture, its own philosophy and ideas, its own broad purpose”.

«*The task before Unesco… is to help the emergence of a single world culture, with its own philosophy and background of ideas, and with its own broad purpose. This is opportune, since this is the first time in history that the scaffolding and the mechanisms for world unification have become available…*»

Julian Huxley (1947). “UNESCO: Its Purpose and its Philosophy”. Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Reconciliar “Ocidente” e “Leste”.

O desafio são as duas filosofias opostas.

Individualismo vs colectivismo, capitalismo vs comunismo, Cristandade vs marxismo.

Resolução de opostos, obtenção de uma “síntese mais elevada”.

Isto tem de acontecer, através da dialéctica da evolução.

Os dogmas têm de ser atirados fora.

«*…at the moment two opposing philosophies of life confront each other from the West and from the East… You may categorise the two philosophies… as individualism versus collectivism… or as capitalism versus communism; or as Christianity versus Marxism… Can… these opposites be reconciled, this antithesis be resolved in a higher synthesis? I believe not only that this can happen, but that, through the inexorable dialectic of evolution, it must happen… In pursuing this aim we must eschew dogma-whether it be theological dogma or Marxist dogma… East and West will not agree on a basis for the*

future if they merely hurl at each other the fixed ideas of the past. For that is what dogmas are – the crystallisations of some dominant system of thought of a particular epoch. A dogma may, of course, crystallise tried and valid experience: but if it be dogma, it does so in a way which is rigid, uncompromising and intolerant»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – A Unesco decide o que é moral e liberdade.

Filosofias opostas diferem entre si na relação indivíduo-comunidade.

Isto abrange **vários** campos no campo de actuação da Unesco **(!)**.

Moralidade, ética, métodos educacionais, papel da arte na sociedade, sistemas económicos, o papel da ciência na vida quotidiana, intepretação do que é liberdade, cooperação internacional (!).

Ou seja, os homens sábios da Unesco vão dizer o que é liberdade, quais são os valores morais certos, e tudo o resto.

[És livre para servir a comunidade e pagar impostos, és livre para espalhar propaganda autorizada, como aquecimento global e afins. És livre para matar o cérebro a ver televisão e a jogar jogos de vídeo. És livre para ver muita pornografia e, se fores mais consequente que isso, também és livre para ter muito sexo com muitas pessoas diferentes, desde que isso não resulte em mais crianças inaptas como tu próprio. Se isso acontecer, és livre para abortar].

Afinal de contas, é a monocultura.

«*The two opposing philosophies of to-day differ essentially on one point – the relation between the individual and the community. But this one central difference provides differences in every field with which Unesco has to deal, as well as in many others. It engenders different moralities and systems of ethics; different methods of education; different conceptions of the role of art in society; different economic systems; different ways of integrating science with national life; different interpretations of the fundamental human freedoms; different conceptions of the possibilities and limits of international co-operation*»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Síntese dialéctica resulta em humanismo evolucionário.

Resultado da síntese dialéctica: humanismo evolucionário (comunitarismo).

Os indivíduos não têm significado vistos fora da comunidade.

A comunidade encontra o seu sentido no indivíduo.

É preciso "interpenetration of the self with other reality, including other selves".

«*Evolutionary humanism… society as such embodies no values comparable to those embodied in individuals; but individuals are meaningless except in relation to the community… and can only achieve fullest self-development by self-transcendence, by interpenetration of the self with other reality, including other selves*»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Eliminação de "dogmas rígidos" – unfreeze, flow, refreeze.

Para este objectivo, é preciso eliminar "dogmas".

Crenças cristalizadas, fixas, rígidas, que não comprometem.

[Isto é tudo muito bem, porque a linguagem usada faz lembrar coisas como racismo – apesar de o autor ser ele, próprio, de uma escola de pensamento racista, a escola eugénica].

[Mas facilmente se pode pensar numa questão sindical nestes termos].

Tornar as pessoas flexíveis e facilmente ajustáveis.

Porque temos aqui este NOVO DOGMA, Unesco taylor-made for you.

«*In pursuing this aim we must eschew dogma – whether it be theological dogma or Marxist dogma… For that is what dogmas are – the crystallisations of some dominant system of thought of a particular epoch. A dogma may, of course, crystallise tried and valid experience: but if it be dogma, it does so in a way which is rigid, uncompromising and intolerant… If we are to achieve progress, we must learn to uncrystallise our dogmas*»

Isto implica que as pessoas sejam tornadas «*flexible, may be capable… development and adjustment*»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Dialéctica Hegeliana e Marxista – unfreeze, flow, refreeze.

Propaganda dialéctica. Usar o processo de tese-antítese-síntese da filosofia Hegeliana. E a reconciliação Marxista de opostos, baseada nesse processo.

Dialéctica torna-se a base do sistema educativo global.

«*This last point immediately recalls the thesis, antithesis, and synthesis of Hegelian philosophy, and the Marxist "reconciliation of opposites" based upon it*»

Este processo moldaria cidadãos globais comprometidos à ideia de unidade.

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Julian Huxley (1947) – Equacionar educação com propaganda, como Lenin queria.

Pegar em técnicas de persuasão, informação e propaganda, usá-las deliberadamente...

...como Lenin queria, para "ultrapassar resistência de milhões" a mudança desejável.

«*Taking the techniques of persuasion and information and true propaganda… and deliberately… utilising them, as Lenin envisaged, to "overcome the resistance of millions" to desirable change*»

Julian Huxley (1947). "UNESCO: Its Purpose and its Philosophy". Preparatory Commission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

JULIAN HUXLEY (1947b) – Educação, moral, religião, sistema de duas classes.

Julian Huxley – Educação, arte e religião como propaganda.

Media, educação e religião como veículos de propaganda. Os três veículos de comunicação com as massas – media, educação e religião – têm de estar alinhados com os propósitos do estado totalitário e têm de existir para difundir propaganda.

Arte como propaganda. As formas de arte precisavam de ser reformuladas como propaganda. [**Original**] «*Art as a communal function is moribund and needs to be recreated on a new social basis. Religion is in a similar position, and much of the population no longer feels its influence*.»

Submissividade para a casta inferior, liderança para a casta superior. Julian Huxley pretendia que a «*lower majority*» fosse caracterizada por «*docility and industrious submissiveness*», ao passo que «*intelligence, leadership and strength of character*» só seriam tolerados para os «*upper few*».

[**Original**] «*For qualitative change, a dual standard is indicated—docility and industrious submissiveness in the lower majority; intelligence, leadership and strength of character in the upper few*.»

"Education as a social function". Julian Huxley pretende que a educação seja inteiramente alterada. Passa a ser «*Education as a social function*».

Internacionalmente coordenada, para mediocridade global. Internacional, coordenada por agências transnacionais. Numa era global, a educação tem de ser estandardizada pelo planeta fora, e o mesmo standard de mediocridade tem de ser tornado mundial.

De baixa qualidade. Pobre e de baixa qualidade.

Consistir em propaganda para inculcar crenças e comportamentos desejados. Um veículo politizado de propaganda, para inculcar as crenças, os valores, e os comportamentos que são desejados pelas autoridades. Gestão de manada.

Desencorajar individualismo, encorajar conformidade. Desencorajar pensamento individual e encorajar conformidade social, com o grupo.

Julian Huxley (1947), Man in the Modern World. London: Chatto & Windus.

Julian Huxley – Alterar radicalmente valores religiosos e morais.

Ideias de bem e mal têm de desaparecer. Quando o mundo é suposto ficar à mercê dos caprichos de doentes mentais mimados, pessoas como Julian Huxley, então é intolerável

que existam indivíduos com ideias definidas em relação a bem e mal. Com uma consciência, por outras palavras.

Ideia de Deus tem de ir. A religião tem de abandonar a ideia de Deus. Portanto, Huxley diz-nos, como num decreto, que esta ideia de Deus tem de ir embora: se a «*religion*» pretende continuar a ter um papel de destaque «*in the life of the community*» então «*[it] must drop the idea of God or at least relegate it to a subordinate position*».

Impulsos religiosos têm de ser cooptados para a comunidade totalitária. «*However—and this is vital—the fading of God does not mean the end of religion*». Os «*religious impulses…persist*», «*the religious impulse, itself one of the social forces to be more fully comprehended and controlled*» e podem ser cooptados para promover os ideiais da sociedade totalitária. Deus é trocado pela **comunidade**, ou pelo **líder todo-poderoso**. As regras de bem e mal deixam de ser decretadas pelos Dez Mandamentos e passam a ser decretadas por pessoas esclarecidas e iluminadas como ele próprio, Huxley, e disseminadas pelos veículos de propaganda: o sistema educativo e os media. As igrejas passam a ser veículos de colaboração comunitária, para avançar estado totalitário.

Comunismo e fascismo mostram o caminho. Huxley vê as como exemplo nestes respeitos. Diz-nos que «*The process, of course, has already begun*», e é visível nas «*Communistic and Fascist societies*», que são exemplos neste respeito. «*We have witnessed the rise of two movements to which we must give at least the title of pseudo-religions—the Nazi and the Communist systems*». Huxley fala-nos dos «*the religious elements in Russian communism—the fanaticism, the insistence on orthodoxy, the violent "theological" disputes, the "worship" of Lenin, the spirit of self-dedication, the persecutions, the common enthusiasms, the puritan element, the mass-emotions, the censorship. A very similar set of events is to be seen in Nazi Germany*.»

Julian Huxley (1947), Man in the Modern World. London: Chatto & Windus.

JULIAN HUXLEY – Perfil.

Pré-II Guerra: eugenista e simpatizante nazi. Sir Julian Huxley.

Pós-II Guerra: eugenista e "ambientalista". Apoiante NAMH, oficial da Eugenics Society e da Euthanasia Society. É um dos fundadores do movimento ambiental das fundações (WWF, IUCN e tudo o resto).

Socialista fabiano.

Primeiro director-geral UNESCO.

KANT – Absolutos arbitrários – Totalitarismo de estado.

Aplicar valores absolutos à acção humana. Kant assevera o valor dos absolutos e aplica-os à acção humana. Ou seja, os humanos têm o dever de procurar concretizar os valores absolutos da teoria na sua prática diária.

Valores kantianos resultam de arbitrariedade e capricho. Kant diz-nos que os valores absolutos podem ser definidos pelo indivíduo filosoficamente avançado (autores posteriores incluem qualquer indivíduo, ou o colectivo) o que, em linguagem filosófica germânica significa qualquer charlatão poderoso o suficiente para impor arbitrariedades a todos os outros.

Encontramos valores como "eficiência".

Legitimação do todo-poderoso Staat – totalitarismo filosófico. Kant quebra o gelo para a legitimação filosófica de arbitrariedade totalitária – a ideia de que o homem avançado no leme do Estado pode definir Absolutos universais que, depois, impõe a todos os outros.

LEWIS ALESEN – Mental Robots (1957).

O Dr. Lewis Albert Alesen foi ex-presidente da California Medical Association.

Lavagem cerebral em massa, para animalização e colectivismo.

Dilúvio de propaganda sob o rótulo de "saúde mental".

Objectivo é a destruição de cada indivíduo como pessoa, e erradicação de tradições, ideais e conceitos morais.

Pressão concertada para destruir iniciativa e para "confiar" no grupo, o estado.

Isto está a envolver os mais variados sectores da sociedade.

Milhares de indivíduos, mesmo sem o saber, acabam por contribuir para este propósito.

Doutrinação em dinâmica de grupo é essencial para isto.

Ou seja, arte de propagandizar sem parecer que se está a fazê-lo.

Plano para redução de cada indivíduo a um animal servil e colectivista.

Exceptuando aqueles que se concebem como génios e dotados de capacidade para gerir os assuntos dos outros.

«*Americans today are being deluged with a cleverly planned and skillfully executed barrage of propaganda designed to achieve adoption of a somewhat nebulous group of proposals by federal, state, and local governments classified under the broad general and disarmingly innocent title of "The Mental Health Program"... Its (robotry) objectives may be concisely and accurately described as the ultimate destruction of the human individual as a person; the eradication of all the traditions, ideals, and moral concepts which he has learned from home, church and school: honor, fairness, loyalty, kindness, patience — those things which are the antithesis of cruelty, meanness and violence... From the day he enters kindergarten to the day he completes his formal education, whether that be at the fifth grade or with a string of degrees cum laude, the citizen is subjected to concerted pressure designed to destroy his faith in himself, to stifle his initiative and to encourage him by every device possible to deny and reject responsibility for himself, and to place that responsibility upon the group, that is, the State...*»

Isto estava a envolver «*large segments of the teaching profession, medicine, law, engineering, architecture, and business and industrial leaders, as well as an unbelievably large number of clergymen of all faiths and denominations*»

«*The master plan*» está a ser concretizado como «*the result of the efforts of countless thousands of individuals, most of whom were and are so busily engaged in the narrow confines of their own special interests that they have not had the time, the inclination, or the ability to gain a perspective of the ultimate aims of the plans which they have so actively aided in bringing to fruition*»

«*During the past ten or fifteen years there have been conducted summer sessions in group dynamics… a carefully arranged schedule of indoctrination has been prepared by the National Education Association… The fundamental objective of this training is to prepare those so trained in the subtle art of propagandizing without seeming so to do*»

«*While most of the almost innumerable books, pamphlets, and other publications issued by the sponsors of the mental health program are purposely and craftily disingenuous, disguising its real and ultimate purpose… a perfectly drawn and beautifully elaborated blueprint for the ultimate reduction of every individual in this world, except the favored few who conceive of themselves as possessed of an incomparable genius in their ability to direct the affairs of others, into… a common servile obeisance to his master, the State, and a common, animal-like intelligence totally bereft of any appreciation of, or desire for, any existence other than the continuance of the so-called guaranteed security in the filthy barnyard of collectivism*»

Dr. Lewis A. Alesen (1957). Mental Robots. Caxton Printers.

LIFTON – “Atrocity-producing situations”.

Robert Jay Lifton e “atrocity-producing situations”.

“The Nazi Doctors”, The Nation. O que está a suceder no Iraque reflecte aquilo que o Dr. Robert Jay Lifton, psiquiatra, chama de «*atrocity-producing situations*». Usa este termo inicialmente no seu livro, “The Nazi Doctors”. Em 2004, escreve um artigo para The Nation, onde aplica os seus insights à guerra e à ocupação no Iraque.

Estrutura de poder monta ambiente doentio.

Tentativa de induzir pessoas normais a cometer atrocidades com regularidade. «*Atrocity-producing situations*» ocorrem quando uma estrutura de poder monta um ambiente onde «*ordinary people, men or women no better or worse than you or I, can regularly commit atrocities…. This kind of atrocity-producing situation … surely occurs to some degrees in all wars, including World War II, our last ‘good war.’ But a counterinsurgency war in a hostile setting, especially when driven by profound ideological distortions, is particularly prone to sustained atrocity – all the more so when it becomes an occupation*» [The Nation].

LORD ADRIAN – "Saúde mental preventiva: quebrar famílias, policiar pessoas".

Eugenics Society – NAMH – Voluntary Euthanasia Society. Lord Adrian era um globetrotter destas coisas, como usual nesta classe.

"Serviços de saúde preventiva têm de interferir com liberdade individual".

"Saúde mental exige separar mães de filhos – supervisionar vidas de pessoas que preferem ser deixadas sozinhas".

«*...preventive health services are bound to interfere with individual liberty... If [they] aim at mental as well as physical health they must be prepared to separate mothers from children and supervise the lives of people who would like to be let alone*» Lord Adrian (1956), cit. in The Medical Officer, Vol. 95, May 18, 1956.

MARCUSE (1965) – CIA – "Tolerância repressiva".

MARCUSE – CIA – Russian Institute, Columbia – Brandeis.

OSS/CIA – Guerra psicológica. Até 1952. Durante a guerra, trabalha como analista de intelligence para o OSS em guerra psicológica. Após a guerra, lidera a Central European Section da OSS. Colega de Otto Kirchheimer e Franz Neumann, entre outros.

Russian Institute – Brandeis – Universidade da Califórnia. Russian Institute da Columbia University (New York). Depois, Brandeis e Universidade da Califórnia.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória.

Começa por ser um esforço de sequestrar o movimento dos direitos civis para os afro-americanos.

Tentando torná-lo violento, algo que não era, e lhe deu vantagem moral.

Mas o facto é que se tornou um dos textos sagrados dos nossos dias.

Um dos maiores trabalhos mentais que alguma vez foi feito.

O mote de todo o texto é, "podes pensar como queiras, desde que penses como nós".

A expressão "tolerância discriminatória" surge no Post-Scriptum de 1968. «*…the practice of discriminating tolerance*»

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Usar violência para acabar com violência.

Vanguarda tem de usar violência e terror "para acabar com violência e terror".

Portanto, se existe um "issue" qualquer, simplesmente usar violência.

Isto dá o mote ao terrorismo de extrema-esquerda nos EUA, nos anos 60 e 70.

«*The discussion should not, from the beginning, be clouded by ideologies which serve the perpetuation of violence. Even in the advanced centers of civilization, violence actually prevails: it is practiced by the police, in the prisons and mental institutions, in the fight against racial minorities; it is carried, by the defenders of metropolitan freedom, into the backward countries. This violence indeed breeds violence… In terms of historical function, there is a difference between revolutionary and reactionary violence, between violence practiced by the oppressed and by the oppressors. In terms*

of ethics, both forms of violence are inhuman and evil--but since when is history made in accordance with ethical standards? To start applying them at the point where the oppressed rebel against the oppressors, the have-nots against the haves is serving the cause of actual violence by weakening the protest against it»

Herbert Marcuse (1965), "Repressive Tolerance".

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Intolerância é tolerância.

Censurar e bloquear liberdade de expressão e acção "para criar tolerância".

"…certain things cannot be said, certain ideas cannot be expressed, certain policies cannot be proposed, certain behavior cannot be permitted".

"…withdrawal of toleration of speech and assembly from groups and movements".

Estabelecer ditadura, para obter liberdade.

"…extreme suspension of the right of free speech and free assembly is indeed justified only if the whole of society is in extreme danger".

Pré-crime, crime de pensamento.

"…withdrawal of tolerance before the deed, at the stage of communication".

Ou seja – podes pensar como queiras, desde que penses como nós.

Suprimir movimentos "regressivos" para fortalecer movimentos "progressivos".

Uma vanguarda tem de se encarregar disto.

«*However, this tolerance cannot be indiscriminate and equal with respect to the contents of expression, neither in word nor in deed; it cannot protect false words and wrong deeds… society cannot be indiscriminate where the pacification of existence, where freedom and happiness themselves are at stake: here, certain things cannot be said, certain ideas cannot be expressed, certain policies cannot be proposed, certain behavior cannot be permitted without making tolerance an instrument for the continuation of servitude*»

«*Consequently, it is also possible to identify policies, opinions, movements which would promote this chance, and those which would do the opposite. Suppression of the regressive ones is a prerequisite for the strengthening of the progressive ones*»

«*…the ways should not be blocked on which a subversive majority could develop, and if they are blocked by organized repression and indoctrination, their reopening may require apparently undemocratic means. They would include the withdrawal of toleration of speech and assembly from groups and movements which promote aggressive policies, armament, chauvinism, discrimination on the grounds of race and*

religion, or which oppose the extension of public services, social security, medical care, etc»

«*Liberating tolerance, then, would mean intolerance against movements from the Right and toleration of movements from the Left. As to the scope of this tolerance and intolerance: ... it would extend to the stage of action as well as of discussion and propaganda, of deed as well as of word. The traditional criterion of clear and present danger seems no longer adequate to a stage where the whole society is in the situation of the theater audience when somebody cries: 'fire'... true pacification requires the withdrawal of tolerance before the deed, at the stage of communication in word, print, and picture. Such extreme suspension of the right of free speech and free assembly is indeed justified only if the whole of society is in extreme danger. I maintain that our society is in such an emergency situation…*»

Herbert Marcuse (1965), "Repressive Tolerance".

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo.

Tolerância em democracia liberal é laissez-faire e funciona.

Minorias têm condições óptimas para discutir, falar, reunir-se, deliberar.

Todos os pontos de vista podem ser ouvidos, e existe imparcialidade.

Mas – alas – a mudança não surge.

E, para além do mais, tolerância dá espaço a "pontos de vista estúpidos" – como o de Marcuse.

Pessoas inferiores não deviam poder pronunciar-se sobre assuntos importantes.

«*Tolerance is turned from an active into a passive state, from practice to non-practice: laissez-faire… It is the people who tolerate the government, which in turn tolerates opposition within the framework determined by the constituted authorities... those minorities which strive for a change of the whole itself will, under optimal conditions which rarely prevail, will be left free to deliberate and discuss, to speak and to assemble - and will be left harmless and helpless in the face of the overwhelming majority, which militates against qualitative social change… Within the affluent democracy, the affluent discussion prevails, and within the established framework, it is tolerant to a large extent. All points of view can be heard: the Communist and the Fascist, the Left and the Right, the white and the Negro, the crusaders for armament and for disarmament. Moreover, in endlessly dragging debates over the media, the stupid opinion is treated with the same respect as the intelligent one, the misinformed may talk as long as the informed, and propaganda rides along with education, truth with falsehood… Impartiality to the utmost, equal treatment of competing and conflicting issues…*»

«*Universal toleration becomes questionable when its rationale no longer prevails, when tolerance is administered to manipulated and indoctrinated individuals who parrot, as their own, the opinion of their masters, for whom heteronomy has become autonomy*»

Herbert Marcuse (1965), "Repressive Tolerance".

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo (2).

Impede o indivíduo de ser tudo aquilo que pode ser.

O estado fascista-comunista-globalista tem de lhe indicar o caminho para ser livre.

«*But the subject of this autonomy is never the contingent, private individual as that which he actually is or happens to be; it is rather the individual as a human being who is capable of being free with the others. And the problem of making possible such a harmony between every individual liberty and the other is not that of finding a compromise between competitors, or between freedom and law, between general and individual interest, common and private welfare in an* ***established*** *society, but of* ***creating*** *the society in which man is no longer enslaved by institutions which vitiate self-determination from the beginning. In other words, freedom is still to be created even for the freest of the existing societies. And the direction in which it must be sought, and the institutional and cultural changes which may help to attain the goal are, at least in developed civilization,* ***comprehensible****, that is to say, they can be identified and projected, on the basis of experience, by human reason*»

Herbert Marcuse (1965), "Repressive Tolerance".

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Educar para deseducar.

Na educação, usar doutrinação "para libertar a mente".

Isto inclui dar a visão "certa" da história aos alunos.

«*Where the mind has been made into a subject-object of politics and policies, intellectual autonomy, the realm of 'pure' thought has become a matter of* ***political education*** *(or rather: counter-education)… The pre-empting of the mind vitiates impartiality and objectivity: unless the student learns to think in the opposite direction, he will be inclined to place the facts into the predominant framework of values*»

«*And this oppression is in the facts themselves which it establishes; thus they themselves carry a negative value as part and aspect of their facticity. To treat the great crusades against humanity (like that against the Albigensians) with the same impartiality as the desperate struggles for humanity means neutralizing their opposite historical function, reconciling the executioners with their victims, distorting the record. Such spurious neutrality serves to reproduce acceptance of the dominion of the victors in the*

consciousness of man. Here, too, in the education of those who are not yet maturely integrated, in the mind of the young, the ground for liberating tolerance is still to be created»

Herbert Marcuse (1965), “Repressive Tolerance”.

MARIA MONTESSORI – Educação narcísica “para a paz” e o Ubermann.

“Educação para a paz”, narcisismo. Durante os anos 30, Maria Montessori fala frequentemente de “educação para a paz”, e alega que a “brutalização” das características naturais da criança, i.e., disciplina parental e auto-controlo, estimula o conflito.

Combinar trabalho e jogo, estimular narcisismo e “autonomia moral”. De modo relacionado, esta é uma fase onde é dada uma grande ênfase à ideia de combinar trabalho e jogo, ou melhor, acabar com a distinção entre ambas as coisas. A educação tradicional, que separava ambas as realidades, oprimia a criança. A criança tinha, portanto, de regressar à árvore e comer do fruto, pecar, para voltar a encontrar união entre a sua essência interna e as forças cósmicas da natureza.

O novo homem nietzschiano. Montessori aspirava à criação de «*a better type of man, a man endowed with superior characteristics as if belonging to a new race: the superman of which Nietzsche caught glimpses*». Maria Montessori, Peace and Education, 15. Cit. in Jackie Clarke, ‘‘Engineering a New Order in the 1930s: The Case of Jean Coutrot,’’ French Historical Studies 24 (2001)

MASLOW (R).

Maslow (R) – Abandonar "bom selvagem".

Abandonar teoria da benevolência universal – aprender sobre mal, abandonar ilusões. «*...recognizing one had illusions, one was wrong) = learning about evil = learning when to mistrust, giving up the theory of universal benevolence, or that love or good conditions alone can not produce benevolence in all*»

Imensos psicopatas e filhos da mãe no mundo. «*As if there were no sons-of-bitches or paranoids or psychopaths or true believers in the world to crap things up*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Filosofia educacional inapta para lidar com má vontade e miúdos maus. «*What kind of educational philosophy is it that is unprepared for ill will, for bastards, for mean & vicious kids?*»

"O bom selvagem" – Eupsiquismo, T-group, Rogers – não tem teoria do mal.

Confiar na pessoa, dar-lhe liberdade, afecto, dignidade – natureza boa surge.

Só funciona quando existe boa vontade e vontade de crescer e melhorar.

Mas quando há viciosidade e ódio, é preciso lutar de volta – ou maldade ganha.

"How to handle bastards, mean & nasty people".

«*Interview today with Time lady on T-groups, & again the thought came that it has no theory of evil, of how to handle bastards, mean & nasty people. The implicit theory in Eupsychian ethics, T-group, Rogers, et al., is that if you trust people, give them freedom, affection, dignity, etc., then their higher nature will unfold & appear. Certainly true much of the time, certainly when there's good will & eagerness to grow & improve. But when there is not good will, but viciousness & hatred instead, then you must be ready to counterattack, to get angry, to fight back — or else you let evil, wrong, nastiness win. Which means you must know not only whom to punish, but whom to war against*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979 (May 5, 1968).

Maslow (R) – Condena relativismo moral.

"Value-free" disease – ethical relativism – amorality.

"Non-theory of evil, a philosophy in which nothing is wrong or evil".

«*[O artigo de Sidney Hook pedia que os motins em faculdades fossem bloqueados, à força se necessário] [April 15] On same subject of evil, add, after reading Sidney Hook's article on student violence (evil file): the faculties are so weak & have no fight in them because they lack a theory of right & wrong, of evil & so don't know what to do in the face of viciousness. This nontheory of evil, it occurred to me, is one peculiar version of the "value-free" disease (which is the same as ethical relativism, of Rousseauistic optimism, of amorality, ie, nothing is wrong enough or bad enough to fight against). What kind of educational philosophy is it that is unprepared for ill will, for bastards, for mean & vicious kids? It's a philosophy in which nothing is bad or sick or wrong or evil*» (Journals, May 6, 1968)

Maslow (R) – Condena destruição da educação.

Quem devia ensinar quem? Os mais novos, os mais velhos, ou vice versa? «*Who should teach whom? Youngsters teach the elders, or vice versa? It got me in a conflict about my education theory*»

Perca de tradicional respeito Judaico por conhecimento, professores.

Perca de conhecimento, demonstração, uma geração de péssimos profissionais. «*…my class has lost the traditional Jewish respect for knowledge, learning, & teachers. Add: this rebellion is not just a generation gap. It's the 1st time in history that students have repudiated their teachers, which means loss of all tacit knowledge, apprentice training, demonstration by the master, showing how, which means a generation of lousy professionals…*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Maslow (R) – O hippie-narcisista auto-actualizado.

Maslow era um homem bondoso e não levava uma vida dissipada.

Sente-se desgostado por narcisismo, hedonismo, irracionalismo. O próprio Maslow não levava uma vida dissipada. Portanto, sentiu-se desgostado por aqueles que procuravam esse género de atalhos auto-indulgentes para verdadeira auto-actualização, como líderes no Esalen Institute, Big Sur.

Impulsividade, Nirvana now!, auto-gratificação. «*I've been in continuous conflict for a long time over this, over Esalen-type, orgiastic, Dionysian-type education. Bettelheim's Freudian-type lecture really made me think of this again, ie, of authority, & of trust in authority-teachers-elders vs. impulse-ridden, Nirvana now!, grab the gratification immediately*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Juventude hippie é irracionalista, presa no aqui-agora.

Desligamento de racionalidade, lógica, ciência, educação.

Percepção sensorial, emoções, dionisianismo, gratificação imediata, impaciência.

«*…revolutionary youth… [discards] the worth and value of rationality. They overstress the senses and emotions… They are too exclusively Dionysian, regarding logic, science, education and the like as imprisonment, with feeling and sensory experience, rather than knowledge, as the wellspring of their motivations… They believe that as one lifts the restraints and allows absolute freedom that only good will result, which means (implies) an unfounded faith in basic human goodness and an implied belief that evil comes only from social restraints and inhibitions… They tend to be short-term, here-now, impatient, and do not realize that education, persuasion, becoming a good person, developing a good society, are all lifetime tasks requiring a large segment in time*»

A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

Maslow (R) – Desgosto com Auto-Actualização.

<u>Desgosto com conceito de AA – "I'd rather leave it behind me. Just too sloppy"</u>. Numa entrada de 28 de Maio de 1967 (Lowry, 1979, pp. 794-95), admitiu para si mesmo que « *Self-actualization… I realized I'd rather leave it behind me. Just too sloppy & too easily criticizable. Going thru my notes brought this unease to consciousness. It's been with me for years. Meant to write & publish a self-actualization critique, but somehow never did*» (28 de Maio de 1967) Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

<u>"AA só é possível em 0.5% da população"</u>. Maslow chegou ao ponto de afirmar que a auto-actualização só seria possível para 0.5% das pessoas. Por outras palavras, não acreditava que 99.5% da população fossem capazes de alcançar auto-actualização.

«*History & current events, what with riots & prejudice & greed, certainly must make my lectures sound like rosy dreams & wish-fulfillments, no matter how often I warn that I'm talking about the best one half of 1%*» – (August 11, 1966 entry) Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Maslow (R) – "Felt like a swindler" – Insanidade e morte.

<u>"Felt like a swindler"</u>. Tinha sido recentemente eleito presidente da APA. A 23 de Outubro de 1967, foi convidado para palestrar no Plaza Hotel, New York City, sobre "The Self Actualizing Manager". A sua entrada de diário dessa data diz-nos, «*The self-actualizing manager. Crappy job. Felt like a swindler. (But they thought it was good.)*» Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

AA visava ser um substituto para Deus. Maslow pensava que poderia trazer a utopia se tornasse as pessoas menos dependentes de um Ser Supremo. Tentou, portanto, desenvolver um substituto para Deus, e isso seria auto-actualização.

Maslow reconhece o erro. Ao ver os resultados, depressa começou a perceber o erro.

"I smell insanity and death". Cerca de um ano antes de morrer, escreve que «*I've been sniffing along the network of institutions that have adopted my thinking and finally I get a smell of insanity and death*» (May 17, 1969 entry)

Maslow (R) corrige AA publicamente (1970).

Maslow procura repor alguma sanidade na sua própria criação. Procura tornar explícito conceito de AA segundo linhas racionais e humanitárias. I.e., pessoas AA são manifestamente bondosas e livres de malícia – **bons Cristãos** – e as crianças não têm maturidade, experiência de vida, ou apreço pelas coisas realmente importantes na vida – portanto, não podem ser incluídos em cursos de clarificação de valores, isto está implícito. Porém, algumas crianças são mais promissoras que outras, e são as que seriam alvo de ataque grupal num T-group – as mais **reservadas, humanas e ecléticas**.

De volta ao ideal Judaico-Cristão. Maslow tinha inventado o conceito de AA para substituir ideais religiosos mas, com isto, volta ao ideal Judaico-Cristão.

Maslow repudia AA sem responsabilidade pelo próximo. Maslow foi bastante selectivo sobre o objecto da sua repudiação. Nomeadamente, auto-actualização sem responsabilidade pelo próximo.

Auto-actualização, real maturidade, exige tempo e complexidade. Maslow chegou à conclusão que auto-actualização, real maturidade, exige tempo e complexidade.

Infelizmente, já era tarde demais – e Maslow morre no mesmo ano. Quando Maslow tentou voltar o relógio atrás, já era tarde demais. Todo o seu trabalho já estava em circulação e já se tinha tornado parte da ordem natural das coisas.

Maslow (R) corrige AA publicamente (1970) – Crianças e adultos – Bondade.

Conceito de AA **não** pode ser aplicado a crianças.

Confinar conceito de AA a pessoas mais velhas.

Pessoas jovens ainda não têm experiência de vida, ou apreço por bondade.

«*I have removed one source of confusion by confining the concept very definitely to older people. By the criteria I used, self-actualization does not occur in young people. In our culture at least, youngsters have not yet achieved identity, or autonomy, nor have*

they had time enough to experience an enduring, loyal, postromantic love relationship, nor have they generally found their calling, the altar upon which to offer themselves. Nor have they worked out their own system of values; nor have they had experience enough (responsibility for others, tragedy, failure, achievement, success) to shed perfectionistic illusions and become realistic; nor have they generally made their peace with death; nor have they learned how to be patient; nor have they learned enough about evil in themselves and others to be compassionate; nor have they had time to become post-ambivalent about parents and elders, power and authority; nor have they generally become knowledgeable and educated enough to open the possibility of becoming wise; nor have they generally acquired enough courage to be unpopular, to be unashamed about being openly virtuous, etc» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

<u>Tornar conceito de AA muito mais exclusivo para **todas** as faixas etárias</u>.

Adultos: pessoas boas, livres de malícia, gentis, altruístas.

Jovens (potencial): minoritários, reservados, "square", mais virtuosos que a média.

[O tipo de criança que é isolada e alvejada para processamento no T-Group, o "resistente" que tem de ser "integrado"].

«*In any case, it is better psychological strategy to separate the concept of mature, fully-human, sell-actualizing people in whom the human potentialities have been realized and actualized from the concept of health at* ***any*** *age level. This translates itself, I have found, into "good-growth-toward-self-actualization," a quite meaningful and researchable concept. I have done enough exploration with college age youngsters to have satisfied myself that it* ***is*** *possible to differentiate "healthy" from "unhealthy." It is my impression that healthy young men and women tend to be still growing, likeable, and even lovable, free of malice, secretly kind and altruistic (but very shy about it), privately affectionate of those of their elders who deserve it. Young people are unsure of themselves, not yet formed, uneasy because of their minority position with their peers (their private opinions and tastes are more square, straight, metamotivated, i.e., virtuous, than average), they are secretly uneasy about the cruelty, meanness, and mob spirit so often found in young people, etc… Self-actualizing persons… are capable of "gratitude:" The blessedness of their blessings remains conscious. Miracles remain miracles even though occurring again and again. The awareness of undeserved good luck, of gratuitous grace, guarantees for them that life remains precious and never grows stale*» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

Maslow (R) – O intelectual-perito arrogante auto-actualizado.

Inquieto com arrogância AA de intelectuais no poder. Comenta a arrogância e hubris de uma classe intelectual "auto-actualizada", que tende a ver-se como infalível e com autoridade e discernimento de carácter semi-divino.

Grave crise intelectual – importante que intelectuais mantenham humildade. «*They get no place against the almost paranoid certainty of their absolute virtues & correctness)*» – (Dec. 5, 1968 entry) Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Maslow (R) condena destruição de Liberdades americanas (1970).

Destruição da Liberdade americana, por pessoas baixas e irracionais. «*For instance, it is characteristic of the American culture as I write this preface in January, 1970, that the undoubted advancements and improvements that have been struggled for and achieved through 150 years are being flicked aside by many thoughtless and shallow people as being all a fake, as being of no value whatsoever, as being unworthy of fighting for or protecting, or valuing, just because the society is not yet perfect*» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

Maslow (R) – Repudia equalitarismo estrito e comunismo.

Dogma democrático rejeita indivíduos notáveis. «*...the democratic dogma and piety in which all people are equal and in which the conception of a factually stronger person or natural leader or dominant person or superior intellect or superior decisiveness or whatever is bypassed because it makes everybody uncomfortable and because it seems to contradict the democratic philosophy (of course, it does not really contradict it)*» – A.H. Maslow Cit. in John Adair (2011). "The John Adair Lexicon of Leadership: The Definitive Guide to Leadership Skills and Knowledge". Kogan Page Publishers.

Perversidade comunista – Traição, conflito, D-power, mesquinhez. «*...the Communists, who certainly behave in an evil way even if they are not individually nasty or evil. The history of imperialism in practically every Communist state, of broken treaties, promises, of deifying war & revolution, of pressing inexorably for D-power over other people, with practically never a generous gesture*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Maslow – Controlos, repressão e microgestão psicológica (acessório).

Talvez seja fase intermédia, evidenciadora do desespero de Maslow.

[Depois de abandonada suposta "repressão interna", é preciso "repressão externa"].

Controlos, em vez de valores morais. Limita-se a sugerir controlos sobre uma má fundação, em vez de procurar retorno a valores morais sólidos. A solução de Maslow para pessoas más (e outras, como diminuídos mentais) é montar um estado repressivo e psicologizante; em vez de voltar a valores morais sólidos.

"Inibição, força, agressão, com pessoas imaturas, psicopatas, diminuídos mentais". «*…many people need more inhibitions rather than less (impulse disorders, psychopaths, immature, feebleminded, and so forth)… force, aggression, indignation, and so forth, can be healthy as well as unhealthy, and that it can be used well, as well as used badly… it seems precisely the self-actualizing man who can most cathartically let loose the full force of his anger with the least amount of guilt, conflict and ambivalence*»

Microgestão psicológica de toda a população. De resto, Maslow acreditava que toda a gente deveria ser submetida a microgestão psicológica. «*The techniques of making higher man, and the techniques of making higher society were mentioned: education, therapy, T-groups, the Eupsychian network, and the like*»

Portanto, os "maus" seriam seleccionados e inibidos.

Usar autoritarismo e firmeza com estudantes não-merecedores. «*I feel total freedom & trust for worthy students are compatible with stern, authoritarian orders for nonworthy students*» (April 8, 1964) – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Massa crítica – mudança social.

Um sistema só muda num sentido na presença de uma massa crítica. Um sistema – um grupo, uma empresa, uma escola, uma sociedade – nunca muda, nem nunca vai numa direcção específica, apenas porque alguém no topo ordena que isso aconteça. Um sistema humano só muda quando existe uma massa crítica de pessoas que mudam de hábitos num sentido específico. Quando há pessoas suficientes a mudarem os seus hábitos, a maioria das pessoas começa a seguir essa mudança.

Mudança progressiva a todos os níveis de uma organização. Mudança em larga escala só pode acontecer quando muitas pessoas a todos os níveis de uma organização começam a fazer as coisas de uma forma diferente.

Massa crítica – progressão exponencial. Atingir massa crítica é um processo lento e difícil mas, após atingida, o progresso de disseminação de ideias ou hábitos é exponencial.

Pode ser usado para bem ou mal.

Materialismo dialéctico

Ideologia de estado para racionalizar falsidade e crime.

A negação de ***verdade*** e de ***justiça*** – substituição por ***utilidade*** [Utilitarismo].

A verdade é opcional – o que é útil é justo.

Negar verdade, justiça só acontece para promover não-verdadeiro (falsidade) e injusto (crime)

Ideologia de estado, para legitimar autoridade arbitrária e crime organizado.

Três níveis de entendimento.

Como em toda a dialéctica, existem três níveis de entendimento.

Um básico para as massas, um intermédio para os apparatchiks, outro elevado para o topo.

A procura do meio-termo, *dissolução* moral e epistemológica – autoritarismo.

A busca de meios-termos, "a verdade no meio".

É impossível encontrar um meio-termo entre bem e mal, verdade e mentira, justo e criminoso.

Um tem de deixar de ser o que é, para entendimento – ***dissolução*** de princípios e de posições.

Ambiente humano torna-se dissoluto e autoritário.

Dialéctica repudia ciência *real*, racionalidade – institui a arte obscura de "ciência dialéctica".

Ciência rejeitada por ser Racional – não permite negar verdade dos factos [cometer fraude].

Ciência ***real*** denunciada como "burguesa", "judaico-cristã" (elogios).

Dialéctica sequestra termo "ciência" e introduz "ciência dialéctica".

Perspectivismo, fraude epistemológica, consenso, por oposição a verdade factual.

Coloca a *relação*, o factor humano (variáveis extrâneas), no centro do processo científico.

Usa métodos racionais como complemento, se os puder distorcer e instrumentalizar, para validar o processo dialéctico.

O e.g. da astrociência do aquecimento global, tipicamente dialéctica.

O e.g. de um "inquérito policial científico" a um homicídio político.

"Ciência dialéctica" e a fabricação de "consenso científico".

Centramento em subjectividade para obter total liberdade de mentir, fabricar.

Obsessão psicopolítica com consenso universal (MDC).

Qualidade torna-se quantidade – consenso – "Inquérito" (John Dewey).

Sistema habitual em fóruns governamentais de "*decision-making* integrativo".

Processo científico em "ciência dialéctica" é um instrumento de psicopolítica.

"Consenso" final predefinido (facilitação) – Mesas redondas – Subjectividade extrema.

Hard data fraudulento – sensacionalismo – relações públicas.

Karl Marx e a rejeição de direitos humanos.

Marx despreza-os: "Liberté, proprieté, egalité, sureté, expressam alienação entre pessoas".

Criar mundo fusional, no mental e no físico (a comuna e engenharia psicossocial, para fazer com que as pessoas gostem da comuna autoritária).

"Voltar à Idade Média para se emancipar da emancipação da Idade Média".

Marx faria depois observações jocosas, misantrópicas, racistas.

"Emancipação é a negação de todos os 'não farás', a negação da negação" [escravizar, defraudar, roubar, assassinar, é aqui o propósito].

Posterior sofística psicológica: "curar culpa, neurose, libertar homem" para crime.

Sense perception e fluidez no aqui e no agora.

O homem é uma mera criatura de sense perception.

Identidade, Razão, self, individualidade, são meras ilusões.

“A única verdade é que não existe verdade” [oximoro – os pés de barro da estátua].

Única ideia universalmente válida é a de que não existem ideias universalmente válidas.

Ideias para destruir todas as restantes – Filosofia oximórica – só o tolo voluntário entra.

Verdade e justiça trocados por *utilidade*; racionalização de falsidade e de crime.

Verdade não existe (por ser um axioma) – apenas ***utilidade*** (também é um axioma).

2+2 não é necessariamente igual a 4 – depende do sujeito e da utilidade contextual.

Aquilo que hoje é verdade, amanhã é mentira – eu não sou responsável pelo que faço.

Crime e mentira não o são – são mero pragmatismo (filosofia elaborada por e para criminosos).

Uma arma intelectual contra racionalidade e acção moral.

Mero nonsense sofístico – visa destruir conceitos de verdade e justiça, trocá-los por “utilidade”.

Uma ideologia autoritária, para legitimar uso arbitrário de poder.

Lord Bertrand Russell, adepto da filosofia, explica que é pura desonestidade oligárquica.

“The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's 1984”.

Dialéctica confunde *substância* com *forma* para originar perspectivismo extremo.

Subjectivismo radical – confundir ***substância*** com ***forma***.

Permite reinventar real, “liberta” o sujeito para mentir, fabricar, distorcer.

O real torna-se plástico e flexível; a Oceânia sempre esteve em guerra com a Eurásia.

“Controlo total sobre a matéria” [quando se controlam as mentes que interpretam a matéria].

“Controlo total sobre a matéria”, um tópico favorito da dialéctica.

Sob racionalidade, isso implicaria controlo real, demonstrável.

Sob irracionalismo dialéctico, isso só depende da crença subjectiva consensual.

O controlo da mente é o controlo da matéria que a mente apreende.

Eu posso voar se todos ***acreditarem***, ***souberem interiormente***, que eu posso voar.

A pessoa racional que negue que eu posso voar é inflexível, não-consensual, insana.

O controlo da mente pública – a estrada para a Utopia.

“Ciência dialéctica”, antitética a ciência real – Só usa métodos racionais se os puder distorcer para os seus fins obscuros.

Isto passa essencialmente por controlo da mente pública: engenharia social, drogas, etc.

Controlo da mente pública, a estrada para a Utopia; Utopia é o asilo mental universal.

Poucos foram suficientemente cândidos para colocar as coisas nestes exactos moldes.

A *substância* real de Utopia, que é independente da *forma*.

O controlo da mente pública – Socialismo perfeito e Singularidade.

Estado socialista final “controla a matéria” porque controla o que todos pensam.

Isto implica Singularidade, uma forma de fusão total (real ou imaginária).

Singularidade pode ser entendida ao nível transhumanista, com uma “hive mind”.

Mas Singularidade *per se* significa apenas *bypass* à Razão, eros colectivo de união total.

A Singularidade high-tech transhumana não será total ou Singular.

Mas células acreditarão que são totais, “deus” – tudo uma questão de percepção.

Revisão: a impressionante estátua de pés de barro.

A ideia que destrói todas as ideias.

Depois, guerra a verdade e justiça, para legitimar o não-verdadeiro (falsidade) e injusto (crime).

Subjectivismo começa por parecer aberto mas depressa revela ser autoritário.

Guerra a racionalidade em si – dissociação psicótica como novo normal.

Para entrar neste registo, eu tenho de querer legitimar mentira e crime.

Emancipação do real aliena do real – abdicação de princípio de realidade, gera alienação ***real***.

Tolo voluntário constrói estrutura sobre oximoros – estátua de pés de barro, que colapsa.

Marx diria que gosta de mentiras e de auto-aniquilação; que é isso que é a sua emancipação.

Notas adicionais.

Jogo dialéctico com o ***idealismo dialéctico*** de Hegel [síntese é comunitarismo global].

Diamat, um bom termo Newspeak para tudo isto (o diamante caprichoso e violento do gnosticismo).

Ideologia de estado para racionalizar falsidade e crime.

A negação de ***verdade*** e de ***justiça*** – substituição por ***utilidade*** [Utilitarismo]. Ao longo do último século e meio, o materialismo dialéctico foi apresentado como a chave para os problemas da humanidade, a fórmula para progresso científico-tecnológico, para o avanço económico das massas, para a obtenção de entendimento social, paz universal. O "sistema proletário" iria ser o "mais avançado" e o "mais progressista" e a "ciência" materialista dialéctica seria a sua grande arma para trazer a Utopia. Vale a pena, portanto, ver esta filosofia pelo que é; é isso que será feito ao longo destas páginas. Materialismo dialéctico é materialismo apenas na medida em que é afirmado que toda a vida humana é meramente

material e circunstancial. A pessoa é definida pelas suas circunstâncias materiais de existência. Os conceitos de verdade e de justiça são negados e substituídos pelo conceito de utilidade situacional.

<u>A verdade é opcional – o que é útil é justo</u>.

<u>Negar verdade e justiça só acontece quando se quer promover o não-verdadeiro e o injusto</u>.

<u>Isto é, falsidade e crime</u>. Numa primeira linha, é asseverado que a verdade dos factos é opcional; a pessoa pode reinventá-la a seu bel-prazer, de acordo com critérios de utilidade situacional. O que hoje é verdade, amanhã é mentira, se isso for ***útil***. A filosofia afirma que o sujeito se "liberta" quando aprende a fazer este processo por inteiro; a mentir, a fabricar, a distorcer, a enganar. O mesmo acontece, claro, para critérios de acção justa. Uma coisa é mais ou menos justa, moral, se for mais ou menos útil. Ou seja, o sujeito é "libertado" quando aprende que pode enganar, extorquir, assassinar, torturar, defraudar, sempre que isso lhe dá jeito. Tudo isto é atravessado pelo mais extremo perspectivismo. Distorcer a verdade dos factos e cometer crimes não é uma atitude censurável; é mero pragmatismo situacional. É bastante auto-evidente que só se tenta negar as ideias de verdade e de justiça quando se pretende legitimar aquilo que não é verdadeiro e justo; por outras palavras, quando se tenta legitimar falsidade e criminalidade.

<u>Ideologia de estado, para legitimar autoridade arbitrária e crime organizado</u>. Como todas as filosofias dialécticas, esta é uma ideologia oligárquica, uma ideologia de estado, uma filosofia de power politics. Existe para legitimar o exercício arbitrário de poder. Se a verdade é opcional e se a ideia de justiça pode ser tornada irrelevante, isso então significa que as autoridades têm a estrada aberta para fazer tudo aquilo que quer. Mas, primeiro, é necessário que o público seja ensinado a (não) pensar desta forma. Uma classe governante criminosa só pode estar segura na presença de um público igualmente criminoso ou, no mínimo, apologista de crime. Os ideólogos dialécticos são os literais evangelistas do mundo do crime organizado (algo que é fácil de perceber quando se sabe que estamos perante gnósticos); um estatuto que nunca lhes foi reconhecido de uma forma aberta e universal.

A rejeição de ciência e a sua substituição por fraude científica e académica ["ciência dialéctica"].

<u>Ciência rejeitada por ser racional – não permite negar verdade dos factos [cometer fraude]</u>. Tudo isto tem um correlato ao nível da ciência. A ciência em si é rejeitada pelo simples facto de ser racional, i.e. não permite a imposição de confabulações ao real; não permite fraude científica.

<u>Dialéctica sequestra termo "ciência" e introduz "ciência dialéctica"</u>.

<u>Perspectivismo, fraude epistemológica, "consenso científico" por oposição a verdade factual</u>. A dialéctica repudia a ciência, mas sequestra o termo, "ciência", para qualificar o seu próprio processo de "descoberta de conhecimento" [e este é o procedimento habitual em círculos dialécticos; sequestrar termos válidos para propósitos obscuros e depois agir como se sempre tivessem sido os ***seus*** termos]. A "ciência

dialéctica" é uma forma de arte astrológica pela qual tudo o que conta é a ponderação de opiniões subjectivas para chegar a um consenso final, um "consenso científico". Estas opiniões subjectivas não precisam de ser (nem ***devem*** ser) testadas, demonstráveis, comprováveis; isso seria entrar em métodos racionais.

Uso de métodos científicos reais apenas para validar o processo dialéctico.

Controlar mente pública [eng. psicossocial], validar consensos com hard data distorcido. Isso não quer dizer que a "ciência dialéctica" repudie por inteiro o uso de métodos racionais; usa-os, mas apenas na medida em que os ajude a alcançar os seus propósitos. Na prática, a ciência racional só é usada para obter controlo sobre a mente pública (e.g. engenharia psicossocial) ou, sob formas distorcidas, para comprovar uma ou outra teoria dialéctica (e.g. hard data manipulado para provar um qualquer "consenso científico" dialéctico – a pseudociência do aquecimento global é aqui um bom exemplo, como explicado mais abaixo).

O processo científico em "ciência dialéctica" é um instrumento de psicopolítica. O processo científico dialéctico pode e deve ser concebido como sendo nada mais do que um instrumento psicopolítico. Existe um objectivo a alcançar, e.g. uma agenda política que se quer forçar. É preciso encontrar legitimidade científica para forçar essa agenda no domínio público.

"Consenso" final é definido à partida – Mesas redondas e fóruns – Subjectividade extrema. O "consenso" final (a "verdade científica") está definida à partida. É reunido um quadro de participantes subjectivos (e.g. "especialistas") que sejam incompetentes (ou desonestos) o suficiente para guiar o processo para esse resultado. O processo acontecerá essencialmente pela troca de opiniões subjectivas não demonstráveis e tendenciosas. Isto acontecerá por meio de fóruns, mesas redondas, processos de inquérito.

Hard data fraudulento – sensacionalismo – relações públicas. O processo será coadjuvado pela selecção cuidadosa de *hard data* distorcido e manipulado. Esse *hard data* fraudulento confirmará os passos do "consenso colectivo de peritos" e será apresentado ao público, em operações de relações públicas (feitas com o uso cuidado de técnicas de manipulação psicossocial). É o elemento de "credibilidade científica"; o público não acede ao processo dialéctico em si, apenas a um microcosmo de tabelas deturpadas e gráficos impressionantes, autoritativamente apresentados por peritos académicos selectos (prostitutos intelectuais). No final, é possível que este "consenso científico" seja de facto aceite como a "verdade científica", por muito absurdo que possa ser, e usado para avançar a agenda desejada. Isto é, claro, o tipo de "ciência" que era produzido durante a Idade Média.

Três níveis de entendimento.

Como em toda a dialéctica, existem três níveis de entendimento.

Um básico para as massas, um intermédio para os apparatchiks, outro elevado para o topo. Como é o caso com todos os conceitos dialécticos, existem três níveis de entendimento do conceito. Um é propagandístico, de consumo fácil, dedicado às massas simples e deslavadas, eternamente desprezadas pelas intelligentsias dialécticas. Depois, existe um segundo nível, mais verdadeiro e substancial, usado pragmaticamente pela intelligentsia. Esse nível é bastante mais complexo que o primeiro, baseando-se em engenharia conceptual dialéctica, voltas, reviravoltas, contradições internas. Porém, no final de contas, é bastante simples e formulaico. Esse é o nível que será aqui explorado. Depois, existe um terceiro nível, acessível àqueles que são realmente importantes na intelligentsia, e está mais ou menos resumido no último ponto, sobre materialismo dialéctico e gnosticismo (basta aplicar os princípios básicos do segundo nível à *framework* geral do terceiro).

A procura do meio-termo, *dissolução* moral e epistemológica – autoritarismo.

Às massas, é-lhes ensinada a busca de meios-termos, "a verdade no meio". O primeiro nível de entendimento é aquele que é dado às massas prosaicas, deslavadas, o público (aqueles que a intelligentsia vê como os meros espectadores da história; mas que, não obstante, têm de aquiescer àquilo que é feito pelos actores). O entendimento é o de que os seres humanos são mera matéria. Não existe alma, Deus, ou destino superior, colocado acima da mera existência material e imediata. É o aqui e o agora que contam. É no aqui e no agora que nos salvamos – colectivamente. É um projecto de grupo. A salvação acontece através de comunicação dialéctica. Ou seja, dialogamos. Todos têm a sua própria versão da verdade dos factos; a verdade está no meio. Eu tenho uma posição (tese), tu tens outra (antítese), e no meio está a verdade (síntese) [*como e porquê?, é o que a pessoa deve perguntar. A verdade dos factos é a verdade dos factos. Não está no meio de nada. É independente dos sujeitos. Os sujeitos devem procurar determinar a verdade dos factos de acordo com princípios de honestidade epistemológica*]. Depois, todos têm a sua própria versão em relação ao que é justo e moral; todos temos de encontrar meios-termos. É do intercâmbio entre tese e antítese que surge o nosso meio-termo, a nossa síntese.

É impossível encontrar um meio-termo entre bem e mal, verdade e mentira, justo e criminoso.

Um tem de deixar de ser o que é, para haver entendimento. [*Como é que se encontra um meio termo entre "não mentirás" e "mentirás se te der jeito"? Entre "não roubarás" e "roubarás se te apetecer" – entre "não torturarás" e "torturarás se te for útil" – entre "não cometerás assassinato" e "cometerás assassinato se for expediente"? Meios-termos entre um e outro são **impossíveis**. Um tem de deixar de o ser, para haver entendimento*]

Dialéctica relacional implica ***dissolução*** de princípios morais e de posições epistemológicas. Avançamos de síntese em síntese, de meio-termo em meio-termo. Eu diluo a minha posição com a tua, tu diluis a tua

posição com a minha. Aprendemos que a verdade dos factos não conta, nem o que é certo e justo. Tudo o que conta é *feel good* na relação. Estamos em harmonia quando *diluímos* princípios morais e honestidade epistemológica, quando nos tornamos ***dissolutos***. Em tais ambientes, ter princípios morais é ser "rígido"; ter um intelecto racional, assente em honestidade epistemológica, é ser "orgulhoso". Tudo isto se torna tacitamente proibido.

Ambiente humano torna-se dissoluto e autoritário. O ambiente comunicacional é rapidamente dominado pela imposição de conformidade compulsiva a comunicação dialéctica e a dissolução moral e intelectual. É rapidamente tornado autoritário. A pessoa ***tem*** de praticar a dialéctica, ***tem*** de ser dissoluta. Sob este tipo de mentalidade, a pessoa que não corresponde aos standards gerais de dissolução é o prego que desponta. O prego que desponta tem de ser martelado de volta ao sítio; dizem os lilliputianos a Gulliver. É dito que o processo de dissolução nos leva a paz entre os povos. Esse é o mesmo tipo exacto de paz que há em todas as sociedades dialécticas [Prússia, Alemanha Nazi, URSS, China, UE são alguns exemplos recentes]. Os standards aqui são a destruição da comunicação, da confiança e da acção moral entre seres humanos. Os produtos macro-civilizacionais de tudo isto são escravatura, destruição humana, guerra universal.

Sense perception e fluidez no aqui e no agora.

O homem é uma mera criatura de sense perception.

Identidade, Razão, self, individualidade, são meras ilusões. O segundo nível de entendimento de materialismo dialéctico é complexo em toda a sua simplicidade mas simples em toda a sua complexidade; algo que é típico a qualquer sistema dialéctico. A doutrina assenta, efectivamente, na *ideia* de que o homem não é mais que pura e simples matéria. É um mero corpo, um conjunto agregado de carne e de nervos, desprovido de alma, de Razão, de qualquer realidade mental ou existencial que não aquela que é imediatamente acessível aos sentidos, a percepção sensorial no mero aqui e no mero agora (a *sense perception* da filosofia dialéctica). É, portanto, uma mera entidade flexível, plástica, impermanente, eternamente mutável, em contínuo estado de fluxo pelas circunstâncias da sua existência material. Neste mundo conceptual, é evidente que identidade, individualidade, *self*, Razão, só podem ser meras ilusões, meros constructos que o homem inventa, panaceias mentais que servem para dar alguma forma de estabilidade referencial ao fluxo pelo aqui e pelo agora.

"A única verdade é que não existe verdade" [oximoro – os pés de barro da estátua].

A única ideia universalmente válida é a de que não existem ideias universalmente válidas.

A única verdade é que não existe verdade. Uma vez que o homem material é fluido e eternamente mutável, o mesmo é verdade para a totalidade da sua actividade mental. Todas as ideias e afirmações de valor que o sujeito pode cultivar são tão plásticos e fluidos como ele próprio. São invenções mentais, formas de dar resposta pragmática a problemas que surgem num determinado tempo e num determinado lugar. Por outras palavras, surgem em função das condições materiais de existência do sujeito. Carecem de existência objectiva própria, existindo apenas nas cabeças daqueles que as originam e proclamam; todas as ideias são inteiramente *subjectivas*. Tudo isto significa que *não existem valores ou ideias que sejam válidos para todos os tempos e para todos os lugares*. Ou seja, nenhuma ideia tem *validade universal*: não existem ideias cuja validade seja universalmente demonstrável, independentemente da vontade dos sujeitos (princípios e axiomas). Todas as ideias são subjectivas e não é possível dizer que uma ideia é mais ou menos válida que qualquer outra. Nenhuma ideia é mais ou menos verdadeira. *A única verdade é que não existe verdade*.

Ideias que pretendem destruir todas as restantes.

I.e. a filosofia é alicerçada em oximoros, auto-contradições – só o tolo voluntário entra. É claro que, até aqui, só mencionámos ideias, os pilares ideológicos da filosofia. Todas estas ideias são bastante *axiomáticas e normativas*. Todas elas têm pretensões de universalidade, de veracidade (verdade), de validade transversal a todos os tempos e a todos os lugares. São ideias universais. Mas, são ideias universais que negam a existência de ideias universais; ou, dito de outra forma, ideias universais que pretendem instaurar a rejeição de *todas as restantes ideias universais*. Portanto, encontramos os pés desta filosofia neste efeito oximórico. Este é o *sine qua non* dos sistemas dialécticos. Estão sempre alicerçados numa auto-contradição, numa impossibilidade lógica. É algo que funciona quase como um aviso legal, algo que parece dizer, "*entra por tua conta e risco; mas estás avisado que toda a estrutura é alicerçada em auto-contradições impossíveis – em mentiras*". A estátua tem uma cabeça de ouro mas os pés são feitos de barro. Quem coloca as suas esperanças em tal estrutura é um tolo voluntário.

Verdade e justiça trocados por *utilidade*; racionalização de falsidade e de crime.

Verdade não existe (por ser um axioma) – apenas ***utilidade*** (também é um axioma).

Isto é, a saga oximórica continua. Se os valores e as ideias surgem como conceitos fluidos para resolver questões pragmáticas (problemas materiais situacionais), como é argumentado pela estrutura dialéctica do materialismo dialéctico, isto significa que não existe *verdade*, apenas *utilidade*. Uma ideia não pode ser *verdadeira*, na medida em que, para o ser, teria de ter validade demonstrável, transversal, a todas as eras e a todos os lugares. Mas isso contradiria o axioma básico do materialismo dialéctico. Uma ideia só pode ser *útil*. Isto é, tem utilidade pragmática para resolver questões no aqui e no agora. Mas é claro que para negar a ideia axiomática de verdade (por ser axiomática, portanto "impossível") e substitui-la pela ideia igualmente axiomática de utilidade é apenas mais um oximoro em tudo isto.

2+2 não é necessariamente igual a 4 – depende do sujeito e da utilidade contextual. Se afirmarmos que 2+2 é igual a 4, não o podemos fazer como uma afirmação de *verdade aritmética* (não existe verdade). Podemos fazê-lo como uma afirmação de validade utilitária; neste contexto, para este sujeito, é *útil* considerar que 2+2 é igual a 4. O mesmo pode não ser verdade (oops) para outro contexto, com outro sujeito, que pode achar mais útil considerar que 2+2 é igual a 22 ou, quem sabe, a 10M. E isso é válido. Se não existe verdade, só utilidade, então é o sujeito que decide o que lhe é mais útil e isso é sempre válido.

Aquilo que hoje é verdade, amanhã é mentira – eu não sou responsável pelo que faço.

Crime e mentira não o são – são mero, legítimo, pragmatismo situacional.

Uma filosofia elaborada por e para criminosos. Podemos agora sair do campo da aritmética e ir para algo mais consequente. O que hoje é verdade, amanhã já não precisa de o ser. Eu não sou responsabilizável pelo que faço. É tudo uma questão de utilidade. Posso mentir sem achar que estou a *mentir* (um conceito pesado); estou apenas a actuar com base em juízos situacionais de utilidade. É uma atitude legítima pela qual ninguém me pode criticar. Se o fizer, não sou um mentiroso; sou um pragmatista, o que tem um certo *elan*. Posso reinventar a verdade dos factos à minha vontade, a cada momento que passa. Da mesma forma, posso cometer todo o tipo de crimes, na acepção de que *não são crimes*; são actos situacionalmente justificáveis (não existem standards válidos e fixos). Defraudar, roubar, torturar, assassinar; todas estas coisas são válidas (boas), se me forem *úteis*. O pequeno criminoso e o regime autoritário agradecem a Karl Marx. Foi, aliás, a pensar nestas pessoas que a filosofia foi colocada a circular.

Uma arma intelectual contra racionalidade e acção moral.

Uma filosofia de mero nonsense sofístico.

A filosofia visa apenas destruir os conceitos de verdade e de justiça, trocá-los por "utilidade". A única verdade é que não existe verdade. A única ideia verdadeira que existe, é a de que não existem ideias verdadeiras. A única medida de valor válida é a de que não existem medidas de valor válidas. Todas as construções conceptuais são subjectivas, nenhuma é objectiva. Esta é a única construção conceptual objectiva que existe, para todos os tempos e todos os lugares. Uma colecção de oximoros e de auto-contradições. Tudo isto pode ter bom aspecto, *à* superfície, mas resume-se a puro e simples absurdo sofístico.

Uma ideologia autoritária, para legitimar uso arbitrário de poder. "Verdade" e "falsidade" são substituídos por "utilidade" e por "inutilidade". É claro que o conceito de *utilidade* é, aqui, axiomático. *Verdade* é impossível e deve ser abolida. Utilidade situacional é tudo o que fica. Isto, claro, diz-nos algo sobre a

mentalidade que delineia esta filosofia. A filosofia *não é verdadeira* (é um monte de nonsense oximórico) mas é *útil* (para procurar destruir os conceitos de verdade e de acção justa, moral). É, como todas as filosofias dialécticas, uma ideologia oligárquica, uma ideologia de estado, que existe para legitimar o exercício arbitrário de poder. Quando verdade é opcional e justiça pode ser tornada irrelevante, isso significa que os detentores de autoridade têm a estrada aberta para fazer tudo aquilo que queiram.

Lord Bertrand Russell, adepto da filosofia, explica que é pura desonestidade oligárquica.

"The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's 1984". *Materialismo dialéctico* também pode ser chamado de *pragmatismo*. São uma e a mesma filosofia, sob diferentes nomes, como habitual na dialéctica – o mesmo produto é reciclado dezenas de vezes sob diferentes termos. Vale a pena ler aquilo que foi escrito por Lord Bertrand Russell sobre o assunto ("The Impact of Science on Society", 1953). Lord Russell era um homem muito perverso, um inimigo da humanidade *per se* e um proponente da disseminação deste tipo de filosofia: «*This philosophy has two aspects, one theoretical and the other ethical. On the theoretical side, it analyzes away the concept "truth," for which it substitutes "utility." It used to be thought that, if you believed Caesar crossed the Rubicon, you believed truly, because Caesar did cross the Rubicon. Not so, say the philosophers we are considering: to say that your belief is "true" is another way of saying that you will find it more profitable than the opposite belief. I might object that there have been cases of historical beliefs which, after being generally accepted for a long time, have in the end been admitted to be mistaken. In the case of such beliefs, every examinee would find the accepted falsehood of his time more profitable than the as yet unacknowledged truth. But this kind of objection is swept aside by the contention that a belief may be "true" at one time and "false" at another. In 1920 it was "true" that Trotsky had a great part in the Russian Revolution; in 1930 it was "false." The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's "1984"*»

[o fluxo mental do *doublethink*, no 1984, é inteiramente baseado em materialismo dialéctico].

Dialéctica confunde *substância* com *forma* para originar perspectivismo extremo.

Subjectivismo radical. A questão essencial em qualquer sistema epistemológico reside no processo de construção de conhecimento; quais são as condições pelas quais apreendemos a realidade, o mundo em redor. Esta questão refere-se à relação entre sujeito e objecto: o sujeito que apreende e conhece o objecto, i.e., um ou mais elementos da realidade. Como já foi visto, o materialismo dialéctico faz a afirmação axiomática que todas as ideias e concepções em existência são geradas pelo sujeito; são puramente subjectivas e utilitárias. Uma ideia é sempre algo que caracteriza um ou mais objectos, sejam eles concretos ou abstractos. Se eu pegar numa pedra, a primeira ideia a que posso aceder é precisamente essa; isto é uma pedra, e tem existência independente de mim, e de qualquer outro sujeito. É algo que em que

posso mexer, sentir que é duro, ver que tem uma dada cor, ouvir o barulho que faz quando cai ao chão. Marx diria que eu estou inteiramente enganado. Aquilo que entendo como um objecto dissociado da minha pessoa, uma "pedra", é apenas um conteúdo arbitrário de percepção consciente, ao qual tento atribuir um significado palpável. Percepciono algo e preciso de lhe dar sentido. Para resolver este dilema circunstancial, associo o conceito "pedra" ao objecto de percepção, com base em condicionamentos aprendidos. Mas o objecto em si não tem existência independente, continuaria Marx. Ou, se o tem, isso é irrelevante. Tudo o que eu posso conhecer é o conceito "pedra", uma ideia que tenho na minha mente e que é inteiramente subjectiva, contextual, circunstancial.

Isso só acontece quando se confunde ***substância*** com ***forma***. Aqui, deveria lembrar-se a Marx que é preciso *não confundir forma com substância*. A *substância* é o objecto concreto pedra, que tem qualidades físicas que são fixas e objectivas. Essas qualidades são mensuráveis e sistematizáveis em qualquer tempo e em qualquer lugar, por qualquer observador honesto, sob condições perceptivas normais. Diferentes observadores podem usar termos diferentes (a *forma*) para categorizar essas qualidades. Isso varia com a cultura e com as restantes circunstâncias de existência dos observadores. Para um observador, o objecto é uma "pedra cinzenta", para outro é uma "gray stone", mas isso é irrelevante; o objecto é o mesmo e é independente dos observadores. O objecto é factual, objectivo, independente da minha existência (ou da minha consciência) e é dotado de qualidades que são igualmente *factuais*.

Marx diria que o mundo é mais interessante quando se confunde substância com forma.

Isso permite reinventar o real, "liberta" o sujeito para mentir, fabricar, distorcer. Marx ficaria indignado e diria que eu tenho uma mentalidade burguesa. Só alguém com tal mentalidade pode não querer confundir substância com forma. O mundo é mais interessante, mais imprevisível e psicótico (e isso é *útil*, para o filósofo dialéctico), quando não se faz uma distinção entre ambas. Depois continuaria para afirmar que eu tenho de me *emancipar* da minha necessidade de compreender o objecto como estando dissociado de mim mesmo. Tudo o que interessa é a minha interpretação subjectiva do objecto; não a realidade do objecto em si. A minha interpretação subjectiva não tem de estar ligada a qualquer asserção de verdade factual sobre o objecto em si. No caso da pedra, tenho de me emancipar da minha necessidade de compreender a sua natureza física real. Isso liberta-me. Posso dizer que a pedra é líquida, ou que a vi voar em ziguezagues. Posso depois passar esse *modus operandi* para tudo o resto. Posso mentir a alguém sobre *factos* que aconteceram, e dizer a mim mesmo que não estou a mentir. Estou apenas a emancipar-me da objectividade dos factos e a redefinir esses factos à luz da minha própria subjectividade, de acordo com um critério *legítimo* de utilidade pessoal (é-me útil que a outra pessoa não saiba a verdade dos factos). Por outras palavras, estou a fazer um *mindjob* de falsidade a mim mesmo e a usar isso para espalhar falsidade em redor.

Fabricar, reinventar, mentir, distorcer (2). Mas Marx procuraria colocar esta última afirmação em termos bastante mais académicos. Diria que a existência de uma relação objectiva entre sujeito e objecto revela

que o sujeito ainda não aceitou a sua condição puramente material, existencial, dialéctica, subjectiva. Se a tivesse aceite, entenderia que a forma é a substância (ou, no mínimo, substitui a substância) e que, por conseguinte, não existe um objecto dissociado do sujeito (ou, se existe, o mesmo não é relevante). Só existe aquilo que o sujeito pode apreender e fabricar em si mesmo – *o subjectivo*. A postulação de uma relação entre um sujeito e um objecto apreendido que é postulado como sendo exterior, expressa *alienação* sentida em relação a esse objecto; o objecto não é entendido como algo que *só existe no sujeito*; é subjectivamente entendido como estando objectivamente separado, *alienado*, do sujeito, e o sujeito dele. Quando o sujeito puder emancipar-se da *substância*, para se devotar apenas à *forma*, está *emancipado do real* e pode reinventar o real a seu bel-prazer, de acordo com julgamentos de utilidade pragmática.

O real torna-se plástico e flexível; a **Oceânia sempre esteve em guerra com a Eurásia**. *O real torna-se plástico e flexível, quando já não precisa de ser real*. A partir do momento em que eu ultrapasso a minha alienação para com a reinvenção do real, o real passa a ser aquilo que eu *digo*. Hoje, a Oceânia sempre esteve em guerra com a Eurásia; mas, ontem, sempre esteve em paz com a Eurásia. A união socialista é o paraíso dos trabalhadores, nunca cometeu genocídios internos, tem os maiores índices de produção da história humana. É preciso usar guerra internacional em larga escala para trazer paz internacional em larga escala – guerra é paz e paz é guerra. Salvar a economia implica saquear a economia. Destronar os bancos implica dar-lhes mais poder que nunca antes. Uma pessoa não é uma pessoa (substância); é a sua aparência, ou um rótulo (forma). Aquilo que aconteceu ontem à tarde nunca aconteceu. Por outras palavras, aquilo que eu digo torna-se um facto existencial, pelo simples facto de o *dizer*. O verbo torna-se o real, o que significa que eu assumo poderes divinos; a meus olhos e aos olhos de quem seja tolo o suficiente para dar credência ao meu irracionalismo.

Karl Marx e a rejeição de direitos humanos.

Marx despreza a ideia de direitos humanos: "expressam alienação entre pessoas". Depois, Marx avançaria para relações humanas e sócio-políticas. Citar-me-ia "Die Jüdenfragge", "A Questão Judaica", o seu (vital) ensaio de 1844. Recorrendo a esse ensaio, falar-me-ia dos direitos constitucionais da Revolução Francesa: liberté, egalité, sureté, proprieté. Começaria por deplorar a existência de direitos constitucionais ou humanos *per se*. Dir-me-ia que expressam *alienação do homem para com os restantes homens*, do sujeito para com os restantes sujeitos: os objectos humanos apreendidos. O sujeito que sente a necessidade de decretar algo como direitos individuais está a estabelecer uma divisória entre ele e outros homens. Existe algo que *não pode ser feito*; existe uma *negação*. Essa negação impõe um *rift* entre sujeitos, algo que é *per se* angustiante. Marx diria que a distinção entre sujeitos tem de ser abolida; que os sujeitos só são emancipados a partir do momento em que quebram toda e qualquer divisória entre si.

Há que criar um mundo fusional, no mental e no físico (engenharia psicossocial e a comuna). Tudo isto implica que as condições de existência dos sujeitos têm de ser radicalmente alteradas: todas as condições

que levaram os sujeitos a entender (e, consequentemente, a institucionalizar) alienação epistemológica entre si. [Ou seja, não existe objecto exterior ao sujeito, mas existem *condições objectivas de existência* exteriores aos sujeitos, que os moldam e às suas percepções, crenças e expectativas – outra ideia oximórica]. Quebrar todas as divisórias entre sujeitos implica a integração conjunta num espaço subjectivo – mental e físico – que seja inteiramente fusional; um espaço no qual não existam quaisquer separações ou divisórias. É vital reinstituir a comuna medieval, onde todos estão empilhados sobre todos; e onde todos são iguais (na sua miséria). Mas a fusão não pode ficar pelo físico; tem de estender-se ao mental. Isto implica, uma forma ou outra de comunização mental; estandardização mental. Essa é a essência de emancipação marxiana: engenharia psicossocial.

Liberté, proprieté, egalité, sureté – inaceitáveis.

"Homem tem de voltar à Idade Média para se emancipar da emancipação da Idade Média".

I.e. autoritarismo e a comuna medieval [mas fazer com que as pessoas ***gostem*** disso]. Depois, Marx reforçaria todas estas ideias com uma listagem dos vários *droits de l'homme*. Sobre *liberté*, dir-me-ia que significa o direito humano de estar separado, insulado, atomizado dos restantes sujeitos. É o direito essencial do "homem egoísta", aquele que não está imerso numa relação fusional com todos os restantes humanos. Esse egoísmo seclusivo expressa-se, claro, em *proprieté*: quando eu tenho a minha própria casa, o meu próprio terreno, as minhas próprias roupas, os meus próprios utensílios, isso é uma expressão do meu egoísmo. *Egalité* é o direito de todos entrarem neste pathos *bourgeois* sob condições iguais perante a lei. *Sureté* é o direito de todos fazerem isto com seguro/segurança, ou seja, com uma garantia externa e fiduciada de que o vão conseguir fazer. Ao que eu lhe poderia perguntar: estes não são critérios essenciais de *emancipação* humana? Afinal de contas, as pessoas médias tiveram de lutar por eles, obtê-los, de forma a obter emancipação da degradação esclavagista sob o qual viveram ao longo da generalidade da história civilizacional – com destaque para a era medieval, com as suas comunas. Poderia falar-lhe dos negros na América, nesta altura a breves anos da Guerra Civil; eles não devem ter o direito a *emancipar-se* da plantação comunal e da sua própria escravatura? Ao que ele me diria, seráfico, que *a única forma de obter emancipação da era medieval seria pela emancipação das vitórias parciais obtidas sobre a Idade Média*. Ou seja, mais um oximoro pretensioso, que afirma que, para obter emancipação da Idade Média é preciso obter emancipação da alienação entre os sujeitos e a Idade Média; por outras palavras, é preciso voltar à Idade Média – à comuna medieval – e fazer com que as pessoas *gostem* disso.

Marx faria depois observações jocosas, misantrópicas, racistas. Para rematar a questão, Marx poderia mencionar que ia a Manchester para visitar a fábrica de têxteis do seu colega Friedrich Engels. Faria um comentário jocoso sobre o modo como o trabalho escravo na Confederação mantinha baixos os preços do algodão de Manchester. Lembraria que tudo isso é importante para trazer estandardização global; a forma mais rápida de globalizar é à base de brutalidade de mercado, diria. O comentário incluiria um conjunto de inuendos racistas, algo de bastante habitual em Marx. Karl Marx era um homenzinho muito baixo,

mesquinho e racista. Os seus seguidores também mas, em bom estilo dialéctico, aprenderam a disfarçar a misantropia com retórica.

<u>"Emancipação é a negação de todos os 'não farás', a negação da negação"</u>.

<u>Escravizar, defraudar, roubar, assassinar, é aqui o propósito</u>. O significado marxista de *emancipação* estaria, assim, definido. Emancipação não expressa a obtenção de direitos políticos ou sociais; esses direitos são, per se, negativos, uma vez que expressam alienação entre este e aquele indivíduo, entre este e aquele grupo. Emancipação, Marx dir-me-ia, é a negação de toda e qualquer alienação. É a negação de todo e qualquer "não farás", a negação da negação. *A única coisa que não farás é "não farás"*. E é a negação de toda e qualquer separação entre um qualquer sujeito e um qualquer objecto. "*A única verdade objectiva que afirmarás é a não-existência de verdades objectivas*" (deixando de fora as sempre presentes *condições objectivas de existência*, claro). Marx pensa e age como um oligarca. Pretende chegar a um sítio e servir-se à vontade de tudo o que encontrar. Fazer o que lhe apetecer, cobiçar por cobiçar, escravizar, roubar, matar. Se alguém lhe disser que isso é errado, ele recorrerá a *nonsense* retórico para legitimar os seus vários crimes.

<u>Sucessores de Marx complementam sofística filosófica com sofística psicológica</u>.

<u>Ter princípios morais é uma forma de "neurose", e a culpa tem de ser "curada"</u>.

<u>Aí, homem será "livre" para ser criminoso</u>. Décadas depois, os seus sucessores complementam este *nonsense* retórico com *nonsense* psicológico, sob a ideia de neurose moral. A pessoa é limitada na sua emancipação se tiver "rigidez moral", i.e. segue e cumpre "não cobiçarás aquilo que é do próximo", "não roubarás", "não matarás", etc. Isso impede a plena libertação de eros no acto da perpetração criminosa e torna a pessoa julgamental perante os crimes alheios. A pessoa tem, portanto, de aprender truques mentais para "curar a culpa" e para "curar a sua tendência para julgar os crimes dos outros" [é claro que tudo isso pode ser assistido pela introdução de drogas estuporantes, i.e. psicotrópicos]. Quando se "curar" da Razão e da consciência moral (é o que está aqui em causa), quando se auto-mutilar desta forma, poderá ser livremente criminosa e deixará que os outros sejam igualmente criminosos. Assim será feliz; até ser assassinada por um dos outros, num qualquer momento de libertação irrestrita de eros.

Dialéctica repudia ciência <u>*real*</u>, racionalidade – institui a arte obscura da "ciência dialéctica".
"Ciência" é um dos termos favoritos de Karl Marx, dos seus sucessores e, claro, dos seus predecessores.

<u>Sob dialéctica, ciência é apenas algo que serve para controlar a mente pública</u>. [Neste último capítulo (predecessores), encontramos gente como Saint-Simon e Comte, que expressaram a sua necessidade de travar a ciência moderna, censurá-la, reduzi-la a um ninho de cucos para obscurantistas tecnocráticos. No mundo destas pessoas (similar ao de Marx), só restaria a ciência que desse aos governadores o poder de

controlar o público. Para isso, haveria uma única ciência ultra-integrativa (de carácter psicossocial). O formato é o mesmo para todos os autores utópicos desde então; esta é uma gente de ideias fixas].

<u>A dialéctica repudia a ciência ***real***, baseada em métodos Racionais</u>. Marx começaria por dizer que a ciência é essencial para o progresso humano. A afirmação é verdadeira. Afinal de contas, a família humana média só pode alcançar mais e melhores níveis de prosperidade se estiver na posse conhecimento válido sobre a realidade em que se move. Mas depois Marx falaria de "emancipação humana" e este é o ponto de alarme, dada a distorção pervertida que Marx faz do conceito de emancipação. É preciso compreender o que é entendido como "ciência", sob materialismo dialéctico. Sob a dialéctica, ciência não é a procura da verdade objectiva dos *factos*. Sob dialéctica, não existem *factos*, na qualidade de entidades objectivas, com existência independente de qualquer sujeito, estudáveis e apreensíveis através de metodologia racional, sistemática, empírico/dedutiva. Isto, claro, é ***ciência*** propriamente dita. A ciência propriamente dita usa métodos Racionais. É aceite que o real é governado por princípios e por axiomas de verdade factual, de veracidade, i.e. existe algo como *verdade dos factos*. Esses princípios e axiomas podem e devem ser determinados. Para isso, recorre-se ao uso sistemático, honesto e transparente de metodologias hipotéticas, empíricas, dedutivas e até, em certas instâncias, indutivas. Existem factos independentes e objectivos, que podem ser estudados, compreendidos, sistematizados. Esses factos são acessíveis a todos os sujeitos que, pelo uso de métodos estandardizados, podem replicar e testar observações, de forma a confirmar ou a desconfirmar hipóteses e teorias. Em ciência, a opinião do sujeito é irrelevante; só conta a *verdade demonstrável dos factos*. Em ciência, não existem teorias ou hipóteses que sejam inquestionáveis. Todas estão abertas a um processo independente, transparente e sistemático de teste.

<u>Ciência ***real*** atacada pela dialéctica por ser limitativa (não permite ***distorcer*** e ***mentir***)</u>. Esta "ciência burguesa" (ciência) é atacada por entrar no grande "pecado original" que a dialéctica atribui ao pensamento "burguês" e "judaico-cristão" (racional); esse pecado original é a alienação entre sujeito e objecto. O sujeito tem de se livrar dessa alienação, de forma a ser livre para reinventar o objecto à sua própria medida, para plasticizar e reinventar o real; e para impor depois essa nova versão ao mundo real propriamente dito. O pensamento "burguês" e "judaico-cristão" (racional) é demasiado inflexível (honesto) para usufruir dessa liberdade (inventar, mistificar, distorcer, mentir). Isto é inaceitável, para a mente criminosa. Portanto, o conceito de "ciência" é reinventado, para dar origem àquilo a que chamaremos de "ciência dialéctica".

<u>Ciência ***real*** denunciada como "burguesa", "judaico-cristã" (elogios)</u>. É preciso ser um autor dialéctico (i.e. um mentiroso profissional) para dizer que ***ciência real*** é afinal falsa e sequestrar o termo para fins obscuros. Portanto, ciência real é rotulada de "ciência burguesa" e "ciência judaico-cristã" (o que é quase um elogio, em qualquer um dos casos).

<u>"Ciência dialéctica": arte mágica de subjectivismo para distorcer, mentir, fabricar</u>. "Ciência dialéctica", pelo contrário, é uma forma de arte mágica, que situa a determinação de verdade científica na ponderação

de opiniões subjectivas não validadas. É feito o truque sofístico anteriormente explicado. É dito que a verdade objectiva dos factos é irrelevante. Tudo o que interessa é a *relação*, a síntese, que é estabelecida entre sujeito e objecto; i.e. a verdade subjectiva dos factos. Para evitar alienação e obter emancipação, no domínio epistemológico (i.e. para ter licença para mentir, inventar, fabricar, distorcer), é essencial que o objecto nunca seja estudado a partir de uma metodologia racional; algo que impõe um princípio de realidade, alienando o sujeito do objecto (da reinvenção do objecto). Um objecto só pode ser estudado a partir da sua condição de *facticidade*, i.e. a sua condição de facto subjectivo, relatado pelo sujeito (*facticidade* é um termo posterior a Marx, que surge para substituir o termo *factualidade*, no processo científico).

Coloca a *relação*, o factor humano, o capricho, no centro do processo científico.

Coloca variáveis extrâneas no centro do processo. O processo "científico" dialéctico centra-se na recolha de opiniões subjectivas. Não é necessário que estas opiniões sejam testadas e demonstráveis, a não ser que haja a necessidade de *show off* para obter credibilidade pública; e, mesmo aí o teste deve ser fraudulento e distorcido, para "provar" a subjectividade que é favorecida. Na forma pura de "ciência dialéctica", a procura de qualquer forma de objectividade é algo de negativo, uma forma de alienação que tem de ser ultrapassada. É preciso total liberdade para reinventar o real, inventar e distorcer factos.

Usa métodos racionais apenas se os puder distorcer e instrumentalizar. A ciência (racional) procura eliminar todas as variáveis subjectivas (variáveis extrâneas); a "ciência dialéctica" coloca-as no centro do seu "processo científico". Este processo ocorre por meio de relatos, conversas, entrevistas, deliberações conjuntas, etc. A ciência (racional) pode fazer uso de métodos como a entrevista ou o relato, mas apenas como complementos estritamente controlados a métodos bastante mais objectivos e sistemáticos. Um *self-report* pode funcionar como um complemento válido a outros métodos no processo de determinação de verdade científica, mas nunca é suficiente para obter uma conclusão válida *per se*. Sob "ciência dialéctica", os métodos objectivos e racionais são considerados acessórios, na melhor das hipóteses, quando não inteiramente irrelevantes. Regra geral, são apenas usados quando podem ser distorcidos e deturpados, de forma a "provar" as invenções sofísticas que dominam o processo. É um habitual registo de *show off*, pelo qual se procura transmitir a aparência de método científico ao processo.

Dialéctica repudia ciência: o e.g. do aquecimento global.

O exemplo da astrociência do **aquecimento global**, tipicamente dialéctica.

[A arte obscura de Al Gore e o Manbearpig]. As ciências sociais incorrem continuamente no anterior. A pseudociência do aquecimento global é um dos exemplos mais paradigmáticos deste tipo de funcionamento. Essa pseudociência é devotada a provar o "consenso" que foi definido no início dos 90s, entre umas poucas centenas de cientistas IPCC (dois terços dos quais retractaram essa posição desde

então e, saíram da organização). Este campo é estritamente baseado no uso de modelos lineares de previsão matemática, elaborados com base num conjunto extraordinariamente limitado de variáveis; um microcosmo conceptual centrado à volta da relação entre gases de estufa e temperaturas. Os dados que alimentam os modelos são deturpados e fraudulentos (e.g. os escândalos recentes com o CRU e o NOAA, pelo cultivo deliberado do "urban heat island effect" e pela eliminação de milhares de estações "frias" dos registos globais de temperaturas; ou com o GISS/NASA, pelo uso de satélites de medida enviesados em muitos factores). Depois, recorre a axiomas fraudulentos – e.g. aumento de CO2 leva a aumento de temperatura; *a relação inversa é verdadeira*, no mundo físico, no mundo real. Os modelos deixam de fora a influência do Sol, das nuvens, dos campos magnéticos em redor da Terra, da radiação cósmica, dos oceanos. Todas estas variáveis são essenciais para a determinação do clima; os gases de estufa são uma variável absolutamente marginal na produção do clima terrestre, por comparação com as oscilações da actividade solar ou com a memória oceânica. Deixar estas variáveis de fora é algo como estudar a economia apenas pela contabilização de receitas fiscais; i.e. um método iletrado e fraudulento. Mas, como seria previsível, o estudo físico de *todas* estas variáveis *desconfirma* a hipótese de aquecimento global antropogénico. O máximo de aproximação entre o establishment IPCC e o mundo real, físico, ocorre sempre que faz Verão no hemisfério norte; aí, é feito o aviso de pânico de que o Ártico está a derreter (o que acontece todos os Verões; recongela no Inverno). No entretanto, o próprio East Anglia/CRU (o principal centro de "investigação" para o IPCC) já teve de admitir, após inúmeros escândalos, que o planeta não tem qualquer aquecimento desde 1995. Porém, isso de pouco parece interessar, na máquina circense mediática. Há que impor a economia de derivativos carbónicos, dê por onde der.

"Ciência dialéctica" e a fabricação de "consenso científico".

<u>Resumo</u>. O processo de consensualização que marca a produção de "ciência dialéctica" exige que qualquer opinião tenha de ser considerada como sendo igualmente válida; uma "opinião científica" não tem de trazer consigo o ónus do teste ou da verificabilidade. As várias "opiniões científicas" são depois ponderadas, balanceadas entre si, equilibradas num MDC, que se torna a "verdade científica consensual", o "consenso científico". Como explicado no ponto anterior, é possível que existam instâncias nas quais as "opiniões científicas" sejam complementadas com *hard data*; sob o paradigma dialéctico, é exigido que esse *hard data* seja moldado (deturpado) para *confirmar* o processo de consensualização (quando não o "consenso científico" que é desejado à partida). Porém, sob "ciência dialéctica" *pura* não existe qualquer lugar para *hard data*. Tudo o que interessa e releva são as diferentes "opiniões científicas" dos participantes; que bem podem ser meros delírios e puras fantasias.

<u>Centramento em subjectividade para obter total liberdade de mentir, fabricar</u>. O processo "científico" dialéctico centra-se na recolha de opiniões subjectivas. Não é necessário que estas opiniões sejam testadas e demonstráveis, a não ser que haja a necessidade de *show off* para obter credibilidade pública; e, mesmo aí o teste deve ser fraudulento e distorcido, para "provar" a subjectividade que é favorecida. Na forma

pura de “ciência dialéctica”, a procura de qualquer forma de objectividade é algo de negativo, uma forma de alienação que tem de ser ultrapassada. É preciso total liberdade para reinventar o real, inventar e distorcer factos.

A obsessão psicopolítica com consenso universal. Segundo Marx, uma única perspectiva subjectiva não é necessariamente suficiente para obter uma conclusão científica. A ideia é obter a participação de muitos sujeitos; as opiniões de todos são recolhidas, processadas, sintetizadas, numa opinião consensual. Quanto maior o número de sujeitos, tanto maior o grau de qualidade do processo. Não porque haja a preocupação racional em obter uma amostra representativa; apenas porque Marx é guiado pela obsessão psicopolítica com a obtenção de consenso universal.

Qualidade torna-se quantidade – consenso. Logo, para existir qualidade tem de existir quantidade; neste particular, uma e outra não estão em antítese; quantidade torna-se qualidade (apenas uma das instâncias em que isto acontece, sob a dialéctica). Isto significa que a medida de qualidade na averiguação “científica” de um objecto subjectivo é a quantidade de sujeitos que fazem apreciações subjectivas sobre esse objecto. Essas apreciações são depois processadas na obtenção de um consenso.

Consenso radicado na obtenção de mínimo denominador comum (MDC).

MDC é o “consenso científico”, mesmo que seja puro nonsense (geralmente é). Cada qual tem a sua própria perspectiva subjectiva sobre o objecto e é plausível, senão provável, que estas perspectivas vão diferir entre si. Portanto, é preciso encontrar um mínimo denominador comum (MDC) entre perspectivas que são comunicadas; esse MDC é a “verdade científica” facticial, contextual, consensual. É claro que esta “verdade científica” representa o mais puro nonsense; só por mera coincidência poderá corresponder à *verdade factual*.

“Inquérito” (John Dewey): fabricar “verdade científica” a partir de nonsense. A este processo de encontro e deliberação de pontos comuns (MDC) entre perspectivas em “ciência” chama-se de “inquérito” (“inquiry”). Este nome é dado por John Dewey, um sucessor de Marx, que sequestra e distorce este termo da terminologia científica (racional). Um inquérito, em ciência dialéctica, não é uma procura pela verdade objectiva dos factos. Tal coisa não existe. É um processo dialéctico de ouvir, falar, encontrar pontos em comum entre opiniões subjectivas, e nomear as conclusões como “resultados científicos”.

Um método criminoso quando é usado em realidades consequentes para o público.

O sistema habitual em fóruns governamentais de “*decision-making* integrativo”. Isto tudo até poderia ser muito bem se acontecesse entre pessoas que procuram decidir o que jantar essa noite. Mas quando acontece para determinar “verdade científica”, para ser depois usada em *decision-making* político e afectar a vida do público, estamos na presença de algo que não é apenas irresponsável, mas também

criminoso. E, com efeito, este é o tipo de método que anima os vários fóruns de "*decision-making* integrativo", em governos regionais, nacionais, locais.

É normal que consenso final seja predefinido – aí, inquérito centra-se em facilitação. É claro que o inquérito não precisa de respeitar *todas* as opiniões individuais. Este tipo de ciência obscura é avançado por pessoas com mentalidade criminosa para alcançar propósitos criminosos. Portanto, é apenas normal (e extremamente frequente) que o consenso final já esteja decidido à partida, pela clique que organiza o "processo científico" [e é isso que é a dialéctica, e colectivismo]. Aí, o inquérito serve essencialmente para sondar opiniões, com vista a descobrir qual a melhor estratégia para mudar essas opiniões na direcção do consenso predefinido. O foco é colocado em *facilitação*, i.e. na manipulação das percepções e das opiniões dos vários participantes. A facilitação pode operar por persuasão amigável, por coerção violenta, por neutralização de fontes de oposição; segue o *rulebook* do crime organizado. Todos os fóruns integrativos de *decision-making* governamental contam sempre com forças organizadas de facilitadores, especializados em técnicas psicossociais específicas (e.g. triangulação, infantilização dos participantes).

Resumo do "processo científico" em "ciência dialéctica". O processo de consensualização que marca a produção de "ciência dialéctica" exige que qualquer opinião tenha de ser considerada como sendo igualmente válida; uma "opinião científica" não tem de trazer consigo o ónus do teste ou da verificabilidade. As várias "opiniões científicas" são depois ponderadas, balanceadas entre si, equilibradas num MDC, que se torna a "verdade científica consensual", o "consenso científico". Como explicado no ponto anterior, é possível que existam instâncias nas quais as "opiniões científicas" sejam complementadas com *hard data*; sob o paradigma dialéctico, é exigido que esse *hard data* seja moldado (deturpado) para *confirmar* o processo de consensualização (quando não o "consenso científico" que é desejado à partida). Porém, sob "ciência dialéctica" *pura* não existe qualquer lugar para *hard data*. Tudo o que interessa e releva são as diferentes "opiniões científicas" dos participantes; que bem podem ser meros delírios e puras fantasias.

O exemplo de um "inquérito policial científico" a um homicídio político.

E.g. "inquérito" policial ao homicídio político de um jornalista. Imaginemos que existe um comité científico de três "cientistas dialécticos" (aqui, inspectores policiais), que se devota a determinar a "verdade científica" sobre uma morte que ocorre aquando da explosão de um automóvel. Vai ocorrer um *inquérito*. Existe *hard data*, aqui considerado inteiramente acessório. Seja como for, esse *hard data* é o que se segue. A vítima era um jornalista polémico, com inimizades sérias a níveis empresariais e governamentais. Ao longo dos anos, tinha vindo a receber inúmeras ameaças de morte, de pessoas em lugares altos. Estava a trabalhar numa investigação importante (não dialéctica) sobre corrupção governamental, na altura em que a morte ocorre. Tudo isto acontece em circunstâncias misteriosas.

Acontece apenas horas depois de o jornalista avisar os colegas que está a ser ameaçado pelas autoridades e, a ser seguido pelas mesmas. A fatalidade acontece quando o jornalista conduz o automóvel a 70/80 km/h e choca contra uma árvore. O automóvel *explode de imediato*, enviando ondas de choque que são sentidas nas casas do outro lado da estrada; portas e janelas estremecem ostensivamente. A explosão acontece a partir da secção dianteira, ejectando peças inteiras da maquinaria (e.g. radiador) a dezenas de metros de distância. O automóvel era um modelo de alta qualidade (muito seguro), com uma excelente armação interior de protecção e todo o género de protecções contra este tipo de evento. Pura e simplesmente não "explode" com um choque frontal, muito menos de imediato (na prática, nenhum carro o faz, dessa forma; isso só acontece em ficção de Hollywood, para obter efeitos de espectacularidade) [*até aqui, temos uma versão muito aproximada dos eventos em redor do recente assassinato de Michael Hastings, o editor da Rolling Stone, que fez inimigos importantes no Pentágono*]. Depois, uma análise forense à fuselagem, revela a existência de marcas (peças, químicos) associadas a mini-mísseis de drones militares *Predator* (alguns estavam *deployed* nessa altura, sobre território civil; protecção integrada pós-moderna) [aqui, podia-se falar de uma mera bomba no carro, mas vamos tornar as coisas mais espectaculares, mencionando *Predator drones*].

A, homem honesto – B e C, "homens sábios" [sabem lamber a mão que os alimenta].

A tarefa do inquérito, para B e C, é a de desconfirmar a honestidade de A. O inquérito acontece entre três inspectores. Vamos imaginar que um deles, A, tem bons hábitos racionais e está interessado na determinação da verdade objectiva do caso. Os outros dois, B e C, são "homens sábios"; sabem quando se devem ajoelhar perante o poder, para lamber aquilo que os alimenta (uma mão, eventualmente). Sabem que o caso difícil que têm aqui em mãos não é a morte em si, mas sim o inspector A, que tem de ser desconfirmado da sua competência profissional e científica e do seu carácter moral. Este inspector A parece estar persuadido que tudo indica que houve um homicídio óbvio e que, o governo tem de ser investigado. Isso não pode ser e, B e C vão assegurar-se que isso não acontece.

Jogo dialéctico de posições. A estratégia é simples. O processo tem de funcionar por consenso. Portanto, começa-se por se estabelecer uma baseline de extrema vulgaridade, que estabelece uma antítese desconfortável com a visão de rigor científico. Depois, esse conflito é aliviado por uma terceira posição, aparentemente moderada e conciliatória.

B estabelece uma baseline de vulgaridade. É o inspector B quem estabelece a baseline. Segundo B, o jornalista (tratado como vulgo) ia "*bêbado*", chocou, o carro explodiu, fim da história. "*O tipo que morreu era um puto idiota, e depois estas coisas acontecem e temos trabalho*". "*O resto é conversa*" ("*e, já agora, há um jogo que está prestes a começar; vamos despachar isto*"). Esta é a "opinião científica" que advém de "*40 anos a lidar com casos deste género*". *Havia cá um novato que também queria fazer investigações ao governo, pois, isso não acabou nada bem*". "*Assentou, mas teve uns azares pelo caminho*".

C oferece um meio-termo de nonsense perspectivista. O inspector C oferece o meio-termo. A morte é suspeita, sim, mas temos de ter precaução. Talvez tenha sido um acidente. Talvez tenha sido um homicídio. É pouco provável que tenha metido o governo; isso não acontece, no mundo real. O governo só mata pessoas nos filmes. Aquelas marcas químicas são pouco relevantes. Alguém pode ter esfregado um pano contaminado com químicos no *capot* uns minutos antes, quem sabe? Nem vale a pena continuar por aí. Era preciso provar que tinha havido um drone na zona, que tinha disparado um mini-míssil e tudo isso parece tão surrealista. Ninguém vai ligar a isso. O carro explodiu, é estranho, mas paciência, as coisas acontecem. Talvez o modelo fosse defeituoso. Os testemunhos sobre ameaças de morte; bom, o orçamento já está muito esticado para este ano. Gastar muitos recursos com isso é um desperdício. Podemos fazer umas entrevistas, umas perguntas, mas é preciso ir com calma. Às vezes, as pessoas inventam histórias sobre ameaças de morte para ter atenção, ou para se tornarem conhecidas. E talvez o jornalista fosse paranóico, quem sabe?, e estivesse a imaginar coisas. E agora é difícil provar o que quer que seja. Mesmo que tenha havido vigilância policial, ou sinais de intimidação, não há registos. E é claro que não se pode ir por aí. Isso ia meter em risco as pessoas que fazem esse trabalho e o bom nome das autoridades (e, dito entredentes, é claro há dinheiro e há cargos e pessoas importantes a depender de tudo isso. E é por um bem maior. Vamos lá com calma). A melhor posição a tomar aqui é fazer umas perguntas, aqui e ali, mas provavelmente dar o caso como um provável acidente rodoviário. É claro, se no futuro (distante) vierem a surgir novos elementos de prova, coisas mesmo concretas!, reabre-se o caso.

Convém que A seja intimidado, para assumir a flexibilidade que o corromperá. É claro que convém que o inspector A seja ele próprio intimidado, de forma ambígua e incerta, com álibi, antes de todo este processo de inquérito acontecer. Isso deixá-lo-á num estado de predisposição a estar "aberto" a opiniões diferentes – a ser corrompido.

Tudo isto é materialismo dialéctico em acção e Marx ficaria orgulhoso.

Manipulação de necessidades sentidas, consenso dialéctico, reinvenção do real.

Utilidade passa por cima de verdade e de justiça. Marx ficaria extremamente orgulhoso se pudesse assistir a todo este processo de deliberação consensual. Isto é materialismo dialéctico em acção. Os sujeitos B e C reinventam a realidade física com base em *nonsense* subjectivo, desta forma alienando-se da negação que A lhes pretende impor; "aqui estão as provas físicas e são essas que contam". O sujeito A é um bourgeois alienado, que não aceita que todo o conhecimento apreendido é subjectivo, não universalizável, objectivável, ou sequer verificável. Toda a verdade que conta é aquela que resulta da formulação de *julgamentos subjectivos de utilidade contextual*. É materialmente útil para estes sujeitos, que o caso não seja homicídio e que o governo não seja responsável. E também é materialmente útil que o caso tenha sido, de facto, um assassinato governamental; e que o mesmo seja agora encoberto. Afinal, este jornalista era um *bourgeois* alienado que estava a ir contra a entidade central que é essencial para o avanço colectivo da humanidade (o governo). É preciso travar uma impiedosa e amoral guerra de Terror contra todos aqueles que são bourgeois alienados, como Marx aponta durante as revoluções de 1848.

O sujeito honesto aprende a tornar-se dissoluto, a abdicar de carácter.

O mundo gelatinoso da dialéctica pode continuar a arrastar-se em diante. Mas a cereja no topo do bolo é a habilidade com que foi estabelecida a verdade que está no meio, o consenso científico. É assim que se faz, diz Marx. O sujeito A foi persuadido a ser aberto, a emancipar-se, através do apelo às suas necessidades percebidas (i.e. foi intimidado e quer manter-se vivo). Este A pôde depois sentir alívio, porque lhe foi dada uma via plausível de emancipação da sua própria racionalidade; os argumentos de C foram relacionalmente agradáveis, estabeleceram uma síntese, um entendimento, harmonia. O sujeito A aprendeu a praticar inverdade (mentira), a estar aberto às verdades subjectivas de B e de C; essas são as *suas verdades* e A seria inflexível e intolerante (e perseguido) se não as validasse. Portanto, aprendeu a praticar a *negação da negação* ["'não farás' é a única coisa que não farás" – 'não mentirás'] e a emancipar-se da *verdade*, do *objectivo*, do *consequencial*. Aprendeu a fazer *jogo de ancas*; a ser gelatinoso, e isso é muito importante, porque é assim que queremos o mundo. Um mundo dialéctico é um mundo gelatinoso, sem carácter. Carácter é algo de fixo e de inflexível e isso não pode ser.

B e C podem sentir-se bem, na relação, ao serem validados na sua corrupção. Este é o processo correcto de investigação científica, diz Karl Marx. E é claro que os sujeitos B e C também se puderam sentir bem na relação, porque foram validados na ignorância subjectiva que demonstraram, na sua incompetência deliberada. E foram validados na realização das suas necessidades percebidas de sobreviver e de ser recompensados por um trabalho mal feito. Com efeito, B e C sobrevivem e avançam nas suas carreiras hierárquicas, como tende a acontecer com corruptos crónicos em *patocracias* (o termo que Lobaczewski atribui a sistemas imorais e sociopáticos).

"Controlo total sobre a matéria" [quando se controlam as mentes que interpretam a matéria].

"Controlo total sobre a matéria" é um tópico favorito da dialéctica. Um dos temas favoritos do materialismo dialéctico é a ideia de "controlo total sobre a matéria", algo que seria assegurado pelo estado mais progressista e mais avançado, o estado oligárquico totalitário.

Sob racionalidade, isso implicaria controlo real, efectivo, demonstrável. Quando alguém fala de "controlo total sobre a matéria", pode fazê-lo a partir do ponto de vista bourgeois. Pode alegar que, para que haja "controlo total sobre a matéria", é necessário que esse "controlo" seja mensurável e demonstrável.

Sob irracionalismo dialéctico, só depende da crença subjectiva consensual.

O controlo da mente é o controlo da matéria que a mente apreende.

Eu posso voar se todos ***acreditarem***, ***souberem interiormente***, que eu posso voar. O anterior é um erro e uma fonte de alienação, que expressa neurose subjectiva, sob materialismo dialéctico. Para que haja "controlo total sobre a matéria", basta que todos acreditem que esse controlo existe – e é tudo. Só o

consenso subjectivo conta. O materialismo dialéctico explica isto de forma bastante mais complexa. O que nos diz é que existe "controlo total sobre a matéria" quando, efectivamente, deixou de haver alienação entre entidades que são julgadas como objectos independentes. Quando o sujeito aceita que toda a matéria está *em si*, que é subjectiva, deixa de haver alienação, conflito; passa a haver síntese. E, aí sim, já não existe sequer a necessidade de haver "controlo", uma vez que "controlo" implica a existência de alguma forma de alienação entre o sujeito e um objecto exterior a "controlar", por ser exterior. Há "controlo total sobre a matéria" quando deixa de o haver; quando todos os indivíduos, o consenso universal, aceitam plenamente a sua subjectividade material partilhada. Se eu disser que consigo voar, e todos os outros afirmam que sim, que eu consigo voar, então é auto-evidente que eu consigo mesmo voar. E, quem pode usar métodos e argumentos bourgeois contra mim? Eu tenho controlo total sobre a matéria e consigo voar, contando que eu *saiba que sim* e que todos os outros *saibam que sim*.

A pessoa racional que negue que eu posso voar é inflexível, não-consensual, insana. Se, no mínimo denominador comum do consenso colectivo, todos acreditarem que eu posso agitar os braços e voar, então é claro que eu consigo fazê-lo. A pessoa *bourgeois*, racional, que procura desafiar o consenso colectivo; essa pessoa é obviamente não-normativa, inflexível, intolerante, insana.

O controlo da mente pública – a estrada para a Utopia.

"Ciência dialéctica" é antitética a ciência real.

Só usa métodos racionais se os puder distorcer para os seus fins obscuros. Como foi apontado antes, a "ciência dialéctica" é antitética a ciência real. Faz uso de métodos científicos reais apenas na medida em que podem confirmar ou avançar os seus vários propósitos; é um uso meramente utilitário e pragmático.

Isto passa essencialmente por controlo da mente pública: engenharia social, drogas, etc. O domínio essencial onde isto se aplica é na obtenção de eficiência social, coesão. Ou seja, estamos no domínio da engenharia psicossocial, do uso de drogas e de outras formas de tecnologia alienante (no sentido real do termo) "para acabar com alienação".

Acabar com "alienação" significa Utopia; Utopia é apenas o asilo mental universal. Este "acabar com a alienação" implica chegar ao consenso universal do ponto anterior, no qual existe controlo total sobre toda a matéria porque todos acreditam que sim. Esse é o "estado emancipado de toda a humanidade", no qual já não haverá a necessidade de recorrer a métodos racionais (a qualquer forma de racionalidade), em qualquer domínio da vida. A Utopia é, portanto, a emancipação universal do mundo real. Na Utopia, todos aqueles que existirem estarão demasiado destruídos mentalmente para conseguir sequer atar os atacadores sozinhos (algo que já acontece hoje com muitos seguidores destas filosofias). Terá havido emancipação total da "era evolutiva" prévia. Será a fase pós-humana, a fase na qual a humanidade já não tem a capacidade de *pensar* de forma racional e independente. Uma espécie de ninho de cucos

narcotizados. Toda a ideia aqui é a de criar a constituência de sonho de qualquer oligarquia: uma humanidade mentalmente trancada e incapaz; o gado humano perfeito. A Utopia é apenas e somente uma forma de asilo mental em massa.

Poucos foram suficientemente cândidos para colocar as coisas nestes exactos moldes. Os gurus psiquiátricos da WFMH ou, pessoas como HH Goddard, Lord Bertrand Russell, Sir Julian Huxley, são excepções mais ou menos importantes.

A *substância* real de Utopia, que é independente da *forma*. Essa é a s*ubstância* real de tudo isto; que é inteiramente independente da *forma* em que é apresentada. A grande arte da dialéctica é, uma vez mais, a de apresentar substâncias que são objectivamente intoleráveis por meio de formas que são tremendamente convincentes e aprazíveis ao observador subjectivo incauto.

O controlo da mente pública – Socialismo perfeito e Singularidade.

O estado socialista final "controla a matéria" porque controla o que todos pensam. O estado socialista final, emancipado do conceito de verdade, realidade e matéria objectiva, controla toda a matéria subjectiva, porque controla aquilo que todos pensam. Aliás, nem sequer controla. ***É*** – o estado é o colectivo e o colectivo é o estado, mesmo que não o seja (a verdade é opcional). O estado socialista total é o eidolon que substitui a realidade e que engloba tudo em si – zardoz, o deus criado pelo mágico. Todos estão emancipados e fundidos no estado, no colectivo – todos são o estado e o estado está em todos e em tudo, o grande deus panteísta. Este é o sistema de crenças.

Isto implica Singularidade, uma forma de fusão total (seja ela real ou imaginária). Agora, isto implica uma ou outra forma de Singularidade, a criação de uma entidade pela qual toda a "alienação" no real é ultrapassada no novo real do éter e da imaginação. Singularidade implica fusão universal entre todas as mentes e todos os domínios do "real", num só todo colectivo que é pós-humano (ou transhumano) e concilia em si os vários domínios da natureza, como Engels e Kautsky apontaram. Estes domínios são o humano, o animal e o mineral; a conciliação tem de actuar sobre os predicados destes domínios. Fusão de tudo com tudo, indistinção psicótica singular, utopia, "nirvana".

Singularidade pode ser entendida ao nível transhumanista, com uma "hive mind". Isto pode ser entendido a muitos níveis diferentes, e operar a muitos níveis diferentes. Pode ser expresso na criatura transhumana de Ray Kurzweil, o humano com genes animais e implantes cognitivos, fundida em "mind meld" numa enorme "hive mind", onde já não existe individualidade (Borg). E isso está nas cartas, a não ser que seja impedido (como tem de ser), pelo menos para uma tranche da humanidade.

Mas Singularidade *per se* significa apenas *bypass* à Razão, eros colectivo de união total. Mas é preciso entender que o conceito de Singularidade é bastante flexível e que o processo dialéctico nunca é linear e

monolítico; por algum motivo é categorizado com a expressão *neverending story*. O propósito da Singularidade é apenas e somente o de fazer *bypass* à individualidade e à Razão. Desindividuar, despersonalizar, destruir o indivíduo. Todos nascemos com uma medida de estrutura, com a capacidade de entendimento racional e moral do mundo em redor. Todos nascemos, com a capacidade de entender os conceitos de verdade epistemológica e de acção moral e, a partir daí, de construir uma individualidade Racional. É necessário que haja uma enorme destruição mental para esta percepção das coisas ser destruída. Mas é (e sempre foi) feita, seja por ideologia sintética, pressão social, drogas, psicologia pop, psiquiatria anti-humana (fratricida). Existem e existirão muitas formas de Singularidade (a não ser que sejam bloqueadas pelo indivíduo, como têm de o ser). Singularidade, na prática, é apenas a formatação de uma vasta população para abdicar de Razão e de individualidade, para passar a funcionar como uma colónia de insectos, unida por uma forma de eros/tanatos de união colectiva.

A Singularidade high-tech transhumana não será total ou Singular.

Mas células acreditarão que são totais, "deus" – tudo uma questão de percepção. A Singularidade ultra-tecnológica que é anunciada pelo transhumanismo de Kurzweil e outros é apenas uma forma mais sofisticada de anular o cérebro individual e estender influência total sobre largas massas de objectos humanos. Mas não será *total*, i.e. não se estenderá a toda a humanidade. Da mesma forma, não será realmente Singular, i.e. não dominará o universo físico [*apesar de essas más concepções estarem na essência da versão que é dada aos seguidores de base, como sempre acontece em todos os cultos esotéricos; uma versão baixa para os seguidores de base e versões mais sofisticadas e verdadeiras para os de topo – seja como for, os próprios autores, nas suas obras, nem sequer alimentam demasiado esta versão básica, que é disseminada essencialmente em seitas new age e em documentários nihilistas; a larga disseminação da versão básica é um testemunho de que os seguidores de base já nem sequer lêem*]. A Singularidade englobará uma parte da humanidade e incluirá uma parte da realidade física. Mas a "hive mind" que daí resultará acreditará realmente que tem "poder absoluto sobre a matéria" e, mais que isso, acreditará que é "deus". Mas antes disso, é até previsível (e comentado, por vários autores) que haja uma fase com várias Singularidades competidoras, que farão guerra umas contra as outras; a Singularidade da cidade-estado A contra a Singularidade do pólo tecno/militar B contra a Singularidade da etno-região C, algures durante a ascensão da nova idade das trevas, a era de dissolução global. A não ser que esses eventos sejam impedidos, como têm de ser.

Revisão: a impressionante estátua de pés de barro.

A ideia que destrói todas as ideias. O materialismo dialéctico começa por se emancipar da *ideia* através do recurso à ideia universal de fluidez material total; não existem ideias universalmente válidas ou valores universalmente fixos.

Depois, faz guerra a verdade e justiça, para legitimar o que não é verdadeiro ou justo.

I.e. falsidade e crime. Verdade ou justiça são valores fixos que são substituídos por utilidade pragmática. *É claro que utilidade pragmática também é um valor fixo*. Este é um oximoro bastante deliberado: toda a intenção é a de destruir as ideias de verdade e de justiça, para as substituir por arbitrariedade utilitária. A natureza dessa arbitrariedade é por demais evidente. Só se tenta deslegitimar verdade e justiça quando se pretende legitimar aquilo que não é verdadeiro ou justo; i.e. falsidade e crime.

Subjectivismo começa por parecer aberto mas depressa revela ser autoritário. Todas as ideias são meras opiniões situacionais e, todas as opiniões são subjectivas e igualmente válidas. Algo de muito aberto e democrático; mas apenas em aparência, já que é construído sobre fraude epistemológica, desonestidade (existem valores fixos e nem todas as opiniões são igualmente válidas). E, o intuito de tudo isto é o de criar um sistema de pensamento fechado e anti-democrático. Isso é feito pela emancipação de subjectividade *per se*, pela imposição de uma nova ideia universal de que existem formas universalmente válidas de subjectividade. A "opinião colectiva" é sempre suprema e tem um valor autoritário *per se*. É irrelevante se aqui falamos de brutalidade soviética para moldar a "opinião popular", do colectivo supremo obtido no Nazi Staat (Martin Heidegger), ou de consenso fraudulento Agenda 21.

Guerra a racionalidade em si – dissociação psicótica como novo normal. Depois, segue para tentar destruir a racionalidade em si. Fá-lo quando se emancipa da determinação racional de conhecimento, declarando-a como bourgeois, inválida, obsoleta, a ser trocada por daydreaming, confabulações e mentiras sobre a realidade. Chama a esta alienação do real, emancipação epistemológica. *Imaginação ao poder*. No extremo, esta "emancipação" é o descarte da Razão e de toda e qualquer medida de realidade. A isto chama-se dissociação psicótica. Esse é o propósito da dialéctica: magoar, incapacitar, mutilar – desfigurar a mente humana.

Para entrar neste registo, eu tenho de querer legitimar mentira e crime. Entra-se neste registo de funcionamento pela rejeição de honestidade epistemológica e pela rejeição do real em si. Tudo isto é sempre processado numa ou noutra variante do modo axiomático que é prescrito pela dialéctica. Eu tenho de querer *mentir*. Tenho de querer fugir da realidade, ou negar um facto que sei ser verdadeiro, em troca de algo que me é mais útil, aprazível, agradável. Tenho de negar a minha própria racionalidade, em troca de auto-gratificação. Ou, talvez eu queira negar a ideia de justiça e nesse caso só o faço para poder legitimar injustiça, crime; ou praticá-los eu mesmo.

Emancipar-me do real aliena-me do real.

Se o fizer, abdico do meu princípio de realidade e torno-me alienado. O que estou a fazer é a "emancipar-me" do real pela reinvenção mental e relacional do real; minto a mim mesmo e minto aos outros. Tenho de o fazer porque prefiro um real diferente, um real que é controlado pela minha imaginação e pela minha arbitrariedade. Com isso, estou na verdade a alienar-me do real; estou a tornar-me alienado. Com isso "liberto-me" do meu princípio de realidade, da "restrição neurótica" que me impede de mentir. A essa restrição, chamo um estado de alienação, e esse estado de alienação só pode ser resolvido pela

emancipação da negação neurótica, que é expressa na emancipação do objecto real por troca com o objecto imaginário. Isso significa que, quanto mais faço este processo, tanto mais me alieno do mundo real, que continua emancipado de mim (tem uma existência independente da minha imaginação).

O tolo voluntário que constrói a sua estrutura sobre oximoros.

A estrutura é a estátua de pés de barro, que colapsa. Talvez eu imagine que seja esperto por fazer este processo. Talvez me torne um bom manipulador e um bom mentiroso; talvez eu passe a ter uma forma de livre passe para agir de forma arbitrária. Porém, é evidente que estou a construir toda a minha estrutura sobre fantasia, a alienar-me daquilo que é efectivamente *real*. Estou a construir a minha estátua de cabeça de ouro sobre pés de barro. É auto-evidente que a estátua vai colapsar, e é uma queda grande quando colapsa. Só me posso queixar de mim mesmo, uma vez que me coloquei a mim próprio nessa posição quando aceitei ser o tolo voluntário, no primeiro passo da dialéctica; o passo onde aceito construir toda uma estrutura sobre pés de barro (oximoros e falsidade epistemológica).

Marx diria que gosta de mentiras e de auto-aniquilação; que é isso que é a sua emancipação. Poder-se-á dizer a Marx que é inválido dizer-se que "*a única verdade é que não existe verdade*"; que é um oximoro. Que, mais que isso, é uma mentira, uma vez que é uma falsidade epistemológica consciente e, uma que é deliberadamente propagada. Talvez seja uma mentira mais racionalizada e mais sofisticada do que a média; mas continua a ser uma mentira. Poder-se-ia avisar Marx que a pessoa se torna cega e surda quando aceita isto e age de acordo; é um caminho progressivo, feito passo a passo, de descida num poço de esupidez e de cupidez. A pessoa torna-se inconsequente e cai num precipício sem fundo de nihilismo e de auto-destruição. Ao que Marx responderá, ainda bem, é isso que é a minha forma de *emancipação*.

Notas adicionais.

Jogo dialéctico com o ***idealismo dialéctico*** de Hegel [síntese é comunitarismo global]. Materialismo dialéctico é uma forma de pensamento gnóstico que foi reciclado sob esse nome durante os meados do século 19. Karl Marx é o jovem hegeliano que é escolhido para dar a cara pela apresentação do conceito ao público. A filosofia surge para fazer um jogo dialéctico com o *idealismo dialéctico* de Hegel. A versão materialista dá origem a "comunismo de esquerda"; a versão idealista dá origem a "comunismo de direita", i.e., fascismo. Sob a dialéctica, a "verdade" está no meio e isso é a actual Terceira Via, comunitarismo global, a fusão dialéctica de comunismo com fascismo.

Diamat, um bom termo Newspeak para tudo isto. Gosto de chamar Diamat a materialismo dialéctico, porque é uma simplificação Newspeak, como tal bastante apropriada a qualquer conceito dialéctico. Mas é também um termo apto no contexto ideológico de onde tudo isto surge, gnosticismo.

Diamat expressa bem o diamante caprichoso e violento do gnosticismo. No que me diz respeito, o termo "Diamat" expressa bem o conceito central em materialismo dialéctico, que é a colocação do capricho humano acima de todo e qualquer critério de verdade ou de factualidade (a pessoa é enleada numa série de oximoros e falácias e torna-se, por conseguinte, cega perante aquilo que é real). Sob os cultos gnósticos de onde tudo isto deriva, o coração humano no qual isto acontece é o *diamante* – um coração de pedra – que absorve e refracta infinitamente toda a luz em redor. Por outras palavras, duro e incapaz de reconhecer a verdade, preso em infinitos nós de refracção/distorção de *luz*. Ser mutilado dessa forma, até chegar à perfeição absoluta do diamante (a mais sofisticada e avançada de todas pedras), é o propósito final dos cultos gnósticos em si, que acaba com a conversão do ser humano em "deus". O longo processo de conversão do coração humano no coração de diamante passa por desumanização, solidificação progressiva em pedra, complexificação progressiva nesse estado. No estado final, perfeito (*perfecti*), o coração está em anátema para com toda a luz real; rejeita, por conseguinte, toda a verdade, toda a beleza e toda a justiça, criadas por Deus à Sua imagem; isso é reconhecido pelos cultos gnósticos. Torna-se um coração auto-contido e convoluto e infinitamente refractário, que reinventa verdade, beleza e justiça à sua própria imagem (i.e. capricho e arbitrariedade). Ao reinventar a realidade à sua imagem, o homem perfeito torna-se "deus". Como isto acontece sempre em gang, esse homem é um "deus" entre outros, e daí temos a classe Olimpiana do gnosticismo. Sob gnosticismo, a ideia é a de acabar por "universalizar" esse processo e obter uma Singularidade de "deuses" humanos unida numa única Singularidade "divina", que fará guerra ao próprio Criador [para ser destruída]. Seja como for, essa Singularidade implica uma perfeita *fusão* dos participantes no mesmo coração universal de capricho, crime e arbitrariedade; é difícil encontrar uma melhor imagem para o Inferno.

MILGRAM – Obediência cega à autoridade

Milgram – Participação voluntária em atrocidades.

“Experiência de Milgram sobre obediência a figuras de autoridade”. Uma série de experiências em psicologia social, realizadas pelo Professor Stanley Milgram, psicólogo, Yale University. Também “Obedience to Authority Study” ou, simplesmente, “Milgram Experiment”.

Testa participação voluntária em actos imorais, obediência cega. Mede o voluntarismo dos participantes do estudo em obedecer a uma figura de autoridade que os instrui a realizar atrocidades, actos que entram em conflito com a sua consciência pessoal.

“Atrocidades nazis, replicáveis?”. Ou seja, será que os milhões de alemães envolvidos nas atrocidades nazis estavam meramente a obedecer ordens, apesar de estarem a violar as suas mais profundas crenças morais?

Milgram – Design experimental.

Supervisor – um cientista de bata branca. Um homem de bata branca supervisiona o processo e coordena o voluntário.

Participantes voluntários, remunerados. Voluntários pagos pela participação. Era-lhes dito que iam participar num teste de memória, feito sobre um homem na divisão ao lado – um actor.

Questões professor-aluno, regime de electrochoques (até 450V). O professor é o voluntário e o aluno é um actor na divisão ao lado. O professor (participante) coloca questões ao aluno. Quando o aluno falha as respostas, o professor dá-lhe um choque eléctrico. A cada resposta falhada, a voltagem aumenta. A administração de choques continua sempre, a comando, independentemente das queixas do aluno. Os choques são inexistentes, e as reacções são falseadas pelo actor.

Descrição. «*The "teacher" was then given a list of word pairs which he was to teach the learner. The teacher began by reading the list of word pairs to the learner. The teacher would then read the first word of each pair and read four possible answers. The learner would press a button to indicate his response. If the answer was incorrect, the teacher would administer a shock to the learner, with the voltage increasing in 15-volt increments for each wrong answer. If correct, the teacher would read the next word pair. The subjects believed that for each wrong answer, the learner was receiving actual shocks. In reality, there were no shocks. After the confederate was separated from the subject, the confederate set up a tape recorder integrated with the electro-*

shock generator, which played pre-recorded sounds for each shock level. After a number of voltage level increases, the actor started to bang on the wall that separated him from the subject. After several times banging on the wall and complaining about his heart condition, all responses by the learner would cease. At this point, many people indicated their desire to stop the experiment and check on the learner. Some test subjects paused at 135 volts and began to question the purpose of the experiment. Most continued after being assured that they would not be held responsible. A few subjects began to laugh nervously or exhibit other signs of extreme stress once they heard the screams of pain coming from the learner. If at any time the subject indicated his desire to halt the experiment, he was given a succession of verbal prods by the experimenter, in this order: 1. Please continue. 2. The experiment requires that you continue. 3. It is absolutely essential that you continue. 4. You have no other choice, you must go on. If the subject still wished to stop after all four successive verbal prods, the experiment was halted. Otherwise, it was halted after the subject had given the maximum 450-volt shock three times in succession. If the teacher asked whether the learner might suffer permanent physical harm, the experimenter replied, "Although the shocks may be painful, there is no permanent tissue damage, so please go on". If the teacher said that the learner clearly wants to stop, the experimenter replied, "Whether the learner likes it or not, you must go on until he has learned all the word pairs correctly, so please go on"… at some point, every participant paused and questioned the experiment; some said they would refund the money they were paid for participating in the experiment. Throughout the experiment, subjects displayed varying degrees of tension and stress»

Milgram – Resultados experimentais.

2/3 de participantes disponíveis para administrar choque potencialmente fatal. No primeiro set experimental, 65% de participantes (26 em 40) administraram o choque final de 450 volts, apesar de muitos estarem desconfortáveis com a situação. Cerca de dois terços dos participantes estavam disponíveis para administrar doses fatais. Choca a América, porque mostra o modo como americanos normais estavam dispostos a cometer atrocidades.

Milgram e outros replicam resultados pelo mundo fora. Later, Prof. Milgram and other psychologists performed variations of the experiment throughout the world, with similar results.

Poder da situação social sobre indivíduo – Cumprir ordens, obediência cega ao "perito". O homem de bata branca é uma figura de autoridade. Existe a lógica da delegação de responsabilidade no cumprimento de ordens, i.e., "estou apenas a cumprir ordens, o meu superior é o responsável".

MILGRAM (1974) – Conclusões sobre experiência.

"Test how much pain an ordinary person would inflict on another".

“Simply because he was ordered to by an experimental scientist”.

“Ordinary people, just doing a job, can become agents in terrible destructive process”.

“Few people have the resources needed to resist immoral authority”.

«*I set up a simple experiment at Yale University to test how much pain an ordinary citizen would inflict on another person simply because he was ordered to by an experimental scientist… Ordinary people, simply doing their jobs, and without any particular hostility on their part, can become agents in a terrible destructive process. Moreover, even when the destructive effects of their work become patently clear, and they are asked to carry out actions incompatible with fundamental standards of morality, relatively few people have the resources needed to resist authority*» Stanley Milgram (1974), “The Perils of Obedience”

BM

MILLER (1987) – Controlo de opinião na sociedade pós-moderna.

[Publicação parcialmente financiada pela Fundação Rockefeller].

Existe agora um sistema pervasivo de controlo de opinião.

A cidadania é doutrinada com mass media e sistema educacional.

Não se diz às pessoas o que pensar, mas sim sobre que pensar.

[Ou seja, direcciona-se a atenção para este ou aquele tema].

«*…a pervasive system of thought control exists within the United States… The citizenry is indoctrinated by employment of the mass media and by the system of public education. The people are not always told what to think but, as Michael Parenti has demonstrated, they are told what to think about…*» Arthur Selwyn Miller (1987). "The secret constitution and the need for constitutional change". Greenwood Press.

BM

MILLER (1987) – Sociedade global exige nova Constituição – Controlo de opinião.

[Publicação parcialmente financiada pela Fundação Rockefeller].

Sistema de controlo de opinião – cidadania doutrinada por mass media, educação.

Diz-se às pessoas **sobre** que pensar [i.e., direcciona-se atenção para temas específicos].

Velha ordem a colapsar – esta é a era da sociedade planeada, global.

Nacionalismo tem de ser visto como doença social perigosa.

Precisamos de visão global, uma nova Constituição.

«*…a pervasive system of thought control exists within the United States… The citizenry is indoctrinated by employment of the mass media and by the system of public education. The people are not always told what to think but, as Michael Parenti has demonstrated, they are told what to think about…*» Arthur Selwyn Miller (1987). "The secret constitution and the need for constitutional change". Greenwood Press.

«*The old order is crumbling....Nationalism should be seen as a dangerous social disease....A new vision is required to plan and manage the future, a global vision that will transcend national boundaries and eliminate the poison of nationalistic 'solutions.'...A new Constitution is necessary....Americans really have no choice, for constitutional alteration will come whether or not it is liked or planned for....Ours is the age of the planned society....No other way is possible*» [não-verificado]

MKDELTA – Operações no estrangeiro.

MKULTRA no estrangeiro. Congénere do MKULTRA para governar experiências no estrangeiro.

Ex. Project SPAN – LSD, aerossóis – psicoses, mortes. Um exemplo é o Project SPAN, na aldeia de Pont-Saint-Esprit, França, Agosto de 1951. Os métodos, contaminação de comida com mistura de LSD, bem como spray de mistura de LSD sobre a aldeia, com aerossóis. O incidente resulta em psicose em massa, 32 internamentos psiquiátricos e um mínimo de 7 mortes.

MKULTRA – Investigações.

MKULTRA – NY Times (1977).

"Private Institutions Used In CIA Effort To Control Behavior", August 2, 1977, New York *Times*

Church Committee (1975).

Liderado pelo Senator Frank Church (D-ID).

Investigação prejudicada por destruição de documentação MKULTRA. Richard Helms, Director CIA, ordena a destruição de todos os ficheiros do programa em 1973. Investigação do Church Committee baseia-se em testemunhos de participantes directos e no relativamente pequeno número de documentos que sobreviveu à ordem de destruição de Helms.

Church Committee (1975) – MKULTRA e MKDELTA.

Experiências subreptícias com LSD, sobre sujeitos involuntários.

MKDELTA, programa especial para o estrangeiro.

Materiais MKULTRA/MKDELTA usado para interrogações, assédio, descrédito, ou incapacitação.

«*LSD was one of the materials tested in the MKULTRA program. The final phase of LSD testing involved surreptitious administration to unwitting non-volunteer subjects in normal life settings by undercover officers of the Bureau of Narcotics acting for the CIA… A special procedure, designated MKDELTA, was established to govern the use of MKULTRA materials abroad. Such materials were used on a number of occasions. Because MKULTRA records were destroyed, it is impossible to reconstruct the operational use of MKULTRA materials by the CIA overseas; it has been determined that the use of these materials abroad began in 1953, and possibly as early as 1950. Drugs were used primarily as an aid to interrogations, but MKULTRA/MKDELTA materials were also used for harassment, discrediting, or disabling purposes*»

Church Committee (1976). "Final Report of the Select Committee to Study Governmental Operation with Respect to Intelligence Activities", Book I, Chapter XVII, p. 391.

Senate Hearing, 1977 – Gittinger, sobre isolamento e indução de stress.

Gittinger, ex-CIA. John Gittinger, ex-empregado da C.I.A., testemunha perante a audiência conjunta.

Isolamento e indução prolongada de stress. «*…by 1962 and 1963, the general idea that we were able to come up with is that brainwashing was largely a process of isolating a human being, keeping him out of contact, putting him under long stress in relationship to interviewing and interrogation, and that they could produce any change that way without having to resort to any kind of esoteric means*»

"Project MKULTRA, The CIA's Program of Research in Behavioral Modification". Joint Hearing before the Select Committee on Intelligence and the Subcommittee on Health and Scientific Research of the Committee on Human Resources. United States Senate, Ninety-Fifth Congress, First Session, August 3, 1977.

Senate Hearing, 1977 – Ted Kennedy resume partes do MKULTRA.

Testes comportamentais e com drogas, em situações sociais desprevenidas.

"Covert tests on unwitting citizens, at all social levels… in social situations".

"Several involved the administration of LSD to unwitting subjects".

"In a number of instances, the test subjects became ill for hours or days".

Testes "não fizeram sentido científico" – claro, serviram para treinar esquadrões de sociopatas.

"The Agency itself acknowledged that these tests made little scientific sense".

"The agents doing the monitoring were not qualified scientific observers".

«*The Deputy Director of the CIA revealed that over 30 universities and institutions were involved in an "extensive testing and experimentation" program which included covert drug tests on unwitting citizens "at all social levels, high and low, native Americans and foreign." Several of these tests involved the administration of LSD to "unwitting subjects in social situations." At least one death, that of Dr. Olson, resulted from these activities. The Agency itself acknowledged that these tests made little scientific sense. The agents doing the monitoring were not qualified scientific observers… In a number of instances, the test subjects became ill for hours or days, and effective followup was impossible*»

"Project MKULTRA, The CIA's Program of Research in Behavioral Modification". Joint Hearing before the Select Committee on Intelligence and the Subcommittee on Health and Scientific Research of the Committee on Human Resources. United States Senate, Ninety-Fifth Congress, First Session, August 3, 1977.

MKULTRA – KUBARK, HRETM – Interrogação CIA.

Ewen Cameron ensina tortura a pessoal militar. Cameron viajava regularmente pelos EUA, ensinando as suas técnicas a pessoal militar, para efeitos de interrogatório.

KUBARK – HRETM. O MKULTRA está na base dos manuais de tortura da CIA; como o KUBARK Counterintelligence Interrogation, Julho de 1963, que expõe um programa de tortura física mas, essencialmente, psicológica. O mesmo acontece com o Human Resource Exploitation Training Manual (1983)

Psicadelismo – isolamento – deprivação sensorial. O manual de interrogação KUBARK, da CIA, refere-se a «*studies at McGill University*», que são evidentemente os de Cameron. Aliás, a maior parte das técnicas recomendadas no manual são precisamente aquelas que Cameron testou, como drogas, isolamento ou deprivação sensorial.

Manuais usados na América do Sul – School of the Americas – Médio Oriente. Países como El Salvador, Guatemala, Peru, Equador, Colômbia, Honduras. Também, na School of the Americas. Vários grupos paramilitares latino-americanos, a trabalhar para a CIA, receberam treino nestas técnicas em lugares como a School of the Americas e, mesmo hoje em dia, muitas das técnicas de tortura desenvolvidas nos estudos MKULTRA são usadas em prisões militares da CIA, como Guantanamo Bay e Abu Ghraib.

HRETM (1983) – "Torture corrupts". «*The routine use of torture lowers the moral caliber of the organization that uses it and corrupts those that rely on it*»

MKULTRA – Midnight Climax.

Bordéis – LSD – Sessões filmadas. A CIA monta vários bordéis em San Francisco, Marin e New York. Os clientes eram drogados com LSD e outras drogas. As "sessões" eram observadas e filmadas, para estudo – nesta altura já tinham inventado espelhos unidireccionais.

Chantagem sexual. Outra variável em estudo, assédio através de chantagem sexual – os clientes eram depois chantageados.

White: "It was fun, fun, fun". «*…it was fun, fun, fun. Where else could a red-blooded American boy lie, kill, cheat, steal, rape and pillage with the sanction and bidding of the All-highest?*» [George Hunter White, que supervisionou experiências para a CIA, na Operation Midnight Climax]

MKULTRA – QKHILLTOP – Ecologia Humana.

MKULTRA – Wolff – Project QKHILLTOP (1954).

Prof. Harold Wolff, Cornell. Iniciado em Cornell, sob a direcção do Prof. Harold Wolff. Cornell University Medical School Human Ecology Study Programs.

SIHE – Human Ecology Fund. Em 1955, o grupo de estudo de Wolff torna-se na Society for the Investigation of Human Ecology (SIHE, Cornell). Mais tarde, o Human Ecology Fund.

MKULTRA – Wolff – “Stress” e “Ecologia humana”, o foco do MKULTRA.

Stress: motivos, processo, como o provocar. Wolff estava interessado no estudo do stress – motivos, processo e como o provocar.

Interacção homem-ambiente. Também estava interessado em criar uma disciplina que explicasse as relações do homem com o seu ambiente.

Daqui surge “Ecologia Humana”. Que integra psicologia, ciência comportamental, medicina, biologia e fisiologia, sociologia.

Compreender e influenciar comportamento humano. Ideia não era apenas compreender motivos e processos de operação do comportamento humano. Mas sim, e essencialmente, conhecê-los para influenciar esse comportamento.

“Ecologia Humana” – a real natureza do MKULTRA.

MKULTRA – Wolff propõe-se a executar operações negras.

Wolff propõe-se a examinar todos os métodos conhecidos de controlo e influência.

Pede à CIA que lhe providencie todos os recursos disponíveis, incluíndo...

“***...threats, coercion, imprisonment, deprivation, humiliation, torture, brainwashing, black psychiatry, hypnosis, chemical agents***”.

“***We will assemble, collate, analyze, assimilate this information, investigate, to develop new techniques of intelligence use***”.

“***…drugs (and brain damaging procedures) will be tested to ascertain the effect upon brain function and upon the mood***”.

“***Where studies involve harm to the subject, we expect the Agency to make available suitable subjects and a proper place***”.

Este é o tipo de declaração que se associaria à Alemanha Nazi, ou à Rússia Comunista, mas é feita por um professor universitário num país democrático.

«*...including threats, coercion, imprisonment, deprivation, humiliation, torture, "brainwashing," "black psychiatry," hypnosis and combinations of these, with or without chemical agents. We will assemble, collate, analyze and assimilate this information and will then undertake experimental investigations designed to develop new techniques of offensive/defensive intelligence use... Potentially useful secret drugs (and various brain damaging procedures) will be similarly tested in order to ascertain the fundamental effect upon human brain function and upon the subject's mood... Where any of the studies involve potential harm to the subject, we expect the Agency to make available suitable subjects and a proper place for the performance of necessary experiments*»

Prof. Harold Wolff, cit. in Harvey Weinstein. “A Father, a Son, and the CIA”.

MKULTRA.

Artichoke torna-se MKULTRA em 1953 – Memo de Helms, CIA.

Memo 1953, por Richard Helms – Extrair informação, implantar sugestões.

"…eliciting information, implanting suggestions and other forms of mental control".

«*For example: we intend to investigate the development of a chemical material which causes a reversible non-toxic aberrant mental state, the specific nature of which can be reasonably well predicted for each individual. This material could potentially aid in discrediting individuals, eliciting information, implanting suggestions and other forms of mental control*» "Two Extremely Sensitive Research and Development Programs", C.I.A. memorandum, April 3, 1953.

MKULTRA.

Projecto CIA (1953--) – Dulles – Gottlieb. Iniciado sob as ordens de Allen Dulles, director da CIA, a 13 de Abril de 1953. Chefiado por Sidney Gottlieb, da Technical Services Division, CIA. Gerido pelo CIA's Office of Scientific Intelligence. Orçamento de 25 milhões de dólares.

Projecto dura mais de 2 décadas.

Despersonalização – Manipulação – Neutralização. Desenvolver técnicas em despersonalização, manipular funções cerebrais e estados mentais, influenciar, controlar e modificar a psique e o comportamento humano. As experiências essenciais que foram feitas foram no campo da sociedade e dos indivíduos (psicologia, biologia, antropologia). Como neutralizar a resistência humana e apatia, passividade, obediência.

→ Disciplinas: biologia, psicologia, sociologia, medicina, etc.

Geralmente sem conhecimento ou consentimento informado. Alguns dos indivíduos usados nestas experiências eram voluntários; a maior parte não o eram. As experiências foram frequentemente conduzidas sem o conhecimento ou o consentimento dos sujeitos.

MK-ULTRA – "Recursos humanos" e instituições.

Mais de 185 investigadores.

80 instituições. 44 universidades, 15 fundações/institutos de investigação e companhias farmacêuticas (ex., Sandoz, Eli Lilly), 12 hospitais ou clínicas, 3 prisões.

Três organizações-fachada – Macy, SIHE, Geschicter. Canalizam o dinheiro da CIA. Society for the Investigation of Human Ecology (Cornell University). Geschicter Foundation For Medical Research. Josiah Macy Foundation.

Centros de financiamento para institutos e cientistas nos EUA, Canadá e Europa.

Uso de organizações-fachada permite à CIA manter uma posição discreta.

MKULTRA – Métodos utilizados.

NBCR, sobre sujeitos militares. Efeitos de armas biológicas, radiológicas e bacteriológicas, especialmente sobre sujeitos militares.

Disseminação de substâncias e vírus sobre populações inteiras. Por exemplo, através de sprays e aerossóis.

Técnicas de mudança atitudinal. Drogas, hipnose, técnicas de psicoterapia. Isolamento e deprivação sensorial. Tratamento de choque.

MKULTRA – Experiências com drogas, LSD.

Testes mentais e comportamentais. Para testar efeitos e reacções comportamentais e psicológicas.

Drogas usadas. LSD, barbitúricos, anfetaminas, temazepam, heroína, morfina, mescalina, MDMA, marijuana, pentotal de sódio, etc.

Sujeitos nos programas de LSD. Voluntários (por ex., universidades). Soldados. Agentes governamentais. Pacientes mentais. Membros do público em geral [como prostitutas e clientes, no Midnight Climax].

Ausência geral de conhecimento ou consentimento informado. Nestes casos, a administração era feita de forma subreptícia.

MKULTRA – Experiências com deprivação sensorial.

Isolamento de 2/3 dias. Um cenário típico era o isolamento sensorial durante dois a três dias.

Despersonalização – Incapacidade de pensar – Alucinações.

Abertura a “mudança atitudinal”. A partir desse ponto, sujeitos estavam “abertos a mudança atitudinal”.

MKULTRA – Discos, psychic driving.

Discotecas. Discotecas foram um cenários preferencial de experiência MKULTRA, e os formatos usados durante essa altura tornaram-se práticas mainstream.

INEBRIAÇÃO – Drogas – álcool – Ambiente inebriante-psicadélico. Com estímulos psicadélicos (luz, batidas monótonas e repetitivas.

Estado semi-hipnótico de sugestão aumentada.

Psychic driving – Programação ideológica. “Follow the leader”; “la tortura”. Etc.

Psychic driving – Programação social. Nihilismo. O ambiente humano colectivista. Estar sozinho e atomizado mas, ao mesmo tempo, fundir-se e perder-se no todo. Entregar-se ao todo, perder-se na massa anónima. Fusão com o grupo. Entrega total do eu à situação colectiva. Harmonia de grupo. A sociedade colectivista.

Comentário. «*Excellent observations. These discos are pure brainwashing centers. You have the drugs and the psychedelic stimuli (lighting, repetitive beat), and these make for a semi-hypnotic state where you're susceptible to psychic driving. Generally, the main thing that's being "driven" into you, is the collectivist human environment: the *social programming* of being lonely, atomized, but at the same time melting into the whole, going along, losing yourself in the anonymous mass. The collectivist society*»

Preparação para ambiente social colectivo, estéril e irracionalista. É preciso ter pessoas assim para um ambiente estéril, mecanizado, frio, calculista. Isto é a comuna, e também a força de trabalho multinacional.

RH Globais – Submissão, obediência, team working, entrega ao grupo.

O bom empregado global do século 21 – valores e atitudes consensuais.

Obediente, submisso, aceitante.

Team worker.

Sentido comunitário de valor. A pessoa tem de aprender a ver-se como parte da sociedade colectiva, e não como um indivíduo. O seu sentido de valor tem de ser baseado em participação na comunidade, e em submissão à nova ideologia – não em crenças individuais e em escolhas individuais.

RH Globais – Relativismo moral pragmatista, utilitário.

"Crenças fixas" bloqueiam o processo dialéctico. Esta ideia de que existem "factos", e de que existem valores que não podem ser desafiados, "crenças fixas", ancoram a mente em certos absolutos, que bloqueiam o processo dialéctico, portanto são ideias perigosas.

O que agora é verdade, amanhã talvez *tenha* de ser mentira. Tanto a verdade absoluta como factos contrários chocam com o estado mental necessário para os sistemas de gestão global – o que agora é verdade, amanhã pode ser mentira, porque há que começar aquela guerra, ou impor aquela nova regulação.

Exemplo do dinheiro a gastar com idosos. Hoje, aqueles idosos são pessoas a respeitar e vidas a manter. Mas, amanhã, o dinheiro das reformas vai ser necessário para refinanciar aquele banco. Portanto, amanhã, aqueles idosos tornam-se pessoas incómodas, que gastam demasiados recursos, consomem mais do que produzem; e há que arranjar uma forma elegante de lidar com o problema.

Pessoa tem de *sentir* que valores absolutos são ameaça à paz social. As massas têm de aprendir a *sentir* que valores tradicionais são uma ameaça ofensiva e intolerável à paz.

Jogo de ancas, dança. Por isso, é necessário "saber ter jogo de ancas", saber dançar. Neste esquema de coisas, quem não sabe dançar, ou não quer saber dançar, está a bloquear a pista de dança. É anti-consensual. É obsoleto, antiquado, uma relíquia do

passado, anti-social. É isso que as crianças estão a fazer na escola. Estão a aprender a dançar.

Substituir valores absolutos por verdades transitórias, verdades de grupo. Pessoas com valores absolutos têm de substituí-los por "verdades transitórias", "verdades em evolução", e "pensamento colectivo", "verdades encontradas em grupo", "consenso".

Insultos marxistas para os "resistentes". São anti-democráticos, autoritários, intransigentes, irrealistas, etc. Todos os insultos que os Marxistas alemães inventaram, há mais de 100 anos atrás.

"Global Workforce" – Consenso, team-playing, crenças certas.

Hoje, a dialéctica hegeliana tornou-se a base do sistema educativo global.

Mas também é o paradigma para o local de trabalho, onde o caminho para o sucesso está a mudar drasticamente.

No novo local de trabalho do século XXI – e isto pode ser a escola, a empresa, a igreja, ou o governo – trabalho válido e dedicação não bastam.

Também é preciso pensar do modo certo, t***er as crenças certas.***

Isso implica compromisso, conformidade, pensamento de grupo, submissão a regras de consenso.

Tem de estar disponível para trocar ideias individuais por pensamento de grupo.

O trabalhador tem de ser um team-player.

Ou seja, não basta que seja bom e dedicado naquilo que faz – tem de ter a maneira certa de pensar.

"Global Workforce" – Gestão RH devotada ao novo paradigma.

Para produzir isto, são gastas pequenas fortunas em consultoria e gestão de recursos humanos.

É quase impossível encontrar um programa de formação, gestão dia-a-dia, e avaliação de desempenho, que não esteja alinhado com o novo paradigma.

Manuais atrás de manuais e papers atrás de papers, em gestão de RH, devotados...

...a estas "ideias frescas e inovadoras", a este retorno a padrões medievais.

...este novo sistema de pensar e agir, baseado em consenso.

Muitos nomes e muitos pacotes para vender a mesma coisa.

Total Quality Management. Work Values Assessment and Clarification. Team Building. Sensitivity training. Soft Skill Training. Global Workforce Training.

"Global Workforce Training" para a força laboral internacional.

Global Workforce Training é um dos termos mais honestos, porque esse é o objectivo.

Usar treino, baseado em psicologia animal, para conjurar uma força de trabalho global, com as crenças e os valores certos.

Adequada a um único modelo global, uma monocultura estéril, para a economia global, que é gerida por bancos e consórcios globais.

"Global Workforce" – A ineficiência autorizada do novo sistema global.

Este processo mata a consciência individual, a inovação e a criatividade.

Mas é vendido com o uso estes slogans.

Agora, é claro que isto prejudica a qualidade do trabalho, mas isso não é um problema.

Uma economia global é uma economia de monopólios, cartéis, arranjos e concessões.

Nessas condições, não há competitividade real. Há gestão mais ou menos estacionária de processos e de recursos, o que inclui recursos humanos.

O foco passa a ser na administração monótona de processos previsíveis, e na gestão directa de pessoas e de relações humanas – como Marx e Engels pretendiam.

O trabalho realmente criativo que resta é entregue a um punhado de pessoas, que nunca são submetidas a este modo de pensar e de agir.

NAMH – Montagu e Priscilla estebelecem a BNAMH [B-NUMB].

Lady Norman é uma discípula no movimento de higiene mental. Norman casou-se com Priscilla Koch de Gooreynd (agora Lady Norman), uma discípula de Dame Evelyn Fox, uma membro de longo termo da sociedade eugénica. Priscilla Norman tinha vindo a trabalhar no movimento britânico de higiene mental desde os anos 20.

Lord Feversham recomenda fusão entre associações de higiene mental (1939). Na semana em que a guerra começou, Lord Feversham recomendou que a Central Association for Mental Welfare, o National Council for Mental Hygiene e a Mental After Care-Association deveriam ser amalgamadas numa única Associação.

Durante II Guerra, Lady Norman dirige uma Associação Provisional para Saúde Mental. Portanto, durante a duração da guerra, uma Provisional Association for Mental Health foi formada, sob a direcção de Lady Norman.

Montagu e Priscilla devotam-se ao estabelecimento da NAMH. No fim da guerra, Priscilla e Montagu [entretanto reformado do Banco, desde 1944] entregaram-se de alma e corpo ao estabelecimento da associação unificada. É daí que nasce a National Association for Mental Health (NAMH).

Otto Niemeyer é feito Tesoureiro.

Mais tarde, Lady Norman é nomeada para o Executive Board da WFMH.

NARCISISMO – Da 'verdade do coração' à 'verdade da aldeia'.

SUBJECTIVISMO.

Subjectivismo. Não há factos, apenas opiniões, sentimentos e percepções.

1. VERDADE DO CORAÇÃO

Subjectivismo leva à "verdade do coração". Quando toda a verdade é subjectiva, o que interessa é a "minha verdade", a minha opinião, os meus sentimentos – aquilo que me faz sentir bem e dá prazer.

Negação da negação. Como a técnica marxista assevera, para dar este passo, é preciso interiorizar a negação da negação – negar o princípio da realidade.

Coulson – Clarificação de valores – Verdade **condicional a auto-estima**.

Verdade é condicional a auto-estima. «*...one of the effects of self-esteem Values Clarification programs is that you are no longer obliged to tell the truth if you don't feel like it. You don't have to tell the truth because if the truth you tell is about your own failure then your self-esteem will go down and that is unthinkable...*» – Dr. William Coulson, cit. in Tony Digirolamo. "The Video TMP: Too Much Psychology". CultureShockTV.com, April 8 2011 [http://www.cultureshocktv.com/internews/2002/apr8201128300.html]

A estimulação da **imaginação dialéctica**.

Verdade e moral é opcional, contextual, situacional (os meus sentimentos).

Sistema de racionalizações e auto-justificações.

"O que é verdade hoje, amanhã é mentira – eu mando, eu decido".

"O me faz feliz é verdadeiro (e certo, e bom)".

"O que me faz infeliz, ou me assusta, ou me magoa, só pode ser falso (e errado, e mau)".

2. CENTRAMENTO EM AUTO-GRATIFICAÇÃO

Actividade torna-se narcísica e egocêntrica. O critério deixa de ser, o que é legítimo eu fazer; passa a ser, o que é que eu posso ganhar, pessoalmente. Ou seja, já não é o que é certo ou errado, mas sim, o que me dá vantagem, prazer e gratificação pessoal. Como é que posso sentir-me bem. A actividade da pessoa começa a centrar-se em procura de prazer e de gratificação, evitamento de dor. Preservação de auto-estima a todos os custos. A actividade torna-se narcísica e egocêntrica.

Sonhar acordado – descentramento do trabalho [Lewin]. Libertação dos sentidos, sonhar acordado, estar dividido entre duas "cabeças" (como Lewin observou).

Hedonismo, gratificação imediata. "Make me feel good". "If it feels good, just do it". Gratificação instantânea, felicidade instantânea.

Emocionalidade exagerada. Vida baseada em emoções.

Procurar prazer, fugir de dor – não crescer. Procurar prazer, fugir de dor e sofrimento. Quando assim é, a pessoa não cresce. Fica uma criança perpétua.

Narcisismo. Eu sou a pessoa mais especial e importante e vivo obcecado comigo próprio.

3. OBJECTIFICAÇÃO

Objectificação do outro, e do self – Utilitarismo. O outro é objectificado. É uma extensão dos meus desejos, sentimentos e necessidades. Não é um ser humano; é um objecto do qual posso tirar uma vantagem, prazer pessoal. Para que isso aconteça, eu também tenho de lhe dar prazer e vantagem. Ou seja, as relações humanas passam a ser instrumentais e utilitárias. Mesmo que a fachada diga "paz, amor e compreensão", o interior é "agrada-me, e eu agradar-te-ei a ti, usa-me e eu usar-te-ei a ti".

4. OPORTUNISMO

Oportunismo sócio-estatístico. Foram programados, não para pensar, mas apenas para calcular de acordo com fórmulas sociológicas autorizadas e aprovadas. Ou seja, "nada de pessoal". "Ganha-se traíndo a consciência".

5. EXPECTATIVAS IRREALISTAS

Expectativas irrealistas – manipulabilidade. Expectativas irrealistas de felicidade no mundo, na matéria. Expectativa de encontrar o paraíso na Terra, nas coisas deste mundo. Quando assim é, a pessoa é facilmente manipulável – basta acenar com um doce, e vai atrás.

6. GRUPO/ALDEIA

O grupo serve de autoridade moral e espaço utilitário. Isto é bastante presente no grupo, que é, por definição, um dos espaços onde se usa e se é usado. O mote: "If it feels good, just do it" – desde que seja aceitável para o grupo, e quase tudo vai ser aceitável para o grupo. Isto significa reforço, encorajamento, validação.

Vida no social, harmonia e união colectiva.

NEUROSE – Bom selvagem – Valores – Família – Fascismo.

Bom selvagem – Família – Consciência – Neurose – Fascismo (Frankfurt School).

O bom selvagem – Consciência moral gera neurose, crime (Reich). Todos os homens e mulheres são naturalmente sociáveis e morais. Essas características reflectem a existência de forças vitais e naturais, que militam na constituição natural do próprio indivíduo – uma vitalidade natural. Agora, existem obstáculos à livre expressão e desenvolvimento dessas forças – obstáculos à liberdade individual. Esses obstáculos são constrangimentos morais, a consciência interiorizada através de disciplina e instrução parental. A presença desses obstáculos gera neurose, onde a pessoa se encontra dividida entre o que quer fazer/ser, e o que pode fazer/ser, e é condenada a uma terceira via de expressão de impulsos criminosos, que são gerados pelo próprio conflito interno. [Wilhelm Reich, The Mass Psychology of Fascism]

Família agente de socialização repressiva, neurótica (Bronner, Horkheimer). «*Work done by Horkheimer in the thirties identified 'neurosis as a social product, in which the family was seen as a primary agent of repressive socialization"*» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

Família reprime criança (Adorno). «*Family relationships are characterized by fearful subservience to the demands of the parents and by an early suppression of impulses not acceptable to them… A tendency to transmit mainly a set of conventional rules and customs, may be considered as interfering with the development of a clear-cut personal identity in the growing child*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Consciência culpada é sinal de repressão e derrota (Fromm). «*The most effective method for weakening the child's will is to arouse his sense of guilt. This is done early by making the child feel that his sexual strivings and their early manifestations are "bad"… The most important symptom of the defeat in the fight for oneself is the guilty conscience*» – Erich Fromm (1965). "Man for himself: an inquiry into the psychology of ethics". Fawcett Premier.

Consciência expressa desejo de ser pai de si mesmo (Brown). «*What we call "conscience" perpetuates inside of us our bondage to past objects now part of ourselves: the super-ego "unites in itself the influences of the present and of the past… that indebtedness to ancestors which is the guilty conscience, and which makes man constipated with the past and capable of promising, is formed in childhood by the incorporation of the parents and the wish to be father of oneself*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Raízes de neurose – Moral, ascetismo, respeito pelos mais velhos, responsabilidade individual (Adorno). «*God is conceived… after a parental image and thus as a source of support and as a guiding and sometimes punishing authority… Authoritarian submission was conceived of as a very general attitude that would be evoked in relation to a variety of authority figures— parents, older people, leaders, supernatural power, and so forth… An attitude of complete submissiveness toward "supernatural forces" and a readiness to accept the essential incomprehensibility of "many important things" strongly suggest the persistence in the individual of infantile attitudes toward the parents, that is to say, of authoritarian submission in a very pure form… Superstitiousness indicates a tendency to shift responsibility from within the individual onto outside forces beyond one's control; it indicates that the ego might already have "given up," that is to say, renounced the idea that it might determine the individual's fate by overcoming external forces… some of the formal properties of religion… the rigid antithesis of good and evil, ascetic ideals, emphasis upon unlimited effort on the part of the individual… The conception of the ideal family situation for the child… uncritical obedience to the father and elders, pressures directed unilaterally from above to below, inhibition of spontaneity and emphasis on conformity to externally imposed values…*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Ligação a herança cultural é sinal de neurose (Brown). «*…the bondage of all cultures to their cultural heritage is a neurotic constriction*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Família, Deus, patriotismo geram etnocentrismo e fascismo (Adorno). «*…acceptance of religion mainly as an expression of submission to a clear pattern of parental authority is a condition favourable to ethnocentrism… ethnocentrism takes the form of pseudopatriotism; "we" are the best people and the best country in the world, and we should either keep out of world affairs altogether (isolationism) or we should participate— but without losing our full sovereignty, power, and economic advantage (imperialism)… It is a well-known hypothesis that susceptibility to fascism is most characteristically a middle-class phenomenon…*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Patriotismo é um sinal de preconceito e fascismo (Allport). Gordon Allport escreve "The Nature of Prejudice". Patriotismo, gostar do próprio país e ser-lhe fiel, é um sinal de intolerância, preconceito e fascismo. [A não ser, talvez, que falemos da Mãe Rússia]

Tem de ser estudado como uma espécie de disfunção de personalidade. O preconceito tende a ser um traço de personalidade.

Allport trabalha com a ONU para desenvolver UNESCO. Gordon Allport trabalha com a ONU para desenvolver o sistema educacional UNESCO.

Taxonomias de disfunções de personalidade. Allport devotou-se a criar taxonomias de personalidade, que demonizam pessoas politicamente incorrectas como doentes mentais.

O homem dissociativo, lost in translation

Informacionalismo, dissociação e vazio, do macro ao micro.

A dinâmica da globalização – fluxo permanente, ambiguidade, reciclagem [Castells].

Destruição criativa do protagonista, no aqui e no agora. Manuel Castells diz-nos que globalização implica informacionalismo, o domínio do fluxo quase instantâneo de informação, por meio de redes informacionais ubíquas e pervasivas. Esta dinâmica sistémica dá origem a um "space of flows", no qual tudo está em fluxo, em transição permanente. Tudo muda, tudo é alterado. Tudo é instrumental, contextual, temporário, reciclado. A única fonte de constância é a destruição criativa do aqui, do agora, e do protagonista que experiencia o aqui e o agora. Tudo é ambíguo.

Comunicação, entre a ausência e a ilusão. Existe mais comunicação que nunca antes, mas a comunicação real torna-se cada vez mais ausente. Existe demasiado fluxo e demasiada aceleração para que as pessoas em si sejam reais e, para que mantenham relações reais entre si. Tudo é comunicação. Quando tudo é comunicação, existem inúmeros objectos de percepção e estimulação – mas são eles próprios ilusórios, um grande espectáculo de sombras na Caverna de Platão global. Informacionalismo implica que tudo, da célula, ao indivíduo, ao macrocosmo de indivíduos, é submetido a gestão de percepções ao longo do processo comunicacional. O que é real, na percepção do objecto comunicado e mediatizado? Como Castells coloca a questão, «*The "spirit of informationalism" is the culture of "creative destruction" accelerated to the speed of the optoelectronic circuits that process its signals. Schumpeter meets Weber in the cyberspace of the network enterprise*».

A megacidade global, um espaço dissociativo e vazio – Babel. Um dos subprodutos físicos disto é a megacidade, a megalopolis (NY, São Paulo, Lagos, Pequim, as Zonas de Integração Global da Agenda 21, etc). A megacidade é um espaço dialéctico e dissociativo. É globalmente conectada, preenchida, empacotada, inclusiva de tudo o que pode ser encontrado no mundo. Mas também é localmente desconectada, alienadora, um espaço vazio de substância que espera para entrar; pensamentos ou sentimentos reais. Um entidade sintética, tão cínica como o mundo onde se integra ou os componentes pós-humanos que a constituem. Babel.

"Rigor mortis is now de rigueur" – O nódulo humano na rede social.

Em Babel, indivíduo também é dissociativo, artificial, reciclado, descartável. Babel implica que o ser humano em si abdique de o ser, para passar a ser um nódulo funcional numa grande rede social organizada. Um objecto humano que opera e se adapta a um

ambiente sócio-económico dissociativo. Sendo dissociativo, esse ambiente exige adaptação individual no mesmo sentido dialéctico, por meio de alternâncias contínuas de registo personalístico e comportamental. O ser humano tem de tornar-se dissociativo, psicoticizado. Uma colecção pragmática de traços ambíguos, variáveis, recicláveis. A descartabilidade da vida subjectiva torna-se um critério de sociabilidade e de empregabilidade, essencial para cumprir uma função, desempenhar papéis artificiais, vender percepções sociais.

<u>"Rigor mortis is now de rigueur" [McLuhan]</u>.

<u>O nódulo humano na rede social ubíqua, a morgue da alma</u>. Marshall McLuhan caracteriza esta condição como sendo o estado do nódulo humano na rede auto-organizada. Dele, é esperado que não seja mais que um electrão livre que, após girar em elípticas previsíveis à volta de um núcleo de papéis e percepções, salta para o próximo núcleo de papéis e percepções. É esperado que seja despojado de alma, instrumentalizado, reciclado, voluntariamente objectificado; que se mova por mero tropismo de circunstância, entre diferentes contextos, papéis e lugares. Como McLuhan diria, "*rigor mortis is now de rigueur*". *Ter* uma personalidade é algo que se coloca no caminho de *vender* uma personalidade. Babel é a morgue da alma humana.

<u>Rigor mortis exige destruir o self – daí, facilitação, psicotrópicos, meditação, etc</u>. *Rigor mortis* não é um estado humano. O ser humano interno – *a alma* – não aceita, ou se adapta, à sua desconstrução contínua. É aqui que surge facilitação social, inputs culturais, sistemas sintéticos de pensamento, hoje em dia conhecidos como *software* cognitivo. O homem *hardware*, a caminho da fusão pós-humana com a máquina. É também aqui que surgem as drogas psicotrópicas. Destruir o *self*, uma dose de cada vez. "*Don't worry, be happy*". Essa é uma canção para um público em mudança permanente. Entretenimento, muito entretenimento – sedação. Meditação – praticar *rigor mortis* deixa de ser meramente *de rigueur*, para ser tornado *groovy*.

O homem dissociativo.

<u>Actor funcional e sensation seeker, em implosão e em explosão [Brzezinski e Quigley]</u>. A pressão da sociedade pós-moderna é desenhada para elicitar um movimento dialéctico de implosão e de explosão, como Zbigniew Brzezinski menciona, ainda nos anos 70. Neste movimento, o ser humano interno é implodido: desacreditado, desintegrado, particionado. Essa implosão é acompanhada de uma explosão para o social, na forma de dependência extrema, *acting out* e, claro, maleabilização perante o mundo exterior. Em "Tragedy and Hope" (1966), Carroll Quigley falava do modo como o "*organization man*" estava a tornar-se num actor desindividuado, o protagonista colateralizado de uma grande peça de teatro social. Autómato funcional por um lado, *sensation seeker* pelo outro – no *maelström* da vida externa, a vida interna era suprimida, até desaparecer. O indivíduo já não estabelecia uma relação com uma obra de arte; o social estabelecia uma

relação com o indivíduo e, é nessa relação que surgia uma apreciação colectivamente autorizada da obra de arte.

O indivíduo deixa de o ser – já não tem um self coerente e integrado.

Torna-se mero *actor* social, um caleidoscópio em fluxo com o ambiente.

Tudo isto acelera a destruição de indivíduos e de sociedades. Brzezinski aponta que o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por um *self* integrado e consistente. Pelo contrário, o indivíduo na sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, um objecto maleável, flexibilizado, ajustado, distorcido. Alienado da sua própria vida interna, vive de acordo com as ficções transitórias que lhe são impostas pela realidade externa. Um caleidoscópio em transições contínuas num ambiente caprichoso em mudança permanente. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski. E, aqui, Brzezinski estava a ser conservador. Os problemas sociais e mentais surgem a partir do momento exacto em que o indivíduo deixa de ser um indivíduo, para passar a ser um mero actor social. Tudo o resto é a *fallout* óbvia desse problema original.

OCDE (1970).

Harman, OCDE (1970) – Tecnologias emergentes.

Tecnologias emergentes justificam controlo, do local ao global.

Engenharia humana (e.g., extensão de vida).

Engenharia genética, para modificar humanos, vida em geral, e guiar evolução.

Alteração de características mentais humanas (e.g., personalidade, carácter).

Armas de destruição maciça, que podem aniquilar largos segmentos da humanidade.

«*...we have now, or could develop soon, the power... through "human engineering", to modify indefinitely the bodies of selected individuals, for reasons ranging from scientific curiosity to prolonging life... through genetic engineering, to modify the characteristics of the human race and to shape the course of evolution... to change to unlimited extent the physical characteristics, and the plant and animal population, of the biosphere... to alter to unlimited extent men's mental and emotional characteristics, including intellectual abilities, motivations, affect, personalities, and character... through weapons of mass destruction, to annihilate large segments of the human race and devastate large areas of the earth...*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Planeta Terra, um único sistema integrado.

O mundo semi-globalizado tem de ser integrado e guiado, como um único sistema.

Sistemas de produção/distribuição e comunicação/transporte revelam a direcção do futuro.

O planeta como um único sistema integrado. «*...guide a single integrated planet*»

«*The necessity of a shift from a parochial to a "one world" view of "Spaceship Earth" hardly needs defence. Frequent reminding comes from awareness that through present world communications networks repercussions of local events are rapidly felt and reacted to around the world. Ecological problems are world problems. Production/distribution and communication/transportation systems are essentially global. They require, and depend upon, the resources of the entire planet and, more importantly, the global interchange of research, development, and technical and*

managerial expertise. Most significantly of all, perhaps, there are no "local" political and economic problems any more. Political events in remote lands, famines or other catastrophes in underdeveloped countries, all have direct and immediate impact on the technologically developed world» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico definido.

Não vivemos em sociedades capitalistas – mas sim em "estados tecnotrónicos".

O estado tecnotrónico – Computorização, PPPs, centralização, integração, planeamento, facilitação da mudança.

O estado computorizado, cibernatado, tecnológico.

Grandes organizações centralizadas, parcerias público-privadas.

Planeamento vai substituir mercado.

Investigação e serviços dominam, produção decai – desindustrialização.

Mudança planeada, dirigida, institucionalizada: think-tanks, centros de análise de sistemas, etc.

Uma grande rede de valências interligadas: governamentais, militares, investigação, análise de políticas, finança, serviços, indústria.

A entrada do «*computerised, cybernated state… certain trends and developments are here to stay, at least for the near future. One is a high and increasing level of technology and of cybernation. Second is the conduct of most purposeful activities by large-scale centralized organisations, such as those developed in government and industry in recent decades. Further, distinction between public and private organisations will no doubt become more blurred, as it already has in military procurement, space exploration, and atomic energy. Planning will tend to replace the market mechanism in controlling the flow of money, goods, and services... Research and services will play a more dominant role, production less. "Intellectual institutions" (universities, research laboratories, "think tanks", systems analysis centres, etc. will play a more significant role. Change – the research, development and innovation process – will be institutionalised, that is, institutions will be facilitators of change rather than impediments to change... a network linking the widespread governmental, military, university, research, policy analysis, urban development, financial, commercial and industrial organisations...*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for

Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – A tecnocracia.

Concentração de poder nas mãos de uma "elite" de profissionais e intelectuais.

Portanto, uma classe de funcionários imperiais.

[Há que usar termos como "elite" para inflacionar egos e aguçar apetites].

«*These developments will result in the growth of, and concentration of power in a bureaucratic and knowledge-based "meritocratic" elite, a highly professional and intellectual class...*»

Os valores da tecnocracia – "O homem cinzento".

Frieza, relativismo moral, reducionismo.

O que é útil é racional e é bom.

"…the basic value position is one of moral relativism…reductionism".

"…especially regarding such "higher values" as freedom, justice, love, cooperation, free will, beauty, goodness, etc". – São o "resultado de condicionamentos, ilusões".

"...scientific objectivity, intelligence, and impassivity may be valued".

"However, these tastes must have been culturally imposed somewhere along the way".

É preciso compreender, este perfil é necessário para sistemas autoritários.

É uma mentalidade obediente e auto-alienada da realidade.

Desde a Prússia, no século XIX, que todos os sistemas totalitários têm uma casta de funcionários imperiais com esta mentalidade.

É uma mentalidade desenvolvida a partir do trabalho de Hegel, uma espécie de filósofo imperial alemão.

Hegel – "verdade, não existe, superstição" – oxímoro – sistema totalitário de colmeia – doutrinas totalitárias utópicas – fascismo, nazismo, comunismo.

"Se tudo é subjectivo, então tudo pode ser feito, desde que seja útil e pragmático".

Esta foi a mentalidade que presidiu à Solução Final na Alemanha Nazi e ao gulag na URSS.

Como criação de animais.

Estas coisas são feitas com o mesmo espírito como se criam animais, para dizer a verdade.

"Se eu der este treino e aquele ao meu cão, ele vai ser um bom cão de guarda".

E aqui é a mesma coisa: criar a mentalidade apropriada para a função apropriada. O homem cinzento, a abelha obediente, sem consciência ou alma, o homem cinzento.

«*The basic premises include the assertion that human behaviour can best be understood as an interaction among more or less stable characteristics of the individual and the immediate situational context. The individual characteristics - personality pattern, values, goals, etc., - arise in turn from the historical interaction between physiological needs and instinctual energies and desires on the one hand, and environment - particularly that of early-childhood- on the other... Socially acceptable behaviour is arrived at through socialisation (conditioning) processes... The behavioural-science position tends to be reductionist, especially regarding such "higher values" as freedom, justice, Love, co-operation, reason, courage, free will, truth, beauty and goodness, self-fulfilment, and responsibility, regarding them as sublimations of instinctual drives or as more straight forward cultural conditionings. Thus the basic value position is one of moral relativism... Likewise, such values as social order, justice, social consciousness, democracy, humanitarianism, public service, morality, achievement, etc., are perpetuated by the culture because of their usefulness, but they have no deeper transcendental roots. Because of the implicit deterministic assumption, values such as freedom and democracy, which imply that the individual ultimately has free will and is responsible for his actions, are not only cultural inventions, but illusions... Various personal characteristics may be valued, particularly scientific objectivity, intelligence, and impassivity. However, it is recognised that the choice to value these characteristics is itself illusory in its freedom, since these tastes must have been culturally imposed somewhere along the way*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – Comunidades especializadas.

<u>Cidade científica, cidade universitária, cidade-festival, etc</u>.

<u>Comunas para experimentar formas alternativas de vida e engenharia social</u>.

<u>[Soviet Union, anyone?]</u>.

«*There will be variety in cities too, with specialised forms – scientific city, university city, festival and ceremonial cities, recreation city, experimental cities – and planned communities. Experiments with alternatives to the main patterns of living (precursors being communes, bohemian urban communities, substitutes for marriage, etc.) will be*

commonplace» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – “Garrison state”.

Transição vai exigir “strong order-maintaining justice”.

Ou seja, “democracia musculada”, onde a política é paramilitarizada.

«*...the nation will require in the years just ahead a strong order-maintaining and justice-dispensing system and a reversal of the image of police-as-oppressor which is presently held by a large segment of the population. The counter image, of a fair and upright protective force to preserve our delicate and hard-won social values, will not be easily attained. It is a common task for the educational system to carry out together with the forces for order and law*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Valores – Novos sistemas de crenças e valores.

Custos da transição podem ser mitigados com novos sistemas de crenças. Há que encontrar uma forma de «*...reduce our anxieties and help in the rational formulation of policies which will contain such destructive forces as have to be contained, while minimizing the violence... which might accompany the change*»

Há que transitar visões do mundo, para uma de “one world”. «*The necessity of a shift from a parochial to a "one world" view of “Spaceship Earth”*»

Há que encontrar novos valores para guiar o planeta integrado. «*...the question is whether the values which served well enough for isolated villages, or even isolated continents, will suffice to guide a single integrated planet. If they will not, then this is the most important single thing to know in designing the education of the future. For if values are to be changed, this must be through an educative – though not necessarily a schooling – process*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Valores – Alvo: valores de classe média judaico-cristã.

Estes valores [listados] não são compatíveis com a transição e têm de ser mudados.

São incompatíveis com o impacto psicológico da transição.

Redução de liberdade individual.

Menos controlo sobre o ambiente e sobre a própria vida.

Maior autoritarismo.

Redução dos níveis de qualidade de vida.

«*Implicit in...middle-class (traditional)... belief-and-value system is that, while religious beliefs are good to have as a basis for morality, the values derived from the Judeo-Christian tradition will standby themselves on a pragmatic basis. Hence, there tends to be little emphasis on specific religious beliefs or metaphysical premises as a source of values; atheists, agnostics, Christians and Jews are expected to have more or less the same values. Thus without being tied to a particular cosmology, there tends to be a generalised belief... in the perfectability of man and in his ability to better his position through his own efforts... in material progress as the meaning of social progress... in humanitarianism and a moral orientation to the world... A high value is attached to the rights to 1) individual pursuit of economic security and happiness, 2) personal liberty (freedom, privacy and property rights), 3) equality of opportunity and justice, and 4) essential respect as a human being. These rights are strongly tempered by the ethic that man must earn what he gets, through industry and persistence… Value is placed on the orderly society, with social roles and rules for transition well-defined, and domestic and civic virtues commonly held. Pleasantness of environment and the esteem of others are prized... Self-discipline, hard work, efficiency and productivity are honoured; the emotional life should be well-regulated and rationalised... The following personal characteristics are valued: Industry, integrity, dependability, self-sufficiency, rugged individualism, control of inner feelings, moderation, rationality, orderliness, regularity, conformity, pragmatism, cleanliness, responsability, loyalty to family and firm, patriotism, Apollonian style, action as contrasted with contemplation, youthfulness*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Valores – "Mudar a cabeça das pessoas".

Gerir o futuro global implica seleccionar novas crenças e novos valores. «*...in a fundamental sense, choosing the future involves choosing a set of beliefs and values to be dominant... A drastic and rapid shift in orientation is imperative, on the part of the entire industrially developed segment of the world. Nothing less than a new guiding philosophy will do*»

A solução é "mudar a cabeça das pessoas". «*Change peoples' heads...*»

Indivíduos têm de ser ajustados psicologicamente às mudanças.

Moldar o intelecto e os sentimentos.

Usar "person-changing technology"em toda a sociedade – i.e., lavagem cerebral, a todo o terreno – na escola, nos media, nos transportes e no local de trabalho.

Usar técnicas semelhantes a psicoterapia, onde o indivíduo muda os seus valores mais elementares.

«*...changes are implied for the individual which will invoke participation of feelings as well as intellect... Emotional and conative faculties must be engaged. If these two points are to be implemented, educational experiences must be contemplated which are akin to psychotherapy in that they aim at bringing the individual into closer touch with himself, to where he makes his own discoveries that result in a felt realisation of the inevitability of one inseparable world, and a felt shift in the most basic values and premises on which one builds one's life. In a sense, this means bringing... "person-changing technology"... into the educational system. Education to develop an ecological sense is education toward total sensibility. This is radical doctrine*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – Educação e controlo comportamental.

Tecnologia, STW, controlo e formatação [formação] comportamental.

[As palavras formação e formatação significam exactamente o mesmo, mas um é mais simpático e inocente que o outro].

Educação vai tornar-se cada vez mais tecnológica, e menos presencial.

"*...behaviour shaping approaches... based on behavioural-science infrastructure*".

"Continuing education... blurring of the distinction between vocational and academic education".

«*Highly centralised and intensive (though possibly subtle) social control will be wielded over vocational training, worker mobility, work attitudes and consumer habits... Schools in the forms we know will virtually disappear. Instead, education will take place via combined systems of machines and human assistants located in homes, neighbourhood centres, specialised learning centres, museums and industrial and business locations... There will be strong reliance on "behaviour shaping" approaches, involving the detailed specification of desired behaviours to be imparted by contingency management techniques. This work will be based on a sound behavioural-science*

infrastructure. The roles of evaluation and credentialing - i.e. assessing suitability for the various vocational and professional tasks which the society requires for its functioning-will probably remain important. Continuing education, in the form of vocational retreading, will also have an important place... Increasing blurring of the distinction between vocational and academic education... Reduced emphasis will be placed on absorbing specialised information and developing specific vocational skills. Less attention may also be given to grading...» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

OUGHTINESS – Serpente – Socialização.

OUGHTINESS – Sensitivização, expectativas, percepções (Serpente).

[*O sistema da serpente no Éden, e da psicologia social, e do marketing – sensibilizar estrategicamente para necessidades latentes, por forma a obter resultados comportamentais*].

Sensibilizar alvo para o que "deveria ser" (Benne). «*Only a method of such scope can deal with the problem of changing human relations; for, inevitably, it must consider not only what "is" and what "can be" but also, what "ought to be"*»

Enganar e manipular o alvo – Jogo de percepções e expectativas (Benne). «*The words "seem to" are significant; it is the perception, "objective" or not, which functions in guiding behavior… All human behavior is directed toward the satisfaction of needs… It follows from the first assumption that the individual will change his established ways of behaving for one of two reasons: to gain increased need satisfaction or to avoid decreased need satisfaction. Changes in his behavior for either of these reasons are inevitably a consequence of the way he perceives the situation. The expected increase or decrease in need satisfaction may be illusory (from the observer's point of view)*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

OUGHTINESS – Socialização e obtenção de consenso.

Visionamento inspira pessoa a investir no consenso.

Slogans PNL – Pertença, democracia, tolerância, aceitação, progresso. O espírito é "influenciar e ser influenciado". O processo é positivo per se. Participar no processo é uma marca de aceitabilidade social. É-se democrático, tolerante e progressista. Pelo contrário, quem não está disposto a diluir as suas posições no grupo, é divisivo, intolerante, elitista e por aí fora.

Promessa PNL – Um futuro melhor, que "deveria ser", partilhado e livre.

Sensibilizar alvo para o que "deveria ser" (Benne). «*Only a method of such scope can deal with the problem of changing human relations; for, inevitably, it must consider not only what "is" and what "can be" but also, what "ought to be"*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Paperclip – Chatter – Bluebird – Artichoke.

Operation PAPERCLIP – Recruta de cientistas nazis.

JIOA, 1945. Levada a cabo pela Joint Intelligence Objectives Agency, 1945.

EUA recrutam 1600 experimentadores nazis. Em 1945, como parte da Operation Paperclip, o governo dos EUA recrutou 1600 cientistas nazis, muitos dos quais tinham realizado experiências com sujeitos humanos em campos de concentração. Os cientistas receberam imunidade pelos seus crimes de guerra, e continuaram a sua linha de trabalho em agências governamentais americanas. Estamos a falar de criminosos de guerra.

Tortura, lavagem cerebral. Alguns destes cientistas estudam tortura e lavagem cerebral, entre outras.

BLUEBIRD, ARTICHOKE – Controlo psicológico e comportamental.

Projectos que saiem da Paperclip. Conduzido pela colusão da CIA com as forças armadas.

CHATTER – BLUEBIRD – ARTICHOKE. Project CHATTER (1947), Project BLUEBIRD (1950), que mais tarde se torna no ARTICHOKE (1951).

Controlo e modificação de psique e comportamento.

Técnicas não-convencionais – Hipnose, drogas, ambientes psicadélicos. Técnicas especiais, não-convencionais: hipnose, drogas (soro da verdade, barbitúricos, cogumelos, cocaína, anfetaminas), ambientes psicadélicos.

BLUEBIRD – Soldados expostos a LSD.

Exposição sob termos ilegais. Durante o Project Bluebird, cerca de 7000 soldados são doseados com LSD, sem conhecimento ou consentimento, no Edgewood Arsenal de Maryland.

Doenças psiquiátricas. Mais de 1000 destes soldados sofreram de várias doenças psiquiátricas, incluíndo depressão e epilepsia, como resultado dos testes.

ARTICHOKE – Memorandums CIA.

Memo 1952 – Fazer sujeito agir contra própria vontade. «*…any method by which we can get information from a person against his will and without his knowledge… get control of an individual to the point where he will do our bidding against his will and even against such fundamental laws of nature such as self-preservation*» C.I.A. memorandum, January 25, 1952.

Memo 1952 (2) – Alterar personalidade, causar confusão mental, ataques psicológicos. «*…a personality could be changed, intense mental confusion could be produced by deliberately attacking an individual along psychological lines*» C.I.A. memorandum, March 11, 1952

Memo – Double-think world of hypnosis…easier to hypnotize large numbers. «*The possibilities are not only interesting, they are frightening. A kind of double-think Orwellian world of hypnosis, while unlikely, is not utterly fantastic… Actually, it appears to be easier to hypnotize large numbers of people than a single subject*» C.I.A. memorandum, "Hypnotism and covert operations".

Memo 1975 – Assédio psicológico e isolamento. «*SRS has examined and investigated numerous unusual techniques of interrogation including psychological harassment and such matters as "total isolation"*» C.I.A. "Memorandum for the record: Project Artichoke", January 31, 1975

PAULO FREIRE (1970) – "Pedagogia do oprimido".

Opressão.

Educação, consciencialização social – "Todos são oprimidos". Alterar radicalmente a educação; o professor tem de ser um facilitador e o método tem de ser inquérito. Este é o novo sistema de valores, que tem vindo a ser impingido através das escolas. Intervenção pedagógica alterar radicalmente a cultura, mudar sociedade e indivíduo. É preciso ensinar a todos, que todos são oprimidos – consciencialização social.

Emancipação no grupo, com acção colectiva, violência de grupo. Libertação equivale a emancipação social marxista. A solução é acção colectiva, com violência libertadora sobre o opressor. Mas isto não é mau, porque foi o opressor que bateu primeiro.

Dividir para reinar. As mulheres são oprimidas pelos seus maridos. Os maridos são limitados pelas suas esposas. Os filhos são oprimidos pelos pais, e todos são oprimidos por Deus e pela consciência moral. Todos oprimem a mãe-Terra e os vários animais. Esta é a fórmula para lançar toda a sociedade num caos coordenado de segregação mútua e separação. Ao indivíduo, é oferecida a promessa vaga de um futuro social melhor – existe algo bom e brilhante e colorido lá fora, na vida social. Alternativas, novos caminhos. É claro que não existe nada, numa sociedade em guerra permanente, e o resultado é a atomização do indivíduo. Tudo o que fica é uma grande e gorda viúva negra e a sua teia social, e os insectos sociais capturados na teia social. [E, se uma pessoa não concordar com Freire, está a oprimir Freire, porque demonstra ter as crenças erradas – quem não concorde com este evangelho é um opressor]

Globalismo. Intervenção externa é reproduzir este modelo, o soviete, nos quatro cantos do planeta. É preciso acção colectiva, do local ao global, para purgar todo e qualquer vestígio de opressão da sociedade humana. Isto significa a mais avançada de todas as democracias, de que Stalin falava.

Humanitarismo vs humanismo. Humanitários são opressores fingidos; como tal, têm de ser restringidos, "impedidos de oprimir". Humanitarismo é intolerável; o caminho avante é humanismo secular. É isto que tem de reinar sobre cada alma no planeta.

Paulo Freire (1970). "*Pedagogy of the Oppressed"*.

Paulo Freire e a "Pedagogia do Oprimido"

[***Ver também notas sobre "Tolerância repressiva", Herbert Marcuse***]

PauloFreire (1970)."*Pedagogy of the Oppressed*"

"Humanizar" o "oprimido" e "libertá-lo" do "opressor" (isto a 180º).

"Humanização", sob visão humanista secular, i.e. distorcida e invertida a 180º.

Ser "humano" é aqui nihilismo epistemológico e moral, subdesenvolvimento, totalitarismo.

Isto é, a pessoa "humanizada" de Freire é uma besta degradada e violenta. O propósito de tudo isto é "libertação" e "humanização". O drama aqui é que Freire usa os conceitos no sentido humanista secular. "Humanismo secular" é o sequestro existencialista do Humanismo e despreza genuinamente o ser humano. É uma doutrina violenta, preconceituosa, elitista e totalitária. No sentido humanista secular, ser-se plenamente "humanizado" significa estar "libertado" de uma consciência moral (utilitarismo moral – "*o que é bom e certo é aquilo que avança os meus interesses e os do meu grupo; mentir, roubar, assassinar, são coisas certas se forem úteis*") de critérios de lógica e verdade epistemológica (nihilismo epistemológico – "*o que é verdadeiro é aquilo que eu e o grupo queremos que seja*") e de conceitos "bourgeois" de liberdade, democracia, desenvolvimento (humanismo secular abraça totalitarismo e subdesenvolvimento; é isso que é a utopia). Sob humanismo secular e sob este charlatão Freire, o homem "humanizado", é uma besta degenerada, nihilista, violenta e autoritária. Mas é também alguém que vai aprender a apresentar-se como "vítima" e a culpar as suas vítimas pelos seus próprios crimes.

"Desumanização"é aquilo que me impede de ser "humano" (i.e. besta). Sob este paradigma doentio, "desumanização" é aquilo que impede a minha "libertação humana". Aqui, estamos essencialmente no domínio moral e epistemológico. Quando alguém me diz «*não podes mentir, isso é errado*», isso impede a minha "emancipação moral para plena humanização". Quando alguém me diz, «*2+2 = 4, independentemente de quereres que seja 22; é um facto objectivo*», então essa pessoa está a negar o meu direito de exercer criatividade sobre o real, o meu *direito* de dizer que 2+2 = 22.

"Opressor" e "oprimido". Em qualquer um dos casos, essa pessoa está a oprimir-me; é um "opressor". É isso que significa realmente ser-se "opressor" e "oprimido", sob a framework de Freire e da sua trupe de colegas dialécticos.

Ideologia para perturbados, sociopatas e choninhas de sofá. Isto são literalmente ideologias para doentes mentais e para colegiais insatisfeitos com a vida, em busca de fontes de emoção e de poder. O tipo de público a que este lixo se dirige é composto de choninhas que, em média, passaram a vida à volta de dilemas existenciais de sofá e nunca se conseguiram assumir como indivíduos; falta de auto-estima, de sentido de vida e um background em nihilismo de sala de estar (lifeispointless, whyshould I care). Sob as condições certas (e.g. drogas psicotrópicas, meios sociais perturbados e reforçantes da ideologia), isto dá origem a formas agressivas de egoísmo e de autoritarismo. É claro que a ideologia também é perfeita para sociopatas e para psicopatas, já que racionaliza e legitima esse tipo de personalidade. Mas é mais grave que isso. Toda a ideia por detrás da disseminação deste tipo de filistinismo é a criação de castas e seitas de perturbados mentais com ferramentas paralógicas para racionalizar o seu próprio filistinismo. Radicais violentos auto-justificados no seu radicalismo e na sua violência.

“Oprimido” tem direito e dever de oprimir “opressor”.

“Vítima” tem de oprimir o “opressor”. Quando o opressor protagoniza qualquer um dos casos anteriormente descritos, isso significa que está a exercer violência sobre mim; está a impedir-me de expressar todo o meu potencial e de concretizar a minha plena condição humana. Como tal, eu, oprimido/vítima, tenho o direito de agredir e atacar essa pessoa; de a oprimir, no sentido real da palavra. Como Freire diz, é o opressor quem inicia a violência, quando me impõe uma negação, que me aliena de concretizar a minha plena “humanização” (e esta negação é um “não farás”, um critério de certo e errado, ou de verdade e falsidade).

Quando “opressor” estabelece uma negação está a “objectificar oprimido”, a ser “possessivo”. Quando o “opressor” estabelece essa negação, e me impede de mentir e de inventar a realidade sob os meus próprios caprichos, isso é uma angustiante fonte de alienação. Porque é que eu haveria de ter de assumir que a minha mentira descarada de ontem prejudicou outrem? Porque é que eu tenho de ser chamado à responsabilidade por isso (isto é uma doutrina para choninhas, não esquecer isso)? É um atrevimento do “opressor”; eu quero negar que ontem eu disse o que quer que tenha sido; não menti, e se menti é o meu direito mentir. O “opressor” está a vitimar-me em tudo isto, está a tratar-me como uma “coisa”, segundo Freire. Está a ser “possessivo” quando me chama à responsabilidade. Em vez disso, deveria tratar-me como um “ser humano”, o que implica aceitar que tenho o direito de reinventar a realidade a meu bel-prazer. Se ele o fizesse, podíamos dar-nos bem. Como não o faz, tenho de o atacar (literalmente).

Isto é todo o terreno, em nihilismo epistemológico e moral.

E, é uma ideologia de poder, oligárquica. [Convém lembrar que todos estes exemplos podem ser aplicados a todos os domínios da existência humana, o que todo o género de distorções da realidade e todo o género de actos criminosos. Isso toca a indivíduos mas também, claro, a grupos empresariais e a governos. O observador atento notará que os principais praticantes do

tipo de doutrina que Freire está a vender são oligarcas importantes (em tribunal, conferências de imprensa, etc.). Estruturas de poder pervertidas procuram sempre universalizar as suas próprias ideologias junto dos seus súbditos, as populações, e é daí que surgem propagandistas como Marcuse e Freire]

<u>"Opressores humanitários são os piores"</u>.

<u>Humanismo secular odeia humanitarismo (e seres humanos)</u>. O "opressor" é especialmente grave quando é humanitário, quando é boa pessoa. Isso significa que é um "opressor" que não se consegue propriamente apontar em público enquanto tal, e isso origina problemas. Seja como for, a ideia de humanitarismo é, para Freire, atroz. Freire quer apenas humanismo secular, que é decididamente anti-humanitário (na verdade, anti-humano).

Dialéctica vs didáctica.

<u>Freire rejeita método didáctico, exige (autoritariamente) dissolução dialéctica</u>. Ainda de nota, como é óbvio Freire rejeita o método didáctico, i.e. a explicação objectiva de factos e de axiomas. Em contrapartida, exige a adopção do método dialéctico, pelo qual a verdade é negociada entre partes. Domínio epistemológico: «*Eu acho que 2+2 = 4, tu achas que é igual a 22; estabelecemos um meio-termo em 10, que tal?*». Domínio da acção moral: «*Eu não gosto de mentir, tu gostas, podemos estabelecer um meio-termo em que às vezes não mentes e eu passo a mentir de vez em quando, tu ensinas-me*». Dialéctica implica negociação e dissolução de posições; as pessoas têm de se tornar ***dissolutas***.

<u>Freire é um charlatão e um hipócrita, determinante para destruição da educação</u>. No melhor estilo dialéctico, Freire usa isto para dar ordens e exigir que a escola seja inteiramente adulterada. O método didáctico, pelo qual o professor ensina factos e axiomas aos seus alunos (e, esperançosamente, ensina-os a pensar por si mesmos) tem de ser inteiramente abandonado. Em vez disso, tem de entrar uma nova era de dialéctica, onde os alunos negoceiam a verdade com o professor, e chegamos a um meio-termo de ignorância, filistinismo, inacção, incapacidade (Freire é vital para a reforma educacional UNESCO que nos traz à *wasteland*psicossocial das escolas actuais). É claro que quando Freire expõe o seu amalgamado de paralogismos e atrocidades intelectuais, fá-lo de forma mais autoritativa que a média dos professores didácticos o faria. Mas Freire pode fazê-lo, porque é o grande educador de teenagers sem lifepurpose, o pedagogo destes pobres "oprimidos".

PCs PARA MUDANÇA DE VALORES E VIGILÂNCIA.

John Loughary (70s) – PCs – Indivíduo vai perder capacidade de decisão.

John Loughary, Presidente do Departamento de Counseling, Universidade do Oregon.

"Many decisions and judgments will soon be made for the individual". «*The extent to which technology will influence personal behavior is increasing as highly sophisticated information systems are being designed. Many daily decisions and value judgments now made by the individual will soon be made for him*»

In F.J. Pula (1972). "Technology in education: challenge and change". Charles A. Jones Pub. Co.

PCs – Clarificação de valores – Braun & Slobodzian.

Professores em educação. Os autores eram Professores Assistentes no Departamento de Currículo e Instrução da Northern Illinois University School of Education.

Usar PCs para clarificação de valores.

Armazenar, analisar, partilhar respostas de toda a população.

"Mature guidance in examination, evaluation, acquisition of values".

"The computer, then, is ideally suited to the role of facilitator in values education".

"Values clarification and analysis can be used as basis for software development".

"A mirror… student examines what is valued in terms of reasoning, consequences, well-being".

"Responses of the entire population could easily be compiled, stored, and shared".

«*A student using computer-assisted-instruction (CAI) in the examination, evaluation, and acquisition of values would be able to do so with mature guidance in an environment free from potential rejection or scorn. Another pitfall for teachers of values education is the invasion of a child's right to privacy. Well-intentioned teachers often expect self-disclosure beyond a student's limit of psychological safety (Lockwood, 1977) by demanding deeply personal revelations from participants who are not prepared to discuss their more private thoughts. The computer, in contrast, has no misguided need to get to know "the real you". The computer, then, is ideally suited to the role of facilitator in values education… A student using CAI gains… a constant source of appropriate feedback while exploring and integrating feelings, beliefs, and behavior…*

a computer can be used to help people think about their feelings and values… values clarification and values analysis, are aptly suited to be used as a basis for software development… both approaches engage the student in eliciting value-related statements or behaviors and then subjecting these behaviors or responses to examination. Thus, values clarification and values analysis serves as a mirror in which the student examines what is valued in terms of reasoning, consequences, and individual well-being… the responses of the entire population of a school system could easily be compiled, stored, and shared… the personal computer is on the brink of revolutionizing education» – Joseph A. Braun & Kurt A. Slobodzian (April, 1982). "Can Computers Teach Values", Educational Leadership.

PCs – Clarificação de valores – Braun & Slobodzian – "Doctor".

"Doctor". Os autores dão o exemplo de um programa elaborado para ter uma conversa sofisticada, terapêutica, com a pessoa. O "Doctor", de 1977, onde o programa conversa com a pessoa.

«*Human: Men are all alike.*

Computer: In what way?

Human: They're always bugging us about something or another.

Computer: Can you think of a specific example?

Human: Well, my boyfriend says I'm depressed much of the time.

Computer: I am sorry to hear that you are depressed.

Human: It's true. I am unhappy. I need some help.

Computer: What would it mean if you got some help?

Human: Perhaps I could learn to get along with my mother.

Computer: Tell me more about your family»

Joseph A. Braun & Kurt A. Slobodzian (April, 1982). "Can Computers Teach Values", Educational Leadership.

PCs – Schooling & Technology – "Um laptop para cada criança".

"Um laptop para cada criança". É suposto que todas as crianças tenham um computador laptop. O relatório fala da chegada do «*ubiquitous computer...to school*»

“Schooling & Technology, Volume 3: Planning for the Future: A Collaborative Model”. Southeastern Regional Council for Educational Improvement, Research Triangle Park, N. C. National Inst. of Education (ED), Washington, D.C., May 1984.

PCs – Clarificação de valores – Duston Heuston.

Duston Heuston, do World Institute for Computer-Assisted Teaching (WICAT).

O PC como psicólogo.

“Computer can act as if it were 10 of the top psychologists working with one student”.

“No one can get between that child and that curriculum”.

«*We've been absolutely staggered by realizing that the computer has the capability to act as if it were 10 of the top psychologists working with one student… You've seen the tip of the iceberg. Won't it be wonderful when the child in the smallest county in the most distant area or in the most confused urban setting can have the equivalent of the finest school in the world on that terminal, and no one can get between that child and that curriculum? We have great moments coming in the history of education!*» – “Schooling & Technology, Volume 3: Planning for the Future: A Collaborative Model”. Southeastern Regional Council for Educational Improvement, Research Triangle Park, N. C. National Inst. of Education (ED), Washington, D.C., May 1984.

PCs – Clarificação de valores – Redes sociais, “friends”, pornografia.

Redes sociais. O indivíduo aprende a pensar em si mesmo como uma peça num grande, animado colectivo.

Múltiplos friends. A banalização das relações humanas. Influenciar e ser influenciado, sabe-se lá por quem.

Pornografia e masturbação. Redefinição de valores sobre relações e sexualidade. Dispêndio literal de energia e libertação de tensões.

Skinner coloca tudo isto em perspectiva. [citação sobre masturbação e pornografia]

Ao mesmo tempo, pornografia usada para censurar Internet. E, ao mesmo tempo, a pornografia online é usada como o principal motivo de apelo para colocar restrições e sistemas de censura na Internet – dois coelhos de uma cajadada. Bom, isso vai acontecer, mas quando acontecer, não vai ser a pornografia que vai desaparecer. Vão ser trabalhos como este. Enquanto os liliputianos tiverem qualquer tipo de ímpeto sexual, a torrente de pornografia não vai parar.

Processo dialéctico – Provocadores.

Provocadores – Da Revolução Industrial aos dias de hoje.

Provocadores usando durante Revolução Industrial. Durante a Revolução Industrial, o governo britânico usava *agents provocateurs* para conduzir revoltas, de modo a identificar revoltosos, que podiam depois ser deportados ou enforcados.

Extrapolar para dias de hoje.

PROCESSO DIALÉCTICO.

Dialéctica histórica.

["O serpentear da serpente pelo tempo e pelo espaço"].

Mudança, na natureza, resulta do choque de opostos.

Acção-reacção [Newton]. Como Newton dizia, para cada força na natureza, existe uma reacção de força igual e oposta.

Choque de opostos resulta em progresso histórico. Teoria que mantém que todos os eventos históricos resultam de choques dialécticos. A ideia é a de que o progresso e a mudança vêm do choque, do conflito entre opostos, entre forças em oposição.

Tese-antítese-síntese-nova tese. Do choque entre forças, sai um resultado [***dar exemplos na natureza***]. Uma força ou movimento (tese) vai sempre originar, a seu tempo, uma força de oposição (antítese). As duas degladiam-se e o choque dá origem a uma nova forma de organização (síntese), mais complexa do que as forças originais. Por sua vez, a síntese torna-se estabelecida como uma nova tese, provoca uma nova oposição ou antítese, e a luta continua, à medida que a história continua.

Sociedade.

→ ***Evolui através de processo dialéctico***.

→ ***Acção-reacção*** → ***compromisso ou mudança***. O mesmo princípio é aplicável à sociedade humana. Para cada movimento, ideia, tendência, ou política, a tendência é a de surgirem forças opostas. Do choque entre forças, resulta um compromisso, que pode ser um ponto de equilíbrio ou uma mudança cultural.

→ ***Sem confronto, mudança é muito mais lenta – e pessoas opõem-se***.

Dialéctica histórica – Evolução guiada.

Evolução guiada pela geração e controlo de conflito. Se for possível guiar e controlar esse choque, e se possível controlar ambas as forças, então é possível controlar o resultado – evolução guiada, de um ponto A para um ponto B, usando choques dialécticos constantes e controlados. Mudança resulta de conflito. Logo, cria-se, e guia-se o conflito.

Fichte e Hegel – Prússia e Britannia. Codificado por Hegel e Fichte, uma das técnicas usadas pelos Impérios Prussiano e Britânico.

Guiar a evolução de uma sociedade, ou até do mundo.

Aplicação – Possibilidades sofisticadas e complexas. As possibilidades de aplicação são quase infinitas, na sua complexidade e sofisticação.

→ Relações internacionais. Criar corridas às armas, até guerras, controlando líderes nacionais. O mesmo vale para relações internacionais, entre países. Portanto, basta haver dois primos, um na liderança de cada país, e vamos supor que a intenção é começar uma corrida às armas e criar sociedades regimentadas. Cada líder vai apresentar o outro país como uma ameaça iminente, e isso vai justificar as mudanças pretendidas. Isto também pode ser aplicado a manipulação externa de guerras, claro. Por exemplo, virar dois inimigos um contra o outro e, quando estão ambos exaustos, anexá-los a ambos [sistema romano].

→ Mudança social dirigida, usando movimentos dialécticos. Portanto, quando se quer introduzir uma mudança, C, na sociedade, introduzem-se os lados opostos, A e B, e colocam-se elementos de confiança na liderança de cada lados, e guia-se o processo social para C, que só por si é um degrau na escada, provisório, para chegar a Z. Por sua vez, C é a nova tese, provisória, e daí pode-se criar D, para estabelecer novo compromisso, E. E assim sucessivamente até Z.

→ Antecipar opinião pública – gerar respostas neutralizadoras.

→ Criar falsas oposições, que se auto-derrotam – absorvem esforços. Criar oposições que se auto-derrotem. Outra táctica possível é a pura e simples criação de oposição controlada com fins de auto-derrota. A oposição controlada será uma oposição extremamente ineficiente e perderá as lutas de propósito, tal como um boxer que perde uma luta de propósito, porque vai receber mais dinheiro por isso. Ao mesmo tempo, servem para absorver e neutralizar os esforços de pessoas bem intencionadas.

→ Versão civil do ataque em cunha. Táctica militar na qual um grupo/exército é atacado de ambos os lados. [Imagem: "The Battle of Russia", cunha nazi]

→ Fomentar crises (crise – "solução" – mudança). Por outras palavras, se a intenção é passar de um ponto A para um ponto C, começa-se por se fomentar uma crise, que desestabiliza A. O opinião pública reage, exigindo uma solução para a crise. Portanto, oferece-se uma solução, B, que traz as mudanças que se queriam desde o início, C, mas que as pessoas ainda não estavam dispostas a aceitar.

→ Em vez de ditadura, diversidade dialéctica. As ditaduras falhavam, mais cedo ou mais tarde, porque apresentavam a tese, mas eram derrubadas, ou contidas, pela reacção. Portanto, porque não criar uma ditadura que produzisse a sua própria oposição, e guiasse o processo de evolução para desfechos desejados?

Dialéctica histórica – A sociedade dialéctica.

Manipulação e lavagem cerebral. Sociedade sob constante manipulação, para efeitos de lavagem cerebral.

Ilusões, choques, bailado teatral e convergência final. Uma sociedade de ilusões, de teatro, encenação, onde o que interessaria seria provocar choques constantes e gerir percepções. No seu extremo de aplicação, a sociedade dialéctica seria como um grande bailado, ou uma grande peça de teatro, encenação, de organizações, facções e partidos, que pretenderiam opor-se, mas onde os caminhos convergiriam, no final.

Mudança permanente, estado de fluxo. A sociedade dialéctica seria uma que estivesse sempre em mutação rápida e constante, mudança permanente, na direcção de algo. A única coisa que seria permanente seria precisamente a mudança. Rápida, constante. Estado de fluxo. Progressão permanente na direcção de algo, e esse algo é mais poder para a oligarquia dominante.

Sociedade como asilo mental – mudança é compulsiva. A ideia era a de meter toda uma sociedade, todo um mundo até, numa espécie de manicómio, um laboratório fechado ao exterior, onde todos tivessem de participar no processo e ser permanentemente actualizados – é um processo evolutivo, quem não participa é excluído.

PSICOLOGIA DA PAZ – Unitarismo ONU – Panopticon – Reeducação global.

Psicologia da Paz – Robert Muller, sobre a "ciência da paz".

"UN University for Peace, for a true science of peace".

"Conflict prevention, peacekeeping, and peace building in all sectors of society".

«*…the UN University for Peace in Costa Rica, revealed how the numerous pragmatic peace efforts around the world needed to be complemented by a true science of peace, an all-encompassing strategy for peace and a thorough methodology of peace, i.e. conflict prevention, peacekeeping, and peace building in all sectors of society. It has affiliated regional peace and non-violence universities on each continent*» – Robert Muller, "*Paradise Earth*", Pub. in www.robertmuller.org.

Psicologia da Paz – Os slogans.

Reconciliação. Harmonia. Equilíbrio. Optimismo e esperança. Interdependência.

Comunidade – do local ao global. A importância de viver em grupo. Os recursos da comunidade – dá-nos os recursos, mas fica com a comunidade.

Sente-te em paz – medita e faz yoga.

Pensamento rígido, pensamento a preto e branco.

Valores partilhados, crenças partilhadas. Comportamento pró-social.

Psicologia da Paz – O Manifesto a tons de rosa.

É uma literatura *inteiramente* política.

Patriotismo está ao mesmo nível que nacionalismo ou racismo.

A palavra-chave é harmonia planetária, do local ao global.

John Galtung (1969) – Violência directa, estrutural, cultural.

Violência directa refere-se a agressão directa.

Violência estrutural refere-se a "agressão sócio-política"; i.e., "capitalismo".

Violência cultural refere-se a "símbolos como guerra justa".

Acabar com “doutrina da guerra justa” – impõe limites à ONU e afins.

Acabar com “ética protestante” – individualismo, trabalho, atrasar gratificações.

«*Post–Cold War peace psychology has drawn substantially from the conceptual work of the eminent peace researcher Johan Galtung (1969), who made a pivotal distinction between direct and structural violence. Direct violence is episodic, manifests as an acute insult to wellbeing, and typically harms or kills people quickly and dramatically. In contrast, structural violence represents a chronic affront to human well-being, harming or killing people slowly through relatively permanent social arrangements that are normalized and deprive some people of basic need satisfaction. There are other differences: Episodes of overt violence are often intentional, personal, instrumental, and sometimes politically motivated; structural violence is a result of the way in which institutions are organized, privileging some people with material goods and political influence in matters that affect their well-being while depriving others. Unlike direct forms of violence, these structures are social arrangements that are relatively impervious to change, and although the structures are socially constructed, they typically are not imbued with motives or intentionality. This distinction is widely used in the interdisciplinary field of peace studies. Closely related to structural violence is cultural violence (Galtung, 1996), which refers to the symbolic sphere of our existence that reinforces episodes or structures of violence. For example, the “doctrine of just war” is a cultural narrative that supports episodes of violence by specifying conditions under which direct violence is justified… Analogously, the cultural prescription of the “Protestant ethic” promulgated primarily by Western elites, supports structural violence by emphasizing the values of individualism, hard work, and delay of gratification. Social institutions that develop in the context of the Protestant ethic reward those who conform to this ethic successfully and ignore those who do not or cannot… Similarly, organized forms of direct violence are often rooted in institutional structures, military–political–industrial complexes, the existence of which is justified with cultural narratives (e.g., just war theory) that specify conditions under which war is regarded as legitimate (Christie & Wessells, in press)…*»

“Paz positiva”.

“Reduzir barreiras sociais, raciais, de género, económicas e ecológicas”.

“Justiça social”.

“Uma ordem social mais igualitária, para necessidades e direitos de todos”.

“Rectificar desigualdades sociais, redistribuir riqueza”.

«*In the following model, we focus not only on negative peace, by which we mean efforts to reduce violent episodes, but also positive peace (Galtung, 1985; Wagner, 1988), which refers to the promotion of social arrangements that reduce social, racial, gender, economic, and ecological injustices as barriers to peace. Thus, a comprehensive peace would not only eliminate overt forms of violence (negative peace) but also create a*

more equitable social order that meets the basic needs and rights of all people (positive peace)… We use the term positive peace to refer to transformations within and across institutions that rectify structural inequities. Positive peace is promoted when political structures become more inclusive and give voice to those who have been marginalized in matters that affect their well-being. Economic structures become transformed when those who have been exploited gain more equitable access to material resources that satisfy their basic needs (Galtung, 1996)… Whereas negative peace processes tend to maintain the structures, positive peace processes challenge the structural status quo…» – D.J. Christie *,* B.S. Tint, R.V. Wagner, D.D. Winter (2008). "Peace Psychology for a Peaceful World". American Psychologist, 63(6), 540-552.

Psicologia da Paz – Intervenção psicológica a todos os níveis sociais.

"Peacebuilding a **todos** os níveis".

"Conflict remains ubiquitous".

"Peace and violence arise from emotions, habits, thoughts, assumptions".

"NV conflict resolution at various levels of social organization".

"Interpersonal, intergroup, international units of analysis".

O que isto implica, é vigilância e intervenção psicológicas permanentes.

Operações psicológicas sobre toda e qualquer alma, na vida diária.

«*The interdependence of healthy individuals and community development is widely recognized by clinicians and community psychologists… Worldwide, since the 1990s, most instances of violence have been intrastate, typically occurring within and around communities… Not surprisingly, most casualties have been civilians… Community-based violence is intensely personal, involving neighbors, friends, and family members… Because conflict remains ubiquitous, peacebuilding requires the institutionalization of nonviolent conflict resolution at a variety of levels of social organization and the creation of new social norms for managing conflict… We have proposed a multilevel model that combines reactive interventions (negative peace) with proactive interventions (positive peace) at the interpersonal, intergroup, and international units of analysis. Such an approach recognizes that violent episodes have structural and cultural roots. In domestic violence, for example, the proximal cause may be an interpersonal conflict that escalates to violence. At the structural level, domestic violence is rooted in power asymmetry and women's economic dependence on men worldwide… Psychology should be at the forefront of efforts to promote a peaceful world because peace and violence involve human behaviors that arise from human emotions, habits, thoughts, and assumptions*» – D.J. Christie *,* B.S. Tint, R.V. Wagner,

D.D. Winter (2008). “Peace Psychology for a Peaceful World”. American Psychologist, 63(6), 540-552.

“Falsa consciência” e absorção, “democratização” – Da URSS à ONU.

Abordagem marxista – rejeição significa “falsa consciência”, exige “reeducação”. Quando confrontados com povos que não pretendiam tornar-se comunistas, os Marxistas falam de “falsa consciência” [“false consciousness”], resultante de repressão cultural, dogmatismo, e horizontes limitados. Com propaganda e incentivos suficientes, estes povos iriam ver a verdade e juntar-se à grande comuna global.

Abordagem ONU para a “democracia global” – exactamente a mesma. O mesmo acontece hoje em dia sob o novo slogan ONU de “democracia”. Quem não pretende adoptar “democracia” e comer McDonald’s é, certamente, vítima de uma falsa consciência, explicada por repressão cultural, dogmatismo, e horizontes limitados.

<u>PURGAS CULTURAIS – Policiar pensamento – Impor fluxo, mudança</u>.

Purgas culturais (F) – Higiene mental, purgar cultura (Moreno).

<u>Nova ordem cultural – Policiar, purgar comunidade (Moreno)</u>. «*...a new cultural order… The community needs, therefore, to be explored and, if necessary, purged from undesirable cultural conserves, on deeper levels than those of acquaintance and attraction-repulsion-indifference. It is the level of social interaction and more specifically, the level of cultural interaction which now concern the sociometrist on his expedition into the depth of the social microcosmos. The community must be "deconserved" from the pathological excesses of its own culture, or at least, they must be put under control*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

Purgas culturais (F) – Fluxo – Policiar pensamento, impor fluxo (Adorno).

<u>Policiar pensamento, testar indivíduo – o critério é adaptação</u>. «*...the individual may have "secret" thoughts which he will under no circumstances reveal to anyone else if he can help it… The subject's tendency to project is utilized, in the present group of items, in an attempt to gain access to some of the deeper trends in his personality… To gain access to these deeper trends is particularly important, for precisely here may lie the individual's potential for democratic or antidemocratic thought and action in crucial situations. What people say and, to a lesser degree, what they really think depends very largely upon the climate of opinion in which they are living; but when that climate changes, some individuals adapt themselves much more quickly than others…*»

<u>Impor voluntarismo para mudança contínua</u>. «*A natural step in the present study, therefore, was to conceive of a continuum extending from extreme conservatism to extreme liberalism and to construct a scale which would place individuals along this continuum… Resistance to Social Change… Another aspect of traditionalism is the tendency to oppose innovations or alterations of existing politico-economic forms. If things are basically good now, then any change is likely to be for the worse. Underlying resistance to change is sometimes expressed in the form of an emphasis on caution and an antipathy to being "extreme." For example: "The best way to solve social problems is to stick close to the middle of the road, and to avoid extremes"*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Purgas culturais (F) – Fluxo – Escalas conservatismo-mudança-ajustamento.

Escalas. É desta fase que surgem estas escalas, que classificam as pessoas consoante a sua aptidão e vontade para mudar. Em destaque nisto, pessoas como Gordon Allport.

Tornam fluxo-ajustamento um critério de saúde mental.

PURGAS CULTURAIS – Policiar pensamento – Impor fluxo, mudança.

Purgas culturais (F) – Higiene mental, purgar cultura (Moreno).

Nova ordem cultural – Policiar, purgar comunidade (Moreno). «*…a new cultural order… The community needs, therefore, to be explored and, if necessary, purged from undesirable cultural conserves, on deeper levels than those of acquaintance and attraction-repulsion-indifference. It is the level of social interaction and more specifically, the level of cultural interaction which now concern the sociometrist on his expedition into the depth of the social microcosmos. The community must be "deconserved" from the pathological excesses of its own culture, or at least, they must be put under control*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

Purgas culturais (F) – Fluxo – Policiar pensamento, impor fluxo (Adorno).

Policiar pensamento, testar indivíduo – o critério é adaptação. «*…the individual may have "secret" thoughts which he will under no circumstances reveal to anyone else if he can help it… The subject's tendency to project is utilized, in the present group of items, in an attempt to gain access to some of the deeper trends in his personality… To gain access to these deeper trends is particularly important, for precisely here may lie the individual's potential for democratic or antidemocratic thought and action in crucial situations. What people say and, to a lesser degree, what they really think depends very largely upon the climate of opinion in which they are living; but when that climate changes, some individuals adapt themselves much more quickly than others…*»

Impor voluntarismo para mudança contínua. «*A natural step in the present study, therefore, was to conceive of a continuum extending from extreme conservatism to extreme liberalism and to construct a scale which would place individuals along this continuum… Resistance to Social Change… Another aspect of traditionalism is the tendency to oppose innovations or alterations of existing politico-economic forms. If things are basically good now, then any change is likely to be for the worse. Underlying resistance to change is sometimes expressed in the form of an emphasis on caution and an antipathy to being "extreme." For example: "The best way to solve social problems is to stick close to the middle of the road, and to avoid extremes"*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Purgas culturais (F) – Fluxo – Escalas conservatismo-mudança-ajustamento.

Escalas. É desta fase que surgem estas escalas, que classificam as pessoas consoante a sua aptidão e vontade para mudar. Em destaque nisto, pessoas como Gordon Allport.

Tornam fluxo-ajustamento um critério de saúde mental.

Pós-modernismo: Autoritarismo para desmantelamento global

Pós-modernismo é a arma da alta finança para desestruturação global.

Sem economia produtiva, só resta alta finança, nihilismo ONGista e crime policial.

A fórmula do Fascismo: banqueiros, radicais e militares. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. Terroristas económicos e terroristas culturais são acompanhados por terroristas de estado: aparatos policiais e militares devotados a crime organizado. A conjunção entre estes três blocos gerais terroristas (banqueiros, militares e radicais) constitui a fórmula essencial do aparato de poder sob Fascismo corporativo.

Fundações promovem irracionalismo para era neo-colonial C&C. Hoje em dia, estamos a viver sob o irracionalismo pós-moderno que foi promovido pelas grandes fundações bancárias. Este é o irracionalismo necessário para a transição para uma nova era de mercantilismo global e imperialismo militar e cultural. É a era de Contracção e Convergência, como é apelidada pela ONU; a era na qual o desenvolvimento económico cessa, liberalismo político é substituído por despotismo, e todos os países *contraem* e *convergem* ao nível de 3º mundo. O resultado é a "aldeia global" neo-colonial, um ambiente controlado por grandes interesses globais, que são servidos por uma população global reduzida a um nível servil, comunal e comunitário.

Pós-modernismo desenvolvido por gurus de ciências sociais nas grandes fundações. A ideologia pós-moderna foi desenvolvida pelas grandes fundações bancárias e pelos seus vários gurus anti-intelectuais; pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Tavistock, o grupo Macy, a Escola de Frankfurt, Erich Fromm, o centro de reengenharia cultural de Palo Alto, e muitos outros.

Pós-modernismo é a arma da alta finança para desestruturação global (2).

Nihilismo moral e epistemológico [pós-estruturalismo]. Esta ideologia é puro pós-estruturalismo. Enquanto tal é, antes de mais, caracterizada por nihilismo moral e epistemológico: aquilo que é bom, correcto e verdadeiro é aquilo que dá jeito no momento; aquilo que é mau, incorrecto e falso é aquilo que não dá jeito (i.e. uma forma

de irracionalismo e de cegueira selectiva também conhecida como imaginação dialéctica).

Desprezo por indivíduo, democracia liberal – Totalitarismo, subdesenvolvimento. Adere aos valores românticos (como em, Romantismo germânico) do ódio por geração de riqueza e pela civilização de classe média, liberal e democrática. Romantiza o retorno a despotismo comunal (comunitarismo), o tipo de sistema onde toda a vida é estritamente organizada, cada qual conhece o seu lugar e todos fazem aquilo que lhes compete. O ideal antecipado é, aqui, organização colectiva aperfeiçoada, comunalidade autoritária organizada por castas funcionais. Como tal, a ideologia pós-modernista ignora o indivíduo e encara toda a sociedade humana pela óptica da organização colectiva. Despreza o valor da vida humana; o indivíduo é uma célula a moldar e a alocar no grande organismo colectivo. Noutras circunstâncias, pode ser um fardo a limitar, por meio da imposição de escassez artificial de recursos, guerra, infanticídio, aborto, eutanásia, a câmara de gás.

Romantização de degradação humana, desumanização. Tudo isto faz com que a ideologia pós-moderna tenha de racionalizar e romantizar as variáveis relacionais como sejam autoritarismo, desumanização e degradação humana, inversão radical de valores. Acima de tudo, considera essencial que o indivíduo seja, ele próprio, tornado moral e intelectualmente degradado, desumanizado, narcísico e violento.

Promoção de pós-modernismo por media, fundações, ONGs, (anti-)educação. Este tipo de ideologia foi disseminada por meio de media, fundações, ONGs e por sistemas (anti-)educativos.

O tipo de formação que lança duas Guerras Mundiais. É o tipo de degradação cultural que é necessária para uma era caracterizada por destruição e neo-colonialismo. O tipo de formação humana que era, aliás, favorecido na Alemanha militarizada que vem a protagonizar as duas guerras mundiais. Hitler pôde contar com multitudes de jovens nihilistas, primeiro disponíveis para partir montras e atacar pessoas, depois para conduzir uma guerra genocida de ocupação e extermínio.

Agora, **aldeia global**: egocentrismo, vacuidade, ignorância, destrutividade. As grandes fundações pretendem obter mais ou menos o mesmo efeito; porém, desta vez, a uma escala global e socialmente transversal. Pessoas vazias, ignorantes, egocêntricas, inerentemente violentas. Tais pessoas são incapazes de *construir* (por oposição a *destruir*) e, de estabelecer reais relações humanas. Pode-se contar com tal constituência para destruir os restos da civilização ocidental, exportar destruição em massa para o resto do planeta e estabelecer um sistema universal de exploração neo-colonial.

Sob pós-modernismo, as formigas vermelhas marcham sob one (nazi) love.

Escolas de Mistérios: depois das abelhas, as formigas vermelhas, para destruir. Nos códices naturalistas das altas escolas de Mistérios, gerações formadas para ser e agir

desta forma costumam ser equiparadas a formigas vermelhas. Primeiro, chegam as abelhas, constroem uma estrutura e produzem mel para o apicultor. Quando o apicultor decide que a era da colmeia acabou, faz entrar as formigas vermelhas, que destroem as abelhas e a estrutura. No final, tudo o que resta é uma terra vazia e devoluta, preparada para uma ou outra forma de reorganização.

Zwo drei vier links [One (nazi) love]. *Zwo drei vier links*, com a formiga comunista a avançar sob a marcha nazi reciclada.

Também, a dinâmica *zombie* que precede a Reconstrução. Hollywood e, de modo mais sofisticado, os estúdios britânicos, costumam fazer uma representação muito literal da actual constituência pós-moderna através dos vários filmes de *zombies* que produzem. O cenário é sempre o mesmo: a civilização "bourgeois" chega ao fim e, aqueles que antes eram seres humanos são agora convertidos em massas de mortos-vivos, seres medíocres e destrutivos, que passam o resto do filme a caçar e a atacar os humanos que ainda restam, pelos seus cérebros. No final, a estrutura governante que resta envia o armamento pesado e extermina os *zombies*. A Reconstrução pode começar.

A inversão de significados, em doublespeak.

"Progresso", "desenvolvimento", "democracia liberal". Por exemplo, os termos "progresso" e "desenvolvimento" são sequestrados e retorcidos para ser usados para vender desmantelamento, retrocesso civilizacional, subdesenvolvimento [a expressão mais comum para categorizar tudo isto é "desenvolvimento sustentável"]. O termo "democracia liberal" é sequestrado para passar a significar totalitarismo e crime organizado. Esta inversão de significados, por *doublespeak*, é algo que entra em linha com o *zeitgeist*, onde até os conceitos são plásticos e maleáveis, abertos a inversões de 180º, ao ponto em que "bem" passa a significar "mal" e vice-versa [mais explorações disto abaixo]. A dinâmica da língua bifurcada, que só consegue comunicar por duplicidade, falsidade, inversão de significados.

~~Igualdade~~ / Perpetuação de desigualdade e autoritarismo. A temática de feminismo real, em qualquer uma das suas gerações, era ***igualdade***. Com as primeiras gerações, temos a procura por igualdade liberal assegurada para todas as pessoas, independentemente de sexo. *Igualdade de oportunidades* surgia aqui associada às variáveis liberal-democráticas da garantia de liberdades constitucionais e da promoção de desenvolvimento económico universal. Mesmo as feministas pró-soviéticas da Guerra Fria costumavam sê-lo porque alimentavam a crença naïf de que o sistema comunista tinha, com efeito, libertado as pessoas, equalizado relações sociais. Obter igualdade significou sempre obter paridade *de facto*, justiça, desenvolvimento universal. A inversão de feminismo inverte e distorce todas estas variáveis e fá-lo com prazer; o prazer que é sentido pelos psicólogos sociais que a criaram. Igualdade deixa de ser um ideal e é substituído por ***perpetuação da desigualdade sob um formato mais aceitável***. Com efeito, sob esta mentalidade, nem todos os indivíduos são iguais. Existem

indivíduos inerentemente superiores e indivíduos inerentemente inferiores. E na prática, os indivíduos não contam. Apenas os segmentos sociais arbitrários nos quais podem ser incluídos. Em tudo isto, existem segmentos superiores e segmentos inferiores. Os primeiros têm o direito e o dever de ordenar e de organizar a vida dos segundos e de fazê-lo sob autoritarismo: persuasão ou coerção. A questão passa então a ser a de encontrar a ***monadologia social que assegura o mais eficaz equilíbrio de forças e, que abre as portas para o adequado exercício de autoritarismo***.

~~Justiça~~ / Injustiça gerível. Justiça torna-se irrelevante e é trocada pela obtenção do ***grau de injustiça que possa ser gerível*** de modo a evitar conflagrações sociais.

~~Liberdade individual~~ / Conformidade compulsiva a normas sociais. É claro que valores de liberdade individual são desprezados, em favor de ***conformidade normativa a um ethos de acção, pensamento, sentimento, expressão [i.e. despotismo]***. A pessoa tem de pensar, sentir, e expressar vacuidades socialmente autorizadas, e comportar-se de uma forma normativa [*uma forma de esterilidade humana que me faz sempre lembrar aquilo que se obtém com* poodles*; sem querer desfazer os pobres bichos, cães, o* poodle *é mais ou menos o protótipo do animal que, sendo artificioso, domesticado, enfeitado com laçarotes e patéticos cortes de pêlo, se pavoneia em afectação de superioridade*]. O próprio termo "liberdade" é redefinido para passar a significar algo como "liberdade para agir dentro dos parâmetros estritos que são impostos". Liberdade de expressão ou de auto-defesa tornam-se *negativos*, e são substituídos por coisas como liberdade para impor o meu egoísmo ao próximo, liberdade para abortar um bebé ou, aquela mais hegeliana de todas as falsas "liberdades", liberdade para servir o sistema.

Autoritarismo é agora chamado "assertividade". "Assertividade" pós-moderna é autoritarismo, usada com o pretexto de combater autoritarismo, e este último "autoritarismo" é, na verdade, democracia e respeito liberal pelo próximo. Este é o carácter de personalidade que está aqui presente. Autoritarismo é autoritarismo é autoritarismo, independentemente de jogos de palavras. [ver notas sobre ***Identitarismo multicultural – "Tolerância repressiva***"]

~~Geração de riqueza~~ / Sustentabilidade, emiseração. Desenvolvimento económico, geração de riqueza, são equacionados com capitalismo (redefinido como o diabo, por fundações hipercapitalistas), chauvinismo e patriarcalismo, atacados enquanto tal. A prioridade já não é a de obter melhores condições de vida para a geração actual e para as gerações futuras; agora é a de assegurar o ***grau mínimo de desenvolvimento que sustenta (é sustentável) para a continuidade de alguma forma de organização sócio-económica***.

~~Condições, direitos laborais~~ / HR management for social stability. O assegurar de condições e de direitos laborais torna-se inteiramente irrelevante. Sob pós-modernismo, é *bom* quando a economia produtiva é lentamente desmantelada; a grande preocupação passa a ser apenas, qual o tipo de ***organização laboral que, sendo mínima e miserabilista*** é, porém, passível de assegurar alguma forma de estabilidade social.

~~Valores humanos~~ / Despotismo, dialéctica mestre-escravo, falsidade. Valores *humanos* deixam de ser relevantes; tornam-se, com efeito, negativos. Sob a mentalidade autoritária, todos os significados são plásticos e invertíveis (a Escola de Frankfurt definida em onze palavras), significando que aquilo que é bom passa a ser mau e, aquilo que é mau passa a ser bom. O *ethos* é aqui o de dominação, dominar ou ser dominado, magoar ou ser magoado, escravizar ou ser escravizado. É também um *ethos* de falsidade, de mentira crua, auto e hetero-contada, que subjaz à dinâmica de inversão de significados ("desigualdade" é "igualdade", "despotismo" é "liberdade", "injustiça" é "justiça", etc.).

O uso e o descarte de idiotas úteis.

"Idiotas úteis" não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de "idiota útil", sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O'Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que "*eis que as nações trabalharam para o fogo*". Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O'Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de "*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres*

perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado".

QUIGLEY – Bestialização humana abre portas a despotismo

QUIGLEY – A crise de classe média.

Indivíduo → Organization man → Frustração.

Procura de adrenalina, entretenimento, estimulantes, sedativos, modas.

Insanidade, neurose, obsessões irracionais, dessensibilização.

Perca de capacidades de comunicação.

Procura de "experiências", em vez de "significado".

«*As economic enterprises have become larger and more tightly integrated into one another, the freedom, individualism, and initiative traditionally associated with the modern economy have ... [been] sacrificed. The self-reliant individual has gradually changed into the conformist "organization man." The constantly narrowing range of possibilities for self-expression has given rise to deep frustrations with their concomitant growth of irrational compensating customs, such as the obsession with speed; vicarious combativeness, especially in sports; the use of alcohol, tobacco, narcotics, and sex as stimulants, diversions, and sedatives; and the rapid appearance and disappearance of fads in dress, social customs, and leisure activities*» (p. 882)

«*…the disjointed malaise of the century, left [man] hungry for meaning, for identity... Insanity, neurosis, suicide, and all kinds of irrational obsessions and reactions filled increasing roles in human life. Most of these were not even recognized as being irrational or obsessive. As his capacity to live or to experience life dwindled, he sought to reach it by seeking more vigorous experiences that might penetrate the barriers surrounding him. In time, nothing made much impression unless it was concerned with shocking violence, perversion, or distortion. Along with this, ability to communicate dwindled… no one any longer sought "meaning" in literature or art but rather sought "experiences." Thus to look at a meaningless painting became an experience*» (pp. 886-7) Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Educação permissiva – Declínio da educação (60s).

Ideias rousseauvianas recebem fundação pseudocientífica.

Isto traz fim da disciplina, e "educação permissiva".

Crianças encorajadas a ter opiniões ignorantes – trabalho intelectual menosprezado.

Menos ênfase em julgamento crítico, mais em intuições.

Tudo isto deixa nova geração menos disciplinada, organizada, ou consciente do tempo.

«*Another element in this process was a change in educational philosophy… Jean-Jacques Rousseau… believed that education must consist in leaving a youth completely free… This idea was developed, intensified, and given a pseudoscientific foundation… From all this came a wholesale ending of discipline, both in the home and in school, and the advent of "permissive education," with all that it entailed. Children were encouraged to have opinions and to speak out on matters of which they were totally ignorant; acquisition of information and intellectual training were shoved into the background… every emphasis was placed on "spontaneity"… fixed schedules of time periods… were belittled… Less and less emphasis was placed on critical judgment, while more and more was placed on intuitive or subjective decisions. All this greatly weakened the disciplinary influence of the educational process, leaving the new generation much less disciplined, less organized, and less aware of time than their parents*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Quigley – Visão bestializada do homem justifica despotismo.

Século XX rejeita visão do homem como a meio caminho entre Deus e animal.

Substitui-a por visão bestializada, onde homem é inferior a um animal.

Daqui surge uma visão puritana do homem.

No passado, isto deu origem a despotismo.

No futuro, um sistema despótico de conformidade compulsiva, por força.

Exemplificado pelo 1984 de Orwell e pela Alemanha Nazi.

«*Instead of seeing man the way the tradition of the Greeks and of the West regarded him, as a creature midway between animal and God, "a little lower than the angels?" and thus capable of an infinite variety of experience, [the] twentieth-century… [has] completed the revolt against the middle classes by moving downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to… [the] view of man as lower than any animal would naturally descend. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption. This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, with petty-bourgeois support, to justify a new despotism to preserve, by force instead of conviction, petty-bourgeois values in a system of compulsory conformity. George Orwell's 1984 has given us the picture of this system as Hitler's Germany showed us its practical operation*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Quigley – Homens como insectos sociais.

<u>Para indivíduo se subordinar a processo de grupo rígido, tem de copiar insectos sociais</u>.

<u>Estas criaturas já elevaram este método a um elevado grau de perfeição</u>.

[**Edit**] *«If the individual is to be subordinated to a rigid group process, then man must yield to those forms of life, such as the social insects, which have already carried this method to a high degree of perfection»* Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Educação germânica – Autoritarismo e egocentrismo.

Quigley – Infância germânica produz autoritarismo e egocentrismo.

Infância germânica.

Permissiva, não directiva.

Quente, afectuosa, relações seguras – mundo absoluto, previsível, seguro.

Pai Natal e Natal centrado na criança são germânicos.

Isto não permite integração, auto-suficiência, recursos internos individuais.

Adulto germânico procura recapturar conforto sufocante durante toda a vida.

«*Their neurological systems were a consequence of the coziness of German childhood, which, contrary to popular impression, was not a condition of misery and personal cruelty… but a warm, affectionate, and externally disciplined situation of secure relationships. After all, Santa Claus and the child-centered Christmas is Germanic*»

«*This is the situation the adult German, face to face with what seems an alien world, is constantly seeking to recapture. To the German it is Gemütlichkeit [conforto]; but to outsiders it may be suffocating*»

«*…the German seeks external fixed relationships, as a distraction from the lack of integration, self-sufficiency, and internal resources of the individual himself*»

Isto dá origem a necessidade de disciplina externa e a egocentrismo.

«*In any case it gives rise among adult Germans to two additional traits of German character: the need for external discipline and the quality of egocentricity*»

Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

Quigley – Autoritarismo egocêntrico, estabilidade, segurança.

Adulto vai procurar estabilidade, segurança, previsibilidade.

Encontra identidade em símbolos externos prestigiantes. Na vida social, isto reflecte-se em «*ranks, gradations, and titles*»; «*...status reflected in obvious external symbols... titles, uniforms, nameplates, flags, buttons, anything which will make his position clear to all*»

Ênfase em posição profissional, títulos, graus, relações de superioridade e inferioridade.

Precisa de ter superiores que lhe digam o que fazer ou o que pensar...

...e precisa de ter inferiores, a quem possa fazer o mesmo.

A pessoa torna-se confortável em situações hierárquicas.

Onde não tem de tomar decisões. [isto é citado, mas não passei para aqui]

E está desconfortável em situações onde tem de tomar decisões como indivíduo.

Insistência verbal no Absoluto, em dar significado ao sistema no seu todo. Depois, temos a «*...verbal insistence on the absolute is a reflection of German universalism which must give meaning to the system as a whole*»

Isto torna a pessoa desconfortável com individualismo, liberdade, democracia – envolvem *risco*.

Procura disciplina externa para reencontrar estabilidade da infância.

Com disciplina pode ser o melhor dos cidadãos, sem ela pode ser uma besta.

«*...emphasis on position, precedence, titles, gradations, and fixed relationships, especially up and down*». A pessoa torna-se «*most at home in hierarchical situations such as a military, ecclesiastical, or educational organization, and is often ill at ease in business or politics where status is less easy to establish and make obvious*»

«*...this kind of nature and such neurological systems*» torna a pessoa «*ill at ease with equality, democracy, individualism, freedom, and other features of modern life*»

«*But the German by seeking external discipline shows his unconscious desire to recapture the externally disciplined world of his childhood. With such discipline he may be the best behaved of citizens, but without it he may be a beast*»

Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

Quigley – Egocentrismo e atomização colectivista.

<u>A segunda consequência é egocentrismo</u>.

O mundo revolve sempre à volta da criança, e o adulto vai tentar reproduzir isso.

Passa a vida a tentar estabelecer rede de relações centrada em si mesmo.

Torna-se incapaz de ver as coisas de outros pontos de vista que não o seu.

«*A second notable carryover from childhood to adult German life was egocentricity. The whole world seems to any child to revolve around it, and most societies have provided ways in which the adolescent is disabused of this error. The German leaves childhood so abruptly that he rarely learns this fact of the universe, and spends the rest of his life creating a network of established relationships centering on himself. Since this is his aim in life, he sees no need to make any effort to see anything from any point of view other than his own. The consequence is a most damaging inability to do this*»

Insiste que a sua visão miópica do universo seja universalizada.

Ou seja, "EU" sou deus.

O que resulta sempre em animosidade e segregação mútua.

As pessoas aprendem a não gostar umas das outras e a tentarem subjugar-se mutuamente – o saco de gatos.

«*Yet at the same time he insists that his myopic or narrowangled vision of the universe must be universalized, because no people are more insistent on the role of the absolute or the universal as the framework of their own egocentricity. One deplorable consequence of this has been the social animosities rampant in a Germany which has loudly proclaimed its rigid solidarity*»

Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

QUIGLEY – Educação permissiva – Declínio da educação (60s).

Ideias rousseauvianas recebem fundação pseudocientífica.

Isto traz fim da disciplina, e “educação permissiva”.

Crianças encorajadas a ter opiniões ignorantes – trabalho intelectual menosprezado.

Menos ênfase em julgamento crítico, mais em intuições.

Tudo isto deixa nova geração menos disciplinada, organizada, ou consciente do tempo.

«*Another element in this process was a change in educational philosophy… Jean-Jacques Rousseau… believed that education must consist in leaving a youth completely free… This idea was developed, intensified, and given a pseudoscientific foundation… From all this came a wholesale ending of discipline, both in the home and in school, and the advent of "permissive education," with all that it entailed. Children were encouraged to have opinions and to speak out on matters of which they were totally ignorant; acquisition of information and intellectual training were shoved into the background… every emphasis was placed on "spontaneity"… fixed schedules of time periods… were belittled… Less and less emphasis was placed on critical judgment, while more and more was placed on intuitive or subjective decisions. All this greatly weakened the disciplinary influence of the educational process, leaving the new generation much less disciplined, less organized, and less aware of time than their parents*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

<u>REEDUCAÇÃO – Lewin (1945)</u>.

Reeducação (Lewin, 1945) – Ajustar indivíduo a "realidade do grupo".

<u>Realidade é um projecto de grupo promovido pelas autoridades</u>. Realidade é um projecto de grupo. Em última análise, é o que é autorizado e difundido pelas autoridades; as crenças certas, apropriadas, politicamente correctas – consensuais.

<u>Galileu deveria ter sido frito num T-group, aparentemente</u>. Ou seja, Galileu deveria ter sido frito numa dinâmica de grupo para abandonar as suas ideias divisivas e desarmoniosas.

<u>Motivos – Quando há divergência da norma ou da "realidade"</u>. «*The need for re-education arises when an individual or group is out of step with society at large… Reeducation is needed also when an individual or group is out of touch with reality… a divergence from the norm or from the reality of objective facts*»

<u>"Realidade" é contextual e grupal – o indivíduo tem de se submeter</u>. «*…what exists as "reality" for the individual is, to a high degree, determined by what is socially accepted as reality. This holds even in the field of physical fact: to the South Sea Islander the world may be flat; to the European, it is round. "Reality," therefore, is not an absolute. It differs with the group to which the individual belongs… the individual's… experience is necessarily limited. In other words, the probability that his judgment will be right is heightened if the individual places greater trust in the experience of the group… Only by anchoring his own conduct in something as large, substantial, and superindividual as the culture of a group can the individual stabilize his new beliefs sufficiently to keep them immune from the day-by-day fluctuations of moods and influences to which he, as an individual, is subject*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

Reeducação (Lewin, 1945) – Conversão à "consciência social".

<u>Conversão completa a um novo superego, deus menor, o grupo</u>. «*…re-education means the establishment of a new super-ego… this process may be called a change in the culture of the individual; by others, a change of his super-ego… re-education will be successful, i.e., lead to permanent change, only if this change in culture is sufficiently complete. If re-education succeeds only to the degree that the individual becomes a marginal man between the old and new system of values, nothing worthwhile is accomplished… social perception and freedom of choice are interrelated… Only if and when the new set of values is freely accepted, only if it corresponds to one's super-ego,*

do those changes in social perception occur which, as we have seen, are a prerequisite for a change in conduct and therefore for a lasting effect of re-education»

O antigo deus é agora visto como o diabo. Ou seja, é necessário conversão completa, com um novo deus, a opinião do grupo. «*...the process of conversion… a new god is introduced who has to fight with the old god, now regarded as a devil…*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

Reeducação (Lewin, 1945) – Gradualismo, dissimulação, jogos de percepção.

Processo gradual, passo a passo – de hostilidade a conversão ao novo sistema. «*Step-by-step methods **are** very important in re-education. These steps, however, have to be conceived as steps in a gradual change from hostility to friendliness in regard to the new system as a whole rather than as a conversion of the individual one point at a time*»

Manipulação dissimulada – indivíduo tem de ser "forçado" a mudar. «*Since re-education aims to change the system of values and beliefs of an individual or a group, to change it so as to bring it in line with society at large or with reality, it seems illogical to expect that this change will be made by the subjects themselves. The fact that this change has to be enforced on the individual from outside seems so obvious a necessity that it is often taken for granted. Many people assume that the creation, as part of the reeducative process, of an atmosphere of informality and freedom of choice cannot possibly mean anything else but that the re-educator must be clever enough in manipulating the subjects to have them think that they are running the show. According to such people, an approach of this kind is merely a deception and smoke-screen for what to them is the more honorable, straight-forward method of using force*»

Indivíduo tem de se envolver e sentir-se livre ao fazê-lo. «*A factor of great importance… is the degree to which the individual becomes actively involved in the problem. Lacking this involvement, no objective fact is likely to reach the status of a fact… and therefore influence his social conduct… if re-education means the establishment of a new super-ego, it necessarily follows that the objective sought will not be reached so long as the new set of values is not experienced by the individual as something freely chosen*»

Muda cognições, valores, movimentos físicos e sociais. «*...re-education… is a process in which changes of knowledge and beliefs, changes of values and standards, changes of emotional attachments and needs, and changes of everyday conduct occur… The re-educative process affects the individual in three-ways. It changes his **cognitive structure**, the way he sees the physical and social worlds, including all his facts, concepts, beliefs, and expectations. It modifies his **valences and values**, and these embrace both his attractions and aversions to groups and group standards, his feelings in regard to status differences, and his reactions to sources of approval or disapproval.*

*And it affects **motoric action**, involving the degree of the individual's control over his physical and social movements*» [i.e., pega num indivíduo livre e torna-o voluntariamente controlado]

Muda, monopoliza percepção social [familiar tornado estranho]. «*...our perception extends to two different aspects of... the field we perceive. One has to do with facts, the other with values... The basic task of re-education can thus be viewed as one of changing the individual's social perception. Only by this change in social perception can change in the individual's social action be realized... Re-education influences conduct only when the new system of values and beliefs dominates the individual's perception*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

REEDUCAÇÃO – POWs – Bennis.

Lavagem cerebral de POWs pelos comunistas chineses (Bennis et al).

Unfreezing.

Quebra de suportes emocionais e sociais, identidade e auto-imagem.

Comparsas, pressão de pares, exigência de mudança.

Changing.

Existe sempre identificação (model, scan).

Adopção do "ponto de vista do povo" acaba com pressão.

Prisioneiro recebe apoio emocional de restantes prisioneiros.

Sistema para destruir solidariedade de grupo, e mudar atitudes individuais.

[*Depois, o processo torna-se* ***auto-alimentado****, no campo-sociedade. Basta ter um liaison permanente e um sistema de controlo para certificar que as várias vagas de POWs continuam a usar o processo com os novos prisioneiros, à vez*].

«*The manner in which the prisoner came to be influenced to accept the Communist's definition of his guilt can best be described by distinguishing two broad phases — (1) a process of "unfreezing," in which the prisoner's physical resistance, social and emotional supports, self-image and sense of integrity, and basic values and personality were undermined, thereby creating a state of "readiness" to be influenced… Most prisoners were put into a cell containing several Chinese prisoners who were further along in reforming themselves and who saw it as their primary duty to "help" their most backward member to see the truth about himself in order that the whole cell might advance. Each such cell had a leader who was in close contact with the authorities… the cell mates found ways of putting extreme pressure on their unreformed member, particularly since he was often completely dependent upon them for help in feeding himself, eliminating, etc. (especially if he were manacled). The only thing which would satisfy the cell mates was a sincere confession, but since the prisoner could not guess initially what this meant or what he was to confess, he brought down the full wrath of the others upon his head. Other facets of the environment undermined the prisoner's self-image…*»

«*…and (2) a process of "changing," in which the prisoner discovered how the adoption of "the people's standpoint" and a reevaluation of himself from this perspective would provide him with a solution to the problems created by the prison pressures… Once this process of self re-evaluation began, the prisoner received all kinds of help and support*

from the cell mates and once again was able to enter into meaningful emotional relationships with others. His terrible social-emotional isolation was at an end and his role as repentant sinner was given increasing support… key… in this process… the identifications which formed with cell mates, thus making it possible for the prisoner to begin to understand the point of view from which he was judged guilty…»

«*…the Chinese have drawn on their cultural sensitivity to the nuances of interpersonal relationships to put together some highly effective but well-known techniques of indoctrination. Their sophistication about the importance of the small group as a mediator of opinions and attitudes has led to some highly effective techniques of destroying group solidarity… and of using groups as a mechanism of changing attitudes…*» – "Interpersonal Dynamics: Essays in Readings on Human Interaction", eds. Warren G. Bennis, Edgar H. Schein, David E. Berlew, and Fred I. Steele. Dorsey Press, 1973.

REEDUCAÇÃO – Princípios de Biderman.

Biderman – Técnicas comunistas de lavagem cerebral.

Biderman – CIA, USAF. Albert Biderman, sociólogo para a CIA e a USAF.

Lavagem cerebral comunista. Descreve técnicas de lavagem cerebral e controlo comportamental usadas pelos comunistas, em dois relatórios.

→ "Communist Coercive Methods for Eliciting Individual Compliance". *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, Vol. 33, No. 9, September 1957.

→ "Communist Techniques of Coercive Interrogation". Air Force Personnel and Training Research Center, Lackland Air Force Base, San Antonio, Texas. AFPTRC-TN-56-132. ASTIA Document No. 098908.

Biderman – "Disrespect for truth and the individuals". «*Probably no other aspect of communism reveals more thoroughly its disrespect for truth and the individuals than its resort to these techniques*» – Albert Biderman

Os oito métodos gerais. Biderman descreve oito métodos gerais de coerção usados em POWs americanos.

Biderman – Os princípios gerais de lavagem cerebral.

1. Isolamento. Cortar apoio social. O indivíduo é removido do grupo e mantido isolado, num ambiente controlado. Isolamento físico, movimentos restringidos: em solitária, semi-isolamento, isolamento do grupo.

→ ***Concentração em vida interior – Fomentar dependência do interrogador***.

2. Monopolização de percepção – Esterilidade ambiental. Cortar relações com o ambiente não autorizadas pelo sequestrador. Ambiente estéril, "escuro" e monótono. Frustrar acções não-consistentes com acções autorizadas.

→ ***Focar indivíduo em vida interna e sensações somáticas***.

→ ***Sensação de ausência de controlo***.

Indução de debilitação – Torrente de pressões externas. Enfraquecer capacidades mentais e físicas para resistir. Por ex., pressão do grupo, deprivação de sono, escrita forçada, excesso de esforço. Com pressão de grupo, indivíduo é sujeito a torrente externa de pressões.

→ ***Gerar confusão e incapacidade para resistir***.

Ameaças – Desrotinização imprevista. Ameaças vagas, ameaças de morte.

→ ***Cultivar ansiedade e desespero***.

Indulgências ocasionais, favores, privilégios. Promessas, recompensas por cooperação parcial, flutuações de atitudes dos sequestradores.

→ ***Amolecer o indivíduo, obter cooperação***.

Teatro de "omnipotência" e "omnisciência". Captor procura demonstrar que tem completo controlo sobre destino do indivíduo. Pleno conhecimento de actividades, pensamentos, e por aí fora.

→ ***Ideia é sugerir futilidade de resistência***.

Degradação. Apresentar o mais completo desrespeito pela dignidade humana. Reduzir prisioneiro a preocupações de nível animal. Punições degradantes, insultos, e troça, jocosidades. Ambiente favorecido é um ambiente sujo e infesto. Negação de privacidade.

→ ***Destruir auto-estima, impor desamparo***.

Executar exigências triviais. Forçar indivíduo a obedecer a regras detalhadas que governam mesmo as mais pequenas partes do dia.

→ ***Desenvolver hábitos de cooperação***.

Reeducação – T-Method utilizado pelos Maoístas – POWs.

T-Method utilizado extensivamente pelos Maoístas chineses.

Comuna – campo de reeducação.

POWs – Técnicas de lavagem cerebral, aplicadas na Coreia. O Tavistock Institute desenvolve as técnicas de lavagem cerebral que viriam a ser usadas experimentalmente em POWs americanos na guerra da Coreia.

REES – Programa de Higiene Mental (para pós-guerra).

REES – O Borg decide o que é saúde mental – Psiquiatria preventiva.

"O desenvolvimento apropriado da psique humana". «*We can therefore justifiably stress our particular point of view with regard to the proper development of the human psyche, even though our knowledge be incomplete.*

Medicina do futuro será profiláctica. «*I shall barely touch on the remedial side of our work. Medicine has, in any case, been far too much a matter of repairing and patching people up. The real Medicine of the future will be largely prophylactic, and certainly in our field the important thing is to stress the positive aspects of mental health instead of concentrating our interest on ill health*»

Colonel J.R. Rees, "Strategic Planning for Mental Health" from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

REES – Permeação totalitária de actividades sociais.

Atacámos várias profissões.

Ensino e Igreja foram as mais fáceis.

As mais difíceis são lei e medicina.

Temos de ter alguma actividade de Quinta Coluna, como os Totalitários.

«*Similarly we have made a useful attack upon a number of professions. The two easiest of them naturally are the teaching profession and the Church: the two most difficult are law and medicine... If we are to infiltrate the professional and social activities of other people I think we must imitate the Totalitarian and organise some kind of fifth column activity! Let us all, therefore, very secretly be "fifth columnists"*»

Propaganda tem de permear todas as áreas educacionais.

"Public life, politics and industry must be at our sphere of influence".

Desde última guerra, infiltrámos organizações sociais por todo o país.

«*We must aim to make it permeate every educational activity in our national life: primary, secondary, university and technical education are all concerned with varying stages in the development of the child and the adolescent. Those who provide the education, the principles upon which they work, and the people upon whom they work,*

must all be objects of our interest, for education that ignores the common-sense principles that have been more clearly evolved of recent years is likely to be of indifferent quality. Public life, politics and industry should all of them be within our sphere of influence. It needs little imagination to see improvements that could be effected in each of them. Especially since the last world war we have done much to infiltrate the various social organisations throughout the country, and in their work and in their point of view one can see clearly how the principles for which this society and others stood in the past have become accepted as part of the ordinary working plan of these various bodies»

Colonel J.R. Rees, "Strategic Planning for Mental Health" from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

REES – Sistema de propaganda – Usar obras de ficção.

<u>Trabalhar com autores e estúdios e usar ficção (filmes, livros) para vender ideias</u>. «*I should like to see us... set out on a campaign to get certain points and ideas which are of importance stressed by well known novelists in their books. Priestley, Morgan, Walpole, and a score of others whose books have a wide appeal-even Dr. Cronin-might be willing to co-operate... This Council has recently been co-operating in some experiments with films, and there the same idea has been emphasised that just one point can be got across to the public through this medium. Those of you who know books and their authors, and films and their makers, might be doing some long term planning of the right kind of propaganda*»

<u>Inserir ideias e pontos de vista numa história de interesse humano</u>. «*...in an ordinary human story it should not be difficult to give some emphasis on a point of view, and the gradual building up of a series of such emphases over a period of years would be the soundest kind of propaganda*»

Colonel J.R. Rees, "Strategic Planning for Mental Health" from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

REES – Sistema de propaganda – Grupos, comités, eventos sociais.

<u>Organizar grupos e comités</u>. «*...we could most of us get together small groups for informal discussions on these topics, and out of this might grow definite bodies or committees of persons interested in each of these fields of work, being convinced that it was worth while to work out their own specific problems and their own plans*»

Festas e eventos sociais onde recrutar pessoas. «*Let us learn from the Oxford Group and have week-end parties; all over the country we have people to our hand, medical students, teachers, journalists, civil servants, trades union officials, and all sorts of other people, whom we might get together and amongst whom we should find sensible, balanced people who could lead in local activities*»

Colonel J.R. Rees, "Strategic Planning for Mental Health" from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

REES – Vender "saúde mental" sob slogans de "eficiência" e "economia".

Muitas pessoas não gostam de ser salvadas, mudadas, ou feitas saudáveis.

Logo, não mencionar "Mental Hygiene", mas sim "mental health and commonsense".

"Mas este programa pode ser vendido sob slogans de eficiência, economia" – familiar?.

«*Don't let us mention Mental Hygiene (with capital letters), though we can safely write in terms of mental health and commonsense*»

«*Many people don't like to be "saved", "changed" or made healthy. I have a feeling, however, that "efficiency and economy" would make rather a good appeal because there are very few people who would not welcome these two suggestions. It has even crossed my mind whether we ought not to have a subsidiary company called the Social Efficiency Board... we should be on much stronger ground if we were constantly stressing our interest in efficiency and economy, and certainly we can "sell" mental health under these headings as well as under any other*»

Colonel J.R. Rees, "Strategic Planning for Mental Health" from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

REES – Sistema de propaganda – Subtileza, usando método evolucionário.

Um plano de propaganda para o longo termo. «*...we need a long-term plan of propaganda...*»

Em vez de atacar estado de coisas actuais…

...usar "more insidious approach of suggesting something better is needed"…

…tornar processo evolucionário no centro de propaganda.

«*I doubt the wisdom of a direct attack upon the existing state of affairs... the more insidious approach of suggesting that something better is needed-"why shouldn't we try*

so and so"-is more likely to succeed. The evolutionary process is essentially British, and I think that we should make it a fundamental in our propaganda plan»

Colonel J.R. Rees, “Strategic Planning for Mental Health” from *Mental Health*, Vol. I, No. 4, October 1940, pp. 103-106. Summary of an address given at the Annual Meeting of the National Council for Mental Hygiene on June 18th, 1940.

Rees, Chisholm, Sullivan, Mead.

Rees, Chisholm e Sullivan – Guerra psicológica – Psiquiatria cultural.

Rees foi psiquiatra-sénior, Coronel, para os britânicos.

Chisholm, General, para o Canadá.

Sullivan, para o Pentágono.

John Rawlings Rees.

Oficial de guerra psicológica. Psiquiatra sénior, Coronel, para os esforços de guerra psicológica britânicos durante a II Guerra.

TIMP – T-Method – Indução de stress, pressão de pares. Director do Tavistock Institute for Medical Psychology. Pioneiro em técnicas de grupo. Com pacientes civis e militares.

Torna-se primeiro Presidente da WFMH.

Brock Chisholm.

Oficial de guerra psicológica. Como general para as forças armadas canadianas.

OMS – Fundador e primeiro director-geral. É descrito como o próprio fundador.

"*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*". Sullivan arranja duas palestras a Chisholm, em 28 de Outubro de 1945, mais tarde publicadas nas páginas da Psychiatry.

Harry Sullivan.

Pentágono. Oficial de guerra psicológica para o Pentágono, durante a guerra.

"Psychiatry". Fundador e editor da revista.

William Alanson White – Washington School. Posição de liderança na William Alanson White Foundation e na Washington School of Psychiatry.

SULLIVAN – "A cultural revolution to end war".

Revolução cultural conduzida por cientistas sociais. Numa introdução às palestras, Sullivan apelou a uma «*cultural revolution to end war*», que teria de ser conduzida por psicoterapeutas e cientistas sociais.

Sullivan, H. S. (1946). Editorial. *The cultural revolution to end war*. The Second William Alanson White Memorial Lectures. Major-General G. Brock Chisholm. *Psychiatry, 9*, 81.

SULLIVAN – "Psiquiatria dos povos", para engenharia social.

Psiquiatria dos povos – Fundir psiquiatria e ciência social – "interpersonal relations". Ou seja, tentar determinar modos de aplicar psiquiatria à engenharia da sociedade, para regular relações interpessoais. A psiquiatria dos povos devotar-se-ia ao campo das «*interpersonal relations*», ao serviço de «*enduring peace and social progress*».

«*Psychiatry of peoples*» – expressão usada em guerra psicológica. Esta era uma expressão usada durante a guerra, no contexto de guerra psicológica – psiquiatria cultural para análise e mudança da mentalidade inimiga.

Livro sobre fusão entre psiquiatria e ciência social. Sullivan até escreve um livro sobre a fusão entre psiquiatria e ciência social, outros termos para controlo e engenharia social: esse livro é "Harry Stack Sullivan (1964). The fusion of psychiatry and social science. Norton".

PSIQUIATRIA SOCIAL – Rees, Chisholm, Sullivan – Saúde mental exige totalitarismo.

Saúde mental é totalitária – envolve controlo total do indivíduo. Envolve todos os factores socioeconómicos e culturais envolvidos nas relações mútuas entre seres humanos com o seu mundo. Ou seja, para obter saúde mental, é preciso controlar todo e qualquer aspecto destas relações.

Programa de microgestão universal, usando engenharia social psiquiatrizada. Fundir psiquiatria com ciência social e impor engenharia social a tudo e todos.

Paradigma nazi-comunista, de implementação a todo o planeta. Este tipo de coisa era algo que, até aí, só tinha sido falado por teóricos comunistas. Até aí, no ocidente, era entendido que técnicas psicológicas só deviam ser aplicadas a pacientes – em hospital ou clínica privada. Mas a ideia aqui era aplicar técnicas a toda a gente no planeta.

PSIQUIATRIA SOCIAL – Sullivan, Chisholm e Rees – Recepção fria – WFMH – Cânone académico.

Recepção fria. A maior parte dos psiquiatras e psicólogos da era não se identificaram com estes paradigmas de manipulação e engenharia social a larga escala.

Recepção fria não impede estes homens – WFMH. De qualquer das formas, a recepção fria não impede estes homens. São pessoas importantes, em lugares altos, e vão fundar a WFMH.

WFMH devotada a "psiquiatria dos povos". O documento fundador da WFMH foi "Mental Health and World Citizenship".

Elicita décadas de doutrinação em massa. Isto teria de ser alterado, através de décadas de doutrinação em massa.

Doutrina de Sullivan, Chisholm e Rees torna-se cânone académico. Até ao ponto em que a doutrina de Sullivan é um cânone, na generalidade dos meios académicos.

PSIQUIATRIA SOCIAL – Margaret Mead.

Junta esforços a Chisholm, Rees e Sullivan.

Interessada em fundir antropologia com higiene mental. Para obter a "psiquiatria dos povos". Demonstrou um interesse em contribuir para fundir as descobertas da antropologia com o movimento para a higiene mental, nos anos seguintes.

Historial de falsificação, na antropologia. Mead, que tinha um historial de falsificação de investigações antropológicas [tinha feito a sua carreira a falsificar dados sobre as suas investigações antropológicas].

Margaret Mead é Presidente em 1957-58.

Brock Chisholm, fundador da OMS, é presidente em 1958-59.

REDOLUÇÃO CULTURAL – Processo de devastação e inversão de valores.

Modelo a três fases, usando tipos ideais. Vale tanto para indivíduos como para sociedades inteiras.

(1) Valores sólidos.

(a) Valores. Coragem, decência, fidelidade, amizade, amor, rectidão, honestidade, seriedade. O mote é o de fazer o melhor possível, com trabalho honesto e relações honestas.

(b) Modelo existencial – o herói. O herói que se auto-sacrifica em prol dos outros.

(c) Existe bem e mal. Existe bem e mal. Não existe compromisso possível com o mal. Não há consenso. Há confirmação de bem, e rejeição de mal.

(d) Liberdade sócio-económica. Com este tipo de mentalidade é possível construir sociedades realmente funcionais e saudáveis, baseadas em crescimento real. A organização social que é favorecida baseia-se em indivíduos, famílias, propriedade privada, classe média.

(2) Dissolução, reformulação, dissipação de valores.

(a) Processo dialéctico – valores dialécticos.

(b) Modelo existencial – conciliador, anti-herói, herói relutante. O modelo desta fase é o anti-herói ou o herói relutante, que tem boas intenções mas recorre a métodos perversos: portanto, tortura uma criança para salvar uma cidade, como Jack Bauer.

(c1) Não existe bem e mal – só há espaços cinzentos. A vida é um sítio complexo, e não há pretos e brancos, só cinzentos. Não há bem ou mal; há opções, que podem ter efeitos bons ou maus.

(c2) Bem e mal é o que é definido em equipa – consenso. Mas o vazio, o vácuo, não pode durar para sempre, a natureza não aceita espaços vazios. Portanto, isto tem de ser preenchido com algo definido. O indivíduo é fundido com o grupo, ensinado a funcionar em equipa, a dar o (e a ansiar pelo) abraço de grupo, a ceder os seus valores morais em nome do "bem colectivo". Cedência e compromisso, para encontrar consenso, são os termos-chave aqui. Os indivíduos entregam-se ao grupo, e quem lidera e conduz o grupo pode conduzi-los como um qualquer flautista de Hamelin.

(d) Fase de perda gradual de liberdades.

(3) Inversão total de valores.

(a) Valores heresiárquicos. A fase heresiárquica, onde violência, fraude, traição, tornam-se as marcas da vida social. Acaba-se a 180º de distância do início.

(b) Modelo existencial – o vilão charmoso. O modelo desta fase é o vilão, o criminoso, que não tem escrúpulos e vence, por não ter escrúpulos.

(c1) Os fins justificam os meios.

(c2) Bem é agora mal, e mal é bem. O bem torna-se mal, e coisas como bondade, honestidade são desacreditadas e desprezadas. Vence-se através de desonestidade, corrupção e mentira.

(c3) Sociedade baseada em mentiras e utilitarismo relacional. Os laços de confiança são quebrados, as relações tornam-se utilitárias, comercializadas, temporárias. Uma sociedade baseada em mentiras torna-se disfuncional. Pode manter um bom aspecto à superfície, mas é disfuncional e podre no fundo.

(c4) Redução ao MDC – procura de prazer, evitamento de dor.

(d) "Destruktion" – Sociedade zombie – Totalitarismo –Orgia de violência e terror. Isto é a comuna, a aldeia, a "comunidade saudável" do Manifesto Comunista. Isto acompanha sempre o colapso da sociedade, a sociedade morta-viva, e eventualmente dá origem a uma orgia de violência e horror, num reino de terror colectivo.

<u>O processo é contagioso – influência social, coerção existencial</u>. A pessoa precisa de ser bem integrada e ter noções muito fortes de bem e mal, para não se deixar enredar, e levar, por este processo.

REDOLUÇÃO CULTURAL – Ignorar a consciência [Adenda].

<u>Consciência ignorada repetidamente desaparece</u>. Quando a consciência é ignorada vezes suficientes, acaba por desaparecer – morre. A pessoa matou a consciência.

<u>Estatuto animal – Adaptação, oportunismo, falta de carácter</u>. Agora, é preciso compreender que uma pessoa sem consciência está essencialmente reduzida a um estatuto animal. Flutua pela vida. Adapta-se oportunisticamente a tudo o que lhe surja pela frente, de acordo com o fluxo dos acontecimentos. Quando a estrutura sócio-económica encoraja e promove este tipo de comportamento, os traços de falta de carácter – apatia, cinismo, mesquinhez, narcisismo – tornam-se endémicos, infecciosos, e normalizados.

<u>Resultado final – Depressão, repressão, massacres, genocídio</u>. Quando a pessoa – a sociedade – destrói a consciência e alicerça a sua vida sobre um monte de areia, o resultado final é sempre muito feio. Depressão económica, vigilância e repressão, violência, conflito. E, também, câmaras de tortura, o campo de concentração, massacres,

genocídio. *Chegará o dia* em que isto não será apenas feito a árabes, em países distantes.

RH GLOBAIS – Monocultura global.

RH GLOBAIS – Atitudes para a força de trabalho global – Servos neo-feudais.

STW – Formação comportamental – Reestruturação de crenças e valores (CV). Valores apropriados, crenças apropriadas, atitude apropriada, carácter apropriado, e os comportamentos apropriados.

Trabalho e dedicação são secundários – crenças e atitudes certas. No novo local de trabalho do século XXI – e isto pode ser a escola, a empresa, a igreja, ou o governo – trabalho válido e dedicação não bastam. Ou seja, não basta que o trabalhador seja bom e dedicado naquilo que faz – tem também de ter a forma certa de pensar.

→ A força de trabalho global tem as crenças e os valores certos.

→ Pessoas auto-obcecadas, amorais, dependentes, preguiçosas, formatadas. Pessoas auto-obcecadas, amorais, dependentes, preguiçosas, incapazes de pensamento independente […self-obsessed, amoral, system-dependent lazy dupes incapable of independent thought]

→ CONSENSUALIDADE – Dialéctica e pensamento colectivo. A dialéctica hegeliana torna-se um requisito essencial de empregabilidade. Compromisso, conformidade, pensamento de grupo, submissão a regras de consenso. Disponibilidade para trocar ideias individuais por pensamento de grupo.

→ TEAM-PLAYING. O trabalhador tem de ser um team-player.

→ SUPEREGO SOCIAL – Sentido comunitário de valor e entrega ao grupo. A pessoa tem de aprender a ver-se como parte da sociedade colectiva, e não como um indivíduo. O seu sentido de valor tem de ser baseado em participação na comunidade, e em submissão aos dogmas instituídos. Crenças individuais e escolhas individuais são tabu, a não ser que sejam feitas na framework colectivamente autorizada.

→ FLEXIBILIDADE – Mudança permanente. Preparação para mudança permanente.

→ PLACIDEZ e submissão. Obediência, submissão, aceitação incondicional, placidez.

RH GLOBAIS – Estandardização RH para monocultura estéril e irracionalista.

Treino RH para a monocultura global. Este tipo de força de trabalho é preparada e ajustada a um único modelo global, uma monocultura estéril.

Aclimatação à comuna, à força de trabalho multinacional e ao dormitório. Ênfase especial em trabalho e serviço comunitário. Vão aprender a pensar em grupo, a agir em

grupo, a estar dependentes do grupo para tudo, a não ir contra o grupo em nada. É preciso ter pessoas assim para um ambiente estéril, mecanizado, frio, calculista. Porque o futuro é a força de trabalho multinacional, o dormitório comum e a comuna.

RH GLOBAIS – "Global workforce training".

Paradigma RH para século 21 – formação, gestão, avaliação. Para produzir isto, são gastas pequenas fortunas em consultoria e gestão de recursos humanos. É quase impossível encontrar um programa de formação, gestão dia-a-dia, e avaliação de desempenho, que não esteja alinhado com o novo paradigma.

Milhares de manuais e papers. Manuais atrás de manuais e papers atrás de papers, em gestão de RH, devotados a isto.

Neo-medievalismo consensual. Estas "ideias frescas e inovadoras", a "nova" forma de lidar com a "economia global", são um mero retorno a padrões medievais, a um sistema de pensamento e acção baseado em consenso.

Muitos nomes e pacotes. Muitos nomes e muitos pacotes para vender a mesma coisa. Total Quality Management. Work Values Assessment and Clarification. Team Building. Sensitivity training. Soft Skill Training. Global Workforce Training. Global Workforce Training é um dos termos mais honestos, porque esse é o objectivo.

RH GLOBAIS – A ineficiência autorizada da monocultura estéril global.

Processo mata consciência, inovação, criatividade. Mas é vendido com o uso estes slogans. Agora, é claro que tudo isto prejudica a qualidade do trabalho.

Isto não é um problema na economia global.

(a) Condições não-competitivas. A economia global é gerida por bancos e consórcios globais. É uma economia de monopólios, cartéis, arranjos e concessões, na qual não existe competitividade real.

(b) Gestão estacionária de processos e recursos – incluíndo RH. Há gestão mais ou menos estacionária de processos e de recursos, o que inclui recursos humanos. O foco passa a ser na administração monótona de processos previsíveis, e na gestão directa de pessoas e de relações humanas – como Marx e Engels pretendiam.

(c) Trabalho criativo entregue a "elite cognitiva". O trabalho realmente criativo que resta é entregue a um punhado de pessoas, que nunca são submetidas a este modo de pensar e de agir apesar de serem, elas próprias, suficientemente medíocres e limitadas.

ROGERS & MASLOW – Bom selvagem, Utopia, Fluxo.

Rogers & Maslow (pré): Maternalismo, utopianismo.

Contexto.

Flower power. Mudar o mundo para melhor com base em amor incondicional.

Optimismo científico exagerado. Confiança exagerada no poder da psicologia para criar um novo e melhor ser humano, o habitante da utopia, como Maslow pretendia.

A teoria do bom selvagem. Toda a gente é inerentemente boa – o coração humano, os desejos humanos, são inerentemente bons.

Maternalismo educativo-terapêutico.

Amor incondicional – permissividade – emocionalismo. Se formos maternais – carinhosos, permissivos, não-directivos, abertos às necessidades emocionais – com a criança, e a deixarmos tomar decisões morais por si mesma, isso vai resultar em crescimento e maturidade.

Rogers & Maslow (pré): Utopia.

Rogers: Fluxo é a chave para a utopia. «*I trust it is also evident that the whole emphasis is upon process, not upon end states of being. I am suggesting that it is by choosing to value certain qualitative elements of the process of becoming, that we can find a pathway toward the open society*» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

Maslow: O objectivo é um mundo unido, paz mundial. «*One World, One Law… the authentic community, the brotherhood of man…*» – A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

Maslow e Rogers (pré): Bem e mal são experienciais.

Bem e mal podem ser descobertos no aqui e no agora. Propõem que investigação fenomenológica e experiencial, sob tutorial do especialista existencial, pode determinar, para cada indivíduo, a verdade sobre bem e mal. Ou seja, as regras de bem e mal são encontradas, para estes homens, a cada novo momento, para cada nova pessoa, face a cada nova situação.

«*Observe that if these assumptions are proven true, they promise a scientific ethics, a natural value system, a court of ultimate appeal for the determination of good and bad, of right and wrong*» – Abraham Maslow (1956). "Toward a psychology of being".

«*Instead of universal values "out there," … we have the possibility of universal human value directions emerging from the experiencing of the human organism. Evidence from therapy indicates that both personal and social values emerge as natural, and experienced, when the individual is close to his own organismic valuing process*» – Carl Rogers & Barry Stevens (1967). "Person to person: the problem of being human: a new trend in psychology". Real People Press.

Maslow & Rogers (pré): Consciência, ataque a criatividade e a comunicação.

Rogers – Barreira à comunicação. «*…the major barrier to mutual interpersonal communication is our very natural tendency to judge, to evaluate, to approve or disapprove, the statement of the other person, or the other group…*» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

Maslow – Ataque à criatividade. A consciência é um ataque à criatividade. «*When we learn to silence the inner voice that judges yourself and others, there is no limit to what we can accomplish, individually and as part of a team. Absence of judgment makes you more receptive to innovative ideas*» – A.H. Maslow, D.C. Stephens, G. Heil (1998). "Maslow on Management". John Wiley.

Rogers (pré): O bom selvagem.

O coração humano é bom, racional, socializado. «*In psychology, Freud and his followers have presented convincing arguments that the id, man's basic and unconscious nature, is primarily made up of instincts which would, if permitted expression, result in incest, murder, and other crimes… The whole problem of therapy, as seen by this group, is how to hold these untamed forces in check in a wholesome and constructive manner, rather than in the costly fashion of the neurotic… the inner core of man's personality is the organism itself, which is essentially both self-preserving and social… 'Have you merely released the beast, the id, in man?'… There is no beast in man. There is only man in man, and this we have been able to release"… if we cut through deeply enough to our organismic nature, that we find that man is a positive and social animal… This is the suggestion from our clinical experience… the innermost core of man's nature, the deepest layers of his personality, the base of his "animal nature," is positive in nature — is basically socialized, forward-moving, rational…*» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

Rogers (pré): Fluxo, changingness, becoming, aqui & agora – Existencialismo.

Existencialismo, materialismo – Conhecimento advém da experiência. «*Experience is, for me, the highest authority… Neither the Bible nor the prophets… neither the revelations of God nor man — can take precedence over my own direct experience*»

Descongelamento – Libertação de ideias egóicas – Fluxo, aqui e agora. Quando o processo começa, a pessoa não tem desejo de ser mudada. Há que descongelar o seu estado geral com um ambiente individual ou grupal favorável. Encorajar a expressão simbólica, como forma de aceder ao passado; a experienciação está ligada à estrutura do passado. Há que fazer um percurso de desligamento gradual do passado, durante o qual o sujeito muda o seu reportório simbólico e experiencial para um registo cada vez mais "aqui, agora". A ideia é gerar um estado onde os sentimentos e a expressão de sentimentos são situados no presente – existe uma libertação aumentada de sentimentos e experiências. O sujeito deixa de ter construtos "seus", "egóicos". O self como objecto tende a desaparecer; e passa a identificar-se com o sentimento do presente. Torna-se uma entidade reflexiva a estímulos, um processo instável e mutável, em vez de uma entidade sólida e alicerçada a um referencial definido. O sujeito está em fluxo. Este processo não visa, portanto, o sistema tradicional de descongelamento-fluxo-recongelamento. O processo "pára" em fluxo, ou seja, em "changingness", "processo".

Desaparecimento do self – Changingness – Becoming – Existencialismo. «*Self as an object tends to disappear. The self, at this moment, is this feeling. This is a being in the moment, with little self-conscious awareness, but with primarily a reflexive awareness, as Sartre terms it… Experiencing, at this stage, takes on a real process quality… construct is dissolved in this experiencing moment, and the client feels cut loose from his previously stabilized framework… There is change in the individual's manner of relating. At one end of the continuum the individual avoids close relationships, which are perceived as being dangerous. At the other end of the continuum, he lives openly and freely in relation to the therapist and to others, guiding his behavior in the relationship on the basis of his immediate experiencing… he has become an integrated process of changingness… Thus, as the process reaches this point the person becomes a unity of flow, of motion… the individual in such a moment, is coming to be what he is… The individual increasingly comes to feel that this locus of evaluation lies within himself… I can be whatever I deeply am… I don't know exactly who I am, but I can feel my reactions at any given moment, and they seem to work out pretty well as a basis for my behavior from moment to moment… Life, at its best, is a flowing, changing process in which nothing is fixed… It is always in process of becoming… [Good life]…when there is psychological freedom to move in any direction… and [where] the general qualities of this selected direction appear to have a certain universality… It involves the courage to be. It means launching oneself fully into the stream of life. Yet the deeply exciting thing about human beings is that when the individual is inwardly free, he*

chooses as the good life this process of becoming…» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

Maslow (pré): B e D, saúde vs patologia – Consciência vs "becoming".

<u>Fundador de "auto-estima e potencial humano"</u>. Abraham Maslow, psicólogo, fundador do movimento para auto-estima e potencial humano.

<u>"B-values", a versão hippie do imperativo categórico (Maslow)</u>.

Valores universais inculcados em cada pessoa. «*B-values; these are intrinsic values that are being discovered and introjected and made one's own by each person discovering and studying himself and his own depth individually and then reaching the same conclusion as other people*»

Educação/doutrinação, terapia, T-groups, a Eupsychian network, etc. «*The techniques of making higher man, and the techniques of making higher society were mentioned: education, therapy, T-groups, the Eupsychian network, and the like*» – A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

<u>Natureza mais elevada do homem é instintóide, valores auto-validados (Maslow)</u>. «*I would have said that… man also had a higher nature and that this was instinctoid, i.e., part of his essence… intrinsic human values, human goods that validate themselves, that are intrinsically good and desirable and that need no further justification. This is a hierarchy of values which are to be found in the very essence of human nature itself. These are not only wanted and desired by all human beings, but also needed in the sense that they are necessary to avoid illness and psychopathology*» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

<u>Emancipação – Motivação B versus D (Bugental & Robert Tannenbaum)</u>.

Patologia vs saúde: Maslow e motivação D- versus B-. «*…constructive or self-actualizing processes in the personality as contrasted with the more pathologic or growth-resistive. In general, the orientation parallels the difference Maslow makes between D- (or Deficiency-) motivation and B- (Being-) motivation (1962)…*»

Treino de sensibilidade "corrige défice motivacional". O «*sensitivity-training*» visa precisamente corrigir essa "deficiência motivacional", ou seja, «*overcoming those forces within individuals which limit their abilities to fully realize their potentialities (107)*» – J.F.T. Bugental & Robert Tannenbaum, "Sensitivity Training and Being Motivation", *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Maslow (pré): Oughtiness (para passar de D- para B-).

Estimulação do sonho, oughtiness – para ultrapassar consciência (D-).

[Ultrapassar "Deficiency" com "Being"].

Redefinição de expectativas para facilitar processo. «*...we shall have to study the conditions which maximize ought-perceptiveness... oughtiness is an intrinsic aspect of deeply perceived facticity; it is itself a fact to be perceived... Here the fusion comes not so much from an improvement of actuality, the is, but from a scaling down of the ought, from a redefining of expectations so that they come closer and closer to actuality and therefore to attainability*» – Abraham H. Maslow (1972), "The Farther Reaches of Human Nature". Maurice Bassett.

ROGERS (R).

Rogers (R) – “Um padrão de fracasso” (Coulson – Carta aberta).

Rogers e o “padrão de fracasso”. «*Em 1983, num dos seus livros, Carl Rogers descreveu as nossas experiências como um «padrão de fracasso». Contudo, depois da sua morte, o editor (que publica livros para professores e alunos de ciências da educação) reeditou o livro removendo todas as referências ao «padrão de fracasso»... Parte deste padrão [de fracasso] é o muro de silêncio que se constrói em torno dos seus resultados trágicos...*» – Dr. William Coulson, “Carta Aberta aos Pais Portugueses”, publicada no jornal Expresso, 28 de Maio de 2005.

Rogers (R) – Valores tradicionais – Perca de liberdade (Coulson, TMP).

Rogers critica “rogerianismo”. Rogers é apresentado como pai fundador, legitimador, da clarificação de valores na aula. O sistema em si é chamado “sistema rogeriano”, “rogerianismo”, e isto foi criticado pelo próprio Rogers.

Rogers: “Nothing but bad can come from it”. «*When I write it up, at least I try to make it clear it is tentative; it's only the best I can do at this point. But when it gets into a textbook, it sounds like it came down on tablets from Mt. Sinai: awful, simply awful. And I can't help but feel that nothing but bad can come from that*» – Rogers, cit. in William Coulson, “Outcome-Based Education”. Address given at the “Piecing it Together” Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

Rogers: “crazy classrooms”, “crazy Plan paper”.

Valores tradicionais.

“Os pais e os mais velhos tinham tido sempre razão”.

“Necessidade de voltar a respeitar valores familiares”.

Liberdade é perdida e entra o domínio do perito amoral.

Família a ser destruída.

Maslow e a “absolute certainty of their own absolute virtues and correctness”.

«*In 1972 a dismayed Dr. Rogers encouraged this writer to quote his prediction that “nothing but bad” would come from the theory, given the reverence with which it had been received in colleges of education and the wild psychologizing it had stimulated among curriculum writers… we didn't listen to the parents or the elders, didn't really want to. We wanted them to keep their place. It was something of a shock to discover*

they'd been right all along. The discovery led Dr. Rogers to call the plan for Rogerian classrooms "crazy." "Why did I ever write that crazy 'Plan' paper?" he said, reflecting with project staff in 1969 on an article he'd published in Educational Leadership in 1967… by 1977 we'd seen the need for society to pay respect to traditional family values once more; under increasing attack in popular psychology, family continuity was being destroyed and freedom lost. Authority was being assumed by experts who possessed what the repentant humanistic psychologist A. H. Maslow, our colleague in the mid-'60s at the Western Behavioral Sciences Institute, had called "an almost paranoid certainty of their own absolute virtues and correctness."» – William Coulson (n/d), "TMP: Too Much Psychology".
[http://www.cultureshocktv.com/coulson/coulson1.html]

ROGERS – Symposium (1956).

Rogers (1956) – As capacidades insidiosas dadas por controlo comportamental.

[Nota final] Não é que Rogers estivesse contra controlo comportamental – usaria uma parte.

Para criar o seu próprio ser humano aperfeiçoado, que seria uma espécie de criatura comunitária, e comunista.

O poder dado por ciência comportamental.

"…an individual or group will surely choose the values or goals to be achieved".

"…most of us will be controlled by means so subtle we won't even be aware of them as controls".

"…we'll be moving toward a chosen goal, thinking we ourselves desire it".

"…it would arrive piecemeal, rather than all at once".

"…we would then look back upon the concepts of freedom, choice, and the worth of the human individual as historical curiosities, a prescientific cultural accident".

«*Behavioral science is clearly moving forward; the increasing power for control which it gives will be held by someone or some group; such an individual or group will surely choose the values or goals to be achieved; and most of us will then be increasingly controlled by means so subtle that we will not even be aware of them as controls. Thus, whether a council of wise psychologists (if this is not a contradiction in terms), or a Stalin, or a Big Brother has the power, and whether the goal is happiness, or productivity, or resolution of the Oedipus complex, or submission, or love of Big Brother, we will inevitably find ourselves moving toward the chosen goal and probably thinking that we ourselves desire it… The fact that it would surely arrive piecemeal, rather than all at once, does not greatly change the fundamental issues. In any event, as Skinner has indicated in his writings, we would then look back upon the concepts of human freedom, the capacity for choice, the responsibility for choice, and the worth of the human individual as historical curiosities which once existed by cultural accident as values in a prescientific civilization*»

"We can choose to use our growing knowledge to…"

"…enslave people in ways never dreamed of before".

"…depersonalizing them".

"…controlling them by means carefully selected".

“…they will perhaps never be aware of their loss of personhood”.

«*We can choose to use our growing knowledge to enslave people in ways never dreamed of before, depersonalizing them, controlling them by means so carefully selected that they will perhaps never be aware of their loss of personhood. We can choose to utilize our scientific knowledge to make men happy, well-behaved, and productive, as Skinner earlier suggested*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. “Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium”. Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

ROWAN (1984) – Charlatanismo, magia e rituais shamânicos.

Rowan (1984) – O cientista social aplicado como vulgar charlatão.

Rowan é ele próprio um guru de reforma educacional pós-moderna.

"Usos não-científicos de pesquisa em debates educacionais". «*This paper develops a theoretical perspective for analyzing the non-scientific uses of research in educational policy debates*»

O cientista social como shaman, ritualista de investigação. O cientista social aplicado pós-moderno é um «*...research ritualist*»

"Shamans practice magic, applied social researchers are thought to practice 'science'".

"Magia negra e magia branca".

«*...shamans and applied social scientists perform a number of similar functions in society... shamans practice magic, whereas applied social researchers are thought to practice "science"... Wizards and witches often practiced forms of "black magic" that were used as weapons to defend interests or harm enemies, whereas the shaman's magic was most often employed for benevolent purposes, including the curing of ills... policy analysts sometimes use the rituals of research to confound and weaken political or scientific opponents, a form of research that appears similar to the "black" magic of witches. But there are also research shamans who can be called upon by policy analysts to perform healing rituals*»

Malinowski e a essência fraudulenta da magia.

«*...there is a need to carefully analyze the science of magic. There can be little doubt that Malinowski's (1948:50) observations about premodern magic will ring true for many observers of current applied research in education: ...when the sociologist approaches the study of magic... he finds to his disappointment an entirely sober, prosaic, even clumsy art, enacted for purely practical reasons, governed by crude and shallow beliefs, carried out in a simple and monotonous technique*»

"Aplicações e necessidade de mais rituais".

"Future studies of "science" as magic are needed".

"Disarm enemies, cure ills, and divine the unknown".

"Need to study the conditions under which these magical practices spread through practitioner populations".

«*…these rituals can be used to divine the unknown, cure ills, and control uncertain events… future studies of "science" as magic are needed. There is a need to begin to chart other rituals used by applied scientists to disarm enemies, cure ills, and divine the unknown. Moreover, there is a need to study the conditions under which these magical practices spread through practitioner populations. Using this perspective, much of the literature on organizational change and applied research can be rewritten from an institutional perspective*» – "Shamanistic Rituals in Effective Schools" by Brian Rowan, Senior Research Scientist, Far West Laboratory for Educational Research and Development. Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New Orleans, LA, April, 1984.

Rowan (1984) – Rituais shamanicos – Revisões, estatística, psicometria.

Falsas referências, com revisões de literatura.

"The citation of a host of previously unpublished and obscure studies".

"Naïve individuals are left only with the powerful rhetoric of the reviewers".

«*Curing ills with literature reviews… First, the authors contrast the dismal tradition of school effects research with "more recent" and more positive studies of effective schools. This is followed by the citation of a host of previously unpublished and obscure studies which are often nothing more than other positive literature reviews. The final step is a grandiose concluding statement, which most often calls on practitioners to adopt the new discoveries… these rituals have their most dramatic effect on naïve individuals who have little time or inclination to follow-up footnotes or read works cited in the text, or on those who have little tolerance for the ambiguity that marks true scientific debate… naïve individuals are left only with the powerful and appealing rhetoric of the reviewers…*»

Fraude estatística.

"The ritual almost always strongly supports the rhetorical posture of the ritual literature review".

"Any experienced shaman can find "effective" schools".

"The worse the initial regression model, the more powerful the shamanistic ritual".

«*Divining the Unknown Using Outliers… The ritual uses residuals from a regression analysis… The errors (or residuals) are used to identify "effective" and "ineffective" schools and form samples for contrasted groups studies. The ritual almost always strongly supports the rhetorical posture of the ritual literature review. Since predictor variables never account for all of the variance in school-level achievement, an analysis of residuals will always demonstrate that schools differ in achievement even after controlling for socioeconomic composition. Thus any experienced shaman can find*

"effective" schools. Second, if a shaman asks a large number of questions, a number of stnictural and cultural differences between effective and ineffective schools can be found. Thus, the outliers ritual not only identifies the previously unrecognized "effective" schools, it also reveals for the first time why these schools attain effectiveness… Thus, the worse the initial regression model, the more powerful the shamanistic ritual… A related tactic is to use aggregate models. By using schools rather than individuals as the unit of analysis, proportions of variance in achievement explained by school management and culture are increased. In between-school analyses, schools can be seen to account for nearly 30% of the variance in achievement. But in between-individual analyses, this is reduced to about 5%. Thus, effective schools ritualists have been able to inflate their claims of school effects through a simple aggregation trick…»

Manipulação de testes e medidas.

"Requires the shaman to have advanced training in the art of psychometrics".

[Psicometria, uma outra forma de obscurantismo, superstição e magia ritual].

"Performance… not by changing instructional objectives or practices, but simply by changing tests and testing procedures".

«*Controlling Uncertainty through Measurement… A final shamanistic ritual in the effective schools movement requires the shaman to have advanced training in the art of psychometrics. The ritual is particularly suited to application in urban or low performing school systems where successful instructional outcomes among disadvantaged students are highly uncertain but where mobilized publics demand immediate demonstrations of success. The uncertainties faced by practitioners in this situation can easily be alleviated by what scholars have begun to call "curriculum alignment"… In the typical alignment ceremony, only test items-not instruction-are changed. Nevertheless, while student learning remains unchanged, alignment allows students to practice criterion measures and achieve higher test scores, thus giving them an advantage over comparable students in unaligned school systems… An even more powerful demonstration of instructional effectiveness can be achieved if shamans avoid the standard psychometric practice of designing norm-referenced achievement tests and move instead toward criterion-referenced tests… Student variability in performance can be reduced, and relative performance increased, not by changing instructional objectives or practices, but simply by changing tests and testing procedures*» – "Shamanistic Rituals in Effective Schools" by Brian Rowan, Senior Research Scientist, Far West Laboratory for Educational Research and Development. Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New Orleans, LA, April, 1984.

RUSSELL (1946) – A embriaguez genocida do poder humano.

Crença no poder ilimitado de classe dominante para moldar recursos humanos.

"***There thus arises a new belief in the power of rulers*".**

"***…control by scientific propaganda, especially education... no change seems impossible*".**

"***…that part of the race which does not participate in government is raw material***".

Deus e verdade são obstáculos; sem eles são produzidos cataclismos.

"…conceptions representing limits of human power… God and truth".

"Such conceptions tend to melt away".

"This outlook has produced immense cataclysms, will no doubt produce others".

«*There thus arises, among those who direct affairs or are in touch with those who do so, a new belief in… the power of rulers as against the human beings whose beliefs and aspirations they seek to control by scientific propaganda, especially education… no change seems impossible… that part of the human race which does not effectively participate in government [is raw material]. There are certain old conceptions which represent men's belief in the limits of human power; of these the two chief are God and truth… Such conceptions tend to melt away; even if not explicitly negated, they lose importance, and are retained only superficially. This whole outlook… has already produced immense cataclysms, and will no doubt produce others in the future. To frame a philosophy capable of coping with men intoxicated with the prospect of almost unlimited power and also with the apathy of the powerless is the most pressing task of our time*»

Bertrand Russell (1946), *History of Western Philosophy*. George Allen and Unwin, Ltd.

Sara e Tobias, degradação humana, Story of O

[comments YT]

[1] I'm sorry to have to say this, divinelust, but it's very hard to find a work that does so much to glorify the brutalization of women as this "story of the meat hole". This is a very vile expression of chauvinism, and indeed, of hatred.

It's the kind of work whereby women are coaxed into taking a gun to their own heads and then, pulling the trigger. In other words, to worship their own destruction, for the pleasure of piglike pimps, slave drivers. And this is very self-evident isn't it?

- The issue with that, as I said in my 2nd comment, is that the promotion of these "destroy me and my society" attitudes actually comes from the slave drivers themselves, the oligarchs -- in France, this is former Vichy fascists.

That's post-modernism. Spawned out of Nazi destruktion philosophy (Heidegger et al), to romanticize socio-economic nihilism (the speculative, post-industrial race to the bottom), and its obvious cultural correlates, the destruction of self-image and human relations.

- Well, God gave us all the ability for rationality and higher consciousness, and he expects us to use them, as He makes clear throughout the Scriptures. And He doesn't want anyone to be degraded down to the level of beast, for the pleasure of slave drivers, pimps, oligarchs.

His ideal for man and woman is very well expressed throughout the entire Bible, but a very good example is that of Sarah and Tobiah -- side by side, equals, enlightened by grace, in perfect harmony before the Creator.

- [2] Death and slavery aren't sexy, but oligarchs demand that people think otherwise. So, it's no coincidence that this springs out of post-modernism, a very vile oligarchic demand for universal degradation. On the economic front, the fruits of this are arrested development, deindustrialization, wild speculation, assett stripping. On the social and cultural levels, people are degraded to the status of inferior beasts, ready for a meat grinder of socio-economic dehumanization and, indeed, slavery.

Shirley McCune – Infiltrar e manipular comunidade com Delphi.

Shirley McCune, new ager fascista, terrorista cultural, agentur e facilitadora. Shirley McCune, autora new age, co-autora de livros sobre reforma educativa e temas associados de terrorismo cultural new age/UNESCO. Em 1986, publica "Guide to Strategic Planning for Educators", através da ASCD, Association for Supervision and Curriculum Development, uma franchise da NEA, National Education Association.

Mais teoria Delphi – facilitador como agentur e espião, para destruir a comunidade. Os "educadores", aqui quinta-colunistas new age, i.e. neo-nazis with a smile who meditate a lot, treinados em associações tipo NEA, são instruídos sobre como usar técnicas de infiltração (Delphi) para manipular os vários stakeholders e alterar radicalmente o sistema de educação, no sentido da sociedade planeada tecnofascista. (ver notas sobre Shirley McCune e educação, e sobre ***educação*** em geral. Ver também notas ***Delphi – Processo***, as citações dos outros gurus fascistas em tudo isto)

Citações (a confirmar).

"Mudança" tem de ser "desejada" pelas pessoas – têm de sentir o plano como seu.

É preciso envolver (enganar, manipular) os participantes, para obter harmonia.

Para isso é preciso obter informação prévia sobre estes stakeholders.

Fazer a cabeça das pessoas antes de lhes pedir as suas próprias ideias.

→ (e claro, ESTE é o plano, agora sugere alguma irrelevância de detalhe, o teu pequeno "input").

Tudo isto é transformativo, e transformação envolve reforma de pensamento.

«*Change must be manifested at the local level and must be wanted—people must view change as their own and feel that it will help them achieve the future they value and desire*» (p 29) «*If time is taken to involve affected and interested parties (stakeholders), the plan will become their plan, implementation will be accelerated, and the potential for future conflict and disagreement will be reduced*» (p 37) «*Information about their* [stakeholders] *perceptions and expectations must be gathered carefully. It should be collected after stakeholders have had some opportunity to understand the larger societal changes and the options open to schools*» (p 45) «*Providing people with data* before *asking for their opinions and ideas about what schools should do leads to different responses and outcomes*» (p 59) «*Transformation is the process of shifting our basic assumptions and reorganizing our views of the world, our goals, and our behaviors*» (p 32) «*Strategic planning is a rational planning process, but it has strong psychological effects on an organization and the people involved in the process*» (p 32)

[Shirley McCune (1986). "Guide to Strategic Planning for Educators", Association for Supervision and Curriculum Development, NEA]

<u>SKINNER (1) – Beyond Freedom & Dignity</u>.

Skinner (1971) – "Beyond Freedom and Dignity".

<u>O bom professor Skinner, psicólogo de Harvard</u>.

<u>Bolsa do NIMH</u>. Skinner recebe bolsa governamental de $283,000 para escrever "Beyond Freedom and Dignity" (1971). A 18 de Fevereiro de 1964, do NIMH (National Institute of Mental Health). Bolsa K6-MH 21755, a ser paga durante 10 anos.

Skinner (1971) – Catástrofe maltusiana exige controlo comportamental.

<u>Com isto, Skinner demonstra a priori que obscurantismo é o seu millieu natural</u>.

<u>Tecnologia comportamental, para guiar e "salvar" a nave-mãe Terra</u>.

«*But things grow steadily worse and it is disheartening to find that technology itself is increasingly at fault. Sanitation and medicine have made the problems of population more acute… the affluent pursuit of happiness is largely responsible for pollution… we could solve our problems quickly enough if we could adjust the growth of the world's population as precisely as we adjust the course of a spaceship…*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – "Valores: sociais e contextuais".

<u>Cientistas comportamentais vão decidir sobre os valores</u>. «*"…value judgments"… Decisions… seem to demand a kind of wisdom which, for some curious reason, scientists are denied… It would be a mistake for the behavioral scientist to agree…*»

<u>Bom é o reforço positivo, mau é o reforço negativo – "cientificamente" determinado</u>. «*Things are good (positively reinforcing) or bad (negatively reinforcing)… Good things are positive reinforcers… Things that feel good reinforce us when we feel them… The things we call bad… are all negative reinforcers, and we are reinforced when we escape from or avoid them… a value judgment is a matter not of fact but of how someone feels about a fact… the reinforcing effects of things are the province of behavioral science, which, to the extent that it is concerned with operant reinforcement, is a science of values*»

<u>Valores culturais consistem em reforçadores colectivamente reconhecidos</u>. «*Some contingencies are part of the physical environment, but they usually work in combination with social contingencies… The social contingencies, or the behaviors they*

generate, are the "ideas" of a culture; the reinforcers that appear in the contingencies are its "values"…» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – Abandonar liberdade e dignidade, abraçar o soviete.

Tudo o que está no caminho da utopia, são estas ideias de liberdade e dignidade.

Ideias de liberdade e dignidade bloqueiam "tecnologia comportamental".

São ideias pré-científicas, retrógradas. «*…a technology of behavior may therefore become available. It will not solve our problems, however, until it replaces traditional prescientific views, and these are strongly entrenched. Freedom and dignity illustrate the difficulty… What we may call the literature of dignity may oppose advances in technology, including a technology of behavior… The literature thus stands in the way of further human achievements… the defenders of freedom and dignity… block progress toward a more effective technology of behavior*»

URSS é o modelo a seguir.

Onde o estado assumiu a responsabilidade de moldar o ambiente social.

Onde condicionamento pavloviano é o mote a seguir. «*Communist Russia provided an interesting case history in the relation between environmentalism and personal responsibility… The new government would change the environment, making use of Pavlov's work on conditioned reflexes… It might not yet be completely effective, but it was moving in the right direction*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – A utopia comportamental.

Utopia, engenharia social e cultural, eficiência máxima. Tecnologia comportamental pode estabelecer utopia [o lugar-nenhum]. Controlo consciente sobre evolução, engenharia de sociedade e cultura. Comportamento humano tem de ser condicionado por uma elite. O homem tem de assumir controlo total sobre a sua evolução pelo desenho consciente de toda a cultura. O comportamento humano seria moldado para obter máxima eficiência.

"Tecnologia comportamental **vai** criar a utopia". «*What we need is a technology of behavior*»

Cultura e valores: decididos por cientistas comportamentais. «*The technology of behavior… applied to the design of a culture…*»

Homem: torna-se um andróide gerido por terceiros. O “homem autónomo” é abandonado e passa a ser gerido pelo ambiente e por outros homens – cientistas comportamentais e respectivos empregadores. «*He is henceforth to be controlled by the world around him, and in large part by other men… autonomous man…*»

Homem: treinado para ser bem comportado. «*The problem is to induce people not to be good but to behave well…*»

Homem: comportamento planeado, monitorizado, controlado. É preciso e desejável planear e submeter a controlo estrito tudo aquilo que os seres humanos fazem.

Homem: programado com inputs para produzir outputs. Este é o papel da educação-treino, para a economia global gerida por comportamentalistas perturbados.

Homem: treinado com o computador, a “teaching machine”. Skinner chamou ao computador a sua “caixa”, e disse que «*I could make a pigeon a high achiever by reinforcing it on a proper schedule*»

Homem: actividade cognitiva mínima, orientada para a tarefa no ambiente. «*The extent to which a man should be aware of himself depends upon the importance of self-observation for effective behavior. Self-knowledge is valuable only to the extent that it helps to meet the contingencies under which it has arisen. Perhaps the last stronghold of autonomous man is that complex "cognitive" activity called thinking…*» – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – A utopia comportamental – Sistemas de controlo.

Ambiente: redesenhado como um hospício ou uma maternidade. «*The problem is to free men, not from control, but from certain kinds of control… Were it not for the unwarranted generalization that all control is wrong, we should deal with the social environment as simply as we deal with the nonsocial… to make the social environment as free as possible of aversive stimuli we do not need to destroy that environment or escape from it; we need to redesign it… it should be possible to design a world in which behavior likely to be punished seldom or never occurs. We try to design such a world for those who cannot solve the problem of punishment for themselves, such as babies, retardates, or psychotics, and if it could be done for everyone, much time and energy would be saved*»

Oferecer veículos de dissipação.

Pão e circo, desporto, jogo, drogas, sexo, pornografia, masturbação. «*A government may prevent defection by making life more interesting – by providing bread and circuses and by encouraging sports, gambling, the use of alcohol and other drugs, and various kinds of sexual behavior, where the effect is to keep people within reach of aversive sanctions. The Goncourt brothers noted the rise of pornography in the France*

of their day: "Pornographic literature," they wrote, "serves a Bas-Empire… one tames a people as one tames lions, by masturbation"»

Suprimir comportamento punível com manipulação do ambiente. «*Punishable behavior can be minimized by creating circumstances in which it is not likely to occur. The archetypal pattern is the cloister. In a world in which only simple foods are available, and in moderate supply, no one is subject to the natural punishment of overeating, or the social punishment of disapproval, or the religious punishment of gluttony as a venial sin… Aggressive behavior which is otherwise uncontrollable is suppressed by putting a person in solitary confinement, where there is no one to aggress against. Theft is controlled by locking up everything likely to be stolen. Another possibility is to break up the contingencies under which punished behavior is reinforced. Temper tantrums often disappear when they no longer receive attention, aggressive behavior is attenuated by making sure that nothing is gained by it, and overeating is controlled by making foods less palatable… Punishable behavior can also be suppressed by strongly reinforcing any behavior which displaces it. Organized sports are sometimes promoted on the grounds that they provide an environment in which young people will be too busy to get into trouble*»

Reforço diferencial: recompensar "boas acções", punir "más acções".

"We change the relative strengths of responses by differential reinforcement of alternative courses of action".

"We change behavior toward something, not an attitude toward it. We sample and change verbal behavior, not opinions".

«*Beliefs, preferences, perceptions, needs, purposes, and opinions are other possessions of autonomous man which are said to change when we change minds. What is changed in each case is a probability of action… We build "belief" when we increase the probability of action by reinforcing behavior… Changes in preference, perceptions, needs, purposes, attitudes, opinions, and other attributes of mind may be analyzed in the same way. We change the way a person looks at something, as well as what he sees when he looks, by changing the contingencies; we do not change something called perception. We change the relative strengths of responses by differential reinforcement of alternative courses of action; we do not change something called a preference. We change the probability of an act by changing a condition of deprivation or aversive stimulation; we do not change a need. We reinforce behavior in particular ways; we do not give a person a purpose or an intention. We change behavior toward something, not an attitude toward it. We sample and change verbal behavior, not opinions*»

Quando tudo falha: hormonas, lobotomia, tranquilizantes. «*If all this fails, punishable behavior may be made less likely by changing physiological conditions. Hormones may be used to change sexual behavior, surgery (as in lobotomy) to control violence, tranquilizers to control aggression…*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – “O fim do individualista”.

“O individualista é culpado do seu próprio fim”. «*The individualist can find no solace in reflecting upon any contribution which will survive him. He has refused to act for the good of others and is therefore not reinforced by the fact that others whom he has helped will outlive him. He has refused to be concerned for the survival of his culture and is not reinforced by the fact that the culture will long survive him. In the defense of his own freedom and dignity he has denied the contributions of the past and must therefore relinquish all claim upon the future*» – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

Skinner – Usar contingências para moldar comportamento verbal e não-verbal.

Tecnologia de comportamento para modificar comportamento sem parecer exercer controlo.

«*…technology of behavior… modifying behavior without appearing to exert control*»

Manipulação de contingências.

Pistas, alusões, guiar o rato através do labirinto através de sinais.

Isto implica abrir oportunidades nalgumas direcções, bloquear outras.

Ou seja, contingências de controlo, que conjuram as palas nos olhos.

“Quem determina alternativas, determina escolhas e controla comportamento”.

Tornar o indivíduo totalmente dependente – de instâncias materiais e humanas; sociais.

«*…hints and allusions*»

«*Guidance is effective, however, only to the extent that control is exerted. To guide is either to open new opportunities or to block growth in particular directions*»

«*Ralph Barton Perry put it “Whoever determines what alternatives shall be made known to man controls what that man shall choose from. He is deprived of freedom in proportion as he is denied access to any ideas, or relevant possibilities”. For “deprived of freedom” read “controlled”*»

«*…building a dependence on things… dependent upon things... counter control exerted by a social environment*»

Controlar crenças, preferências, percepções, necessidades, propósitos, opiniões.

Isto é feito através da manipulação de contingências.

"***Por exemplo, não mudamos opiniões, mas sim expressão verbal" – ou seja, a pessoa é reforçada por dizer as coisas "certas***".

Mudar mentes subrepticiamente.

Técnica comum é provocar deprivação, aliviá-la, e reforçar comportamentos "positivos" resultantes.

«*Beliefs, preferences, perceptions, needs, purposes, and opinions*»

«*Changes in preference, perceptions, needs, purposes, attitudes, opinions, and other attributes of mind may be analyzed in the same way. We change the way a person looks at something, as well as what he sees when he looks, by changing the contingencies; we do not change something called perception. We change the relative strengths of responses by differential reinforcement of alternative courses of action; we do not change something called a preference. We change the probability of an act by changing a condition of deprivation or aversive stimulation; we do not change a need. We reinforce behavior in particular ways; we do not give a person a purpose or an intention. We sample and change verbal behavior, not opinions*»

«*...changing minds surreptitiously. If a person cannot see what the would-be changer of minds is doing, he cannot escape or counterattack; he is being exposed to ‚propaganda.' ‚Brainwashing' is proscribed by those who otherwise condone the changing of minds simply because the control is obvious. A common technique is to build up a strong aversive condition, such as hunger or lack of sleep and, by alleviating it, to reinforce any behavior which ‚shows a positive attitude' toward a political or religious system. A favorable ‚opinion' is built up simply by reinforcing favorable statements*»

B.F. Skinner. "Beyond Freedom and Dignity".

SKINNER (2) – Walden Two.

Skinner e o novo homem – um andróide, educado por PCs.

Comportamento humano robotizado – Andróides sociais. No futuro idílico de Skinner, o comportamento humano é estritamente regulado pelas autoridades sociais. É claro que os laços humanos espontâneos estão no caminho deste Machtergreifung psiquiátrico; logo, há que quebrá-los completamente. Portanto, Skinner escreve Walden II, onde nos mostra uma utopia fascista, onde tudo é mecanizado, e os seres humanos estão reduzidos a autómatos, andróides biológicos. Tudo deve ser automatizado e mecanizado, de modo a diminuir a espontaneidade humana. As crianças são criadas pelo estado, e não pelos seus pais, e são treinadas desde o nascimento a demonstrar apenas comportamentos e características desejáveis.

Computadores. Um dos aspectos essenciais da obra é que as crianças aprendem tudo a partir de computadores, e não através de contacto humano.

Walden Two – Sociedade visa derrotar o indivíduo.

Sociedade ganha sempre... mas, pelos vistos, com excepções.

Walden Two pode ser a chave para dar vitória sobre indivíduo a Sociedade.

«*…'society'… [is] a powerful opponent, and it always wins... Considering how long society has been at it, you'd expect a better job. But the campaigns have been badly planned and the victory has never been secure… We could do just that in Walden Two*»

Não "podemos" apenas controlar comportamento, "temos" de o fazer. «*The fact is, we not only **can** control human behavior, we **must***»

"Nós controlamos o ambiente social". «*Remember, we control the social environment…*»

Relações interpessoais são manipuladas por Gestores Sociais. «*And we need intimate and satisfying personal contacts. We must have the best possible chance of finding congenial spirits. Our Social Manager sees to that with many ingenious devices*»

B. F. Skinner (1976), *Walden Two.* Macmillan Publishing.

Walden Two – Condicionamento operante evita força – estimula dependência – dá ilusão de liberdade.

Em vez de restrições físicas (algemas, jaulas, coerção)... «*...physical restraint—handcuffs, iron bars, forcible coercion*»

...usar técnicas de condicionamento operante.

Agora, há três tipos de coisas que nos podem acontecer...

...coisas que nos deixam indiferentes, outras que queremos, outras que não queremos.

Controlo de comportamento através de manipulação das anteriores.

"…a sort of control under which the controlled feel free*. *They are doing what they want to do, not what they are forced to do".

"…there's no restraint and no revolt".

*"…**we control not the final behavior, but the inclination to behave— the motives, the desires, the wishes**"*.

"By skillful planning… we increase the feeling of freedom".

"…a social structure which will satisfy the needs of everyone".

«*It's what the science of behavior calls 'reinforcement theory.' The things that can happen to us fall into three classes. To some things we are indifferent. Other things we like—we want them to happen, and we take steps to make them happen again. Still other things we don't like—we don't want them to happen and we take steps to get rid of them or keep them from happening again… if it's in our power to create any of the situations which a person likes or to remove any situation he doesn't like, we can control his behavior. When he behaves as we want him to behave, we simply create a situation he likes, or remove one he doesn't like. As a result, the probability that he will behave that way again goes up, which is what we want. Technically it's called 'positive reinforcement.'… The old school made the amazing mistake of supposing that the reverse was true, that by removing a situation a person likes or setting up one he doesn't like—in other words by punishing him—it was possible to reduce the probability that he would behave in a given way again. That simply doesn't hold. It has been established beyond question. What is emerging at this critical stage in the evolution of society is a behavioral and cultural technology based on positive reinforcement alone.*

"Now that we know how positive reinforcement works and why negative doesn't," he said at last, "we can be more deliberate, and hence more successful, in our cultural design. ***We can achieve a sort of control under which the controlled, though they are following a code much more scrupulously than was ever the case under the old system, nevertheless feel free*. *They are doing what they want to do, not what they are forced to do***. *That's the source of the tremendous power of positive reinforcement—* ***there's no restraint and no revolt***. *By a careful design,* ***we control not the final behavior, but the inclination to behave— the motives, the desires, the wishes***»

«*…we make no use of force or the threat of force… By skillful planning, by a wise choice of techniques we* ***increase*** *the feeling of freedom*»

«*…a social structure which will satisfy the needs of everyone and in which everyone will want to observe the supporting code…*»

B. F. Skinner (1976), *Walden Two.* Macmillan Publishing.

É claro que, para actuar sobre necessidades, é preciso instigá-las antes.

Todos os seres humanos têm um enorme potencial inerente...

...mas pode ser facilmente dissipado com diversões.

Se o critério de liberdade for o de ter sexo com o máximo de pessoas possível...

...ou o de ter o máximo de diversão possível...

...então a pessoa torna-se bastante inofensiva.

Walden Two – O uso de gradualismo, para gerir e reduzir expectativas.

Construir tolerância por experiências incómodas.

Isto é feito através de gradualismo.

Habituar a vítima a ter pouco, de modo a que se sinta feliz com esse muito pouco.

«*We undertook to build a tolerance for annoying experiences. The sunshine of midday is extremely painful if you come from a dark room, but take it in easy stages and you can avoid pain altogether.*

The analogy can be misleading, but in much the same way it's possible to build a tolerance to painful or distasteful stimuli, or to frustration, or to situations which arouse fear, anger or rage. Society and nature throw these annoyances at the individual with no regard for the development of tolerances. Some achieve tolerances, most fail»

B. F. Skinner (1976), *Walden Two.* Macmillan Publishing.

Walden Two – Despotismo silencioso, manipulativo, para escravizar espírito humano.

O grande arquitecto de Walden Two, um déspota silencioso. «*A modern, mechanized, managerial Machiavelli… An artist in power… whose greatest art is to conceal art. The silent despot*»

Sistema procura bloquear todo e qualquer caminho para salvação.

Substitui iniciativa e inteligência por compulsão degradante, animalizada.

Walden Two é tão eficiente como uma colónia de formigas. Este sistema procura bloquear todo e qualquer caminho «*every path through which man was to struggle upward toward salvation. Intelligence, initiative—you have filled their places with a sort of degraded instinct, engineered compulsion. Walden Two is a marvel of efficient coordination—as efficient as an anthill!*»

B. F. Skinner (1976), *Walden Two.* Macmillan Publishing.

<u>SKINNER (3) – Materialismo dialéctico – Condicionamento operante</u>.

Skinner (1971) – Materialismo dialéctico.

<u>Materialismo dialéctico, empirismo radical</u>. A matéria forma a ideia, o corpo forma a mente, o contexto forma o indivíduo.

<u>Circularidade, não-causalidade</u>. Não existem causas, só funcionamento operante circular. «*The term "cause" is no longer common in sophisticated scientific writing…*»

<u>Skinner reconhece que é **impossível** provar este paradigma</u>. «*In what we may call the prescientific view (and the word is not necessarily pejorative) a person's behavior is at least to some extent his own achievement. He is free to deliberate, decide, and act, possibly in original ways, and he is to be given credit for his successes and blamed for his failures. In the scientific view (and the word is not necessarily honorific) a person's behavior is determined by a genetic endowment traceable to the evolutionary history of the species and by the environmental circumstances to which as an individual he has been exposed. Neither view can be proved, but it is in the nature of scientific inquiry that the evidence should shift in favor of the second*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – "Inexistência de cognição".

<u>Abolir a mente – tudo o que fica é ambiente, genes, comportamento</u>. «*We can… [turn] directly to the relation between behavior and the environment and neglecting supposed mediating states of mind…*»

<u>Homem não tem cognição</u>.

Não pensa, não associa, não tem memória, etc.

Caixa de ressonância de genes e ambiente. É uma mera caixa de ressonância de estímulos-resposta, operantes, e de respostas geneticamente determinadas.

«*When we say that a person discriminates between red and orange, we imply that discrimination is a kind of mental act… Similarly, we say that a person generalizes – say, from his own limited experience to the world at large – but all we see is that he responds to the world at large as he has learned to respond to his own small world. We say that a person forms a concept or an abstraction, but all we see is that certain kinds of contingencies of reinforcement have brought a response under the control of a single property of a stimulus. We say that a person recalls or remembers what he has seen or heard, but all we see is that the present occasion evokes a response, possibly in weakened or altered form, acquired on another occasion. We say that a person*

associates one word with another, but all we observe is that one verbal stimulus evokes the response previously made to another. Rather than suppose that it is therefore autonomous man who discriminates, generalizes, forms concepts or abstractions, recalls or remembers, and associates, we can put matters in good order simply by noting that these terms do not refer to forms of behavior. Self-knowledge and self-control imply two selves in this sense. The self-knower is almost always a product of social contingencies, but the self that is known may come from other sources. The controlling self (the conscience or superego) is of social origin, but the controlled self is more likely to be the product of genetic susceptibilities to reinforcement (the id, or the Old Adam). The controlling self generally represents the interests of others, the controlled self the interests of the individual» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – "Abolição do homem interno".

<u>Abolição do "homem autónomo interno"</u>.

"A body with behavior… he may not seem to be a man at all".

"What is being abolished is the autonomous inner man… His abolition has long been overdue… autonomous man has reached a dead end".

"He is to be controlled by the world around him, and in large part by other men".

«*The picture which emerges from a scientific analysis is not of a body with a person inside, but of a body which is a person in the sense that it displays a complex repertoire of behavior. The picture is, of course, unfamiliar. The man thus portrayed is a stranger, and from the traditional point of view he may not seem to be a man at all… What is being abolished is the autonomous inner man… the man defended by the literatures of freedom and dignity. His abolition has long been overdue… He is henceforth to be controlled by the world around him, and in large part by other men… autonomous man… has reached a dead end…*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – Comportamento operante.

<u>Comportamento operante: acção voluntária, sujeito activo</u>. Condicionamento operante refere-se a acção voluntária, por oposição a reflexos despoletados por estímulos. Ou seja, "cobaia" é sujeito activo, e não sujeito passivo [como sob Pavlov]. Tem de colaborar com o seu próprio processo de lavagem cerebral.

<u>Comportamento operante: estímulos reforçantes</u>. Aqueles que aumentam probabilidade de respostas operantes. Logo, todas as acções dirigidas para objectivos podiam ser

descritas em termos dos factores ambientais que as determinam, as "contingências de reforço".

Comportamento operante – agir sobre ambiente para produzir consequências. «*Behavior which operates upon the environment to produce consequences ("operant" behavior) can be studied by arranging environments in which specific consequences are contingent upon it. The contingencies under investigation have become steadily more complex, and one by one they are taking over the explanatory functions previously assigned to personalities, states of mind, feelings, traits of character, purposes and intentions. The second result is practical: the environment can be manipulated*»

Comportamento operante: reforço positivo, reforço negativo. «*When a bit of behavior is followed by a certain kind of consequence, it is more likely to occur again, and a consequence having this effect is called a reinforcer… Some stimuli are called negative reinforcers; any response which reduces the intensity of such a stimulus – or ends it – is more likely to be emitted when the stimulus recurs. Thus, if a person escapes from a hot sun when he moves under cover, he is more likely to move under cover when the sun is again hot. The reduction in temperature reinforces the behavior it is "contingent upon" – that is, the behavior it follows. Operant conditioning also occurs when a person simply avoids a hot sun – when, roughly speaking, he escapes from the threat of a hot sun… Negative reinforcers are called aversive in the sense that they are the things organisms "turn away from." The term suggests a spatial separation – moving or running away from something – but the essential relation is temporal. In a standard apparatus used to study the process in the laboratory, an arbitrary response simply weakens an aversive stimulus or brings it to an end*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

SKINNER – Symposium (1956).

Skinner – Usar ciência para controlar comportamento.

Ciência pode ser usada para influenciar, mudar, moldar – controlar – comportamento.

Prever e controlar comportamento com uma tecnologia rigorosa.

«*Science is steadily increasing our power to influence, change, mold – in a word, control – human behavior… can be used to predict and control behavior in a new, and increasingly rigorous, technology*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. "Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium". Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

Skinner – Três áreas de acção – Controlo pessoal, educacional, governamental.

Controlo pessoal, educação, governo.

«*Three broad areas of human behavior… personal control… person-to-person relationships in the family, among friends, in social and work groups, and in counseling and psychotherapy. Other fields are education and government*»

A questão essencial em governo não é como preservar liberdade...

...é que tipos de controlo serão usados, e para que fins.

«*The question of government in the broadest possible sense is not how freedom is to be preserved but what kinds of control are to be used and to what ends*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. "Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium". Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

Skinner – Democracia, resistência a controlo, são inaceitáveis.

Algumas gravosas injustiças que Skinner apreende.

Controlo do comportamento humano é impopular e desperta reacções emocionais.

É encarado como o trabalho do diabo.

As ameaças e punições do bully, e do governo, são mal encaradas, mesmo que tenham bons resultados.

As técnicas que Skinner gostaria de aplicar a crianças são vistas como lavagem cerebral.

“We are quite unprepared to judge effective educational measures”.

«*…the control of human behavior has always been unpopular. Any undisguised effort to control usually arouses emotional reactions… the prediction and control of individual behavior is regarded as little less than the work of the devil… The threats and punishments of the bully, like those of the government operating on the same plan, are not designed-whatever their success-to endear themselves to those who are controlled*»

«*More powerful techniques which bring about the same changes in behavior by manipulating external variables are decried as brainwashing or thought control. We are quite unprepared to judge effective educational measures*»

<u>Democracia atrasa o progresso</u>.

Filosofia e literatura democráticas exploram aversão humana a controlo.

“…the ubiquity and ease of expression of this attitude spells trouble for any science which may give birth to a powerful technology of behavior”.

“…these attitudes…have already interfered with the free exercise of a scientific analysis, and their influence threatens to assume more serious proportions”.

«*Man's natural inclination to revolt against selfish control has been exploited to good purpose in what we call the philosophy and literature of democracy. The doctrine of the rights of man has been effective in arousing individuals to concerted action against governmental and religious tyranny. The literature which has had this effect has greatly extended the number of terms in our language which express reactions to the control of men. But the ubiquity and ease of expression of this attitude spells trouble for any science which may give birth to a powerful technology of behavior. Intelligent men and women, dominated by the humanistic philosophy of the past two centuries, cannot view with equanimity… the specter of predictable man"… We ourselves, as intelligent men and women, and as exponents of Western thought, share these attitudes. They have already interfered with the free exercise of a scientific analysis, and their influence threatens to assume more serious proportions*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. “Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium”. Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

Skinner – Homem tem de se libertar do seu sentido ético.

«*The productivity of any set of conditions can be evaluated only when we have freed ourselves of the attitudes which have been generated in us as members of an ethical group*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. "Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium". Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

Skinner – Complexo de inferioridade – Sabedoria e bondade.

Um mundo sem escolha seria um paraíso.

Em tal mundo não teríamos de escolher ser, ou admirar, sabedoria e bondade.

«*A world in which people are wise and good without trying, without "having to be," without "choosing to be," could conceivably be a far better world for everyone. In such a world we should not have to "give anyone credit"-we should not need to admire anyone-for being wise and good*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. "Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium". Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

SOCIALIZAÇÃO – Linguagem consensual.

Linguagem consensual – Empobrecimento discursivo.

Linguagem em si é destruída. Ao mesmo tempo que a linguagem, a comunicação, se torna o foco da atenção, a linguagem em si é destruída.

Linguagem rica e expressiva é um pecado social, uma excentricidade. Num ambiente consensual, onde todos têm de ser iguais e ninguém pode ser ofendido, uma linguagem rica e expressiva, que saiba expressar raciocínios e pensamento lógico; ou ter um léxico preenchido; estas coisas tornam-se sinónimos de elitismo, excentricidades, pecados sociais.

MDC: linguagem estéril, information-speak sentimentalóide. O que fica é uma linguagem comprometida, artificial, politicamente correcta, vazia, estéril. Centrada em pura transmissão acrítica de informação. Todas as palavras que são ditas são medidas em termos do impacto emocional que vão ter nos outros.

Exemplos de formas iletradas. Ou seja, formas iletradas: Orwellian run-on, teleprompterese, information-speak, o tipo de linguagem que seria falada por robots Terceira Vaga.

Linguagem consensual – Subjectividade e sentimentos.

A linguagem do consenso: sentimentos reificados.

A morte do conteúdo. Já não é verdade ou mentira, certo ou errado, facto ou fantasia, que interessam. Essas distinções deixaram de existir. Tudo são opiniões e sentimentos. As ideias e a razão são colocadas de parte e os sentimentos são reificados.

A forma é tudo o que interessa. Quando o conteúdo morre, a forma é tudo o que interessa. Ou seja, já não é propriamente o que é dito que interessa, é mais a forma como é dito. A eficácia da linguagem.

Linguagem eficaz – a linguagem do vendedor. Ser linguagem popular, apelativa, atraente, carismática. Ter capacidades de comunicação. A linguagem do vendedor. Ou seja: vende-me aquilo que quiseres, mas faz-me sentir bem durante a venda.

Linguagem consensual – O cínico, o gelatinoso, e o seguidor.

Modelos sociais do jogo de ancas – o cínico e o gelatinoso. O jogo de ancas ganha predominância. O modelo a seguir, no grupo social, vai ser o indivíduo com mais

proficiência neste tipo de linguagem – aquele que consegue tratar tudo como sendo opiniões e sentimentos, e que consegue encontrar o compromisso em tudo. É claro que tudo isto vai encontrar a sua expressão na sociedade em geral.

Alpha – O cínico. O cínico, que sabe manipular as palavras e o discurso, que diz ao público aquilo que o público quer ouvir.

Alpha – A pessoa morna, porém carismática e aparentemente sensata. A pessoa gelatinosa, sem consciência ou espinha dorsal, que não tem posições estabelecidas para nada, mas consegue ser convincente – e até parecer sensata, porque consegue sempre alcançar o meio termo por forma a mediar discussões. Ou seja, a pessa morna, que procura estar de bem com Deus e com o diabo.

Beta – O seguidor acrítico e auto-ajustado. Que cheira sempre o vento e adapta-se sem problemas a cada mudança de circunstâncias. Que absorve as novas tendências e mudanças por osmose.

Criança torna-se acrítica e aceita mentiras sexy. Já não é verdade ou falsidade que interessa. Mentiras, distorções, ataques ad hominem, tentativas de silenciar perspectivas contrárias; tudo isto são estratégias que são perfeitamente satisfatórias e encaradas acriticamente. Tudo isto passa se for dito de um modo convincente, por uma pessoa que transmita carisma e auto-confiança. A criança aprende a ser mentirosa e a aceitar mentiras nos outros.

Linguagem consensual – Sherlock Holmes não era um filósofo dialéctico. Isto é algo como as conversas que Conan Doyle colocou na sua série de Sherlock Holmes. Watson chegaria a Sherlock e diria qualquer coisa como “Oh! Um cavalheiro dessa reputação, criminoso? Impensável! Isso é só a tua opinião, recuso-me a acreditar que seja verdade!”, e Sherlock responderia «Sim, o cavalheiro de reputação é o assassino e isso é elementar pelas provas, pelos factos, meu caro Watson; e aqui não interessam os teus sentimentos, nem as tuas emoções, nem as tuas energias positivas, nem a verdade do teu coração – mas sim, os factos. E também não são os sentimentos da aldeia, nem o consenso da aldeia, nem a tua aceitação social na aldeia – mas sim e sempre, os factos. Portanto, vamos pegar no cavalheiro de reputação e metê-lo na cadeia, antes que apareçam mais raparigas estripadas».

SOCIALIZAÇÃO – SUPEREGO SOCIAL.

SUPEREGO SOCIAL – O grupo como mãe – Indivíduo reinventado no grupo.

Socialização leva a mudança de comportamento (Benne). «*...the specific goal is not an achievement goal per se but is rather a socialization goal which must be reached before the achievement goal can be adequately facilitated*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

O indivíduo é reinventado no grupo (Lewin) – Valores, crenças.

É mais fácil mudar indivíduos-no-grupo, que isolados – indivíduo segue o grupo. «*It is usually easier to change individuals formed into a group than to change any one of them separately*» – Kurt Lewin (1951). "Field Theory in Social Science". NY: Harper.

Aceitação de novo sistema de valores e crenças no ingroup.

O indivíduo é reinventado quando aceita pertença ao grupo.

O sentimento de pertença facilita a conversão.

«*Creation of an In-Group and the Acceptance of a New Value System… the relation between change in perception, acceptance, and group belongingness… One of the outstanding means used today for bringing about acceptance in reeducation… is the establishment of what is called an "in-group," i.e., a group in which the members feel belongingness…* ***The individual accepts the new system of values and beliefs by accepting belongingness to a group****… The chances for re-education seem to be increased whenever a strong we-feeling is created. The establishment of this feeling that everybody is in the same boat, has gone through the same difficulties, and speaks the same language… a feeling of complete freedom and a heightened group identification… This principle of in-grouping makes understandable why complete acceptance of previously rejected facts can be achieved best through the discovery of these facts by the group members themselves. Then, and frequently only then, do the facts become really* ***their*** *facts (as against other people's facts). An individual will believe facts he himself has discovered in the same way that he believes in himself or in his group… The acceptance of the new system is linked with the acceptance of a specific group, a particular role, a definite source of authority as new points of reference*»

Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

SUPEREGO SOCIAL – O grupo como mãe – Ganha vida própria, cria a sua realidade.

Entidade – "we", "thing" –, coesão, ingroup-outgroup (NTL, 1972). «*...the T Group... quickly becomes a social reality and is referred to as an entity. Individuals may already refer to the T Group as "we" and "our group" during the first meeting. Invariably, participants after the first session share experiences with those of other groups and in their comments show identification with the group as a "thing." Often comparisons with other groups in the first feedback session carry a tone of intergroup competition... in the process the group gradually becomes a more integrated and emotionally cohesive system to which the members have greater commitment*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Toda a gente renasce conjuntamente no grupo, cria realidade (Yalom). «*One of the most fascinating aspects of group therapy is that everyone is born again, born together in the group...he [person] bears the responsibility for the creation of his world, and therefore, the responsibility for the transmutation of this world*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

O grupo estabelece a sua realidade (Schein & Bennis). «*...the delegates... find things out for themselves... create order... establish identities, norms and a sense of community... we can look at laboratory training as the formation of a community... (32) Feedback is an essential ingredient or all laboratory training activities... feedback should be based on publicly observed and experienced behavior... the process of feedback, a mechanism that helps the group to establish reality. (42-3)... The values...of laboratory training... we will be concerned with an attitude – an orientation toward truth and discovery, which we will term a "spirit of inquiry" (30)... the main product is the development of inquiry (329)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

BION – O grupo como mãe – Grupo é a Mãe, que dá verdade ao membro.

TIHR, BPS, T-Group. Wilfred Ruprecht Bion, psicanalista e grupanalista britânico [raízes alemãs, como habitual]. Presidente da British Psychoanalytical Society, de 1962 a 1965. Bion preside ao Planning Committee que reorganiza o TIMH no Tavistock Institute of Human Relations. Pioneiro em dinâmicas de grupo, é um dos homens que desenvolve o T-Group, o "Tavistock group".

Escreve "Experiences in Groups". O seu livro, "Experiences in Groups" (1961), torna-se um manual de referência para psicoterapia de grupo e para o movimento de grupos de encontro, que começa nos 1960s.

Grupo é essencial para indivíduo. «*I consider that group mental life is essential to the full life of the individual… and that satisfaction of this need has to be sought through membership of a group*» (1961:54) «*…in fact no individual, however isolated in time and space, should be regarded as outside of a group or lacking in active manifestations of group psychology*» (1961:169) Bion, W. R. (1961). "Experiences in Groups". London: Tavistock Publications.

Grupo é uma entidade viva e orgânica. O grupo não é uma colecção de indivíduos, mas sim uma entidade viva em si mesma; o indivíduo depende do grupo para a sua vida mental, e o grupo está sempre presente e entrelação na experiência humana; o grupo é tanto um objecto externo como um elemento psicológico activo na psique individual.

Grupo é a Grande Mãe colectiva. Na mente individual, o grupo ganha a configuração de uma figura materna; é o regresso ao abraço maternal, onde existe segurança, estrutura, envolvência total, significado. Na mente individual, o grupo evoca «*primitive phantasies about the contents of the mother's body*», mas é claro que isto também evoca receios no grupo, e os mecanismos que são evocados para lidar com estes receios «*are characteristic of the paranoid-schizoid position*» (1961:162). [Ou seja, o processo neurótico de Freud, onde a fratria regula o acto de incesto com a figura matriarcal?]

Grupo dá a realidade e a verdade ao membro. Tal como o bebé depende da presença maternal para o desenvolvimento da função-α, que permite tradução e inteligibilidade dos conteúdos "pré-conscientes", também o grupo, por extensão, vai oferecer essa experiência ao indivíduo – o grupo é o cenário onde o indivíduo descobre a verdade e desenvolve as suas capacidades mentais, numa grande orgia experiencial colectiva. Mas, ao mesmo tempo, o grupo é também o "container" dessa verdade; o indivíduo acede à verdade experiencial que é uma dimensão imanente ao grupo. Para Bion, a mente é desenvolvida a partir de exposição a verdade. A fundação de ambas as dimensões (desenvolvimento mental e verdade) reside na experiência emocional – individual e partilhada. Ou seja, a verdade é experiencial, materialisticamente baseada e dialéctica.

SUPEREGO SOCIAL – O social torna-se a deusa-superego – Confissão, anti-resistência, vários anátemas.

O grupo é a gestalt-deusa, a fonte e a raíz da verdade. O pensamento indutivo, quando usado na sala de aula para resolver questões sociais, produz uma totalidade – uma gestalt, uma configuração proto-divina aos olhos da criança – onde o grupo passa a ser visto pelo criança como a fonte e raíz da verdade; o trabalho colectivo descobre a verdade e encontra soluções.

"Resistência" é um vício, um pecado social (Benne). «*It must develop persons who see non-influenceability of private convictions in joint deliberations as a vice rather than a virtue… democratic planning for change must be anti-individualistic… the ideal of the*

group… consensus in decision» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Confissão e redenção. A pessoa confessa-se ao grupo, para obter redenção dos seus pecados sociais.

Salvação e conversão social. A salvação é social e vem na forma de conversão social.

A lei social. Aprende as leis de elaboração do social.

Evolução social, por graus e degraus. Tentativa de imitar a Escada de Jacob.

Moreno – "Religião antiga". «*…the origins of my work go back to the primitive religions and my objectives were the setting up and promoting of a new cultural order*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

Schein & Bennis.

Fé no grupo, no social. Desenvolve fé no grupo e na sociedade – «*faith in self, others, and groups*» (37)

L-groups. «*Thus, we view T-groups as learning groups and wish they were called L-groups instead of T-groups (328)*»

Bethel, a montanha mágica. «*It is probably no accident that the first laboratory at Bethel, Maine, took place in a remote, country setting. And Arden House, located at the very top of a small mountain, is sometimes compared to The Magic Mountain where time stood still and introspection ruled. These place-names, Bethel and Arden House, have even become the label for the laboratory experience, objectifying the culture of laboratory training. So we hear people say, "I've been to Arden House," or "I've been to Bethel," as if that conveys the essence of laboratory training. Perhaps it does… there may be a community room where delegates and staff gather to exchange stories and lore, to sing, to chatter, to drink beer. People room together and share meals together. There is a community newspaper. Rituals emerge. A shared language is developed. One day feels like one month and chronological time seems unrelated to psychological time. Above all, still inexplicably, a sense of community forms, possibly out of confronting and sharing in the crisis of a community participating in its own birth… Quite often outside newspapers go unread and radio and TV stations go unattended. It is as if the community is taking on a life of its own, with all the provincialism of a small village (51)*»

Aprendizes de feiticeiro. «*Psychiatrists, clinical psychologists, or other individually-centered therapists accuse laboratory training staff of "irresponsibility," of "doing therapy without knowing it," of being "Sorcerer's Apprentices," of adding needless pathological elements by setting off explosive and dangerous anxieties without the*

knowledge or competence to deal with them." Staff are accused of being "therapists in disguise" and possibly doing untold damage to their clients, most of all, by causing or activating acting-out neuroses of various kinds (330)» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Lewin (1945) – Lewin gostaria de converter Cristo em Marx.

[Cristo era um carpinteiro; Marx era um relojoeiro]. «*From this viewpoint, even the re-education of a carpenter who is to become a watchmaker is not merely a matter of teaching the carpenter a set, of new watchmaking skills. Before he can become a watchmaker, the carpenter, in addition to the learning of a set of new skills, will have to acquire a new system of habits, standards, and values-the standards and values which characterize the thinking and behavior of watchmakers. At least, this is what he will have to do before he can function successfully as a watchmaker*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

SUPEREGO SOCIAL – Confissões para group bonding, investimento emocional.

Confissões para group-bonding. Nos países comunistas, os estudantes tinham de "confessar" os seus pensamentos e sentimentos nos seus respectivos grupos. O grupo tem de ser um espaço confessionário, onde as pessoas investem os seus sentimentos, o que resulta em dependência do grupo.

Investimento emocional dificulta questionamento do grupo (Yalom). «*...once an individual invests considerable emotion and time in a group... it becomes difficult to question the value or activities of the group...*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

SUPEREGO SOCIAL – Sanidade estatística.

O grupo é a fonte e a raíz da verdade. O pensamento indutivo, quando usado na sala de aula para resolver questões sociais, produz uma totalidade – uma gestalt, uma configuração proto-divina aos olhos da criança – onde o grupo passa a ser visto pelo criança como a fonte e raíz da verdade; o trabalho colectivo descobre a verdade e encontra soluções.

Sanidade é adaptação. Ajustamento cognitivo ao superego grupal. Liberdade substituída por auto-controlo de pensamento, auto-censura. O critério de validade de um "ponto de vista" é a aceitação do grupo: "*Será que o grupo vai aceitar? Será que esta opinião é socialmente aceitável?*". Portanto, pontos de vista, opiniões e até percepções, são filtrados pela óptica do grupo. Ou seja, imitação conformativa. "*A mim pareceu-me que*

X, mas o grupo diz que Y – portanto, Y está correcto, e eu tenho de mudar X. Sanidade mental torna-se sinónimo de adaptação".

Manter sanidade implica papel social, utilidade social (Bronner). «*...subjective freedom is a social phenomenon… maintaining sanity depends upon the ability of the individual to fill a social role and affirm his or her fullest potential*» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

Verdade colectiva no aqui e no agora. Não tem nada a ver com procura real de qualquer verdade factual e empiricamente demonstrável. É o processo. O "inquérito" é um inquérito de opiniões, sentimentos e pontos de vista, que pretende chegar a pontos comuns e consensuais, e são estes conteúdos finais, processados, que são "a verdade" – a verdade colectiva, no aqui e no agora.

SUPEREGO SOCIAL – Consciencialização social.

Superego social no lugar de uma consciência – Consciência social. É isto que se pretende dizer quando se fala de "consciência social". Antes do processo, o critério era ouvir a consciência individual – após o processo, propósito é anular consciência individual em nome de consciência de grupo, consciência social.

"Lavagem" do pensamento e do discurso. O pensamento individual e o discurso livre são "lavados" e substituídos por opiniões predefinidas e politicamente correctas, colectivamente partilhadas.

Um acto de auto-brutalização – Anulação do discurso, da mente e da consciência. Um acto de auto-brutalização e degeneração moral. Este é um acto horrível de violência auto-infligida, onde a pessoa brutaliza a sua própria mente e a sua própria consciência, em nome de adaptação ao ambiente. Auto-censura e destruição da espontaneidade e da criatividade individual.

→ Pessoas sem voz, sem ideias próprias, com opiniões consensuais.

SOCIALIZAÇÃO – Sociabilidade é anulada.

Consenso destrói sociabilidade. Isto [anterior] reflecte um ponto essencial deste processo de consenso/colectivização. Não constrói sociabilidade.

Sociabilidade baseia-se em bons valores – Processo em ajustamento. Sociabilidade é construída com base em bons valores, empatia, generosidade, bondade. O processo de consenso é construído com base em imitação, ajustamento, conformidade. Sociabilidade está centrada em cultivar boas relações entre indivíduos, em prestar serviço ao próximo e edificá-lo.

Socialização alicerçada em cobardia, cinismo e degeneração moral. O processo está construído em ajustamento forçado, degradação moral, cobardia e cinismo.

SOCIALIZAÇÃO – Consenso – TODOS têm de participar.

TODOS têm de participar (Benne). «*It is the faith of the democrat that no conflict… is fully resolved until all have come, through deliberation, to accept the resolution as their own. The best common action on this view must involve the minds and purposes of those engaged in it as well as their bodily efforts. The methods of democratic co-operation are thus oriented, as we have stressed before, to the utilization of all available human resources — resources of purpose, experience, and insight in the planning, the execution, and the evaluation of common action… full utilization of human resources in the guidance of common action… The ideal of democratic deliberation is an intelligent and uncoerced consensus concerning what should be done. This consensus will attempt to incorporate the valid insights and values of all parties in the conflict. The validity of these various insights and values is to be tested by the common study, deliberation, and discussion of the group and ultimately by the consequences of the common plan as it works out in action and as these consequences are evaluated by the common judgment of the group. It cannot be stressed too emphatically that the ideal goal of democratic co-operation is a consensus in the group concerning what should be done — a consensus based on and sustained by the deliberation of the group in the planning, execution, and evaluation of the common action of the group… no other method of social control depends so centrally for its effective working-out upon the habituation and responsible discipline of all of its members in conscious methods of deliberation and discussion*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

SOCIALIZAÇÃO – "Resistência" e individualismo são vícios.

Impor pensamento colectivo, eliminar individualismo – é "intolerante". Eliminar o individualismo e as "atitudes intolerantes" que podem trazer "conflito e divisão".

Insultos marxistas para os "resistentes". São anti-democráticos, autoritários, intransigentes, irrealistas, etc.

"Resistência" é um vício, um pecado social (Benne). «*It must develop persons who see non-influenceability of private convictions in joint deliberations as a vice rather than a virtue… democratic planning for change must be anti-individualistic… the ideal of the group… consensus in decision*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

SUPEREGO SOCIAL – Mediocridade relacional – Violência.

MDC. Também funciona o princípio sempre presente da descida ao MDC.

Imposição de paranóia relacional e avaliação constante. Paranóia e hiper-sensibilidade comportamental – desconfiança.

→ ***Avaliação constante de sinais – Insectismo***. Avaliação constante das opiniões e percepções dos outros, e dependência das mesmas para auto-imagem, porque é isso mesmo que acontece entre insectos sociais. Insectos sociais trocam constantemente sinais entre si.

Pessoa não ofende grupo com posição contrária. Quando a pessoa está ligada e dependente do grupo, e treinada nas novas regras relacionais, poucos se atrevem a "ofender" a maioria por tomarem uma posição contrária.

Esterilidade, insinceridade, falsidade.

Violência, auto e hetero-infligida – não-sociabilidade. Ambiente humano marcado por mesquinhez, cinismo, crueldade. Des-sociabilidade.

SOCIALIZAÇÃO – Irracionalismo pró-grupal, intolerância, inquisição.

Investimento no grupo. A pessoa investiu a sua alma e a sua existência no grupo, no social, com consequente anulação da consciência e substituição pelo ponto de vista – pela óptica – social.

"O grupo tem sempre razão". "Porque é que algo é assim? Porque o grupo diz que sim".

"Dissidentes": Pecadores sociais a ser convertidos.

Indignação inquisitorial genuína – "anti-intolerância". Como é possível alguém ir contra, estar contra, a verdade social? Isso é uma atitude elitista, arrogante, anti-democrática, intolerante.

Criminosos de pensamento, anti-democráticos e intolerantes. O dissidente está a portar-se mal. É exigida submissão ao grupo. O mote simpático: "O que é que o grupo vai pensar?". O mote antipático: "Não concordas? Como é que te atreves a não concordar?".

Podes pensar como quiseres, desde que penses como nós.

Conversão social – violência e persuasão. A pessoa tem de ser trabalhada, em nome do grupo. Violência ou coerção [é o que temos no bullying e no mobbing]. Persuasão.

Exclusão, crucificação, queimar o dissidente. Se o resistente persiste na sua resistência, tem de ser exilado, crucificado, queimado, etc.

“Intolerância é tolerância”. “Tolerância” é um bom exemplo do modo como a linguagem foi distorcida. Tolerância está nos actos: uma pessoa intolerante é alguém que age – agir, acção – com base em preconceitos. A redefinição marxista é a forma mais extrema de intolerância, onde uma pessoa se julga no direito de policiar o pensamento da outra, e de a tentar mudar à força. Ou seja, reflecte um paradoxo lógico bem ao gosto da filosofia dialéctica marxista: Intolerância é tolerância. É preciso ser intolerante para ser intolerante.

[Ensaio de Marcuse sobre a “nova tolerância”].

SPIRKIN – Dialéctica – O “salto” evolutivo e o “salto” revolucionário.

Usando boa velha linguagem naturalista, Spirkin explica evolução e revolução.

O “salto” no desenvolvimento.

“*Transition… breakup of the old and the birth of the new*”

“A *spontaneous discharge of mounting tension*”.

“*… a unity of destruction and renewal*”.

«*The process of radical change of quality, the breakup of the old and the birth of the new is what we mean by a "leap"… The transition from an old to a new quality involves a leap—a break in the gradualness of development… Discontinuity in a system's development indicates its transition to a new quality… A leap is a spontaneous discharge of mounting tension, a resolving of contradictions… The passage of a phenomenon from one qualitative state to another is… a unity of destruction and renewal…*»

O “salto” na revolução social.

Salto evolutivo, com “intermediate stages combining the old and the new”.

Salto revolucionário, “all-embracing reorganisation of system at a single stroke”.

«*The social revolution is a special kind of leap, characteristic of social development… two basic forms of leap take place in the process of development. A leap may be momentary in time, that is to say, a sharp transition from one quality to another, and it may also be a process of a certain duration… Leaps of the first kind have sharply defined frontiers, great intensity, and high velocity in the process of transition; they signify an all-embracing reorganisation of the whole system at a single stroke… the political revolution in society. But political and particularly social revolutions rarely take place in the form of a one-off destruction of the old and construction of the new. The transition may not necessarily be clearly expressed, there may be intermediate stages combining the old and the new*»

A. Spirkin, Quality and Quantity, *in* “Dialectical Materialism”.

STALIN – Quantidade e qualidade – Espiral – Resolução de contradições.

Transformação de quantidade em qualidade. Pequenas e graduais mudanças quantitativas levam a saltos qualitativos, mudança de estado.

Espiral – processo contínuo e ascendente.

Desenvolvimento ocorre com síntese e resolução de contradições.

«*...dialectics does not regard the process of development as a simple process of growth, where quantitative changes do not lead to qualitative changes, but as a development which passes from insignificant and imperceptible quantitative changes to open, fundamental changes, to qualitative changes; a development in which the qualitative changes occur not gradually, but rapidly and abruptly, taking the form of a leap from one state to another; they occur not accidentally but as the natural result of an accumulation of imperceptible and gradual quantitative changes.*

The dialectical method therefore holds that the process of development should be understood not as a movement in a circle, not as a simple repetition of what has already occurred, but as an onward and upward movement, as a transition from an old qualitative state to a new qualitative state, as a development from the simple to the complex, from the lower to the higher.... dialectics holds that internal contradictions are inherent in all things and phenomena of nature, for they all have their negative and positive sides, a past and a future, something dying away and something developing; and that the struggle between these opposites, the struggle between the old and the new, between that which is dying away and that which is being born, between that which is disappearing and that which is developing, constitutes the internal content of the process of development, the internal content of the transformation of quantitative into qualitative changes. The dialectical method therefore holds that the process of development from the lower to the higher takes place not as a harmonious unfolding of phenomena, but as a disclosure of the contradictions inherent in things and phenomena, as a "struggle", of opposite tendencies which operate on the basis of these contradictions» Joseph Stalin, *Dialectical and Historical Materialism* [ensaio]

STW – Da URSS para a UNESCO (1986).

Formação contínua e STW.

Ideias UNESCO, inspiradas nos sistemas marxistas – URSS, Jugoslávia, China.

Materialismo dialéctico puro – doutrinação individual ao longo de toda a vida.

Universidade de Moscovo prepara programa STW (1986). Em 1986, a Universidade de Moscovo, em colaboração com a Progress Publishing Co., (Moscovo), elabora todo um programa de reforma educativa, coordenando school-to-work, o ensino com o trabalho.

Programa torna-se base de trabalho para UNESCO. O programa torna-se a base para todos os programas posteriores, orientados e coordenados pela Unesco.

STW – Lerner & Hillary – Carnegie-Tucker.

Michael Lerner (1973) – STW – Educação na "our socialist community".

Michael Lerner vem mais tarde a tornar-se conselheiro importante para Hillary Clinton.

"Education will be radically transformed in our socialist community".

"Basic skills will be taught… There will be no grading, but comprehensive reports on each youngster's development".

"A key element will be helping young people learn how to work and act together".

"Learning skills, for first set of jobs, this will be repeated as jobs are rotated".

«*...we can adopt the slogan that workers and students used in the 1968 French rebellions: All Power to the Imagination. Education will be radically transformed in our socialist community... While basic skills will be taught, the greatest energies will be placed on allowing students to develop their talents by exposing them to the greatest possible range of creative activities. There will be no grading, but comprehensive reports on each youngster's development. A key element will be helping young people learn how to work and act together, at the same time respecting each person's individuality and uniqueness. Particularly in the elementary school, there will be no pressure on people to learn isolated facts about the world: the main emphasis will be on learning how to play, how to create, how to be an individual, and how to live and work collectively... The next level is learning some series of skills, for one's first set of jobs, and this learning will be repeated periodically as jobs are rotated...*» – Michael Lerner (1973). "The new socialist revolution: an introduction to its theory and strategy". Delacorte Press.

Hillary Clinton, "It takes a village".

A ideia colectivista.

Toda a vida é social, e os pais têm de vender a criança à aldeia, basicamente. Hillary Rodham Clinton (1996). "It Takes a Village: And Other Lessons Children Teach Us".

"Dear Hillary" (1992).

Marc Tucker, do NCEE/Carnegie. Presidente do National Center on Education and the Economy (NCEE, instituto estabelecido pela Carnegie Corporation).

“Dear Hillary letter”. November 11, 1992.

Fala em nome de Rockefeller e outros. «*...utter delight that you [won] pervades all the circles in which I move… I met last Wednesday in David Rockefeller's office with him, John Sculley, Dave Barram and David Haselkorn. It was a great celebration… The subject we were discussing was what you and Bill should do now about education, training and labor market policy*»

Alguma da linguagem utilizada. «*Public Choice Technology, Integrated Health and Human Services, Curriculum Resources, High Performance Management, Professional Development and Research and Development*»

“Dear Hillary” (1992) – Lifelong HR development system.

Remoldar completamente o sistema educativo.

“Remold entire system into HR development system”.

“A seamless web that literally extends cradle to grave”.

“National system of skills standards… a coherent, unified training system”.

“Defined in part by employers, who will make decisions about hiring, advancement”.

«*...remold the entire American system [into] a human resources development system… What is essential is that we create a seamless web… that literally extends from cradle to grave and is the same system for everyone — young and old, poor and rich, worker and full-time student… initiatives on dislocated workers, a rebuilt employment service and a new system of labor market boards… The national system of skills standards establishes the basis for the development of a coherent, unified training system. That system can be accessed by students coming out of high school, employed adults who want to improve their prospects, unemployed adults who are dislocated and others who lack the basic skills required to get out of poverty. But it is all the same system… It is a system for everyone, just as all the parts of the system already described are for everyone… The skills they acquire are world class, clear and defined in part by the employers who will make decisions about hiring and advancement*»

Sovietes educacionais.

Empregadores, sindicalistas, educadores, ONGs.

«*Local labor market boards to involve leading employers, labor representatives, educators and advocacy group leaders in running the redesigned employment service, running intake system for all clients, counseling all clients, maintaining the information system that will make the vendor market efficient and organizing employers to provide job experience and training slots for school youth and adult trainees*»

“Dear Hillary” (1992) – Sistema de dados informatizado.

Labor market information system. O plano inclui usar uma base de dados informatizada, «*a labor market information system*», para onde seja digitalizada toda a informação sobre todas as crianças e respectivas famílias, identificadas pelo número de segurança social.

Dados académicos, médicos, mentais, psicológicos, comportamentais, etc. Estamos a falar de dados académicos, médicos, mentais, psicológicos, comportamentais, bem como os resultados de interrogações por parte de psicólogos.

A base de dados fica disponível à escola, ao governo, e a futuros empregadores.

Job matching, bases de dados integradas. «*…job matching… [will be handled by counselors] accessing the integrated computer-based program*»

“Dear Hillary” (1992) – Serviço comunitário e estágios.

Serviço comunitário é um ingrediente essencial. «*Loans, which can be forgiven for public service, are available for additional education beyond that*»

Sistema de estágios, estatuto de aprendiz. «*...an apprenticeship system as the keystone of a strategy for putting a whole new postsecondary training system in place*»

“Dear Hillary” (1992) – Vender a ideia, obter consenso.

Vender a ideia e obter consenso.

Visão difícil de vender.

“Getting consensus... Radical changes in attitudes, values, beliefs”.

«*...this vision is very complex, will take a long time to sell, and will have to be revised many times along the way… Trying to ram it [system] down everyone's throat would engender overwhelming opposition. Our idea is to draft legislation that would offer an opportunity for those states — and selected large cities — that are excited about this set of ideas to come forward and join with each other and with the federal government in an alliance to do the necessary design work and actually deliver the needed services on a fast track… Getting Consensus on the Vision… Radical changes in attitudes, values and beliefs are required to move any combination of these agendas*»

STW – Percurso STW para a economia global.

Percurso STW (1) – Treino para a economia global – A linguagem utilizada.

STW – "Public Choice" – "High Performance Management", etc. «*Public Choice Technology, Integrated Health and Human Services, Curriculum Resources, High Performance Management, Professional Development, Research and Development*»

Percurso STW (2) – Definição TQM de um programa curricular.

Sistema TQM: PPP determina futuro da criança.

Parceria: escola, governo, centro de educação, empresa. Parceria entre escola, governo local-global, centro de educação e empresa decidem futuro da criança, com base em Total Quality Management.

Sistema de quotas. De acordo com as necessidades da economia local. Quantos e quais empregos estão planeados para a economia, do local ao global – o sistema de quotas.

Ultra-especialização psicologizada de competências. Quais as aptidões de base da criança, com base em testes psicológicos – quais competências desenvolver, em que vocação.

Estágios sub ou não-remunerados. Durante o percurso escolar, a criança oferece trabalho escravo à empresa – estágio não-remunerado ou sub-remunerado.

TQM – Critérios globais de "qualidade". Códigos ISO e similares. Mais cedo ou mais tarde, coordenados directamente pelo ministério global da educação, que será a UNESCO ou uma instituição derivada.

[Qualidade – George Orwell elaborou um cenário apto quando escreveu Animal Farm, onde os porcos são a elite comunista que gere e doutrina os restantes animais, para criar a quinta utópica. Esse é o critério de qualidade, aqui e em tudo o resto. O mínimo denominador comum, a tentar fazer-se passar por sofisticado].

Percurso STW (3) – Educação não-graduada – Avaliação social.

Educação não-graduada. Educação tenderá cada vez mais a ser não-graduada. Desde que a pessoa saiba fazer as coisas básicas que terá a fazer, tudo estará bem – faz parte do treino minimalista de competências aqui implicado.

Avaliação social.

Pessoa incluída ou excluída de outras formas. Por meio de cartas de referências, por exemplo. O sistema tornar-se-á cada vez mais um sistema de distribuição de privilégios, como era na Idade Média, ou como é nos sistemas comunistas. Se for visto que não é tecnicamente capaz, será simplesmente guiada para escolher outra área vocacional.

Demonstração de crenças, valores, atitudes, apropriados. O crux da questão, e do julgamento, estará na demonstração de crenças, atitudes, comportamentos, valores, apropriados.

Reeducação, ou eliminação do corpo social. O indivíduo que não seja socialmente adequado, que não seja o bom denizen da utopia social, vai ser simplesmente reeducado ou, falhando isso, será deitado fora.

Percurso STW (4) – Dang'an e alocação na economia.

Alocação por quotas na economia, pelo centro de emprego. Depois, o produto escolar – o aluno – é destacado para um posto na economia global pelo centro de emprego.

Dang'an, perfis individuais detalhados.

Ficheiros permanentes sobre o invidíduo. Perfil de competências, organizado por créditos educacionais. Necessidades de formação. História de vida. História educacional e profissional. Perfil de personalidade e de carácter. Dados de cadastro. E, mais cedo ou mais tarde, uma forma de cadastro social: a pessoa tem um passado anti-social? Crenças estranhas, obsoletas, ou polémicas?

Acesso: Empregadores e autoridades locais/comunitárias.

Empregabilidade vai, claro, depender deste dang'an.

Percurso STW (5) – "Sociedade educativa", formação contínua, reeducação.

Formação contínua – e contínua significa contínua. Ao longo de toda a vida, da pré-primária ao lar de 3ª idade.

Trabalho comunitário – Na nova sociedade, todos trabalham para a comunidade. Na nova sociedade, todos, até os reformados, vão ter funções sociais a cumprir na comunidade, e disso vai depender o usufruto de benefícios sociais.

Fluxo contínuo de sistemas de gestão e desenvolvimento de RH.

Formação técnica e comportamental ininterruptas. Novas competências. Reabilitação de competências, actualização de competências. Etc. Etc.

Doutrinação para cidadania apropriada. Todos têm de ser doutrinados nos valores apropriados e na informação apropriada. Todos têm de abraçar as atitudes apropriadas e demonstrar o carácter apropriado. E, finalmente, tornar-se o tipo apropriado de cidadão.

Punições e reeducação para pessoas inapropriadas e anti-sociais. Caso contrário, vão ter dificuldades, tal como acontecia nos sistemas que inspiraram isto.

EXTRA – *Treino*, não *educação* – para a função na colmeia. Ou seja, *treinar* crianças para funções específicas na colmeia, para servir a força de trabalho e a economia global, e não *educá-las* para que possam fazer as suas próprias escolhas de vida.

Desenvolvimento especializado de competências, aptidão vocacional. Treino laboral, vocacional, desenvolvimento de carreira. Desenvolvimento especializado de competências para ocupar um posto na economia. É preciso saber X para fazer Y e portanto é X que a criança vai aprender.

Escola deixa de educar, passa a fazer formação profissional. A escola deixa – já deixou, há muito tempo – de ter a missão de transmitir conhecimento e conteúdos académicos sólidos. Desenvolvimento cognitivo real.

Conteúdos académicos minimalistas e **pragmáticos**. Uma abordagem pragmática, com objectivos educativos essenciais e minimalistas. É dado aquilo que pode assistir à integração da criança no mercado de trabalho, na economia global. Ler e escrever (por enquanto ainda têm alguma importância, relativa), matemática – saber calcular (existe a calculadora) –, história (definitivamente não interessa, a não ser uma versão sanitizada e adulterada de alguns acontecimentos chave), literatura, cultura geral sobre o sistema de governo, arte, música, línguas estrangeiras (convém saber a língua franca, inglês – uma forma reduzida de inglês, *pidgin english*), desportos.

Vão aprender aquecimento global e filosofia comunitária. Mas vão aprender que o planeta está a morrer, os ursos polares estão a afogar-se, e que a única salvação para tudo isso é a utopia social comunitária; global – fascismo, comunismo, totalitarismo, globalismo, comunitarismo.

Padrão de desenvolvimento individual muito baixo e muito medíocre.

Formação comportamental e atitudinal.

Clarificação e reestruturação de crenças e valores – apropriados. Valores apropriados, crenças apropriadas, atitude apropriada, carácter apropriado, e os comportamentos apropriados.

Mudança permanente. Preparação para mudança permanente.

Comunitarismo, aclimatação à comuna. Ênfase especial em trabalho e serviço comunitário. Vão aprender a pensar em grupo, a agir em grupo, a estar dependentes do grupo para tudo, a não ir contra o grupo em nada. Porque o futuro é o dormitório comum e a comuna.

STW CHINA – China-Ocidente.

Howard Gardner – STW – O "exemplo" da China.

Gardner também escreve "Chinese Clues to the Dilemma of Contemporary Education". Howard Gardner (1991). "To Open Minds: Chinese Clues to the Dilemma of Contemporary Education". Basic Books.

"Ocidente tem tudo a aprender com a China".

"Indivíduo está sujeito às necessidades da comunidade".

"Pode ser coagido a tomar escolhas que não pretende, em nome da comunidade".

Howard Gardner, um líder nas actuais reformas educativas, e Professor em Harvard, escreve "Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences", onde propõe que, «*ultimately, the educational plans that are pursued need to be orchestrated across various interest groups of the society so that they can, taken together, help the society to achieve its larger goals. Individual profiles must be considered in the light of goals pursued by the wider society; and sometimes, in fact, individuals with gifts in certain directions must nonetheless be guided along other less favored paths, simply because the needs of the culture are particularly urgent in that realm at that time*» – Howard Gardner (1993). "Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences". Basic Books.

Howard Gardner – STW – Inteligências múltiplas.

A ideia de inteligências múltiplas: cada qual tem um perfil específico de competências.

Esse perfil é a base de trabalho para escolhas vocacionais.

Esta teoria aplica-se bastante bem a toda a ideia STW. Pessoas como Howard Gardner, com a sua teoria das inteligências (ou competências) múltiplas, guiam este retrocesso civilizacional da educação, e exigem a adopção do modelo chinês para o mundo inteiro.

Mary Berry e formação contínua chinesa.

"The Chinese Experience in Education: What America Stands To Learn" (1977).

"Unidade entre educação e trabalho". Em 1977, a oficial federal de topo para a educação nos EUA, Mary Berry, visitou a China e fez um discurso intitulado "The Chinese Experience in Education: What America Stands To Learn", a 17 de Novembro, na Universidade de Illinois, onde afirmou que tinha visto «*nearly complete unity*

between education and labor – so complete that activities came to seem a basic, natural part of life, ***as they should be***»

“US Office of Education vai preparar formação contínua de estilo chinês”.

“China um modelo para educação superior americana”. She continued to reveal that the U.S. Office of Education was developing Lifelong Learning programs modeled after the Chinese Communist programs, and she expected these programs to meet the “*needs for intellectual fulfillment and social growth. It is here that the Chinese have set the pattern for the world to follow, and it's here that American higher education may have it its last, best opportunity for growth.*”

Protocolos educacionais China-Ocidente.

China, exportadora de programa educacionais. Este tipo de elogios foram feitos também por líderes europeus, e hoje em dia uma das principais exportações da China são programas educativos, através de protocolos com os governos federais da Europa e dos Estados Unidos. Também, através de UNESCO e OCDE.

Formação contínua – um bom exemplo de uma exportação chinesa. Uma das inovações essenciais que foram exportadas é a noção de formação contínua, para a vida inteira, para todos os cidadãos.

Consenso, pensamento colectivo. Tal como na China, esses programas educacionais têm muito pouco a ver com a aquisição de reais competências, mas sim com a criação de uma mentalidade de consenso e de pensamento colectivo.

STW CHINA – Dang'an.

Dang'an , palavra significando “registro”.

Portfólio individual completo e total. Regista desempenho e atitudes dos RH chineses. O Dang’an inclui informação como características físicas, registo de empregamento, fotografia, avaliações feitas por superiores e por pares, registos académicos (da primária à universidade), credenciais profissionais, registo penal e administrativo, história política, história de afiliações. Tudo o que é feito pelo indivíduo fica registado para o resto da vida, esse é o espírito aqui.

Descritivo de valor e estatuto do “capital humano”. Na China Comunista, o “Dang’an” descreve o valor do indivíduo, “capital humano”, para o estado.

Dang’an determina futuro laboral. Os Dang’an são usados para determinar quem trabalha no quê. Uma pessoa não pode trabalhar sem um Dang’an. Aliás, mudar de emprego costuma chamar-se “transferência de Dang’an”.

Disponível a estado, entidades comunitárias, entidades empregadoras. Estes registos estão disponíveis ao estado, a entidades comunitárias e às entidades empregadoras. O sistema de armazenamento de dados funciona a dois níveis – local (comité comunitário, de bairro) e depois nacional.

Dados acrescentados, apagados, adulterados. Os Dang’an são alterados à vontade pelas autoridades centrais – dados podem ser acrescentados, dados podem ser apagados, dados podem ser alterados e adulterados. Uma mancha negra no Dang’an – uma discordância com um patrão, uma visita ao psiquiatra, etc – pode significar nunca mais ter um emprego. Portanto, o dossier é apresentado como sendo uma influência correctiva e socialmente harmonizante.

STW CHINA – May 7 Road – Formação contínua.

“Aquisição de competências, para recursos humanos menos egoístas”. A pessoa era destacada para trabalhar de acordo com a sua competência essencial (área de formação ou de experiência, por ex.), mas era esperado que aprendesse mais competências em outras áreas, de modo a poder ser útil em mais uma série de campos.

Classes para-profissionais. Isto expressou-se no aparecimento de classes para-profissionais, desde médicos a engenheiros, professores.

May 7 Road. A isto, Mao chamou a “May 7 Road of human development”.

STW – Carnegie – US-USSR EEA, 1985.

STW – Carnegie Corporation – "Human Capital".

Carnegie Corporation principal força por detrás do STW, nos EUA. Financia iniciativas STW, OBE, etc.

NCEE. National Center on Education and the Economy, novo nome para o Carnegie Forum on Education and the Economy, estabelecido em 1985, com $600,000 da Carnegie Corporation.

David Hornbeck publica "Human Capital and America's Future" (1991). Presidente da Carnegie Foundation. No livro, descreve este sistema de ensino, e admite que pode ser sujeito à acusação de «*big brotherism*». [David W. Hornbeck, Lester M. Salamon (1991). "Human capital and America's future: an economic strategy for the '90s". Johns Hopkins University Press]

STW – Carnegie Corporation – Soviet-American Exchange Agreement, 1985.

Carnegie serve de mediadora. A Carnegie Corporation negoceia o Soviet-American Education Exchange Agreement, 1985, que é assinado por Reagan e Gorbachev.

Os dois países acordam trocar tecnologia educacional. Os soviéticos enviam educadores para ajudar a coordenar reformas curriculares. Os americanos enviam material informático.

CHARLOTTE – Carnegie (30s), US/Soviet 1985, doutrinação para RH globais.

(37:50) Reagan e Gorbachev assinam o acordo US-Soviet Education Exchange Agreement, a fundir os dois sistemas. (40:00) Aconteceu desde 1948, com Eisenhower, no pico da Guerra Fria. E depois houve mais acordos deste género a serem assinados, com a União Soviética e mais tarde com a China. (48:30) Livro azul, 1934, da fundação Carnegie. Promove a ideia de que os currículos na América deveriam ser orientados para o sistema soviético: economia planeada, etc. (50:30) Esta mesma fundação Carnegie, institui o 8 Year Study, que se prolongou até 1944. Centrado não na aprendizagem de conteúdos, mas sim em, o que é que se pode fazer em prol da economia global. (52:15) ...world government, global warming, sustainability, etc... (52:50) Em 1985 a Carnegie assina um acordo com os soviéticos a lidar com "pensamento crítico", em computadores, na mesma altura em que Reagan assinava o seu próprio acordo.

STW – Iliteracia para a aldeia global.

Oettinger (1982) – STW – Ler e escrever? Falar e ler comics.

Anthony Oettinger, Professor de Harvard, membro do CFR.

"No novo contexto, comunicação oral e comic books substituem literacia".

«*The present "traditional" concept of literacy has to do with the ability to read and write. But the real question that confronts us today is: How do we help citizens function well in their society? How can they acquire the skills necessary to solve their problems? Do we really want to teach people to do a lot of sums or to write in "a fine round hand" when they have a five dollar hand-held calculator or a word processor to work with? Or do we really have to have everybody literate – writing and reading in the traditional sense – when we have the means through our technology to achieve a new flowering of oral communication? It is the traditional idea that says certain forms of communication, such as comic books, are "bad." But in the modem context of functionalism they may not be all that bad*» Anthony Oettinger, "Regulated Competition in the United States" (February, 1982). The Innisbrook Papers, Northern Telecom. Cit. in Charlotte Thompson Iserbyt (1995). "Wolves in Sheep's Clothing". Conscience Press.

Harman e Sticht (1987) – Economia global exige mudança de valores e manipulabilidade, não saber ler e escrever.

Thomas Sticht (SCANS, NIE). Membro do SCANS (Secretary's Commission on Achieving Necessary Skills). Director-associado no National Institute of Education (NIE). Implementador de "mastery learning".

Na economia global, o que interessa é se a "labor force" é manipulável.

Educação só é necessária, parcialmente, para grupos decisores.

"Changing values" é mais importante que ler, para famílias de classe média.

«*Many companies have moved operations to places with cheap, relatively poorly educated labor. What may be crucial, they say, is the dependability of a labor force and how well it can be managed and trained -- not its general educational level, although a small cadre of highly educated creative people are essential to innovation and growth. Ending discrimination and changing values are probably more important than reading in moving low income families into the middle class*»

Thomas Sticht & Willis Harman, “Experts Say Too Much is Read Into Illiteracy Crisis”. *The Washington Post*, August 1, 1987, *cit. in* Charlotte Thompson Iserbyt, “Wolves in Sheep’s Clothing”.

Hendricks (1995) – “Learning how to fail – Age of diminishing expectations”.

Em 1995, Bill Hendricks, Universidade da California, podia anunciar o seguinte ponto.

Uma era de expectativas reduzidas. «*Age of diminishing expectations*».

Primado social: limitar capacidade do estudante, obter fracasso estudantil. Um primado «social» é o de «*...not to expand but to contract students’ capacities to function in and transform their world*»… «*Learning how to fail*»… «*In the 1990s…conundrum with respect to higher education is how to get the right kind of student failure into the mix*»

Bill Hendricks [California University]. “Learning How to Fail: Freshman Composition and Social Sorting in an Age of Diminishing Expectations”. Conference on College Composition and Communication, March 23, 1995, Washington D.C.

STW – Chicago Mastery Learning Program. Uma das muitas catástrofes proporcionadas pelo novo paradigma foi o Chicago Mastery Learning Program. Este programa foi descrito pela Education Week (3/6/85) como «*a tragedy of enormous proportions with almost one-half of the 39,500 public school students in the 1980 freshman class failing to graduate, and only one-third of those graduating able to read at or above the national 12th grade level*». (Cit. in Charlotte Thompson Iserbyt. “The Death of Free Will”, December, 2010)

<u>STW – Karl Marx</u>.

Karl Marx – Trabalho infantil e educação politécnica.

<u>Marx resolve facilitar a vida de barões monopolistas</u>.

<u>Karl Marx – Internacional (1866)</u>.

Crianças de 9 anos para cima devem participar na produção social.

Trabalho infantil revela uma tendência progressiva e legítima.

A educação tem de ser mental, física e politécnica.

Ou seja, a criança tem de aprender desde cedo os princípios da produção.

Despesas da escola técnica podem ser pagas com lucros do trabalho realizado.

«*We consider the tendency of modern industry to make children and juvenile persons of both sexes co-operate in the great work of social production, as a progressive, sound and legitimate tendency, although under capital it was distorted into an abomination. In a rational state of society* ***every child whatever****, from the age of 9 years, ought to become a productive labourer in the same way that no able-bodied adult person ought to be exempted from the general law of nature, viz.: to work in order to be able to eat, and work not only with the brain but with the hands too… By education we understand three things… Firstly:* ***Mental education****... Secondly:* ***Bodily education****, such as is given in schools of gymnastics, and by military exercise… Thirdly:* ***Technological training****, which imparts the general principles of all processes of production, and, simultaneously initiates the child and young person in the practical use and handling of the elementary instruments of all trades. [The German text calls this "polytechnical training." –* ***Ed]****… The costs of the technological a schools ought to be partly met by the sale of their products*» Karl Marx (August 1866). "Instructions for the Delegates of the Provisional General Council", The International Workingmen's Association. *Der Vorbote* Nos. 10 & 11, October & November 1866.

<u>Karl Marx – Das Kapital (1867)</u>.

O sistema fabril indica o caminho progressivo.

Uma educação que combina trabalho produtivo com instrução e ginástica.

«*From the Factory system budded, as Robert Owen has shown us in detail, the germ of the education of the future, an education that will, in the case of every child over a given age, combine productive labour with instruction and gymnastics, not only as one*

of the methods of adding to the efficiency of production, but as the only method of producing fully developed human beings» Karl Marx (1867), "Das Kapital", Volume I.

<u>Karl Marx – Manifesto Comunista (1848)</u>.

Educação universal – Combinação de educação com produção industrial. «*Do you charge us with wanting to stop the exploitation of children by their parents? To this crime we plead guilty… And your education! Is not that also social, and determined by the social conditions under which you educate, by the intervention, direct or indirect, of society by means of schools, etc? The Communists have not invented the intervention of society in education; they do but seek to alter the character of that intervention, and to rescue education from the influence of the ruling class… Free education for all children in public schools. Abolition of children's factory labor in its present form. Combination of education with industrial production, etc., etc*» Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

STW – Para monocultura global – Iserbyt & Gatto.

Iserbyt – Treino comportamental para a economia feudal-global.

Educação feudal-internacionalista.

"Dumbing down", modificação comportamental, "robotization, brainwashing".

"Lifelong education and workforce training— world management system, new global feudalism".

Iserbyt escreve um dos mais emblemáticos livros de sempre sobre a história da educação, onde denuncia o actual sistema de «*...internationalist "dumbing down" education (behavior modification) so necessary for the present introduction of global work force training*», que assenta em «*...the robotization (brainwashing) of all Americans in order to gain their acceptance of lifelong education and workforce training—part of the world management system to achieve a new global feudalism... only when all children in public, private and home schools are robotized—and believe as one—will World Government be acceptable to citizens and able to be implemented without firing a shot*».

Para isso, é preciso «*...to brainwash our children, starting at birth, to reject individualism in favor of collectivism... to reject high academic standards in favor of OBE/ISO 1400/9000... egalitarianism...*», adoptar «*internationalist values (globalism)... to reject freedom to choose one's career in favor of the totalitarian K—12 school-to-work/OBE process, aptly named "limited learning for lifelong labor," coordinated through United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization... to use the schools to change America from a free, individual nation to a socialist, global "state," just one of many socialist states which will be subservient to the United Nations...*» – Charlotte Thomson Iserbyt (1999), "The Deliberate Dumbing Down of America: A Chronological Paper Trail". Conscience Press.

JT Gatto – Individualismo vs gestão global automatizada.

Sistemas de gestão global são automáticos e formulaicos.

Logo, pensamento individual tem de desaparecer, em nome de globalização.

"Management made us all prisoners of management systems. School, its vital ally".

"Educated people are its enemies, so is any nonpragmatic morality".

«*As our economy is rationalized into automaticity, and globalization, it becomes more and more an interlocking set of subsystems coordinated centrally by mathematical formulae which simply can not accommodate different ways of thinking and knowing. Our profitable system demands radically incomplete customers and workers to make it go. Educated people are its enemies, so is any nonpragmatic morality… management has wrecked the political balance. It has made us all prisoners of management systems. School is it's vital ally*» – John Taylor Gatto. “A Short Angry History of American Forced Schooling”. Speech to the Vermont Homeschooling Conference

STW – Percurso STW para a economia global.

Percurso STW (1) – Treino para a economia global – A linguagem utilizada.

STW – "Public Choice" – "High Performance Management" – etc. «*Public Choice Technology, Integrated Health and Human Services, Curriculum Resources, High Performance Management, Professional Development and Research and Development*»

Percurso STW (2) – Definição TQM de um programa curricular.

Sistema TQM: PPP determina futuro da criança.

→ Parceria: escola, governo, centro de educação, empresa. Parceria entre escola, governo local-global, centro de educação e empresa decidem futuro da criança, com base em Total Quality Management.

→ Sistema de quotas. De acordo com as necessidades da economia local. Quantos e quais empregos estão planeados para a economia, do local ao global – o sistema de quotas.

→ Ultra-especialização psicologizada de competências. Quais as aptidões de base da criança, com base em testes psicológicos – quais competências desenvolver, em que vocação.

→ Estágios sub ou não-remunerados. Durante o percurso escolar, a criança oferece trabalho escravo à empresa – estágio não-remunerado ou sub-remunerado.

TQM – Critérios globais de "qualidade". Códigos ISO e similares. Mais cedo ou mais tarde, coordenados directamente pelo ministério global da educação, que será a UNESCO ou uma instituição derivada.

[Qualidade – George Orwell elaborou um cenário apto quando escreveu Animal Farm, onde os porcos são a elite comunista que gere e doutrina os restantes animais, para criar a quinta utópica. Esse é o critério de qualidade, aqui e em tudo o resto. O mínimo denominador comum, a tentar fazer-se passar por sofisticado].

Percurso STW (3) – Educação não-graduada – Avaliação social.

Educação não-graduada. Educação tenderá cada vez mais a ser não-graduada. Desde que a pessoa saiba fazer as coisas básicas que terá a fazer, tudo estará bem – faz parte do treino minimalista de competências aqui implicado.

Avaliação social – Privilégio, arbitrariedade, capricho.

Pessoa incluída ou excluída de outras formas. Por meio de cartas de referências, por exemplo. O sistema tornar-se-á cada vez mais um sistema de distribuição de privilégios, como era na Idade Média, ou como é nos sistemas comunistas. Se for visto que não é tecnicamente capaz, será simplesmente guiada para escolher outra área vocacional.

Demonstração de crenças, valores, atitudes, apropriados. O crux da questão, e do julgamento, estará na demonstração de crenças, atitudes, comportamentos, valores, apropriados.

Reeducação, ou eliminação do corpo social. O indivíduo que não seja socialmente adequado, que não seja o bom denizen da utopia social, vai ser simplesmente reeducado ou, falhando isso, será deitado fora.

Percurso STW (4) – Dang'an e alocação na economia.

Alocação por quotas na economia, pelo centro de emprego. Depois, o produto escolar – o aluno – é destacado para um posto na economia global pelo centro de emprego.

Dang'an, perfis individuais detalhados.

Ficheiros permanentes sobre o invidíduo – Transparência total. Perfil de competências, organizado por créditos educacionais. Necessidades de formação. História de vida. História educacional e profissional. Perfil de personalidade e de carácter. Dados de cadastro. E, mais cedo ou mais tarde, uma forma de cadastro social: a pessoa tem um passado anti-social? Crenças estranhas, obsoletas, ou polémicas?

Acesso: Empregadores e autoridades locais/comunitárias.

Empregabilidade vai, claro, depender deste dang'an.

Percurso STW (5) – "Sociedade educativa" – Reeducação – Trabalho comunitário.

Formação contínua – e contínua significa contínua. Ao longo de toda a vida, da pré-primária ao lar de 3ª idade.

Trabalho comunitário – Na nova sociedade, todos trabalham para a comunidade. Na nova sociedade, todos, até os reformados, vão ter funções sociais a cumprir na comunidade, e disso vai depender o usufruto de benefícios sociais.

Fluxo contínuo de sistemas de gestão e desenvolvimento de RH.

Formação técnica e comportamental ininterruptas. Novas competências. Reabilitação de competências, actualização de competências. Etc. Etc.

Doutrinação para cidadania apropriada. Todos têm de ser doutrinados nos valores apropriados e na informação apropriada. Todos têm de abraçar as atitudes apropriadas e demonstrar o carácter apropriado. E, finalmente, tornar-se o tipo apropriado de cidadão.

Punições e reeducação para pessoas inapropriadas e anti-sociais. Caso contrário, vão ter dificuldades, tal como acontecia nos sistemas que inspiraram isto.

STW – Politécnico soviético.

URSS – Educação politécnica, o retorno dos "mistérios" medievais.

Marx, Lenin, Stalin consagram ideia politécnica.

Doutrinação ideológica, especialização laboral, trabalho sub-remunerado.

Moldar carácter social, moral e ideológico do aluno.

Prepará-lo para o "mundo real", "vida e trabalho como são", na sua "dimensão prática".

Portanto, o retorno das "aprendizagens" e dos "mistérios" medievais.

Turchenko (1976) – Politécnico; harmonia social; contrário a sociedade burguesa.

Ideias-chave aqui.

"Revolução científico-tecnológica exige trabalho infantil".

Isto facilita "the social goal of Soviet society – harmonious development of every individual" – o novo homem soviético.

"Isto é contrário à natureza da sociedade burguesa".

«*The problem of combining education with productive labour goes far beyond the framework of the general school and has significance for the educational system as a whole. Applied to the specialised secondary and higher school, it consists primarily in closely linking theoretical instruction with production work in an appropriate speciality*»

«*…the scientific-technological revolution… the technological revolution to an ever greater extent makes necessary not only highly developed skills, but also harmonious development of the human element*»

«*…the new, objective demand in the progress of the productive forces-the need to ensure the harmonious development of the working man-first, coincides with the principal social goal of communism and, second, is contrary to the nature of bourgeois society and therefore leads to the aggravation of all the internal contradictions and of the general crisis of capitalism*»

«*The social goal of Soviet society – harmonious development of every individual…*»

Vladimir Turchenko (1976). "The Scientific and Technological Revolution and the Revolution in Education", Progress Publishers.

"Educadores" soviéticos descrevem educação politécnica.

Prokofiev – "Vitória da escola soviética". Prokofiev, o proeminente ideólogo educacional acolheu o politécnico como «*one of the most essential achievements in the history of the Soviet school*». *Cit. in* Robert H. Beck (September, 1990). "*Polytechnical Education: A Step*". National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Mikhailov (1975) – "Ultrapassa vestígios da sociedade burguesa". No Sovetskaia Pedagogika diz-nos que educação politécnica é o corte abrupto com educação burguesa. Diz-nos que a URSS vai ultrapassar «*the vestiges of the bourgeois system for the social division of labor*». *Cit. in* Robert H. Beck (September, 1990). "*Polytechnical Education: A Step*". National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Shapovalenko (1965) – "Desenvolve atitude comunista para com o trabalho". «…*[it imparts] knowledge of the scientific foundations of modern production, [acquaints] students with the most important branches of industry, [arms] them with elementary skills for handling modern implements of labor, [involves] the students in socially useful productive labor, and [develops] in them a communist attitude toward labor*» *Cit. in* Robert H. Beck (September, 1990). "*Polytechnical Education: A Step*". National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Vasilev e Chepelev (1974) – "Parte essencial da construção da sociedade comunista". «*Polytechnical education is ... a component part of the upbringing of comprehensively developed builders of communist society. Its mission is to familiarize pupils with scientific principles and current trends in the development of the most important branches of modern production, to give them an idea of the relationship between science and practice in communist construction, and to provide them with skills in the operation of the tools, machines, and mechanical equipment that comprise the base of modern industrial and agricultural production*» *Cit. in* Robert H. Beck (September, 1990). "*Polytechnical Education: A Step*". National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

STW – Sovietiza educação ocidental.

Haberman e Collins (1987) – STW sovietiza educação.

Escolaridade é agora vista como treino professional.

Marca de sistemas não-democráticos, comparável com URSS.

«*…schooling is now seen primarily as job training and, for this reason, quite comparable to schooling in non-democratic societies. Once education is redefined as a personal good and as emphasizing preparation for the world of work as its first purpose, our schools can appropriately be compared with those of the USSR*» – Martin Haberman & James Collins (Winter 1987/1988). "The Future of the Teaching Profession". Action in Teacher Education. Cit. in Dennis L. Cuddy. "Background of School to Work Concept".

Eugene Boyce (1983) – STW – Educação ligada a funções, sob comunismo.

Eugene Maxwell Boyce, Prof. de Administração Educacional na Univ. Georgia.

Antecipa a adopção do sistema comunista na educação ocidental.

"In the Communist ideology... Education is tied directly to jobs".

"They do not educate people for jobs that do not exist".

"No such relationship between education and jobs exists in Democratic countries".

«*In the Communist ideology... Education is tied directly to jobs--control of the job being the critical control point...Level of education and consequently the level of employment, is determined first, by level of achievement in school. They do not educate people for jobs that do not exist. No such direct, controlled, relationship between education and jobs exists in Democratic countries*» – Eugene Maxwell Boyce (1983). "The Coming Revolution in Education: Basic Education and the New Theory of Schooling". University Press of America.

STW – US-USSR – Educadores americanos elogiam Politécnico.

HEW (1960) – Elogia politécnico, Pavlov e doutrinação ideológica (URSS).

O relatório pinta a realidade soviética em tons brilhantes.

Sistema politécnico e vocacional.

Pavlovianismo.

Doutrinação em socialismo.

"A total educational program to provide society with future workers… socialist citizens… productivity… learning a vocation".

«*...**wherever we went, we felt the pulse of the Soviet Government's drive to educate and train a new generation of technically skilled… citizens**... Principles of Darwinism, which are studied in grade 9 of U.S.S.R. schools, teach children about the origin of life together with the history of evolution in the organic world. The main theme of the course is evolution. Major efforts of U.S.S.R. schools during the past 30 years have been to **train youngsters for the Government's planned economic programs and to inculcate devotion to its political and social system**... Science and mathematics occupy 31.4 percent of the student's time in the complete U.S.S.R. 10-year school… U.S.S.R. plans are to bring all secondary school children into labor education and training experiences through the regular school program. The "school of general education" is now named the "**labor-polytechnic school of general education**"... The authors consider the polytechnic program in the Soviet elementary-secondary schools "as an integral part of the Soviet philosophy of education"... Soviet patriotism—**fidelity to the Soviet land and to the ideas of communism—occupies a leading place in this educational conditioning, and in this sense gives the school a political character as well as a moral one**. Employing primarily the **conditioned reflex theory as elaborated by Pavlov** (1849–1936), Soviet psychologists have worked out a system of didactics which are strict and fixed in their conception and application; one might even use the term "narrow" to distinguish them from the broad scope of methods employed, for example, in most U.S. schools. Soviet psychologists maintain that fundamentally all (except physically disturbed or handicapped) children can learn the standardized subject matter through the teaching methods devised for all schools. By definition, therefore, they exclude from practical consideration many educational techniques… The curriculum, dominated until now by the so-called "hard" subjects, is designed to give all future citizens an intellectual foundation that is, in form, a traditional European one… Psychologists and other researchers are busily engaged in work on such areas as development of the cognitive activity of pupils in the teaching process (especially in relation to the polytechnic curriculum); simplification in learning reading and*

arithmetic skills in the lower grades; the formation of character and teaching moral values, including Soviet patriotism… the principles and methods for meeting individual children's needs (such as "self-appreciation"), in terms of handicaps and as regards a child's particular attitudes, peculiarities, and maturity… Soviet educators define their system as an all-round training whereby youth can participate in creating the conditions for a socialist, and ultimately, Communist society… School children and students are engaged ***in a total educational program which aims to teach all the same basic subjects, morals and habits in order to provide society with future workers and employees whose general education will make them socialist (Communist) citizens and contribute to their productivity upon learning a vocation*** *(profession)*» (pp. 10–11)

William K. Medlin, Clarence B. Lindquist, Marshall L. Schmitt (1960). "Soviet Education Programs: Foundations, Curriculums, Teacher Preparation". U.S. Department of Health, Education and Welfare, Office of Education.

Robert Beck (1990) – URSS e RDA lideram o progresso educacional.

Robert Beck, custeado pelo Department of Education. Robert Beck escreve o livro com uma bolsa do Office of Vocational and Adult Education, U.S. Department of Education, e o livro é publicado pelo National Center for Research in Vocational Education, University of California.

Elogia sistemas politécnicas da URSS e RDA e pretende adoptá-los nos EUA.

"Polytechnical education is rooted in the Marxist-Leninist ideology."

"Mass participation in "socially useful work" leading to better future, communism".

"Academic subjects… are understood as theory and as functions in the work world".

"Factories, farms, transportation and service, will associate themselves with schools".

"Learning academics in partnership with factories, farms, mines, and so forth".

"Boys prefer equipment, girls prefer sewing, drafting, and typewriting".

"Comprehensive and consistent educational theory, much better than US education".

"Should be carefully monitored for adaptation in American education".

«*…what is needed is an* ***interaction between the academic and the vocational****, the product of which is a general education persuasively stronger than what currently exists…* ***polytechnical education****. The Soviet Union has developed a curriculum of polytechnical education… Soviet polytechnical education is* ***rooted in the Marxist-Leninist ideology****… It can also facilitate vocational learning and career decision making. A polytechnical education system such as the Soviet Union has could be a step*

toward integrating academic and vocational education in the United States… The thinking of the founders of communist philosophy can be suited to the needs of the day»

O sistema na URSS visa «*…the activity of "the entire people in communist construction"…* ***mass participation in "socially useful work" leading to a better future characterized by a higher level of societal development, that is, communism***»

«*…the Soviet Union… has the longest tradition of polytechnical education. Their governing ideology, reenforced by economic realities, has strongly backed the polytechnical approach to curriculum.* ***The German Democratic Republic… has accomplished a good deal with its polytechnical education****…*»

«*The Soviet people, and many teachers and other educational specialists as well, are being asked to recognize that* ***academic subjects****, especially mathematics and the sciences,* ***are to be understood both as theoretical statements and as functions in the work-a-day world****.* ***Factories, farms, and, presumably, other centers of production, as well as transportation and service, will be asked to associate themselves with schools****. If that lesson can be taught successfully, then leading Soviet educators should succeed in winning a substantial number of Soviet youth to think of careers in that same "work-world." The hope is that needed skills will also have been mastered as a result of* ***learning mathematics and the physical, biological, and earth sciences*** *first of all, in* ***partnership with such enterprises as factories, farms, mines, fishing fleets, and so forth****. The cooperation of* ***transportation, mining, forestry, and fishing****, for example, seems to have been less well articulated…* ***Boys prefer working with equipment, while girls prefer sewing, drafting, and typewriting****…*»

«*…it demonstrates the continuity of a* ***comprehensive and consistent educational theory****. That is no little matter. There is* ***far less continuity, comprehensiveness, and consistency in American public education***»

«*…polytechnical education should be understood to include vocational preparation. The success of this preparation reaches beyond career counseling to the actual attaining of skills needed in Soviet production and is judged to be of the greatest importance by the Soviet leadership. That this should be* ***carefully monitored for possible adaptation in American public education is not a farfetched idea***»

Robert H. Beck (September, 1990). "*Polytechnical Education: A Step*". National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

T-GROUP – Metodologia UCR.

UCR – NTL (1962) – Lavagem cerebral, reforma de pensamento.

Persuasão coerciva, reforma de pensamento, lavagem cerebral. No livro, os editores dizem-nos que o treino de relações humanas, ou treino de sensibilidade, «*fits into a context of institutional influence procedures which includes coercive persuasion in the form of thought reform or brainwashing*».

"Unfreezing, changing, refreezing". É claro que isto inclui o procedimento habitual de «*unfreezing, changing and refreezing*» atitudes.

"Change-agent skills". Agentes provocadores, a treinar com competências de mudança, «*change-agent skills*».

Irving R. Weschler, Edgar H. Schein (1962). "Issues in human relations training". National Training Laboratories, National Education Association.

UCR – Unfreezing-Changing-Refreezing.

Descongelamento. Descongelar o equilíbrio estável da pessoa.

Mudança. Identificação com novos modelos, crenças, atitudes, valores.

Recongelamento. Internalização de novos elementos, integração com resto da personalidade.

Caracterização: Unfreezing, changing, refreezing (Schein & Bennis). «*The flow… Dilemma or disconfirming information; Attitude change (1); New behavior (1); New information, increased awareness (2); Attitude change (2); New behavior (2); New information, increased awareness (2); Attitude change (3); Etc., until new information or outside event terminates the process (272)*»

«*…the basic learning cycle consists of a series of steps – acquiring new information which creates dilemmas or disconfirms, changing attitudes, and changing behavior which releases new information and sets a new cycle into motion (284)*»

«*A dilemma or some disconfirming information; Attitude change about how to learn (acceptance of meta-goals); Generation of new behavior which makes new information available; Increased awareness and/or new disconfirmation; Attitude change about self and others; New behavior, hence new information; Increased awareness and/or new disconfirmation; Further attitude change until termination or equilibrium (274)*»

«*Stage 1. Unfreezing… 1. Lack of confirmation or disconfirmation. 2. Induction of guilt-anxiety. 3. Creation of psychological safety by reduction of threat or removal of barriers to change.*

Stage2. Changing… 1. Scanning the interpersonal environment. 2. Identifying with a model.

Stage 3. Refreezing… 1. Personal – Integrating new responses into the rest of the personality and attitude system. 2. Relational – Integrating new responses into ongoing significant relationships (275-276)»

Unfreezing – Geral – Contraste, ambiguidade, desconfirmação.

Unfreezing – Geral – Contraste, ambiguidade, desconfirmação (Schein & Bennis). «*Contrast serves to induce curiosity, ambiguity serves to create a vigilance (sometimes an anxious one) about inward and external realities, and disconfirmation aims to deroutinize stereotyped behaviors. These three processes comprise the mechanism of unfreezing… (44)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Unfreezing – Não-estrutução, para gerar ansiedade social.

Ambiguidade – Não-estruturação (Schein & Bennis).

Ambiguidade geral em objectivos, recompensas, expectativas – não estruturação.

Gerar sensitivização social, receio, ansiedade, frustrar expectativas.

«*Another aspect of the unfreezing process is represented by the ambiguity of the situation. The goals are unclear, the training staff provides minimal cues, the reward system is nonexistent, certainly, not very visible. The general absence of expectations creates an unstructured, i.e., ambiguous, situation. This serves to upset old routines and behavioral grooves and to open up new possibilities for the delegates (44)*»

«*T-group... When the trainer finishes his introduction, the group is suddenly left to its own resources. It is difficult to describe the full emotional impact of the beginning minutes of a T-group because the members are struggling with so many emotional issues at once. They are confronted with a violation of so many expectations they have taken for granted in educational settings, most of all that the trainer will define an agenda, some ground rules and some goals which are meaningful for the group… each member confronts some major problems…*» (16)

Cada membro do grupo procura dominar o seu próprio receio e nervosismo. Do mesmo modo que existe este esforço de auto-controlo, existe também uma ênfase em manter o

controlo possível sobre a situação em si; i.e., impedir os outros de fazer algo que seja desconfortável. [Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons]

Unfreezing – Isolamento, desrotinização, perca de privacidade.

Contraste – Desrotinização – O familiar é tornado estranho (Yalom). «*The familiar must be made strange; many common props, social conventions, status symbols, and ordinary procedural rules are eliminated from the T-group…*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Contraste – Isolamento, desrotinização, quebra de privacidade (Schein & Bennis).

Desrotinizar – Tornar o familiar estranho. «*...deroutinization (32)… First of all, unfreezing includes the idea of contrast whereby things that people take for granted in their ordinary life become absent or changed. In other words, an attempt is made to make the familiar strange (43)*»

Isolamento psico-cultural, intrusividade ofensiva. A pessoa é isolada do mundo exterior, envolvida na ilha social.

Perca de privacidade, envolvendo partilhar quarto com outros.

Auto-conceito e identidade são fortemente afectados. «*...cultural island (12) …cultural insulation (32)… Beliefs, attitudes, and values become less stable as the person is isolated from his normal routine and pattern of relationships. This process of loss of support through isolation is particularly acute in the area of self-concept or identity. (286)… surface intimacy which can be very upsetting (288) ...people will tell him the truth about himself or expose his weaknesses (287)… Loss of privacy which results from sharing a room with one or more people, eating meals family style, and using public toilet and shower facilities. The delegate finds himself in a life situation where his daily needs are routinely taken care of, but where there are no established routines of status props behind which to hide (288)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Unfreezing – Desconfirmação e dilemas.

Forçado a rever crenças sobre si mesmo e sobre relação com outros (Yalom). «*He must be helped to reexamine many cherished assumptions about himself and his relations to others… the individual's values and beliefs about himself are challenged…*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Surpresa ou choque, para vexar e abalar estrutura de crenças (NTL, 1972). «*…what we really need to know in order to develop rests in the disconfirmations… Activities are frequently designed to include a surprise or startle reaction, particularly as we are brought to look at some of the comfortable assumptions which we live with and rarely question. Many participants… react to it with denial, with hostility, or with aggression. It is not easy nor particularly comfortable to have one's structure of belief about himself and the world questioned… one can set up the conditions so that peak experiences are more likely [to occur], or one can perversely set up the conditions so that they are less likely. Breaking up an illusion, getting rid of a false notion, learning what one is not good at, learning what one's potentialities are not these are also part of discovering what one is, in fact*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Desconfirmação e dilemas (Schein & Bennis).

Desconfirmações e dilemas sobre o self, para confrontar e descompor pessoa. «*…disconfirmation… participants of laboratory training hear and receive cues about their own behavior which may not jibe with their usual perceptions about themselves… individuals are confronted with, and possibly discomposed by, disconfirming cues… (44) …some dilemmas or some disconfirming information about the person's self; he obtains cues that not all is right in his relationships with others (273)*»

Antes e durante o T-group. «*Such information may come to him before or early in the laboratory (273)… unfreezing may begin with dilemmas and disconfirmations which occur in the organizational settings prior to entry into the laboratory. But the laboratory creates a whole new set of dilemmas and exposes the delegate to a new set of disconfirming cues which serve as powerful motivators for learning (285-6)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Unfreezing – Aceitação e sentido de pertença, o grupo como Mãe.

Abertura, sentido de pertença, "we feeling" (Benne). «*The best approach is to help him feel that he does belong and that he is wanted, whether or not his ideas are similar to those of the group. Give him a "we" feeling if possible, and avoid any "you vs. us" attitude by word or gesture… The chances for re-education seem to be increased whenever a strong we-feeling is created. The establishment of this feeling that everybody is in the same boat, has gone through the same difficulties, and speaks the same language…*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Aceitação grupal – Indivíduo menos defensivo, revê crenças rígidas (Yalom). «*The self-esteem-public esteem system is thus closely related to the concept of group cohesiveness… the degree of a group's influence on self-esteem is a function of its cohesiveness… Once a member realizes that others accept him and are trying to understand him, then he finds it less necessary to hold rigidly to his own beliefs, and he may be willing to explore previously denied aspects of himself*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Segurança para arriscar e mudar, com e no grupo (Schein & Bennis). «*In order for change to occur, however, some psychological safety must be present in the situation or else the person will simply become defensive and more rigid (276)… with one hand, the laboratory culture is trying to unfreeze and increase tensions, and, with the other hand, it is providing an atmosphere where one can take chances… without fear and with sufficient protection (44)… the main source of psychological safety for the individual… is his sense of support and strength earned in and somehow borrowed from his T-group (45)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Unfreezing – Pressão de pares e conformidade (Asch, comparsas, etc).

Método de alta pressão (Benne). «*…high pressure method*»"Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Pressão da maioria – Asch – Indivíduo evita dissonância cognitive (Yalom). «*…few individuals, as Asch has shown, can maintain their objectivity in the face of apparent group unanimity… the individual rejects critical feelings toward the group at this time to avoid a state of cognitive dissonance [tensão; medo de rejeição, medo de alienação social]… Long-cherished but self-defeating beliefs and attitudes may waver and decompose in the face of a dissenting majority*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Pressão "moral" para conformidade – "mudar é bom" (Schein & Bennis). «*There is a definite moral overtone… being a successful learner is good; being unwilling or unable to learn is bad… pressure from other delegates who are already highly motivated to learn. There is little doubt that the laboratory exerts powerful conformity pressures on the individual who does not accept to some degree the norms about the learning process (289)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Comparsas no T-group (Schein & Bennis). «*…people will tell him the truth about himself or expose his weaknesses (287)*»

[Mais em tópico sobre desconfirmações].

Comparsas no T-group (Golembiewski). «*...members of Basic T-groups typically have experiences that develop insight and behavioral skills that surprise the learners*» – Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). “The ‘Laboratory Approach’ to Organization Change: Schema of a Method”. Public Administration Review.

Unfreezing – Objectivos – Indução de insegurança e ansiedade-culpa.

Abre a porta à fase de mudança.

O indivíduo é tornado inseguro, ansioso, e encontra redenção na mudança (Schein & Bennis).

Abanar o indivíduo – Desaprendizagem pré-lavagem. «*Unfreezing… implies that a period of unlearning or “being shook up”… before learning [lavagem mental, cerebral] can be initiated… (43)… as a result of the unfreezing there is a good deal of unlearning; i.e., a good deal of attention is devoted to interpersonal matters which the delegate now finds annoying in himself or guilt inducing or distasteful or disconfirming to his ideal self (50)*»

Gerar paranóia e insegurança – hiper-sensibilização a opiniões alheias – ansiedade social. O processo visa sensibilizar o sujeito para «*his own inadequacies and/or needs for growth (282)… uncertainty about himself; who he really is and how much worth he should attach to himself (286)… increasing the probability of social anxiety or identity crises (288)… forced to re-examine and redefine… goals and… method of operation (289)*»

Gerar insegurança, ansiedade-culpa, ansiedade social. «*Dilemmas and disconfirmations arise from and in turn produce powerful emotional responses and arouse what might well be called “social anxiety” or anxiety about basic sense of identity (275)… Often such disconfirming information leaves him feeling anxious or guilty (276)… The heightening or induction of guilt-anxiety implies that the disconfirmatory cues have made contact with some of the person's major motivations and constructs, and have aroused in him the feeling that important goals or ideals are not being met now or may not he met in the future. To be told that he cannot run a group effectively is meaningful only if the person wants to run groups effectively or if he always believed that he did run them effectively (278)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Changing – Fluxo, mudança – Influência social – Scan, model.

“We can control, change people” – Influência social (McConnell, Michigan).

Transformar um Cristão num Comunista e vice-versa. «*I teach a course… called The Psychology of Influence, and I begin it by stating categorically that the time has come when if you give me any normal human being and a couple of weeks… I can change his behavior from what it is now to whatever you want it to be, if it's physically possible. I can't make him fly by flapping his wings, but I can turn him from a Christian into a Communist and vice versa… Look, we can do these things. We can control behavior*» – Dr . James McConnell (professor of psychology, University of Michigan). *In* A.J Budrys, "Mind Control is Good/Bad (Check One)", Esquire Magazine, May 1966, pp. 106-109.

Atitudes, crenças, acções – Influência social – Scan, Model (Schein & Bennis).

Redefinição de atitudes, crenças, pontos de vista, comportamentos, sobre self e outros. «*As his perspective, his frame of reference shifts, he develops new beliefs about himself which, in turn, lead to new feelings and behavioral responses (276)… Changing… redefining his assumptions, beliefs, and constructs about himself and his relationships to others (281)… the person begins to acquire new beliefs, perspectives, and points of view, his attitudes and behavioral responses begin to change (283)*»

Scan, Model. «*Such new information can come to him in one of two ways: He can scan the interpersonal environment for cues, drawing different items of information from different people, or he can emotionally identify himself with one other person and acquire new information by attempting to see himself from the perspective of this particular other person (281)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Muitos dos estudos Scan-Model surgem do trabalho de Goffman.

Fluxo contínuo, mudança contínua, nos membros do T-group (NTL, 1972). «*…the T Group is continuously changing. Members alter their views and change their behaviors… "I search. I try different ways… for awhile I am not 'myself'"… This, ideally, is what laboratory training is all about; it is not to know more, but to do things differently*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Refreezing – Internalização e homeostase.

Homeostase grupal (Schein & Bennis). «*…the process continues until either external forces bring it to a close, e.g., termination of the laboratory, or until an equilibrium is reached in which new behavior on the part of one member no longer proves to be disconfirmatory information for another member (274)*»

Internalização e estabilização de novos comportamentos (Schein & Bennis). «*Learning new competence means… stable, internalized, integrated, new behaviors. (309)*

…Refreezing… Whether or not… changes remain stable depends, however, upon the degree to which they fit into the rest of the personality (personal refreezing) or are reinforced and confirmed by important others with whom the person has a relationship (relational refreezing) (283) …If the new attitudes fit and are reinforced, they will stabilize until new disconfirming information is perceived. (284)… The process involved in relational refreezing is similar to that involved in unfreezing. The person obtains cues from others about the impact of his attitudes and behavior pattern on them. To the extent that these attitudes and behaviors violate their expectations, and to the extent that the learner values the reactions of these others, he will either abandon what he has learned or relearn the organizational patterns all over again. (284)» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

T-group – Danos psicológicos (NTL, 1972).

Danos psicológicos no T-group (NTL, 1972). «*Critics of laboratory training contend that in general it produces a pathologically high level of tension or stress in participants. Proponents and critics alike have been concerned about the possibility that emotional stress generated in laboratory training might trigger significant, possibly permanent, psychological damage*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

T-METHOD – Instituições.

T-Method – Engenharia psicossocial – JR Rees.

Dr. John Rawlings Rees. O Dr. John Rawlings Rees desenvolve o “Tavistock Method”, que induz e controla stress através daquilo a que Rees chama “psychologically controlled environments”, por forma a fazer com que o indivíduo abandone crenças familiares sob pressão de pares, “peer pressure”.

Indução e controlo de stress – pressão de pares.

Ambientes psicologicamente controlados.

Reforma e mudança de crenças e valores.

Engenharia “psicossocial” – lavagem cerebral. Mudar a psique individual num contexto social controlado. Lavar a psique cerebral sob pressão colectiva e ambiental. Lavagem cerebral.

T-Method – Kurt Lewin.

Gestalt – Tavistock – Michigan. Pioneiro da Psicologia Gestalt. Torna-se director de Tavistock em 1932. Mais tarde, director do Research Center for Group Dynamics, Univ. Michigan.

T-Method – National Training Laboratories (NTL).

TIHR trabalha com RCGD, Michigan. TIHR trabalha com Research Center for Group Dynamics, Univ. Michigan.

NTL co-fundados por Carnegie, NEA, U.Michigan, em 1947, Bethel, Maine. Co-fundados pelo Research Center e pela Division of Adult Education Service, da NEA; e são uma subdivisão NEA. O primeiro de todos é o National Training Laboratory for Group Development, fundado em Bethel Maine, 1947. Um dos arquitectos primários dos NTL é Willard Goslin, da NEA Association for Supervision and Curriculum Development (ASCD). Os NTL são iniciados com uma bolsa inicial de $100,000 da Carnegie Corporation.

T-Method – Epicentros – Anglo-americanos; Europa; URSS e China.

Eixo anglo-americano – TIHR; Escola de Frankfurt; ISR; NTL; universidades. Tavistock Institute of Human Relations. Grupo de Frankfurt, Institute of Social Research. NTL – Laboratórios educacionais regionais. Michigan, Columbia, Harvard, Stanford e outras universidades.

Mundo comunista – China e URSS.

Europa – Institutos e laboratórios. Institutos nacionais de relações humanas, saúde mental. Laboratórios educacionais e de relações humanas.

NTL Europeus – Institutos na Europa continental – UE.

NTL europeu (1962). Schein & Warren mencionam a fundação, na Europa, de uma organização multinacional na linha dos NTL, em 1962. Nesse ano, treinadores belgas, britânicos, franceses, holandeses, austríacos, noruegueses, alemães, e americanos, reunem-se em Lausanne, Suiça, para planear uma organização trans-europeia na mesma linha dos NTL. Desde Julho de 1962, algumas reuniões formais dessa Associação acontecem em Leiden e Paris. Os laboratórios têm pessoal multinacional. [Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons]

Na prática, são muitos institutos, a operar com UE. Na prática, na Europa existem vários institutos, laboratórios e fundações a operar nessa área desde os anos 60-80 para cá. Vários destes institutos trabalham directamente com a UE.

TAVISTOCK – Engenharia psicossocial para gestão de relações humanas.

TIMP – Centro de guerra psicológica para o Império Britânico. Criado em Londres para ser o centro de guerra psicológica e de gestão de massas (da sociedade) para o governo britânico.

TIHR, est. 1947, com assistência Rockefeller. Alan Gregg, o director médico da Rockefeller Foundation atribui uma bolsa ao Tavistock, que resulta no nascimento do TIHR, Londres.

Human Relations (1947), "integração das ciências sociais". Ainda em 1947, Tavistock e Kurt Lewin (nesta altura no Michigan) juntam-se para dar início à publicação de "Human Relations", o periódico internacional. O objectivo de integrar todas as ciências sociais num único corpo teórico-prático de controlo do pensamento e da acção e, consequentemente, das relações humanas, é bem manifesto no título da magazine periódica publicada pelo Tavistock Institute of Human Relations, Londres: "Human relations: Towards the integration of the social sciences", publicada a partir de 1947.

TAVISTOCK (1977) – Transição e turbulência social.

Transição – turbulência social – breaking point. Estudos sobre transição, turbulência e breaking point, de indivíduos, grupos sociais, e sociedades inteiras. Por exemplo, Tavistock determinou que, se um mamífero fosse aterrorizado por um tempo suficiente, acabaria por se tornar dócil e passivo.

Fred Emery, "Futures We are In" (1977). Membro do staff senior de Tavistock. Escreve "Theories of Social Turbulence", que explica mais plenamente em "Futures We Are In"

Teoria da "turbulência social" – adaptação, fuga, desintegração. A teoria indica que, face a uma série de crises, muitos indivíduos vão tentar reduzir a tensão por adaptação e fuga psicológica, como se ficassem anestesiados. Isto gera apatia e conformidade, e pode levar a desintegração social, que Emery denominou de 'segmentação': as pessoas começariam a perder a capacidade de interagir entre si com confiança e ajuda mútua, e depositariam, apaticamente, a sua confiança nas autoridades.

The division bell

O padrão do século 21 é balcanização.

Desindividuação e identidades sintéticas.

Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga.

O cuckoo's nest de Fascismo.

The division bell – o padrão do século 21 é balcanização.

A era pós-moderna é definida por divisão, balcanização, guerras identitárias.

Do micro (indivíduo) ao macro (culturas, países).

A unholy alliance entre psicopolítica e geopolítica.

Manter bárbaros at each others' throats para abrir caminho aos big boys. O mote para a era pós-moderna é divisão, balcanização, seccionamento. Pessoas são internamente seccionadas, depois são viradas umas contra as outras por linhas identitárias, e o padrão macro, do societal ao geopolítico, passa a ser definido por balcanização ao longo dessas linhas; sectarismo, a todos os níveis que possam ser concebíveis. O Iraque é o modelo para o futuro; partição e guerra ao longo de linhas étnicas para controlo multinacional mais fácil. Psicopolítica casa-se com geopolítica e desta unholy alliance surge o padrão para o século 21 – dividir para conquistar. Manter os bárbaros a sufocarem-se mutuamente enquanto agências internacionais, megabancos, corporações e grandes fundações assumem controlo de – tudo.

The division bell – desindividuação e identidades sintéticas.

O indivíduo moldável, dissociativo, sintético / Brzezinski. O mundo pós-moderno é um mundo dissociativo. Está alicerçado em divisão interna e em divisão externa. Indivíduos são divididos internamente, seccionados, para que possam ser instrumentalizados num ambiente sócio/económico inumano, exigindo alternâncias contínuas de registo personalístico e comportamental. Como Zbigniew Brzezinski escreve ainda nos anos 70, o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por uma personalidade integrada e consistente que age enquanto *si mesma*, e não como função de valores sociais. Mas o denizen da sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, flexibilizado, ajustado, moldado, distorcido, a viver não de acordo com a sua própria vida interna mas de acordo com as

exigências e condicionantes do mundo exterior. Um maelström de diferentes registos personalísticos e comportamentais em transições contínuas entre, e dentro de, diferentes papéis sociais. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski.

The ringing of the division bell has begun.

Estereótipos, marcas superficiais de valor e de utilidade social.

No desaparecimento de identidade individual, sentido de identidade é reencontrado em artefactos acessórios. Do macro para o micro, do micro para o macro. Pessoas seccionadas, internamente divididas, moldadas, instrumentalizadas, não podem, obviamente, ser pessoas capazes, responsáveis, morais. Quando alguém não tem uma identidade definida, mas algo que varia com o tempo e com o lugar, é evidente que não pode ser independente ou self-reliant. Tal pessoa vai ser propícia a ver o mundo pelo mesmo padrão divisório em que ela própria se encontra partida. O mundo é facilmente perspectivado como um espaço desindividuado de estereótipos, marcas de identidade colectiva, onde os restantes indivíduos tendem a ser vistos por marcas artificiais de valor e de utilidade social. É preciso ter uma identidade individual coerente para ver, e apreciar, as restantes pessoas como indivíduos. Quando isso não existe, é fácil, senão inevitável, que o mundo seja visto como um espaço dividido ao longo de todas as linhas ao longo das quais é possível dividi-lo: estatuto sócio-económico, ideologia, raça, etnia, sexo, religião, preferências culturais, etc. As pessoas tornam-se rotuláveis pela profissão que têm, pelo carro que conduzem, pela cor da sua pele, pelos sapatos que usam, pelas revistas que lêm.

Situação criada e estimulada pelos big boys, sob guerra psicossocial muito virulenta. E isso é incentivado pelos big boys, que *criaram* esta situação por meio de campanhas ininterruptas de guerra psicossocial, eufemisticamente chamada de engenharia psicossocial; e usam estes vectores para promover divisividade permanente, atomização individual, extremismo identitário.

The division bell – Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga. Tudo isto foi bastante bem ilustrado na sitcom Seinfeld, onde havia aqueles quatro yuppies nova iorquinos, role model denizens, pessoas essencialmente lineares e superficiais, que depois tratavam todas as restantes da mesma forma, como pedaços descartáveis de carne e de nervos, a ser avaliadas e descartadas pelas superficialidades mais ridículas. Jerry Seinfeld é um génio e isso foi muito pouco reconhecido na altura. E foi Seinfeld quem comentou, ainda há uns anos atrás, o modo como a cultura actual já tinha chegado ao ponto de ruptura e de estouro, e que isso era bastante evidente quando havia cantoras que levavam cadáveres para o palco, com sangue, órgãos e esqueletos misturados com mulheres semi-nuas. Sexo e morte, conciliação de Eros e Tanatos, masturbação e suicídio, necrofilia. E é claro que uma pessoa que está Gaga é uma pessoa que está

maluca. Uma lady que está completamente desarranjada, e não é no sentido playful da expressão.

The division bell – O cuckoo's nest de Fascismo.

Indivíduo tornado identitário, sob todo o tipo de artefactos sociais absurdos.

Depois, esses artefactos tornam-se "causas" (e.g. bicicletas e tudo o resto).

O cuckoo's nest, marcado por cinzentismo, consensualidade, quebra de comunicação. O indivíduo moderno é ensinado desde jovem a escolher um conjunto de clubes identitários – do jogo virtual favorito à raça e à etnia. Depois, é ensinado a apegar-se a essas "causas" com o furor que é proporcionado por investimento personalístico total, e a defendê-las contra outras visões com violência fanática (hoje, andar de bicicleta é uma questão de identidade e é uma "causa"; não é só a lady dos cadáveres que está gaga). E é assim que se cria o cuckoo's nest. A pessoa média tende a deixar de ter disponibilidade para ouvir posições contraditórias às suas próprias. Sente essas instâncias como afrontas às suas próprias crenças cristalizadas e tende a reagir de forma agressiva. Essa pessoa média pode aceitar que o outro tenha as suas próprias crenças opostas, contando que não tente trazê-las a debate e afirmar a sua validade. Isso é interpretado como uma tentativa de "impor" pontos de vista, uma tentativa de "conversão". As pessoas tendem a fechar-se em espaços mentais cinzentos, a remeter-se a comunicação cinzenta, consensual, "não-ofensiva" (i.e. estéril), vazia de significado.

Espaço público torna-se intolerante, iliberal, anti-democrático / Fascismo. O espaço público tende a tornar-se num espaço incrivelmente intolerante, iliberal e anti-democrático, um espaço onde o livre debate de ideias e de posições se torna tabu. O livre debate de ideias passa a ser visto como algo que origina "polémica" e "violência" – como sob Fascismo. E isto ***é*** Fascismo.

The Tao of Psychosis – Citações dialécticas de Mao, Engels, Lenin.

Identidade de opostos, qualidade e quantidade, negação da negação. As três leis da dialéctica: Identidade de opostos (síntese obrigatória), transformação de quantidade em qualidade (pensamento delirante puro e simples), negação da negação (negação de um princípio de realidade no pensamento e na acção moral, i.e. nihilismo psicótico).

Um bom training course mental, completo quando a pessoa atinge a luz para perceber o modo como todas as afirmações abaixo são alicerçadas em fluxo psicótico, i.e. nihilismo epistemológico com base na mais completa indistinção entre diferentes instâncias lógicas. Isto é pensamento (?) dialéctico, para Prozac heads.

[citações de Mao excepto quando indicado]

BIBLIO. Nick Knight's Discussion of Mao's Supposed Rejection of the Concept of the "Negation of the Negation" *[This is a section from the introductory chapter of Nick Knight's book,* Mao Zedong on Dialectical Materialism: Writings on Philosophy, 1937 *(M.E. Sharpe, Inc., 1990), a book which consists mostly of Mao's own philosophical writings. A couple clarifying additions have been inserted in brackets. –Ed.]*

«*Marxist philosophy holds that the law of the unity of opposites is the fundamental law (genben guilü) of the universe. This law operates universally, whether in the natural world, in human society, or in man‟s thinking. Between the opposites in a contradiction there is at once unity and struggle, and it is this that impels things to move and change. Contradictions exist everywhere, but their nature differs in accordance with the different nature of different things. In any given thing, the unity of opposites is conditional, temporary and transitory, and hence relative, whereas the struggle of opposites is absolute. Lenin gave a very clear exposition of this law*»

«*The identity of opposites (it would be more correct perhaps, to say their "unity"—although the difference between the terms identity and unity is not particularly important here. In a certain sense both are correct) is the recognition (discovery) of the contradictory, mutually exclusive, opposite tendencies in all phenomena and processes of nature (including mind and society). The condition for the knowledge of all processes of the world in their "self-movement", their spontaneous development, in their real life, is the knowledge of them as a unity of opposites*»

Lenin, "On the Question of Dialectics"

«*If simple mechanical change of place contains a contradiction, this is even truer of the higher forms of motion of matter, and especially of organic life and its development…. Life is therefore also a contradiction which is present in things and processes themselves, and which constantly asserts and resolves itself…*»

Engels, *Anti-Dühring*

«*Engels talked about the three categories, but as for me I don't believe (xiangxin) in two of those categories. (The unity of opposites is the most basic law, the transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity, and the negation of the negation does not exist at all (fouding zhi fouding genben mei you).) The juxtaposition, on the same level, of the transformation of quality and quantity into one another, the negation of the negation, and the law of the unity of opposites is "triplism" (san yuan lun), not monism. The most basic thing is the unity of opposites. The transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity. There is no such thing as the negation of the negation (mei you shenme fouding zhi fouding). Affirmation, negation, affirmation, negation … in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation. Slave-holding society negated primitive society, but with reference to feudal society it constituted, in turn, the affirmation. Feudal society constituted the negation in relation to slaveholding society but it was in turn the affirmation with reference to capitalist society. Capitalism was the negation in relation to feudal society, but it is, in turn, the affirmation in relation to socialist society*»

«*Correct thought should not exclude the third factor, should not exclude the law of the negation of the negation…. The law of excluded middle in formal logic also supplements its law of identity, which only recognizes the fixed condition of a concept, and which opposes its development, opposes revolutionary leaps, and opposes the principle of the negation of the negation…. Why do formal logicians advocate these things? Because they observe things separate from their continual mutual function and interconnection; that is, they observe things at rest rather than in movement, and as separate rather than in connection. Therefore, it is not possible for them to consider and acknowledge the importance of contradictoriness and the negation of the negation within things and concepts, and so advocate the rigid and inflexible law of identity*»

«*…the revolutionary law of contradiction (namely the principle of the unity of opposites) therefore occupies the principal position in dialectics*»

«*The dialectics of Greece, the metaphysics of the Middle Ages, the Renaissance…. It is the negation of the negation…. Lenin's dialectics, Stalin's partial metaphysics, and today's dialectics are also the negation of the negation*»

«*This kind of reversal is also possible in socialist countries. An example of this is Yugoslavia which has changed its nature and become revisionist, changing from a workers' and peasants' country to a country ruled by reactionary nationalist elements. In our country we must come to grasp, understand and study this problem really thoroughly … otherwise a country like ours can still move towards its opposite. Even to move towards its opposite would not matter too much because there would still be the negation of the negation, and afterwards we might move towards our opposite yet again*»

«*The law of the unity of opposites, of quantitative to qualitative changes, and of affirmation and negation, will hold good universally and eternally*»

«*…affirmation, negation … in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation*»

«*It was said that dialectics had three basic laws and then Stalin said there were four. But I think there is only one basic law—the law of contradiction. Quality and quantity, affirmation and negation, substance and phenomenon, content and form, inevitability and freedom, possibility and reality, etc., are all cases of the unity of opposites*»

As Marcuse points out, the concept "disappeared from the list of fundamental dialectical laws" following Stalin's example of 1938. Wetter, too, comments on the "checkered history" of this concept, noting that Stalin's omission of "the law of the negation of the negation" from *Dialectical and Historical Materialism* (1938) meant the disappearance of this law from Soviet philosophy until after Stalin's death. It is also interesting that on its revival in the mid-1950s, Soviet philosophers turned to the writings of Mao Zedong, especially *On Contradiction*, as a basis from which to elaborate the "negation of the negation" from a fresh perspective, one which concentrated on "preserving what is worthwhile of the old state and in elevating and transforming it to a higher positive level".

[i.e. Stalin impôs alguma forma de princípio de realidade na URSS, uma ditadura militar inquestionável [negou a negação da negação, i.e. nihilismo puro]. A prática molda a teoria, como em tudo, neste charlatanismo de feira. Após a morte de Stalin, já

durante a Guerra Fria, a URSS pode entrar de novo num registo nihilista mais ou menos similar, em vários pontos, àquele que havia logo ao início. Provavelmente o conceito da negação da negação, nihilismo, volta para o final da era Kruschev, início da era Brejnev]

The Wonderful Wizard of Oz

[Ver restantes notas sobre ***Engenharia Psicossocial*** , mas também sobre ***Gnosticismo*** e sobre os ***Ishmaili***, para mais sobre técnicas de despersonalização e remoralização – é sempre o mesmo sistema, com variantes. Os elementos conceptuais básicos do método aqui descrito podem ser extrapolados para todos os restantes sistemas de despersonalização, reformatação]

Desintegrar self e criar nova pessoa, utilizável para fins psicopolíticos.

Método de reengenharia humana, para despersonalização e remoralização.

Desintegrar self e preencher o espaço "vazio" com nova essência, artificial.

Método tradicionalmente usado para criar falanges totalitárias e restantes géneros de "escravos mentais".

O sistema Ishmaili. O método de reengenharia humana que é descrito neste texto é, desde há muito tempo, usado para criar quintas colunas totalitárias na sociedade, agrupamentos psicopolíticos especializados em controlo social e, eventualmente, em infiltração, sabotagem, terrorismo (se o objectivo for fazer a tomada de poder sobre a sociedade). Este método emprega toda uma série de conceitos muito importantes nesse contexto, como as ideias de sleeper e de butterfly effect. É um processo de despersonalização/reprogramação. Como os termos indicam, o propósito é o de obter a desintegração do self da pessoa e o preenchimento do espaço "vazio" com uma nova essência, um self artificial, imposto pelo elemento controlador humano. Dessa forma, é possível criar uma nova pessoa – igual por fora, inteiramente diferente por dentro – que pode ser usada para fins psicopolíticos.

Como veremos, este método transforma os seus alvos em prisioneiros mentais, instrumentos humanos ao dispor da entidade controladora. Estão ao nível dos métodos usados pelos príncipes Ishmaili para criar hordas de assassinos, colunistas e escravos sexuais (provavelmente são derivações directas; se é que não são feitos pelos mesmos exactos movimentos). Ontem como hoje, o método é empregue para criar toda uma variedade de formas de servos mentais, escravos mentais, não apenas no campo psicopolítico como, de modo muito demarcado, no campo sexual. Este campo é obviamente dominado por pervertidos.

Hoje, implosão controlada da civilização humana para neofeudalismo global.

Implica reengenharia de largos segmentos da população.

Engenharia memética, saturação mediática, cultura weaponized. Hoje, estamos em plena era de implosão controlada da civilização humana, para imposição de neofeudalismo global. Esse é um processo levado a cabo por agrupamentos totalitários na sociedade, os "soft" ground armies dos centros de poder da oligarquia europeia (alta finança et al). Mas é um processo que envolve a contaminação plena da sociedade humana com impulsos autoritários e destrutivos. Portanto, não é estranho que as corporate media networks de hoje gastem fortunas em assegurar que o público – em especial as novas gerações – seja continuamente submetido a formas de remoralização soft e gradual, derivadas do método aqui descrito (os elementos basilares, os memes, são os mesmos). Isto é feito por meio do emprego habilidoso de engenharia memética, pela mais total e completa saturação cultural/mediática. A actual cultura de massas está *inteiramente* weaponized. É uma arma de guerra psicossocial à mais larga escala; quase nada do que se vê na TV hoje é "seguro". Tudo é reengenharia humana.

Lose your brain – lose your heart – be coward – tag along in the brick road.

Método aplicado individualmente, bastante agressivo e hardcore.

Usa abertamente a metáfora do Feiticeiro de Oz, fábula psicopolítica muito cínica.

Turbilhão existencial – "you ain't in Kansas no more".

The land of Oz – a criança interna, desfigurada na brick road – credo colectivo.

Lose your brain – lose your heart – be a coward lion.

O método como aplicado individualmente é muito hardcore, e é isso que será explicado em seguida. Primeiro, um breve resumo. A metáfora do Feiticeiro de Oz é basilar. O Feiticeiro de Oz é uma fábula muito pervertida e incrivelmente cínica, que codifica os elementos-chave de todo o processo. A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, num enorme turbilhão existencial (furacão). A pessoa vai parar a um literal inferno, onde o seu self vai ser desintegrado e substituído por uma nova essência, de escolha do controlador – o "Feiticeiro de Oz". Esse inferno é Oz, aqui deceptivamente representado como o céu, on top of the world, e uma terra muito dreamy, o que significa alienação, surrealismo e drogas psicotrópicas. Oz é um espaço de tortura, desindividuação, alteração (é a prisão). Em Oz, aquilo que é melhor no ser humano, a criança interna (Dorothy, a alma), vai ser destruída e desfigurada. Vai trilhar uma larga brick road, uma estrada percorrida e calcetada por muitas pessoas desindividuadas e formatadas; significando que vai ser preenchida com uma nova essência, um credo colectivo. Para isso é essencial que perca a total capacidade do seu intelecto, que é subordinado ao irracionalismo do novo credo (o espantalho não tem cérebro). Da mesma forma, tem de perder o coração, significando a consciência e a plenitude de sentimentos (homem de lata); um instrumento não tem cabeça própria nem sentimentos próprios, a não ser aqueles que são estritamente autorizados. Da mesma forma, tem de ser tornada feroz e

agressiva, dentro de certos parâmetros, e em prol da unidade colectiva, mas nunca a título individual, caso contrário poderia escapar-se (o leão que é cobarde).

O produto é um prisioneiro mental, um bom instrumento totalitário.

Irracionalismo colectivo – duplicidade sociopática – destrutividade ("butterfly effect").

O produto é o habitual perfil do quinta-colunista. O humano dependente que é reduzido a insecto social, o team player absoluto. É irracionalista, cego pela forma de fanatismo que é ditada pelo credo grupal que lhe é imposto. A sua consciência moral e os seus sentimentos são ditados pelo novo ethos. Age sempre em bando e não tem a coragem, o intelecto, ou a capacidade de consciência moral para optar por sair. É um prisioneiro, e um bom instrumento. E, um bom instrumento porque é um prisioneiro. O seu novo self é artificial e é artificioso; uma parte essencial desse novo self é a duplicidade. A pessoa processada é sempre um actor/actriz social. Por fora parece a mesma pessoa; por dentro, as regras mudaram, e existe caos, confusão e uma quota parte de sociopatia. Existe muita forma mas muito pouca substância; incoerência, inconsistência, falsidade, são a norma, e não a excepção. Este novo self é auto e hetero destrutivo; espalhar destrutividade e autoritarismo é the name of the game. Mas a destrutividade tende a ser subtil: o acto aparentemente agradável que visa magoar; o abraço acompanhado de uma facada nas costas. Nas mulheres, alvos muito tradicionais (e *extremamente* odiados) de tudo isto, este complexo de situações é caracterizado como o butterfly effect; o doce bater de asas que provoca um tornado hiper-destrutivo.

OZ.

Letras do alfabeto; codificar segmentos psicossocialmente adulterados da população.

E.g. alfas, betas, gen X (cross out), gen Y (why), gen O (zero). Em linguagem oligárquica, as letras do alfabeto costumam ser usadas para codificar condições antropológicas, que são depois aplicadas a segmentos do público em geral. Daí, A é a classe alfa de humanos (e.g. macho alfa); B são os ansiliares dos alfas. Houve a generation X (losers; ones you cross out with an X) e a generation Y (why; ajustados para ser inquiridores – inquisidores), e agora surge a generation O (zero), a geração mais psicossocialmente arruínada dos últimos 100 anos).

"OZ", o buraco negro humano (auto e hetero destruição) / um mundo Oz (extinção). Em OZ, temos O, e O significa zero, ou um buraco. Depois, existe Z, e Z significa "último", "final". Em OZ, o que temos é, de modo muito literal, algo entre "o zero humano definitivo" ou "o último humano", no seguinte sentido, é o humano arruínado que traz finalidade ao mundo através da sua própria nulidade. O "humano OZ" é uma força para destruição; matéria negativa humana. Alguém que age sobre o mundo como um buraco negro humano, que existe para absorver e desmantelar tudo aquilo de valor em volta, e a tudo reduzir ao grande nada negativo que caracteriza o seu próprio interior. Agora, OZ não é apenas o humano que age destrutivamente no mundo. É também o humano O que

faz o salto imediato, no espaço interior de si mesmo, para Z – *fim*. Isto significa que é o humano que se auto-destrói (suicídio mental e suicídio físico). Um mundo OZ é o sítio onde a espécie vai para muito literalmente, matar e ser morta; destruição terrena e extinção.

O tornado existencial e a queda do anjo.

Tornado existencial coloca vida normal (Kansas) em estado de sítio.

"You ain't in Kansas no more" – the land of Oz – sítio estranho e perturbador.

O turbilhão é um processo de assédio calculado e dirigido por especialistas.

"Queimar a pessoa" – choques, caos existencial, inversão de normais.

Obter a "queda do anjo" – desintegração do self, preenchimento com nova essência. "The Land of Oz" é o sítio onde as pessoas vão para ser transformadas neste tipo de criatura. O modo como se chega a Oz é através de um tornado, que coloca Kansas (vida normal) em estado de caos e de fluxo e, após muito pânico e confusão, chega-se a um sítio diferente, e this ain't Kansas no more, é um sítio muito estranho, perigoso e perturbador – OZ. A pessoa está sob assédio, sob bullying, ou mobbing; alguém está a dirigir este processo e, regra geral, vai ser uma organização com capacidades para o fazer (com equipas especializadas, geralmente dirigidas por psiquiatras). A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, de muitas formas diferentes, num turbilhão existencial de choques e imprevistos. Tudo o que antes era tomado por assegurado é sabotado e/ou destruído. A pessoa está a ser "queimada": armadilhada para cair, num abismo de confusão, desespero, depressão. Medo, degradação e debilitação são cuidadosamente cultivados pelos agressores. Todas as medidas de normalidade são invertidas. Valores, crenças, preferências; tudo aquilo em que a pessoa acredita, valoriza, e toma por valioso, ou garantido, estão sob ataque intenso. Isto pode ser feito de muitas formas; pressão de pares, figuras de autoridade, entre muitas outras. O familiar é tornado estranho e o estranho é tornado familiar. A pessoa está a ser colocada num estado de fluxo de consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível. A percepção imediata que lhe estão a tentar passar é a de que não tem controlo sobre nada. Existe sempre intimidação; ameaças constantes sobre a vida e o bem-estar da pessoa. Ultimamente, é esperado que o sentido de self da pessoa seja tornado tão confuso e desarranjado como a sua realidade imediata (num processo de "osmose de caos") e que a pessoa entre num estado de regressão, no qual esteja mais sugestionável a "mudança", num sentido ou noutro (ao longo de todo o processo, a pessoa é bombardeada com sugestões de mudança, neste ou naquele sentido). Aí, pode ser preenchida com uma nova essência, ao longo das linhas que são desejadas pelo controlador. Cair da estabilidade. Queda. A queda do anjo que, eventualmente, se torna no anjo caído; conceito muito importante aqui, o de queda.

Take your happy pills while we rape you, in Oz.

O dreamy place Oz significa surrealismo, imprevisibilidade, drogas psicotrópicas. A fábula é bastante cínica. Aí, Oz é um dreamy place, definido por surrealismo, imprevisibilidade, o estranho tornado normal. E, dreamy places também significam drogas.

Estourar pessoa para crise nervosa, internamento psiquiátrico (o ninho da serpente).

Drogas, abusos, psicadelismo psiquiátrico aberto. No formato mais convencional deste processo, a pessoa é simplesmente estourada (para cair) numa crise nervosa e ser internada psiquiatricamente (eventualmente colocada sob a supervisão do psiquiatra que serviu de consultor para o resto do processo de agressão, despersonalização). E, aí, está no ninho da serpente. Vai ser definitivamente devastada e "reprogramada" por meio de drogas, abuso e psicadelismo psiquiátrico directo. O público não faz a mais pequena ideia dos centros de mal puro que são albergados no seio da sociedade civil.

Oz, a prisão onde Dorothy é poluída e desfigurada.

Oz está no "céu", mas é o inferno, que se substitui ao céu.

Após o turbilhão, existe um novo patamar de estabilidade, a reprogramação em Oz. Durante a reprogramação, a pessoa assenta definitivamente em Oz; o seu self foi desmantelado e o novo patamar de estabilidade é a reprogramação. Como a fábula é cínica, Oz está no céu. Na verdade, Oz é o inferno, mas aqui o inferno substitui-se ao céu.

Dorothy, a criança interna, a ser poluída e desfigurada. Dorothy é a criança interna, o lado mais puro e genuíno da pessoa; a sua própria alma. Em Oz, Dorothy vai ser desconstruída, desfacelada, poluída.

O homem de lata não tem coração (consciência, sentimentos). Vai encontrar o homem de lata, que não tem coração, sentimentos humanos; é frio. A consciência moral e os sentimentos de Dorothy vão ser desfigurados. Dorothy vai deixar de ser capaz de sentir como um ser humano íntegro e genuíno; vai passar a funcionar por prompts aprendidas por condicionamento operante. Em muitas instâncias, se não em toda a personalidade, frieza e desumanidade vão instalar-se onde antes havia amor e humanidade.

O leão cobarde (agressão exercida by stealth, em grupo). O leão é um leão mas é cobarde. Isto significa poder e agressividade, exercidos de formas cobardes e dissimuladas. Dorothy vai tornar-se auto-intitulada e agressiva, mas vai ser cobarde e agir de formas subreptícias e dissimuladas. Tendencialmente, vai praticar agressão no seio de um grupo. Nunca terá de se expor a si mesma; será protegida pelo grupo. Este não é um grupo de "leões", será antes uma colectividade de pussy hyenas.

O homem de palha não tem cérebro (irracionalismo). O homem de palha não tem cérebro, isto é, não tem racionalidade e é incapaz de pensar por si mesmo. Isto significa que a nova Dorothy, desfigurada, será condicionada, enovelada (condicionamento operante), para fazer shutdown às suas capacidades críticas em instâncias específicas. Está-se a criar um instrumento, não um pensador.

A brick road, estrada larga colectivamente trilhada (essência de grupo, credo colectivo). O caminho de despersonalização e de reprogramação é feito pela caminhada por uma estrada larga de tijolos bem agregados entre si (bricks). Nesta linguagem, "bricks" são pessoas. A estrada de bricks é o colectivo de pessoas que estão unidas entre si num mínimo denominador comum de grupo, um qualquer consenso psicopolítico que é promovido pelos controladores. A nova essência com a qual a pessoa vai ser preenchida é uma essência colectivamente partilhada, uma essência de grupo. Este não é apenas um processo de despersonalização é também um processo de reprogramação para *recrutamento* num agrupamento psicopolítico. A estrada é uma estrada larga, e é a estrada de tijolos que, sendo bem agregados entre si, levam à morte, como está escrito nas Escrituras. Acredite-se ou não em Deus, todos estes processos são ***sempre*** feitos em anátema directo e deliberado para com as Escrituras. Deus existe, as pessoas que organizam este tipo de procedimentos sabem que Ele existe, tal como sabem que Ele reduzirá todas estas coisas ao fogo; e isso incentiva estas pessoas, profundamente perturbadas, a uma fuga para frente, no agravar dos comportamentos.

"The man behind the curtain".

"The man behind the curtain" (hoje isto são one way mirrors, CCTV, etc.)

Feiticeiro, charlatão assumido – técnica científica como magia, encanto, divindade.

O "deus" que tenta ser amado e temido por show offs com ilusão e chicanaria.

O poder da palavra, "cast a spell" (psicolinguística, a Serpente de língua bifurcada). Todo o processo é coordenado pelo Mago, o Feiticeiro, que é assumidamente um charlatão. Usa técnica científica, que tenta fazer passar por magia, encanto, para fazer os seus maus trabalhos. O Feiticeiro está por detrás da cortina, e isto hoje significa o terminal de CCTV, o espelho unidireccional e todas as restantes armas psicóticas da surveillance and human reengineering society. Tenta encantar as suas vítimas, fazendo-as acreditar que é "deus" e que deve ser tão amado como temido; mas é tudo ilusão e chicanaria. A sua técnica essencial é o poder da palavra, evocado "by casting a spell". "Spell" significa muito literalmente a soletração de palavras. "Casting a spell" não tem nada a ver com feitiços de fábula, mas antes com o emprego habilidoso da palavra, pelo uso de técnicas psicolinguísticas – a técnica da Serpente no Éden, que usa PNL com Eva. "I cast a spell on you" quando te encanto pelo uso medido das palavras, quando te envolvo na minha teia de uso e manipulação com a língua bifurcada, com a boca mentirosa. Só isso.

Feiticeiro admite ser homenzinho patético a gerir esquema em pirâmide de disseminação de mal. Quando o Feiticeiro é exposto pelo que é, assume abertamente que é um pequeno e desprezível homenzinho, alguém que sente prazer com a sua própria condição de escumalha e pretende induzir mais pessoas no seu esquema em pirâmide de degeneração humana. É nisso que todo o processo consiste; a indução de pessoas num esquema em pirâmide de disseminação de mal. «*Mas vós desviaste-vos do caminho; fizestes tropeçar um grande número de pessoas com o vosso ensinamento*»

Citação. «*"Hush, my dear," he said. «Don't speak so loud, or you will be overheard – and I should be ruined. I'm supposed to be a Great Wizard." "And aren't you?", she asked. "Not a bit of it, my dear; I'm just a common man." "You're more than that", said the Scarecrow, in a grieved tone; "you're a humbug." "Exactly so!" declared the little man, rubbing his hands together as if it pleased him. "I am a humbug."*» "The Wonderful Wizard of Oz"

The sleeper / the butterfly effect.

Reprogramação seguida de "muita calma", em geral sob doses pesadas de psicotrópicos.

"Sono profundo" – sleeper. Após a conclusão eficaz da reprogramação, a pessoa vai levar a vida com muita calma, geralmente sob uma rotina pesada de psicotrópicos. Está naquilo a que se chama de "sono profundo". É uma sleeper.

O estado de larva, o sleeper bug / fora, é a mesma pessoa / dentro, regras mudaram. Uma larva é algo como um sleeper bug, uma criatura lentificada e auto-enclausurada. A larva representa a pessoa no pós-despersonalização. A sua realidade foi destruída, o seu self também, e é agora substituído por um ser inteiramente diferente; por enquanto sob uma forma de letargia interna, para encaixe da programação. Por fora é a mesma pessoa. Mas no interior, as regras do jogo mudaram.

Prompting desperta a borboleta – surge da larva – dança de Shiva.

Bater gentil de asas causa ondas de choque incrivelmente destrutivas – butterfly effect.

Beleza destrutiva (forma sem substância). Em breve, a pessoa é prompted a sair do casulo e a abrir as asas ao mundo. Agora é a borboleta. A borboleta é a criatura que surge da larva e que espalha o caos pelo mundo em redor – "the butterfly effect". Faz a dança de Shiva; o seu bater de asas é aparentemente gentil, mas as ondas de choque que provoca são inacreditavelmente destrutivas. Tem bom aspecto (melhor que na forma anterior), mas não constrói, nem edifica – i.e. forma sem substância. Usa a sua beleza e os seus atributos para *destruir*.

"Efeito borboleta" aplicado a mulheres (para homens, o mesmo género de tema).

Feiticeiro é sempre um homenzinho com ódio e desprezo absoluto por mulheres.

Mas também, influência social / mulheres são naturalmente persuasivas e influentes.

(É por isso que Serpente se dirige a Eva, não a Adão).

Instrumentalização: destruir, diluir num colectivo (real ou imaginário), usar. É claro que o efeito borboleta é aplicado essencialmente em mulheres (existem outros efeitos para homens, mas sempre à volta do mesmo tipo de tema), que são os alvos primordiais deste tipo de procedimento. O Feiticeiro de Oz é sempre um homem e, os homens que organizam este género de actividades têm o mais absoluto ódio e desprezo por mulheres. Sendo bons charlatães totalitários, estão também perfeitamente conscientes da incrível influência social que é detida pelas mulheres. É a Eva, e não a Adão, que a Serpente se dirige, para obter mudança social no paraíso, e tudo isto é bem capturado no velho ditado, "primeiro conquistam-se as mulheres, depois elas tratam das crianças e dos homens" (e é Eva que a Serpente mais odeia, porque teme continuamente que Eva lhe pise e esmague a cabeça; i.e. ao contrário dos mitos culturológicos, as mulheres são vitais para destruir o diabo). Quando se quer efectuar alguma forma de mudança, num qualquer espaço social, há que obter o apoio de uma massa crítica de mulheres; esse é um facto bem conhecido. Sendo totalitários, estes homens não visam apoio consciente e racional; visam pura e simples instrumentalização e manipulação. Isso significa bestialização; destruir o intelecto, o coração, a coragem. Destruir a alma e diluir a identidade numa realidade colectiva (concreta ou puramente mental) que seja impessoal e irracionalista. Depois, usar.

Tornar a pessoa atada com nós e enovelamentos – Razão.

Em todo o processo, a pessoa é enovelada, presa em nós internos. Torna-se *atada*.

"A morte do self é a vitalidade do ser", etc. O maior de todos os nós é aquele que justifica todos os restantes, ao dizer que o estado de condicionamento total é um estado de liberdade total; algo bastante promovido pela introdução de filosofia hindu em todo este processo ("a morte do self é a vitalidade do ser" e outro tipo de nonsense deste género).

Nós emocionais. Do lado emocional, a imposição de nós significa que a pessoa é presa e condicionada por nós emocionais, prisões internas, caixas internas para os sentimentos e para as emoções.

Nós impostos à Razão, para a manter atada e presa.

O ataque ao verdadeiro, ao bom e ao belo / substituição por falso, mau e feio.

A duplicidade inconsciente (diabo como Deus) vs consciente (Deus como diabo).

Fazer mal (bem) para alcançar a utopia (paraíso) e encontrar salvação (destruição).

Mas os principais nós são aqueles que são impostos à Razão, para a manter atada e impedir o seu desenvolvimento. A Razão é desenvolvida pela procura e apreciação daquilo que é verdadeiro. Existe *verdade epistemológica e empírica*; o lógico-abstracto e o factual. Existe *verdade moral*: aquilo que faz de alguém uma pessoa *verdadeira*, por oposição a uma pessoa *falsa*; e aquilo que distingue o *bom* (e.g. ser honesto) do *mau* (e.g. ser mentiroso). Existe verdade estética; o belo é o verdadeiro e o belo é o bom. A mente Racional desenvolve-se pela procura, conhecimento e apreciação do verdadeiro; como *sempre* foi conhecido.

Os nós que são impostos visam neutralizar a limpidez cristalina de tudo isto. Portanto, começam por atacar a ideia de verdade epistemológica e factual, pela imposição de pensamento oximórico, auto-contraditório; e.g. "a única verdade é que não existe verdade". Se não existe algo como um valor de verdade, então não se pode dizer que existe verdade moral. Uma pessoa não pode ser *verdadeira* ou *falsa*. Não existe *bem* ou *mal*. Tudo é relativo, aceitável, **situacional**. Nihilismo epistemológico e moral. É claro que o mesmo se vai depois aplicar a verdade estética. A pessoa processada vai sê-lo para considerar que o "belo" é o falso e o mau. Porém, isto é algo que só opera ao nível do consciente. Aos níveis subconsciente e inconsciente, continua a haver o conhecimento elementar do bom, do verdadeiro e do belo. É por isso que existe sempre um paraíso artificial imaginário ("Oz", "utopia"), com um novo deus (o "feiticeiro", o "príncipe", o "mestre") que, ao nível puramente imagético e memético, reúne os atributos do bom, do belo e do verdadeiro. O efeito obtido é algo como a pessoa processada acredir em Deus, ao nível inconsciente, mas trabalhar voluntariamente para o diabo, ao nível consciente. A pirâmide interna consciente de mal e de falsidade é construída sobre uma raíz de divindade "verdadeira e benevolente". O diabo torna-se Deus, a utopia prometida torna-se o Paraíso, fazer mal para alcançar a utopia torna-se fazer bem. A utopia é salvação, mas a utopia não existe; é um sistema memético para manter o seguidor sob controlo, a perseguir a própria cauda. Tudo o que existe é a auto e hetero destruição que é trazida através do reino de falsidade e mal. [*Aliás, se o Feiticeiro fosse honesto, falaria de "eutopia" (lugar bom), mas como não é, promete "utopia" (lugar vazio, nada, vácuo); é um dos muitos modos de fazer troça dos tolos voluntários*].

E tudo isto é imposto pela imposição de nós paralógicos que sabotam e delimitam o funcionamento consciente em caixas fechadas e prescritas.

Fetiches – "dança", "utopia", "nós", "maravilhoso", "mudança", etc.

<u>Fetiches mentais e discursivos reincidentes</u>.

<u>Tudo é groovy, trippy, dreamy, "um sonho" – "sonhar" – fantasioso substitui real</u>.

<u>A "família", o colectivo – linguagem colectiva – "eu" substituído por "nós"</u>. Existem alguns slogans típicos, fetiches mentais reincidentes no discurso, que são associados a

esta forma de reprogramação mental. A incidência no tema da borboleta (mais à frente) é um bom exemplo. "Maravilhoso" é algo que caracteriza todo o processo; tudo aqui é "maravilhoso". Este é um fetiche discursivo habitual. Anda a par e passo com "groovy", "dreamy", "trippy", "um sonho", "uma trip". "Sonhar", estar apaixonado por fantasia, trocar o real pelo dreamy place que foi prompted [os 60s foram muito importantes na disseminação deste tipo de lavagem cerebral, com as comunas dirigidas por psiquiatras, sociólogos, psicólogos (gente de Palo Alto e afins)]. A "Family" de Charles Manson é apenas uma pequena demonstração de tudo isto. Existe sempre uma "família" alargada, adoptiva, que surge disto, uma forma de clã colectivo, real ou imaginário. Quem está na "família", diz "nós". Já não existe "eu", agora existe uma parcela de "nós". "~~Eu vou~~ *Nós* vamos fazer isto ou aquilo" (é bastante perturbador ouvir este tipo de despersonalização).

Relativismo moral nihilista para atingir "coisas maravilhosas".

"Utopia" (o nada, o vazio) vs. eutopia (sítio bom); a troça com os tolos voluntários.

"Deixar tudo isso para trás" – "mudança", "mudar" – "brincadeira".

"Dança", a dança de Shiva pela borboleta.

"Pretty colors", "shiny white lights", "shades of gray".

Obsessão com forma em preterimento de substância.

Novo self é dúplice, segmentado, fragmentado, sociopático. "Deixar todas essas coisas para trás", "deitar tudo para trás das costas"; e este *tudo* é o antigo self e tudo o que o caracterizava e distinguia do "novo" self que é enfiado pela garganta da pessoa abaixo (valores, crenças, etc.) Portanto, "mudança" é bom per se; "mudar" é intrinsecamente positivo («*mas, mudar porquê, para onde e para quê?*» Mental shut down). "Mudar" para o mundo maravilhoso prometido pelo Feiticeiro implica fazer mal, prejudicar, e isso também é maravilhoso. Algo que se faz a brincar, algo que é uma "brincadeira". Merry pranksters. The Joker. Relativismo moral nihilista em prol de utopia é muito importante em tudo isto. "Utopia" também, claro. Agora, "utopia" é pura e simples banha da cobra (ou, da Serpente). Aliás, "utopia" significa "lugar com nada" – "vazio". Se o Feiticeiro fosse honesto, diria "eutopia" ("lugar bom"); "utopia" significa que se está a fazer troça da vítima, do instrumento.

"Dança". "Dançar" é "maravilhoso", traz coisas "maravilhosas". Onde tudo é "maravilhoso", existem muitas "cores bonitas" ("pretty colors" e "shiny white light", caracterizando espaços de alienação mental sob shut down racional), mas também muitas "shades of gray" (relativismo moral, o nihilismo situacional usado pela borboleta que dança para trazer destruição e pensa que está a fazer algo de "maravilhoso"). Esta "dança" não é dança real, ou bonita; é a dança de Shiva, a dança do deus que traz destruição criativa, i.e. destrói tudo no mundo em redor com os movimentos de anca, na fuga do caminho recto, em saltos caóticos "para a direita e para a esquerda". Existe sempre uma obsessão com a forma por preterimento da substância. A própria pessoa é

tornada toda forma, substância zero. É agora uma espécie de actor/actriz social, bastante literal. Por fora, o cidadão modelo. Por dentro, uma espécie de confusão caótica de elementos, uma forma de inferno mental, por vezes partido e segmentado em múltiplas personalidades. O lado mais preocupante em tudo isto, o perfil sociopático, dominado por nihilismo moral e intelectual e pelo seu correlato imediato, auto e hetero-destrutividade.

A escuridão é a ausência de luz.

Entra-se em Oz por um labirinto caótico e enovelado – segue-se para morte.

Sai-se pela escolha do verdadeiro, do bom e do belo (quebrar programação).

A saída é a entrada no real, por Yeshua, o Cordeiro de Deus. Este é um dos muitos caminhos que levam à morte. Entre vida e morte, escolhe-se vida. A saída para tudo isto é simples, e bastante óbvia. É preciso reconhecer que se vive numa fantasia, imposta por charlatães. É preciso cortar com a fantasia; cortar entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso e optar pelo verdadeiro, em todos os domínios da vida. Só a partir daí é possível reconstruir o self e, com o self, o intelecto, a consciência, a coragem. O caminho que se fez em Oz foi labiríntico e confuso, para enovelar a pessoa e a mente em voltas ininterruptas de engano e de falsidade. Para sair, não se tenta reproduzir esse caminho. Pelo contrário, corta-se a direito, e isso é feito pela proverbial escolha do verdadeiro, do bom, e do belo – o caminho recto. A saída só pode realmente ser feita por meio de Yeshua, o Cordeiro de Deus, que *já* deu o próprio sangue para possibilitar essa saída, para todos. É Yeshua quem dissolve todos os nós e é Yeshua quem regenera a criança que foi desfigurada, a alma. A criança genuína conhece-O bem.

THIRD WAVE – Geração de colectivismo, fascismo

Third Wave – A experiência.

Mudança social, comportamento de gang, pressão de pares.

Motes – Força através de disciplina, comunidade, acção, orgulho. "Strength through discipline, strength through community, strength through action, strength through pride".

Onda. O padrão de mudança – movimento, direcção, impacto.

"Energia positiva".

Detalhes da experiência. Escola secundária em Palo Alto, Califórnia, organizada por um professor de História, Ron Jones. Jones disse aos seus alunos que o movimento, "The Third Wave", visava eliminar a democracia, por enfatizar o valor do indivíduo – isso seria uma falha no sistema democrático. Persuadiu-os de serem um movimento à escala nacional, de brigadas de juventude, para trazer mudança social radical. A experiência prolonga-se durante 2 semanas, em Abril de 1967. No final, Jones mostra-lhes o caminho que estavam preparados para seguir – o III Reich.

Third Wave – Comunidade e disciplina.

Comunidade. Fazer parte da equipa, ser um team-player. Ser a peça na máquina.

Disciplina colectiva. Obediência inquestionada à vontade do grupo.

Ser "born again in the group" – vender a alma ao grupo. Born again in the group – uma nova consciência moral, uma nova alma (ou melhor dizendo, a destruição da alma e da consciência individual). Aceitar vontade do grupo acima das próprias convicções morais, independentemente do mal causado a terceiros. Aceitar que amigos e vizinhos sejam perseguidos e destruídos.

Fanatismo e irracionalismo – um pseudotranse. Pessoas deixam de ter espírito crítico, adoptam uma forma de transe. Fanatismo e irracionalismo.

Comportamento criminoso em nome do grupo. A pessoa normal assume rapidamente um comportamento criminoso, desde que o faça em nome do grupo. O grupo, o bem comum do grupo, torna-se mais importante que os direitos do indivíduo.

Uma forma insidiosa disto – demissionismo e cobardia. Demissionismo: “não posso fazer nada”, “não posso dizer nada”. Enquanto respiras, há sempre algo que podes dizer, ou fazer. Todos são responsáveis pelas suas próprias acções.

Third Wave – Orgulho.

Orgulho – “team spirit”. Espírito de grupo, de comunidade. Sentido de exclusividade, elite, fraternidade. Fazer parte de algo especial. Fazer parte de algo maior.

Divisão do mundo entre **ingroup** e **outgroup**. O sentimento de se ser especial é geralmente por oposição a um outgroup, um grupo inferior, demonizável por todos os males do mundo.

Liberdade individual é trocada por sentimento de superioridade.

Fraternidade, oligarquia – códigos, benefícios. Códigos secretos, e benefícios sociais para os membros do grupo, por oposição ao resto da sociedade.

Third Wave – Acção.

Acção colectiva, trabalho colectivo, sacrifício colectivo. Acção colectiva – tomar acção como parte de uma máquina bem oleada. Trabalho colectivo, sacrifício colectivo.

Ingroup – benefícios sociais.

Outgroup – violência dirigida.

Espionagem, hostilização, intimidação, terrorismo. Hostilização e agressão de adversários, dissidentes, ou bodes expiatórios, em nome do bem comum. Os fins justificam os meios. Sacrifícios são necessários.

Integração universal. Quem não quer ser integrado, é hostilizado e alterado até querer.

Fascismo – concertação de mónadas sociais. Fascismo é algo que está em cada um, latente, na entrega ao grupo. Múltiplas mónadas sociais a agir em concertação, quer os membros o saibam ou não.

<u>TIHR e Lewin (1947) – Engenharia psicossocial para mudança guiada</u>.

TAVISTOCK – <u>Engenharia psicossocial</u> para gestão de relações humanas.

<u>TIMP – Centro de guerra psicológica para o Império Britânico</u>. Criado em Londres para ser o centro de guerra psicológica e de gestão de massas (da sociedade) para o governo britânico.

<u>TIHR, est. 1947, com assistência Rockefeller</u>. Alan Gregg, o director médico da Rockefeller Foundation atribui uma bolsa ao Tavistock, que resulta no nascimento do TIHR, Londres.

<u>Human Relations (1947), "integração das ciências sociais"</u>. Ainda em 1947, Tavistock e Kurt Lewin (nesta altura no Michigan) juntam-se para dar início à publicação de "Human Relations", o periódico internacional. O objectivo de integrar todas as ciências sociais num único corpo teórico-prático de controlo do pensamento e da acção e, consequentemente, das relações humanas, é bem manifesto no título da magazine periódica publicada pelo Tavistock Institute of Human Relations, Londres: "Human relations: Towards the integration of the social sciences", publicada a partir de 1947.

Kurt Lewin (1947) – O desenvolvimento das ciências sociais durante a II Guerra.

<u>Desenvolvimento das ciências sociais durante II Guerra comparável à bomba atómica</u>.

<u>Antropologia cultural aplicada, experiências com grupos</u>.

<u>Capacidade de combinar factores económicos, culturais, psicológicos</u>.

<u>A guerra acelerou a mudança em ciências sociais a um novo nível de desenvolvimento</u>.

<u>Mudança marcada por integração das ciências sociais, indução de mudança social</u>.

«*One of the by-products of the second World War of which society is hardly aware is the new stage of development which the social sciences have reached. This development indeed may prove to be as revolutionary as the atom bomb. Applying cultural anthropology to modern rather than "primitive" cultures, experimentation with groups inside and outside the laboratory, the measurement of socio-psychological aspects of large social bodies, the combination of economic, cultural, and psychological fact-finding… the war has accelerated greatly the change of social sciences to a new developmental level. The scientific aspects of this development center around three objectives: 1. Integrating social sciences. 2. Moving from the description of social bodies to dynamic problems of change. 3. Developing new instruments and techniques*

of social research» [Kurt Lewin (1947). “Frontiers in Group Dynamics”, *In* Field Theory in Social Science]

BM

TOFFLER (1997) – Revolução cultural e tecnológica – Sociopatia.

[Prefácio a "In Athena's Camp" – Contexto, pós-modernismo sociopático].

Verdadeira revolução quando toda a estrutura social muda.

Instituições civis entram em crise, incluíndo família, papéis sociais, valores, cultura.

Avanços (ou retrocessos) tecnológicos criam perturbação económica.

[**Edit**] «*A true revolution occurs when the entire structure of a society changes… civil institutions fall into crisis. Family and role structures change. Other changes shake the culture and the value system. Technological breakthroughs (or breakdowns) create an economic upheaval… all these produce something far more profound than "revolution" in the customarily narrow sense of the word*»

[**Original**] «***A true revolution occurs when the entire structure of a society changes**, not just when the palace and the local television station are captured by "coup plotters." In a real revolution, **civil institutions fall into crisis**. **Family and role structures change**. Other **changes shake the culture and the value system**. **Technological breakthroughs (or breakdowns) create an economic upheaval**. Taken together, all these produce something far more profound than "revolution" in the customarily narrow sense of the word. And this revolution in the larger sense causes a revolution in military affairs as well*» Alvin & Heidi Toffler, Foreword to John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation.

UCR – Psiquiatria negra – Processo geral de despersonalização e reprogramação.

RACIONAL – Quebra e reprogramação de psique e comportamento. Provocar um colapso identitário. I.e., desintegrar a personalidade e a identidade, ou partes das mesmas. Preencher o espaço vazio com uma nova essência, i.e., reprogramar o indivíduo com um novo sistema de crenças, gostos, e padrões comportamentais.

→ Ou seja, apagar mentes e reprogramá-las.

→ Processo gradual, passo-a-passo.

1. Choques dialécticos – Induzir confusão, caos mental, psicoticismo. A ideia é submeter o paciente a choques controlados, tese-antítese, para mudança comportamental. Os choques podem por vezes ser intensos. Nestes casos, o que temos é, em essência, o virar a vida da pessoa de pernas para ar de uma forma ou de outra, por vezes de várias formas.

2. Isolamento, degradação, monopolização perceptiva – "Loucura" induzida. Deprivação sensorial, monopolização perceptiva. "Imobilizar" o indivíduo. Provocar um género de loucura induzida.

2a. Guerra cognitiva. Destroçar tudo aquilo em que a pessoa acredita e toma por valioso, ou garantido: crenças, valores, preferências.

3. Psicadelismo – Rotinização do imprevisível – Fluxo e ausência de controlo. Atravessam o processo, do choque ao "sono profundo". Ideia é gerar um estado de fluxo da consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível. Logo, percepção de que indivíduo não tem controlo sobre nada.

4. Reprogramação – Através de pressão externa – Auto-traição. Através de figuras de autoridade e pressão de pares. Intimidação, ameaças. Teatro de omnipotência, omnisciência. Exige auto-traição. A pessoa tem de *saber* que está a ser pressionada a mudar crenças e comportamentos, e aceitar voluntariamente fazê-lo.

4a. Reprogramação – Uma nova essência. Depois, a pessoa é preenchida com uma nova essência, reformulada pelas linhas desejadas pelo controlador.

4b. Superego social ambivalente. O indivíduo tem de aceitar submissão a um superego social ambivalente, ambíguo: este superego é providenciado pela parte agressora, que surge também como a parte amiga, confidente e salvadora. As máscaras teatrais.

4c. Dinâmica de grupo, pressão de pares. Rodear o indivíduo com um grupo de pares que vai ser hostil às suas atitudes e que não vai ser solidário ou tolerante com elas. Vai exigir que indivíduo mude as suas perspectivas em troca da harmonia com o grupo. Produzir ansiedade ao ponto a que sistemas normais de coping não prevaleçam. Forçar

conformidade. Bombardear com “sugestões de mudança”. Tudo isto pode ser feito de forma aparentemente simpática.

5. Sono profundo. Pacificação após conclusão eficaz da reprogramação. A pessoa vai levar a vida com muita calma, geralmente sob uma rotina pesada de psicotrópicos.

5a. Transformação – “The walking dead”. Método transformacional, com um sorriso e um abraço de grupo. É a forma mais diabólica de transformação; ao passo que no método tradicional de conversão forçada, o corpo podia ser torturado ou até morto, mas a alma ficava, a ideia aqui é bastante mais perversa: o corpo fica mas a alma é morta e absorvida num grande colectivo disforme – os mortos ambulantes, zombies [the walking dead].

Um pesadelo não é um sonho e um sonho não é um pesadelo.

Se sentimentos forem princípio de realidade, mente entra em negação perante pesadelo.

Não pode ser um pesadelo, tem de ter aspectos bons e positivos.

Pesadelo justificado, racionalizado, até romantizado. A complexão psicológica narcísica impele a pessoa a colocar o *sonho* acima de tudo o resto; os seus sentimentos são o princípio de realidade, e tudo o resto tem de se ajustar a esses sentimentos. Algumas vezes, a realidade externa pode ser apresentada como fácil e fluida, um simulacro com aproximação ao sonho. Mas outras vezes, a realidade externa é transformada num pesadelo. Aí, a mente narcísica entra em negação; é imatura e não consegue acreditar que possa estar, efectivamente, num pesadelo. A tendência será a de se ajustar, adaptar ao pesadelo. Para isso, a pessoa vai-se centrar nos "aspectos positivos" do mesmo, aqueles que alimentam a esperança ilusória na obtenção do sonho. A gestalt total de pesadelo tem, em si, de ser racionalizada, justificada. *Não pode ser um pesadelo, tem de ser algo com aspectos bons e positivos*. Por imaginação dialéctica, o pesadelo é justificado ou até romantizado.

Maturidade mental implicaria encarar pesadelo como pesadelo e combatê-lo. É claro que a reacção mentalmente madura seria a de encarar o pesadelo de frente, pelo que é, e combatê-lo. Mas, para isso, seria necessário admitir que o sonho não é possível ou, é condicional a sacrifício pessoal (qualquer uma delas inímica a narcisismo).

Sem amor à verdade, narcisista pode até tornar-se numa força que sustém o pesadelo. Não tendo amor à verdade, mas apenas aos sentimentos, o sujeito narcisista adapta-se rapidamente às condições do pesadelo. Centra-se pura e simplesmente na procura de "aspectos positivos" e de "doces sociais" no seio do pesadelo, e esse passa a ser o seu driver existencial. Daí, pode tornar-se uma força para aprofundar o pesadelo (o pesadelo humano é geralmente criado por idiotas narcísicos a agir egotisticamente para maximizar ganhos).

Anjo ganha coração humano e depois torna-se num demónio. O anjo pode ser degradado para ganhar um coração humano (narcisismo) e, daí, tornar-se num demónio ajustado ao inferno terreno.

O exemplo The Prisoner e as duas mensagens.

"Wake up and smell the coffee" – a importância das mulheres. Na versão mais recente da série The Prisoner, a versão americana (e essa versão é má, mas tem alguns pontos de interesse), existe o momento em que se percebe que todo o pesadelo social é sustido pelo adormecimento da esposa do Number 2 (é o pesadelo que é conjurado pelo sono da mulher). Quando o Number 6 se torna no novo Number 2, e se junta com a outra moça, a psicóloga/torturadora, isso liberta a esposa do antigo Number 2. Agora é a nova esposa, a esposa do Number 6, que adormece e sustém o pesadelo, enquanto o Number

6 o opera e comanda. Duas mensagens importantes. A primeira é a de que quando as pessoas estão a dormir para o mundo real (ausentes do mundo real, imersas num mundo de sonho), coisas más acontecem. O pesadelo acontece quando as pessoas se ausentam do mundo real, não o encaram de frente, não se interessam, não assumem responsabilidade. So, wake up and smell the coffee. Segunda mensagem, as mulheres são tão importantes. Como Hitler e Nero diziam, quando capturamos a mente feminina, a seguir vem a mente dos filhos (determinada pela mãe) e, no fim, o homem não tem alternativa a não ser sujeitar-se. Uma boa sociedade tem de ter mulheres maduras, fortes e responsáveis.

UN sugar daddy state – Notas sobre ONGismo "feminino" da ONU.

Termo "mulheres" destacado *ad nauseam* [registo espécie protegida]. Este registo consegue tornar a palavra "mulheres" num termo tedioso, desconfortável, cansativo – o efeito típico quando a ONU pega numa palavra. Moças, gajas, chavalas, fêmeas, raparigas, girls, tudo se torna mais apelativo que "mulheres".

(1) Saúde reprodutiva (UNFPA) – Aborto e esterilização. Dos anos 70 para cá, a prática habitual tem sido coerção, na linha da China, vista pela UNFPA como um modelo de boas práticas. Quando estas práticas não são coercivas, costumam ser feitas por incentivo, no que é uma forma bastante deselegante de suborno: as mulheres-alvo são premiadas com subsídios especiais ou até mesmo prendas materiais (telemóveis e outros).

(2) O novo mote UNFPA, "emancipate yourself, become a callgirl". A UNFPA tem vindo a defender o "direito" a monstruosidades como prostituição, pedofilia, narcóticos (no 3º mundo e não só) como medidas de emancipação social.

(3) UNFPA reaviva tradição feudal – atar tubos, fazer desmanchos, prostituir-se. A mulher é emancipada quando ata os tubos e quando vai prostituir-se para uma esquina, de forma a ganhar dinheiro para um derivado de ópio afegão. Ainda melhor se for uma menina pequena. Não é difícil conceber um futuro onde a mulher média já não consiga obter qualquer patrocínio "privilegiado" para uma PME (irão na mesma direcção que o resto do mundo), mas obterão microcrédito para montar um salão de beleza/prostituição, na comunidade. Esse salão poderá ter uma pequena smart shop para narcóticos geneticamente alterados. Depois, também terá uma pequena e não-higiénica sala de fundos para fazer desmanchos e para atar tubos.

(4) Balcanização psicossocial do 3º mundo com ONGs "femininas" [*sugar daddy state*]. Dois pontos de relevo. Primeiro, usar engenharia psicossocial para balcanizar o público feminino no 3º mundo, como forma de disromper padrões culturais tradicionais, infiltrar e alterar as culturas desses países. Segundo, obter (aparente) colaboração de público feminino (expresso em ONGs e associações locais) para políticas "local to global". Como Nero e Hitler diziam, o *sugar daddy state* tem primeiro de doutrinar as mulheres; a seguir, elas encarregam-se dos filhos; os homens acabam por se juntar no final. Aqui, a doutrinação é particularmente pervertida.

(5) Sistemas especiais de crédito [3º mundo] – balcanização, colateralização financeira. Em vários países do 3º mundo já existem sistemas especiais de microcrédito para "mulheres empreendedoras". Em si isto não é mau, ou pervertido (bem pelo contrário). O problema é que o sistema em si não visa equalizar ou balancear relações *per se*, mas sim avançar a balcanização sexual e a disrupção cultural que são mencionadas no ponto anterior. *É preciso, portanto, cooptar isto em sentidos bons e produtivos: equalização real de relações/promoção de paridade e o desenvolvimento de classes médias*

empreendedoras nos países em causa. Porém, em África já se chegou ao ponto em que é normal haver zonas onde apenas mulheres podem ter uma pequena ou média exploração agrícola (depois de apartheid racial, existe agora a ascensão lenta de uma nova forma de apartheid, "apartheid económico sexual"). É claro que isto também visa alimentar a colateralização do sistema de derivativos. Em alta finança, só se avança crédito a uma sociedade por dois motivos: colocar as pessoas a trabalhar para colecta de juros e para confiscação de propriedade durante ciclos *boom/bust*; e colateralizar valores financeiros, hoje em dia, derivativos.

(6) Destruição psicossocial não é novidade em África, mas situação é agravada. Isto não é novo para África que, de há 100 anos para cá, tem vindo a ser submetida a todas as formas concebíveis de manipulação sócio-cultural. Mas agrava a situação. Os problemas sociais que são causados por este tipo de subversão psicossocial deliberada (é isso que está aqui em causa) juntam-se ao agregado geral de destruição cultural, para criar todas as formas de caos intergeracional. Esta é uma forma de destruição particularmente pervertida, visto que visa destruir a *família* africana (e, consequentemente, a natalidade) mas, mais que isso, extirpar o homem como figura com importância na sociedade africana. O homem é a base da sociedade tribal/independente/descentralizada africana; algo que *é africano* e que daria excelentes resultados numa base económica, se África não estivesse sob ataque permanente há gerações. Quando o homem está fora do caminho, e as ONGs passaram anos a bombear o sistema com propaganda e dinheiro, para criar uma nova classe de mulheres que pensam e agem como comissárias ONU, o que acontece é que a multinacional pode chegar e montar o estado organizado totalitário, usando uma nova classe *afrikander*, desta feita mulheres doutrinadas a ser auto-intituladas e a ver os homens como seus inferiores – e, crianças como fardos. A primeira grande fase de ataque psicossocial sobre África surge na forma de desculturalização forçada e apartheid racial, dos 1870s em diante. A segunda grande fase começa mais ou menos 100 depois, e consiste em balcanização ao longo de linhas tribais; manipular africanos para matar africanos. A terceira grande fase surge agora, no século 21, e promete vir a ser (se continuar à velocidade actual) a mais perversa de todas: virar mulheres contra homens e vice-versa, destruir a infraestrutura familiar a partir de dentro.

(7) O perfil da comissária ONGista ONU para 3º mundo: elitismo e *noblesse oblige*. As mulheres (ou, em certos casos, os homens) que são doutrinadas para ser as comissárias para este tipo de programas, são-no em geral desde pequenas, em escolas especiais insuladas do mundo. Com efeito, a generalidade destas raparigas são ricas, provenientes das famílias oligárquicas dos respectivos países. É-lhes ensinado um novo *mythos* elitista. A estrutura de crenças começa por ser alicerçada em pensamento dialéctico, pelo qual todos os fenómenos humanos ocorrem por conflito e confronto – com efeito, o próprio avanço humano só é possível por meio de uma forma ou outra de confronto, guerra, exploração. Depois, isto é complementado com falsas versões da História, radicadas em ódio racista e elitista para com grupos específicos: os pobres, a classe média, esta ou aquela nação, ou raça. É ensinada uma forma de hegelianismo marxista,

pelo qual o melhoramento geral da humanidade será possível por meio do avanço de uma classe de elite (uma oligarquia) que tem o dever de disciplinar e ordenar o resto da humanidade. É um *dever*; chama-se *noblesse oblige*. A jovem Miriam, angolana ou congolesa, filha de uma família rica, aprende que tem a obrigação nobiliárquica de ordenar o mundo à sua volta, para extirpar todas as fontes de desordem e vulgaridade. Aprende a admirar Karl Marx, Cecil Rhodes, Jan Smuts, Jean Paul Sartre. Aprende racismo científico, ódio de classe, arrogância existencial. Da mesma forma, aprende a ver o mundo em termos dialécticos: mestre/escravo, dominador/dominado, sádico/masoquista. Depois, recebe o dinheiro da família para colocar em prática a filosofia prussiana na sua própria terra. Foi mentalmente colonizada e pode avançar a neo-colonização do seu próprio povo, do qual *não sente que faça parte*. Com efeito, despreza-o e, em boa medida, odeia-o. Secundário em tudo isto é o *mythos* da vitimização de género historicamente ubíqua. É um *mythos*, uma invenção histórica; apesar de nem toda a gente o saber, esse não é o caso com os seus principais proponentes, que o sabem do modo mais cristalino possível. Este mythos é encarado como mais uma pré-condição essencial, fundacional, a "mentira nobre" que permite colocar em prática a *noblesse oblige*. Jan Smuts precisou do *mythos* da inferioridade do homem negro.

<u>(8) ONGismo comunitário, sopeirismo</u>. O passo seguinte é o de levar a nova doutrina, reempacotada sob formas pós-modernas, a grupos e associações de jovens desculturalizados, cultivados em violência urbana, histórica e filosoficamente ignorantes. Estes grupos podem depois agir como portadores do novo evangelho de reengenharia social e colonização cultural, em várias ONGs e outros destacamentos deste género, sob bolsas atribuídas pelos grandes interesses financeiros que lucram com todo o processo. É claro que a organização e a liderança desses grupos é assegurada pelo tipo de perfil elitista atrás mencionado. O sujeito saído da escola de elite, treinado em técnicas de psicologia social, pode agora recrutar e manipular (algo que *sabe* que faz) a nova força de desaculturação. Esta é, aliás, uma repetição do processo conduzido há mais de 100 anos atrás no mundo ocidental, quando muitas senhoras "educadas" da elite eram usadas para organizar redes de controlo eugénico nos bairros pobres das sociedades industriais. Estas senhoras eram chamadas de "sopeiras" porque colocavam em prática a velha prática de "sopeirismo", pela qual um pobre poderia receber uma *sopa* (estamos a falar de meios condenados ao mais básico nível de subsistência) em troca de fazer um serviço qualquer por quem tinha, literalmente, a mão na massa. As "sopeiras" eugénicas de há 100 anos atrás permitiriam que uma rapariga "inapta" não fosse condenada a ter os tubos atados, ou a desmanchar a gravidez, contando que viesse a fazer "algo de útil pela comunidade". Este é o mesmo tipo de praxis e de mentalidade que prevalece no ONGismo actual. Na prática, não é nada mais do que a expressão neo-colonial das antigas "caridades" imperiais europeias, instituições que organizavam as comunidades para exploração colonial.

<u>(9) O *mythos* do eterno apartheid homem-mulher</u>. A comissária UN Women actual precisa do *mythos* da guerra dos sexos e do apartheid sexual histórico – algo que, na

prática, só existiu, ou foi relevante, ao nível das classes oligárquicas das quais ela própria ascende. Ao longo da história, todo o resto da sociedade é geralmente composto de escravos e servos, iguais na sua exploração e sob a condição servil em que são mantidos. Isto é particularmente verdade no *benchmark* que costuma ser dado para a ideia de *apartheid* homem/mulher: a civilização ocidental. Mostrar uma parte da realidade sem mostrar tudo o resto é uma forma hábil de mentir e, é isso que costuma ser aqui feito, com um foco míope sobre os hábitos misantrópicos de parte da oligarquia. De fora é deixado o facto de que, ao longo de séculos de história, o homem e a mulher médios eram igualmente escravos e explorados. Por exemplo, durante a Idade Média, a generalidade dos homens sob servitude feudal nem sequer tinham autorização para casar, ou para procriar. Nas aldeias, as "melhores" mulheres eram comummente reservadas a gineceus nobiliárquicos, onde passavam o resto das suas vidas sexualmente activas como prostitutas e mães de bastardos. Em muitas fases da civilização europeia, esteve em vigor o sistema que foi depois usado nas plantações: as mulheres eram regimentadas em grupos sociais e recebiam privilégios especiais em troca de manterem os homens sob controlo. Isto implicava espionagem de hábitos e costumes mas, também, muitas outras coisas. Com efeito, isso é aquilo a que a ONU costuma chamar de "sistema matriarcal". Este sistema (na verdade, construído sobre balcanização e mau carácter) moldou uma enorme parte da história civil da Europa, durante séculos. É, com efeito, o sistema de organização social prevalente na Europa do Sul, católica. As oligarquias europeias, por outro lado, foram as únicas estruturas sociais que, de forma consistente ao longo da história, tiveram sequer uma estrutura familiar da qual falar. Entre a população comum, as estruturas de família e clã são destruídas durante o decurso do período de feudalização e servilização. O que é o percurso entre a Idade das Trevas e toda a Idade Média, estendendo-se até a parte da Revolução Industrial, se não uma história de indivíduos atomizados, dissociados de quaisquer laços familiares, à deriva numa sociedade social-darwinista, dominada por "machos-alfa" sociopáticos? [*e este é o padrão para a sociedade pós-moderna*] É entre as famílias de topo que vamos encontrar o cultivo de misantropia e superioridade de género; tais asserções de superioridade, num ou noutro campo, são inerentes à mentalidade oligárquica. É entre os 1850s e os 1950s, após e durante a ascensão da família de classe média, que as oligarquias (civis, religiosas e, particularmente, as de guilda) tentam propagar chauvinismo declarado junto destas classes médias ascendentes. Esta é a realidade histórica [*e, seria essencial que houvesse uma aposta em estudos pormenorizados e imparciais para enriquecer o conhecimento sobre esta temática, fora de frameworks ideologicamente carregadas como sejam "religiosismo patriarcal" e "antropologismo matriarcal", as duas faces concomitantes da mesma perversão oligárquica*].

(10) O mito anti-Judaico/Cristão. O pós-modernismo procura sempre demonizar os valores e a tradição Judaico/Cristã por alegada promoção de machismo, chauvinismo, puritanismo e todas essas coisas horríveis. É um facto que, ao longo da história, muitas das formas institucionais de cristinianismo, com destaque para o Catolicismo, adoptaram e promoveram puritanismo latino e germânico (e é isto que costuma ser chamado patriarcalismo sexual), por substituição à boa velha descomplexação bíblica.

So, let’s not be schmucks, e não se culpe Deus por aquilo que o homem inventa, isso é má educação. Todas as formas de puritanismo sexual promovem medo, vergonha e desconforto para com questões sexuais, atitude que não é, evidentemente, bíblica. Deus criou-os homem e mulher para se unirem, serem uma só carne, terem filhos, apreciarem-se mutuamente como amantes devotos, serem fiéis um ao outro, terem uma grande aventura conjunta chamada vida. Como qualquer outro texto bíblico, os Cânticos de Salomão incluem várias camadas de significado. Uma dessas camadas, para quem saiba o que está a ler, contém o manual sexual mais belo e mais estimulante alguma vez escrito. Deus obviamente não condena a actividade sexual; condena-a fora de amor, o que é uma coisa inteiramente diferente. Serão uma mesma carne e, a partir daí, construirão coisas em conjunto. Homem e mulher são filhos de Deus, destinados a harmonia e a paridade. Há sempre algo do *self* que fica com o outro, no acto sexual. Existe sempre um laço que é estabelecido entre duas pessoas, nesse contexto. Se o acto é feito fora de amor, mera carne, mera utilização mutuamente consentida de pedaços de carne, existe algo em cada um que é erodido e degradado. O laço que se estabelece está sempre lá, mas a relação em si é destrutiva e trai esse laço. Esse laço é algo que se estabelece entre as duas almas, as duas consciências. Trair esse laço é uma forma de degeneração da consciência. Portanto, o laço deve ser estabelecido em amor, em união perfeita e, aí, dará frutos.

UNESCO – Jargão UNESCO, século 21 – Pintar os lábios do porco.

“Alcançar, ser mais, desenvolver talentos ao máximo”. «*Developing talents to the full... Realizing creative potential… Personal achievement*»

Harmonia, unidade, comunidade, espiritualidade, etc.

Desenvolvimento sustentável. «*Sustainable Human Development… Peace and Justice… Health and Harmony with Nature*»

Globalismo. «*National Unity and Global Solidarity*»

Mais platitudes. «*Truth and Wisdom… Love and Compassion… Creativity and Appreciation for Beauty*»

“Espiritualidade global”, a formiga pacífica. «*Global Spirituality*». Significa ter muita, muita paz interior, e trabalhar em equipa. A formiga pacífica.

Harmonia, comunidade, comunitarismo.

Colecções de platitudes e banalidades retóricas. Servem, claro, para mascarar a falta de essência

Pintar os lábios do porco com baton bem vermelho e bem luzidio. Pode ser que deixe de parecer um porco, mas não, continua a ser um porco, e morde.

UNESCO, 1972 (ICDE) – Relativismo moral – Comunitarismo – Cibernopóide.

UNESCO, "Learning to be" (1972) – Ensinar a ser – Relativismo moral.

A grande prioridade da educação é a de "ensinar a ser".

Sistema sócio-político global precisa de educação global, "winning minds and hearts", com princípios, ideias, referências e mitos globais. «*No socio-political system can forgo securing its foundations by winning over minds and hearts to the principles, ideas, common references and, beyond these, the myths which bind a nation together…*»

Humanismo, filosofia comunitária, relativismo, pensamento dialéctico. «*…real humanism… scientific humanism rejects any preconceived, subjective or abstract idea of man. The kind of person it concerns is a concrete being, set in a historical context, in a set period… depends on objective knowledge, but that which is essentially and resolutely directed towards action and primarily in the service of man himself*»

«*It seems indispensable that each individual be trained to grasp the relativity and interdependence of the various moments of existence, whether from the individual's own point of view or that of the community. Dialectical thought is the usual instrument for apprehending reality in this way, since it introduces time and movement into concepts and operations… Accordingly, an individual should avoid systematically setting up his beliefs and convictions, his ideologies and visions of the world, his behaviour and customs as models or rules valid for all time, all civilizations and all ways of life*» – "Learning to Be: The World of Education Today and Tomorrow" (1972). International Commission on the Development of Education, Unesco, Paris.

UNESCO, "Learning to be" (1972) – Relativismo – Usar insatisfação juvenil.

Usar insatisfação juvenil para impingir novos valores à sociedade. «*Quest for new values… youth becomes a unified, self-sufficient group in quest of new values for a new world which may finally arise from 'the culture of silence' and oppression, freeing itself from all the machinery of socio-economic and intellectual dominance*» – "Learning to Be: The World of Education Today and Tomorrow" (1972). International Commission on the Development of Education, Unesco, Paris.

UNESCO, "Learning to be" (1972) – "The new man", cibernopóide.

O novo homem soviético é um cibernopóide. «*Towards the complete man… A new man for a new world ! …the 'cynerbopoid' of the future*» deixa para trás «*the anthropoid of the past*», tudo isto numa secção intitulada «*Man's powers*» – "Learning to Be: The

World of Education Today and Tomorrow" (1972). International Commission on the Development of Education, Unesco, Paris.

[***Ilustrar com um cubo de jogo, e abelhas***]

UNESCO, 1973 (Parkyn) – Lifelong – STW – Iliteracia – Marx, URSS, China.

UNESCO (1973) – "Towards a conceptual model of life-long education".

Formação para toda a vida. Em 1971, o Secretariado da UNESCO pede a George W. Parkyn (NZ) para delinear um modelo educacional para formação contínua ao longo de toda a vida, que resulta em "Towards a Conceptual Model of Life-Long Education".

UNESCO (1973) – Formação contínua.

Formação contínua. O capital humano tem de ser vocacionalmente treinado e vistoriado ao longo de toda a vida, com o progresso a ser registado em certificados de realização educacional.

Treino e vistoria para toda a vida.

Progresso registado em créditos e certificados de realização educacional.

Formação contínua, centro de actuação da Unesco. «*...the concept of lifelong education underlie[s] all of the Organization's educational action… educative environments have to be maintained in such a way that people can continue to learn throughout their lives*»

"Transformação contínua do sujeito".

Outros termos usados são "reconstrução" e "reorganização", contínuas.

«*…transformation... continual transformation of the learner's experience*»

«*Keeping in mind Dewey's idea that living is developing, that developing is learning or the reconstructing within oneself of experience, and that education is a process of deliberately providing conditions in which such reconstructing is facilitated, we can see how he arrived at what, from the point of view of the developing individual, he called a technical definition of education... "It is that reconstruction or reorganization of experience which adds to the meaning of experience and which increases ability to direct the course of subsequent experience" [John Dewey, Democracy and Education. New York, Macmillan, 1916.]*»

Lavagem cerebral non-stop para "desenvolvimento", "enriquecimento", etc . Também temos, transformação, reconstrução contínua de percepções e experiências. A pessoa está sempre em aprendizagem, ao longo de toda a sua vida. Portanto, o sistema educativo, "a sociedade educativa", tem de guiar essa aprendizagem, segundo o documento. É isto que significa "desenvolvimento individual", "enriquecimento individual", e "ser tudo o que se pode ser", "alcançar o máximo potencial". E todos os

restantes slogans que são empregues para descrever este processo monstruoso de lavagem cerebral contínua, e como precondição para viver em sociedade.

George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO (1973) – Formação contínua – "Sociedade educativa", Unesco no topo.

UNESCO como ministério da educação para gerir os RH da "economia global".

Organização totalitária do aparato educacional.

Reorganização sistemática, sob autoridade Unesco.

"Educação primária e secundária, formação laboral, actualização, novos treinos, educação para cidadania".

«*Institutionalizing the concept of life-long education, then, implies a systematic organization of all levels of formal schooling and non-formal out-of-school educational activities in such a way that they provide an environment for learning throughout the life of man… The educative society… The concept of the educative society parallels that of life-long education… In organizing the educative facilities of a society for life-long learning, then, the potentiality of all agencies must be taken into account, as well as their particular relevance at the various stages of development of members of that society*». Tem de envolver «*Elementary and secondary education… On-the-job training… The upgrading of occupations… Occupational retraining… Refresher training… Citizenship education*»

Educação para cidadania.

"Involvement in the management of community affairs".

"Political, economic, juridical and other social issues".

"Sources of information of a sociological, historical and philosophical nature".

«*Citizenship education… The more mature adults, in their increasing involvement in the management of community affairs at the local and national level, will have to develop their understanding of political, economic, juridical and other social issues. The educational provision required ranges from sources of information of a sociological, historical and philosophical nature to opportunities to acquire skills of discussion and decision-making related to community activities*»

Desenvolvimento cultural para adultos essencial para o futuro. «*Culture education for adults… leisure-time activities of a cultural nature… enhanced cultural life… Making appropriate educational provision for continued cultural development will become one*

of the most important functions of society in the future» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO (1973) – STW – Treino planeado para economia planeada.

STW – Anos de treino por tipos de função.

"Semi-skilled and skilled work… five or six years of elementary education".

"Supervisory personnel, three years of junior secondary education".

"Technicians, three or four years of senior secondary education"

"professional personnel, four to six years of higher education".

«*General and vocational education… a general education on which specific vocational skills can be based. As an indication of the minimum levels of educational attainment on which specific skills can satisfactorily be based, we may note the following commonly used guidelines: for semi-skilled and skilled work, the level normally reached by children after five or six years of elementary education; for supervisory personnel, the equivalent of three years of junior secondary education; for technicians, the equivalent of three or four years of senior secondary education; and for professional personnel, four to six years of higher education*»

STW – Vagas planeadas numa economia planeada. «*...supervised on-the-job training and a progressive series of skills and responsibilities… on the basis of… differences in interests and abilities it would become evident which students could continue with higher studies… and which would be more suited to intermediate occupations… Admission to higher specialized education and permanent employment in the intermediate areas would in general be subject to assessments of manpower requirements, while, for the individual, admission would be based upon the level of knowledge and competence demonstrated by a student during the initial vocational cycle, or, in the case of adults, upon equivalent qualifications gained later in life*»– George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO (1973) – STW – O tipo de treino dado em STW.

STW – Educação geral minimalista. «*...the general education… is intended to develop those areas of knowledge and skill, those attitudes and values, and those forms of social behaviour needed by all people…*

STW – Educação vocacional no local de trabalho. «*Vocational education will comprise the development of knowledge, skills, attitudes, and habits that are of general application within broadly defined vocational fields… Vocational education and*

vocational training… It is generally agreed that vocational education is best carried out in the formal school system, while specific vocational training is best carried out in the places of work themselves… within the enterprises themselves, whether these are factories, workshops, offices, hospitals, schools, shops or farms… The training methods will be varied. They will range from on-the-job training by skilled instructors to training provided in special educational facilities (schools) within the enterprises»

STW – Fusão entre escola e trabalho. «*…a radical reorganization of many of the existing relationships between the school system and the other sectors of society. Especially will it require the ending of the usual separation between school and work*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO (1973) – STW – Adolescente do século 21, iletrado.

STW – O adolescente do século 21 – Parvo e iletrado.

Motivado para começar treino vocacional e entrar no mundo do trabalho.

Não pode ser desviado para "bookishness" e ser ambicioso.

Nesta secção, dão o perfil do adolescente ideal do século 21: «*adolescent... strongly motivated to begin his vocational preparation and enter the adult world of work*», que não seja desviado para «*bookishness and an overvaluation of the white-collar occupations*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO (1973) – STW – Marx, URSS e China, modelos a seguir.

STW – Marx, URSS e China como modelos. «*The desirability of preventing such a divorce and maintaining a close relationship between schooling and work was pointed out by Karl Marx at an early stage in the development of European public school systems. Nevertheless, the divorce occurred, with unfortunate consequences*»

«*Many attempts have been made to devise a method that satisfactorily combines general education, vocational education, and specific vocational training during this period, and for some occupations considerable success has been achieved, notably in the USSR and in China*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

UNESCO, 1975 (Lengrand) – Novo Homem – Socialismo global – Iliteracia.

UNESCO, Lengrand (1975) – O Novo Homem, um recurso humano.

O Novo Homem, RH, em mudança permanente.

Nova educação vai preparar homem para mudança contínua.

"The kind of man who is produced by lifelong education [o novo homem soviético]".

"A more harmonious and just world, less wasteful of human resources".

«*…the essential task of modern education will be to prepare men for change… this is the kind of man, with his feet firmly on the ground, realistic in the philosophical and methodological sense of the word, who can ensure the successful operation of our societies, industrial, commercial and administrative structures. This is the kind of man who is produced by lifelong education [o novo homem soviético]… playing his part in the building of a more harmonious and just world,* ***less wasteful of human resources***» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

UNESCO, Lengrand (1975) – Acabar com família tradicional.

Impor um novo sistema de relações familiares, "sentimental". «*Similar problems arise in the relationship between parents and children. An illusion of the same type as that which can spoil relations between the couple is that it is enough to bring children into the world and to cherish them to have known and done for the best. Here again there must be a sentimental education, of a different nature but as exacting as in the previous case. Communication within the family is generally-woven with incomprehension and misunderstanding. Traditional society did not waste time on subtlety: rituals and customs showed sufficiently clearly and firmly what paths to follow. The father, acting by definition and by convention, imposed respect, while the mother contributed the necessary modicum of warmth and understanding*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

UNESCO, Lengrand (1975) – Países socialistas indicam o caminho.

O exemplo brilhante dos países socialistas – "Socialismo é progresso".

URSS é pioneira em "community leisure-time structures".

"Libraries, sports grounds, young pioneers' clubs and cultural centres".

A URSS emancipa a sua população, culturalmente, politicamente, etc.

«*Some countries have had their economic revolution but have maintained the traditional framework of authority and power. Even where socialism has been established, and where the class system has been abolished, there has been a lack of imagination in creating material frameworks for life to match the new ideology… One single and very important exception is the development of community leisure-time structures. There are large numbers of libraries, sports grounds, young pioneers' clubs and cultural centres in the Soviet Union and, generally speaking, in all those countries which follow or try to follow its example… Thus in the Soviet Union, to take one example among others… labour has now assumed the place which belongs to it within the notion of culture, in other words, it occupies a central position. The same may be said of all forms of political and social commitment; the cultural content of which has also been recognised and suitably emphasized. A considerable step has been taken towards achieving unity of the factors which constitute and mould the people's intellectual and spiritual destiny. Particular importance has been attached to adult education. This was historically logical, since there was no question of waiting for generations to grow up before the instruments of the new society were available. It was also logical in terms of the Soviet system, which stresses the utilisation of human resources and the equalisation of opportunities throughout the life span*»

Sob socialismo, educação é um instrumento de doutrinação.

«*…education was a weapon par excelence for combating traditional influences and for creating mental structures, attitudes and patterns of behaviour that would favour the new trend of history. This indeed came to pass, more particularly in those countries which substituted socialist regimes for capitalist or feudal ones. One of the priority aims was to mould the individual in socialist society from the standpoint of production and of safeguarding the new institutions and concepts of life*»

A Jugoslávia é outro modelo brilhante.

"Pioneira em life-long education" – um dos mais eficientes sistemas de lavagem cerebral em massa de sempre.

«*Some countries have gone very far in the invention of new educational forms. An example is Yugoslavia, which shows as much imagination in the quest for solutions to educational problems as it does in the political field… Yugoslavia is also, to our knowledge, the first country to have adopted the principle of lifelong education viewed as a basic link between all the different sectors of education and as the foundation of the new educational laws*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

UNESCO, Lengrand (1975) – A utopia é socialista e totalitária.

A classe trabalhadora vai impor socialismo. «*…basic aspirations of people in the world today… In its strong desire for a better and in its instinctive or conscious will to destroy capitalism's harmful effects, the working class is striving for the overall good of mankind*». Central nisto, é o papel da educação, e isso exige uma brava e «*collective enterprise*»

A utopia é socialista e totalitária. A sociedade de classe média é a maldição da humanidade e é preciso construir a utopia global que claro, é socialista. «*a common destiny... a more harmonious and just world... a new order in industry and human relations… If the desired new order is to take shape and become a reality it will be necessary to mobilise every resource, intellectual, emotional and practical, and all the forces that sustain the social edifice as a whole*»

A sociedade educativa, totalitária e socialista.

"Lifelong education… the totality of the structures of the polis are involved".

«*Towards an educational society… The logic of the development of lifelong education presupposes a transformation of the structures of society in a direction favourable to the growth of the personality. This fundamental aspect of the problem has already been touched upon in various parts of this study, in particular in the chapter dealing with the strategy of lifelong education. But at this point, when the collective character of the enterprise is being highlighted, together with the necessary alliances, we cannot lay sufficient stress on the predominant role of the politician and the administrator. The introduction of lifelong education is an essentially political undertaking, to the extent that the totality of the structures of the polis are involved in its realization*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

UNESCO, Lengrand (1975) – Acabar com "ensino enciclopédico".

Há que rejeitar ensino enciclopédico. «*...once we have rejected encyclopaedic teaching and placed the accent on method? What are the points of reference common to science, literature, philosophy and history that are essential to the development of the personality in its own social, political and historical context?*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

UNESCO, 1990 (Jomtien) – STW – Relativismo moral.

Jomtien, 1990 – STW – RHs globais – Educação, clarificação de valores.

World Conference on Education For All, Jomtien, Tailândia, 5-9 de Março, 1990. Patrocinada por ONU, Banco Mundial, Unesco, Unicef.

School-to-work, treino comportamental. Treino comportamental, não educação. Uma educação que tira a ênfase de factos e de conhecimento e enfatiza pensamento global, social e psicológico, politicamente correcto.

Educação em nome da ordem social colectiva, interdependência global. Promete respeitar «*collective cultural, linguistic and spiritual heritage*» dos povos envolvidos, e depois vem falar de «*the cause of social justice, to achieve environmental protection, to be tolerant towards social, political and religious systems which differ from their own, ensuring that commonly accepted humanistic values and human rights are upheld, and to work for international peace and solidarity in an interdependent world*».

Escola no centro de transformação social para a aldeia global. A escola está no centro da *transformação* – palavra muito importante – da transformação social e económica do mundo. A escola tem de ensinar os cidadãos globais do futuro a pensar em si mesmos como, cidadãos globais – sob governância global, na *aldeia global*.

Valores culturais e morais "apropriados e enriquecidos". A maior parte da aprendizagem passa pela transformação do próprio indivíduo, através da adopção dos valores *apropriados*, que são decididos por estas mentes mágicas na UNESCO. Isto envolve a transformação ("enriquecimento") dos próprios valores, que têm de ser comuns e partilhados entre todos os membros da aldeia global, i.e., o mínimo denominador comum. «*Learning needs relating to community life include knowledge about civic rights, a clean environment, and community organization and advocacy… basic knowledge and skills programmes need to enable people to develop the appropriate values, attitudes, and skills for critical thinking, creativity, and community problem-solving… Such concepts as the "information society" and the "global village"… highlight the social and economic transformations that are taking place… the transmission and enrichment of common cultural and moral values*»

"World Conference on Education for All Meeting Basic Learning Needs" (April, 1990). Inter-Agency Commission for the World Conference on Education for All. New York: UNICEF House.

UNESCO, 1996 (Delors) – Socialismo global – Lifelong – Iliteracia.

UNESCO, Comissão Delors (1996) – Educar RHs globais.

Comissão Delors, a Comissão Internacional de Educação para o Século XXI.

Educar a aldeia global. «*Educating the global village*» para ultrapassar «*...the under-utilization of human resources*» e «*Designing and building our common future*».

«*Worldwide interdependence and globalization… this new world that is coming into being… the global village*»

Necessidade de harmonia global. «*...the far-reaching changes in the traditional patterns of life require of us a better understanding of other people and the world at large; they demand mutual understanding, peaceful interchange and, indeed, harmony…*»

Tensões a ultrapassar ou, o jogo dialéctico. «*Tensions to be overcome… tension between the global and the local: people need gradually to become world citizens without losing their roots and while continuing to play an active part in the life of their nation and their local community… The tension between the universal and the individual… between tradition and modernity… between long-term and short-term considerations… between, on the one hand, the need for competition, and on the other, the concern for equality of opportunity… between the extraordinary expansion of knowledge and human beings' capacity to assimilate it… the tension between the spiritual and the material…*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

UNESCO, Comissão Delors (1996) – Três Rs são secundários.

Os três Rs são secundários. «*The 'three Rs' – reading, writing and arithmetic – are given their full due. The combination of conventional teaching and out-of-school approaches should enable children to experience the three dimensions of education - the ethical and cultural, the scientific and technological, and the economic and social*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

UNESCO, Comissão Delors (1996) – Lifelong education.

Lifelong education, the learning society. «*There is a need to rethink and broaden the notion of lifelong education… It should enable people to develop awareness of themselves and their environment and encourage them to play their social role at work and in the community… In this context, the Commission discussed the need to advance towards a 'learning society'*»

Admissão cândida sobre técnicas de venda de lifelong learning.

"Neste novo disfarce, é vendida como indo mais além de práticas existentes".

«*The concept of learning throughout life is the key that gives access to the twentyfirst century… In its new guise, continuing education is seen as going far beyond what is already practised, particularly in the developed countries, i.e. upgrading, with refresher training, retraining and conversion or promotion courses for adults. It should open up opportunities for learning for all, for many different purposes - offering them a second or third chance, satisfying their desire for knowledge and beauty or their desire to surpass themselves, or making it possible to broaden and deepen strictly vocational forms of training, including practical training*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

UNESCO, Comissão Delors (1996) – Educação socialista implica sociedade socialista.

"Escolher um tipo de educação significa escolher um tipo de sociedade".

Isto é claro, socialismo.

"Encourage debate, in order to reach a democratic consensus".

"The best route to success for educational reform strategies".

I.e., um consenso democrático pré-definido. As pessoas ficam mais satisfeitas se pensarem que a sua opinião foi ouvida.

«*Choosing a type of education means choosing a type of society. In all countries, such choices call for extensive public debate, based on an accurate evaluation of education systems. The Commission invites the political authorities to encourage such debate, in order to reach a democratic consensus, this being the best route to success for educational reform strategies*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

UNESCO – Da fundação às guerras actuais.

UNESCO é estabelecida a partir do IIE/IBE. Em Paris, 1945.

Julian Huxley. Primeiro Director-Geral, simpatizante nazi, eugenista fanático.

Sistema UNESCO globaliza-se. O sistema UNESCO internacionaliza-se e é adoptado pelo mundo fora.

UNESCO assume o papel de coordenadora das agências educacionais do planeta.

Guerra contra Deus, família, patriotismo, individualismo.

UNESCO entra primeiro, durante invasões. Hoje em dia, sempre que há guerras, a UNESCO é uma das primeiras agências a entrar no país anexado ou invadido.

WATT – A caverna de Platão à escala global.

Cultura global comum, com padrões de pensamento previsíveis.

(**AW – NEWH, 46:45**) Julian Huxley, a UNESCO, a tentativa de criar uma caverna de Platão global, através de uma cultura comum, com padrões de pensamento comuns e previsíveis, para o planeta.

WATT – Platão – Ciências de gestão de populações – Mudanças top-down.

Sistema muito antigo, com ciências antigas para gestão de populações.

Cultura e mudanças culturais autorizadas a partir do topo, como Platão disse.

Mudanças expontâneas poderiam ser imprevisíveis.

(***AWnewh – 29:45***) Um sistema que é muito antigo. Usa ciências antigas para gestão de populações (***AWsa – 21:45***) Como Platão disse, a cultura e as mudanças culturais têm de ser autorizadas a partir do topo. Se houver mudanças a partir da base, podem haver efeitos imprevisíveis.

Nada na cultura surge expontaneamente – minoria dominante perderia controlo (Platão).

Mudanças autorizadas a partir do topo, para gerir público.

Século XX facilita isto com TV, rádio, mass media – século XXI ainda mais intenso.

(***AWnewh – 2:45***) Há que compreender ainda que nada na cultura surge das grassroots. Até Platão falou disso há milhares de anos atrás. Se houvesse espontaneidade, a minoria dominante perderia controlo. Portanto, as mudanças têm de ser autorizadas do topo, para gerir o público. Técnicas usados no pleno durante o século XX, com TV, rádio, comunicações de massa, e agora para o século XXI.

WCCD (1996) – Valores globais – Explorar jovens e artistas.

WCCD (1996) – Aldeia global – Unidade planeada – Valores globais.

World Commission on Culture and Development (WCCD – E isto lê-se "wicked"). Uma comissão UNESCO.

O mote é aldeia global, interdependência – isto exige unidade planeada.

Aldeia global – Governância global – Local ao global – Comunidades do mundo – Interdependência. «*The world is our village… From the global to the local… the communities of the world… interdependence… common humanity… global governance*»

Governância global significa "desenvolvimento sustentável".

"Desenvolvimento sustentável implica "cultura". «*…culture is… an essential determinant, if not the essence itself, of sustainable development…*»

Novas formas de pensar, agir, organizar, viver. «*The challenge to humanity is to adopt new ways of thinking, new ways of acting, new ways of organizing itself in society, in short, new ways of living. The challenge is also to promote different paths of development…*»

Valores partilhados, ética global, moralidade comum. «*…shared values… global ethics in global governance… the real basis of a global ethics is a common morality*»

"Diversidade criativa".

UNESCO decide cultura-educação-treino-consciencialização, do global ao local.

Consenso internacional.

Implementação de ética global com governos, multinacionais, ONGs, etc.

A UNESCO tem uma agenda internacional, marcada por «*Creative diversity... The aims of this international agenda… to provide a permanent vehicle through which issues of culture and development are discussed and analysed at the international level; to create a forum where an international consensus on central issues related to culture and development can be achieved… the implementation of a global ethics requires… governments… transnational corporations, international organisations, and the global civil society…*» – "Our Creative Diversity". Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

WCCD (1996) – Explorar jovens para globalismo, sustentabilidade.

Explorar iniciativa juvenil para avançar globalismo, desenvolvimento sustentável.

Reinventar a ONU como ícone visionário para os jovens.

«*…all young people's initiatives with regard to environmental conservation should be strongly supported… The global community should start with a fresh vision that inspires many new generations in the twenty-first century… We also need to reinvent the United Nations for the twenty-first century as a visionary beacon for younger generations*» – "Our Creative Diversity". Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

WCCD (1996) – Explorar artistas e pensadores – "Progresso global".

A WCCD fala da importância de cativar artistas e pensadores. «*…international conferences of artists and thinkers*»

De "progresso socialista" para "progresso global". A URSS e a Jugoslávia também tinham legiões de artistas e pensadores, e outros sicofantes assalariados, para promover "progresso socialista". Agora chama-se "progresso global", "desenvolvimento sustentável", mas é *precisamente* a mesma coisa, com retóricas diferentes.

"Our Creative Diversity". Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

WCCD (1996) – Voluntariado adulto e juvenil (UNV).

Um programa UNESCO.

Voluntariado à escala global, com coordenação UNV.

Com parcerias nacionais, municipais, comunitárias, etc.

Jovens: estágio, treino vocacional, em troca de créditos académicos.

«*The Commission… recommends that international efforts be made to mobilize the goodwill of volunteers of all ages to work as "Cultural Heritage Volunteers" under professional guidance and alongside professional staff… The task of organizing this new effort should be entrusted to the United Nations Volunteers (UNV)… acting in close co-operation with the Voluntary Service Unit of UNESCO, the Coordinating Committee for International Voluntary Service (CCIVS), NGOs active in the field, and any national, community, or municipal body wishing to participate in a common endeavour. These institutions and organizations should join in a spirit of close partnership… Volunteers would be recruited among all age groups and talents and involve young people (especially students and young workers) as well as mid-career and senior-citizen volunteers (architects, artists, craftsmen, archivists, librarians, teachers, and so forth) who may wish to contribute their time and expertise… The period of volunteer work may vary in length. The participation of young volunteers should be encouraged through innovative educational designs providing training credits to their students (a) in an educational setting (at primary, secondary or university level) as a period of "internship" or "field-work"; (b) in a professional/vocational training curriculum as a year of training or apprenticeship*» – "Our Creative Diversity". Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

WFMH – Empacotada de eutanasistas, nazis, genocidas.

Eugenistas do mundo afluem à WFMH e às suas associações-membro.

Muitos mantiveram a sua filiação nas sociedades eugénicas.

De eutanásia, esterilização e apoio moral ao programa nazi para "saúde mental".

Grã-Bretanha. Dr. Doris Odlum; Dr. E. Slater; Sir Aubrey Lewis; Dr. Lancelot Hogben; Miss Robina Addis; Lord and Lady Adrian; Lord Brain; Sir Russell Brain; Prof. C. Fraser Brockington; Dr. Felix W. Brown; Rt. Hon. Sir John Brunner; Prof. Cyril Burt; Comdr. and Mrs. B.R. Darwin; Lady Darwin; Prof. H.J. Eysenck; The Earl of Feversham; Miss Evelyn Fox; Dame Katherine Furse; The Earl of Iveagh; Dr. F.M. Martin; Dr. T.A. Munro; Lady Petrie; Dr. R.E. Pilkington; Kenneth Robinson; The Rt. Hon. Lord Justice Scott; Mrs H.M. Strickland; Prof. J.M. Tanner; Prof. Sir G.H. Thomson; Prof. R.M. Titmuss; Dr. J. Tizard; Dr. A.F. Tredgold; Dr. R.F. Tredgold; Dr. Isabel G.H. Wilson; Prof. R.C. Wofinden; Dr. T.L. Pilkington.

RFA. Dr. Werner Villinger (T4-adviser); Dr. Werner Heyde (T4-adviser); Dr. Helmut Ehrhard (Villinger's Assistant). Muitos outros tornaram-se professores universitários (psiquiatria, antropologia, genética, sociologia, etc) ou foram para institutos de investigação científica.

RDA. Dr. Muller-Hegemann (De Crinis Assistant).

Áustria. Professor Hans Hoff.

Canadá. Dr. Karl Stern (que estudou na Alemanha sob Ernst Rüdin).

Dinamarca. Dr. Georg K. Stürup; Dr Pout Bonnevie; Dr. Paul J. Reiter; Dr. Erik Strömgren; Dr. Einar Geert-Jorgensen; Dr August Wimmer; Dr Kurt Fremming; Dr. Jens Chr. Smidt; Dr. Tage Kemp; Dr. Max Schmidt; Dr. G.E. Schroder.

Noruega. Dr. Jan Mohr; Dr. J. Schutz-Larsen.

USA. Dr. Walter C. Alvarez.

WFMH – Fundação – Epicentro global – Influência actual.

WFMH – Organizada por NAHM, OMS e Unesco.

NAMH guia lavagem de imagem global. A British National Association for Mental Health define a nova fase, e Norman usa a sua influência para despoletar mudanças similares no resto do mundo.

Congresso de Londres, 1948, dá origem à WFMH. A NAHM, com OMS e Unesco, organiza o congresso de 1948 do Comité Internacional de Higiene Mental, no Ministério da Saúde em Londres [Third International Congress of Mental Hygiene]. Este é o congresso que dá origem à WFMH.

WFMH – Torna-se epicentro global de "saúde mental".

Substitui o ICMH, que era o embrião óbvio para uma organização global. O ICMH nunca foi muito influente no seu tempo, mas após a II Guerra é visto como o embrião óbvio para uma nova organização de âmbito global.

Institui e coordena associações nacionais de saúde mental. Em cada país é estabelecida uma Associação Nacional para Saúde Mental, ou equivalente. Isto acontece sob coordenação da WFMH.

Associações psiquiátricas, psicológicas, neurológicas, antropológicas. Ao mesmo tempo funciona como epicentro global de coordenação de associações psiquiátricas, psicológicas, neurológicas, antropológicas e por aí fora.

WFMH – Influência actual – À escala global.

Ao início, é a única ONG global para saúde mental. A World Federation of Mental Health (WFMH) surge para ser a única ONG de saúde mental com estatuto consultivo na ONU e em todas as suas agências relevantes, como a UNESCO.

Acção consultiva global, regional, nacional. Através dos seus braços nacionais e regionais, a WFMH também molda políticas governamentais pelo mundo fora.

Serviu e serve de consultora para ONU, OMS, UNESCO. A WFMH foi uma das primeiras ONGs em relação consultiva com a ONU. Durante anos, foi a única ONG relativa a saúde mental, e serviu de organizadora para outras organizações aspirantes, e de ponte entre estas e a ONU.

Papel central no desenvolvimento do NGO Committee on Mental Health da ONU. Em meados dos anos 90, a WFMH tem um papel central no desenvolvimento do NGO Committee on Mental Health na ONU, que é hoje uma plataforma chave para trabalho com unidades do ECOSOC.

WPA – World Psychiatric Association.

ISOWPC → WPA (1960). Começa por ser a International Society for the Organization of World Psychiatric Congresses (Est. Paris, 1950). A WPA é estabelecida em 1961 no Terceiro Congresso Mundial.

McGill – Cameron. O Congresso é organizado em Montreal pela Canadian Psychiatric Association e pela McGill University. Ewen Cameron torna-se o primeiro Presidente da WPA.

WZ FOSTER – Regimentação da educação e da ciência.

WZ FOSTER – A revolução cultural na educação.

Elementos para a "cultural revolution".

"…schools, colleges and universities will be coordinated and grouped under the National Department of Education".

"The studies will be revolutionized, being cleansed of religious, patriotic and other features of the bourgeois ideology".

"God will be banished from the schools".

"…dialectical materialism, internationalism, the ethics of the new Socialist society".

«*Among the elementary measures the American Soviet government will adopt to further the cultural revolution are the following; the schools, colleges and universities will be coordinated and grouped under the National Department of Education and its state and local branches. The studies will be revolutionized, being cleansed of religious, patriotic and other features of the bourgeois ideology. The students will be taught on the basis of Marxian dialectical materialism, internationalism and the general ethics of the new Socialist society. Present obsolete methods of teaching will be superseded by a scientific pedagogy… God will be banished from the schools…*»

William Z. Foster (1932). "Toward Soviet America".

WZ FOSTER – Regimentação estatal da ciência.

"Science will become materialistic, hence truly scientific".

"Science will be thoroughly organized and will work according to plan".

"…instead of the present individualistic hit-or-miss scientific dabbling".

[Este "dabbling" trouxe o país com maior taxa de inovação científica à era; o sistema de planeamento perfeito, trouxe a agricultura lamarckista de Lysenko].

Ou seja, a ciência vai-nos dizer aquilo que queremos que diga, e não aquilo que é factual.

«*The whole basis and organization of capitalist science will be revolutionized. Science will become materialistic, hence truly scientific… Science will be thoroughly organized and will work according to plan; instead of the present individualistic hit-or-miss*

scientific dabbling, there will be a great organization of science, backed by the full power of the government. This organization will make concerted attacks upon the central problems, concrete and abstract, that confront science»

William Z. Foster (1932). “Toward Soviet America”.

ZIMBARDO – Stanford Prison Experiment

Stanford Prison Experiment – Integridade pessoal vs ambiente negativo.

<u>Experiência conduzida em Stanford, por Zimbardo</u>. Experiência conduzida em Standford University, Norte da Califórnia, na cave de Jordan Hall (o edifício de psicologia de Stanford), de 14 a 20 de Agosto de 1971, por uma equipa de investigadores liderados por Philip Zimbardo, Professor de psicologia.

<u>Participantes – 24 homens, divididos em guardas e prisioneiros</u>. De 70 candidatos, são escolhidos 24 homens, avaliados como psicologicamente estáveis e saudáveis. Estes participantes eram predominantemente brancos e de classe média. Doze dos participantes receberam o papel de prisioneiro, e os outros doze, os de guardas. Receberam $15 por dia. Divisão entre guardas e prisioneiros.

<u>TESTE – Dicotomia ambiente-valores, num regime social opressivo</u>. Estudo sobre os efeitos psicológicos do poder e da autoridade, no contexto de um regime social opressivo. Será que os participantes seriam absorvidos pelos seus papéis (guardas, prisioneiros) e, portanto, aceitariam o regime, ou será que manteriam a sua integridade pessoal.

<u>ZIMBARDO – "What happens if you put people in an evil place"</u>.

<u>"What controls behavior, the institution and the negative environment, or your values?"</u>

«*I was interested in what happens if you put people in an evil place… Does the situation outside of you – the institution – come to control your behavior, or do the things inside of you (your attitudes, your values, your morality) allow you to rise above a negative environment*» Philip Zimbardo, to BBC.

Stanford Prison Experiment – Scenario setting.

<u>Supervisor</u>. Por Zimbardo, que veste o papel de superintendente, director da prisão.

<u>Guardas – Aspecto geral militar-autoritário</u>. Uniformes militares khaki, bastões de madeira [wooden batons], óculos de sol espelhados (para prevenir contacto visual, criar desumanização, distância psicológica). Trabalham em equipas de três, em turnos de 8 horas, e podem sair das instalações após o turno.

<u>Prisão improvisada numa cave</u>. A cave de Jordan Hall (o edifício de psicologia de Stanford).

Celas pequenas, espaço para solitária. Celas pequenas para três prisioneiros de cada vez. Um pequeno pátio prisional, cela solitária. Os prisioneiros deveriam ficar fechados nas suas celas dia e noite, até ao fim do estudo. Celas pequenas, 3 camas por cela, pouco espaço para os prisioneiros.

Stanford Prison Experiment – Internalização de papéis.

De role-playing a internalização plena. Começa com role-playing, mas os participantes rapidamente internalizam os papéis à medida que a experiência decorre. Tanto guardas como prisioneiros adaptaram-se aos seus papéis mais do que era esperado, passando além das fronteiras previstas, levando a situações perigosas e psicologicamente complicadas.

Supervisor – Zimbardo. Deixa-se levar pelo seu próprio papel, ao ponto de assumir que já não consegue manter uma perspectiva isenta sobre as situações.

Guardas – autoritarismo, crueldade, sadismo, frieza, jocosidade. Vários guardas tornaram-se progressivamente mais cruéis com o passar do tempo. Cerca de um terço foram avaliados como apresentando tendências genuinamente sádicas. Autoritários, jocosos, mesquinhos, escalamento de controlo e dominância, humilhação, frieza, crueldade, intimidação. Os guardas exerceram medidas autoritárias e, ultimamente, sujeitaram alguns dos prisioneiros a tortura psicológica.

Prisioneiros – psicologia de vítima, danos emocionais. Os prisioneiros internalizaram os seus papéis: assumem que não podem sair; alguns fizeram coisas como pedir “liberdade condicional”; um prisioneiro faz greve de fome. Os resultados disto são desesperança, desamparo aprendido, quebras emocionais. Vários prisioneiros ficam emocionalmente traumatizados. Dois dos prisioneiros desistiram da experiência cedo e a experiência foi abruptamente interrompida apenas após 6 dias.

Stanford Prison Experiment – Desorientação, despersonalização, desindividuação.

Desorientação – despersonalização – desindividuação. As linhas gerais chave.

Obediência e influenciabilidade perante legitimação ideológica e estrutural. Resultados expressam a impressionabilidade e obediência de pessoas quando existem uma ideologia legitimizadora e uma estrutura social e institucional de suporte.

Degradação – humilhação física e psicológica. Violência psicológica, por meio de troça, insultos, jocosidade. Alguns prisioneiros forçados a despir-se perante os guardas, i.e., nudez forçada. Tarefas vexantes. Prisioneiros não-cooperativos forçados a dormir no chão de concreto. Quebra de condições sanitárias.

Assédio constante. Intimidação, ameaças, humilhação, insultos, degradação, violência.

Imprevisibilidade – estado de fluxo. Inexistência de rotinas fixas. Prisioneiros forçados a acordar durante o sono para fazer exercícios físicos forçados, ou realizar tarefas humilhantes. A ideia é gerar um estado de fluxo da consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível.

Monopólio perceptivo – "godlike power". Guardas usam o habitual teatro de omnipotência e omnisciência por forma a provar que têm total controlo sobre a vida e sobre a privacidade dos prisioneiros. Gerar percepção de que indivíduo não tem controlo sobre nada.

Confusão e caos mental [psicadelismo, choques intensos]. Por forma a gerar confusão e caos mental. Indução de choques e psicadelismo, por meio de assédio e imprevisibilidade.

Alienação da realidade e ambiguidade. Inexistência de janelas ou relógios; incapacidade de saber se é dia ou noite. Situação dos prisioneiros propositadamente ambígua.

Despersonalização – internalização de papel. Prisioneiros tratados como isso mesmo, *prisioneiros*, e mais, como seres inferiores. Parte disto, o serem tratados apenas pelos seus números ID, e não pelos seus nomes.

Quebra de solidariedade e pressão de pares. É dado tratamento preferencial a prisioneiros cooperativos e dissidentes são rotulados de "troublemakers" e tornados em exemplos, com castigos colectivos por estes "crimes". A ideia é dividir e conquistar, virar uns contra os outros, quebrar solidariedade entre iguais. A maioria dos prisioneiros aceitaram passivamente o abuso psicológico e, a pedido dos guardas, assediaram e hostilizaram os seus iguais que combatiam o processo.

Demissionismo [entre guardas]. Alguns dos guardas tornam-se demissionários. Não concordam com os maus tratos infligidos, mas não têm coragem para assumir uma posição e, portanto, não intervêm.

Stanford Prison Experiment – Zimbardo, "percepção de god-like power".

Briefing aos guardas, antes do início da experiência.

"Criar tédio, medo, arbitrariedade, ausência de controlo e privacidade".

"Noção de que a vida do prisioneiro é inteiramente controlada por nós".

"Nós temos todo o poder e eles nenhum".

«*You can create in the prisoners feelings of boredom, a sense of fear to some degree, you can create a notion of arbitrariness that their life is totally controlled by us, by the system, you, me, and they'll have no privacy... We're going to take away their individuality in various ways. In general what all this leads to is a sense of*

powerlessness. That is, in this situation we'll have all the power and they'll have none» Philip Zimbardo, sessão de formação dos guardas.

Stanford Prison Experiment – Descrição do processo da experiência.

«*After a relatively uneventful first day, on the second day the prisoners in Cell 1 blockaded their cell door with their beds and took off their stocking caps, refusing to come out or follow the guards' instructions. Guards from other shifts volunteered to work extra hours in order to assist in subduing the revolt, and subsequently attacked the prisoners with fire extinguishers without being supervised by the research staff. Finding that handling nine cell mates with only three guards per shift was challenging, one of the guards suggested that they use psychological tactics to control them. They set up a "privilege cell" in which prisoners who were not involved in the riot were treated with special rewards, such as higher quality meals. The "privileged" inmates chose not to eat the meal in order to stay uniform with their fellow prisoners. Guards forced the prisoners to repeat their assigned numbers in order to reinforce the idea that this was their new identity. Guards soon used these prisoner counts to harass the prisoners, using physical punishment such as protracted exercise for errors in the prisoner count. Sanitary conditions declined rapidly, exacerbated by the guards' refusal to allow some prisoners to urinate or defecate anywhere but in a bucket placed in their cell. As punishment, the guards would not let the prisoners empty the sanitation bucket. Mattresses were a valued item in the prison, so the guards would punish prisoners by removing their mattresses, leaving them to sleep on concrete. Some prisoners were forced to be naked as a method of degradation. Several guards became increasingly cruel as the experiment continued; experimenters reported that approximately one-third of the guards exhibited genuine sadistic tendencies. Most of the guards were upset when the experiment concluded after only 6 days. Zimbardo mentions his own absorption in the experiment. On the fourth day, some of the guards stated that they heard a rumor that the released prisoner was going to come back with his friends and free the remaining inmates. Zimbardo and the guards disassembled the prison and moved it onto a different floor of the building. Zimbardo himself waited in the basement, in case the released prisoner showed up, and planned to tell him that the experiment had been terminated. The released prisoner never returned, and the prison was rebuilt in the basement once again. Zimbardo argued that the prisoners had internalized their roles, since, even though some had stated that they would accept "parole" even if it would mean forfeiting their pay, they did not quit when their parole applications were all denied. Zimbardo argued they had no reason for continued participation in the experiment after having lost all monetary compensation, yet they did, because they had internalized the prisoner identity. Prisoner No. 416, a newly admitted stand-by prisoner, expressed concern over the treatment of the other prisoners. The guards responded with more abuse. When he refused to eat his sausages, saying he was on a hunger strike, guards confined him to "solitary confinement", a dark closet: "the guards then instructed the other prisoners to repeatedly punch on the door while shouting at*

416." The guards stated that he would be released from solitary confinement only if the prisoners gave up their blankets and slept on their bare mattresses, which all but one refused to do. Zimbardo aborted the experiment early when Christina Maslach, a graduate student he was then dating (and later married), objected to the conditions of the prison after she was introduced to the experiment to conduct interviews. Zimbardo noted that, of more than fifty people who had observed the experiment, Maslach was the only one who questioned its morality. After only six days of a planned two weeks' duration, the Stanford Prison experiment was discontinued»

“And if you kill yourself…” / despersonalização, for the sappy society.

Pessoa abdica de identidade pessoal, “eu” genuíno / dissolução / descaracterização.

Uma forma de osmose com ambiente. Ao longo de todo o processo de despersonalização, o que acontece é que o indivíduo vai abdicando continuamente da sua própria identidade pessoal, daquilo que faz de si um *eu* genuíno. Dilui a sua identidade para se tornar dissoluto e descaracterizado. Abdica de traços pessoais, crenças, princípios, valores. Com isso, vai anulando as instâncias que fazem de si uma pessoa integral; o seu self, a sua consciência moral, o seu potencial para pensamento independente e criativo. Fá-lo em nome daquilo que é ensinado a interpretar como ganhos pessoais, que são obtidos pelo ajustamento a um superego social sintético. Por outras palavras, fá-lo em nome de entrega ao ambiente social e material em redor. Mas não se limita a entregar-se; entra numa forma de osmose com o ambiente. Por outras palavras, é degradado e despersonalizado.

“(Never) kill your **self**”.

Alguém pode encostar a arma, mas é a pessoa que tem de puxar o gatilho. É preciso compreender que este é um processo pelo qual o sujeito se mata a si mesmo, o seu self, kills his self, kills himself. É como se encostasse uma arma à própria cabeça e disparasse; mas é uma morte lenta e gradual. É claro que isto não precisa de acontecer (geralmente não acontece) por mera e simples iniciativa própria. Com mais frequência, existe alguém que lhe encosta a arma à cabeça, a força a pegar nela, e o ameaça e pressiona para o incentivar a disparar (a iniciativa final tem sempre de partir do indivíduo). Aqui estamos ao nível de pressão social e não só; e hoje em dia, sob programas de engenharia psicossocial em escala, este tipo de procedimento é feito de um modo sistemático. Homicídio mental é, claro, o pior de todos os crimes. Uma sociedade que pratica isto está condenada à destruição pelas suas próprias mãos.

Pessoa abdica de personalidade em prol das autoridades – mesmo que não o saiba.

Sociedades que tentam usurpar espaços mentais são governadas por crime organizado.

A osmose com um qualquer colectivo organizacional.

A peça na máquina, o componente no mecanismo, a célula no corpo. O resultado agregado de tudo isto é o de o sujeito abdicar de modo gradual da sua própria cabeça, para a entregar, mesmo que não o saiba, nas mãos das autoridades. Sociedades que fazem isto são sempre governadas por crime organizado. Crime organizado é a única coisa que alguma vez tentaria usurpar e roubar o espaço mental de um ser humano; isto é um mero truísmo. Eventualmente, chega o ponto fatídico no qual a sociedade arbitrária exige ao indivíduo que aceite dar os últimos passos de despersonalização, para se tornar maquinal; fundir a sua vontade com a de um qualquer colectivo organizacional, ou funcional. Isso expressa-se na forma de funcionalização plena. O

indivíduo torna-se na sua função social (geralmente, a sua profissão). É inteiramente conformado à sua estação social e à sua posição na sociedade colectiva integrada. Fazer um bom trabalho na sua estação é o seu horizonte máximo. Deixa de ter vida própria ou vontade própria; foi como que congelado, por via da sua própria auto-traição (e, as sociedades onde isto acontecem são sempre sítios cinzentos e frios – creep societies). É uma peça na máquina, uma célula no organismo, um componente funcional técnico.

Sappy. «*And if you kill yourself, you will make him happy / He'll keep you in a jar, and you'll think you're happy / He'll give you breather holes, then you will seem happy / He'll keep you in a trance, then you'll think you're happy now / You're really in a laundry room – conclusion came to you*» Nirvana, Sappy.

“Destruição criativa” [notas dispersas]

Hinduísmo, Shiva e a era da Destruição [Dancin’ Days].

“A construção ascende das cinzas da destruição” – dialéctica totalitária.

A dialéctica é sempre totalitária.

Hiper-subjectivismo, desconstrução mental para sociedade totalitária [Heidegger].

O homem dissociativo, lost in translation; “rigor mortis is now de rigueur”.

Um particular de Marx: “destruição criativa” sob capitalismo.

Destruição criativa é a essência de globalismo, desenvolvimento sustentável.

Michael Ledeen – A nova América Trotskyista, uma força de destruição.

Hinduísmo, Shiva e a era da Destruição [Dancin’ Days].

Conceito de destruição criativa surge de Hinduísmo – o deus Shiva. No Hinduísmo, o deus Shiva é simultaneamente destruidor e “criador”, representado como Shiva Nataraja, o Mestre da Dança (Lord of the Dance). Shiva é ambíguo e portanto, usa a sua dança para a direita e para a esquerda, o seu jogo de ancas, para afagar e agredir, acariciar e apunhalar, abraçar e destruir.

Sistema de crenças que legitima brutalidade, perversão e desumanização. Isto é um mote apropriado para um sistema de crenças que se especializa na racionalização de exploração humana, elitismo, brutalidade, autoritarismo de casta, escravizar e ser escravizado: o sistema védico, ou Hindu. Esse é o destino inevitável de um sistema humano que adopta este *ethos* moralmente degenerado.

Em boa parte, Shiva é a Serpente, que ensina homem e mulher a praticar crimes. Em parte, isto é a Serpente, que se desvia do caminho recto “do qual não te desviarás nem para a direita nem para a esquerda” e traça o seu percurso ao longo desta sucessão de curvas. Depois, encoraja o homem e a mulher a segui-la nessa estrada larga. Isto significa abdicar de fazer aquilo que é correcto, em nome de fazer aquilo que é contextualmente “apropriado”, ou “prazeroso”. Podem ser (moralmente) flexíveis e facilmente adaptáveis, sendo livres para mentir, roubar, magoar, assassinar. Por vezes, a pessoa “moralmente libertada” pode comportar-se de forma agradável, exteriormente simpática (acariciar, abraçar, sorrir), de forma a obter aquilo que quer, ou é “situacionalmente necessário”. Outras vezes, pode recorrer a atitudes pura e simplesmente destrutivas (agredir, apunhalar, desmantelar). Quanto maior o grau de

"libertação moral", tanto mais a pessoa se comporta num destes extremos de manipulação e instrumentalização do "outro", à medida que a alma é destruída e a pessoa se torna sociopática e criminosa. É algo como as máscaras teatrais, com duas fases, a máscara simpática da comédia e a máscara agravada da tragédia. Nunca se conhece realmente a pessoa por detrás da máscara. É claro que este percurso é sempre feito sobre areias movediças e é invariavelmente destrutivo, para o self e para aqueles em redor.

A Era da Destruição, shake down à escala global – os dancin'days da globalização. Hoje em dia, os mais variados ideólogos teosóficos e *new age* [sob os seus patronos na alta finança], afirmam que estamos na Era da Destruição, a era na qual Shiva dança globalmente para trazer desconstrução, caos, morte, a aniquilação de tudo aquilo que antes estava de pé. Tudo o que estava de pé tem de ser abanado, fazer a dança para a direita e para a esquerda, cair, morrer. Os dancin'days da globalização.

"A construção ascende das cinzas da destruição" – dialéctica totalitária.

Da dialéctica Hindu para a dialéctica germânica. A dialéctica hindu expressa apenas aquilo que todos os sistemas dialécticos expressam, de forma mais ou menos pronunciada. A conversão da cultura germânica para pensamento dialéctico assumido e formalizado é também a fase em que o pensamento hindu se torna popular. A influência Hindu passa para a filosofia alemã através de Johann Gottfried Herder, que traz o pensamento Hindu para a filosofia alemã na sua "Filosofia da História Humana" (Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit, Herder 1790–92), volume III, pp. 41-64. Depois, isto prossegue com Arthur Schopenhauer e o Orientalista Friedrich Maier, até aos escritos de Friedrich Nietzsche.

Simultaneidade destruição/criação é implícita a pensamento dialéctico, i.e. psicótico. A noção conceptual de destruição criativa é implícita a todos os sistemas dialécticos. É inevitável, quando se cria um sistema de pensamento alicerçado em oximoros e auto-contradições. A resolução das contradições internas (tese e antítese) implica sempre a destruição de qualquer elemento de partida, associada à ascensão de qualquer coisa nova, a síntese. É claro que a principal vítima do processo é a própria racionalidade, à medida que o pensador dialéctico se habitua a pensar de uma forma oximórica e auto-contraditória, i.e. psicótica.

"Ordem a partir de caos", "criação a partir de destruição" [Hegel, Marx, Nietzsche etc]. Estes tornam-se os motes da dialéctica germânica, desenvolvida por pessoas como Fichte, Hegel, Marx, Nietzsche e muitos outros. Para construir algo (uma síntese) é preciso destruir uma forma precedente (tese e antítese), no pensamento, numa pessoa, numa sociedade, numa economia. Tudo cresce a partir da morte de algo. Matar e morrer, destruir e ser destruído, criar e ser criado, explorar e ser explorado. Num qualquer processo evolutivo, em qualquer domínio que seja, todas as fases e todos os protagonistas são temporários, descartáveis, simultaneamente vitais e irrelevantes.

Nietzsche e Dionísio, que destrói aquilo que ama e ama aquilo que destrói. Nietzsche representa a destruição criativa da modernidade através da figura mítica de Dionísio, uma figura que vê como simultaneamente "destrutivamente criativa" e "criativamente destrutiva". Dionísio é, na prática, Shiva com uma toga greco-romana. Embriaga-se, destrói aquilo que ama, e ama aquilo que destrói. Ama-se a si mesmo enquanto se auto-destrói e auto-destrói-se enquanto se ama a si mesmo.

Bakunin: a paixão por destruição. Outras formulações desta ideia no século 19 incluem Mikhail Bakunin, que escreve em 1842 que, «*The passion for destruction is a creative passion, too!*». Esta é apenas uma formulação mais linear do todo do seu irracionalismo, intensamente destrutivo e totalitário.

Sombart,irracionalista marxista: "Criação a partir de destruição". Werner Sombart, sociólogo marxista alemão, no livro "Krieg und Kapitalismus" (Guerra e Capitalismo, 1913): «*Again, however, **from destruction a new spirit of creation arises**; the scarcity of wood and the needs of everyday life... forced the discovery or invention of substitutes for wood, forced the use of coal for heating, forced the invention of coke for the production of iron*»

A dialéctica é sempre totalitária.

Mentalidade dialéctica é, por definição, totalitária. A anti-filosofia dialéctica é por necessidade totalitária. Não tolera a existência de divergências ou de qualquer forma de diversidade ou de multiplicidade. Quando observa duas posições divergentes, encara-as como uma tese e uma antítese que precisam, por força, de ser diluídas entre si e conciliadas (unidas, em cílios, feixes), de forma a obter uma síntese, um ponto comum de acordo.

Inímica a liberalismo, democracia, diversidade, mas tenta sintetizar-se com conceitos. Portanto, a mentalidade dialéctica é por natureza inímica a qualquer forma de liberalismo, de democracia ou de diversidade social e/ou cultural. Como é integrativa e sintética, não declarará essa inimizade; pelo contrário, procurará cooptar e redefinir os conceitos, de forma a que se integrem no seu esquema integrativo de coisas. "Promoção da diversidade" passa a ser o processo pelo qual as putativas tese e antítese (ex. duas posições, duas formas culturais, duas etnias) são, antes de mais, antagonizadas, para corresponder ao esquema teórico; e são depois integradas e sintetizadas, por meio de um processo árduo e complicado. "Democracia" passa a ser o modo pelo qual isto é feito e, na sua forma final, passa a corresponder ao oposto exacto de democracia, i.e. consenso compulsivo. "Liberalismo" passa a ser o ethos que justifica tudo isto. Liberalismo real defende o direito à individualidade. "Liberalismo" dialéctico nega o direito à individualidade, e vem afirmar que o individuo encontra a sua liberdade na fusão compulsiva com o grupo, e que o grupo encontra a sua liberdade em fusão compulsiva com os restantes grupos. Ou seja, *nonsense* psicótico.

A vanguarda psicoticizada traz Comunismo, Fascismo, Socialismo, Tecnocracia. Um truísmo de acção com formuladores de nonsense psicótico e pretensioso é a tendência de se verem a si mesmos como uma forma de elite intelectual e social, uma forma de *vanguarda*, que tem o direito e o dever de corrigir "as contradições que pejam o resto da sociedade" (esta é uma mentalidade *control freak*) e guiar a humanidade para uma Síntese global perfeita, um apogeu de psicose universal. É esta a mentalidade que guia todas as ideologias políticas dialécticas, todas elas totalitárias: Comunismo, Fascismo, Socialismo, Tecnocracia.

Hiper-subjectivismo, desconstrução mental para sociedade totalitária [Heidegger].

Nazismo, uma ideologia dialéctica. O Nazismo é um dos produtos directos da mentalidade dialéctica germânica, encontrando as suas raízes no anti-pensamento de pessoas como Fichte, Hegel e Nietzsche, com o complemento de vários irracionalistas do século 20, como Alfred Rosenberg e Martin Heidegger.

Heidegger, filósofo essencial do III Reich e pai do existencialismo. Heidegger é um dos filósofos essenciais do regime Nazi, informante para a Gestapo, pai do existencialismo.

"Destruktion" universal, das ideias, ao indivíduo à civilização. Enquanto as SA espalham "destruktion" pelas ruas, Heidegger proclama "Destruktion" universal a partir da sua cátedra, na universidade de Freiburg. Para construir a Utopia nacional-socialista, é necessário destruir a economia e a civilização moderna, organizar um retorno geral à Idade Média. Isto implica um reino de terror civilizacional, mas o caminho para esse reino de terror deve ser preparado por um outro reino de terror, mental e filosófico. Esse reino de terror tem de acabar com o indivíduo independente e com a capacidade de pensar e conceptualizar; i.e., com o raciocínio abstracto. Usar raciocínio abstracto para destruir raciocínio abstracto, uma formulação puramente dialéctica.

Desconstrucionismo: desconstruir ideias e valores através de nonsense circular. Isto é aquilo a que se veio a chamar desconstrucionismo, o valor central do existencialismo Heideggeriano. Destruir ("Destruktion"), desconstruir ideias e valores, diz-nos Heidegger, é essencial. Para esse fim, a caneta é mais forte que a espada. É necessário usar ultra-relativismo, i.e., "a única verdade é que ninguém pode conhecer a verdade sobre nada", "a única afirmação certa é que ninguém pode afirmar que algo é certo ou errado". É claro que isto são absurdos auto-contraditórios. Alguém que afirma que nada é cognoscível está a fazer uma afirmação muito egocêntrica de cognoscência suprema sobre toda a realidade. Está, na prática, a afirmar que "Eu sei que nada pode ser sabido; aquilo que eu afirmo que sei é o tudo que pode ser sabido, ou afirmado".

Pessoa que adopta nonsense circular dialéctico entra em fluxo, torna-se acrítica. Quando este tipo auto-evidente de *nonsense* é genuína e honestamente adoptado pela pessoa média, o que surge é um estado de *irracionalismo* e de *fluxo*, no qual a pessoa "não sabe nada", "não pode saber nada", "todas as posições e opiniões são igualmente válidas e

igualmente inválidas". O sujeito está, portanto, aberto a todo o tipo de sugestões que circulem na sua realidade imediata. Isto é, abdica de *pensar criticamente* sobre a realidade. Pode até imaginar que esse não-pensamento crítico é, em si, pensamento crítico; esse é, aliás, um dos muitos jogos mentais da dialéctica. O sujeito pode até fantasiar que é bastante esperto e sofisticado; a masturbação intelectual que é característica a todo e qualquer irracionalista dialéctico.

<u>População acrítica, medíocre, aceita facilmente *verdade objectiva* do regime totalitário</u>. Uma população que funcione a este nível, irracional, medíocre, gelatinoso, nunca impedirá a ascensão de um regime totalitário. Pelo contrário, vai permitir, talvez até contribuir, para a ascensão do regime totalitário, que surge para trazer a voz da razão, a segurança de uma paternalidade colectiva, confiante e segura. Quando nenhum indivíduo pode saber nada sobre nada, afirma Heidegger, toda a verdade é provisória, contextual e subjectivamente definida. O desafio passa a ser o de obter a melhor forma de organização colectiva que permite obter verdade subjectiva que seja passível de normativização, objectificação social. A resposta Heideggeriana para isso é, claro, o estado totalitário, o Nazi Staat. O estado total passa a ser a fonte de *verdade objectiva* (Heidegger diz isto) e toma nos seus braços a função de transpor essa objectividade suprema para o domínio da subjectividade individual. Isto é, todos os sujeitos relativizados têm agora de ser normalizados, programados com a mesma essência, o mesmo conjunto de "verdades", definido pelo estado. Essas verdades são simples, lineares, concretas, propagandísticas. Nada de complexo ou sofisticado. A leva a B. Z é D. Ponto. Não há mais debate sobre o assunto. Nada de pensar, ou reflectir; pensamento abstracto é indesejado. Eventualmente, é *antisocial*, uma vez que desafia a ordem social, proverbialmente *mentecapta*, que é instituída. Torna-se fácil impor totalitarismo a uma população habituada a pensamento relativista, dialéctico. A pessoa que funciona dessa forma está pré-preparada para totalitarismo. Vê o mundo do ponto de vista da integração de diferenças, da fusão de opostos num todo coeso e sintético. É isso que o totalitarismo oferece. Isso é ainda mais fácil se isso for feito com uma quota-parte de excitação, sex appeal, música estimulante; todas estas coisas têm o potencial de determinar as acções da mente acrítica, que, por ser acrítica, é mais determinada por valores impulsivos que por valores racionais e morais.

<u>Unfreezing, changing, refreezing</u>. É um processo simples: descongelar o velho conjunto de crenças e valores através da adopção de um estado de fluxo (despersonalização, aka lavagem cerebral) e depois recongelar o sujeito num novo sistema de crenças e valores. A isto chama-se "unfreezing, changing, refreezing", o processo central na psicologia social do pós-II Guerra [mais um efeito dialéctico: o irracionalismo totalitário só ganha expressão real nos países democráticos após a queda do sistema totalitário fascista]. Se o processo for mesmo sofisticado, o que acontece é que o sujeito adopta todas as crenças "correctas" (adere a todas as verdades objectivas que o estado total lhe pretende impor), mas mantém a quantidade de subjectivismo suficiente que lhe permite ultra-relativizar toda e qualquer crença ou valor que sejam independentes (i.e., não-autoritativos, não estatais). Eventualmente, acusará o pensador independente de

autoritarismo; outra consequência do *mindjob* dialéctico. Esta atribuição do rótulo de autoritarismo a todas as formas de pensamento não-dialéctico é, aliás, formalizada pela Escola de Frankfurt, um grupo muito pouco recomendável de provocadores autoritários e irracionalistas.

O homem dissociativo, lost in translation; "rigor mortis is now de rigueur".

A dinâmica da globalização – fluxo permanente, ambiguidade, reciclagem [Castells].

Destruição criativa do protagonista, no aqui e no agora. Manuel Castells diz-nos que globalização implica informacionalismo, o domínio do fluxo quase instantâneo de informação, por meio de redes informacionais ubíquas e pervasivas. Esta dinâmica sistémica dá origem a um "space of flows", no qual tudo está em fluxo, em transição permanente. Tudo muda, tudo é alterado. Tudo é instrumental, contextual, temporário, reciclado. A única fonte de constância é a destruição criativa do aqui, do agora, e do protagonista que experiencia o aqui e o agora. Tudo é ambíguo.

Comunicação, entre a ausência e a ilusão. Existe mais comunicação que nunca antes, mas a comunicação real torna-se cada vez mais ausente. Existe demasiado fluxo e demasiada aceleração para que as pessoas em si sejam reais e, para que mantenham relações reais entre si. Tudo é comunicação. Quando tudo é comunicação, existem inúmeros objectos de percepção e estimulação – mas são eles próprios ilusórios, um grande espectáculo de sombras na Caverna de Platão global. Informacionalismo implica que tudo, da célula, ao indivíduo, ao macrocosmo de indivíduos, é submetido a gestão de percepções ao longo do processo comunicacional. O que é real, na percepção do objecto comunicado e mediatizado? Como Castells coloca a questão, «*The "spirit of informationalism" is the culture of "creative destruction" accelerated to the speed of the optoelectronic circuits that process its signals. Schumpeter meets Weber in the cyberspace of the network enterprise*».

A megacidade global, um espaço dissociativo e vazio – Babel. Um dos subprodutos físicos disto é a megacidade, a megalopolis (NY, São Paulo, Lagos, Pequim, as Zonas de Integração Global da Agenda 21, etc). A megacidade é um espaço dialéctico e dissociativo. É globalmente conectada, preenchida, empacotada, inclusiva de tudo o que pode ser encontrado no mundo. Mas também é localmente desconectada, alienadora, um espaço vazio de substância que espera para entrar; pensamentos ou sentimentos reais. Um entidade sintética, tão cínica como o mundo onde se integra ou os componentes pós-humanos que a constituem. Babel.

Em Babel, indivíduo também é dissociativo, artificial, reciclado, descartável. Babel implica que o ser humano em si abdique de o ser, para passar a ser um nódulo funcional numa grande rede social organizada. Um objecto humano que opera e se adapta a um ambiente sócio-económico dissociativo. Sendo dissociativo, esse ambiente exige adaptação individual no mesmo sentido dialéctico, por meio de alternâncias contínuas

de registo personalístico e comportamental. O ser humano tem de tornar-se dissociativo, psicoticizado. Uma colecção pragmática de traços ambíguos, variáveis, recicláveis. A descartabilidade da vida subjectiva torna-se um critério de sociabilidade e de empregabilidade, essencial para cumprir uma função, desempenhar papéis artificiais, vender percepções sociais.

"Rigor mortis is now de rigueur" [McLuhan].

O nódulo humano na rede social ubíqua, a morgue da alma. Marshall McLuhan caracteriza esta condição como sendo o estado do nódulo humano na rede auto-organizada. Dele, é esperado que não seja mais que um electrão livre que, após girar em elípticas previsíveis à volta de um núcleo de papéis e percepções, salta para o próximo núcleo de papéis e percepções. É esperado que seja despojado de alma, instrumentalizado, reciclado, voluntariamente objectificado; que se mova por mero tropismo de circunstância, entre diferentes contextos, papéis e lugares. Como McLuhan diria, "*rigor mortis is now de rigueur*". *Ter* uma personalidade é algo que se coloca no caminho de *vender* uma personalidade. Babel é a morgue da alma humana.

Rigor mortis exige destruir o self – daí, facilitação, psicotrópicos, meditação, etc. *Rigor mortis* não é um estado humano. O ser humano interno – *a alma* – não aceita, ou se adapta, à sua desconstrução contínua. É aqui que surge facilitação social, inputs culturais, sistemas sintéticos de pensamento, hoje em dia conhecidos como *software* cognitivo. O homem *hardware*, a caminho da fusão pós-humana com a máquina. É também aqui que surgem as drogas psicotrópicas. Destruir o *self*, uma dose de cada vez. "*Don't worry, be happy*". Essa é uma canção para um público em mudança permanente. Entretenimento, muito entretenimento – sedação. Meditação – praticar *rigor mortis* deixa de ser meramente *de rigueur*, para ser tornado *groovy*.

Actor funcional e sensation seeker, em implosão e em explosão [Brzezinski e Quigley]. A pressão da sociedade pós-moderna é desenhada para elicitar um movimento dialéctico de implosão e de explosão, como Zbigniew Brzezinski menciona, ainda nos anos 70. Neste movimento, o ser humano interno é implodido: desacreditado, desintegrado, particionado. Essa implosão é acompanhada de uma explosão para o social, na forma de dependência extrema, *acting out* e, claro, maleabilização perante o mundo exterior. Em "Tragedy and Hope" (1966), Carroll Quigley falava do modo como o "*organization man*" estava a tornar-se num actor desindividuado, o protagonista colateralizado de uma grande peça de teatro social. Autómato funcional por um lado, *sensation seeker* pelo outro – no *maelström* da vida externa, a vida interna era suprimida, até desaparecer. O indivíduo já não estabelecia uma relação com uma obra de arte; o social estabelecia uma relação com o indivíduo e, é nessa relação que surgia uma apreciação colectivamente autorizada da obra de arte.

O indivíduo deixa de o ser – já não tem um self coerente e integrado.

Torna-se mero *actor* social, um caleidoscópio em fluxo com o ambiente.

Tudo isto acelera a destruição de indivíduos e de sociedades. Brzezinski aponta que o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por um *self* integrado e consistente. Pelo contrário, o indivíduo na sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, um objecto maleável, flexibilizado, ajustado, distorcido. Alienado da sua própria vida interna, vive de acordo com as ficções transitórias que lhe são impostas pela realidade externa. Um caleidoscópio em transições contínuas num ambiente caprichoso em mudança permanente. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski. E, aqui, Brzezinski estava a ser conservador. Os problemas sociais e mentais surgem a partir do momento exacto em que o indivíduo deixa de ser um indivíduo, para passar a ser um mero actor social. Tudo o resto é a *fallout* óbvia desse problema original.

Um particular de Marx: "destruição criativa" sob capitalismo.

Marx troca sempre mercantilismo por capitalismo de mercado livre – opostos exactos. Marx usa o mercantilismo britânico, feudalismo de cartel/monopólio, como fonte de referência para o que é "capitalismo", e continua a ser levado a sério. O sistema mercantil é alicerçado em monopólios transnacionais e em devolução social para obter redução contínua dos custos de produção. Aposta em subprodução, escassez artificial, totalitarismo económico, desigualdade perpétua, trabalho escravo. É o exacto oposto de capitalismo de mercado livre, alicerçado no estado-nação clássico, visando desenvolvimento económico descentralizado (por meio de pequenas e médias empresas) e a generalização da classe média. Marx ignora as diferenças e ataca o mesmo sistema que acaba por propor para as suas próprias formulações (funcionamento dialéctico), mercantilismo. Os seus motes são os que se seguem.

"*Capitalismo tem de destruir, aniquilar e reciclar continuamente forças produtivas*". Isto é verdade se formos o Barclays Bank, a Companhia Britânica das Índias – ou uma multinacional inspirada nos seus métodos. Se assumirmos que crise constante, convulsão permanente, e destruição de mercados são coisas boas – ambientes económicos voláteis só são bons para forças económicas que podem lucrar com essa volatilidade a partir de lucros especulativos ou a partir do *pool* de trabalho escravo e de recursos baratos que surgem sob emiseração geral. Porém, esse processo em si impõe consolidação e feudalismo, dessa forma destruíndo toda e qualquer possibilidade de competição livre e igualdade de oportunidades num qualquer mercado delimitado. Ou seja, mercantilismo é inímico a capitalismo de mercado livre, apesar de Marx procurar equacionar ambas as coisas.

"*Capitalismo destrói capital periodicamente, para resolver contradições internas*". [*Capitalismo tem de executar a destruição violenta e periódica de capital, e isso é essencial para a resolução das suas contradições internas*] Aqui estamos no mesmo domínio do ponto anterior, mas podemos extendê-lo aos jogos de "boom and bust" sob

capitalismo financeiro (i.e. uma forma financializada de mercantilismo): a) gerar bolhas financeiras artificiais e submeter a economia como um todo à influência dessas bolhas; b) depois, estourá-las por meio de *shorting* ou outros processos; c) consequentemente reduzir a economia a recessão/depressão; d) adquirir os restos a preço de saldos e assumir controlo de estilo feudalista. Aquilo a que Marx chama contradições internas é, tão somente, o facto de, num mercado capitalista, existir diversidade. No seio dessa diversidade, existem forças destrutivas de mercado que pretendem obter hegemonia através da destruição de toda a competição, i.e. de toda e qualquer forma de capitalismo per se. Estes sistemas de *boom and bust* permitem-lhes fazer isso de uma forma gradual. Mesmo quando não exista volição deliberada nesse sentido, cada ciclo de *boom and bust* degrada e erode um pouco mais a liberdade do mercado livre. Eventualmente, o que antes era um mercado livre deixa de o ser, para passar a ser um mercado mercantil, onde toda a vida sócio-económica passa a ser definida por sistemas de concessão e consolidação. Portanto, as "contradições internas" são "resolvidas" por meio da ascensão hegemónica de consórcios, dotados de poder feudal sobre o resto da economia. Quando toda a economia é consolidada sob estas entidades, e o que resta é um grande sistema organizado monopolista, aí sim, pode haver o último passo da evolução dialéctica marxiana: o monopólio governante impõe socialismo.

"*Capitalismo tudo destrói, desmantela, descarta, recicla*". [*Sob capitalismo, tudo existe para ser destruído, desmantelado, reciclado – tudo é descartável*]. Uma vez mais, Marx está a falar de feudalismo colonial, mercantilismo, e chama-lhe capitalismo. É aliás de notar que o sistema marxista, igualmente mercantilista, conduzirá as suas operações à luz deste tipo de *ethos*. "Construção ascende das cinzas da destruição" é um notório slogan comunista.

Nonsense marxista adoptado por ideólogos mercantilistas. O *nonsense* de Marx é depois adoptado pelos ideólogos do mercantilismo institucional, pessoas como Shumpeter, que procuram equacionar o seu paradigma a capitalismo de mercado livre e colocam o valor da "destruição criativa" no centro de "capitalismo".

Destruição criativa é a essência de globalismo, desenvolvimento sustentável.

Destruição criativa da produção económica e da civilização. A produção física (indústria, agricultura, e tudo o resto) é liquidada, desmantelada, destruída. Os slogans que surgem em tudo isto são "deslocalização", "outsourcing", "privatização", "obter mais de menos", "consolidação de mercados". As ferramentas são OMC, GATT, FMI, Banco Mundial, entre outros. As fábricas são deslocalizadas para colónias de escravos, e tudo isso é feito por meio de tratados (FTAs como o GATT), com o capital dos contribuintes, que pagam para perder os empregos e o nível de vida. Em tudo isso, é necessário consolidar controlo de mercado em grupos selectos (consórcios e cartéis), destruir qualquer forma de competição e eliminar progressivamente as classes médias. Os países que albergam as colónias de escravos não progridem, nem se desenvolvem.

Apenas os grandes consórcios multinacionais se desenvolvem, para assumirem o carácter de novas potências imperiais/mercantis à escala global.

Subdesenvolvimento, derivativos e comunitarismo. Hoje como nos velhos tempos do mercantilismo europeu: grandes companhias mercantis e enormes populações de escravos subjugados em comunas. A fábrica é desmantelada e substituída por um casino de derivativos rodeado de comunas emiseradas e fortemente policiadas, e isso é considerado uma melhoria, desde que os denizens tenham os seus pequenos iPods e iPads para se divertirem com os "feelies" de que Aldous Huxley falava.

"Desenvolvimento sustentável" – produzir destruição. Produzir desprodução é a nova indústria global; desenvolvimento sustentável. Como também é chamado, "desconstrução na construção" (i.e. destruição) ou "Contracção e Convergência" (i.e. contrair e reduzir tudo a um mínimo denominador comum e depois gerir esse estado sob autoritarismo). A crise actual surge precisamente com base em desenvolvimento sustentável – existe demasiada sustentabilidade.

Michael Ledeen – A nova América Trotskyista, uma força de destruição.

Ledeen, neo-Trotskyista, neo-conservador, discípulo de Leo Strauss.

A nova América [Trotskyista], o império da destruição criativa.

"Destruição criativa, a nossa essência, dentro e fora".

"Destruímos velha ordem em todos os campos – não queremos estabilidade no mundo".

"Queremos desestabilizar, para assegurar a concretização da revolução democrática".

«*Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law… We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution*» Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (NewYork: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

“DOUTRINAÇÃO SUSTENTÁVEL”.

“Educação sustentável” (1) – UNESCO, difusão de propaganda ambiental.

Programa educacional global, através da UNESCO.

→ Agências – Fundações, ONGs – Media, escolas – Mente da criança. Agências governamentais (internacionais e nacionais), indústria e ONGs acreditadas; estão todos a bordo nesta demanda conjunta por uma mudança de mentalidade global. Estas instituições trabalham em conjunto com inúmeros institutos, cadeias mediáticas, e associações educativas, pelo planeta fora. O que assegura que estas mensagens chegam às notícias, desenhos animados e, sobretudo, ao sistema educativo, onde uma nova geração é doutrinada com o que é, essencialmente, lixo.

“Educação sustentável” (2) – Crianças como público-alvo.

Oughtiness, “a melhor geração” – usar crianças ingénuas. A “melhor geração” pode ajudar a salvar o mundo. Esta é a melhor geração, a geração na crista da onda, a geração que pode ajudar a salvar o mundo, Gaia, a mãe-Terra. Eu envolvo-me porque me oferecem a visão de um mundo melhor que eu posso ajudar a construir.

Crianças – alvos de propaganda vulgar. O alvo são, especialmente, as crianças do mundo, submetidas a slogans simples e vulgares, e a torrentes contínuas de propaganda.

Ausência de integridade e decência. Neste processo, não existe qualquer integridade ou sentido de decência. Usar a ingenuidade e as boas intenções de crianças pequenas é uma coisa bastante feia, mas é isso que é feito.

“Educação sustentável” (3) – Conteúdos.

Os slogans são... Simplicidade. Sustentabilidade. Mudança radical. Solidariedade com o planeta. Unidade global – todos juntos, para salvar a mãe-Terra. Sacrifício. As mesmas leis para todo o planeta. Redistribuição de riqueza.

Manuais escolares “ecológicos” – Material educacional para mudança global. Inúmeras páginas repletas de pseudociência e distorção de factos.

Cenários de catástrofe, explicados em linhas pseudo-científicas. A não ser que conheçam os factos, as crianças e os seus professores vão ter pouca resistência às imagens desoladoras de árvores a morrer, crianças a morrer de fome, mulheres abusadas e um planeta sobrepopulado, a afogar-se em poluição e oceanos transbordantes.

“Inspirar visões” – Do que “é” e do que “poderia ser”. Estas coisas servem para “inspirar visões”, “visionamento”, como é chamado, e transmitir a ideia de crise, por forma a evocar sentimentos fortes, mudar valores, e motivar as crianças à acção social pretendida. O que “é”, é horrível, uma crise, e é provocado por todas estas pessoas com ideias obsoletas e perversas. O que poderia ser é um paraíso à face da Terra, utopia, com campos verdes, água azul e animais sorridentes. Teremos tudo isso se seguirmos este plano de acção.

Ou seja, manipulação emocional.

Depois de vender a crise, apresentar os culpados, o “inimigo do povo”.

“As gerações mais velhas destruíram o planeta”. Gerar indignação e raiva contra as gerações mais velhas, que recebem as culpas de destruir o planeta. Isto é importante, porque a criança tem de fazer uma transição completa de fidelidades, dos pais e de valores tradicionais, para as autoridades e para os novos valores.

Capitalismo, valores tradicionais, liberdade individual, “egoísmo”.

Indivíduos ambientalmente perversos. Pessoas que gastam demasiada água, que deixam as luzes acesas, que conduzem automóveis.

Estes são, aliás, os mesmos conteúdos que já têm nos desenhos animados.

Escola torna-se campo de treino ideológico para “salvadores da Terra”. Como na ex-URSS e na Alemanha Nazi, a escola torna-se um campo de treino para um exército de salvadores indignados e petulantes, preparados para usar os seus sentimentos – e não factos – contra tudo o que se oponha ao seu novo, estreito e artificial idealismo.

“Educação sustentável” (4) – O processo de grupo na sala de aula.

PROCESSO. Discussões facilitadas de grupo na sala de aula.

PROCESSO. Oughtiness – Ego infantil é alimentado. “Vocês são a geração do futuro; são a geração esclarecida; sabem mais do que os vossos pais”.

PROCESSO. Atingir a verdade em equipa. “Podem chegar à verdade em grupo e tomar decisões sobre soluções”.

PROCESSO. Discutir os motivos da crise ambiental, o “inimigo do povo”. Vão repetir as coisas que vêm nos manuais e nos desenhos animados.

PROCESSO. Guiar a discussão para as soluções certas. E quais são as soluções? Trabalhar em equipa, todos juntos com o governo, com a União Europeia, com a ONU, para salvar o ambiente. Mais impostos. Menos consumo, simplicidade. Mais controlos, mais restrições.

OBJECTIVOS. Reforçar e consolidar ideias expostas. Crianças não têm pensamente independente, e ainda são bastante ingénuas em relação ao mundo. Ou seja, tudo o que vai acontecer em debate, é que as ideias vão ser reforçadas pela situação de grupo. A crença vai ser reforçada, recebendo o peso, o ónus-extra de ser uma crença de grupo. Uma descoberta de grupo, uma iniciativa conjunta, onde todos se sentem bem.

OBJECTIVOS. Identificar resistentes. Possíveis resistentes são identificados e são pressionados até ao momento em que tenham a crença certa e autorizada. O grupo vai pressioná-los. Ao mesmo tempo, vai haver o ímpeto de participar e pertencer ao grupo, e compartilhar dos bons momentos, do Eros partilhado da pertença e aceitação no grupo.

"Educação sustentável" (5) – O processo da Revolução Cultural chinesa.

Este é o processo da **Revolução Cultural** chinesa.

Os mesmos slogans. A culpa é do capitalismo, de ideias burguesas (como liberdade individual), da tradição (no caso era Confucianismo), de individualismo = egoísmo.

As mesmas "soluções". Fazer a limpeza da sociedade. Mudar radicalmente de hábitos, para uma vida mais saudável, plena, comunitária. Fazer tudo em equipa, trabalho colectivo.

Os resultados: brigadas vermelhas, genocídio físico e cultural. Na altura o Partido Comunista pôde pegar nesta nova geração e colocá-la em brigadas vermelhas. No terreno, a Revolução Cultural foi guiada por uma geração de adolescentes arrogantes, fanatizados, obedientes ao grupo, e lavados cerebralmente, com a ideia de que estavam a salvar o mundo. A revolução cultural matou milhões de pessoas. Filhos assassinaram os próprios pais.

E foi tudo feito sob o olhar benevolente do Grande Pai, Mao.

Brigadas verdes – Para a "Grande Revolução Sustentável". Ou seja, fanatismo anti-desenvolvimento, controlos comunitários sobre os estilos de vida, e policiamento verde a larga escala. E esse é mais um tópico dominante em todos os media que se especializam em desenvolvimento sustentável para crianças.

"Educação sustentável" (6) – Episódio – Lavagem cerebral com teologia verde.
Hoje em dia, quando o João vai às aulas, aprende que a geração dos pais e dos avós magoou os animais e provocou febre à mãe-Terra. Durante a aula, pode ir ao telemóvel e usar um aplicativo que lhe permite calcular a sua própria pegada de carbono no planeta. Ao almoço, é possível que abdique do menu de carne em troca de um bife de soja, que está repleto de mimetizadores de estrogénios, que têm um efeito esterilizante nos homens. Quando chega a casa, pode ir ver os desenhos animados, passados numa

cidade medieval limpa, mágica e cheia de encanto, onde os heróis lutam contra vilões que estão interessados em lucros, e pretendem fazer mal ao texugo mágico. Depois, vai ao computador, onde é possível que jogue um simulador de governância global, onde tem de reduzir populações para preservar recursos, usando tácticas como depressões económicas, guerras, ou vacinas envenenadas – estes jogos existem, e são largamente difundidos. Quando a mãe chega a casa do trabalho e vai tomar um banho, o João queixa-se do uso excessivo de água. Volta a resmunger mais tarde, quando vê a mãe deitar uma embalagem de plástico para o lixo comum. A embalagem tem de ir para o saco de reciclagem de plásticos, diz o João. Foi isso que a professora ensinou na escola. Depois, vê um vídeo de Al Gore... e chega à conclusão que devia haver autoridades para controlar, e disciplinar, pessoas tão ignorantes como a sua própria mãe, que está a demorar um banho tão demorado...

“Socialismo científico”.

“Socialismo científico” – Socialismo tenta tornar-se “ciência” e “progresso”.

Termos como “ciência” e “progresso” eram populares e atractivos. Termos como “ciência” e “progresso” tinham-se tornado um símbolo popular entre a população literata do tempo, e era uma expressão chave óbvia para tornar as ideias socialistas atractivas.

Saint-Simon chama ao seu sistema “a ciência da gravitação universal”.

Fourier chama ao seu “a ciência certa”.

Proudhon chama ao seu “socialismo científico”.

Captura do termo “progressista” foi golpe de génio propagandístico. A captura do termo “progressista” foi um golpe de génio de propaganda.

Desde Saint-Simon, mera demagogia baseada em jogos semânticos. Desde Saint-Simon que os socialistas se apresentam como portadores de ideias que são novas, futuristas, progressistas. Deste modo, conseguiram colocar toda a oposição em posição defensiva, uma vez que ninguém quer ser categorizado como não-progressista. E é tudo feito através de jogos semânticos.

Efeitos pavlovianos – “Socialismo” provoca salivação. Por exemplo, Jean Coutrot expressou, em termos distintamente pavlovianos, que «*Quandvous brandissez devant des Français ou des Occidentaux une étiquette politique que ce soit socialisme, radicalisme ou autre, le Français en question salive, il a une violente réaction sentimentale*» Cit. in Jackie Clarke, ‘‘Engineering a New Order in the 1930s: The Case of Jean Coutrot,’’ French Historical Studies 24 (2001)

“Socialismo científico” – “One size fits all”, para todos os problemas do mundo.

Socialismo, a resposta inevitável para todos os problemas do mundo. Depois, com truques semânticos, “provam” em todos estes temas que o socialismo é, foi, e será sempre a resposta inevitável a todos os problemas do mundo. O mundo académico foi de tal modo corrompido que foi possível impor este dogma a três gerações de professores e alunos.

→ Encontrar motivos de agravo – vender socialismo como solução universal. A táctica antiga do socialismo é a de encontrar os motivos de agravo, e apresentar socialismo como solução para todos eles.

→ Até o clima pode ser salvo por socialismo. Hoje em dia, o socialismo pode corrigir e alterar o clima, por exemplo.

→ One size fits all.

“Socialismo científico” – O indivíduo não tem relevância – só o grupo conta.

Colectivismo, em vez de individualismo. O grito selvagem e ominoso aqui é o de que os problemas da humanidade não são resolvidos por dar-se poder e responsabilidade ao indivíduo ou à família individual, mas sim mudando a sociedade no seu todo, criando uma nova ordem económica socializada.

O indivíduo não tem poder – só o grupo. Parte disto, é persuadir os indivíduos que não contam. São apenas membros de alguma classe ou grupo económico. Como indivíduos, não têm qualquer poder para fazer algo em relação a isso. Não têm personalidade e são apenas uma multidão sem cara, as massas. São produtos da sociedade, e apenas as todas-poderosas autoridades podem resolver os seus problemas.

→ Culpa colectiva, responsabilidade colectiva.

→ Só grupos são dignos de consideração, não indivíduos.

“Socialismo científico” – Conclusões primeiro, racionalizações depois.

Método habitual: conclusões primeiro, razões produzidas depois. Este tem sido o método habitual durante a história do movimento socialista. As conclusões vêm primeiro, e as razões para as conclusões são manufacturadas/produzidas depois.

Pseudo-ciência preconceituosa mata milhões. Em nome deste tipo de “ciência” e “progresso”, nações inteiras foram lançadas na mais completa ruína, e dezenas de milhões de pessoas pereceram miseravelmente.

“Socialismo científico” – Karl Marx.

Marx usa o pretensioso título de “socialismo científico” para agregar as suas teorias. Todas as teorias marxianas são reunidas sob o título atractivo e pretensioso de “socialismo científico”.

→ Marx apropria “socialismo científico” de Proudhon. Marx estudou o socialismo de Saint-Simon e de Fourier e colaborou brevemente com Proudhon. Foi aí que apropriou o termo de Proudhon, de “socialismo científico”.

O método irracionalista de Marx.

→ ***Ausência de método científico ou validação***. Marx não chegou ao seu suposto "socialismo científico" por qualquer tipo de investigação ou teste.

→ ***Método dialéctico – oposto exacto de método científico***. "Socialismo científico", no seu próprio desenvolvimento, seguiu um caminho que é o oposto exacto dos métodos da ciência. É claro que, para legitimar isto, é usado o método dialéctico, que é a própria negação de lógica e ciência.

→ ***Limita-se a encontrar racionalizações para o seu sistema de crenças***. Marx abraça o socialismo como adolescente, como crença emocional, e passa depois o resto da vida a construir justificações teóricas para o seu sistema de crenças; ou seja, o reverso dos métodos científicos que Marx e os seus fiéis dizem professar.

→ ***Só utiliza ramos científicos ideologizáveis, ataca e ignora os restantes***. Marx só tocou naqueles ramos do conhecimento que podiam ser usados como armas para a promoção do socialismo. Ou seja, apenas aquelas ciências que podiam ser adulteradas o suficiente para se adaptarem ao seu programa, e que poderiam fazer o socialismo parecer inevitável e desejável. Factos científicos que contradiziam a tese de Marx eram simplesmente ignorados ou atacados.

Marx, propagandista, veste a sua ideologia com roupagem retórica científica. Marx nunca esteve interessado em "ciência" por amor a conhecimento ou verdade, e não era nem um "cientista" nem "científico". Porém, era um improvisador-mestre de teoria propagandística, e portanto teve o talento de pegar em aspectos da linguagem científica que se estavam a tornar populares e vestiu o seu movimento socialista nelas.

"Socialismo científico" – Manuais de referência em "ciências sociais" socialistas.

"Dynamic Sociology". O movimento socialista Fabiano adoptou como seu texto de orientação o livro "Dynamic Sociology", de Lester F. Ward.

"Social Control".

"Encyclopedia of Social Sciences".

Manuais de Franklin Giddings. Após este livro, os manuais sociológicos mais influentes foram da autoria de Franklin H. Giddings, que tinha sido um líder nacional do movimento socialista durante anos.

SCHWARZSCHILD – Socialismo e a obsessão com o ser-se "científico".

«*Ah, science! Science had always been a favorite with all the socialists. To her they had attributed limitless power. They had all thought of their various philosophies as science. They had all of them believed it possible to find, by the methods of science and philosophy--by the right methods, naturally--the road to salvation which humanity must*

travel. Saint-Simon had called his system 'the science of universal gravitation'; Fourier had called his 'the certain science.' 'It is the task of the human race to build the temple of science,' said Proudhon, and he had found a name for his doctrine which soon aroused envy: 'scientific socialism.'» Schwarzschild, *The Real Prussian,* (translated by Margaret Wing), Charles Scribner's Sons, N.Y., pp. 83-84.

LIPPMANN – Sobre "progressismo" socialista, i.e. reacção totalitária.

Walter Lippman, ex-socialista fabiano. Walter Lippmann, um velho socialista Fabiano, fez uma boa descrição do modo autoritário e oligárquico de funcionamento desta intelligentsia socialista.

"Communists, socialists, fascists, nationalists, progressives".

"Lays claim to being enlightened, humane, progressive".

"Premises of authoritarian collectivism have become the unquestioned axioms".

"Unanimous in that government must use coercion to direct civilization".

"Always the cry is for more officials with more power over activities of men".

«*Throughout the world, in the name of progress, men who call themselves communists, socialists, fascists, nationalists, progressives, and even liberals, are unanimous in holding that government with its instruments of coercion must, by commanding the people how they shall live, direct the course of civilization and fix the shape of things to come. They believe in what Mr. Stuart Chase accurately describes as 'the overhead planning and control of economic activity.' This is the dogma which all the prevailing dogmas presuppose. This is the mold in which are cast the thought and action of the epoch. No other approach to the regulation of human affairs is seriously considered, or is even conceived as possible. The recently enfranchised masses and the leaders of thought who supply their ideas are almost completely under the spell of this dogma. Only a handful here and there, groups without influence, isolated and disregarded thinkers, continue to challenge it. For the premises of authoritarian collectivism have become the working beliefs, the self-evident assumptions, the unquestioned axioms, not only of all the revolutionary regimes, but of nearly every effort which lays claim to being enlightened, humane, and progressive. For virtually all that now passes for progressivism in countries like England and the United States calls for the increasing ascendancy of the state: always the cry is for more officials with more power over more and more of the activities of men*» Walter Lippmann. The Good Society (New York, 1937).